JOÃO RIBEIRO

O ELEMENTO NEGRO

1936

FANTAPPIÉ

RECORD

O ELEMENTO NEGRO

CV. 02

VIII — **Bibliotheca Historica**

O ELEMENTO NEGRO

Verificação da tiragem

Em papel buffon foram tirados 1.500 exemplares devidamente numerados.

-50-

JOÃO RIBEIRO
DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS
E DA ACADEMIA DE CIENCIAS DE LISBOA

O ELEMENTO NEGRO

HISTORIA — FOLKLORE — LINGUISTICA

Introducção e notas do Prof. Joaquim Ribeiro e illustrações de Augusto Rodrigues

RECORD
—
RIO

01.02

nina rodrigues

INTRODUÇÃO

Num momento em que os estudos negro-africanos principiam, entre nós, a tomar incremento, achei que devia reunir em volume as contribuições esparsas que o professor João Ribeiro publicou e justamente por se acharem dispersas em revistas e livros de vario assunto são, hoje raras, sendo até mesmo desconhecidas de alguns pesquizadores recentes.

Ao mesmo tempo que o filólogo Macedo Soares ventilava o assunto pela Revista Brasileira, *João Ribeiro esboçava a orientação de um estudo da influencia negra na linguagem popular do Brasil.*

E', aliás, Nina Rodrigues, indiscutivelmente a maior autoridade que tivemos em assuntos africanos, quem salienta essa primasia de João Ribeiro:

"Pois bem, ainda assim, do que erradamente se supõe ser a verdade, escreveu o Sr. João Ribeiro: "A bibliografia do assunto é pouco abundante, se excetuarmos no Brasil raros trabalhos do eminente filólogo Macedo Soares". Ao que é justo acrescentar: e os bons trabalhos, infelizmente tambem reduzidos, do proprio João Ribeiro". (1)

E logo adiante, falando da influencia negra na linguagem do Brasil, declara:

---

(1) — AFRICANOS NO BRASIL, ed. 1932, pag. 191.

"Falecia-me autoridade para dize-lo, mas esta sobeja ao filologo João Ribeiro". (2)

O proprio Nina Rodrigues consultou João Ribeiro sobre o assunto, no qual ele foi um dos maiores especialistas americanos e não esconde essa fonte, tanto que declara:

"Sente-se isto em todos os que, com verdadeira autoridade, têm escrito a respeito, seja Macedo Soares, seja João Ribeiro. Este ultimo ainda recentemente, em resposta gentilmente a consultas que sobre o assunto lhe fiz, *ratificava nestes termos o que havia escrito na sua* HISTORIA DO BRASIL: *"Penso que todos ou quasi todos os negros do Brasil são do grupo Bantú". Apenas fazia a concessão: "Não ha a menor duvida que quando começou o trafico (para Portugal e Espanha) os primeiros negros deviam ser do grupo do centro, proximidades de Cabo Verde". (3)*

A João Ribeiro deve Nina Rodrigues a classificação de Meyer e o mapa da atual distribuição de linguas faladas no continente negro, *como se vê:*

Meyer distribue as linguas da Africa em:

I — arabe
II — camita ao norte
III — linguas do centro, não classificadas
IV — o grupo bantú
V — o grupo hotentote.

"Devo ao Sr. João Ribeiro o conhecimento desta nota como do mapa da atual distribuição dos grupos de linguas faladas no continente negro". (4)

---

(2) — Ibidem.
(3) — *Obra cit.*, pag. 190.
(4) — *Obra cit.*, pag. 193. Nesta obra de Nina Rodrigues não vem publicado o Mapa, a que ele se refere. Onde parará essa contribuição de João Ribeiro?

E' possivel que no arquivo de Nina Rodrigues se encontre a carta, que o prof. João Ribeiro enviou ao grande africanólogo em resposta ás suas consultas.

E' inegavel, pois, que cabe a João Ribeiro a posição de verdadeiro precursor, principalmente no dominio da linguistica afro-americana.

Impunha-se a feitura desta coletanea justamente para uma reivindicação razoavel.

Preferi coligir os estudos na ordem dos assuntos e não na ordem cronológica. Pareceu-me ser este o método melhor de coordenação. Assim é que dividi esta coletanea em tres partes:

I — A influencia do elemento negro na historia.
II — A influencia do elemento negro no folklore.
III — A influencia do elemento negro na lingua.

Claro está que devia anotar, sempre que me pareceu razoavel, os textos coligidos; são apenas notas elucidativas, sem outra pretensão que ha de esclarecer a verdade.

Certo estou de que não faço mal alinhavo, reunindo estas paginas que, agora, aparecem em justa e harmonica unidade. Confesso que me animeia a coligir as contribuições do venerando professor do Colegio Pedro II não só por ser util aos estudiosos como ainda para homenagear ao precursor destes estudos no Brasil.

E possa dizer que faço antes um ato de discipulo que ato de amôr filial.

JOAQUIM RIBEIRO.

I PARTE

A influencia do elemento negro na historia

I — BRASIL E A AFRICA. CONSEQUENCIAS DO PERIPLO-AFRICANO.

II — O PAPEL DO ELEMENTO NEGRO NA SOCIEDADE COLONIAL.

III — A ESCRAVIDÃO NEGRA.

IV — REVOLTA DOS NEGROS.

BRASIL E AFRICA

Consequencias do periplo africano

O primeiro impulso que arrastou os portuguêses ás terras incógnitas da Africa foi a escravidão.

Não haviam ainda os turcos fechado o caminho do Oriente, no fundo do Mediterraneo, e já os portuguêses eram os grandes navegadores ocidentais. A caça ao homem negro levou-os a arrostar o *mar tenebroso* e desfazer a lenda medieval que considerava inacessivel ao homem a zona tropical africana.

Mais tarde o ouro da Costa foi mais um incentivo, além da escravidão.

E' certo que a esta ambição de *Imperio* se ajuntava a *Fé* cristã em luta contra os serracenos.

Desde 1415 é tomada Ceuta aos mouros; logo depois os navegantes portuguêses Zarco e Tristão Vas descobrem a *Madeira* (1420); Gil Eannes dobra o cabo *Bojador* (1433) e sucessivamente vão revelando as terras africanas em percurso de trezentas e cincoenta leguas.

Ainda o proprio Bartolomeu Dias que descobriu o cabo das *Tormentas* (depois da *Bôa Esperança*), não sabia siquer que havia atingido o extremo meridional do continente negro e foi muito além dele pelos mares, supondo que tinha á esquerda a costa

africana; pouco a pouco, porém, foi velejando subindo para o norte e teve a revelação jocunda de que havia contornado a Africa.

Antes desse momento firmou-se a idéa de atingir a India, pelo meio dia; corria então pela Europa o mito de *Preste João,* e ao tempo que as caravelas de Bartolomeu Dias levavam o rumo do sul, seguiam por terra á Abissínia (reino do legendario rei) Peres da Covilhã e Afonso de Paiva; desta arte D. João II, o *principe perfeito,* abraçava a Africa, por mar e terra, pelo sul e pelo norte.

Pouco depois, em 1497 partia de Lisbôa Vasco da Gama que, com grande gloria, achou o caminho da India.

Seria a America fatalmente descoberta pelos portuguêses dentro de pouco tempo, ainda que Colombo não existira; porque eles, por experiencia dos mares africanos, afastavam-se sempre para oeste com o fim de evitar as calmarias da costa da Guiné; o proprio Vasco da Gama na sua celebre viagem bem perto passou das terras brasileiras e talvez só por acaso não percebeu qualquer indicio delas.

Cabral, enfim, que seria o Colombo português, primeiro dos navegadores da India, avistou a terra americana a 22 de Abril de 1500.

Não é menos certo que aos portuguêses cabiam a ciencia e os instintos das grandes navegações.

E' provavel que clara ou dissimuladamente guardaram o segredo dos descobrimentos.

O *descobrimento do Brasil,* pois, foi o que seria igualmente o da America, *um episodio do periplo africano.*

Indicação bibliografica: HISTORIA DO BRASIL (*cap. I, O descobrimento*).

O problema da relação do periplo africano com o descobrimento da costa brasileira acha-se, hoje, refor-

çado pela hipotese do africanólogo Leo Wener que sustenta ter havido, em epocas precolombianas, incursões de povos negro-africanos navegadores na America. Veja-se a critica que fiz a esta teoria no meu estudo "Historia dos afro-negrismos da lingua portuguêsa", publicado, em 1933, no "Jornal do Comercio" e transcrito no apendice desta coletanea.

O papel do elemento negro na sociedade colonial

Logo cedo no Brasil, na sua capital, como nas demais povoações, a obra da civilização foi deturpada pelo conflito das raças, disfarçado em democracia, fruto antes da luxuria que da piedade dos peninsulares.

Desde o primeiro momento o branco, o indio e o negro se confundem.

O contacto das raças inferiores com as que são cultas, quasi sempre desmoraliza e deprava a umas e outras.

Principalmente, porém, deprava as inferiores pela opressão que sofrem, sem que este seja o pior dos contagios que vem suportar.

E' claro que negros e indios, não poderiam ser senão a ocasião de desdem e de odios que gera o escarneo dos superiores. A mulher da raça inferior não consegue ser dignificada nem mesmo depois de formada a raça mestiça.

O proprio governo considerou por vezes uma infamia o casamento promiscuo de brancos e negros. O padre Nobrega diz numa de suas cartas que um branco raptara uma india e, censurado o seu procedimento, entendeu que estava justificado, só com batiza-la.

casamento entre negros x brancos

A prole assombrosa pelo numero dos Ramalhos e Caramurús atesta o egoismo e a sensualidade dos primeiros colonos.

Como poderia fundar-se a ordem civil sem a possibilidade de fundar-se a familia ?

O branco procurava (e isso havia já dois seculos na peninsula) o pretexto real do clima para evitar os duros trabalhos da agricultura tropical, e assim escravizava os negros, e agora, quanto podia, os indios.

família

Começam as expedições escravistas manchadas na atrocidade de todos os crimes.

A primeira consequencia para os colonos era a ociosidade dos remediados e ricos, o luxo e com ele a depravação da energia e a dos costumes.

Quasi toda gente tinha escravos, ou indios ou negros.

Esse costume gerava o sarcasmo, o odio, o desprezo de um lado pelas progenies escuras, e a perfidia de outro, o desprezo da piedade e do respeito humano.

Se acrescentarmos que na maioria eram os brancos degredados e criminosos (1), homens sem escrupulos e desluzidos, pode-se fazer idéa dos crimes que então se cometiam e da dissolução que lavrava em toda a sociedade.

brancos criminosos

Entre raças diversas toda a mistura por assim dizer se torna em combinação; tais contactos destróem a humanidade no homem. Nada escapa á distribuição do mal que a sociedade gera e espalha por todos os escaninhos onde a sua seiva circula.

Instituindo a escravidão, a profissão principal do colono era a presa humana, a caça aos selvagens.

---

(1) — E' o proprio João Ribeiro, que, noutro lugar, frisa o excessivo rigor da legislação reinol de então.

Os que ouviam a voz dos jesuitas ou da consciencia, fixavam-se ao solo e fundavam os engenhos; mas compravam os escravos que os demais iam arrancar á floresta ou através dos mares á Africa.

Os demais entregavam-se ás atividades vagabundas do jogo "que tão publico andava", diz o padre Blasques.

Os vicios dos cristãos, diz ainda o mesmo jesuita, juntavam-se aos da gentilidade "fazendo uma embrulhada diabolica".

A dissolução da vida moral inventára a exculpação de que os crimes "de lá" já não o eram aqui; tambem os holandêses de Pernambuco dirão mais tarde que não ha crimes "áquem da linha equinocial".

Os portuguêses que vieram estabelecer-se nas terras do Brasil não pertenciam á classe media, aliás pouco populosa nesses começos da idade moderna, maximé em Portugal, onde não havia industria nem já agricultura. Eram fidalgos ou infimos plebeus e degredados; a maior parte, gente aventorosa e sem conciencia. Uns poucos vinham por senhores; outros e, na maioria, por governados, senão detentos; — melhor parte era a que pesquizava a fortuna e as aventuras, ou fugia á sanha da perseguição religiosa.

Todos entretanto refletiam o estado de alma de Portugal do tempo da Inquisição, do país da Europa onde era mais cara a vida e onde o monopolio das especiarias, das sedas e preciosidades do Oriente tinha desenvolvido o luxo, a corrupção e profunda miseria.

Motins sanguinolentos abalavam Portugal no tempo em que lá fóra a centelha da Reforma passava no ambiente; tais foram os horrores, os assassinios, as mortandades contra judeus e suspeitos de

livre pensamento, que se achou logo louvavel criar-se o tribunal da Inquisição, ao menos como um instituto legal que punha um termo ao tribunal tumultuario das ruas.

Tais eram na colonia os brancos.

A gente valida era dizimada no Oriente ou em Africa; ficava e crescia a população parasitaria, ignorante, cruel e fanatica. Nos poucos, na maioria provincianos, que sobreviveram ou resistiram a essa dissolução, felizmente é que estava a vitalidade nacional, nos seus navegadores e artistas; mas eram insignificantes para obstar ao desastre proximo.

Vindo para o Brasil os brancos carreiavam todos esses vicios da decadencia que não deixavam de empanar a coragem, o valor e espirito de aventura que lhes eram proprios.

Os colonos são turbulentos e deshumanos; em breve odeiam o trabalho que relaxam e passam ao indio ou ao negro; adotam a indolencia ou dela são vencidos e dos costumes dos naturais, que pervertem até fisicamente, trazendo o contagio das epidemias.

Os de baixa condição, agora com a fortuna facil, tornam-se arrogantes, arruinam-se no luxo das sedas e de todos os prazeres sensuais.

Dentro de pouco a fortuna mais tardia e honesta do trabalho agricola é perturbada pela imaginação das minas, dos *el-dorados* e de riquezas fantásticas — miragem contínua e quasi sempre desmentida pela decepção no primeiro século.

O elemento conservador e aristocrático da colonia compõe-se dos grandes *senhores de engenhos* — estes á moda arabe, com a moenda triplice, impelida quasi sempre á mão pelos escravos (porque, no principio, o muar é ainda raro).

Depois dos *senhores de engenhos* ha os mercieiros da cidade, os ourives, que são em grande numero, e os pequenos comerciantes.

Entre uns e outros estão os capitães do *resgate*, que capturam os indios ao tempo que fazem o pau brasil e as industrias extrativas.

O ELEMENTO NEGRO

O negro, o fruto da escravidão africana, foi o verdadeiro elemento criador do país e quasi o unico.

Sem ele, a colonização seria imposivel, ao menos ao dissipar-se a ilusão do ouro e das pedras preciosas que alevantavam, em grande parte e a principio, os primeiros colonos.

A adaptação dos brancos ao novo clima, como a de certas plantas, exigia esse arrimo d'onde lhes vinha a vida.

Tambem por outro lado foi o negro o maximo agente diferenciador da raça mixta que no fim de dois seculos já afirmaria a sua autonomia e originalidade nacional.

Os primeiros negros são de Guiné, mas dentro de pouco tempo o trafico atinge Angola e a contra costa em Moçambique, e de lá chegam levas nas esquadras negreiras, todo o ano.

* *

O sentimento de humanidade não justificava a escravidão *negra* de preferencia á *vermelha*, menos culta; antes o justificava o instinto pratico, senão o prejuizo da côr, por se considerar a ultima mais proxima do branco.

* *

A verdadeira base economica do Brasil desde aquele tempo é a agricultura. No tempo de Anchieta os engenhos iam por tres, oito ou doze leguas pelo interior; não iam além de certo a penetração e a povoação da gente civilizada. Mas eram já numerosos os engenhos de assucar que trabalhavam com os muares ou os escravos importados de Guiné.

A HETEROGENEIDADE ANTROPOLOGICA DAS POPULAÇÕES

Os nucleos das povoações brasileiras, eram todos mesclados: francêses, espanhóes em grande numero, judeus que emigravam para escapar á ação inquisitorial, ciganos depois de 1600, portuguêses e açorianos em maioria: tais eram os elementos do tipo *branco*. povoamento brasileiro

O tipo *negro* tambem era assás impuro e não emigrou de um só lugar da Africa; ao contrario, veio de todos os pontos de oeste e leste do continente, do golfo de Guiné para o sul.

O tipo *vermelho* (indio) era o unico puro, se é que já nele não existiam os cruzamentos indicados por certos matizes de côr (*tupiuna*, pretos; *tupitinga*, brancos), notados por eles proprios.

Deve-se de mais notar que a emigração heterogenea, embora pequena, era sempre de grande eficacia quanto ao cruzamento, porque era constituida quasi toda por homens, ao passo que as mulheres indias ou negras, de raça inferior, submetiam-se ao regimen da poligamia imposto pelo macho.

Os tipos de cruzamento mais conhecidos são o *mameluco* (branco e india, produto vigorosissimo),

mulheres de raça inferior cruzamento com brancos superiores

mulato (branco e preto) e *caboré, cafuz* (indios e pretos), etc.

Indicação bibliografica; HISTORIA DO BRASIL (*Tentativa de unidade, cap. IV e V*) e DICIONARIO GRAMATICAL (*nota 2 ao art. "Tupi-guarani", pag. 308*) . *Apenas respiguei nos textos da fontes indicadas o que interessava a essa coletanea sobre o elemento negro.*

A escravidão negra

Se podemos juntar o nome do Padre Vieira e de outros jesuitas á historia da escravidão vermelha — quasi não temos que registrar qualquer movimento de indignação contra a escravidão dos negros.

Era costume e lei escraviza-los entre as nações dos homens brancos.

A escravidão negra começou com os descobrimentos portuguêses na Africa.

Foi um português *Gilianes,* o primeiro que aprisionou nas Canarias alguns homens, que escravizou e trouxe a vende-los na Europa; o principe Henrique, extranhando essa crueza mandou que o aventureiro os restituisse á patria donde foram roubados.

A ousadia do pirata, porém, foi logo despertando a cubiça de outros; a lugubre aventura encontrou defensores e foi logo largamente imitada.

Em 1442 Antão Gonçalves aprisionou varios mouros da Costa do Ouro, e só os restituiu e resgatou á troca de escravos negros, em numero de dez, os primeiros que lavraram o sólo europeu.

Começou assim o infame comercio.

Muitos teólogos e doutores justificavam essa maldade que, parecia-lhes, estava no *jure gentium* contra os barbaros ou era o castigo predestinado á

raça de *Cham* e um beneficio feito á multidão irreligiosa e perdida para a fé e para a civilização.

Desde logo, quando descoberta a America, foram nela em 1501 introduzidos os escravos negros, a pedido de Nicoláo Ovando de Hispaniola.

A experiencia demonstrou quanto se devia preferir o negro ativo e submisso ao indio indomavel e indolente.

Os proprios teólogos, defendendo com Las Casas a liberdade dos indios, ao mesmo tempo eram indiferentes ou aconselhavam a escravidão africana. Pesava sobre a desditosa raça o sinete biblico da maldição de *Cham*.

* *

No Brasil, o escravo negro foi introduzido ao tempo dos primeiros estabelecimentos.

A escravidão vermelha precedeu de certo á negra; e daquela já se fala em 1531, quando Martin Afonso concedeu a Pero de Góes permissão de levar para a Europa dezesete escravos indios; mas desde cedo na Capitania de S. Vicente e em Pernambuco são escravos negros que trabalham na agricultura da cana. Deve datar pelo menos do ano de 1532.

Nesse tempo os escravos indios custavam quatro mil réis cada um, e era facil captura-los; mas morriam em grande numero, e fugiam ou eram dificeis de conter, os demais. Os indios eram máus agricultores. Como escravos, serviam melhor de canoeiros, soldados e agentes da industria extrativa. Por isso foram sempre caçados, apesar da lei, no extremo norte ou no sertão do sul.

Na zona maritima oriental era preferivel o escravo negro.

De resto, os indios tinham seus defensores nos jesuitas e no proprio governo del-rei; as restrições que cerceavam a escravização do indigena tornavam a propriedade litigiosa e, pois, sem grande valor.

A escravidão africana, legal e protegida, tornou-se a principal e, na verdade, a mais util; com ela se instituiram as lavouras do assucar e os vergeis e pomares das primeiras povoações.

* *

De todos os povos o que em mais larga escala exercia o tráfico dos escravos era o português.

Uma grande parte da Africa caíra em seu dominio. Varios pontos da costa do continente negro, e sobretudo as ilhas do mar de Guiné, Fernando Pó, Ano Bom, S. Tomé, Ilha do Principe e mais as terras de Angola, Benguela, Moçambique estavam sujeitas ao governo português, que aí criara vassalos ou aliados entre os principes negros, e monopolizava o dominio dessas regiões, que eram o entreposto do comercio interior, donde tambem vinham os escravos.

Entre S. Filipe de Benguela, dependencia de Angola e residencia da autoridade militar e de um ouvidor, e as terras de sudoeste e leste dos presidios de Caconda, Ambaca, Canjango, etc., estabeleciam-se portuguêses que lavravam plantações para alimento dos negros que escravizavam, e ainda faziam mais o comercio do marfim e outros produtos.

Dessas fazendas, aqui e ali dispersas, foram ousados aventureiros penetrando até a *contra-costa* oriental; o fruto dessa travessia era a captura dos grandes negros, de compleição fortissima e pele escura, os *Cacimbos*, os *Xexis* (*Gêges*) e os *Xingas* ou

Gingas, que, embarcados em S. Filipe de Benguela ou em *Novo Redondo*, vinham para qualquer destino na America.

Igualmente entretinham os portuguêses de Loanda (que haviam organizado em colonia) grande comercio com o interior, donde desciam os escravos da Angola, isto é, aí embarcados, em geral oriundos das nações dos *Ausazes*, *Bembas*, *Gingas* e *Tembas*, os quais (exceto os primeiros) já conheciam a lingua portuguêsa e eram doceis e de bôa indole.

Na região do Norte (Congo e Zaire) não tinham vassalagem os portuguêses, mas os navios negreiros penetravam no golfo de *Cabinda*, onde ancorados, recebiam os escravos dessas terras; esses são conhecidos no Brasil com o nome de *Congos* ou *Cabindas* e pertencem a nações pela estatura e corpulencia inferiores aos outros mencionados; são preferidos para o serviço domestico.

tipos de escravos - origem, estatura

Do lado oriental, da *contra-costa*, o trafico é ainda muito importante; os escravos são levados até Moçambique, onde embarcam. Esses pretos são conhecidos com o nome de *Moçambiques* e são das nações *Macuas* e *Angicos*, adaptam-se dificilmente ao serviço no Brasil e a mortandade deles é grande.

Em tempos mais antigos, para as capitanias do Norte, Pernambuco e Maranhão, vinham negros das ilhas de *Cabo Verde*, de *Cacheu* e *Bissáo;* mas esse comercio foi diminuindo, e cessou depois que, nos lugares nativos, tornados livres e escasseiando o numero, viveram sob a proteção da corôa.

"Os mais conhecidos dos negros, no Brasil (diz Varnhagen) eram os provindos de Guiné, em cujo numero se compreendiam *berberes*, *jalofos*, *felupos*, *mandingas*, do Congo, de Moçambique e da Costa da Mina, *donde eram o maior numero dos que entravam na Baia*, que ficava fronteira e de mui facil

varnhage

navegação; motivo porque nesta cidade tantos escravos aprendiam menos o português, entendendo-se uns com outros em *nagô* (lingua Yoruba)".

Tais eram as fontes da escravatura. Mas o que excede ao poder de qualquer imaginação é a narrativa hedionda desse comercio, os crimes e as atrocidades que nele se cometiam.

* *

A escravidão para as nações negras era a pena de quasi todos os delitos; o pai podia vender os filhos, o juiz (o *sova*) podia condenar qualquer á escravidão; o rei podia escravizar os vassalos e a guerra podia escravizar a todos.

Desse principio barbaro (cuja execução facilitavam ou procuravam originar) aproveitavam-se os traficantes comprando e resgatando a impia propriedade.

Desde logo a cubiça dos pais, o arbitrio dos reis e dos *sovas*, e o direito da guerra convulsionou como um terremoto todo o sertão negro; as familias se desmembram, as rixas se multiplicam, as guerras se ateiam, a caça humana se institue, o *resgate* dos negreiros é apenas o triste epilogo das grandes conflagrações, cujo rastilho eles acendiam de longe na fóz deserta dos rios ou á beira do Oceano.

Com isso se desculpavam dizendo ser a escravidão mais um negocio africano, do que deles traficantes.

As infelizes vitimas do arbitrio e da cubiça negra trocam-se pelas *missangas* de vidro, pelo *pano da Costa* riscado, principalmente pela cachaça e pelos facões de aço, e tudo era estrume que daí a pouco havia de multiplicar a colheita proxima.

Os orgãos desse trafico são os *Funidores;* ás vezes lhes dão o lugubre apelido de *Tumbeiros* porque frequentemente mais carregam cadaveres que sêres vivos.

São os *tumbeiros* que de presidio a presidio levam bandos de escravos, que por sordidês vão nús e marcados a ferro em brasa com o *carimbo* para o caso de fuga; ajoujam-os pelo pescoço com a pesada cadeia, o *libambo,* em caso de rebeldia.

Muitos dos miseraveis, famelicos e cansados, sucumbem na dolorosa marcha e principalmente porque a alegação da molestia para o *tumbeiro* é sempre sinal de manha ou mentira.

Afinal são embarcados. A corôa portuguêsa cobra por cabeça a siza de dezaseis cruzados e meio. No navio amontoam-se quatrocentos, quinhentos, no porão. De dia sobem á coberta para o banho e para dansar, de cada vez uma porção de negros, e logo depois descem ao porão escuro, onde são guardados e vigiados.

Esses habitos são ordenados em vista da higiene e interesse privado. No porão, a mortalidade é grande; na coberta, o risco de perder os que se atirariam ao mar, é maior. Por isso instituem essas dansas lugubres para arejar a carniça e distender-lhe os membros que o torpor e a melancolia paralisam.

Em 1569, Fr. Tomas de Mercado descrevia já as cenas horripilantes do trafico, o tratamento de muito mais crueldade que o que usam os turcos com os cristãos cativos.

A esse duro trato escapam as mulheres e crianças que, por não inspirarem suspeita, viajam na coberta e por isso é dessas menor a mortalidade.

A bordo a luta é pelo ar, pelo espaço, pela alimentação, que é nula e corrompida pelos dejectos.

Amontoados uns quasi sobre outros, sem a luz solar, sem roupas, sem o mais mesquinho conforto, é maravilha que escapem á morte.

Uma molestia extranha, que é a saudade da patria, uma especie de loucura nostalgica ou suicidio forçado, o *banzo,* dizima-os pela inanição e fastio, ou os torna apaticos e idiotas. Em todos os carregamentos de escravos, na estreitas travessia do Atlantico entre a Africa e o Brasil, a morte cobra um imposto excessivo. (1)

Um desses quadros fantasticos de maldição pinta-os com côres indeleveis o poeta dos escravos:

Legiões de homens negros como a noite
Horrendos a dansar
E ri-se a orquestra ironica e estridente...
E da ronda fantástica a serpente
Faz doidas espirais.
Qual num sonho dantesco, as sombras voam...
Gritos, ais, maldições, preces resoam... (2)

castro alves

Chegam afinal ao Brasil, em cujos portos descem e acampam no oitão dos *trapiches,* de tangas, semi-nús ou esfarrapados e alguns agonizantes. Se não em viagem, ás vezes aí o *mal de Loanda,* o *sarampão* ou as *bexigas* os devastam. Aí são vendidos

---

(1) — No seculo XVI, escrevia Fr. Tomas de Mercado: uma náu de Cabo Verde para o Mexico levou *quinhentos;* após uma noite amanheceram mortos *cento e vinte...* e antes de chegarem morreram quasi *trezentos.*

Com o correr do tempo as coisas melhoraram. Temos estatisticas de 1817 e outros anos. A média da mortalidade é um decimo dos transportados. Mas ha casos excepcionais, em que a mortalidade é da metade e mais ainda (Vide Martius, REISE IN BRAS., t. 2, 667).

(2) — Castro Alves — fragmentos dos ESCRAVOS.

segundo a figura e a compleição, para os engenhos ou para a cidade.

* *

Força é confessar que de toda essa jornada de horrores a escravidão no Brasil é o epilogo desejado para os escravos.

gratidão pelos novos senhores?!

Daqui em diante, a vida dos negros regulariza-se, a saude refaz-se e com ela a alegria da vida e a gratidão pelos novos senhores, que são melhores que os da Africa e os do mar. Sem duvida alguma, ainda muitos dos horrores e crimes resurgem no cativeiro novo, e aqui e ali, não falham, entre senhores crueis, rigores monstruosos.

espirito cristão a favor dos negros

A escravidão, porém, sempre era corrigida entre nós pela humanidade e pela filantropia. Se os negros não tiveram, como os indios, em favor deles, a voz onipotente da Igreja, tiveram ao menos o espirito cristão e a caridade propria da nossa raça.

Não foram entretanto raras as vozes dos bispos e dos padres jesuitas em favor da raça maldita. Já no seculo XVII Vieira condena a escravidão dos negros e repara do púlpito que em outras terras o homem comercia, semeia e colhe, as mulheres fiam, e aqui o comercio é o da carne, que os homens geram e as mulheres amamentam. "Comercio deshumano e diabolico". O padre Manoel Ribeiro Rocha escrevia em 1758, que — todo o comercio da Angola, Guiné e Cafraria era ilegal e deveria ser condenado como pecado mortal contra a caridade e a justiça universal. E ajuntava esse nosso primeiro abolicionista, que cinco anos de servidão deviam bastar para reintegrar esses prisioneiros negros na liberdade.

Desde os primeiros tempos da colonia o sentimento da filantropia trabalha em favor dos negros.

Costumes belissimos instituem-se entre os senhores; como o de *apadrinhar* os remissos ou fugitivos, o que impede o castigo, e nenhum senhor viola.

filantropia a favor dos negros...

O costume de ceder um dia ou dois (sábado e domingo) ao trabalho do negro é confirmado mais tarde por lei (1700) e tambem o reconhecimento da propriedade privada do escravo.

Outro costume é o de *alforrias na pia,* o que se fazia com uma esportula insignificante (de 5$000 a 50$000) que nunca era recusada; esse habito era frequente, sobretudo, quando as crianças traziam a pele mais clara.

A religião concedia-lhes uma parte no culto, e santos negros (*S. Benedito* e *Nossa Senhora do Rosario*) protegiam irmandades numerosas de pretos.

A propria afinidade de raça, entre os negros, fazia-os reunir em sociedades, onde, revivendo os costumes africanos, tinham reis e vassalos e exerciam autoridade uns sobre os outros, até o limite que a civilização dos brancos permitia.

Essas associações, que existiam no Brasil como no Haiti, foram sempre impossiveis na America do Norte, onde o negro, mesmo depois de livre, vive segregado e não merece consideração social em grau de qualquer natureza.

diferença escravo America do Norte

Aqui escolhiam sempre um dia de festa, com permissão dos senhores, para celebrar a coroação do *Rei do Congo,* festa que eles faziam coincidir e confundir com a católica dos *Tres Reis;* celebravam então a *chegança,* com a simulação de navios de guerra e fortins portuguêses; e para esse aparato

os senhores ofereciam recursos de indumentaria e de dinheiro. Nessas festas vestiam os negros fardões vistosos e chapéus armados. Soavam a artilharia, os foguetes e as girandolas.

A prova da nossa filantropia era demonstrada por esse regimen dos bons costumes. Nunca tivemos, como os inglêses e francêses, um *Codigo negro*.

Os negros das Ordens eram bem tratados, arrogavam-se só escravos dos santos respectivos, e por isso não podiam ser vendidos.

Nas *fazendas*, agrupavam-se em familias, senão no sentido da lei, ao menos da religião. Usavam o *sobrenome* do senhor, e eram por eles estimados, sobretudo quando criados dele.

Era frequente o costume de *alforriar em testamento*, de todo ou sob condição os bons escravos e recusar o dinheiro da alforria que o negro pouco a pouco ajuntava para redimir o cativeiro.

A *emancipação* não era, pois, entre nós, como nos Estados Unidos, impedida ou regulada por lei; era negocio particular entre o senhor e o escravo, e aquele se satisfazia frequentemente com a terça ou quarta parte do valor legal. Ainda mais. Os proprios negros que não podiam agradar aos seus donos tinham o direito de *procurar senhor*, e assim mudar de cativeiro.

Todos esses costumes testemunham em favor da nossa indole e liberalidade.

Não é nosso intento fazer a apologia da escravidão, cujos horrores principalmente macularam o homem branco e sobre ele recaíram. Mas a escravidão no Brasil foi para os negros a rehabilitação deles proprios e trouxe para a descendencia deles uma patria, a paz e a liberdade e outros bens que

OMG

pais e filhos jamais lograriam gozar, ou siquer entrever no seio barbaro da Africa. (1)

Indicação bibliografica: HISTORIA DO BRASIL (*A formação do Brasil, cp. V*). *Defende João Ribeiro, com algumas restrições, neste capitulo a tese de Spix e Martius* (REISE IN BRASILIEN) *pela qual se sustenta ser a maioria dos negros escravos originarios do "grupo bantú"*.

Respondendo, aliás, a uma consulta de Nina Rodrigues (*vide* OS AFRICANOS NO BRASIL, *pag. 190*) *João Ribeiro apenas admite a entrada de negros do centro da Africa* (*negros sudanêses*) *no inicio da colonização. Contesta Nina Rodrigues*, até certo ponto *com razão, a afirmativa de João Ribeiro, demonstrando que na Baia houve uma forte imigração de negros sudanêses, porem, chega ao exagero quando escreve que cabe aos negros sudanêses a "primasia em todos os feitos em que da parte do Negro houve na nossa historia"* (*obra cit., pag. 35*).

Essas palavras, entretanto, não podem ser aceitas sem exame. Nina Rodrigues, estudando, atraves de observações diretas, a região baiana (*onde predominavam os negros sudanêses*) *certamente foi vitima de uma falsa generalização*

Basta, aliás, uma comparação linguistica entre vocabulos yorubas *e vocabulos do* quimbundo, *assimilados pela lingua portuguêsa do Brasil para pôr á mostra o indiscutivel predominio das linguas bantús. O feito historico mais comum dos negros foram os* quilombos; *ora, a propria palavra* quilombo *é bantú* (*quimbundo*),

---

(1) — Ao findar o seculo XVIII ainda não repercute no Brasil a voz do *emancipacionismo* que já troveja nos paizes cultos da Europa. Ao contrario, mesmo em 1808, num opusculo, o Bispo José Joaquim da Cuhha Azevedo Coutinho justifica a dupla escravidão dos indios e dos negros, como oposição á senha dos novos filósofos. Em compensação o passado dos "filantropos inglêses" não é muito glorioso. Depois dos portuguêses (cujo rei apenas tolerava o trafico) foram os inglêses os maiores traficantes de escravos; a sua *Companhia Africana* foi fundada em 1672 por Carlos II, e entre os seus acionistas estava o duque de York, depois rei da Inglaterra (Jaime II).

A influencia sudanêsa só foi uma influencia predominante na Baía (S. Salvador); fóra daí foi diminuta e quasi imperceptivel

Portanto Nina Rodrigues exagera quando generaliza para toda a nossa historia o que foi de feição nitidamente local e baiana.

Aceitavel é a critica do africonologo ilustre quando aponta a confusão feita por João Ribeiro entre os Xexys *e os* Gêges. *(Obra cit., pags. 157-158).*

E' digna de atenção a passagem desta seleta em que João Ribeiro pinta as usanças e costumes dos negros na sociedade brasileira; é um esboço do folclore dos negros escravos. Sobre esse assunto Alexina Magalhães e Alberto Faria prometeram escrever livros, que infelizmente não chegaram a realizar.

Convem frisar que João Ribeiro não aceitou, de modo absoluto, *a tese de Spix e Martius; a ela opoz restricções. Veja-se a minha polemica com Renato Mendonça no Apendice desta coletanea.*

Revolta dos negros

Os negros tambem fizeram as suas revoltas.

Não tão raras quanto podem parecer, havia em todo o tempo da escravidão as sublevações dos negros.

Os *quilombos* foram numerosos cenarios de lutas sangrentas e por vezes vergonhosas pela crueza e deshumanidade dos homens brancos.

Os *Palmares* marcam um momento apenas na serie desses conflitos sempre renovados pela opressão contra uma raça que ainda não havia adquirido a noção de qualquer direito á piedade dos seus senhores.

nao tinham piedade para com os senhores

Nos campos, nas florestas, nas fazendas e até no lar domestico foram comuns os dramas e as tragedias da raça escravizada.

Não é, pois, de extranhar que por vezes, sem objetivo, sem ideal e sem ordem, se sublevassem os escravos, aqui e ali, na vastidão do territorio.

Pode servir de exemplo a insurreição dos africanos na Baía no alvorecer do ano de 1835.

Nada fazia prever esse levante a não ser a instigação perpetua da desordem crônica das guerras civis que enchem o tumulto do periodo regencial, onde o rebate da anarquia era um fato quotidiano.

Governava a Baía Francisco de Souza Martins nesse periodo revolucionario, "quando se receberam denuncias de que em á noite de 24 de Janeiro de 1835 tinha de romper uma insurreição de africanos, cujo plano era incendiar a cidade e assaltar os corpos de guarda.

Tomaram-se as cautelas que permitia a pouca força existente assinalando-se em toda essa ocurrencia o zelo do chefe da policia Francisco Gonçalves Martins.

Naquela noite davam-se buscas em algumas casas suspeitas á ladeira da Praça, quando o tenente de permanentes Lazaro Vieira do Amaral, prestes a entrar em uma delas, foi acometido por um magote de mais de 60 negros que de improviso arremeteram do interior, feriram-no gravemente e mataram um soldado. Dispersaram-se os outros.

Com estrepitosa grita endireitaram os negros para o teatro, em cujo Largo encontraram oito soldados permanentes que lhes fizeram fogo, mas fugiram, sendo feridos cinco.

De lá foram até o quartel de Artilharia, e no transito assassinaram tres homens. Receberam neste lugar um reforço e foram investir o quartel de permanentes.

Estes eram apenas doze; mas tiveram o acordo de fechar o portão; e, resistindo esforçadamente, mataram dois negros, feriram outros, e assim os obrigaram á retirada.

Correram então em demanda do Colegio, cuja guarda saltearam sem resultado, deixando morto aí perto um soldado que se houve como um heróe.

Não desanimaram e proseguiram até "Agua de Meninos", acutilando no caminho algumas pessoas.

Ali dirigiram-se á cavalaria; mas depois de pelejarem um quarto de hora, fugiram uns para os

matos proximos e outros para o mar, onde muitos se afogaram.

A sua perda em mortos, desde o quartel de cavalaria até o Forte de S. Pedro, estimou-se em cincoenta. Feridos gravemente ficaram varios que quasi todos faleceram; alguns se encontraram nos matos em miseravel estado. Foram presos 45 e mais um homem e uma mulher nascidos no país.

A perda dos brancos consistiu em oito mortos e quatorze feridos alguns mortalmente".

Tomamos estas informações fidedignas a um antigo escritor; convinha ao contrario do que é uso fazer, não as omitir, sob o pretexto de que são insignificantes; ao contrario, são documentos que devem ser acumulados para exprimir quanto era necessaria a aspiração abolicionista que mais uma vez naufragou nos primeiros dias da Independencia diante do interesse insopitavel dos escravocratas.

Não é uma rebelião politica, mas é alguma coisa mais, porque é a rebelião social.

Na Baía, as revoltas dos negros foram muito numerosas, porque ali se acumulava grande numero de africanos.

Pelo começo do seculo XIX, o trafico dos escravos fizera com que a cidade tivesse uma população de negros maior do que a dos brancos e mestiços, e essa circunstancia era causa de sublevação e continuos terrores.

Ali os principais levantes de negros foram os de 1789 e de 1807, e de 1835, que acabamos de relatar.

Era coisa capital debelar essas insurreições, pois que o trafico as alimentava com a importação de 8.000 escravos quasi todos os anos, e só eram distribuidos lentamente por outros lugares da zona agricola do norte.

Se um dia se houver de escrever a historia da escravidão, indispensaveis se afiguram as narrativas dessas rebeldias que, sem sentido aparente para o regimen dos governos escravocratas, todavia expressam o sentimento de liberdade, que é o apanagio da propria civilização em cujo meio viviam os escravos.

Indicação bibliografica: HISTORIA DO BRASIL *(O Imperio, cap. VII).*

Um ponto constantemente criticado da HISTORIA DO BRASIL *de João Ribeirto é o que se refere ao episodio de* Palmares, *que, segundo tais opiniões, João Ribeiro não salientou como devia. A objeção é antes sentimental que de valor propriamente cientifico. João Ribeiro reduziu ás verdadeiras proporções o episodio tão decantado por nossos historiografos. A ele se referiu ao tratar da historia de Alagôas como fato local, que é e escreveu:*

ALAGÔAS *só se desliga de Pernambuco no seculo passado, 1818, em que constitue capitania independente. Foi essa região, teatro da guerra holandeza, em certo tempo aterrorizada pela formação dos* quilombos *ou aglomerações de negros que, fugindo do cativeiro, viviam de pilhagens e roubos, tanto mais frequentes e crueis quanto eram os escravos perseguidos pelos* Capitães do mato. Capitães do mato, *assim se chamavam os caçadores de negros, aos quaes a lei em regulamentos especiaes concedia poderes discrecionarios contra aquelas miseraveis creaturas que fugiam ao jugo da escravidão. O* capitão do mato *commmetia nessa barbara profissão ainda maiores crimes que os negros e matava muito mais do que capturava os fugitivos. Com a guerra holandeza, os escravos, como muitas vezes os senhores, abandonando as lavouras, foram-se internando pelo sertão e formaram grandes aglomerações por toda a região do norte e seguindo o cordão da serra da Barriga.*

Um digno chefe d'esses capitães do mato, o paulista Domingos Jorge, com escolta numerosa, assolando e batendo o interior, deu cabo dos quilombos.

O fato foi depois exagerado e acrescido de lendas acerca de um quilombo *no cume dos Palmares, onde os negros, arregimentados sob um chefe, o Zumbi, defenderam-se heroicamente e de lá preferiram atirar-se ao pre-*

cipicio que voltar á escravidão dos civilizados. A historia dos Palmares *tem muito de inverosimil nos seus pormenores, e merecia ser estudada com criterio. E' certo, porém, que os quilombolas da serra da Barriga deram muito que fazer a Domingos Jorge e ao governo que resolveu empregar recursos equivalentes aos de uma guerra.*

O quilombo *dos Palmares foi cercado por soldados fornecidos pelo governador Souto Maior e ao cabo de varias investidas foi totalmente aniquilado.*

Nesse quilombo *se haviam refugiado os escravos das estancias do Piauí e de Pernambuco e o seu numero chegou a ser de 30.000 segundo calculos do tempo.*

Foi certamente o maior quilombo *de negros fugidos".* (HISTORIA DO BRASIL, *parte VII, A formação do Brasil*).

Reduzindo as proporções do episodio de Palmares, João Ribeiro coloca as insurreições sociais dos escravos na sua legitima feição. Antes dele os historiadores não se referiam a esse episodio com o verdadeiro sentido historico: a luta de classe.

luta de classe

Na Baía, o ambiente urbano *favorecia essa eclosão social.*

A insurreição urbana, *de nitida feição social (luta contra os escravizadores) é muito mais importante do que o* quilombo (*fenomeno só possivel no meio* rural).

Na verdade, os quilombos eram, de regra, esconderijos e no fundo não passavam de fenomeno puramente regressivo: era a volta á tribu, *aos costumes e usanças da patria distante, com os seus ritos religiosos e politicos, sem nenhuma idéa de extinguir a* escravidão (*que era costume negro-africano*).

O quilombo, ás vezes, surgia de um ajuntamento religioso: a macumba. *O prestigio do sacerdote se transformava no prestigio do chefe; e daí surgia naturalmente o nucleo tribal.*

A significação do quilombo era antes nacional (*restabelecimento da tribu*) *do que propriamente social (luta contra a escravidão).*

As rebeliões da Baía, ao contrario, representam a luta contra os escravizadores. *Era a luta de classe bem definida.*

Assim compreendeu João Ribeiro.

Nina Rodrigues, de modo diverso, procura explicar essas rebeliões como verdadeiras guerras santas. *Ha exagero e, mais do que isso, deturpação, nessa afirmativa. Não ha duvida que o* fator religioso *concorreu para tais*

movimentos. Certamente a conspiração se fazia nos nucleos e reuniões religiosas, onde era mais facil a propaganda revolucionaria.

Entretanto, isso está longe de ser a causa fundamental, *que foi inegavelmente a* luta de classe, *isto é, a condição social dos negros, que os impelia a revoltar-se contra os escravizadores.*

A guerra santa *implicaria certamente no* sectarismo. *A luta religiosa, portanto, se delinearia contra o* clero, *que era o "corpus" da Religião da classe opressora.*

Ao contrario, não houve jamais essa luta entre catolicismo *e islamismo dos negros sudanêses da Baia. Observa-se, até, um verdadeiro sincretismo, que cada vez mais se amalgamou.*

Por todas essas razões repudio a explicação de Nina Rodrigues e prefiro aceitar a de João Ribeiro, que, nesse ponto, pode ser apontado como verdadeiro precursor da orientação do estudo do nosso passado, á luz do "materialismo historico", embora em quasi toda a sua totalidade a sua historia demonstre obedecer a diretrizes da corrente denominada pelos sociologos modernos de "materialismo geografico". Ninguem, aliás, ignora os intimos limites do materialismo geográfico e do materialismo historico, que em inumeros setores se confundem.

II PARTE

A influencia do elemento negro no folklore

I — A ORIGEM DO CONTO "O JABOTI E O TEIÚ".

II — A ORIGEM DO CONTO "O JABOTI E O VIADO".

III — PROVERBIOS AFRICANOS.

IV — A ORIGEM AFRICANA DO TANGO.

V — A ARQUEOLOGIA NEGRO-AFRICANA.

VI — UM IMPORTANTE CENTRO DE FOLKLORE E AFRICANOLOGIA.

I

A origem do conto "o Jaboti e o teiú"

Entre os contos populares brasileiros colhidos da tradição oral pelo fundador do nosso folklore, Silvio Romero, nenhum é talvez mais expressivo da confusão em que podemos laborar quanto á complexa origem do nosso fabulario que este do *Cágado e o Teiú*.

Ao primeiro aspecto, parece indigena; e não falha aí o tipo da sagacidade o *Jaboti* ou *Cágado* que sobreleva a do rival, pois são ambas as personagens naquela historia precisamente dois rivais que cortejam a mesma noiva.

Os animais que aí figuram são igualmente indigenas. Parece, pois, que o teor da fabula aqui se havia de formar.

A verdade é porém outra.

O conto é literalmente africano, sem siquer nenhum novo elemento de assimilação, a não ser essa exterioridade das *dramatis personæ*.

E' facil verifica-lo pela comparação dos textos.

Ei-lo, o conto brasileiro:

"Foi uma vez, havia uma onça que tinha uma filha; o teiú queria casar com ela, e o amigo cágado tambem.

O cágado sabendo da pretensão do outro, disse em casa da onça que o teiú para nada valia, e que até era o seu cavalo.

O teiú logo que soube disto, foi ter tambem á casa da comadre onça, e asseverou que ia buscar o cágado para ali, para dar-lhe muita pancada á vista de todos, e partiu.

O cágado, que estava na sua casa, quando o avistou de longe correu para dentro e amarrou um lenço na cabeça, fingindo que estava doente.

O teiú chegou na porta e o convidou para darem um passeio em casa da amiga onça; cágado deu muitas desculpas, dizendo que estava doente e não podia saír *de pé* naquele dia. O teiú teimou muito.

— Então, disse o cágado, você me leve montado nas suas costas.

— Pois sim, respondeu o teiú, mas ha de ser até longe da porta da amiga onça.

— Pois bem; mas você ha de deixar eu botar o meu *caquinho* de sela porque assim em osso é muito feio.

O teiú se massou e disse:

— Não, que eu não sou cavalo !

— Não é por ser meu cavalo, mas é muito feio.

Afinal o teiú consentiu.

— Agora, disse o cágado, deixe botar minha *brida*.

Novo barulho do teiú, e novos pedidos e desculpas do cágado, até que conseguiu pôr a brida no teiú e munir-se do mangoal, esporas, etc.

Partiram; quando chegaram em lugar não muito longe da casa da onça, o teiú pediu ao cágado que descesse e tirasse os arreios; se não, era muito feio para ele ser visto servindo de cavalo.

O cágado respondeu que ele tivesse paciencia e caminhasse mais um bocadinho, pois, estava muito incomodado e não podia chegar a pé.

Assim foi enganando o teiú até á porta da casa da onça, onde ele meteu-lhe o mangoal e as esporas a valer.

Então gritou para dentro de casa:

— Olá, eu não disse que o teiú era meu cavalo?! venham ver !

Houve muita risada, e o cágado vitorioso disse á filha da onça:

— Ande, moça; monte-se na minha garupa e vamos casar.

Assim aconteceu com grande vergonha para o teiú". (1)

Ora, o mesmo conto existe no *Kimbundo* e foi colhido quasi textualmente em Angola, por Heli-Chatelain nos seus *"Folk-Tales of Angola"* (2), uma das mais belas e seguras contribuições para o estudo ou literatura popular africana.

Trazido pelos negros, quando estes domiciliados no Brasil, logo se vulgarizou, incorporando-se ao nosso folklore.

E' o conto a fabula *Uzamba ni Dizundu* (o elefante e o sapo) na versão dos negros de Loanda.

Tiveram grande parte as *mucamas*, é sabido, na nossa vida familiar e domestica; e eram elas as escravas que muitas vezes acompanhavam as crianças e delas cuidavam. Foi essa a circunstancia essencial que favoreceu a migração dos mitos e legendas africanas.

---

(1) — Silvio Romero, CONTOS POPULARES DO BRASIL.

(2) — Reproduzido tambem na tradução e coleção de René Basset, donde fizemos os excerptos que adiante se encontram, por mais acessiveis aos leitores; os textos angolenses que não vem em Basset seriam de dificil compreensão.

A versão africana é a seguinte:

Je parle souvent de l'éléphant et de la grenouille qui faisait la cour dans une maison.
Un jour la grenouille dità la fiancée de l'éléphant:
— L'éléphant est mon cheval.
Quand il vint à la muit, la fiancée lui dit:
— Tu es le cheval de la grenouille.

Mais tarde, em viagem para a casa da noiva o sapo (grenouille) recorre ao mesmo expediente do cágado, dá-se por doente, e não podendo caminhar, consegue o favor de cavalgar o elefante, e em seguida põe-lhe a brida:

— Grand père, je vai tomber. Laissez-moi chercher de petites cordes pour t'attacher dans ta bouche.

Ainda obteve licença para empunhar o chicote (*mangoal* no conto brasileiro):

— Laisse-me prendre une branche vert pour chasser de toi les moustiques.

O final é quasi o mesmo com a só diferença de que o cágado vitorioso ao chegar á casa da noiva logo anuncia que o teiú (respective, o elefante) é seu cavalo (*"Eu não disse que o teiú era o meu cavalo"*) ao passo que na versão local angolesa, é a propria noiva que primeiro o reconhece quando os avista e os saúda com as palavras seguintes:

— Éléphant, en verité, tu es le cheval de la grenouille.

Ou no texto negro:

— Eie, nga Nzamba, u kabalu muene ka ngana zundu (tu senhor elefante (és) o cavalo mesmo do senhor sapo).

O conto veio, pois, diretamente da Angola e com os escravos negros que de lá, e desde o primeiro seculo da descoberta, foram trazidos para o trabalho agricola.

Os elementos de adaptação são insignificantes e resumem-se na substituição de animais africanos por outros indigenas, o *cágado* sempre astucioso em lugar do sapo e o *teiú* em lugar do elefante.

Dentre todos os contos de indios sul-americanos colhidos por Couto de Magalhães, Hartt, Barbosa Rodrigues e Ehrenreich nenhum tem qualquer parentesco ou afinidade com este.

A versão de *Heli-Chatelain* é apenas uma variante das muitas que se encontram no folklore do grupo *bantú* ou *banta* africano.

De uma tribu *Niam-Uezi* do mesmo grupo etnico ha uma historia do *Elefante* e da *Lebre* (que é o tipo essencial, entre os negros, da astucia) em que se aproveitam alguns elementos do conto que aqui consideramos.

Trata-se igualmente de um casamento e na festa de bodas aparece a *Lebre* cavalgando vaidosa um asno, segundo a versão de *F. Stukman*:

Da kam ein Hase, auf einen *Esel reitend*... (3)

A substancia da historia é, porém, outra, aparte esse pormenor que se repete.

---

(3) — A. Seidel — DAS GEISTESLEBEN DER AFRIK NEGERVÖLKER — 259.

Um estudo arrazoado das origens do nosso forklore, cada vez mais fortalecerá a convicção de que muito pouco devemos ao indio, na formação do espirito nacional, e, pois o *indianismo* no romance e na poesia, especie de jacobinismo letrado, não passou de triste burla patriotica e literaria quasi sem fundamento na alma popular.

Indicação bibliografica: O FABORDÃO (*Folklore II, contos de aposta, pags. 161-165*). *A respeito deste estudo podemos fazer algumas observações.*

Este conto popular de nosso folclore, como ficou plenamente demonstrado é africano. João Ribeiro documentou essa origem como do grupo BANTA, *citando* FOLK TALES OF ANGOLA *de Heli-Chatelain e a coleção de René Basset.*

Ora, Nina Rodrigues no livro OS AFRICANOS NO BRASIL, *sustentando tambem a origem africana do conto, chega, porém, a outra fonte. Para este eminente africanólogo o conto se filia ao folklore yorubano e cita, como documentação comparativa o seguinte conto da Costa dos Escravos, coligido por A. Ellis no livro* THE YORUBA — SPEAKING PEOPLES OF SLAVE COST. OF WEST AFRICA:

"Meu alô, é sobre a tartaruga e o elefante.

Um dia, a fada de cabeça pelada disse aos outros animais que ela era capaz de fazer do elefante seu cavalo, mas todos os animais declararam:

— Não, tu não és capaz de montar no elefante.

Ela replicou:

— Bem, eu aposto que hei de entrar na cidade montada no elefante.

E os outros animais aceitaram a aposta.

A tartaruga foi á floresta procurar o elefante e, encontrando-o, disse-lhe:

— Meu pai, todos os animaes andam dizendo que você não vai á cidade porque é muito desageitado e corpulento.

O elefante ficou muito zangado e disse:

— Os animais são uns bobos. Se eu não vou á cidade é porque prefiro ficar na mata. Além disso, eu não conheço o caminho da cidade.

— Oh! disse a fada de cabeça pelada, então venha comigo.

Eu lhe ensinarei o caminho da cidade e você fará os animais ficarem corridos de vergonha.

O elefrante aceitou e partiram os dois. Quando estavam proximos á cidade, disse a tartaruga:

— Meu pai, eu estou muito cansada. Deixe eu subir nas suas costas.

— Pois não, disse o elefante.

Ele ajoelhou-se e a tartaruga subiu-lhe ás costas. Seguiram caminho. A fada de cabeça pelada propôs então:

— Meu pai, quando eu coçar suas costas você deve correr e quando eu bater com minha cabeça nas suas costas você deve correr mais depressa ainda. Assim você fará uma figura muito bonita na cidade.

O elefante disse:

— Perfeitamente.

Ao chegar perto da cidade a tartaruga coçou as costas do elefante e este poz-se a correr. Bateu nas costas com a cabeça e o elefante correu ainda mais.

Quando os animais viram isto, ficaram pasmos. Todos estavam em suas casas olhando das janelas. E a tartaruga gritou-lhes:

— Eu não disse que entrava na cidade montada no cavalo de meu pai?

— O que quer dizer "cavalo de seu pai"? perguntou o elefante enfurecendo-se.

— Eu estou caçoando com você, disse a tartaruga.

Mas o elefante viu os outros animais estavam rindo-se e ficou ainda mais enfurecido.

— Espera que eu vou atirar-te, aqui nestas pedras duras e quebrar-te em pedaços, gritou ele.

— Isto é muito bom, disse a fada calva. Atire-me aqui. Isso quero eu. Tenho certeza de que não hei de morrer nem ferir-me. Se você quer matar-me, deve-me levar ao atoleiro. Lá sim, morrerei afogada na lama e na agua.

O elefante acreditou nela; correu ao atoleiro e atirou a tartaruga na lama. Levantou a pata para esmaga-la, mas a fada calva mergulhou no lodaçal e saiu em outro lugar. Então ela gritou aos animais, que estavam olhando:

— Eu não disse que havia de entrar na cidade cavalgando o cavalo de meu pai.

O elefante vendo que não poderia apanhar a fada da cabeça pelada, voltou a toda brida para as matas.

Assim que chegou lá disse aos outros elefantes: "Sabem vocês o que aquela costas-quebradas me fez?

E contou a eles a historia. Os outros elefantes disseram:

— Você foi um maluco para levar aquela costas-quebradas á cidade.

E desde então os elefantes nunca mais puzeram os pés na cidade". (1)

Tal é a versão de A. Ellis.

Nina Rodrigues ainda se refere a uma versão africana, que ele proprio recolheu da tradição oral dos negros Gêges na Baía:

"Um dia Deus chamou todos os animais para dar a eles a força propria de cada um (naturalmente marcar a cada especie a sua atividade propria ou destino) e ordenou que comparecessem todos em certo lugar daí a oito dias.

Todos os animais se preparavam para comparecer e começaram a caçoar com a tartaruga, dizendo que ela não tinha pernas e portanto não poderia ir. Ela então disse que havia de mostrar que iria montada no elefante. Todos os animais se riram muito e disseram que só queriam ver como ela tão pequenina havia de pegar o elefante para cavallo. Ela respondeu:

Muniu-se de uma brida e fez-se muito amiga do elefante. No dia marcado poz-se a caminho com ele e adiante disse:

— Deixem estar que eu me arranjarei.

— Amigo elefante eu assim não chego lá, quasi não ando, você póde me botar nas suas costas?

Ele disse:

— Deixe estar que eu te levo.

Abaixou-se e a tartaruga trepou-lhe ás costas. Então ela disse: Mas eu assim caio, não posso me segurar; você deixe eu botar esta brida?

E ele deixou. Quando foi na ocasião, Deus disse:

— Gente, o elefante não veio.

Os animais disseram então que a tataruga havia prometido vir montada no elefante. E é quando chega a tartaruga montada no elefante. Todos os animais bateram muitas palmas e disseram:

(1) — Os Aricanos no Brasil, pags. 280-281.

— Como tartaruga tão pequena, pôde pegar elefante para seu cavalo!

Elefante envergonhado fugiu para o mato e nunca mais se viu ele". (2)

Esta versão, conforme salienta Nina Rodrigues, "se resente das idéas católicas que os Negros receberam no Brasil".

A questão, agora, é saber qual a fonte verdadeira: a bantú *ou a* sudanêsa?

Não ha razão para se desprezar a origem bantú; basta dizer que a versão de Angola (Heli-Chatelain) está muito mais proxima do conto popular coligido por Silvio Romero do que a versão yorubana *de A. Ellis.*

No conto angolense como no brasileiro o tema se desenvolve em torno de uma noiva (fiancée *na redação francêsa de Basset), o que não aperece no conto dos* yorubas e gêges. *Nas "estorias" folcloricas devem-se levar em conta, em qualquer exegese, as sequencias* temáticas. *Seguindo esse criterio o nosso conto deriva do conto angolense.*

As dramatis personae *variam, porém: em Angola a "estoria" passa entre o* Sapo *e o* Elefante; *entre os* yorubas *entre a* tartaruga *e o* Elefante; *e no Brasil entre o* Cágado *e o Teiú.*

E' de mister acrescentar que no Brasil ha inumeras "estorias" populares em que aparecem, em variantes, ora o sapo, *ora o* cágado. *Haja vista, por exemplo, a popularissima estoria da* festa no ceu.

Tenho para mim que a versão yorubana *passou do Brasil á Africa; pois, ninguem ignora que da Baía (onde os iorubas predominavam) é que saíram inumeros negros libertos para a terra natal.*

A admitir essa hipotese a migração do conto se fez de Angola para o Brasil e da Baía, onde os negros sudanêses assimilaram a estoria, para Costa dos Escravos, e, aí foi coligida por A. Ellis. A obra deste data de 1898, posterior ao movimento abolicionista. E' aliás Nina Rodrigues quem relata a migração de Nagôs *e* Haussás *para a Africa natal, reproduzindo até palavras de B. Feris a respeito da* Costa dos Escravos:

(2) — Os Africanos no Brasil, pags. 282-283.

"Os antigos escravos libertos chegam em massa á antiga patria, vindos do Brasil, das Antilhas, de Santa Helena e trazendo consigo dos seus compatriotas os conhecimentos que receberam no seio de paizes mais civilizados". (3)

Como se vê é admissivel, pois, acreditar na hipotese por mim levantada de, o conto, — originario de Angola, ter sido trazido, de novo para a Africa (Costa dos Escravos). E' uma hipotese defensavel.

* * *

A respeito dessa identificação feita por João Ribeiro, que esclareceu a origem bantú do conto "O cágado e o Teiú", devo declarar que, muitos anos depois, o folclorista Gustavo Barroso a repetiu numa conferencia sem citar o verdadeiro autor da investigação. Ora, Lindolfo Gomes no prefacio do meu livro A TRADIÇÃO E AS LENDAS fez ver que a pesquiza já se encontrava em O FABORDÃO (1910) e João Ribeiro a documentara com René Basset.

Gustavo Barroso, em critica á TRADIÇÃO E AS LENDAS (depois publicada no livro COLUNAS DO TEMPLO) diz sem a menor cerimonia:

"Aliás a fonte em que fui buscar a analogia é diversa da de João Ribeiro. Este a trouxe do livro de René Basset, CONTES POPULAIRES D'AFRIQUE, da serie Maisonneuve e Guilmoto. Eu busquei-a na obra de Henri (?) Chatelain, FOLKTALES OF ANGOLA. Adeantei mais uma observação completa da feita por João Ribeiro e preciosa tambem: que o conto "O elefante e a rã", identico ao nosso cágado ou jaboti e do teiú, era dos negros angolêses da lingua kimbunda, negros e lingua muito comuns entre a antiga escravaria do Brasil. O mestre (Lindolfo Gomes) houve por bem sómente transcrever o meu trecho até essa observação exclusiva".

Tais são as palavras de Gustavo Barroso, que não se peja de persistir num engano desassombradamente.

João Ribeiro documentou-se com Basset e Heli-Chatelain.

Quem abrir O FABORDÃO verá a pesquiza, tal qual repete Gustavo Barroso. Verá citado até um trecho da

(3) — NINA RODRIGUES, obra cit., pag. 153.

versão quimbunda e se diz claramente que o conto de Angola foi "trazido pelos negros", que certamente não poderiam deixar de ser angolêses.

Se, em 1929, Lindolfo Gomes amigavelmente advertia a Gustavo Barroso que essa pesquiza já fôra feita por João Ribeiro, o ilustre folclorista não se deu por achado e, em 1930, no livro MYTHES, CONTES ET LÉGENDES DES INDIENS, editado em Paris, repete, em nota, ao conto de Silvio Romero traduzido para o francês (Le jaboti et le teiou) a mesma identificação, sem indicar o nome do nosso filologo.

E', na verdade, com lastima que faço este registro, que a verdade me impunha fazer. Acho que nessas questões de ordem cientifica deve se atender, antes de tudo, á verdade dos fatos. Não é esse o unico caso, que tenho observado com o meu querido mestre e progenitor, cujas pesquizas, não raras vezes, têm servido á ostentação de inumeras gralhas...

* * *

Na mesma trilha de João Ribeiro e Nina Rodrigues, o joven e culto folclorista Amadeu Amaral Junior tambem realizou pesquizas originais em que demonstra a influencia negro-africana nos nossos contos populares.

* * *

Por sua vez nem todas as "estorias" que passam por africanas, têm tal origem. No meu livro INTRODUÇÃO AO ESTUDO DO FOLKLORE BRASÍLEIRO, eu procuro demonstrar origem ariana de um conto que foi assimilado pelo ciclo do quibungo, sem duvida, ciclo negro-africano.

II

Origem do conto "o jaboti e o viado"

Outra fabula que passa por ser indigena graças ao artificio de seus caractéres externos, é o da aposta da corrida do *jaboti* e do *viado*.

O *cágado* ou *jaboti* socorre-se ao estratagema de ocultar na floresta e pela raia do caminho outros *jabotis* apalavrados para a aposta. E é certa a vitoria.

Este conto se ha de considerar um dos produtos primitivos e arcaicos da psicologia popular e pertence, de certo, á camada paleozoica do fabulario.

O pensamento elementar é o da *astucia* que, desde cedo se verificou, podia levar a melhor á força. Era o triunfo, raro mais fativel, do ser fraco e debil contra o gigante.

Nos contos arianos a astucia é mais intelectual e complicada, como a da *raposa* fertil em expedientes.

Aqui ela tem a sua forma primitiva e rudimentar; o primeiro recurso para baldar os fortes é fugir-lhes. A *fuga* ou a *carreira* é pois, tambem uma

força contra a força. Daí essas apostas de corrida, no folklore universal. Depois, outra astucia e expediente é o disfarce. Uma *tartaruga* ou *cágado* não se distingue de outro, pois que os membros vivos da fisionomia se lhes escondem na carcassa inexpressiva.

Esse expediente do disfarce ainda mais grosseiro, vemo-lo em outra historia popular do *Compadre-Folhagem*.

A historia, todavia, não é indigena, apesar desta personagem assidua nos contos indianos, o *jaboti*.

E' uma fabula *africana*, trazida indubitavelmente pelos negros escravizados.

O estudo comparativo do folclore africano fornece-nos grande numero de versões que correm entre as tribus bantus do continente negro.

Conheço pelo menos as seguintes:

A) A versão do *Konde*, proximo de Moçambique em que a aposta se trava entre o *Elefante* e o *Cágado* que diz capaz de saltar por cima do grande paquiderma.

O cágado conchava de antemão com a mulher que se vai ocultar entre as ervas do outro lado do elefante:

A) A versão do *Konde*, proximo de Moçambique

— *Anda, diz o elefante, salta lá !*

— *Hop ! faz o cágado fingindo saltar e escondendo-se nas ervas.*

— *He ! exclama a mulher do cágado do outro lado.*

O elefante verifica-se e convence-se do salto.

Essa aposta continúa com a de uma carreira com o cágado que dispoz previamente todos os pa-

rentes e aderentes pelo caminho. E' até nos seus pormenores o mesmo conto brasileiro. (1)

B) Outra versão do mesmo grupo etnico africano é dada por *Ferstl* (*Vao — Erzählungen*); é a aposta de corrida do leão e todos os animais que disputam por premio magnifico quatro presas de marfim (pag. 102-103 em *Ferstl* e 283 em René Basset).

C) Versão dos *Duallas* do grupo bantu. A aposta é entre a *lebre* e o *cágado*. Este vai postando os filhos escondidos pelo caminho os quais devem gritar ao passar a lebre:

— *Larf, Häslein, lauf !*

A lebre é assim enganada até o termo da corrida (*Seidel — Das Geitesleben der afrik. Negervölker,* 162).

D) Versão do *Camerum,* do mesmo grupo. Os parentes do cágado, pelo caminho, á lebre que passa rapida, incitam com a saudação ironica:

— *Guten Tag, Herr Hase !*

Os pormenores são ainda os mesmos do canto brasileiro. (*T. von Heeld — Märchen und Sagem der afrik. Neger,* 98).

E) Uma versão já muito complicada e diferente, a dos *Bassutos,* é a fabula do Leão que manda sucessivas embaixadas de varios animais ao Rei *Koko* por saber o nome de certa arvore. El-rei *Koko* não oculta o arrevezado nome da arvore: *Motlatla diamotlata,* etc... Os animais que successivamente trazem o recado e o vem repetindo pelo caminho topam com um formigueiro e... lá esquecem a palavra. E' ao mesmo tempo uma variante do conto universal de *Tomtit-tot,* que transpira em outras historias do nosso folklore.

(1) — O conto figura no livro de René Basset (op. cit. 277) tomado a *Schumann — Grundiss einer Gramm. der Kondespr.*

Só o cágado consegue conservar a palavra porque á vista do formigueiro repete, por exclamação, as palavras da mensagem: *Tlatladia-lha !* (*Jacottet* — CONTES *pop. des Bassoutos,* 44).

Como se vê, não ha aqui uma aposta, mas a tartaruga consegue vexar o leão e os grandes animais, com a prova da propria superioridade.

Ao mesmo tempo, a fabula complica-se com o incidente de *repetir* palavras dificeis, *traba-lenguas* analogo aos que ocorrem no folklore infantil de todos os povos.

Após este exame comparativo das fontes da fabula parece-me evidente não ser tupi ou brasilica. E', em todos os pormenores e minudencias, africana e do grupo bantu que habita o sul da Africa e donde vieram os escravos negros.

Não é menos certo como fiz de principio observar que a *astucia,* a força dos fracos, é uma façanha que não podia escapar á admiração desde os primeiros tempos. As fabulas arianas estão cheias dela, e o que mais dificulta o estudo das origens é que aquela aposta da tartaruga já a encontramos em varios Isopetes medievais.

The hare and the tortoise figura na coleção de l'Estrange, inglesa, e ainda entre as fabulas de Lafontaine (VI — fab. 10) *Le lièvre et la tortue.*

Mas, apesar das aparencias, o apologo não é o primitivo e no seu fundamento essencial revela um estado de diferente e adiantada cultura.

O *Elementargedanke*, na definição de Bastian, que convem antes de tudo discernir nas criações da imaginação coletiva não é o da *astucia*, mas o da culta *vaidade*, da filaucia ou do orgulho. De fato, na fabula de Lafontaine a lebre perdia a aposta porque por excessiva confiança deixara ir a tartaruga até

quand il vit que l'autre touchait presqu'au bout de la carrière...

com a vaidade de inda assim vence-la.

E' pois uma fabula que nada tem de comum com a africana, a não serem os animais adrede escolhidos, segundo o andar veloz ou tardonho.

Essa preferencia pelo *veado* ou pela *lebre* não envolve carater moral da historia, mas inclue-se na mesma idéa da velocidade.

Cada vez mais se fortalece em mim a convicção de que o *indianismo* do nosso povo, sob seu aspeto moral e psicologico, é um influxo levissimo e que deve ser, ainda mais do que o fez Silvio Romero, reduzido pela critica a muito menos que o que geralmente se acredita.

Indicação bibliografica: O FABORDÃO (*Folklore, II. Contos de aposta, pags. 166-170*). *Convem salientar que igualmente, como no precedente estudo, João Ribeiro aponta, ainda uma vez, a influencia do folklore* banta *no folclore brasileiro. Ainda, aí, se vê demonstrado o forte influxo dos negros* bantús, *que é inegavel. E' um reforço, á tese do predominio do grupo bantú, por ele ardorosamente defendida.*

Proverbios africanos

JISABU quer dizer — os proverbios — na lingua de Angola. (1)

Não é tanto a sabedoria, mas a maledicencia que origina entre os negros a abundancia dos seus anexins.

O anexirista é sempre um motejador da especie humana, e é quem lhe descobre as fraquezas, as vaidades ridiculas, as manhas encobertas ou as malicias evidentes. Os proprios negros o dizem num seu brocardo. A escravidão negra no Brasil implantou com as raças africanas muito da sua literatura popular, mórmente da sua fraseologia.

Alguns desses ditados aparecem entre nós, sob roupagens portuguesas, demasiado transparentes para deixar entrever a colisão de idéias e de sentimentos dos dois fatores etnicos que tanto influiram na linguagem popular do Brasil.

Entretanto, ha dificuldade no discernir o rumo daquelas correntes, e é bem possivel que o emprestimo de modismos seja reciproco entre os dois elementos adventicios na America.

---

(1) — O JISABU de Angola é uma coleção publicada por *Jakin ria Mata* (Joaquim da Mata), luso africano, Ed. de Lisbôa, 1891.

A presença das duas raças sempre em intimo contacto ou o retorno de negros alforriados á patria africana, é circunstancia que nem sempre permite remontar á verdadeira fonte. O mais facil de constatar é a fusão das duas correntes quando não é possivel refluir á origem mais provavel, portuguesa africana ou de creação secundaria e mista.

A dificuldade pode demonstrar-se por um exemplo. Em português ha o proverbo

No comer e coçar tudo está no começar.

E' evidente que se trata de uma alteração pela identidade das silabas (*co* —) das palavras essenciais do modismo: ha tambem no seu contexto um equivoco determinado pelo vocabulo *comer* que tem igualmente o sentido *coçar*, pruir, ou provocar coceira, comichão. E, acima de tudo, o anexim é portuguesissimo, idiomatico e antigo.

Se procurarmos um equivalente nos *Jisabu*, lá veremos por igual o equivoco, calembur, alteração entre os dois verbos que equivalem respectivamente a comer e a coçar:

Nikuriani kuriaia
Uria, anga uriaja.

E' o texto que copiamos literalmente.

Ninguem, todavia, acreditará que o modismo do quimbundo passou ao português ou suscitou a formação do proloquio vernaculo conhecido.

Não bastam, já se vê, as semelhanças externas e fortuitas para autorizar a identidade de origem.

Como quer que seja e sem querer levar ao extremo a pesquisa etimologica, basta-nos assentar que o estudo dos proverbios africanos muito contribue para esclarecer a paremiologia brasilica, pelo

menos em algumas das suas variantes e versões divergentes dos textos portugueses.

E' por exemplo muito conhecido entre nós o adagio:

Papagaio come o milho e periquito leva fama.

Equivale quanto ao seu sentido moral ao da "corda que se quebra ou se rompe pelo ponto mais fraco". O periquito, por mais pequeno, carrega com a responsabilidade do seu parente mais forte.

O adagio é evidentemente português e não passa de uma variante (formada no Brasil provavelmente) do antigo ditado tirado como muitos outros do calendario e conhecido dos agricultores europeus:

"Agosto tem a culpa, setembro leva a fama"

e já registrado desde o seculo XVII na coleção de Delicado e em Bluteau. Aqui é a referencia feita ao mês que amadurece e ao outro que vindima o fruto, e daí a antiga variante mais expressiva: *"Agosto* tem a culpa e *setembro* leva a fruta".

A variante brasileira é tambem um fato da agronomia pratica. E' conhecida em Portugal porque já no-la depara o *Anatomico Jocoso* na *Carta que se mandou aos brazis* (seculo XVIII) nos seguinter termos:

"Olha que assim o adverte Periquito naqueles celebres versos:

Papagaio come milho,
Periquito leva rama,
Cada negro que é cativo
Vai falar á sua dama".

(2) — E' provavel erro a palavra *rama* em lugar de *fama*. Esse trecho foi publicado nos excertos do *Antonico Jocoso* da *Bibl. Univ. X*, 40, pg. 124.

Nestes versos ou em alguma cantiga brasileira que os continha, é que achou o proverbio o autor do *Anatomico*.

Parece, apesar das formas exteriores portuguesas, fundar-se num dos *Jisabus* angolenses que fala da ave conhecida pelo nome de *mbembe* que tem, aqui no proverbio, os mesmos percalços do periquito. Diz assim:

Fuma riafumánêna o mbemba,
Mbemba kasubê kilende

Ou, portuguêsmente:

A fama deu fama ao *mbemba,*
(mais) o *mbemba* nem comeu um cacho.

E' a mesma fama do *periquito* que não comeu o milho. Não é de estranhar que pudesse esta ou outra variante do proverbio negro determinar a versão brasileira, já indicada por antecedentes da paremiologia portuguesa. Se não foi a origem, foi pelo menos um elemento de sugestão ou de consolidação do adagio americano.

Para não saír ainda do *Jisabu* angolense, ha outro proverbio ou antes modismo negro que corre no Brasil e talvez em Portugal:

Macaco não olha p'ra seu rabo

que é como quem diz: "do que tem a trave no olho e só enxerga o argueiro no do vizinho" (frase biblica). Em quimbundo o texto é o seguinte nas duas variantes:

a) *O hima katale o mukila uê*
b) *Hima kataliê ku mukila ê.*

JISABÚ n. 11 ,pg. 29)

Que se traduz literalmente:

Macaco não-vê rabo seu (3).

E' talvez dificil dizer se foi o proverbio africano o antecedente e fonte do ditado usual. E' possivel tambem que os negros o aproveitassem e traduzissem em seus dialetos; mas esta ultima hipotese é seguramente a que mais repugna acreditar.

Em qualquer caso, a semelhança é tão flagrante que se não pode recusar a identidade de origem.

* * *

POR DENTRO MULAMBO SO'

Não tenho nenhuma indicação de que o proverbio, aqui declarado, proceda literalmente de origem ou de fonte genuinamente portuguesa.

Na sua forma mais ampliada e completa, *por fóra muita farofa (farinha), por dentro mulambo só* — não ha duvida que o primeiro talho da frase é vernaculo. Assim parece.

Ha um grande numero de dizeres antigos em que a palavra *farinha* expressa o disfarce, a exterioridade, a aparencia enganadora. Já o estudamos em outra oportunidade (nas FRASES FEITAS) e a origem curiosa e antiquissima desse modismo encontra-se na fabula classica do *gato* que se rebolca em branca farinha e se finge morto. Daí uma serie de

(3) — As duas variantes quasi não diferem entre si. A primeira foi dada pelo Dr. Saturnino e Castro Francina e ambas pelo autor do *Jisabu*.

expressões arcaicas e modernas, tais como *nem todo o branco é farinha, enfarinhar-se, enfronhar-se, fingir de gato morto,* etc., que deixei suficientemente explicadas com os elementos do mito esopico. Assim não parece haver dificuldades em aceitar como portuguesa a primeira parte da frase: — *por fóra muita farinha...* no sentido de exterioridade enganosa.

O complemento do proverbio, porém, ainda que inspirado num dizer idiomatico, apresenta certas feições peculiares, quanto posso saber, ignoradas em Portugal.

Em primeiro lugar desde logo se nota que uma das variantes do proverbio encerra duas palavras africanas, *farofa* e *mulambo,* e essa circunstancia é que nos ajuda a esclarecer a fonte verdadeira do nosso anexim popular.

Farofa ou antes *farófia* é uma expressão já conhecida dos portugueses desde algum tempo com um sentido diverso da *farofa* africana ou brasileira que é sempre uma iguaria composta principalmente de farinha de mandioca, simples conduto de alimentos mais substanciais. (4)

A segunda palavra que ocorre no proverbio, *mulambo,* parece ser inteiramente ali desconhecida e nem figura nos seus lexicos mais completos senão talvez como palavra de retorno, colhida nas colonias da Africa ou nos vocabularios brasileiros.

E' evidente, pois, que o proverbio é brasileiro e de origem africana, embora construido segundo uma formula do adagiario português pela antitese

(4) — Entre portugueses *farófia* é uma especie de doces de clara de ovo, *ovos nevados.* Tambem se usa em sentido figurado e para dizer de coisas vãs, sem peso, como *espumas,* flocos de neve, etc.

e oposição das palavras *por fóra... e por dentro,* que se verifica em varios rifões antigos, como este:

"*Por fora* corda de viola, *por dentro* pão bolorento."

Aqui a oposição do conceito é sugerida pelas falsas rimas *fóra* e *viola, dentro* e *bolorento,* mais toantes que consoantes, para ouvidos apurados.

Temos, conseguintemente, um caso de fusão dos elementos africano e português em todo o conjunto da frase:

Por fora muita FAROFA
por dentro MULAMBO SÓ.

Mas não são apenas os vocabulos *farofa* e *mulambo* que inculcam a origem africana do proverbio.

Muito mais. Os proprios negros de Angola e outras regiões convizinhas possuem o proverbio em numerosas variantes que têm mais ou menos aquele sentido literal.

Assim, dizem:

Ukêmbu ua pêta, moxi milambu.

ou tambem:

Ukêmba ua pêtus, moxi isûta.

Literalmente traduz-se:

Luxo de almofada, por dentro mulambos, isto é, luxo de cobertura ou fronha e por dentro trapos servidos, sujos ou rotos.

As variantes diferem aqui apenas nas palavras *milambo* (plural de *mulambu*) e *isuta* (plural de *kisuta*); e ambos querem dizer farrapos ou trapos.

O sentido normal é o de trajes exteriores vistosos e de luxo que encobrem as roupas menores ou a miseria da camisa rota ou suja: *por fóra muita farofa, por dentro mulambo só*.

Para os africanos *mulambo* é especialmente um trapo ou toalha de decencia que amarram á cintura e com que encobrem a nudez a que estão habituados.

E a esses trapos é que alude o proverbio opondo-os á capa e á exterioridade por vezes brilhante dos janotas pobretões.

Indicação bibliografica: Inegavelmente foi João Ribeiro o iniciador do estudo da influencia paremiologica do negro na lingua portuguêsa. Este capitulo, composto de dois estudos do livro A Lingua Nacional *foi a primeira contribuição aparecida, entre nós, nesse sentido. Achei mais razoavel incluir nesta parte relativa ao* folklore, *do que colocar na outra, relativa á linguagem, porque a permia é, de fato, assunto essencialmente folclorico. Reservei, porém, para a terceira, o estudo da fraseologia, que, sem ser estruturalmente negro-africana, apresenta, contudo, algum vocabulo africano enquistado. (Por ex*: estar de calundú, *etc.*).

Acerca da influencia africana em nosso folklore leia-se o meu estudo "Adivinhas negro-africanas" no apendice desta coletanea.

Coisas de negros

A ORIGEM NEGRO-AFRICANA DO "TANGO"

Foi esse modismo depreciativo (*cosas de negros*), que o Sr. Vicente Rossi tomou para titulo de um livro curioso e interessante sobre a civilização platina.

Ás republicas do sul, muito ciosas das suas nobres estirpes, não devia agradar esse tardio flagrante no estudo das origens e do *folclore* platino.

"Cosas de negros".

E' todavia certo que o negro como o indio contribuiram para a formação física e moral de toda a America Latina.

Não convem exagerar e muito menos convem suprimir energias que se transfundiram e desapareceram no caldeamento de alma e corpo do novo mundo.

O tempo de retificações é sempre opportuno, sem malevolencia.

No que suspeito ao Rio da Prata como ao Brasil, foram os negros os primeiros servos e proletarios que cimentaram a construção da nacionalidade, ora

moreijando nos campos, ora postos na vanguarda dos exercitos de libertação.

A esponja das vaidades não consegue apagar os ultimos residuos da raça desprezada.

E', pois, de qualquer maneira um livro de rehabilitação as COSAS DE NEGROS, de Vicente Rossi.

Ao seu parecer, que me parece tendencioso e excessivo, a parte dos escravos assume aspectos essenciais na civilização platina.

Nem tanto. O que, porém, é de natureza menos problematica é o estudo *folclorico* das origens dos bailes e das dansas populares da gente gaúcha.

O "tango" é uma dansa negra que interessou o mundo, abalou a gravidade do "Times" e da Academia franceza. E foi em função do tango que apareceu a moda de pés e pernas desnudos, propicia a essa coréa elegante.

V. Rossi tomando esse tema inicial das dansas plebéas do lupanar ou dos candoblés desenvolve um sem numero de questões interessantes da vida criola, dos "lubolos" e dos "payadores" campesinos, troveiros do pampa.

Claro está que deve talvez haver muita inexatidão ou antes, muitos propositos antecipados na teoria e nos metodos do autor. Contudo, a historia da escravidão ganhou nessa monografia do "tango", da "milonga", do "cielito" nativista, um elemento de ampla discussão e de critica.

O livro é acompanhado de anotações complementares, qual mais instrutiva, qual mais inspirada em sentidos novos e paradoxais.

A essas questões que desafiam a atenção de todos, não é menos digna de nota a apologia do neoidioma que se fala na America.

A lingua européa castiça e classica é uma aberração e enfermidade de pseudo-eruditos. "Hablar argentino" é o primeiro dever nacional.

Aplaudo essa coragem.

Emfim, não ha um só capitulo das COSAS DE NEGROS que não estimule a vontade de o ler nas linhas e entrelinhas.

Aconselho aos brasileiros, que participem desse prazer, que é muito raro entre os livros americanos e não perderão, seguramente, o seu tempo, ainda que o autor não se proponha dizer novidades maravilhosas, senão dar algumas "noticias nuevas sobre cosas viejas".

Revolvendo tradições, glosando textos antigos, está no verdadeiro caminho da verdade que é sempre o nú primitivo sob as pesadas vestes da hipocrisia e das convenções.

Não foi só a folha de parreira que sofreu a hipertrofia de cascas e entrecascas da civilização.

COSAS DE NEGROS é um pequeno espelho de desenganos.

* * *

A origem negro-africana do *tango,* dansa já popular em nossos meios urbanos parece, na verdade, incontestavel.

Do ponto de vista puramente linguistico, o vocabulo "tango" apresenta todos os visos de africanismo.

A dansa provavelmente teve a mesma origem do batismo.

Sómente a musica parece revelar um rítmo mestiçado com a melodia peninsular.

O que é certo, é que surgiu no meio da escravaria, e sem o estrume negro jamais vicejaria na America.

Indicação bibliográfica — artigo DIA SIM, DIA NÃO, *publicado no* Jornal do Brasil *(29 de Maio de 1926): trazia o sub-titulo "Casas de Negros", erro de imprensa por "Cosas de Negros", que é o titulo do livro de Vicente Rossi.*

IV

A arqueologia negro-africana

Quando se iniciar no Brasil o estudo das "antiguidades" negras, ficará patenteado aos olhos de todos a necessidade de fundarmos um Museu especializado de coisas africanas.

Nossa pudicice racial, embora tenha relutado contra o incremento de tais estudos, acabará por desaparecer, obliterada ou convencida do valor cientifico dessas pesquizas imprescindiveis para o conhecimento de nosso povo e de nossa cultura.

A vantagem desse centro será, sobretudo, nuclear os que se interessam pelo assunto, e não possuem atmosfera para realizarem as suas pesquizas aproveitaveis.

Além disso a formação de uma Biblioteca especializada torna-se cada vez mais indispensavel, afim de manter o intercambio com o que se estuda nos mais autorizados centros de africanismo do mundo, quais sejam os dos Estados da America do Norte e da Inglaterra.

Talvez já seja oportuna a nova instituição, que viria, sem duvida, arejar o nosso Museu Nacional embora neste só predominem o americanismo.

A "africanologia" é hoje uma ciencia de larga bibliografia européa, uma vez que as nações da Europa não se pejam tão sómente de fazer de suas colonias negras méros mercados comerciais. Razoavel consôlo, sem duvida, é estuda-las á luz da ciencia.

Entre nós, com excepção de Nina Rodrigues e Macedo Soares, não temos nenhum africanologo digno desse batismo.

Ainda não iniciamos o movimento, que só com o tempo virá. Não amadureceram ainda os nossos estudos nesse ramo da etnografia brasileira, apenas esboçado por Silvio Romero.

Não compreendemos que a alma da historia de nosso país como a de toda a America do Sul reside justamente no regimen servil, isto é, na *escravatura negra* que dominou desde os primeiros seculos até fins do seculo passado. Sem estudar os seus aspectos, não conseguiremos determinar a influencia enorme que exerceu em nossa formação não só antropologica como tambem social.

O estudo da arqueologia negra (idolos, feitiços, utensilios, objetos de arte, etc.) constitue apenas um lado do prisma, porém, um lado bem sugestivo, capaz de nos revelar o coeficiente artistico do elemento negro entre nós.

A arte dos *colares*, tão caracteristica das negras, pode servir de exemplo da delicadeza estetica do elemento escravo. Tive oportunidade de apreciar nas mãos de um colecionador alemão uma variedade admiravel de decoração de colares, comprados a negras num dos mercados baianos, por volta de

1890. Quasi todos esses colares eram feitos de combinação de contas de ossos e de sementes.

A arte negro-africana merece, na verdade, a atenção dos estétas.

Povos acoimados de "emotivos", os negros apresentam evidentemente um "quantum" de afetividade muito maior do que o branco ou o indio.

Toda arte não esconde a predominancia da sensibilidade e dos instintos afetivos.

Bem facil, portanto, será demonstrar a conexão razoabilissima entre a emotividade do temperamento dos povos negros e as suas manifestações artisticas.

A musica negra, segundo o registro que encontro na obra *Folktalles of Angola* de Hèli Chatelain, não é tão rudimentar como se pode julgar. Creio mesmo (falo, claro está, como curioso) que apresenta alguma riqueza melodica.

Se o *samba* brasileiro é de origem africana (como supõe Lindolfo Gomes nos *Contos populares e cantigas de adormecer*) certamente não se pode ter em conta de melodia inexpressiva.

Aos negros devemos mesmo alguns instrumentos musicais populares.

Não é sómente na musica que o elemento mostra-se com qualidades esteticas.

A escultura religiosa negra (os *feitiços* de barro, de pedra, de madeira, etc.) está sendo hoje muito apreciada na Europa, talvez mais pelo exotismo curioso do que propriamente pelo valor artistico.

No Museu Nacional creio que não ha nenhuma coleção de *feitiços* colhidos em nossas seitas religiosas dos negros.

Esse trabalho, que já foi iniciado na Baía por Nina Rodrigues, parece que não teve exito.

Ha, sem duvida, ainda uma desarrazoada pudicice, que nos impede de investigar as coisas dos negros.

A nossa genealogia mestiça impede o progresso dos estudos negro-africanos.

Tudo isso, entretanto, é de um ridiculo incrivel...

Consta que no Recenseamento que anda se fazendo, ha muita mentira nos informes raciais.

E' possivel que sejam verdadeiras essas denuncias, pois, tudo indica que temos o preconceito tolo de esconder o que está aos olhos de toda a gente: a côr.

Esses impecilhos inuteis e injustificaveis explicam a pobreza de dados, que possuimos sobre a arqueologia negro-africana.

E' certo que ainda restam da escravidão inumeros objetos (algemas, carimbos, coleiras, etc.) que estão apodrecendo nas "senzalas" das fazendas antigas e deveriam ser recolhidas a Museu.

Dia virá em que um *libambo* do tempo da escravidão terá um valor de "antiguidade", formidavel.

Seria, portanto, previdente guardar todos esses objetos em lugar apropriado para toda historia morta: um Museu.

Não seria uma apoteose ao passado, infame, mas uma satisfação ás reivindicações sociais obtidas.

A arqueologia negro-africana do Brasil constitue uma tarefa cientifica digna de ser fomentada.

Todos os que estudam o nosso passado e procuram realizar pesquizas eruditas sobre coisas antigas do Brasil, não devem deixar de estudar as nossas "antiguidade" negras com a atenção que reliquias tais oferecem.

Acima dos preconceitos injustificaveis e tolos, deve pairar o amor á sua gente, o que é, talvez, a maneira mais humana de amar.

A Inglaterra, tão ciosa de seu arianismo loiro, possue, ha mais de cem anos, a sua "African Association", de afamada repercussão.

E o Brasil ?

Indicação bibliográfica — *artigo publicado na revista de estudantes* TERRA NATIVA (*.nº I, ano I, Setembro de 1922*) .

Um importante centro de folklore e africanologia

Publicam-se regularmente na Havana os "Archivos del Folk-lore cubano", repositorio interessantissimo das tradições populares da terra que tantos pontos de afinidade tem com o Brasil e principalmente com a zona litoranea brasileira.

Efetivamente, tanto em Cuba como na zona maritima do Brasil, em quasi toda ela, viveram e trabalharam os negros, importados da Africa pelo nefando comercio da escravidão.

O Dr. Fernando Ortiz que é o diretor dos "Archivos" escreveu já entre outras obras de valor um volumoso "Glosario de afro-negrismos" de Cuba, de que tive oportunidade de tratar em dez ou doze artiguetes de critica comparativa, mostrando a similitude e ás vezes as identidades entre o vocabulario africano da ilha e o do Brasil.

Esse estudo aparecerá reproduzido brevemente na "Revista da Academia" para corresponder aos desejos de F. Ortiz que não os pôde lêr completa e convenientemente.

O influxo africano é uma das suas predileções folcloricas ou linguisticas. Agora mesmo, nos "Archivos", ha uma monografia de grande interesse etnografico acerca dos aí chamados "Negros curros".

Em Cuba os negros em grande maioria pertenciam ao povo Yoruba que é o "nagô" (como é mais conhecido na Baía), mas, em geral, os negros africanos falavam dialetos ou linguas do grupo "banta" que compreendia e compreende imprecisamente ainda quasi toda Africa do equador para o sul.

Esses fatos estão a indicar a necessidade de conhecermos a diligencia e o esforço que põem F. Ortiz e seus companheiros no estudo da etnologia geral da sua terra.

Acresce que não é só a questão etnologica a que nos interessa, tambem é digna de nota a contribuição do *folclore* dos brancos e dos mestiços que repetem em variantes curiosas o peculio europeu com algumas irrupções originais.

Em os "Archivos" — que inauguram agora o seu terceiro volume — admite-se e deseja-se a collaboração estrangeira de responsabilidade.

O Dr. Fernando Ortiz é tambem autor de importante "Projeto de Codigo Criminal" e a sua atividade como jurista e filologo ocupa vinte anos fecundos e cheios de labor.

Pareceu-me que seria util dar essas indicações sucintas sobre a personalidade do diretor dos "Archivos" e presidente da "Sociedade de folkloristas cubanos" da qual é ele a "alma" no sentido da que fôra a do licenciado Garcia do romance de Gil Blas.

Efetivamente no ano financeiro da sociedade ele sufragou com o seu bolsinho o "deficit" de 490 dolares...

Indicação bibliografica — *artiguete, sob o titulo* FOLCLORE, *publicado no "Estado de S. Paulo" (29 de Fevereiro de 1928).*

III PARTE

A influencia do elemento negro na linguagem

I — AFRICANISMO EM GERAL.

II — O ELEMENTO NEGRO.

III — AFRICANISMOS E FALSOS AFRICANISMOS.

IV — AFRICANISMOS (Á MARGEM DO "GLOSARIO DE AFRO-NEGRISMOS").

Africanismos em geral

Numero copioso de vocabulos africanos penetraram na lingua portuguesa, especialmente no dominio do Brasil, por efeito das relações estabelecidas com a raça negra.

Do português existem mesmo incultos dialetos africos (1).

Dos *africanismos* que se introduziram na linguagem brasileira, daremos a analise devida (2).

Fóra destas influencias normais, pouca cousa ha que averiguadamente proceda da Africa, salvo raros vocabulos conhecidos da civilização européa:

— *zebra*, quadrupede.

— *baobab*, arvore africana das maiores que existem.

— *zuavo*, nome de tribu *kabyla*, soldado francês do regimento africano composto de indigenas da Algeria (3).

*
* *

(1) — Vide paragráfo adiante deste capitulo.
(2) — Vide o imediato capitulo.
(3) — DICIONARIO GRAMATICAL, art. *Africanismos*, (pag. 18).

Sobre a dialetação do português nas colonias africanas, apenas daremos noticia, para especimen, do dialeto criôlo do Cabo-Verde, seguindo de perto os estudos publicados por Adolfo Coelho no *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisbôa* (1886):

CRIÔLO DE CABO-VERDE

Fonética — As modificações são variadissimas. Os fatos mais notaveis são: a protese do *a*: *ahoje, amujer*. A modificação do ditongo *ão* em *on, an, au*: *curaçan, nau* (não). As permutas *b* em *g*: *gorgoleta,* borboleta. A perda do grupo final *nho*: *vin,* lin, vinho, linho. O *z* muda-se em *ss*: *fassê,* fazer.

Morfologia — Todos os inanimados são masculinos: *un casa*. Não ha flexão de plural: *uns cabelo,* exceto nos diminuitivos: *rapazin, rapazins; cavalin, cavalins*. Os adjetivos quando não são substantivados, só têm a fórma masculina: *un muger preto*. Os verbos têm cinco conjugações em *a, e, i, o* e *u*: *cantá, cumê, durmi, pô, damgû* (desprezar). A quinta em *u,* propriamente creola, tem poucos verbos. O futuro imperfeito é formado com a particula *tâ*: *Tâ ten,* eu terei; *tâ ser,* eu serei, etc.

Nas diversas ilhas muito variam as fórmas dialetais; por isso damos em seguida um trecho vertido na linguagem criôla de diversas partes do arquipelago:

VERSÃO VERNÁCULA

"Um pai tinha dois filhos. Pediu-lhe o mais moço que lhe désse a parte, que podia tocar-lhe da sua herança, e, despedindo-se dele, foi residir numa terra onde gastou em larguezas e vicios da mocidade o quinhão que lhe coubera".

VERSÃO DA ILHA DE SANTIAGO

Era un bês — un pai temba dôs fijo. Quel' más piquinote pidil'pa dâb'el si parte qui al bên tocál'di, si herdança, ê dispidi d'el, ê bá morá n'un têra undê gastâ fêpo na estrabagança di rapás nobo, si parte que tâ quebêl".

VERSÃO DA ILHA DO FOGO

"*Era* un pá qui tinha dôs fijo. Sê côdê pidil' p'el dal'parte qu'el podê tinha de sê herança, el dispidi de sê pá, el bâ mórâ n'un terra, na pundê el gastâ, na strabagancia e bício de mocindade tudo sê herança qu'el tinha recebêdo".

VERSÃO DA ILHA BRAVA

"Un pai temba dôs fijo. Quél'más nôbo pedi sê pai pa dâl'sê parte de herança que podêba tocal', el despedi di sê pai, i el bâ morâ n'un terra dundê el gastâ tudo qu'el temba, cu bicio de mocindade".

VERSÃO DA ILHA DE SANTO ANTÃO

"Un pâ tinha dôs fi. Sê côdê pedile pa dâ-le sê parte qu'el podia tên de s'herança, e depôs qu'el tomâ bençon el bá morâ n'un terra onde el gastâ sen juize e na vice de gente nôve, sê parte que tinha el cabido".

VERSÃO DA ILHA DE BÔA VISTA

"Un pai tinha dôs fije. Aquel'mas nobo pedil' sê parte qu'á tocâb'el de sê ardança, el despedi

d'el e el bâ morâ n'un terra don el gastâ na'strabagança de rapaz sê parte d'ardança".

VERSÃO DA ILHA DE S. NICOLÁU

"Un pai tinha dôs fije. Achel'más nôbe pedile pa dâ-le sê parte que podia tocà-le de sê herdança, e el despedi d'el, e el bâ morâ n'un terra donde el gastâ na strabagança e vice de rapaziada, sê parte que tocâle".

Tais dados foram extraídos e resumidos dos trabalhos de Adolfo Coelho no *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisbôa*, 6.ª serie, 1886.

Vide ainda Schuchardt, *Kreol. Stud.* (4).

(4) — DICIONARIO GRAMATICAL, art. *dialeto*. (Pags. 92-93).

O elemento negro

Sob a denominação de *elemento negro* designamos toda a especie de alterações produzidas na linguagem brasileira por influencia das linguas africanas faladas pelos escravos introduzidos no Brasil.

Essas alterações não são tão superficiais como afirmam alguns estudiosos; ao contrario, são bastante profundas, não só no que diz respeito ao vocabulario mas até ao sistema gramatical do idioma.

A bibliografia do assunto é pouco abundante, se excetuarmos, no Brasil, raros trabalhos do eminente filólogo Macedo Soares (1).

Não é de crêr, porém, que fiquemos estacionarios e indiferentes á solução de tão notaveis problemas.

* * *

(1) — Na *Revista Brasileira*, IV. Seria para desejar que um homem ilustrado como o Snr. Dr. Neves Leão, que fala perfeitamente a lingua *yoruba* (nagô) publicasse alguns estudos sobre a influencia das linguas africanas no Brasil.

A esta nota João Ribeiro na 3ª. edição acrescentou (1906): "Recentemente, ocupa-se de estudos antropologicos da raça negra no Brasil o erudito Dr. Nina Rodrigues".

Conquanto fossem diversas as linguas dos negros que vieram para o Brasil, por falta de documentos especiais, trataremos da influencia, aliás, *extensissima*, do *ambundo*, lingua de Angola e Congo, seguindo os esclarecimento fornecidos por Cannecatim (VOCAB.), Ivens, Padre Dias (GRAM.), Bentley e poucos outros.

* * *

Não convem insistir sobre o que se refere especialmente ao lexico africano no Brasil.

E' cousa sabida que são inumeros os termos daquela origem:

candongas
camondongo
matungo
mataco
malungo
matame
quilo
quibungo
mucunzá
mucama
giló
quibêbe
mandinga
fula
abalá
aberem
calunga
afurá
acassá

carajé
carurú
vatapá
cacambú
calundú
ganzá
batuque
candomblé
cucumbi
molambo
quigombó
birimbau
marimba
mabaça
bóbó

fandango (espada velha, não inteira, reduzido facão).

cafanga (feitiço)
munzuá
mocambo (pifio, sem valor)
tatamba
quengo (concha para sôpa)
kéké, quéqué
binga (cornimboque para tabaco)
cangalhé (objeto velho, ferramenta imprestavel)

quitandê (feijão macassa debulhado)
banguê
chebê (toucinho baixo, ruim, orelha e beiço de porco salgado ou moqueado)

bozô (especie de jogo com uma bola usada nos botequins)

zumbi
zambi
mocotó

tarimba
gambá (2).

Alguns destes vocabulos são locais, e na maioria gerais, conhecidos em todo o Brasil no elemento popular.

*
* *

O sistema gramatical do grupo *bantú*, complicado no que respeita ás divergencias dialetais, é todavia fundamentalmente simples.

Compreende-se porque em uma dada região relativamente pequena — as divergencias sejam tão sensiveis; os póvos barbaros, sem tendencias de unificação, sem relações de simpatia inter-regional, antes inimigos uns dos outros, aceleram cada vez mais a diferenciação entre suas linguas.

Essa cousa é profunda e se acha em atividade por toda a parte. Sirva de exemplo o *dialeto bogotano* que pela sua literatura tem se avantajado na integração propria dos povos espano-americanos.

A quem quer que se ocupe desses estudos, do africanismo, entre os seus fatos gramaticais nota-se o da assimilação ou *simpatia fonica* que vamos desde já analisar.

O *ambundo* tem um sistema de particulas ou antes de elementos pronominais (3) que constituem propriamente o seu aparelho de relação.

---

(2) — Inumeros fornecidos por Valle Cabral, FOLKLORE.
(3) — O processo é tão natural, que existe na familia ariana — onde são as particulas, que em geral representam elementos demonstrativos e pronominais.

Apontemos:

I, ri, ca, qui
A, gi, etc.

Esses elementos são, nas circunstancias, artigos, particulas, relativos, demonstrativos e fazem o liame de quasi todas as aglutinações: especies de orgãos de múltiplas funções, que denotam o estadio inferior do organismo de que fazem parte.

As mencionadas particulas tem entre outras funções:

A) a função de possessivo sobretudo com *i* e *qui*

tataime, *tata-quiami* } meu pai

Daí talvez, na linguagem dos africanos no Brasil, a tendencia analitica:

"A roça de eu", etc.

B) a função de relativo;

C) a função de artigo (*ri* — variante dialetal *ji*) prefixado como o *al* arabe. Ex.:

riala (*iala* — homem)

Este uso é manifesto entre as linguas aglutinantes.

No Bourbon, no francês crioulo, diz-se *une lacase* (uma casa). O artigo *la* ficou aposto inconcientemente ao nome.

A mesma cousa fazemos quando redundantemente aplicamos o artigo vernáculo á maioria dos termos arabes: a alquimia, o assucar, etc.

Em português *loba* é o francê *l'aube*. O proprio francês tem exemplos dessa aposição (Vide Brachet).

Mas é devido a essa função do artigo ambundo que as palavras portuguesas foram transcritas sob diversas fórmas:

jifunête — alfinête
jiguia — agulha
jialagema — algemas
cuarmazen — armazem
jichimbu — chumbo (4).

O inverso deu-se no brasileiro. A palavra "dinheiro" toma indiferentemente as fórmas *bungo* e *jibungo*. Cumpre notar que esse proprio *ji* — é uma caracteristica de plural (5) — isto é — não perdendo a sua categoria de demonstrativo.

D) As outras funções de que se investem os elementos em consideração, não deixaram em nossa lingua vestigios perceptiveis, nem talvez nunca influiram, atentas as diferenças de estrutura das duas linguas.

Os diminutivos formam-se com o prefixo *ca* (*ca-fele, guafila*). Assim: *candeba* de *ca-ndeba* (cabelinho) *caquisassa* de *caqu'issassa*, arvorezinha. (*Quisassa, isassa*. A raiz deve ser necessariamente

(4) — Todos esses vocabulos se encontram no Dicc. *de* Cannecatim.

(5) — Faço esta observação, porque nas velhas gramaticas, escritas sob o ponto de vista do latim, ha sempre confusão de expoente flexional, que não existe nas linguas de amalgama, com os elementos analiticos pronominais.

iza, indicando crescimento, do que encontramos comprovação no verbo *cuisala*, crescer, desenvolver-se).

Desse genero de aglutinação, temos alguns exemplos no dialeto brasileiro, nos diminutivos:

Cacunda, não de macunda, plural de *ricunda*, mas sem duvida do proprio diminutivo *ca-cunda;* nessa como nas demais linguas, o diminutivo tem o valor pejorativo. E assim sucede com o aumentativo.

Camondongo, rato pequeno. Evidentemente contem *ndheng* = pequeno, e o afixo tambem diminutivo *ca*. (Ivens: rato pequeno, *mon-dongo*).

Candongas. No sentido de cousa pequena: palavra de agrado ás crianças:

minhas candongas

Vide a analise antecedente (*ca-ndhenghé*, criança pequena).

Caxinguelê ou *caxingulê*. Exemplo notavel. Elemento central: *jingulo* (ngulo, porco) com o prefixo *ca* diminuitivo. E' uma especie de esquilo. A desviação do acento é comunissima.

Cassula. Usado como composto em Angola. Ivens traz *ca-zulo* (*iazula* ou *quizula*, nú). O filho mais novo, ainda pequeno.

Calombo. E' o exemplo de maior importancia, si se operou, como supomos, uma hibridação de vocabulos. Designa tumores pequenos de sangue pelo corpo. Talvez, como é termo do Brasil, os negros aposessem a *lombo* o seu prefixo diminutivo (6).

(6) — Essa intrusão de elementos de gráu não é exepcional; nós já apresentamos nos Estudos Filologicos o sufixo germani-

O processo de aumentativo é com o prefixo *qui*: *Quitullu*, peitos grandes.

E' interessante a observação que faz o padre Dias sobre a tendencia pejorativa manifestada pela avigoração do *i* em *e* no elemento *qui, que*. Dessa nuança, todavia, nenhum exemplo nos resta, que saibamos.

Quissamba, transformado em *cassamba*, não é diminutivo, pelo contrario. A fórma *samba* (*rissamba*) significa *caneca* ou *balde*, a que se apoz o prefixo aumentativo. O termo *caçamba* tambem designa uma especie de estribos grandes e em fórma de sapatos. De formação analogica.

O exemplo precedente, conquanto unico, é todavia caracteristico.

Outro fato, e de valor bem definido, em relação á semantica — é especialmente o do esquecimento do *numero*. Nessa determinação encontro algumas observações do ilustre brasileiro Macedo Soares (7).

Ma, como *jin* (*txim*) são duas caracteristicas do plural *ambundo;* existem as variantes *mu, bin, bi* e algumas vezes *ban* (Cp. *bantú, ban-atu*, pessoas).

Mas, e essa observação é interessante, Capello e Ivens supõem que *ma, mu* se aplicam de preferencia ás pessoas.

---

co *ock* (*Marocas, Joca, Juca*) e mesmo os patronimicos *Martins* (*Martin-ez*) sufixos góticos; este ultimo mencionado por Diez (GRAM. ROM. SPR.). Os negros admitiram em sua lingua, um grande numero de vocabulos lusos, e aplicaram-lhes os seus processos gramaticais; assim eles conjugam os verbos: *cuçotala, cucendela*, que não são mais que os verbos portuguêses: *açoitar, acender*. Podiam, pois, dizer: *calombo*.

(7) — *Revista Brasileira*, 1880, IV (2.º trimestre).

Nos vocabulos de introdução africana podemos verificar essa influencia (8).

Moganga. Especie de abobora. De *mu* + *canca, ricanca, mucanca*, campo. Os conguêses dizem: *tsassa quiá mucanca* (arvore dos campos). *Mu* é caracteristico do plural.

Mugangas (tregeitos). Contem o expoente *ma* e o substantivo *nguanga* ou *uangas* (feitiços). Os feiticeiros acompanham suas praticas de gesticulações, atitudes e movimentos fisionómicos. No Norte existe ainda o derivado: *monganguento*.

Matáme. A etimologica é um tanto obscura (9). *Matame* exprime enfeitos abertos a ilhozes nas saias, figurando ornatos. Bem pode ser *mutamma* ou *mutamba* (borboleta). Esse modo de expressão é usual e ainda chamamos *percevejo* (inseto), *boas-noites* (flôr), a diversas rendas fabricadas no Brasil.

Milonga, plural ambundo de *mulonga* (palavrada). Usado entre os negros. Foi observado e colhido por Macedo Soares (10).

Mataco, plural de *ri-tacataca* (pl. mataca-taca). Nadegas. Colhido por Macedo Soares. Usa-se tambem sem a fórma reduplicativa *ri-taco, ma-taco* (Ivens, II, in-fine).

A fórma reduplicativa para exprimir a repetição ou duplicidade de cousas, sons, etc., é muito frequente. Temos ainda nesse sentido o onomatopaico *karakaxá, kérékéxé*, analogo aos produtos arianos *tilintar, murmurio, cascata, pipilo*, etc.

---

(8) — Na reação do português sobre o *ambundo* encontram-se vestigios do mesmo plural: *malaranja* (laranjas).

(9) — Macedo Soares propõe (*Revista Brasileira*, 1880, IV), que talvez seja "enfeite", no reino de *Matamba*, da rainha Giuga. A conjectura é fraca.

(10) — *Revista Brasileira*, ibid., pag. 265.

Mucama. Derivado de *macamba,* plural de *camba* (*ricamba*), companheiro. Temos tambem *macamba.* Colhido por Macedo Soares. A palavra tambem está introduzida no Rio da Prata, sob a fórma *mucamba.*

Ha outro aspeto do estudo e quiçá de maior valor intrinseco, por isso que se relaciona ao processo lexico de derivação; a lingua *ambunda,* tem substantivos verbais, que se formam do verbo puro com o afixo *mu* e com as variações correlativas das terminações. Assim, do verbo *longa* (*cu-longa,* ensinar) formam o substantivo derivado *mu-longui* (ensinador, mestre).

Esse processo derivativo deixou vestigios no dialeto brasileiro.

I — *Matungo* ou *mutungo*: cavalo de poucos andares, vagaroso (Rio de Janeiro). A fórma *matungo* é derivada do verbo *cutunco* (parar), a que, aplicado o sistema de derivações nominais, viria o resultado *mu-tungue,* cousa que pára ou que não anda, parador.

II — *Muqueca*: No angolense (*ambundo*) encontra-se o verbo *canca* (*cu-canca,* frigir). Segundo o sistema supramencionado, teriamos o produto nominal *mu-canca* ou *mu-quêque* (11).

De outra parte não encontramos explicação que satisfaça mais cabalmente a essas questões.

Eis, aí, o que sobre vestigios gramaticais do angolense observamos no dialeto brasileiro.

* * *

(11) — *Muqueque* é o produto mais natural. A nasal, como bem observa Grimm, figura em todas as linguas como cartilagem e elemento movel no sistema osteologico e assim desaparece com facilidade: *fractus,* frango, *tactun,* tango.

Observações: I) *Ca* — diminutivo. O *nbundo* possue tambem o que chamam "rato de palmeiras":

"t'chim n'janghelê"

Em todo o caso é evidente a afixação do *ca* diminutivo.

II) *Jin,* artigo. Acrescentemos ainda a palavra *jembé* (Minas): guisado de ervas, etc. E' o nbundo *bembé* (*ji-bembe,* beldroegas conservado com o artigo. Essa mesma palavra passou com o prefixo *qui* (no Norte) em *quibembe,* assimilado por analogia da palavra beber.

III) *Ma,* elemento pluralizador. *Malungo,* companheiro de escravidão: da mesma laia ou ordem social.

Poder-se-á supor um composto de *ma* (caracteristico numerico) e *en'gongo* (gemeo ?). Veja-se a frase:

"Não sou seu malungo"

isto é "não nasci com V., não sou de sua laia", etc.

E' usado no sul e norte.

Macedo Soares assimila ao nome gentilico

Mahungo

a origem de malungo. E' uma conjectura de ocasião, ao que parece.

* * *

E' de notar-se igualmente a reação que o português exerceu a seu turno sobre a lingua africana.

Essa reação afeta a propria gramática com a adoção de certos conectivos e preposições.

A preposição *para* tornou-se *pala*, e diz-se no *ambundo*:

"Zagala *pala* cu-chóca o ji-ngombe".
"Agulhada para ferir os bois".

No Brasil a erva

Maria Gomes ou *Mãe João Gomes*

se diz em alguns lugares, na Baía: "lingua de vaca". Ora, as palavras *Gomes, João Gomes* são evidentemente a tradução falsa de *ji-ngombe* (vaca), e a expressão no ambundo deve ser *kikiji-ngombe* (erva de vaca) ou outra analoga que explique as fórmas *Maria Gomes* e *João Gomes*, etc.

A prova irrefutavel de que a expressão *Gomes* é uma fórma de *ngombe*, vê-se no especimen notado em Minas e Rio:

Mariangombe

para designar a mencionada erva.

Exemplos de vocabulos portuguêses que entraram no africano:

acudir — *cucudila*
abençoar — *cubenzela*
acontecer — *cusucedéla*
acontecimento — *casu*
acender — *cucendéla* (conj.)
açoutar — *cuçotala*
assucar — *suquiri*
admirar — *cupasmala* (conj.)

Forma o reflex. sempre, com o prefixo A:

Agosto — *begiria Agosto* (mês de)
agulha — *gúia* — *jiguia*
agulha pequena — *cagúia* ou *guia cafeli*
aia — *amasséca* (ama sêca)
alegrar — *cuduvertila*
alfinete — *junête, jifunête*
algemas — *gialagema*
algibeira — *jibela*
alho — *jaio*
almoçar — *columnolzala* (conj.)
altecar — *cutemala* (teimar)
primeiro — *pilimelo*
antes — *mupilimelu* ou *qui apilumelu* (primeiro)
armazem — *cuarmazem*.

Esses exemplos são apenas da letra A e acham-se no *Dicionario da lingua Bunda* de Fr. Cannecatim.

E ha mutissimos outros exemplos.

O padre Holman Bentley no seu importante livro *Dictionary and Grammar of the Kongo Language* (London, 1887), na parte do glossario inglês-português (*clok, velvet*, etc.) aponta varias palavras portuguesas adotadas pelos negros do Congo, tais:

lolongi — relogio
vedulu — veludo
ekolado — coral
mansaya — saias
nsampatu — sapato
bandela — bandeira
mbaxi — embaixador, etc.

Sumariamente é que indicamos os fatos para que os estudiosos averigúem, retifiquem e desenvolvam o assunto.

*
* *

Na fonologia de alguns dialetos africanos nota-se a confusão frequente das dentais; explica-se isto pelo costume em algumas tribus, de extraírem (homens e mulheres) os dentes inferiores e limar os de cima profundamente, o que altera a pronuncia.

Fato identico dá-se com os sons labiais entre os botocudos da America, que deformavam os labios (12).

O fato capital que é o caracteristico de todas as linguas do *grupo bantú*, é o que se chama *concordancia aliterativa*.

Os negros do Brasil, quando falam o português, repetem por aliteração a *particula prefixa* inicial em todo o corpo da frase:

"Z'ere z'mandou z'dizê"
Ele mandou dizer.

Este fato é uma reminiscencia da gramatica geral das linguas do *bantú*: a concordancia por aliteração.

Não sabemos que exista vestigio dessa sintaxe na linguagem do Brasil, a não ser na *meia lingua* de africanos que estropiam o português.

Na lingua do Congo ela é normal, como atesta Bentley:

"O matadi mama mampembe mampwena i mau mama twamwene".

"As pedras estas brancas grandes são as que vimos hontem".

Por esse exemplo vê-se que o prefixo *ma*, que aparece no substantivo (*ma-tadi*, pedra) vem obrigatoriamente nos adjetivos, verbos e pronomes que ao substantivo se referem (*mama, ma-mpembe*, etc.). (13)

(12) — Vide Sayce — PRINCIPLES OF COMP. PHILOLOGY, pagina 200.

Indicação bibliográfica: — Tanto este capitulo como o antecedente são passagens do DICIONARIO GRAMATICAL, livro que João Ribeiro publicou ha quarenta e cinco anos, isto é, em 1888-1889 (Rio de Janeiro, Livraria classica de Alves e Comp. Editores).

Por aí se vê claramente como foi ele o precursor dos estudos negro-africanos, junto a Macedo Soares.

Ver-se-á tambem que ele tem sido consultado como fonte, mas quasi sempre esquecido na citação. Haja vista o livro do Sr. Renato Mendonça. Já pelo "Jornal do Comércio" demonstrei documentadamente o que, aqui, fica informado. Leia-se, no apendice, a polemica que mantive com Renato Mendonça.

(13) — Holm. Bentley — GRAMMAR, 527.

AFRICANISMOS E FALSOS AFRICANISMOS

(Etimologias)

Sob este titulo "Africanismos e falsos africanismos" reuni diversas pesquizas etimológicas esparsas do mestre João Ribeiro, de acordo com a ordem alfabética. Afim de esclarecer as fontes bibliográficas escrevo esta nota explicativa com as devidas indicações: *calandú* (A lingua nacional), *cochilar* (idem), *engambelar* (idem), *inhame* (glossario da "Arte de Furtar", ediç. Garnier e o O FABORDÃO) *mal de Loanda* (Fráses feitas), *Mariangome* (Frases feitas), *quilombo* (A lingua nacional), *quitanda* (Curiosidades verbais), *tangomáos* (glossario da Arte de Furtar, ediç. cit., *O Folklore* e Frases feitas), *tua e meia* (Frases feitas), *xará* (A lingua nacional).

J. R.

Calundú

ESTAR COM SEUS CALUNDÚS

E' frase de muito uso no norte do Brasil e diz-se com as variantes: estar de *calundú* estar com *seus calundús,* e abreviadamente *estar de lundú.*

Quer tudo dizer: estar de mau humor, calado, abstrato e sem disposição para atender a quem quer que seja. As pessoas por mais amaveis que sejam têm lá suas horas de *calundú.*

E' uma especie de *spleen* e de neurastenia, plebéia, que do povo negro passou aos brancos.

A frase brasileira de origem africana é já muito antiga, porque no seculo XVII podemos ve-la em Gregorio de Matos.

Os *calundús* que são hoje uma casta de achaques precarios, eram e são no sentido proprio acompanhados de cerimonias supersticiosas, realizadas pelos negros, com dansas e ritual bizarro, qual no-lo descreve aquele poeta seiscentista:

Que de *quilombos que tenho*
Com mestres superlativos,
Nos quaes se ensinam de noite
Os *calundús* e feitiços!

Com devoção os frequentam
Mil sujeitos femininos,
E tambem muitos barbados
Que se prezam de Narcizos.

Ventura, dizem, que buscam...
.....

Não ha mulher desprezada,
Galan desfavorecido,
Que deixe de ir ao *quilombo*
Dançar o seu bocadinho.

E gastam bellas patacas
Com os mestres do cachimbo
Que são todos jubilados
Em depennar taes patinhos.

GREGORIO DE MATOS — Obras, pag. 82.

E tambem se depara com o sentido mais comum de hoje na poesia popular:

Vou criar minhas raivas
Com os meus *calundús*...
Para fazer as coisinhas
Que eu bem quizer.

SILVIO ROMERO — *Cantos pop.* 2.ª ed. pg. 64 (1)

Eis como era o *calundú* na Baía. Um *quilombo* ou ajuntamento de negros, que com feitiçarias atraiam ao seu supersticioso covil os desiludidos e infelizes.

Dois seculos depois, em 1853, em soporifico poema heroi-comico-didatico um prolixo poetastro, o

(1) — Tambem ocorre nos *Estudos sobre a poesia popular* do mesm Silvio Romero, pag. 344. Em nota aos *Cantos* define: *Calundús*, zangas, aborrecimentos, efeitos de *flato*.

Dr. José Ferrari, tambem da Baía, alude ao inveterado costume.

Por jogo d'Afros *calundús*...

ENGENHEIDA, canto VI, pag. 230.

e escreve a seguinte nota assás interessante e que elucida e explica o sentido da palavra *calundú*:

"O que os pretos *nagôs* chamam *Calundú* é um supposto qualquer santo de sua terra natal. Aqueles que dizem sentir em si o *Calundú*, ordinariamente é por molestia conjuncta a descontentamento, imaginação, superstição, etc., que tal presumem. Qualquer molestia physica desconhecida, e sobretudo as affecções moraes, as atribuem ás vezes a *Calundú* que entram em seus corpos. E como os que padecem em seu cativeiro é mais natural que sintam a nostalgia, por isso aqui os mostro dela afetados.

Canto VI, nota 6.

Em verdade o *Kalundú* dos *nagôas* ou jorubas ou o *Kalundú* (plural *Ilundu*) dos angolenses é o deus que governa os destinos do homem (2); é pois para essa entidade sobrenatural que apelam os infelizes e desgraçados cristãos que por vezes se socorrem das superstições dos barbaros e de seus manipansos.

Tristes, nostalgicos, quasi mentecaptos, conversam ás vezes os miseros negros com os seus *calundús*.

Em um livrinho interessante sobre COSTUMES ANGOLENSES, referindo-se ás dansas do *quizombo* que precedem os casamentos, diz Ladislau Batalha que os pretos velhos nestas ocasiões se recolhem silen-

(2) — Veja o *Dicc. Kimbundu-port.* de Cordeiro da Mata, s. v. Kilundu.

ciosos "porque crêm que do recolhimento ao lar provêm a clareza e a solenidade dos pensamentos inspirados pelos *calundús* benevolos" (3).

Baurepaire Rohan no seu vocabulario abona este brasileirismo com a seguinte frase bem significativa:

"Não me importunem hoje, porque *estou de calundú*".

Os pretos, quando *com os calundús*, não falam nem tratam com pessoa alguma. Esse silencio, porém, tem certa razão mistica. Acocorados a um canto de suas choupanas flabelam o ar com o farrapo de uma vassoura, resmoneando e resingando entre dentes palavras incompreensiveis.

Mas, além do *calundú* solitario havia-o solene nos ajuntamentos de pretos (como já o descrevia Gregorio de Matos no seculo XVII), fórma rude do seu culto barbaro.

Como, em geral, as doenças entre negros se originam de espiritos malignos, feitiços, etc., não se ha de estranhar a confusão que eles proprios fazem entre as divindades e os seus males físicos.

Parecida translação semantica deu-se com o vocabulo *quijila* que hoje significa horror, ira, repugnancia, e era como é ainda, a dieta e jejum em certas praticas religiosas dos negros. O negro que está de *kijila*, o *makua-kijila* fica em estado de incomunicabilidade, não fala, não responde. O etnografo Adolfo Bastian estudou essa curiosa cerimonia dos negros.

---

(3) — *Costumes Angolenses*, pag. 51. Veja tambem Baurepareí Rohan. — *Dicc. de vocab. brasileiros*, 28.

Cochilar

A palavra *cochilo* e *cochilar* é um brasileirismo de origem africana. Está muito vulgarizada e traduz exatamente o "dormitat" de Horacio:

"quandoque bonus dormitat Homerus"

que Candido Lusitano trasladou em verso de prosa razoavel:

Toda vez que dormita o bom Homero

O fenomeno da oscitancia, o pestanejar ou piscar e ainda melhor "toscanejar" corresponde ao "dormitare" (que só ocorre uma vez em Horacio e na "Arte poetica"). Ha ainda *"cabecear"* para quem adormece e *"estremunhar"* para quem acorda.

O povo chama de

olhos piloto

ou

olhos de piloto

os que piscam e pestanejam de sono.

Pelo norte do Brasil empregam o gracioso diminutivo

dormindinho

de "dormindo" (ex.: Está dormindinho) na linguagem familiar.

No *Diccionario Portuguez Kimbundu* do medico da armada, J. Pereira de Nascimento, vem *koxila*, dormitar. (1)

(1) — E' esta a origem, o etimo certo. Jacques Raimundo, ao estudar esse vocabulo não apontou a etimologia verdadeira, embora concordasse numa origem negro-africana. Veja-se no meu estudo "A lingua nacional", (na "Revista da Academia de Letras" (Fevereiro, 1934), onde glosando alguns afro-negrismos, esclareço a questão nos devidos termos. (Nota de Joaquim Ribeiro).

Engambelar

Nas linguas de formação mista e recente como as da America civilizada não raro oferecem as palavras, na sua transparencia historica, quando aprofundadas, certo colorido de fantasia e de superstição que lhes emprestam as origens barbaras donde procedem.

Pouco importa a obliteração do sentido consumada pelo tempo, e ainda mais pelo abuso da abstração que é propria dos povos cultos. A sensibilidade intensa das raças primitivas, ainda quando caldeadas pelo cruzamento, não se extingue de todo, e deixa perenes vestigios nas suas transformações inconscientes.

No Brasil, esses *strata* de formação, ainda recentes, facilitam a pesquisa a quem quer que os examine.

Eis um exemplo caracteristico.

Engambelar é um vocabulo que suponho estar hoje inteiramente vulgarizado na porção mais conhecida do Brasil.

Vale o mesmo que enganar, seduzir ou iludir por algum processo secreto ou por meios ocultos, habeis — *Engambelar os tolos; engambelar as crianças. Engambelar com promessas,* etc. são frases em que melhor transparece o uso comum da expressão. Ha

sempre malicia e astucia no *engambelar*. E' uma arte por vezes dificil.

Não é palavra portuguesa e como não está registrada nos glossarios do extremo norte e do sul do país (1) é provavel que a sua area de uso não exceda a região onde se estabeleceram em maior numero as estirpes africanas, importadas pelo trafico.

Baurepaire Rohan registra o termo *engambelar* com o sentido exato de "embelecar, embalar com esperanças vãs, com caricias, com dadivas e outros meios de que se pode tirar proveito para atraír a confiança de alguem".

Define bem o termo, como se vê, mas não lhe descobre a etimologia, a que discretamente não alude.

Desde logo a area de uso conforme fixamos acima, correspondente á do antigo Brasil e da lavoura tropical, e a verificação facil de que a palavra não é indigena nem portuguesa, induzem-nos a acreditar que se trata de vocabulo africano.

Indigena não pode ser; as linguas de indios não tinham, em geral, a articulação e o som l que aparecem na expressão e nas suas variantes: *engabelar, engambelar* e *engrambelar* e derivados.

Instituida a pesquisa do dominio linguistico africano, achamos de fato a verdadeira origem da palavra.

Entre os negros de Loanda (e muitos e numerosos migraram desta região) ha uma especie de

(1) — *Engabelar* ou *engambelar* não figura no vocabulario riograndense (o mais completo) de Romaguera, nem no *Glossario paraense* de Chermont de Miranda. Parece todavia que no extremo-norte tambem se diz *engrambelar*, expressão provavelmente levada das regiões vizinhas, onde a população escrava foi mais numerosa.

adivinhos, espertalhões e astuciosos que enganam os mais parvos: é o *Ng'iimba* (pron. *inguimba*).

Falam com voz aflautada como tomada aos espiritos com que se comunicam. O oficio é rendoso e aqueles velhacos são sempre procurados para a sua arte, como dizem lá de *nguimbular* (2) para descobrir furtos, aventar conselhos ou fazer qualquer adivinhação.

E' claro que eles vão *inguimbulando* os mais parvos e os que cáem na rede varredoira desse embeleco.

E'uma santa ladroeira muito acreditada pelos que têm as bossas tortuosas da crendice do sobrenatural.

O povo negro, todavia, conhece que os oficiais dessas maroteiras não fazem, como os santos de casa, milagres para si proprios.

Assim é que eles dizem num proverbio ceptico que: "os *inguimbas* ou *inguimbuladores* não adivinham para si, nem os *curandeiros* curam as suas proprias doenças".

Ng'imba Ra rimbi, ngamga ie'mbada Ra risaké (3)

A superstição apesar de ser catolica e universal tambem tem os seus herejes.

O *inguimbulador* é artista de canto; procede sempre cantando "com uma voz muito fina e esganiçada", no ato de *nguimbular*.

(2) — Jorge de Lucena numa noticia de Angola: "Sempre que os meus affazeres mo permittiam eu ia assistir ao *ng'imbular* (adivinhar) e nunca me aborrecia de os ouvir". Cf. o. dic. quimbundo de Cordeiro da Mata, 122, s. v.

(3) — No o. cit. de Cordeiro da Mata, 123.

Ora todos estes misterios ambundos e quimbundos vieram com a escravidão para este contra-mar da America.

Não pode haver duvida que o *engambelar* é o mesmo *inguimbular* dos pretos angolenses.

E' provavel que no Brasil, ouvindo os negros o termo *enganar*, logo lhes ocorresse a expressão nativa muito mais energica e compreensivel.

Parece-me que foi principalmente aplicada no trato mimoso das crianças pelas suas amas negras, porque só se *inguimbula* cantando, quando não se canta para *inguimbular* (4).

(4) — O deus ou espirito que revela ou adivinha segredo é em alguns lugares o *Ngombo* por meio do seu servo ou sacerdote e feiticeiro *Mukua-Ngombo*. Tambem se diz *ku-zambula* — adivinhar.

Inhame

Os primeiros autores e até os ultimos que trataram desta expressão não perceberam que é apenas uma voz onomatopaica com que os negros do sul africano sempre designaram a comida ou o alimento por excelencia: *nham'*.

O verbo *nham nham'* significa "comer" e era a voz com que os negros se faziam entendidos quando chegavam no Brasil como em Cuba (veja o *Dic. de voces cubanas* de Pichardo, *loco*).

Na literatura portuguesa a primeira vez que apareceu foi na NAVEGAÇÃO DE LISBÔA Á ILHA DE S. TOMÉ, em 1551, cap. XV, onde se lê:

"A raiz que os indianos da ilha Espanhola chamam *batata*, chamam os negros de S. Tomé *inhame*".

Este trecho se encontra no glossario de palavras das linguas orientais de Dom F. de São Luis. (1)

(1) — Isso escreveu João Ribeiro no glossario anexo á edição da ARTE DE FURTAR, que ele anotou para a Livraria Garnier. No FABORDÃO (1910), porém, comentando a Carta de Pero Vaz de Caminha, onde aparece o vocabulo sob a forma *inhame*, escreveu:

"Vê-se daqui já ser familiar ao menos aos navegantes portuguêses esta palavra africana. *Inhame* ou *nham* significa "comer" e provavelmente é uma onomatopéa. A palavra brasileira é *cará*. Do *nhame* tambem fala a relação anonima de Ramuzio". (O FABORDÃO, pags. 259-260, nota 40).

Não procede, pois, a lição do erudito *Padberg-Drenkpol*, quando na *Revista de Filologia e de Historia* (I, 427-442) supõe ser *inhame* de origem "provavelmente *aruak*". O vocabulo é africano. (Nota de Joaquim Ribeiro).

Mal de Loanda

Nos antigos escritores a denominação do escorbuto ou outra doença tem as fórmas transpostas:

Mal de Loanda

e

Mal de Olanda

e uma e outra vem de *landoa* e *lande* (ingua). E de

má landoa

deriva o epiteto *malandro.*

Malandro = *ma landre* = *má landoa* (ingua) e provavelmente foi tirada de uma imprecação ou praga. Comprova-o o dito do *Entremes de las Esteras* publicado na coleção Rouanet, II, 44:

— "O *mala landre* te de! que no se te á de asconder cosa".

Esse *entremez* passa por ser o mais antigo do genero.

A este sentido *má landre* se juntou o influxo de *mal andar* que exprime a vagabundangem dos malandros.

Na *Farsa del Mundo y Moral* de Herman Lopez de Yanguas diz-se:

No tengo pariente, carillo ni amigo...
Si yo por mis puños no busco remedio
Biviré *malandante*, zagal si abrigo.

Ibid. IV — 401. (1)

(1) — Evidentemente o vocabulo africano *Loanda* apenas acidentalmente colidiu com a frase vernácula.

Reproduzi não só o texto das FRASES FEITAS como ainda a nota suplementar relativa ao etimo de *malandro.*

Essas colisões são comunissimas, principalmente em nossa linguagem, onde diversas correntes linguisticas se chocam e se misturam. (Nota de Joaquim Ribeiro).

Mariangome

No Brasil a erva comestivel "lingua de vaca" tambem se chama "mãe Jan Gomes" e *"Mariangomes"*, influxo do termo quimbundo *ngombe* (boi, vaca). (1)

(1) — Vide o que ficou escrito, a respeito, no capitulo "O ELEMENTO NEGRO desta parte.

O trecho transcrito é uma nota das FRASES FEITAS. Antes de João Ribeiro, o filologo Macedo Soares tratou do caso; João Ribeiro, porém, desenvolveu-o com outros dados. (Nota de Joaquim Ribeiro).

Quilombo

Um fenomeno sempre possivel na dialetação da linguagem culta no Brasil é a confusão de vocabulos africanos e indigenas, oriundos uns e outros das raças submetidas pela conquista e pela escravidão.

Para esse amalgama basta apenas qualquer semelhança ou analogia de forma e de sentido. Daí, a frequente contradição de etimologistas que atribuem a origens, remotamente distintas, palavras que resultaram do encontro fortuito de duas linguas em conflito.

Não está na indole destas paginas esgotar os assuntos, acumular numerosos exemplos, senão indicar as especies gerais em que eles se repartem. E, só por isso, basta-nos estudar um caso.

E' curioso o fenomeno de extensão de sentido que na America adquiriu o vocabulo *quilombo;* no Brasil é uma multidão de negros escravos; no Sul tem o sentido de lupanar e bordel.

A palavra *quilombo* significava entre nós uma especie de republica de negros fugidos á escravidão.

Os *quilombos* por vezes reuniam grande numero de escravos que assim procuravam evitar os rigores do cativeiro. O mais famoso foi o *Quilombo dos*

Palmares que se formou durante as guerras holandesas no seculo XVII.

Já nesse tempo era a palavra usada e vulgar. Qual a sua origem?

Tudo parecia indicar que devia ser africana. Mas não o quiseram assim entender alguns dos nossos etimologistas, que viram num derivado da palavra, *quilombola,* ou *calhambola,* uma deturpação da forma tupí *caanhembora.* Não era, todavia, insensata essa opinião. Ve-lo-emos. Apenas era demasiado exclusiva.

O *caapór* = aquele que vive no mato, entidade demoniaca conhecida dos indios (1), é palavra que nenhuma afinidade tem com o *quilombola,* só aplicavel aos pretos que desertaram da casa dos senhores.

Houve, aqui, uma dessas raras e curiosas fusões de dois vocabulos diferentes. E' evidente que segundo as normas da sufixação vernácula de *quilombo* (asilo) não se poderia derivar *quilombola,* o fugitivo ou asilado nos matos. Nem tão pouco se depara esse modo de derivação na lingua africana donde procede *quilombo.*

Explica-se a forma *quilombola* (de radical banto-africano) pela existencia de outra analoga da lingua tupí. De fato, *canhembora* ou *canhem,* termo já conhecido de Anchieta e das primeiras relações dos conquistadores e missionarios com a raça indiana, significa o fugitivo, o indio que se apartou da sua aldeia ou se extraviou da tribu (2).

---

(1) — Efetivamente existe *caapora* que corresponde a *caipora,* um demonio da floresta, a expressão conhecida no *folclore* brasilico, mas nada tem de comum com *canhembora.*

(2) — Nas tribus do norte *canhemo,* desaparecer, não parece termo geral.

Destarte, a palavra africana recebeu um sufixo verbal-*ora* — proprio da lingua tupí, formando o misto hibrido-*quilombola.* Ou, mais exatamente, a palavra americana *canhembora* pareceu derivada de *quilombo* e tomou as formas conhecidas *calhambóla* e *quilhombóla.*

Outra derivação *quilombeiro,* esta sim, mais regular, portuguesa e vernácula, é usada no interior do Brasil (3).

Ainda hoje em Angola *quilombo* é a paragem, pouso para descansar nas viagens pelo interior africano.

Quilombo no sentido proprio é uma junta, conselho e reunião de negros (4), e os *quilombos* de negros no Brasil eram sociedades predatorias arregimentadas para a defesa comum, analogas á dos antigos bandidos do sul de Italia.

Em outros lugares aqui se chamavam *mocambos* essas sociedades de mateiros e salteadores, porque *mocambo,* lugar das *mucamas,* é sitio reservado, ao que parece, ás mulheres escravas, lugar de gozo sensual (5) e foi por isso que as duas palavras *quilombo* e *mocambo,* de si mesmas diferentes, adquiriram certa afinidade de sentido.

---

(3) — Veja-se a ultima nota deste capitulo.

(4) — Cordeiro da Mata. *Dicc. Kimbundu,* s. v. *Kilombo,* 23.

(5) — *Mucamas* (mulheres africanas) eram as escravas *de cama,* denominação portuguêsa que "passou a lingua de Angola, com o sordido costume dos harens de escravas, introduzido pelos senhores brancos". *Mu-cama* traduz-se literalmente: *na cama* (diz Cordeiro da Mata). Parece-nos objecionavel este modo de ver de pessoa aliás autorizada. Esse costume poligamico era proprio dos negros e não foi importado e nem o foram as palavras que naturalmente o designam.

No Rio da Prata, e em algumas republica sul-americanas, o vocabulo *quilombo* significa lupanar ou bordel:

"*Quilombo* — lupanar. En el Brasil llaman *quilombo* á la habitacion clandestina en un monte ó desierto que servia de efugio á los esclavos fugitivos etc." (6)

Segundo os costumes africanos, as escravas do harem, *mucamas*, vivem em sociedade pacifica e constituem pois uma reunião, ou *quilombo*.

Como quer que seja, nas regiões do sul, a expressão *mujer quilombera* tem o sentido de rameira ou prostituta (7).

Quilombo. Voz brasileña. Sinónimo de burdel ó lupanar y que se ha generalizado con esta acepcion (*que absolutamente não é brasileira*, anotamos aqui) en media America del Sur. En el Brasil llamaban antes *quilombo* al asilo de los negros cimarrones en lo más recóndito del *matto* (monte). El "*quilombo de Palmares*, allá por el siglo XVII, y el de Carlota de Matto Grosso em 1770, son famosos en los anales de la esclavitud por la bravura de los negros y la crueldade de los blancos". (8)

---

(6) — *Vocab. rioplatense* por Daniel Granada, 336.

(7) — Ciro Baio — *Vocab. criollo-español*.

(8) — O mesmo — *Op. cit.* 191. Não nos importa aqui o estudo historico dos *quilombos*, já memorados por Barloeus, Marcgraf e escritores portuguêses e brasileiros do tempo.

Da existencia dos *quilombos* derivou a dos *Capitães do Mato*, sujeitos que com licença do governo podiam andar armados e constituir bandos de caça aos escravos. Ao *capitão-do-mato* cabia, entre outras vantagens, a propriedade das crianças nascidas no *quilombo*.

Derivações: *quilombo*, quilombola, calhambola, canhambora; *mocambo*, amocambar (verbo): no sertão de S. Francisco tambem se diz *quilombeiro* e assim o registra James Wells — *3.000 Miles through Brazil* (II, 161) e define-o como *outlaw* (ibid. II, 383).

Vê-se d'essa nossa exposição de fatos que na região platina a afinidade natural de sentidos entre *mocambo* e *quilombo* (reunião) deu a esse ultimo o sentido que não tinha de ajuntamento ilicito e lugar de costumes torpes.

O sentido proprio de *mucama* é de amasia, concubina. Em uma fabula angolesa, colhida da tradição oral por Xavier Viana, lê-se:

> Todos tres animaes eram solteiros, menos um d'elles, o rato, que tinha uma *mucama* (amante) habitando em uma *cubata*, fóra da casa do seu senhor. (8)

A mucama (*a-kama, mu-kama*) e a mulher *escrava* do negro poligamo, a mulher *livre* é chamada *ki-hungi* ou *mu-kaji*. Mas o costume de ter *mucamas* atingiu as proprias regiões litoraneas e as populações civilizadas de Angola (10).

---

(9) — Do sertão de Libolo. Publicada na *Revista do Minho*, vol. XVIII, pag. 18.

(10) — Veja Heli Chatelain — FOLK TALES OF ANGOLA, pagina 267 sob a nota 176.

Quitanda

O numero *cinco* no lexico ariano difundiu variadas formas hoje esquecidas quanto ao sentido primitivo.

A *quint'essencia*, admitidos os quatros elementos (ar, terra, agua, fogo) era o corpo livre de todas as impurezas elementares — o éter. Parece que não escapou aos antigos romanos essa concepção tanto quanto se póde deduzir da *quinta pars* de que fala Horacio (I, 13) na ode em que diz ter Venus cedido a *quinta parte* do netar divino; mas não era certamente a *quintt'essencia* de Pitagoras nem a dos alquimistas. Alguns interpretes do poeta venusiano (Joh. Bond, entre outros) descobrem naquela *quinta parte* um sentido torpe e obsceno, porque *quinque sunt partes amoris*.

Outra derivação é a *quinta*, propriedade rural em que o rendeiro tinha a quinta parte dos frutos. Essa tributação dos *quintos* tambem foi aplicada á exploração dos metais preciosos.

A palavra

quitanda

de origens obscuras parece pertencer á familia.

Nas legiões romanas estavam os legumes e as munições de boca situados na *via quintana* do acam-

pamento. Daí teria derivado a *cantina* italiana, *cantine* francesa e por facil alteração a *quitanda* portuguesa. Contudo não é liquida a etimologia da palavra que dizem ser proveniente da Africa (1).

(1) — Esta passagem das CURIOSIDADES VERBAIS de João Ribeiro veio destruir o caráter definitivo da origem africana. Não ha duvida que em Angola existe o vocabulo *quitanda;* isso, todavia, não é o bastante, pois H. Chatelain demonstrou que inumeras palavras portuguêsas se acham incorporadas á lingua dos negros, o quimbundo (ex. *Sandu*, por Santo, *kabalu* por cavalo, etc.).

Portanto, é bem possivel que o vocabulo seja latino, português, levado para Angola e de lá trazido para o Brasil. (Nota de Joaquim Ribeiro).

Tangomáos

"Homens ladinos que lhes chamam *pombeiros* e os negros lhes chamam *tangomáos*" (ARTE DE FURTAR).

A expressões

deu-lhe o tangomão
deu-lhe o tangolomão
deu-lhe o tangro mangro

são populares e vivas na tradição. De *tángolo* e *tángano* fez-se a variante *tangro* e desta pela rima *mangro* por analogia de *mangrar* (falhar); assim

dar-lhe o tangomão

indica *caiporismo* (no Brasil), macaca, conjunção de infelicidades.

Em Bento Pereira — PROSODIA — depara-se a forma *tanganhão* para traduzir a latina *mago;* o vocabulo ocorre ainda nas *Ordenações* e em outros documentos.

No suplemento de Bluteau, sob o vocábulo *Tangos mãos,* dá-se este como designativo de raça espuria e mestiçada de portugueses e negros, que existe em estado semi-barbaro no reino de Biguda.

Tangomão designa, geralmente, na Africa o que resgata e compra escravo aos indigenas para revende-los aos europeus.

Nas tradições populares o *Tango mango* figura em muitos romances e poesias anonimas.

No Brasil, o saudoso Manoel de Melo escreveu nas suas NOTAS LEXICOLOGICAS um erudito ensaio sobre o *Tango mango* na literatura e no folclore da lingua portuguesa; não temos, infelizmente, á mão o precioso livrinho daquele glotólogo e bibliografo.

Esta é a versão colhida por Silvio Romero:

Eram nove irmãs numa casa,
Uma foi fazer biscoito;
Deu o tango-lo-mango nela,
Não ficaram senão oito.

Destas oito, meu bem, que ficaram
Uma foi amolar canivete;
Deu o tango-lo-mango nela
Não ficaram senão sete.

Destas sete, meu bem, que ficaram
Uma foi falar francês;
Deu o tango-lo-mango nela,
Não ficaram senão seis

Destas seis, meu bem, que ficaram
Uma foi pelar um pinto;
Deu o tango-lo-mango nela,
Não ficaram senão cinco.

Destas cinco, meu bem, que ficaram
Uma foi para o teatro;
Deu o tango-lo-mango nela,
Não ficaram senão quatro.

Destas quatro, meu bem, que ficaram
Uma casou c'um português;
Deu o tango-lo-mango nela,
Não ficaram senão tres.

Destas tres, meu bem, que ficaram
Uma foi passear nas ruas;
Deu o tango-lo-mango nela,
Não ficaram senão duas.

Destas duas, meu bem, que ficaram
Uma não fez cousa alguma
Deu o tango-lo-mango nela,
Não ficara senão uma.

Essa uma, meu bem, que ficou
Meteu-se a comer feijão;
Deu o tango-lo-mango nela,
Acabou-se a geração.

Uma versão portuguesa está nas TRADIÇÕES POPULARES de Leite de Vasconcelos (pag. 299).

Dei uma explicação desses versos que me pareceram um ensalmo no meu livro *Folklore* (1).

Em conclusão, as formas

tango mao
tango mango
tango mangro
tangomango ou *tangolomango*

(1) — Logo após transcrevo o curioso capitulo de *O Folklore* (sobre um tema de medicina popular), onde, aliás, ha outras variantes verbais.

podem referir a uma só primitiva. Não parece porém ser o caso para

tanganhão

registrada na PROSODIA de Bento Pereira; é provavel que este vocabulo (e o feminino *tanganheira,* que é o que Moraes registra) tambem seja africano.

E achei-te taganheiro

com o sentido de negro de pouco preço por doente ou defeituoso, se lê em Chiado (*Obras,* pag. 192, ed. *anotada,* de A. Pimentel).

Por lapso, registrou Moraes o *tanganhão* de Bento Pereira no vocabulo *tangomao,* donde deve ser excluido; deu-se provavelmente um erro de copia.

. . . . . .

SOBRE UM TEMA DE MEDICINA POPULAR (2)

As pessoas que por mera curiosidade estudam as nossas crendices, sortilegios, ensalmos e métodos de cura empregados pelo povo, não podem, se acaso possuem o espirito de generalização, por um facil algebrismo deixar de reduzir a congerie de fatos a certos principios essenciais.

Os processos dessas superstições populares fundam-se em fraudes ingenuas, em combinações verbais, como já vimos, ou em atribuição de prestigio e milagres a certas formulas que são logo aceitas pela sua mesma simplicidade de expressão.

(2) — Capitulo do livro O FOLKLORE de João Ribeiro, ao qual se aludiu no verbete anterior.

Destas quatro, meu bem, que ficaram
Uma casou c'um português;
Deu o tango-lo-mango nela,
Não ficaram senão tres.

Destas tres, meu bem, que ficaram
Uma foi passear nas ruas;
Deu o tango-lo-mango nela,
Não ficaram senão duas.

Destas duas, meu bem, que ficaram
Uma não fez cousa alguma
Deu o tango-lo-mango nela,
Não ficara senão uma.

Essa uma, meu bem, que ficou
Meteu-se a comer feijão;
Deu o tango-lo-mango nela,
Acabou-se a geração.

Uma versão portuguesa está nas TRADIÇÕES POPULARES de Leite de Vasconcelos (pag. 299).

Dei uma explicação desses versos que me pareceram um ensalmo no meu livro *Folklore* (1).

Em conclusão, as formas

tango mao
tango mango
tango mangro
trangomango ou *tangolomango*

(1) — Logo após transcrevo o curioso capitulo de *O Folklore* (sobre um tema de medicina popular), onde, aliás, ha outras variantes verbais.

podem referir a uma só primitiva. Não parece porém ser o caso para

tanganhão

registrada na PROSODIA de Bento Pereira; é provavel que este vocabulo (e o feminino *tanganheira,* que é o que Moraes registra) tambem seja africano.

E achei-te taganheiro

com o sentido de negro de pouco preço por doente ou defeituoso, se lê em Chiado (*Obras,* pag. 192, ed. *anotada,* de A. Pimentel).

Por lapso, registrou Moraes o *tanganhão* de Bento Pereira no vocabulo *tangomao,* donde deve ser excluido; deu-se provavelmente um erro de copia.

. . . . . .

SOBRE UM TEMA DE MEDICINA POPULAR (2)

As pessoas que por mera curiosidade estudam as nossas crendices, sortilegios, ensalmos e métodos de cura empregados pelo povo, não podem, se acaso possuem o espirito de generalização, por um facil algebrismo deixar de reduzir a congerie de fatos a certos principios essenciais.

Os processos dessas superstições populares fundam-se em fraudes ingenuas, em combinações verbais, como já vimos, ou em atribuição de prestigio e milagres a certas formulas que são logo aceitas pela sua mesma simplicidade de expressão.

(2) — Capitulo do livro O FOLKLORE de João Ribeiro, ao qual se aludiu no verbete anterior.

As superstições nessa especie são numerosas. Não temos aqui lugar para mais que uma indicação sumaria de algumas delas que reclamariam maior desenvolvimento; a *antropometria* milagrosa, isto é, a fita e medida das imagens de santos; a crença de que o contacto de certas familias reais (os *Bourbons* de França, os *Stuarts* da Inglaterra) podia curar varias enfermidades; a transplantação de doenças humanas para arvores, etc.

Terei ocasião possivel de examinar alguns desses fundamentos da terapeutica vulgar. Não tratarei agora senão de um deles que se liga ao prestigio do *numero decrescente* ou *do sentido inverso.*

Era natural que se formasse nos espiritos incultos, por toda a parte, esse respeito ao *numero.* Os proprios filósofos e sabios como Pitágoras, atribuiam-lhe grandes misterios, quanto mais o povo. Muitos fatos cosmicos e sucessos humanos, que certos numeros recordam ainda, ficaram na imaginação popular: os *sete* planetas antigos, os *doze* apostolos, os *treze* comensais da Sagrada Ceia, dos quais um havia de em breve morrer, etc., etc.

Mas o prestigio dos numeros, assim como o das formulas da magia e o das orações, ganha virtudes sobrenaturais quando são invertidos. E' que numeros e nomes designam as cousas sinteticamente; e a subtração ou inversão deles equivale á destruição dos objetos que representam.

O *Credo,* por exemplo, rezado ás avessas é, na tradição popular, uma oração fortissima capaz de domar qualquer das forças da natureza, amansar cobras ou expelir demonios. Os *numeros invertidos,* isto é, em ordem decrescente, constituem um método de exorcismos destruidores.

Conheci na minha infancia um curandeiro famoso, o *Antonio das Cobras,* como lhe chamavam

nas feiras (pois era um domador de serpentes), o qual sabia rezar *em cruz, atravessado* e *ás avessas* o Padre Nosso ou a Ave Maria, entremeiando-os de numeros decrescentes *seis, cinco, quatro, tres...,* que me pareciam então singulares despropositos de um mentecapto. Fazia isto parte de sua cabala mistica. Mas governava-o uma tradição popular antiga que lhe ditava as palavras, e como todo homem primitivo, ele tinha mais a consciencia da especie que a de si proprio. O seu povo, que não ele, era quem lhe inspirava os seus métodos.

Ha uma cantiga infantil de John Brown que psalmodeia este rito:

Ten little, *nine* little, *eight* little
Seven little, *six* little indian boys...

E na Inglaterra certas formulas e ensalmos contra a mordedura de viboras recitam-se em numeros descrescentes. Põem-se sobre a ferida uns pausinhos de aveleira (*hazel*) em cruz e reza-se:

Underneath this hazelin mote
There is a braggoty worm
(Debaixo destes pausinhos de avelã
Está um bicho fanfarrão...)

E em seguida:

Nine double is he
Now from *nine* double to *eight* double
And from *eight* to *seven* double
.....to *six* .....
.....to *five*
.....
.....
.....to one...
No double hath he (1).

(1) — Publicado por H. Feilberg, tomo IV, 385; dá mesmo a indicação da cantiga de J. Brown publ. por Ch. Leland no *Journal of American Folklore,* II, 113, que não conhecíamos.

O interessante, porém, destes curiosos documentos é a concordancia que revelam com alguns fatos congeneres do nosso folclore brasileiro.

Na alma do Antonio das Cobras vivia subconsciente e esquecida uma outra alma maior e mais antiga a cujo imperio se não podia furtar. Os seus numeros invertidos eram daquela especie que outrora regia o mundo — *Numerus regit orbem*.

O nosso povo invariavelmente aplica-o nos esconjuros, ensalmos e na cura de varias pestilencias. E mais ou menos degenerada existe essa crença por toda a parte.

Na cura da *bicheira do gado*, o vaqueiro, de longe, sem ver acaso a rez, concentra-se profundamente, benze-se e lança o seu ensalmo:

Mão que comeis,
A Deus não louvais,
E nesta bicheira
Não comereis mais
Has de ir caminho de dez em dez
de nove em nove
de oito em oito
de sete em sete
de seis em seis
de cinco em cinco
de quatro em quatro
de tres em tres
de dois em dois
de um em um
E nesta bicheira
Não ficará nenhum. (1)

Procede-se assim, regressivamente, até a extinção dos numeros. As pessoas interessadas rezam tres Padres Nossos e tres Ave Marias; algumas têm

(1) — Foi colhida e registrada no CANCIONEIRO DO NORTE, de Rodrigues de Carvalho, pags. XXVI-XXVII.

conseguido ver durante a operação cairem todos os bichos. O ensalmo é oferecido cabalisticamente ás *cinco chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo*. Este é o tratamento da bicheira nas vaquejadas do Ceará e por onde não ha o mercurio.

No tratamento das inguas adota-se o mesmo sistema de cura. Outro dos nossos ilustres *folcloristas* colheu uma versão do Ceará nestes termos:

"Para curar *ingua* não ha como o doente deitar-se ao chão e com a perna apontar as ripas da casa (de telha vã), dizendo: *cinco, quatro, tres, duas, uma: ingua nenhuma*". (1)

Vê-se que é o mesmo processo da *extirpação verbal* de que outros povos nos dão numerosos exemplos no tratamento de varias doenças. Os alemães do sul (e na Bosnia) curam a ostealgia (*knochenschmerz*) por identico sistema dizendo:

"Esta doença tem *nove olhos*, tiro-lhe um, ficam oito; tiro-lhe outro, ficam sete, etc." (e assim até a extinção).

"Dieses Leiben hat nein Augen, ziehe eins ab, bleiben *acht;* ziehe eins ab, bleiden *sieben* u. s. w."

Na Prussia oriental assim tambem se esconjura outra doença:

(1) — Barão de Studart. USOS E SUPERSTIÇÕES CEARENSES na "Revista da Academia Cearense" (XV, 1910, pag. 49). A redação contem um leve engano na disposição dos numeros, que corrigi no texto. O Barão de Studart infelizmente não concluiu a sua interessante contribuição, de que só existe a *Primeira parte*. A correção que fizemos está da acordo com a redação da variante publicada por outro folclorista: *"Tres, duas, uma ingua nenhuma"*, na "Revista da Academia Brasileira", III, 10, pagina 242. Compara-se no mesmo lugar ao ensalmo contra as verrugas: *La vão 2, em cima de 1, pena, verruga, ao pé de um.*

Du hast den Fussparr *siebenmal*
Nein nicht *siebenmal, sechsmal*
Nein nicht *sechsmal, fünfmal*
u. s. w. (2).

Não necessita ter á mão os paralelismos mais proximos, do italiano ou do espanhol, que viriam plenamente confirmar a universalidade desta crendice nos povos do ocidente. Mas bastam os documentos da tradição nacional, nos usos singelos do povo.

De resto, a crença nos povos latinos se evidencia por uma formula de encantação antiga, aplicada como curativo na resolução de glandulas e tumores:

Novemglandulae sorores...
Novem fiunt glandulae,
Octo fiunt glandulae
Septem fiunt...
.....
.....
Una fit glandula
Nulla fit glandula
Pater Norter! Ave Maria!

Esta formula de Marcellus Burdigalensis pode ser considerada como uma das mais antigas na especie, pois data do seculo V da nossa era e foi publicada por Jacob Grimm.

Damo-la, pois, como o antecedente mais antigo e mais nobre da mezinha popular da *bicheira* dos nossos sertões. E bem se vê, as suas origens devem perder-se na civilização greco-romana, ainda que não tenhamos, por enquanto, documentos mais remotos.

---

(2) — *Um Krankeits Beschwörungen* do Dr. Max Bartels, no *Z. f. Volkskunde*, V, 1-40.

E sempre, nestas formulas de cura impera o mesmo sentido, o da extinção verbal pelos numeros.

E' ainda talvez um eco longinquo desta superstição a crença de que contar o dinheiro que se tem, empobrece.

Como, por vezes, sucede nestes ensalmos ha absoluta inconsciencia de aplicação. Transforma-se em *flatus vocis* mero, numa cantiga ou numa parlenda. Repete-se a formula, sem referi-la ao seu objeto e ás suas virtudes mirificas.

Foi o que sucedeu, entre nós, á chamada parlenda do *tangolomango*. Ela ainda é repetida, mas sem ponto e sem materia, como se fôra uma frivola cantiga.

Examinando-a, porém, em sua textura intima, o folclorista de alguma argucia verá que não passa de um *ensalmo*, que se decompoz e que se explica restituindo-o ás suas origens.

Examinemo-lo. Diz assim:

Era uma vez *dez* meninas
Metidas dentro de um pote
Deu o *tangolomango nelas*
Não ficaram senão *nove*.

Desta *nove* que ficaram
Deram em comer biscoito,
Deu o *tangolomango* nelas ..
Não ficaram senão oito.

E assim progressivamente vai diminuindo o numero das *meninas*, até que desaparecem:

Mas um só que ficara
Não teve agua nem, pão
Deu o *tangolomango* nela
E acabou-se a geração.

O *tangolomango* será um demonio ou uma obscura força destrutiva, que dizima e aniquila os sêres até a sua total eversão.

Ninguem sabe se é beneficio, sortilegio, bruxaria ou exorcismo. Mas tem todos os caracteres da *formula regressiva* da oração curatriz com que saram as inguas, as postemas e as bicheiras.

E' um *ensalmo* que se decompoz e errou e perdeu, com a obliteração de seu objeto proprio, a categoria e a especie a que pertencia.

Os versos citados pertencem a uma variante, entre muitissimas outras, existentes aqui e na Europa, Manoel de Melo (na REVISTA BRASILEIRA e em *separata*) coligiu um grande numero de exemplos. Sobre o *Tangolomango* escreveu Theophilo Braga no POVO PORTUGUÊS (II, 175). Ha variantes colhidas por Silvio Romero nos seus CANTOS, por Leite de Vasconcellos nas TRADIÇÕES POPULARES e outros. Nas anotações com que glosei o texto da ARTE DE FURTAR (ed. Garnier) tratei da expressão *tangomao* e *tangolomango* como sentido que tem no Brasil e já assaz distanciado das origens provaveis do vocabulo.

Este sentido translato já encontramos em Gregorio de Matos, o primeiro dos nossos escritores (seculo XVII) que a meu parecer emprega a expressão, um pouco deturpada sob a forma *tangarumanga*:

Mas não posso sofrer
Que um *tangarumanga*
Use de pendanga
Com lingua asneirona...

Esta em uma das suas poesias fesceninas sob o titulo e moto — *Forro minha...*

Parece ser, pois, um vocabulo popular e conhecido no Brasil desde aquele tempo.

E' muito aproveitavel e vem a proposito a reflexão que em extensa nota do seu FOLKLORE PERNAMBUCANO (pags. 527-529) inclue Pereira da Costa, conjecturando que o *Tangolomango* deve referir-se a uma "enfermidade, doença ou epidemia".

Julgamo-lo antes o remedio, fazendo-o entrar na especie dos ensalmos por *numero decrescente*, aplicavel sobretudo a doenças multiplaras, erupções, tumores, inguas e quejandas. E' possivel que se refira á *avaria* por certas circunstancias que concentram e agrupam a prole.

Uma mãe pariu dez filhas
Todas dentro de um pote

ou *dentro de um fole* (versão pernambucana e portuguesa) e pela origem equivoca, qual se vê da variante da *Revista do Minho* (pag. 142) *ad evitandam prolem*:

Eu casei-me com uma velha
Por causa da filharada
Mas a maldita da velha
Deu-me dez de uma ninhada.

Qualquer que seja o sentido oculto ou declarado das quadrinhas populares, elas inculcam evidentemente os caracteres de um sortilegio, como as suas congeneres que acabamos de analisar. E' possivel que a expressão *tangolomango* ou *mangro* sejam reliquias de uma formula barbara, latina, perdida: *tango*, eu toco; *mangro*, eu malogro ou destrúo.

Fica este caso obscuro para o exame dos etimologistas; mas se são acertadas as nossas reflexões, o *tangolomango* não pode ser mais incluido na classe das cantigas. E' uma oração e ensalmo. (1)

(1) — João Ribeiro, O FOLKLORE.

"O *tango-lo-mango* sempre se supoz palavra africana que passou a Portugal e que no continente negro com a forma *tangomão* designa o que resgatava e comprava escravos aos regulos de Africa para os revender aos traficantes da costa.

Na poesia popular o *tango mango* e *trango-mango* é a desgraça e simboliza a morte:

Deu-lhe o *tango-mango* nelas
Acabou-se a geração.

O *tangomango* arrebata a presa como o pombeiro dos desertos africanos.

O vocabulo é antigo e figura nas *Ordenações*, na ARTE DE FURTAR (vide glossario da ed. Garnier) e em outros lugares.

No CANCIONEIRO GERAL de Rezende (III, 155, ed. de Stuttgart) lê-se em uma trova de Nuno Pereira:

Aver-me-ey por *tengomengo*
Se m'eu non guabo per myn.

Foi esta forma *tengomengo* e a mais vulgar *tangolomango* que me levaram a tinar, se em verdade atinei, com a origem verdadeira.

Tangano, assim como *tango*, é palavra castelhana (e talvez portuguesa) que designa um jogo especial que consiste conforme o define o lexicógrafo Monlau:

"en poner en el suelo un hueso ó canto con una ó mas moneda encima y en tirar con tejos para derribarlas, ganando el jugador que tiene mas cerca de ellas su tejo".

As moedas encima do osso estão sempre mui pouco firmes (e daí o *en taganillas*) e com qualquer movimento cáem.

Provavelmente a expressão resulta como de um dos dialogos que são de regra no jogo:

— Tangano ! (como se dissera: *ponho*) e *Mango* (sim, quero) (1). Ha outros jogos com denominação dupla *Raspe-tire* (popular) *perde-ganha*, etc. (2).

Confirmam a conjectura as poesias populares em que figura o *tangolomango*. Em todas elas se representam pessoas numerosas que são, como as moedas de jogo, sucessivamente abocanhadas, até não ficar nenhuma, pelo *tangolomango*.

O *tangolomango* é um molosso terrivel, um deus ou um inimigo devorador, como o *tangomão* da escravidão africana.

Tambem é possivel considerar na locução do CANCIONEIRO GERAL as duas fórmas verbais *tengo* (tenho) e *mengo* (falta-me; mingua). Ainda assim creio que se trata de jogo ou coisa que a tal pareça".

Ainda nas FRASES FEITAS (I serie), nas notas suplementares, acrescenta:

"Palavra composta e semelhante a esta é o *dingolodangos* como está em Quevedo no CUENTO DE CUENTOS:

"Ella se resolvió en decirla para qué eran tantos arremuescos y *dingolodangos*", isto é, tantos afagos e movimentos de carinho. Parece indicar por onomatopeia o som de campainhas. Ha outras variantes indicadas por Manoel de Melo — NOTAS LEXICOLOGICAS.

---

(1) — *Estar de manga, pegar de manga* — concordar. Em português *de mangas* com alguem.

(2) — A forma *mangrar* que, ás vezes, ocorre na locução (*tango-mangro*) significa corromper-se morrer.

Carolina Michaëlis apontou um exemplo de *tengomengo* que ocorre no CANCIONEIRO de Rezende e que se deve juntar ao que aleguei no texto:

> arisco goso corrido,
> saro rravalco, mostrengo,
> nam ha mais num bexodido
> casy casy *tengo mengo*.
> I, 207.

embora não tentasse explicar a locução, foi todavia quem primeiro indicou o texto mais antigo — circunstancia que ignorei até o escrever desta nota. Cf. *Revista lusitana*, I, 1". (2)

---

(2) — João Ribeiro, FRASES FEITAS (I serie). Todos esses materiais coligidos fartamente por João Ribeiro, que os estudou sob diversos aspetos, nos levam seguramente a conclusão de que o vocabulo ou melhor a expressão *tangolomango* formou-se na peninsula, porém, mais tarde, com o advento do expansionismo português na Africa, soffreu o contagio das linguas negro-africanas (*tangomão* e *tango* são vocabulos africanos; sobre este ultimo um africanólogo argentino Vicente Rossi, COSAS DE NEGRO, esclareceu a origem).

Não são raras, aliás, essas colisões, sobretudo facilitada pelo homonimia e pela sugestão verbal, fato que só modernamente tem se dado a atenção que merece. Vide o meu estudo "A geografia linguistica" (in "Revista da Academia de Letras").

Uma tuta e mêa

A *tuta e mêa* é a paga insignificante que se deve por pequenos serviços e não ha lingua mais rica nessas liberalidades fracionarias e nesses belhões e miudos monetarios que a nossa: *gajes, gorjeta, saguates, luvas, revoras, percalços* (1).

Mas, a *tuta e mêa* é quasi nada, e é lembrada exatamente no momento em que não convem declarar o preço e não afrontar o freguês:

— "Custa uma *tuta e mêa*".

Convem refletir em que a *tuta e mêa* é a despeza que acresce á principal.

— "O cavalo custa um conto de réis, e os arreios uma *tuta e mêa*.

---

(1) — Algumas destas expressões são notaveis: *percalço*, queria dizer ganho ou vantagem e hoje significa onus e espinho; a *luva* parece uma especie de oposição a *meias*, que é a metade dos lucros nos contratos e é curiosa a aproximação dos dois termos no ANATOMICO Jocoso, atribuido a Fr. Lucas de Santas Catarina:

"Com uns iam de *meias* e a outros levavam de *luvas;* com uns ajustavam contas com extremo...

(Pa. 16 (da edic. cit.).

— "A missa é tanto ou quanto, e ao sacristão dá-se, aí, uma *tuta e mêa*".

Este ultimo exemplo é a primeira fonte ao meu parecer, donde derivou a locução. A *tuta e mêa* é a esportula sempre menor do sacristão e é um latinorio *macarroneiado* das primeiras palavras do sacrista no oficio da missa.

Efetivamente o padre diz ao subir os degraus do altar:

— *Introibo ad altarem Dei.*

Ao que responde o sacristão engrolando e só dizendo claras como de costume as ultimas silabas:

— *Ad Deum qui lœtificat juven*TUTEM MEAM.

A letra única que se percebe do rosnar do acolito é o *tutem meam.*

Tambem é o que lhes pagam. Custa uma *tutem meam* ou uma *tuta e mêa.*

Gonçalves Viana nas suas magnificas APOSTILAS, II, 514 diz que a locução deriva de

uma macuta e meia

Macuta é uma moeda africana que corre na Africa ocidental e de infimo valor.

Essa etimologia não me parece aceitavel. Poder-se-ia dizer *"uma macuta"*, moeda aliás desconhecida em Portugal e no Brasil; mas é inexplicavel que se diga *"macuta e meia"*.

Do latim da missa, conforme já mencionamos, tomou o povo varias expressões como *pax vobis, codório* (*quod ore sumpsimus...*) *quadore* nas ENFERMIDADES DA LINGUA.

E' inexplicavel, dissemos acima, porque a fração na gramatica popular dá mais intensidade a todos os valores: *volta e meia* vale mais que duas ou tres voltas; *pedaço de asno,* mais que asno inteiro; *macuta e meia* significaria para cima de algumas macutas, com a intenção de aumentar e não diminuir o valor.

Em Simão Machado:

— Tem esta cal muita areia
Não liga de muito forte
— Geitai-lhe mais *Tanga e meia*
COMEDIAS, 91

Tanga é moeda, e tambem medida e aqui a frase tem o sentido de *Jeitai-lhe muito mais* ou *o que baste.* E' nesse sentido de "tanto quanto seja preciso" dado pela fração que dizem os proverbios: *"A velhaco, velhaco e meio,* etc.".

Notemos, de passagem, que assim como a enfase na gramatica popular, dá á fração um valor maior que o da unidade, tambem empresta a *tudo* o sentido de parte menor ou menos importante:

"Com mentiras e tudo".
"Os ladrões levaram os dinheiros e tudo"

onde *tudo* é o menos, o restante que pouco vale:

"Os diligentes são como as gaivotas, levam tripas e tudo".

AULEGRAFIA, 91 v.

Alguns fatos da gramatica popular acham-se estudados no belo livro de Julio Moreira, neste mo-

mento inedito, e cuja primeiras folhas apenas impressas me foram comunicadas gentilmente pelo autor, e pelo editor A. M. Teixeira, de Lisbôa. (2)

(2) — A exegése etimologica de João Ribeiro é a verdadeira. A conjetura de Gonçalves Viana não resiste á contestação. Além dos argumentos invocados, a fonetica repudia tambem a aceitação.

A admitir uma hipotese de que *tuta e méa* se refere á moeda, é muito mais logico supor *tuta* como corruptela de *tusta*, que, no Brasil, é uma variante popular do vocabulo *Tostão* (que se pronuncia: *Tustão*). Todavia a exegése de João Ribeiro é muito mais sugestiva e merece, de fato, se aceita definitivamente.

Não se trata, pois, de um afro-negrismo. (Nota de Joaquim Ribeiro).

Xará

E' curioso saber-se que a palavra brasileira *xará* foi introduzida em Loanda pelos negros migrados do Brasil e lá é conhecida sob a fórma

xalá

consentanea com a prosodia do quimbundo.

Os negros dessa região possuem o termo proprio que é

Sandu

no ambundo derivado do português *Santo;* pois que os nomes são tirados do calendario catolico e as crianças que nascem no mesmo dia têm o mesmo *nome* e *santo* e são consideradas parentes, irmãos ou primos, segundo H. Chatelain (FOLK-TALES). (1)

(1) — Conviria registar este caso (unico talvez?) da migração de um vocábulo tupí-guaraní para a Africa. Embora não se trate de um afro-negrismo, está relacionado com a lingua dos negros. (Nota de Joaquim Ribeiro).

A' margem do "Glossario de Afro-negrismos"

Africanismos (1)

Falta estudar no Brasil um numero infinito de cousas da natureza e do homem.

Do homem que seria para todos nós de incalculavel interesse, faltam os dados mais elementares de estudo.

O brasileiro é um tipo incerto e indefinido. Sabemos que ha uma triplice origem da raça, pois que é ela, de modo geral, uma descendencia mesclada do indio, do negro e do homem branco.

Um terror secreto nos faz todos brancos, e esse mesmo pavor nos inhibe da preocupação do indio e principalmente do negro.

Só o tempo poderá dar-nos a perspectiva da imparcialidade.

Na era da independencia não acariciavamos senão o orgulho da estirpe indiana: os Souzas e os Silvas mazombos ou mulatos crismaram-se *Utinguaçús* e *Paramopamas*...

Os Pereiras, lançando a barra mais longe, fizeram-se *Montezumas* e *Guatimozins*.

---

(1) — Breves comentarios ao GLOSSARIO DE AFRÓ-NEGRISMOS do eminente sabio cubano Fernando Ortiz; saíram no "Jornal do Brasil" e foram reunidos na *Revista da Academia Brasileira de Letras*. (Junho — 1929).

Não é provavel que haja uma idade aurea dos pretos, nem qualquer veleidade cafrial no futuro. Como quer que seja, uma das grandes falhas no estudo do homem brasileiro, sob seus aspectos antropologicos e etnicos, está no desdem pelo negro.

Foram, todavia, numerosos os negros desde o inicio da colonização do Brasil, nas suas migrações forçadas pelo trafico da escravidão.

Desfeita essa macula, cumpria estuda-la, objetivamente, sem o rancor nem a misericordia do escravagismo ou do abolicionismo.

Fomos, no entanto, de uma mudez inqualificavel a respeito da raça que fertilizou as terras, criou as primeiras culturas, com o suor e sangue de milhões de homens.

Que sabemos dos negros? Quasi nada. Temos um numero consideravel de vocabulos africanos que entraram para a nossa lingua na America: termos de cozinha, de agricultura, da vida domestica e da literatura popular.

Um ou outro estudioso, raro, espaçadamente, deu mostras de interesse pelas cousas africanas que se familiarizaram no Brasil. Citemos os estudos de Nina Rodrigues que faziam prenunciar uma obra de maior vulto. Lembremos ainda o carinho com que Macedo Soares colheu inumeras palavras, procurando explica-las pelas origens e costumes africanos; Manuel Quirino e Braz do Amaral. Por minha parte, em certo momento, busquei informação dessa ardua materia e ouvi os ensinamentos que me dera o saudoso Dr. Theophilo das Neves Leão, que havia sido amamentado por uma mucama e sabia e falava a lingua yoruba ou nagô.

O nosso romancista Xavier Marques, no seu formoso romance O Feiticeiro descreve as praticas e superstições dos negros, tão vivazes ainda dentre as camadas populares da Baía.

E ha ainda Melo Morais, nas festas e tradições, na literatura e no folclore conhecido.

Tudo isto reunido parece indicar a necessidade de trabalho mais completo e sistematico das raças africanas e do seu influxo na vida e na alma brasileira.

Foi assim pensando que me aconteceu entrar em relações intelectuais com um sabio cubano, o Dr. Fernando Ortiz, que desde muitos anos se consagrou ao estudo da influencia negra.

A ilha de Cuba está exatamente no mesmo caso do Brasil colonial.

Os negros importados para a agricultura tropical e para os serviços domesticos, criaram situações identicas, cujo paralelismo desperta exame proveitoso ao estudo da civilização ocidental.

Correspondendo a essa curiosidade recebi do ilustre investigador cubano o seu volumoso Glossario de afro-negrismos de Cuba.

Pretendo informar aos leitores acerca do texto desse livro e apontar um ou outro vocabulo comum, de interesse para ambos os povos.

Um africanismo ideologico

O Dr. Fernando Ortiz não é apenas um sabedor exclusivista das questões de linguagem, é tambem um folclorista de amplos recursos, e por isso mesmo dá toda amplitude ás suas anotações, o que sobremaneira ameniza suas disquisições filologicas.

Tratando de africanismos sabe ver, além dos vocabulos, os costumes e usanças dos povos e das raças que contribuiram para o lexico.

O espirito é que alimenta as formas grosseiras e materiais das palavras.

Quero dar aqui um exemplo que tambem nos interessa e nos mostra a extensão e a agudeza da sua critica.

O vocabulo

Mãe

não é um africanismo, nem ele diz tal a respeito dessa expressão tão latina e familiar *mãe, madre, mater.*

Mas acrescenta, os espano-americanos (e tambem ajuntamos os brasileiros), não querem que se aluda a esse vocabulo tão divinamente extremecido entre todos os povos cultos.

E' bem a verdade. Não só em Cuba. Aqui, no Brasil, as gazetas costumam substituir o admiravel nome de

Mãe

pelo epiteto de

progenitora

como, aliás, se pode constatar numa ligeira leitura das secções mundanas dos nossos jornais.

"A *progenitora* de fulano ou sicrano", é um modo honesto de referencias entre os escribas do jornalismo.

A gíria pejorativa estragou o nome que infelizmente anda associado á falta de respeito e á impudicicia insolente dos malcriados.

Porque ? E' dificil dize-lo com exatidão. Fernando Ortiz atribue essa repugnancia ao influxo dos negros.

Entre essa gente barbara, promiscua e poligamica, que só conhece a ascendencia matrilineal, não ha insulto possivel contra os pais, sempre ignotos, e só ás mães é que se endereçam todas as afrontas.

Os pretos mandingas que, numerosos, foram trazidos á America, quando descompõem os brancos, costumam apoda-los de homens "sem mãe", com o vocabulo injurioso *tobaubo,* que diz isso mesmo.

Em Cuba (como se parece ao Brasil !) se acaso fala uma pessoa em *mãe,* a que ouve grita logo: — Passo !

E esse termo que tambem é do nosso linguajar, indica a recusa que faz o jogador quando golpeia a mesa, abstendo-se de entrar no jogo.

Hoje, entre nós, — *passo* — é uma negativa formal no dialogo.

Na Argentina não é decente falar em — *su madre* ou *tu padre.*

Um dicionarista argentino diz que aquela expressão resume uma frase ofensiva: *tu madre... no compra pollos.*

Assim o vejo no vocabulario de Garzon.

Fernando Ortiz cita outra fonte nos termos seguintes: — "Moner Sans, referindo-se á Argentina, escreveu: "si a algun paisano le dicen "su madre" contestará rapidamente y como ofendido: La suya, amigo".

Eis aqui o caso com as sugestões do glossarista cubano.

Virá realmente dos africanos, da frase de matriarcado da familia negra, esse escrupulo tão supersticioso e tão exagerado do respeito ás mães, que enxerga em qualquer alusão ao mais belo de todos os nomes uma profanação hedionda ?

Custa-me crêr e custa-me aceitar a explicação; ela, porém, versa sobre um fato verdadeiro e ninguem lhe pode negar a sutileza ao argumentador.

E' certo que entre os negros ocidentais e do sul da Africa, as familias se perpetuam pela *linha materna.* Não ha outra paternidade que a da agnação,

isto é, dos tios. E realmente entre os escravizadores os negros velhos são chamados *tios* e só ás vezes *pai*. *"Uncle Thomas"*, impropriamente se tem traduzido — *"Pai Tomas"* — no titulo do famoso romance norte-americano.

No Haiti um viajante que escreveu sobre o espirito e a sabedoria dos Haitianos (*the wit and wisdom of the Haitians*) relata o proverbio negro:

"Tang ou pancor passé la riviére prin garde ou jouré maman caiman".

"Enquanto não atravessares o rio não digas mal da mãi do jacaré".

E', pois, um afronegrismo, ideologico, já se entende, essa repugnancia pelo emprego da palavra *mãe*.

Negro-arabismos (2)

As linguas dos negros importados pelo trafico, ainda que diversas, mostram grande afinidade e semelhança, pois, que quasi todas pertencem ao mesmo grupo etnico chamado *bantu*, que abrange quasi toda a area africana do equador para o sul. (3)

Além dessa afinidade de parentesco natural, todas elas sofreram forte influxo dos *arabes* que dominaram o norte e leste do continente negro, e sempre mantiveram relações de comercio, de propaganda da civilização islamica e da civilização mourisca.

---

(2) — Embora não tenha João Ribeiro intitulado as diversas partes de seus comentarios, ousei, todavia faze-lo.

(3) — As linguas sudanêsas, etc., influiram quasi nada no Brasil. A tese do predominio das linguas bantús é perfeitamente razoavel.

Daí o consideravel numero de palavras arabicas que os negros trouxeram para a America, além de plantas, como o *tabaco* e a *mandioca*, que até ha pouco tempo julgavam cousas da America; e até para eles se inventaram etimologia no tupí ou nas linguas americanas.

Um vocabulo curioso dessa procedencia é assaz conhecido no norte do Brasil, o termo — *anaguas* — que designa o que chamamos *saias* no sul, roupa branca de sob os vestidos das mulheres.

Em varios pontos da America aparece sob a forma um pouco alterada de — *naguas* —, circunstancia que logo autorizou a origem latina (de *natica*, de que aliás deriva *nadegas*).

As — *anaguas* ou *enaguas* — foram usadas na Espanha e Portugal, depois da conquista da America. Em Portugal o termo aparece tardiamente nos versos burlescos e gongoricos da Academia dos Singulares no seculo XVII.

Tudo parece confirmar o itinerario do vocabulo: da gente arabe para os negros, dos negros para a America, e da America para o sul da Europa. Só a peninsula iberica registra essa expressão, aliás de uso muito escasso.

A Academia espanhola ainda registra o vocabulo, dizendo-o mexicano.

Realmente, entre os tributos da Nova-Espanha aos primeiros conquistadores, contavam-se varios tecidos, camisas e *naguas*, afora outras preciosidades de maior preço.

Wiener demonstrou a origem do uso e do vocabulo adotado pelos negros mandingas (*lagba*, e *nagba* e *nagua*), cujo sentido primitivo era o de "pano higienico" de uso entre as mulheres daquela nação. Os mandingas foram em grande numero introduzidos na America e o proprio nome desse povo

(*mandinga*) tambem se perpetuou como sinonimo de feitiçaria.

Os mandingas habitavam a mesopotamia do Senegal e do Niger: raça inteligente e civilizada pelo contato dos musulmanos; e houve no Brasil, como em Cuba, negros mandingas que sabiam escrever na sua propria lingua.

A ciencia deles fazia-os temiveis, mesmo entre os brancos mais supersticiosos, que acreditavam ter esses *mandingas* algum pacto com o diabo.

Falei, acima, de um erudito americano, Wiener, Leo Wiener, filologo de Harward, um dos conhecedores mais profundos das cousas africanas.

Envergonho-me de verificar que no Brasil ninguem ouviu falar desse grande sabio, que se mostra informado de tantas cousas americanas e brasileiras.

E aposto cem contra um, que não ha um só brasileiro que o conheça e nem ha uma só das nossas bibliotecas que o tenha nas suas estantes, que andam a arrebentar sob o peso formidavel das frivolidades literarias. (3)

Pois bem. Esse Léo Wiener, contra a opinião geral, que conheço, dos nossos americanistas, diz que a tão malsinada e quotidiana *mandioca* foi introduzida pelos negros; a palavra (registro com certo espanto) não é tupi nem americana; é um arabismo dos negros, pelo uso e pela expressão.

Um dos nossos sociologos, explica o Brasil pela farinha de mandioca, inclusive provavelmente a ousada sociologia do explicador.

Com a exegése de Léo Wiener ha um "diminutio capitis" dessa filosofia nacional...

---

(3) — Nosso Museu Nacional, certamente, está fóra da disputa.

A' margem de um texto folclorico

Observação de outra ordem cabe-me fazer a respeito da palavra

cachimbo.

A etimologia, que é arabe, indica ser a planta do opio (extensiva ao tabaco e á *diamba* dos negros).

O nome "*cachimbo*", que é designativo da planta embora não conhecida com essa aplicação, faz-me recordar uns versinhos do nosso folclore que, talvez, assim pareçam mais inteligiveis:

Amanhã é sabado
Pé de quiabo
Depois é domingo
Pé de cachimbo, etc.

Com as origens que Wiener e Ortiz assinalam a *cachimbo,* por minha vez entendo que os versos do nosso folclore possivelmente evidenciem o sentido originario da expressão, que designaria uma planta. (4)

Isso, porém, não passa de conjectura facil e graciosa.

---

(4) — João Ribeiro no livro O FOLKLORE estudou minuciosamente essa parlenda e comunica que o notavel folclorista português *Oscar de Pratt* opina da seguinte maneira:

"Pode ser que *pé de cachimbo* de todas as variantes, que conheço em Portugal, da parlenda, se deva entender *pede cachimbo*".

Agora, com o esclarecimento etimólogico do vocábulo *cachimbo,* a exegése feita por João Ribeiro em comentario ao livro de Ortiz pode ser considerada definitiva. (Nota de Joaquim Ribeiro).

Pontos de diferença entre Cuba e Brasil

Os africanismos ou *afro-negrismos* de Cuba (essa é a expressão adotada por Fernando Ortiz (5) oferecem ensejo a comparações inesperadas que revelam em si proprias o sentido historico das correntes da imigração negra.

Muitas das nações, vitimas do trafico das Antilhas, eram naturalmente as mesmas do nefando comercio do Brasil; outras, porém, acusam correntes diversas, explicaveis pelo quasi monopolio exercido pelas feitorias e caravanas portuguesas.

Quando o trafico se tornou mais dificil pela ação emancipacionista dos ingleses que ocuparam a costa equatorial e Serra Leôa, certas nações africanas deixaram de vir para a America a não ser pelo contrabando e pirataria dos mais ousados negreiros.

Os proprios ingleses só se fizeram abolicionistas depois de traficarem secularmente nos mesmos mares onde estabeleceram o cruzeiro das suas frotas em perseguição da infamia.

Daquela divergencia de correntes imigratorias resultou a diversidade das linguas e dialetos africanos transplantados.

Desta arte encontramos em Cuba expressões africanas que não entraram no Brasil; e outras cá familiares são lá inteiramente desconhecidas. Exemplifiquemos dois desses casos assáz curiosos. Sucede ás vezes que certas frutas nascem aos pares, unidas, o que não é raro nas bananas.

---

(5) — No Brasil geralmente se emprega *africanismo;* nos Estados Unidos *negrismo*. Fernando Ortiz prefere dizer *afro-negrismo*, que é, sem duvida, mais precisa, embora ainda não muito vulgar.

Os cubanos denominam — frutas *jimagua* — e essa voz, originaria do Congo, equivale a *gemeos*.

Não sei se existe expressão tal no Brasil; nunca a notei. Ha, porém, uma forma que poderia explicar-se pela mesma raiz conguesa — *mjimba* — que deu a derivação *jimagua* da ilha de Cuba. E' a que suponho corrente na Baía sob a fórma assáz diferente de *mambaça*.

Xavier Marques, no seu romance O FEITICEIRO fala dos dous santos *mambaças*, S. Cosme e S. Damião, como se dissesse: os santos gemeos e inseparaveis.

Em geral, para os frutos (dous) que nascem e crescem pegados, aplicamos o epiteto erudito de *inconhos*.

Assim o diz Tobias Barreto nos versos a uma beldade cujos seios lhe pareciam

.... inconhos jambos
De algum celeste pomar.

Seria excessivo, sem maiores explicações (em que aliás são ferteis os linguistas) aparentar as duas fórmas: *jimagua* e *manbaça* — que suponho pertencer a dialetos diferentes.

Por outra parte, ha vocabulos africanos no Brasil, em não pequeno número, que falham no linguajar de Cuba.

Um deles, e que se podia esperar, é
quizila ou *quijilia*
com os verbos *quizilar* e *enquijilar*, que todos os brasileiros conhecem sem todavia compreender o sentido proprio da palavra.

A *quizila* entre os africanos é uma especie de concentração de espirito, pratica religiosa a que se

entregam certos negros, não permitindo eles que nessas ocasiões de retiro espiritual os interrompam ou perturbem.

No dia de *quizila* o negro não fala, nem atende a pessoa alguma, tal a gravidade da cerimonia.

Temos o termo *quizila* com o sentido de *zanga* ou aborrecimento proprio dos momentos de incomunicabilidade.

Não descobri no exaustivo livro de Ortiz, salvo erro, vestigio dessa palavra ou desse costume. (6)

(6) — Devo declarar que não foi seguida a mesma ordem desses commentarios, quando publicados na *Revista da Academia de Letras* (Julho — 1929). Aliás saíram esparsamente na imprensa, conforme alude João Ribeiro, no artigo "Um importante centro de folclore e africanologia" (Joaquim Ribeiro).

APENDICE

I — Historia dos Afro-Negrismos da Lingua Portuguesa (Critica a Jacques Raymundo).

II — Adivinhas Negro-Africanas.

III — Polemica com Renato Mendonça.

Historia dos afro-negrismos da lingua portuguêsa (1)

A historia da introdução dos afro-negrismos na lingua portuguêsa não é tão simples como póde, á primeira vista, parecer.

A geografia linguistica, abrindo novos horizontes á ciencia da linguagem e trazendo-a para a realidade dos fatos, preparou o terreno para curiosas pesquizas na lingua portuguêsa, ainda não estudada em muitos dos seus aspectos.

A influencia do elemento negro-africano no idioma vernáculo sómente, agora, principiou a ser estudada como era de desejar.

E' certo que ha algumas contribuições esparsas, mas fragmentarias e, não raro, inçadas de erros e falhas lamentaveis.

Poucas são, na verdade, as contribuições bôas a respeito.

Indiscutivelmente o mais entendido nessas coisas afro-negras foi, sem duvida, o grande Nina Ro-

---

(1) Artigo publicado no *Jornal do Comercio* de 8 de Outubro de 1933.

drigues, porém, a sua contribuição apesar de bem alicerçada, no aspeto estritamente filológico, nem sempre deve ser aceita.

Nina Rodrigues não era um filólogo no verdadeiro sentido da palavra. Estava (não ha duvida) bem informado das linguas negro-africanas (1), mas não possuia agudeza para apanhar e dissecar os fatos linguisticos, tão complexos e obscuros ao primeiro exame. Certamente ninguem poderá contestar que ele sómente se embrenhou na filologia afro-negra como consequencia e remate de seus estudos antropológicos e etnográficos sobre o negro do Brasil.

Como sabio que era, não errou muito, mas acertou pouco.

A obra de Nina Rodrigues, principalmente sob o ponto de vista filologico, merece ser completamente renovada.

Já alhures salientei que o africanólogo patricio Artur Ramos estava realizando, sob criterio moderno, essa obra benemerita.

Todavia o trabalho de Artur Ramos não se cinge ao campo filologico. E', aí, que outro estudioso dessas questões negras e linguista de pôlpa, Jacques Raimundo, com discreção singular, vem empreendendo igualmente a desejada renovação.

E', pois, com aplausos gerais que deve ser recebido o admiravel livro do filólogo suggestivamente intitulado *"O elemento afro-negro na lingua portuguêsa"*, porque, na verdade, este ensaio é a primeira e a melhor contribuição especializada que se

(1) Antes de escrever Os AFRICANOS NO BRASIL Nina Rodrigues consultou o filólogo João Ribeiro, que lhe forneceu dados.

publica tanto em Portugal como no Brasil sobre tão importante assunto.

A historia da penetração dos afro-negrismos no português constitue um problema dificultoso, e, nem mesmo Jacques Raimundo, que, com esta obra, se tornou a maior autoridade no assunto — quiz esboçar um quadro geral dos multiplos caminhos por onde se infiltraram os afro-negrismos, assimilados por nosso idioma.

Esses multiplos caminhos, entretanto, merecem ser explanados para que se possa ter uma idéa exata da realidade linguistica da influencia dos idiomas negro-africanos sobre a nossa lingua.

Sem a explanação desses diversos atalhos não se poderá ainda ter a vista panoramica, a sintese dos variados aspetos dessa sugestiva questão.

Na falta de qualquer tentativa a respeito não nos intimida (com a ousada caracteristica de nautas imprevidentes) traçar para estudo e seguinte quadro geral.

I — Afro-negrismos introduzidos nas linguas classicas e por estas transmitidas ao português (via indireta).

II — Afro-negrismos trazidos pelo arabe ao português (via indireta).

III — Afro-negrismos adquiridos pelo português, em consequencia do contato direto com os negros d'Africa, desde o século XV (via direta).

IV — Afro-negrismos trazidos diretamente do português falado no Brasil pela escravaria (via direta).

V — Afro-negrismos de introdução recente, por influencia de linguas faladas por póvos, que, como o Brasil, sofreram tambem colonização negra (por exemplo: o inglês falado pelos norte-americanos).

VI — Afro-negrismos trazidos á America em epoca pre-colombiana, segundo a curiosa hipotese do sabio africanólogo Léo Wiener, e transmitidos ao português por influxo dos aborigenes americanos.

Claro está que esse quadro, por suas vastas proporções, abrange toda uma serie de problemas linguisticos, alguns dos quais ainda não solucionados definitivamente.

Como ainda entre nós não se fez nenhum estudo de sintese a respeito tentamos, a seguir, sem querer estuda-los exaustivamente, expor um rapido e ligeiro esboço sobre cada um desses caminhos percorridos pelos afro-negrismos nas suas variadas migrações através do tempo e das regiões geograficas por onde se espraiaram.

Procuramos esclarecer cada caso trazendo pelo menos um exemplo sugestivo.

E' desnecessario frisar que essa brevissima "historia dos afro-negrismos da lingua portuguêsa", apenas visa ser mero comentario ao valioso livro de Jacques Raimundo, que poderia ter ventilado essa questão, se o quizesse, com a competencia e autoridade que nos faltam.

I

Qual o primeiro afro-negrismo, que migrou da Africa para outro continente ?

Certamente paira um misterio a respeito.

Porventura as linguas classicas não assimilaram nenhum afro-negrismo na Antiguidade ?

E' razoavel supôr algum contato dos antigos com os negros da Africa ?

E'. Provavelmente essa assimilação foi rarissima, mas possivel.

Do contato dos antigos, nas suas expedições, com os negros, ninguem o duvida. Autores gregos e latinos em diversas passagens se referem a esse contato, que nada tem de conjectural.

Resta, entretanto, saber se desse contato houve assimilação de algum afro-negrismo.

De fato no celebre "periplo de Hannon", segundo se constata, houve a aquisição, talvez, do primeiro afro-negrismo penetrado na Europa, tal é o vocabulo *gorilla,* que é, sem duvida, africano. Pelo menos o eminente filólogo inglês Walter Skeat informa:

"In the Periplus of Hanno, near the end, som creatures are described, which the interpreters called *gorillas*" (2).

E' bem certo, entretanto, que o vocabulo *gorilla,* sem embargo de antigo, sómente seculos depois, foi revivido pelas linguas modernas, através do texto grego.

Jacques Raimundo não o regista. Ora, justamente por seu curioso romance, esse vocabulo merecia acolhida no seu valioso ensaio.

Seria esse, entretanto, o unico afro-negrismo da Antiguidade ?

Creio que não.

Os cartaginêses, á beira do continente negro, sendo como eram, viajantes e comerciantes, deveriam ter assimilado de suas relações com os negros africanos muitos outros vocabulos, e é bem possivel conjecturar que alguns deles levaram á propria peninsula iberica onde, durante muito tempo, colonizaram. Entretanto se da lingua punica nada ficou,

---

(2) — SKEAT, A concise etymological dictionary of English language.

o que restaria dos raros afro-negrismos por ela assimilado?

Tudo isso, todavia, não passa de méra conjectura.

II

Ha ainda outra via indireta por onde a lingua portuguêsa recebeu anterior á colonização da Africa alguns vocábulos negro-africanos: o arabe.

Hoje em dia ninguem põe mais em duvida a possibilidade da lingua arabica ter sido veículo de afro-negrismos não só para o espanhol como para o português.

Muito antes dos portugueses terem feito o periplo da Africa em busca do almejado caminho para as Indias, já os arabes haviam realizado a conquista de grande parte da Africa.

E' de mister frisar que essa conquista arabica difere fundamentalmente da conquista portuguêsa, que foi exclusivamente uma conquista maritima, costeira, por assim dizer, *periférica*.

Os arabes, ao contrario, penetraram na Africa pelo sertão, em contato com as numerosas tribus do "hinterland", contaminando-as com os seus ritos e usanças como tambem, por inevitavel consequencia, sofrendo das mesmas influencias de toda ordem, principalmente influencia vocabular.

Com a expansão do elemento arabe na peninsula iberica os afro-negrismos encontraram para lá caminho aberto.

Assim, por exemplo, o vocabulo antigo da lingua

almadia

com que os portuguêses designavam outrora a "jangada", nada mais é do que um afro-negrismo levado ao português por intermedio da lingua arabica.

Já o sabio filólogo e folclorista Fernando Ortiz, entendedor profundo das linguas negro-africanas, no seu admiravel e monumental GLOSSARIO DE AFRO-NEGRISMOS, obra sem par na literatura espano-americana, estudou esse vocábulo minuciosamente e chegou á conclusão positiva de que *almadia* é vocábulo negro introduzido no arabe.

Até o seculo XVI o vocábulo *almadia* era vulgar, tanto assim que aparece varias vezes na carta de Pero Vaas de Caminha. Hoje está obsoleto.

Poderiamos citar outros exemplos, passiveis de igual explicação, como, por exemplo, *cachimbo* e *cacimba*, ambos, todavia, ainda não esclarecidos definitivamente. Basta, entretanto, o exemplo atrás mencionado para demonstrar categoricamente a existencia de uma corrente de afro-negrismos através do elemento arabe.

III

Só com o advento das navegações, a lingua portuguêsa começou a sofrer a influencia direta das linguas afro-negras.

Mesmo anterior á colonização do Brasil já o idioma português havia assimilado diversos afro-negrismos por via direta.

Tanto isso é verdade que podemos citar o vocábulo

inhame

nome de certo vegetal, como exemplo bem a proposito. Este vocábulo, indiscutivelmente de origem africana, já fazia parte do patrimonio vocabular da lingua no século XV.

Na carta de Pero Vaas de Caminha (que é documento do século quinze) já se fala em *inhame*.

Os afro-negrismos, então, são numerosos e aparecem ás mancheias nos livros e nas crónicas dos descobrimentos nauticos.

No seculo XV já havia negros africanos em Portugal.

Nas primeiras décadas do seculo XVI Gil Vicente retrata em varios autos o linguajar, a algaravia dos negros que falavam o português.

Jacques Raimundo, aliás, baseado nos textos vicentinos, estuda sabiamente as corruptelas linguisticas dessa geringonça.

E' curiosissimo e de real importancia esse estudo sobre a fonetica, a morfologia, o lexico e a sintaxe desse linguajar crioulo.

Só divergimos do eminente filólogo quanto á exegese do vocábulo

caralasão

que aparece na boca do negro do auto CLERIGO DA BEIRA do Plauto português.

Jacques Raimundo, acerca dessa palavra evidentemente obscura, faz a seguinte interpretação:

"*Caralasão*: caso interessante de aglutinação, após a qual se operou a metatese já apontada (*qual a razão*); deve-se tambem registar que está empregado substantivamente: *hum caralasão*".

Esta exegese nos parece arrevezada e artificial. Ora, vejamos o texto vicentino. Assim fala o negro:

.....

Jesu, Jesu, *Deoso consabrado*
Aramá *tanta* ladrão
Jesu! Jesu! hum *caralasão*
Furnando só sapatado
Jesu! *cralasan*.

.....

Nesse trecho se registam duas variantes: *caralasão* e *cralasan*.

A nosso ver o vocabulo, que Jacques Raimundo interpreta por "*qual a razão*" (expressão empregada substantivadamente) não passa de méra expressão da Igreja.

Caralasão nos parece a expressão sacra:

Kirie eleison

das ladainhas, que o povo ainda hoje corrompe em:

Kirie eleisão

Desta maneira o texto de Gil Vicente deve ser reconstituido da seguinte forma:

Jesu, Jesu Deus consagrado
Aramá tanto ladrão
Jesu! Jesu! Um "Kirie eleison"!
Fernando está espantado!
Jesus! Kirie eleison!

E' esta a nossa opinião oriunda de uma analise demorada do contexto do auto.

Suponho que não foi Gil Vicente o mais antigo observador do linguajar crioulo; pois, no CANCIONEIRO GERAL de Garcia Rezende ha um dialogo em que aparece uma preta guinéa falando na mesma algaravia. Ora, o CANCIONEIRO GERAL é anterior aos autos de Gil Vicente em que se registra a mencionada geringonça.

IV

Mais tarde com o descobrimento e colonização do Brasil surge uma nova corrente de afro-negrismos, que sem passar em Portugal, vai opulentar o

Os afro-negrismos, então, são numerosos e aparecem ás mancheias nos livros e nas crónicas dos descobrimentos nauticos.

No seculo XV já havia negros africanos em Portugal.

Nas primeiras décadas do seculo XVI Gil Vicente retrata em varios autos o linguajar, a algaravia dos negros que falavam o português.

Jacques Raimundo, aliás, baseado nos textos vicentinos, estuda sabiamente as corruptelas linguisticas dessa geringonça.

E' curiosissimo e de real importancia esse estudo sobre a fonetica, a morfologia, o lexico e a sintaxe desse linguajar crioulo.

Só divergimos do eminente filólogo quanto á exegese do vocábulo

caralasão

que aparece na boca do negro do auto CLERIGO DA BEIRA do Plauto português.

Jacques Raimundo, acerca dessa palavra evidentemente obscura, faz a seguinte interpretação:

"*Caralasão*: caso interessante de aglutinação, após a qual se operou a metatese já apontada (*qual a razão*); deve-se tambem registar que está empregado substantivamente: *hum caralasão*".

Esta exegese nos parece arrevezada e artificial. Ora, vejamos o texto vicentino. Assim fala o negro:

.....

Jesu, Jesu, *Deoso consabrado*
Aramá *tanta* ladrão
Jesu! Jesu! hum *caralasão*
Furunando sá sapatado
Jesu! *cralasan*.
.....

Nesse trecho se registam duas variantes: *caralasão* e *cralasan*.

A nosso ver o vocabulo, que Jacques Raimundo interpreta por "*qual a razão*" (expressão empregada substantivadamente) não passa de méra expressão da Igreja.

Caralasão nos parece a expressão sacra:

Kirie eleison

das ladainhas, que o povo ainda hoje corrompe em:

Kirie eleisão

Desta maneira o texto de Gil Vicente deve ser reconstituido da seguinte forma:

Jesu, Jesu Deus consagrado
Aramá tanto ladrão
Jesu! Jesu! Um "Kirie eleison"!
Fernando está espantado!
Jesus! Kirie eleison!

E' esta a nossa opinião oriunda de uma analise demorada do contexto do auto.

Suponho que não foi Gil Vicente o mais antigo observador do linguajar crioulo; pois, no CANCIONEIRO GERAL de Garcia Rezende ha um dialogo em que aparece uma preta guinéa falando na mesma algaravia. Ora, o CANCIONEIRO GERAL é anterior aos autos de Gil Vicente em que se regista a mencionada geringonça.

IV

Mais tarde com o descobrimento e colonização do Brasil surge uma nova corrente de afro-negrismos, que sem passar em Portugal, vai opulentar o

lexico do português falado no Brasil. Isso, aliás, facilmente se explica porque a escravaria negra trazida para o Brasil vinha diretamente da Africa para as fazendas e mercados de escravos da antiga colonia.

Entre os nossos chamados "brasileirismos" ha inumeros afro-negrismos.

De preferencia Jacques Raimundo os estuda no seu magnifico ensaio, esclarecendo as etimologias, até então, em grande parte, ainda não explicadas. Sem ser intencionalmente exaustivo nos dá uma farta messe de exemplos.

Certamente num ou noutro ponto nos afastamos da explicação dada pelo eminente filólogo, o que, aliás, é rarissimo.

A respeito do etimo, por exemplo, do vocabulo

Monjolo

não estamos de acordo com Jacques Raimundo. E' que ele contestando uma suposta origem asiatica sugerida por Dalgado, liga o vocabulo "Monjolo" ao nome dos negros "Monjolos", que segundo informa, habitavam a Contra-Costa. Porém ha engano. Não ha negros *Monjolos*. O que ha é uma tribu de negros *Monjofos* (e não *Monjolos*).

O vocabulo Monjolo significa certa "máquina agricola" e "bezerrinho".

Ora, a nosso ver, a segunda acepção (bezerrinho) deve ser a mais antiga e só depois passou a se dar o nome á máquina por um processo semantico muito comum de nomear certas máquinas com nomes de animais (por exemplo: *ariete* de *aries*, carneiro; *testudo*, nome da tartaruga e dos escudos usados pelos romanos; *mosquete* de *muscatus*, nome

de certo gavião; *colubrina, falcão, falconête*, etc.) (3).

Da acepção de "bezerrinho" é que se vai ao verdadeiro etimo do vocabulo "monjolo", que nada mais é do que *munj* (do verbo *munjir*, do latim *mulgere*) + o sufixo *olo* (variante de *ulo* de *casulo*) que aparece em *criôlo, Manôlo* (diminutivo de Manoel), etc.

Portanto acreditamos que "Monjolo" é palavra portuguêsa, latina, e nada apresenta de afro-negra nem de asiatica.

Poucas vezes, entretanto, divergimos do ilustre filólogo, que trouxe uma preciosa contribuição de etimologias até hoje obscuras e desconhecidas, contestando, por vezes, origens até então tidas por definitivas.

V

Ainda ha uma outra corrente de afro-negrismos para o nosso idioma.

Muitos deles foram introduzidos por influencia de linguas que, por sua vez, sofreram influencia da escravatura negra.

Tais vocábulos afro-negros são, entre nós, de introdução recente, oriundas justamente de relações internacionais só incrementadas ha um século atrás, depois da independencia de nossa patria.

Temos como exemplo desse caso o vocábulo

bungalow

que recebemos dos norte-americanos e nada mais é do que um vocabulo hibrido formado de *bunga*

(3) Vide João Ribeiro, CURIOSIDADES VERBAIS, onde se trata dessa questão da semantica vernácula.

(que na lingua dos negros significa "casa") e *low* (palavra inglesa que significa "baixo"). O bungalow ou como já se escreve o *bangalô* é justamente a casa baixa, de estilo moderno. E' opinião de F. Ortiz.

De igual natureza é o vocabulo:

tango

nome de certa dansa muito popular nos paizes platinos. Importamo-la da Argentina. Ora, Vicente Rossi, eminente pesquizador de COSAS DE NEGROS sustenta que "tango" é palavra de origem africana. E assim poderiamos citar muitos outros vocábulos de igual procedencia.

VI

Ha ainda uma corrente *hipotetica* e curiosissima de afro-negrismos.

Claro está que não poderiamos deixar de nos referir á ousada hipotese do sabio africanólogo Léo Wiener que admite migrações negras na America do Sul e Antilhas em epocas anteriores ao descobimento de Colombo.

Tais migrações negras pre-colombinanas não passam, é certo, do dominio da hipotese e, como tal, merecem detido exame.

Os argumentos de Wiener até certo ponto são razoaveis e merecem, de fato, alguma atenção. Se estão sujeitas a rigorosas objeções, não perdem contudo a sua força de conjectura defensavel.

Léo Wiener, por exemplo, admite que a planta da bananeira foi introduzida na America por tais migrações.

A questão é obscura. Sabe-se que a bananeira não é autoctone; veio de fóra. A epoca, porém, dessa vinda ainda não está positivamente provada. Leo Wener admite que os negros a trouxeram antes dos portugueses e levanta argumentos sugestivos que devem ser meditados. O proprio vocabulo *banana,* segundo ele diz, já era conhecido na America quando os portuguêses e espanhóes cá aportaram.

Sob o aspeto linguistico a hipotese de Wiener, talvez, seja demasiadamente exagerada.

Não assim pelo aspeto historico, que apresenta numerosos visos de probabilidade.

Certamente não podemos, aqui, expôr as nossas idéas acerca da hipotese que Leo Wiener defende na obra AFRICA AND THE DISCOVERY OF AMERICA (1920-1924).

Sustentamos, entretanto, que aos arabes deve ser atribuido o que Leo Wiener atribue aos negros africanos.

A nosso ver sómente os arabes da Africa é que poderiam ter feito tais migrações transatlanticas. Claro está que com eles viriam tambem (e talvez em maior numero) negros de varias tribus.

A hipotese de Wiener só póde ser aceita, como plausivel, admitindo-se essa contribuição dos arabes.

Acho que deve ser salientado o *fator arabico* em tais migrações transatlanticas e é esta a unica critica que fazemos de maneira geral, ao trabalho de Leo Wiener.

Assim é possivel sustentar, como conjecturo, que o *descobrimento do Brasil foi feito pelos arabes.*

Os arabes não desconheciam as navegações e a eles devem-se inumeros melhoramentos e elucidações da astronomia matemática.

Todavia é de mister frisar que esse contato possivel dos arabes com os povos americanos foi fugaz e passageiro. Contudo é razoavel supôr que tenham ficado vestigios.

Para nós o vocabulo americano

cacique

é méra variante do arabe *sheik* (cique, ca + cique) que perdurou numa das linguas americanas como uma "survival" de uma estadia dos arabes na America em tempos pre-colombianos.

Essa nossa hipotese de migrações arabicas consideramos, entretanto, puramente academica e por sua complexidade não póde ser explanada nesta rápida sintese sobre a historia dos afro-negrismos. Noutro local, mais apropriado, desenvolverei esse problema, que considero de grande importancia para a historia pre-colombiana.

* * *

Aí estão traçadas as correntes dos afro-negrismos da lingua portuguêsa. Algumas delas não mais existemb e estão extintas.

Contudo nem por isso a lingua deixa de se enriquecer com afro-negrismos. Com a plasticidade natural, que a caracteriza, a lingua portuguêsa ainda

revigora o veio negro-africano, formando com os elementos que possue novos vocabulos para o lexico.

Assim, por exemplo, o vocabulo

libambo

hoje obsoleto, em virtude da extinção da escravatura, continúa a viver em numerosos derivados (*alibambar, alibambado,* etc.) e tende mesmo a persistir com a acepção figurada.

E como este podem-se colher outros casos.

* * *

Entretanto a lingua portuguêsa não sómente recebeu afro-negrismos.

Por sua vez foi ela tambem uma estrada de afro-negrismos para outras linguas européas.

Na verdade varios africanismos penetraram na Europa por intermedio da lingua portuguêsa.

Se quizermos um exemplo bem curioso, temos o vocabulo

zebra

que passou ás demais linguas européas (espanhol, francês, inglês, etc.) unicamente por meio da lingua portuguêsa. *Zebra* é voz etiopica, assimilada pelos portuguêses nos tempos aureos da expansão lusitana no continente negro.

Foi, portanto, o português um veículo de afro-negrismos para outras linguas.

JOAQUIM RIBEIRO.

Pesquizas Folkloricas (1)

ADIVINHAS DE ORIGEM NEGRO-AFRICANA

Um dos mais curiosos capitulos do FOLKLORE é, sem duvida, o que se refere ao estudo das adivinhas populares.

Entretanto, aqui, no Brasil, esse campo de pesquizas não tem despertado muita attenção e, na verdade, poucas são as contribuições existentes, dignas de exame.

Não temos infelizmente nenhuma obra como a admiravel collectanea do sabio *Lehmann Nitsche*, do Museu de La Plata.

Entre nós quem iniciou esse estudo, com orientação nitidamente scientifica, foi o nosso eminente folklorista Prof. Lindolpho Gomes, que, se porventura, vivesse na Europa ou nos Estados Unidos seria um dos ornamentos intellectuaes das mais afamadas Universidades.

Com o saber que possue e agudeza de espirito que lhe é peculiar, embora encoberto de uma excessiva modestia, que póde parecer certa timidez provinciana, Lindolpho Gomes é indiscutivelmente um dos mais abalizados eruditos na philologia e na ethnographia nacional.

Foi elle o iniciador de pesquisas exegeticas em torno das nosas adivinhas populares, até então apenasmente recolhidas da tradição oral.

Em NIHIL NOVI, essa pequenina encyclopedia de vario assumpto, reuniu o notavel folkloristas algumas adivinhas curiosas e entre ellas a seguinte, que diz assim:

(1) — Este estudo foi publicado no *Jornal do Commercio* aos 6 de Março de 1934.

O que é, o que é:
linda pastora,
velho sizudo,
campo florido
gado miudo

cuja resposta, como ninguem ignora, é *lua, sol, ceo e estrellas*.

A exegese de Lindolpho Gomes é curiosissima, e além de uma suggestiva analyse comparativa, invade o nosso erudito o campo da literatura.

Vejamos. Em Portugal, informa, o eminentissimo ethnographo Leite de Vasconcellos colheu a seguinte variante:

Campo redondo
ovelhas ao longo
pastor formoso
Cadelo raivoso.

E ajunta ainda que na Argentina *Lehmann Nitsche* nas magnificas ADIVIÑANZAS RIO-PLATENSES dá noticia da seguinte:

Pampas azules,
semillas brancas,
un quemado
y una lunanca.

Aliás já na conferencia FOLKLORE E TRADIÇÃO DO BRASIL notara a intima concordancia entre a nossa

adivinha popular com a bella quadra de Guerra Junqueiro na MORTE DE D. JOÃO:

A lua, pastor bemdito
com seu rebanho de estrellas
vae vendo se algumas dellas
se perdem pelo infinito.

E' então que Lindolpho Gomes demonstra que ha, na verdade, a respeito dessa comparação uma tradicional corrente literaria que vae de nossa literatura até á poesia classica latina.

Bocage tambem se valeu da mesma idéa quando escreveu:

No ethereo prado a luz apascentava
Das estrellas o nitido rebanho.

Poesia, I, pag. 178, ed. de 1853.

O nosso poeta-inconfidente Claudio Manoel da Costa tambem aproveita-a:

Primeiro se ha de ver o gado errante
Pastar lá sobre o ceo; primeiro a terra
será de mil estrellas abundante...

Obras, I, pags. 221-222, edic. João Ribeiro.

Esta passagem provavelmente (opina ainda Lindolpho) é uma reminiscencia de Camões nos Lusiadas:

Emquanto apascentar o largo polo
As estrellas e o sol der lume ao mundo,
Onde quer que eu viver, com fama e gloria
Viverão teu louvores em memoria.

Canto II, 105.

O mesmo pensamento, porém, já estava em Virgilio, fonte innegavel de Camões. No canto I da Eneida (60-61) encontramol-o, diz Lindolpho Gomes, citando:

Polus dum sidera pascet

trecho, que assim foi traduzido por Barreto Feio;

Emquanto os rios para o mar correrem
Emquanto a sombra andar em torno aos montes
Emquanto o polo aapscentar estrellas
Teu nome, a gloria tua, os teus louvores
Tão de sempre viver em qualquer parte
A que me chame a sorte!

Como se vê, salienta o nosso folklorista, a idéa vinha da Antiguidade e é antiga na literatura portugueza. Antes mesmo de Camões, já Sá de Miranda no poema quinhentista *"A egypciana Santa Maria"* havia versificado

Como princeza e rainha
com infiintas donzellas
claras, luzentas vinha
a lua formosa vinha
acompanhada de estrellas.

Tudo isso, conclue, prova que a adivinha popular deriva dessa idéa comparativa, velhissima na literatura vernacula.

Tal é a exegese evidentemente interessante e suggestiva de mestre Lindolpho Gomes.

Para elle a nossa adivinha vem de uma tradição literaria latina, aproveitada por innumeros poetas, assimilada pelo povo, que a transformou logo em adivinha.

A respeito da poesia de Sá de Miranda, lembrada por Lindolpho Gomes, onde se faz a comparação da lua e das estrellas com uma rainha cercada de seu cortejo de donzelas, posso trazer ainda um dado comparativo na literatura arabica. O poeta *Al-Motamid*, um dos arabes dominadores em terras portuguezas no seculo XII, escreveu o seguinte poema, traduzido em verso por Oliveira Parreira no no nosso paiz), Lisboa, 1898, mas do qual dá, em apendice, a versão em prosa, sem duvida, fiel ao texto arabe:

"A' lua

"Tinha a noite estendido as trevas sobre a terra á guisa de um veo immenso !

E eu bebia á luz dos brandões o vinho que na minha taça scintillava.

Eis que apparece a lua de repente acompanhada de Orion.

Dir-se-ia uma rainha magnifica querendo gozar dos encantos da natureza.

E Orion era o seu pagem.

Vieram pouco e pouco outras estrellas fazer-lhe o cortejo scintillante, á porta umas com as outras.

De instante a instante crescia o resplendor da rainha da noite !

E no cortejo pareciam as Pleiades o estandarte da soberania, recamado de joias.

.....

E' porque a *lua é nos ceos o que eu sou cá na terra, rodeado de meus nobres cavalleiros e das lin-*

das jovens do meu harem, cujos negros cabelos se assemelham á escuridão da noite; ao passo que estas taças resplendentes são para mim estrellas.

Bebamos, meus amigos, bebamos o sumo da videira, emquanto estas bellas acompanhando-se ao alaude nos vãzo cantar suas melodiosas arias."

Obra cit., II, pags. 298-299).

Como se vê a mesma concepção, que apparece em Sá de Miranda no seculo XVI, já no seculo XII na propria terra lusitana aflorara aos labios do poeta e dominador arabe Al-Motamid. Coincidencia ou, porventura, reminiscencia de uma leitura ?

A existencia dessa comparação na literatura *luso-arabe* póde servir de ponto de partida para a demonstração do influxo arabico na literatura portugueza, estudo que ainda não se fez.

*
* *

A exegese de Lindolpho Gomes, sem embargo de suggestiva, todavia, não me parece a verdadeira. Pelo menos não a considero definitiva.

Para mim a verdadeira fonte de nossa adivinha é africana e foi trazida pelos negros da Angola durante o periodo da escravidão.

E' esse um ponto completamente novo: apontar as origens negro-africanas de nossas adivinhas.

Entre os negros bantús ha tambem o costume popular dos enigmas e decifrações, correspondentes de nossas adivinhas, ao qual elles, na lingua *quimbunda*, dão o nome de *Nongonongo*.

Foram elles, sem duvida, que trouxeram para o Brasil a versão originaria, que é:

Masa mavulu, nguba imoxi

isto é,

Milho muito, jinguba uma só

cuja solução é:

Jitetembua ni mbeji
As estrellas e a lua.

Certamente essa comparação do ceo com um campo plantado de milho foi que deu origem á nossa versão do *campo florido* que é evidentemente um desenvolvimento da adivinha negra, talvez, sob o influxo da tradição literaria demonstrada por Lindolpho Gomes.

A adivinha é, todavia, negro-africana.

Além da versão de Lindolpho Gomes, corre no Brasil estoutra, coligida pelo illustre folklorista patricio Sr. Daniel Gouveia na sua obra FOLKLORE BRASILEIRO:

Campo grande,
gado miúdo
moça formosa
homem carrancudo
O que é ?

(pag. 118)

Não ha duvida, que a versão primitiva dos negros de Angola foi modificada pelo elemento branco, europeu, que a assimilou.

Não é essa, entretanto, a unica adivinha de igual origem.

*
* *

Na citada obra de Daniel Gouveia acha-se registada a seguinte adivinhação, cuja solução decifradora é *pimenta*:

Minha mãe é verde
Eu sou encarnada
Minha mãe é mansa
Eu sou damnada.

Ora, a origem dessa adivinha é negro- africana tambem. Entre os negros de Angola corre a seguinte:

Kamundele kabuta katema kiavuli

Brancozinho anão que é muito bravo

cuja solução é:

Ndungu

Pimenta.

Não ha obscuridade alguma nessa aproximação, que revela, de facto, a origem verdadeira, até então não esclarecida.

*
* *

Outra adivinha igualmente de origem negro-africana é a que Daniel Gouveia nos dá noticia no seu delicioso livro já mencionado. Refere-se ao *côco* e diz assim:

Sem entrar agua
Sem entrar vento
Tem um pôço,
d'agua dentro ?

(pag. 106).

Talvez a origem seja a seguinte decifração anlense:

Aizanga ri abanga tumba Ndala, riene ri-ritekelê.

Lagôa que fez Tumba Ndala, ella mesma se enche.

A resposta é:

Rikoko

Côco.

E' claro que em nossa versão brasileira desappareceu a figura mythologica *Tumba Ndala,* tão commum nos contos populares do quimbundo. A aproximação, porém, não está muito distanciada, e pode servir de base á conjectura da origem africana de nosso enigma popular.

* * *

Como se vê os negros africanos tambem deixaram influencia bem nitida nesse capitulo de nosso *folklore* concernente ás adivinhações.

Cordeiro da Matta publicou junto á sua collecção de proverbios (*Jisabu*), uma pequena messe de adivinhações vulgares em Angola (*Nongonongo*).

Annexo ao Diccionario Portuguez-Kimbundu, coordenado por J. Pereira do Nascimento, medico da Armada Real e explorador naturalista, reproduziu-se, em 1903, a collectanea de Cordeiro da Matta.

Foi ahi, nessa obra que me abeberei e busquei os dados para essa minha pesquisa folklorica.

Era de mister que se fizesse esta demonstração em seguimento de outros estudos.

No dominio dos contos populares João Ribeiro em O FABORDÃO, Nina Rodrigues no livro Os AFRICANOS NO BRASIL, Lindolpho Gomes nos CONTOS POPULARES e mais recentemente o joven e culto folklorista Amadeu Amaral Junior numa encantadora conferencia realizada no Club dos Artistas Modernos de S. Paulo — salientaram o forte coeficiente da influencia negra.

No dominio da paremiologia coube a João Ribeiro em A LINGUA NACIONAL evidenciar igual influencia.

Era, pois, razoavel que se apontasse, no mesmo sentido a influencia no dominio das adivinhações populares. Foi o que pretendi fazer nesta pesquisa.

Já na poesia e noutras tradições populares, festas religiosas, Alexina Magalhães, Mello Moraes, Manoel Querino e o proprio Nina Rodrigues, hoje substituido por Arthur Ramos, deixaram provas cabaes.

Se não me refiro aos trabalhos philologicos, de Macedo Soares e João Ribeiro, aos de Jacques Raymundo e Renato Mendonça, é porque já concernem a outro ambito (a linguistica) diverso do ambito folklorico. Nem tampouco cabia, aqui, alludir aos ensaios de ordem historica.

A respeito dos negros, a saudosa folklorista mineira Alexina Magalhães Pinto prometia um livro especializado, que, se deixou escripto, ainda não foi lembrado, pelos herdeiros, para uma necessaria vulgarização.

Igualmente premeditara o fallecido Alberto Faria, o folklorista, escrever o folklore da escravaria negra.

Os trabalhos de Nina Rodrigues, sem embargo de valiosos, apresentam comtudo algumas falhas e um aspecto innegavelmente local.

Tudo isso evidencia, com nitidez, que ainda nos falta a obra de conjunto, que a importancia incontestavel do assumpto, está a exigir.

Acho, pois, que, estando ainda no momento das contribuições parciaes, esta minha pequena pesquisa acerca das origens negro-africanas de nossas adivinhas populares representa um subsidio, digno da attenção dos que cultivam o nosso *folklore,* ainda tão mal explorado scientificamente.

Esse estudo não só veio reforçar a these da grande influencia negra no Brasil como ainda demonstrar, que essa influencia se fez, *na sua generalidade,* por intermedio dos povos negros do grupo *bantú.*

Tocamos, agora, numa questão ainda discutivel, uma vez que Nina Rodrigues, sem duvida, a mais competente autoridade no assumpto, procura dar a preeminencia ao factor negro-sudanez.

Nesse ponto divirjo do eminente africanologo e prefiro acompanhar a these de *Spix* e *Martius* levemente modificada por *João Ribeiro,* o qual admitte o predominio dos negros do *grupo bantú* em todo o Brasil, embora reconheça forte immigração de outros grupos africanos nos primeiros tempos da exploração da costa africana.

Não ha duvida que houve numerosos negros sudanezes na Bahia, e foi justamente esse facto que fez com que Nina Rodrigues cahisse numa *falsa generalização,* attribuindo ao Brasil o que, na verdade, só cabe a uma observação local referente á Bahia.

A obra de Nina Rodrigues, que é innegavelmente a mais completa que se tem publicado, entre nós, sobre o elemento negro não deve ser acceita assim, de olhos fechados como tem feito alguns dos seus seguidores malavisados.

Nina Rodrigues, como já disse, cahiu num erro de generalização.

Não é de hoje que venho dizendo que a sua obra merece, em diversos pontos, ser completamente renovada.

Será, na verdade, imperdoavel deixar correr certas affirmações curiosas e suggestivas, que, todavia, não correspondem á realidade dos factos.

Isso certamente não visa de maneira alguma deprimir a obra innegavelmente valiosa de Nina Rodrigues, que mereceu, sem favor, o applauso de nossas maiores autoridades no assumpto.

Entretanto, convém frizar, com insistencia que a obra de Nina Rodrigues não póde ser acceita sem uma critica acurada, principalmente nos detalhes ou numa ou noutra these de caracter geral.

Certo estou de que num paiz como o nosso, em que o prestigio do "magister dixit" chega a ser quasi um tabú, a sinceridade de minhas palavras ha de ser mal recebida.

O tempo, porém, se encarregará de limar as asperezas da realidade.

JOAQUIM RIBEIRO.

A influencia africana no português do Brasil (1)

(BREVES OBSERVAÇÕES CRITICAS)

Foi com a melhor bôa vontade que li o livro de meu prezado amigo e eminente confrade, Sr. Renato Mendonça, sobre A INFLUENCIA AFRICANA NO PORTUGUEZ DO BRASIL. Trata-se evidentemente de uma contribuição curiosa e bem idéada, sem ser comtudo um trabalho definitivo sobre o assumpto. Ao contrario do Professor Jacques Raymundo que estudou O ELEMENTO NEGRO, na lingua portugueza o Sr. Renato Mendonça apenas escolheu o estudo do referido elemento no *portuguez do Brasil*.

E' perfeitamente ociosa qualquer comparação das obras de ambos escriptores.

Renato Mendonça é ainda muito joven, estudioso e não lhe faltam qualidades para vir a ser uma grande autoridade na materia. Elle mesmo confessa que a sua monographia foi feita em tres mezes apenas... Ora, é evidente, é claro, é logico, é razoavel que não tenha feito nenhuma obra definitiva. Nem na podia fazer em tão pequeno prazo.

Uma admiravel qualidade de seu livro é a orientação, que traçou. Achou muito acertadamente que a ethnographia só podia favorecer. E nesse ponto nada mais fez do que seguir o conselho do saudoso Schuchardt que proclamára ser a linguagem méro capitulo da ethnographia.

---

(1) Artigo aparecido no *Jornal do Comercio* (17 de Junho de 1934). Conservou-se nesta critica como na Resposta de Renato e na Replica minha, a orthographia do *Jornal do Comercio*, onde foram publicadas.

Renato Mendonça baseou-se em bons autores, citando ethnologos de renome como Schmidt, Frobenius, etc., entre os quaes o nosso eminentissimo Professor Fernando Augusto Pires, que com o livro A FORMA PRIMITIVA DA FAMILIA, marcou uma nova phase nos estudos ethnologicos entre nós.

E' certo, porém, que esqueceu o nome de *Ankermann*, figura proeminente da doutrina historico-cultural e do Museu de Berlim. Nem uma só referencia fez á contribuição valiosa desse autor relativa ao grupo *bantú*. E' uma lacuna lamentavel.

Em seguida, após um esboço preliminar sobre a ethnographia negro-africana, analyza Renato Mendonça as diversas classificações, vulgarizando a tentativa moderna de Drexel.

Até ahi, a contribuição de Mendonça é interessante, valiosa e isenta de equivoco.

Quando, porém, inicia a focalizar o thema central do assumpto escolhido, já não se póde dizer o mesmo.

E' que Renato Mendonça incide em varias *infidelidades* que convém ser evidenciadas.

Faço questão sincera de apontar a desarrazoada má vontade que o Sr. Renato Mendonça demonstra a respeito das obras philologicas do saudoso Professor João Ribeiro. Basta dizer que levou o seu desenfado a não citar uma só obra philologica do Mestre, que teve a gloria de ser, nesses assumptos, um precursor. Apenas menciona O FOLKLORE na Bibliographia e em diversas passagens a HISTORIA DO BRASIL.

Acho summamente estranha essa attitude, uma vez que Renato Mendonça cita diversas vezes Os AFRICANOS NO BRASIL, de Nina Rodrigues e este probo africanólogo não se esquece nunca do nome de João Ribeiro, quando ventila a questão da influencia negra em nossa linguagem.

Ora, o proprio Nina Rodrigues (obra citada, pag. 190), confessa ter consultado por carta a João Ribeiro e transcreve trecho da resposta de meu progenitor. Na pagina seguinte refere-se aos "bons trabalhos", de João Ribeiro sobre a influencia negro-africana na linguagem do Brasil e cita um trecho do DICCIONARIO GRAMMATICAL (art.: elemento negro).

Mais adiante escreve:

"Devo ao Sr. João Ribeiro o conhecimento desta nota como do *mappa* da actual distribuição dos grupos de linguas faladas no continente negro", (pag. 193).

Esse mappa, aliás, não está em Os AFRICANOS NO BRASIL e parece se achar perdido.

Por ahi se vê que Nina Rodrigues não foi injusto com João Ribeiro.

Renato Mendonça e o seu prefaciador, o grande Rodolpho Garcia, todavia, preferiram silenciar.

Ora, fizeram mal. As contribuições de João Ribeiro desde o DICCIONARIO GRAMMATICAL ao livro A LINGUA NACIONAL, não são assim tão insignificantes.

Pelo menos, eu vou mostrar que o Sr. Renato Mendonça só lucraria se lêsse, antes de escrever a sua monographia, o que o Mestre João Ribeiro modestamente escreveu.

A má vontade de Renato transparece nitidamente no seguinte trecho acerca da discussão do predominio do grupo *bantú* entre a escravatura do Brasil. Diz elle:

"João Ribeiro copia neste ponto Spix e Martius sem addicionar-lhe (*sic*) palavra, apesar de trasladar para a sua obra um paragrapho de Varnhagem em que apparecem *berberes, jalofos, felupos* e *mandingas*".

Ora, a these de Spix e Martius sustentava *apenas a existencia de negros bantús* entre nós. Como João Ribeiro *copia* os dois illustres viajantes, se admitte *nagôs* na Bahia ?

Entretanto Renato não deveria trahir o pensamento do nosso philologo, porque em Os AFRICANOS NO BRASIL, João Ribeirro, respondendo a Nina Rodrigues, diz suppor — que *quasi todos* os nossos escravos eram bantús, mas admitte em seguida que "os primeiros negros deviam ser do grupo do centro, proximidades de Cabo Verde" no principio do trafico.

Bastava, aliás, a transcripção do paragrapho de Varnhagem para se ver que João Ribeiro oppunha restricções á these absoluta de Spix e Martius

Por ahi se vê a passagem de Renato Mendonça foi *infiel*, porque quiz ser.

Se o autor de A INFLUENCIA AFRICANA NO BRASIL não lê João Ribeiro (ou o entende mal como no caso antecedente), certamente é porque prefere ler os autores e philologos de além-mar, e essa admiração é tão grande que chega até a repetir as asneiras de lá.

E' assim que o nosso philologo escreve:

"Limitamo-nos a registar um facto de ha muito verificado por notavel philologo: o portuguez do Brasil constitue um dialecto.

"Proseguindo em sua evolução, o dialecto brasileiro differenciou-se em sub-dialectos".

Isso é simplesmente irrisorio ! Não compreendo com se pode repetir sem *critica* essas affirmativas ditas a nosso respeito por portuguezes que nunca puzeram os pés no Brasil.

A lingua portugueza (já escrevi alhures e torno a repetir) nunca dará um *dialecto brasileiro*. Nunca. O que dará são varios *dialectos* em diversas *regiões*.

E', aliás supinamente erroneo olhar para o vasto mappa, do Brasil e falar em *dialecto brasileiro* (donde se gerariam outros dialectos).

Os portuguezes erram quando, ouvindo um *gaúcho* e um *seringueiro*, dizem que elles falam em *dialecto brasileiro*, porque para elles quaesquer modificações feitas por brasileiros na linguagem são taxadas com o carinho: *dialecto brasileiro*, coisa vaga e imprecisa para designar as nuanças do norte, centro e sul do Brasil.

Ora, se Renato Mendonça deixasse de lado Leite de Vasconcellos e lesse João Ribeiro, não cahiria, por certo, nessa toleima.

Já em 1888 no DICCIONARIO GRAMMATICAL João Ribeiro no art. *Brasileirismo* fizera esta observação, salientando o aspecto *regional* de nossa dialectologia:

"Considerando mais reflectidamente a prosodia geral, segundo as *differenças locaes*, na totalidade do territorio brasileiro, poderemos estabelecer indiscutivelmente este facto geral:

"Na direcção do Norte para o Sul, *crescem em intensidade* os sons inarticulados ou vogaes, emquanto *decrescem em vibrações* os sons articulados ou consoantes.

"Em verdade, no norte do paiz os sons vogaes são surdos, diz-se: *casa, tumar, butar, canúa, qui, pêzar*, e a intensidade maxima torna-se effectiva, no sul (S. Paulo), dizendo-se: *cása, bótar, quê pésar*, etc. De outra parte, algumas consoantes como *b* e o *r* são fortissimas nas regiões septentrionaes do Brasil. Esta lei póde reduzir-se ao principio mais geral de que o Norte, menos impulsionado por elementos estranhos, conserva mais fielmente a phonologia reinicola, ao menos, no que respeita ás vogaes. A demora e o esforço com que os nortistas, muito mesclados com indios, pronunciam o *r*, *rr* derivam, talvez, das difficuldades que o indigena teve a superar, naturalmente por isso, o tupy só possue o *r* forte analogo ao *r* portuguez entre vogaes. Phenomeno identico e de igual explicação é a permuta do *lh* em *l*, onde trahe-se a influencia indigena: *aleio, mulér* em ver de *alheio, mulher*, etc. O *abaneen* não possuia o *l*".

Isso, ha quasi meio seculo, João Ribeiro escrevia, no DICCIONARIO GRAMMATICAL, que é um verdadeiro plano de estudos philologicos sobre a lingua portugueza sob todos os seus aspectos.

Renato Mendonça, porém, não quiz ouvir as lições de João Ribeiro.

E tem lá suas razões. Pelo menos assim se deve entender. Para elle as contribuições de João Ribeiro nada valem, principalmente nesse ponto referente aos afro-negrismos, por que, a seu ver, "os africanismos encontram só em Macedo Soares um precursor notavel".

Isto, entretanto, é uma injustiça, porque o Sr. Renato Mendonça repete (como vou demonstrar) uma serie de pesquizas etymologicas de João Ribeiro, *sem indicar uma só vez* a fonte, em que se abeberou, pois são inadmissiveis tantas *coincidencias!*

Não quero, porém, fazer accusações sem provas. Vejamos. Comecemos por:

CAÇULA

Diz Renato Mendonça: "do quimbundo *kanzull*, o ultimo da familia".

Ora, 45 annos antes João Ribeiro escrevia no DICCIONARIO GRAMMATICAL (1.ª ed., 1888, pag. 314):

"*Cassula* — Usado como composto em Angola. Ivens traz *ca-sulo*. Quanto á composição, salvo er-

ro, encontramos os dois elementos *ca-sula* (*iazula* ou *qui-zula, nú*) . O filho mais novo anda pequeno".

Portanto a pesquiza é do saudoso mestre e não do joven philologo alagoano.

CALUNDÚ

Diz Renato Mendonça contestando o etymo tupy-guarany proposto por Baptista Caetano: "o termo é legitimo africano".

Não ha duvida, pois, João Ribeiro já o dissera e provára em A LINGUA NACIONAL".

CAMONDONGO

Diz Renato Mendonça: "do quimbundo *Ka*, prefixo diminuitivo + *mundongo*, rato".

Ora, quasi meio seculo antes, João Ribeiro no DICCIONARIO GRAMMATICAL, esclarecera:

"*Camondongo* — Rato pequeno. Evidentemente contem *dheng* — pequeno e o affixo tambem diminutivo *ca* (Ivens: Rato pequeno, *mon-don-go*".

Portanto o etymo foi esclarecido por João Ribeiro e não pelo joven Presidente do "Centro de Estudos Historicos".

CANDONGAS

Diz Renato Mendonça: "do quimbundo *Ka*, prefixo diminuitivo + *ndenge*, menor, pequeno".

Ora, quatro décadas antes, João Ribeiro no citado Diccionario escrevia:

"*Candongas* — No sentido da coisa pequena: palavra de agrado ás crianças: *minhas candongas*. Vide analyse antecedente (*Ca-ndhenglé*, criança pequena)".

Refere-se á analyse do vocabulo *camondongo*.

Como se vê, João Ribeiro é o verdadeiro autor da pesquisa etymologica.

CACUNDA

Diz Renato Mendonça, no verbete "*carcunda*": "Ha tambem a forma popular *cacunda*, que vem directamente de *kakunda*".

Ora, em 1888, na obra citado João Ribeiro escreveu:

"*Cacunda* não de *macunda* pl. de *ri-cunda*, mas sem duvida do proprio diminuitivo *cacunda;* nessa, como nas demais linguas, o diminuitivo tem o valor pejorativo".

COCHILAR

Diz Renato Mendonça, mui vagamente: "termo africano".

Já em A LINGUA NACIONAL João Ribeiro o dissera e provára.

ENGAMBELAR

Diz Renato Mendonça: "talvez provenha de *ngimbelar*, acção e pratica do *ngombo*, adivinho, feiticeiro em quimbundo".

Essa explicação já fôra dada por João Ribeiro numa magnifica pagina de A LINGUA NACIONAL.

INHAME

Diz Renato Mendonça: "termo africano proveniente da raiz *nyame*, comer, existente em todas as linguas *bantú*".

Já João Ribeiro em O FABORDÃO annotando a *Carta de Pero Vaz de Caminha* apontara esse etymo africano. Isto quer dizer, que desde 1910 o etymo já estava esclarecido...

MALUNGO

Aqui Renato Mendonça faz rodeio: "é termo *quimbundo* com certeza. Em relação ao etymo, não obtivemos nenhum resultado com nossas pesquizas. M. Soares deriva com duvida de *mah'ungo*, vizinho, no que pomos ainda mais duvida".

Já João Ribeiro, em 1888 contestava o etymo de Macedo Soares e suggerira outro no proprio quimbundo:

"*Malungo* — companheiro de escravidão, da mesma laia ou ordem social.

"Poder-se ha suppôr um composto de *ma* (caracteristico numerico e *ngongo* (generoso)? "Não sou malungo" isto é, "não nasci com você, não sou de sua laia, etc." E' usado no Sul e no Norte".

E accrescenta em nota:

"Macedo Soares assimila ao nome gentilico *Makungo*. E' uma conjectura de occasião, ao que parece".

Apesar de Renato Mendonça não repetir a hypothese de João Ribeiro, coincide em outras asserções. Curioso!

MATUNGO

Diz Renato Mendonça: "termo africano". Já, ha 45 annos antes, João Ribeiro apontara o etymo verdadeiro:

"*Matungo* ou *mutungo*: cavallo de poucos andares, vagaroso (Rio de Janeiro). A forma *matunga* é derivada do verbo *cu-tunco* (parar) a que applicado o systema de derivações nominaes, viria o resultado *mu-tungue*, coisa que pára ou que não anda, parador".

Portanto, cabe a João Ribeiro, a primazia...

MILONGA

Diz Renato Mendonça: "do quimbundo *mi*, prefixo plural + *longa*, palavra; plural mais usado de *mulanga*".

Ora, João Ribeiro indicava, em 1888, honestamente o verdadeiro descobridor do etymo:

"*Milonga* plural ambundo de *mulonga* (palavra) usada entre os negros. Foi observado e colhido por Macedo Soares".

Desta vez o nosso joven professor esqueceu-se do "notavel precursor"...

MOCAMBO

Diz Renato Mendonça: "do quimbundo *mu* prefixo + *kambu*, esconderijo".

Ora, em A LINGUA NACIONAL já João Rirbeiro o dissera.

MUCAMA

Diz Renato Mendonça: "Ladeiam todos a ignorancia de etymo ou com formas hypotheticas ou com explicações absurdas. O termo é simplesmente o quimbundo *mukama*, escrava amasia de seu senhor e muito conhecido em Angola, formado de *mu*, prefixo da primeira classe + *kama*, que é um radical bantú".

Ora, já em A LINGUA NACIONAL João Ribeiro mostrou que o vocabulo veio de Angola, e apontou como se formou.

MUNCANGA E MOGANGA

Diz Renato Mendonça: "não é tupy como perguntava M. Soares (R. B. 1880) e parece termo bantú pela presença da consonancia *ng*".

Ora, já João Ribeiro salienta o verdadeiro etymo no quimbundo:

"*Moganga* — Especie de abobora. De *mu* + *canca, ricanca, mucanca,* campo. Os conguezes dizem: *isassa quiá mucanca* (arvore dos campos). *Uu* é caracteristico do plural".

A ponte *bantu* foi indicada por João Ribeiro muito antes da suggestão do autor de A INFLUENCIA AFRICANA NO PORTUGUEZ DO BRASI.

NGOMBE

Diz Renato Mendonça: "Termo que desappareceu deixando vestigios no nome popular de uma herva medicinal, *mariangombe,* que o povo alterou para *Maria-Gomes.* Do quimbundo *ngombe,* boi, vacca".

Ora, desde 1888 no DICCIONARIO GRAMMATICAL já João Ribeiro esclarecera tudo isso:

"No Brasil a herva Maria Gomes, Mãe João Gomes se diz em alguns logares na Bahia: *lingua de vacca*. Ora, as palavras Gomes, *João Gomes* são evidentemente a traducção falsa de *ji-ngombe* (vacca) e a expressão no ambundo deve ser *kikiji-ngombe* (herva de vacca) ou outra analoga que explique as formas *Maria Gomes* e *João Gomes,* etc."

E accrescenta em nota:

"A prova irrefutavel de que na expressão *Gomes* é uma forma de *ngombe* vê-se no especime, notado em Minas Geraes e Rio: *Mariangombe,* para designar a mencionada herva".

Portanto, a explicação não é do Sr. Renato Mendonça e sim do esquecido e saudoso philologo sergipano...

QUIBÊBE

Diz Renato Mendonça: "termo africano".

Está certo. Já em 1888 João Ribeiro esclarecera este etymo:

"Accerscentemos ainda a palavra *jembe* (Minas): guisado de hervas, etc.

"E' o mbundo *bembé* (*ji-bembê,* beldroegas) conservado com o artigo. Essa mesma palavra passou com o prefixo *qui* (no Norte) em *quibembe* assimilado em *quibêbe* por analogia da palavra *beber*".

Portanto, cabe a João Ribeiro o esclarecimento do etymo.

QUILOMBO

Diz Renato Mendonça: "B. Rohan deriva-o da lingua bunda, sem menção do etymo que affirmamos ser *kilombo,* povoação em quimbundo".

Ora, já em A LINGUA NACIONAL João Ribeiro apontara o etymo negro.

QUILOMBOLA

Diz Renato Mendonça: "derivado de *quilombo* + *óla,* suffixo portuguez".

Isso já fôra esplanado por João Ribeiro em A LINGUA NACIONAL.

Tudo isso deixa suppor que Renato Mendonça preferiu occultar a fonte em que se abeberou.

Todavia, eu acredito na boa fé do joven philologo e attribuo, a imprecisões de apontamentos apressados...

Isso, aliás, não foi apenas com meu amado e inesquecivel pae.

O mesmo fez Renato Mendonça, com o grande Gonçalves Vianna, cuja obra nenhum estudioso de philologia portugueza póde ignorar.

Assim é que Renato Mendonça ao tratar do etymo de

MINHOCA

escreve: "A nosso ver o vocabulo é o quimbundo *mu*, prefixo + *nhoka*, cobra, em que o *u* atono pretonico se mudou em *i*" e repudia ao etymo romanico de Carolina Michaelis e ao etymo tupy de Theodoro Sampaio.

Ora, esse etymo africano, qumbundo, todavia, não é do Sr. Renato Mendonça.

Muitos annos já Gonçalves Vianna indicara a fonte etymologica.

Renato repete-o sem o citar. E fez mal, porque Gonçalves Vianna que acertava sempre, errou desta vez.

Já a douta Carolina Michaelis, em 1909, na REVISTA LUSITANA poz abaixo a etymologia de Gonçalves Vianna; defendendo o etymo latino, escreveu:

"Gonçalves Vianna não concordou. Preferiu dar-lhe origem africana: o vocabulo quimbundo *nhoca* "cobra" com o prefixo pl. *mi* da segunda classe (como exemplo cita *mindele* "brancor", no

sing. *mundele*, segundo Heli Chatelain) baseando-se em que já orçavam por quarenta os termos portuguezes de uso geral cuja proveniencia quimbunda lhe parecia indubitavel.

"Registei essa opinião, mas não fiquei convencida".

Depois de citar exemplos do vocabulo *minhoca* em Gil Vicente e Jorge Ferreira de Vasconcellos (seculo XVI), continúa:

"Mas tudo isso não era sufficiente. Importava provar que os portuguezes chamaram *minhoca* ou *mioca* ao anelido *vermis terrestris*, antes de estarem em contacto com o gentio da Africa.

"O physico de D. Denis proporciona exemplos tambem neste caso".

E cita duas passagens do Mestre Giraldo no seu TRATADO DE ALVEITARIA:

"Sobr'ossos, outrossy presta per esto a cebola assada e malhada com as minhocas da lama"

(ALVEITARIA, 47, II)

"cebola assada malhada com as minhocas e com as lezmes"

(Ibidem, 48, 18)

Tudo isto se encontra na REVISTA LUSITANA (vol. XIII, ns. 3-4) tomo precioso que todo philologo deve compulsar.

Foi justamente, inspirado nessa documentação de Carolina Michaelis, que me oppuz ao etymo de Gonçalves Vianna, acceito por Antenor Nascentes no seu magnifico DICCIONARIO ETYMOLOGICO DA LINGUA PORTUGUEZA.

Respondeu Nascentes trazendo em seu favor Renato Mendonça. Replico a ambos com a exegése de Carolina Michaelis que é decisiva.

Vem á pello dizer que não acceito o etymo *mim* (*minare*) + *oca* de Carolina Michaelis. Já, aliás, propuz o vocabulo

MYLÓECOS

que, entre os latinos significava "verme da farinha". E' o que me parece razoavel.

Renato Mendonça fez, muito mal em não indicar as fontes em que se abeberou. E pior ainda em não ler obras philologicas, indispensaveis aos estudos de philologia portugueza. Dahi todas essas *infelicidades* que acabo de apontar.

Extranhei, de facto, ter elle se esquecido das obras de João Ribeiro (principalmente das que tratam de afro-negrismos) porque cita obras de outros philologos que não tratam do assumpto...

Na *Bibliographia* entre os historiadores *Varnhagen* e *Rocha Pombo*, não lembra o nome de *João Ribeiro*, quando a Historia deste é a que mais possue intuição ethnologica!...

Sómente lembra João Ribeiro ao se referir ao FOLCLORE (livro em que nada se diz de afro-negrismos...).

A impressão que tenho é a de que Renato Mendonça procurou esconder o mais que poude as fontes *ribeirianas*...

Ha um trecho em que diz que foi Nelson de Senna, o ultimo brasileiro a tratar dos africanismos (claro está, antes de surgir A INFLUENCIA AFRICANA NO PORTUGUEZ DO BRASIL).

Ora, os estudos de Nelson de Senna são de 1921 e muito posteriormente ainda o velho João Ribeiro

na REVISTA DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS tratava de *Africanismos* analysando a obra de Ortiz, que é de 1924.

Como se vê, se desde 1888 João Ribeiro era precursor, pouco antes de 1933 o saudoso philologo meditava ainda sobre tão encantador assumpto.

Positivamente Renato Mendonça não andou bem. Como filho e como estudioso, deveria chamar attenção para todas essas numerosas infidelidades relativas áquelle que foi Pae e Mestre.

Sei bem que Renato Mendonça tem talento, tem cultura e possibilidades de vir a ser um dos nossos maiores philologos. Appelo apenas para que não alie a essas qualidades, a injustiça com que tratou um philologo, que contribuiu com algo util e louvavel.

Despido de vaidades, João Ribeiro foi um pesquizador probo dos factos da linguagem e se não usou dos apparatos de certos philologos de segunda ordem, trouxe, comtudo, uma farta messe de contribuições dignas de serem honestamente examinadas. Já alhures salientei o papel que elle representa na evolução de nossa philologia.

O que peço para João Ribeiro não é elogio. E' o respeito, que elle merece.

Em summa, o livro de Renato Mendonça foi bem ideado, principiou bem, mas, ao entrar no assumpto propriamente escolhido cae em infelicidades e imprecisões. Não é raro taxar o vocabulo de "termo africano", baptismo completamente fluctuante; outras vezes dá o vocabulo africano (*yoruba* ou *quimbundo*) mas não indica a fonte em que se apoia.

Pode vir a ser um livro magnifico se o autor reformar essa parte. Do contrario, este livro será

como que uma casa de fachada de arranha-ceo e fundo de barracão...

JOAQUIM RIBEIRO.

Post-scriptum. A respeito do etymo de *"dengue"* devo declarar que antes de apparecer o livro de Renato Mendonça já, por este jornal (16 de Julho de 1933), fazendo *"Observações criticas"* ao Dicionario do Prof. Nascentes — eu esclarecia a origem africana. E' a chronologia que me obriga a reclamar a primazia...

J. R.

"A influencia africada no português do Brasil" (1)

(REPLICA AO SR. JOAQUIM RIBEIRO)

O bondoso artigo de meu eminente amigo e confrade Joaquim Ribeiro vem surpreender-me em meio ao concurso para o corpo consular no Itamaraty, que ainda se prolongou até aos meiados de Julho. Com effeito, a oral, ultima prova, foi de 5 de Julho e a nomeação, termo do concurso, foi de 14 do mesmo mez.

A propria segunda edição da pequenina obra que o Sr. Joaquim Ribeiro se lembrou de criticar, a sahir na série da "Brasiliana", em São Paulo, se atrazou pelo tempo escasso do autor.

(1) Conservei o artigo do Sr. Renato Mendonça tal como saiu no "Jornal do Comercio" aos 19 de Agosto de 1934. (J. R.).

Eis porque vem tardia esta réplica...

A apreciação do Sr. Joaquim Ribeiro, vem juntar-se a uma série de outras como as de Arthur Ramos, Lindolfo Gomes, Almir de Andrade, Eloy Pontes, Xavier Marques, Antenor Nascentes, José Geraldo Vieira, Rebello Gonçalves, da (Faculdade de Letras de Lisbôa), além de numerosas referencias em livros publicados depois do apparecimento daquelle volume, e todas essas muito distinguem o desvalioso trabalho.

A critica do Sr. Joaquim Ribeiro, todavia, destôa das precedentes em attribuir ao Autor qualidades que elle não tem.

Com effeito o autor considerou sempre João Ribeiro uma figura de grande projecção na cultura brasileira.

E começou a admiral-o graças á influencia de seu pae adoptivo, o professor Rozendo Martins, velho mestre do Collegio Militar do Rio.

Tem mesmo João Ribeiro como organizador do movimento de independencia da lingua portugueza no Brasil. Nas paginas de A LINGUA NACIONAL (que o autor só conheceu na segunda edição, 1933, *posteriormente* á publicação de A INFLUENCIA AFRICANA) se acham directrizes para numerosos estudos de dialectologia.

Mesmo assim, A LINGUA NACIONAL ainda são uns respigos na vastidão do assumpto, porque formam apenas uma collecção de fragmentos, sem methodo e a unidade provém só da materia, e não da systematização.

O proprio João Ribeiro, mestre na modestia e falto de presumpção, lhes pôz o sub-titulo despretencioso de NOTAS APROVEITAVEIS.

Entretanto pelo artigo do Sr. Joaquim Ribeiro fica-se pensando que A LINGUA NACIONAL é um verdadeiro TRATADO DE AFROBRASILEIRISMOS.

Na verdade A LINGUA NACIONAL, com 265 paginas, contém sobre africanismos apenas, 22 paginas, oberadas de incursões literarias!

E senão vejamos a magreza de uma pretensa abundancia.

Quatro paginas sobre um proverbio *"Por dentro mulambo só"*, que João Ribeiro considera africano.

Seis paginas sobre generalidades de fraseologia onde faz *suggestões* sobre a origem africana provavel de proverbios brasileiros.

Seis outras sobre a origem de duas palavras *quilombo* (já conhecida *antes* como africana) e *mucama* onde de facto apoiado sobre Châtelain chegou á mesma conclusão que o autor apoiado sobre Pereira do Nascimento (*Dic. Port. — Kimbundu*).

Todavia não rebateu a origem tupy da palavra nem citou radicaes de outras linguas africanas que provassem não se tratar de uma mera coincidencia, como fez o Autor.

Em summa, outras tantas paginas, sobre *duas* palavras *calundú* e *quijila*, cuja origem africana já era conhecida de Macedo Soares e Gonçalves Vianna.

No corpo do livro vem enxertado um artigo publicado e m1920 na REV. DE L. PORTUGUEZA, IV, pagina 52, donde o tirou o Autor, sobre *engambelar* que João Ribeiro derivou de *ngombo*, feiticeiro, assim como *alfana* se derivou de *equus*:

> *"Alfana* vient *d'equus*, sans doute,
> Mais il faut convenir aussi,
> Qu'á venir de lá jusqu'ici,
> Il a bien changé sur la route".

E' verdade que o Sr. Joaquim Ribeiro dirá que eu a incorporei na minha these de concurso para cathedratico de portuguez no Collegio Pedro II (que outra coisa não é o trabalho senão uma these imperfeita).

Mas não disse que era *minha*. As etymologias do autor estão resalvadas como por exemplo as de *elegbá, ebó, cufar, cubata, gangolô, muxoxo*, com um "a nosso ver", "pensamos", e expressões equivalentes...

O mais, Sr. Joaquim Ribeiro, o autor não diz que é seu, incorpora como trabalho feito pelos autores que as deram. Ademais todos os autores se acham na bibliographia cuidadosa do trabalho.

O caso *engambelar* foi o unico termo que tirei do grande mestre João Ribeiro, isto mesmo para servir de discussão, flanco aberto aos ataques, porque não a acceito e o repudio desde logo.

Se no verbete, não está a resalva (J. Ribeiro) foi simples omissão, que será opportunamente corrigida.

Quanto a Ankermann nunca mais produziu nada, porquanto é bem conhecida nos meios ethnographicos a doença que o invadia, para semelhantes pesquisas.

Quanto á HISTORIA DO BRASIL, João Ribeiro apenas fez "concessão", como disse Nina Rodrigues, em admittir que no começo do "trafico, os primeiros negros *deviam* ser do grupo do centro".

Mas logo reaffirma que *"todos* ou quasi todos os negros do Brasil são do grupo bantú".

Foi ahi que elle copiou Spix e Martius, como já notara o proprio Nina Rodrigues, que considerava os capitulos respectivos de J. Ribeiro como os em "que *melhor* se acham *expostos* (sic) e *citados*,

neste ponto, os trabalhos de Spix e Martius". (Os AFRICANOS NO BRASIL, pag. 33).

O facto de citar Varnhagem, que demonstrou a preponderancia dos negros "Minas" ou nagôs na Bahia não implica em acceitar sua opinião.

E o facto é que João Ribeiro *no texto* de sua Historia *não fala uma só vez em nagôs* ou iorubas apenas repete denominações de negros bantus, tirados de Spix e Martius.

Se o autor não a incluiu na bibliographia a HISTORIA de João Ribeiro, é porque naquella se acham, como diz uma nota que a precede, "os livros julgados de maior importancia".

No texto o leitor encontrará muitos outros citados opportunamente. (A INF. AFRICANA, pag. 9).

E' o caso da HISTORIA de J. Ribeiro, que é citada 5 vezes, pag. 36, 87, 109, 117, 134, nos logares devidos.

Isto com certeza não viu o Sr. Joaquim Ribeiro porque estava occupado em provar que o autor "procurou occultar o mais que poude as fontes *ribeiranas*"...

Francamente, Sr. Joaquim, só a ardencia dos tropicos justifica uma critica tão imaginosa!

Relativamente á expressão dialeto brasileiro — criada por Leite de Vasconcellos (de quem era adversario João Ribeiro), nada vejo que lhe invalide o emprego.

Não significa ella que haja *um* dialeto brasileiro, tanto mais quanto o autor lembra uma série de differenciações regionaes.

Aqui o autor se convenceu de que o Sr. Joaquim folheou apenas a sua desvaliosa monographia, com u mfim exclusivamente *unilateral, pessoal* mesmo, porquanto o autor consagra muitas paginas ao estudo dos varios subdialetos, enumerando zonas distintas e os trabalhos de Amadeu Amaral, Antenor

Nascentes, Rodolpho Garcia, Virgilio de Lemos, Franco de Sá, Theodoro Sampaio.

Toquemos agora no ponto central.

O Sr. Joaquim Ribeiro sahe a campo, numa bella attitude se fosse baseada em verdades e não em coincidencias, para provar que o Autor copiou João Ribeiro, não citou, e para "despistar" (já é da moda...), considerou Macedo Soares como precursor dos afrobrasileirismos.

'bº) Ribeiro|F3úcçn0ót taoin shrdlu shrdul

O Sr. Joaquim mesmo muita questão de prioridade (que pena Mathias Pires não o conhecer!...) e sempre cita datas, demonstrando grandes conhecimentos de chronologia...

O Sr. Joaquim chega ao ponto de reivindicar para si, em *post-scriptum* ao seu artigo neste de 17 de Julho, a etymologia de "dengue".

Diz que já assim o provara em seu artigo de 16 de Julho de 1933, mas a esta época o meu livro já estava impresso...

E 12 dias depois, nas mãos dos professores do Pedro II, depositava o Autor 100 exemplares...

Vamos ás prioridades...

O autor, segundo declarou no prefacio, seu trabalho (ao contrario do que disseram muitos criticos) "não tem originalidades".

Por isso affirmava que antes delle Macedo Soares *especialmente* se occupara com as palavras portuguezas de origem africana.

O Sr. Joaquim cita o DICCIONARIO GRAMMATICAL de seu emerito progenitor e esquece-se de que ali, João Ribeiro fez sobretudo obra de notavel vulgarização de grandes conhecimentos philologicos que na época se diffundiram graças a elle.

E' livro valiosissimo sob este ponto de vista.

Mas quanto a afronegrismos, apesar de toda sua tendenciosa bôa vontade o Sr. Joaquim não conseguiu reunir mais de 9 palavras.

O autor que já conhecia este diccionario, não o citou, porque, em sua opinião, em bibliographia para uma these de concurso deve haver uma bibliographia seleccionada e resumida.

O Sr. Joaquim, por exemplo não conhece Meinhof, cujos trabalhos linguisticos em africanologia são importantissimos !

Se não fosse filho do preclaro homem de letras que foi João Ribeiro, teria de preferencia estranhado á de obras de seu pae, a ausencia dos succulentos trabalhos do notavel africanologo allemão.

Mas se Macedo Soares, já é citado pelo proprio João Ribeiro, como se tendo occupado *antes delle* com africanismos:

"A bibliographia do assumpto (africanismos) é pouco abundante — diz João Ribeiro — se *exceptuarmos no Brasil raros trabalhos do eminente philologo Macedo Soares* (apud N. Rodrigues, *os africanos no Brasil*, pag. 191).

Accresce que se o Sr. Joaquim Ribeiro faz muito empenho em citar 9 palavras que João Ribeiro incluiu em 1888 no seu DICCIONARIO GRAMMATICAL, já em 1880 (oito annos antes, eu acho...) Macedo Soares escrevera um soberbo artigo, que o illustre e joven folclorista parece não conhecer !

Com effeito, a lucida cultura do critico não faz neb uma referencia a esta esquecida e prestimosa (vamos ver daqui a pouco...) collaboração de Macedo Soares.

Foi publicada e m1880 na REVISTA BRASILEIRA e em 1888, na mesma data em que appareciam 9 palavrinhas na obra de J. Ribeiro, condensa seus estudos no valiosissimo DICCIONARIO DA LINGUA PORTUGUEZA, de que o Sr. Joaquim Ribeiro, apesar de sua inesgotavel cultura, parece não se recordar. Ahi se acham muitas dezenas de africanismos, estudadas com um methodo philologico, muito mais adiantado que o *processo das coincidencias*, desconhecido pelo grande etymologista inglez Skeat !

"Mas comecemos" (a originalidade da frase é do Sr. Joaquim Ribeiro) e revejo as minhas fichas.

CAÇULA

Diz Macedo Soares em REVISTA BRASILEIRA, de 15 de Maio de 1880: "o filho mais moço, do bundo *casuli*".

Diz João Ribeiro, em 1888: "Quanto á composição, salvo erro, encontramos os dois elementos *casula*, o filho mais novo".

E' portanto de Macedo Soares a etymologia.

CALUNDÚ

Macedo Soares diz em seu DICCIONARIO, obra de pesquisa feita entre 1875 e 1888:

"Calundú na Angola é parte de feitiçaria" e o classifica de "bundo".

João Ribeiro, em 1924 (1.ª ed. de A LINGUA NACINAL) repete com floreios isto acima sem dizer de onde tirou e commette um grave erro ao dizer "Kalundú dos nagôs ou yorubas". A lingua dos nagôs é radicalmente diversa da dos angolenses, que pertence ao bantu.

CAMONDONGO

Comparem:

Diz Macedo Soares: "Etim. bundo *ca*, pref. dim. + *mundongo*, rato domestico". (DIC. BRASILEIRO).

Diz João Ribeiro: "Camondongo — Rato pequeno.

Evidentemente contém — *ndenge* — pequeno e o affixo tambem diminuitivo *ca* (DIC. GRAM.).

João Ribeiro desta vez não copiou direito o velho philologo Macedo Soares e poz uma etymologia em que não diz o radical, que signifique rato (mungongo em angolense) e fala erradamente em *dengue*, pequeno.

CANDONGAS

Em 1880 (REV. BRASILEIRA) M. Soares attribue á palavra uma origem africana com o sentido de "mexericos, intrigas, carinho".

Em 1888, J. Ribeiro nada adiantou á etymologia da palavra, dizendo "palavra de agrado ás crianças".

Nós procuramos a etymologia e demos "do quimbundo *ka* prefixo diminuitivo + *ndengue*, menor, pequeno.

Muito differente do que escreveu o Sr. J. Ribeiro e não sei como elle é, segundo o Sr. Joaquim, o "verdadeiro autor da pesquisa (sic) etymologica"...

CACUNDA

Occupamo-nos com *carcunda*, de *karikunda*, costas pequenas e *cacunda* consideramos vinda de *kakunda* (*P. Nascimento*, DIC. PORTUGUEZ — Kimbundu).

João Ribeiro apenas se occupou com *cacunda*, contestando Macedo Soares...

COCHILAR

Nesta palavra J. Ribeiro fez mais do que o Sr. Joaquim não disse: deu o etymo exacto da palavra, baseado em Pereira do Nascimento, obra cit.

Cochilar vem de *"koxila"*, com effeito. (A LINGUA NACIONAL, 1933, pag. 248) já tinha annotado este etymo para a 2.ª edição, dizendo que "segundo João Ribeiro"...

Aqui qualquer leitor, imparcial terá a prova de que não "coincidi" com J. Ribeiro.

Dissera apenas "termo africano" e se tivesse tirado de J. Ribeiro, teria dado o etymo...

Mas a critica babosa do Sr. Joaquim não o quer assim...

ENGAMBELAR

Já respondi no corpo do artigo. Aliás o estudo desta palavra, não é "uma magnifica pagina de A LINGUA NACIONAL, como disse em sua rethorica tendenciosa o Sr. Joaquim, mas algumas paginas da REVISTA DE LINGUA PORTUGUZA, IV, 1920, pag. 52...

INHAME

Em 1910 J. Ribeiro se occupou com o termo, considerando *nham*, onomatopéa (sic).

Mas antes delle, muitos autores se occuparam com a origem africana da palavra, dando o mesmo etymo.

Leia o Sr. Joaquim o que escreveram *Dalgado*, GLOSSARIO LUSO — ASIATICO, Skeat, ETIMOLOGICAL, DICTIONNARY, Fernando Ortiz, GLOSSARIO DE AFRONEGRISMO:...

Até Capello e Ivens, em sua FROM TO THE TERRITORY OF YACCA, Londres, á pag. 367 do 1.º volume, diz que *Inhame* no Congo significa comer. Isso em 1832 !

Será que a etymologia era de algum *avô* de João Ribeiro ?...

MALUNGO

Aqui o Sr. Joaquim chega a lamentar eu não ter "coincidido" com J. Ribeiro: "Apezar de Renato Mendonça não repetir a hypothese de João Ribeiro, coincide, em outras asserções. Curioso !"

Adianto que não "coincidirei" porque é um trapezio etymologico a hypothese de João Ribeiro.

Com effeito, diz João Ribeiro que *malungo* — vem de *má* e *ngongo*.

De que modo ?

Naturalmente como *faba*, de *haricot*, *rat* de *mus*...

MATUNGO

Não sei etymologia alguma e não sei porque o Sr. Joaquim vem pôr-me, num honroso parallelo, ao lado de seu cultissimo progenitor.

E' o defeito da critica inteiramente pessoal, sem fundamento scientifico.

João Ribeiro deriva *matungo* de *cu-tunco* (sic), através de *mu — tungue*...

E' uma gymnastica muito velha, conhecida desde Menage mas que abomino.

MILONGA

Desta vez, João Ribeiro confessou que tinha tirado o etymo de Macedo Soares...

A menos desta vez, não foi elle o precursor...

MOCAMBO

O Sr. Joaquim parece que não leu A LINGUA NACIONAL...

Com effeito procuro em vão no capitulo intitulado "Quilombo — mocambo" (pags. 141 e 147) o etymo de mocambo...

Diz apenas que é africanismo, "mui vagamente..."

Quando eu dissera "do quimbundo *mu*, prefixo + *kambu*, esconderijo".

Onde no disco de vitrola do Sr. Joaquim, "já João Ribeiro o dissera ?"

O Sr. Joaquim leu isto co mcerteza em outro logar e não em A LINGUA NACIONAL...

Talvez no livro em questão...

MUCAMA

Li o trabalho valiosissimo de Cordeiro da Matta, DIC. KIMBUNDU — PORTUGUEZ, na bibliotheca do meu grande mestre e amigo, Basilio de Magalhães.

João Ribeiro tambem o leu.

Diz Cordeiro da Matta "*Mucama*, escrava amasia do senhor" (obra cit., Lisbôa, 1893).

Porque João Ribeiro repetiu Cordeiro da Matta, não ficava a ninguem mais o direito de o ler? E' uma curiosa "propriedade" literaria.

MOGANGA

João Ribeiro, precedido por Macedo Soares, na pesquisa do etymo, diz *moganga*, abobora como derivado de *mucanca*, campo.

E' muita chimica fazer um *campo* virar *abobora!*

NGOMBE

J. Ribeiro tirou o que se acha no DIC. GRAMMATICAL, de 1888:

"A prova irrefutavel de que a expressão *Gomes* é uma forma de *ngombe* vê-se no espeicme, notado em Minas Geraes e Rio: *Mariangombe"*, para designar a mencionada erva; do que Macedo Soares escreveu na REVISTA BRASILEIRA, em 1880.

"*Ngombe* — termo bundo, boi, vacca.

Entra na composição da palavra *mariangombe*, nome de uma erva medicinal.

Ignoramos o significado de *ma*: *ria ngombe* e "do boi, da vacca".

Em alguns logares do Rio o povo já converteu a palavra em Maria Gomes".

O plágio dispensa commentarios.

QUIBÊBE

E' acceitavel a etymologia de João Ribeiro. Não a conhecia e a adoptaremos opportunamente, como delle.

QUILOMBO

O Sr. Joaquim Ribeiro deve saber que um missionario, Bernardo Maria de Cannecastim escreveu um DICCIONARIO DA LINGUA BUNDA, em 1804.

Pois bem, lá está no velho alfarrabio — *Quilombo* — aldeia".

Isso em 1804.

Ademais, muito antes de João Ribeiro, Já M Soares o considerava africano (1880) e depois com elle

se occupara Rodolpho Garcia (DIC. DE BRASILEIRISMOS).

Aliás Rodolpho Lenz em seu DICIONARIO ETIMOLOGICO DE LAS VOCES CHILENAS, se occupara com o vocabulo.

E eu não creio que autores como Dalgado, Skeat, Ortiz e Lenz, portuguezes, inglezes, cubanos, chilenos, quasi uma Sociedade das Nações, tenham plagiado J. Ribeiro.

Talvez não fosse bem isso...

MINHOCA

Aqui o autor se acabou de convencer que o Sr. Joaquim Ribeiro só folheou A INFLUENCIA AFRICANA NO PORTUGUEZ DO BRASIL na parte do "Vocabulario" procurando algumas palavras: 19 dentre perto de 400 que lá existem.

Sem o que o Sr. Joaquim nãoo "descobriria, que o autor ignora Gonçalves Vianna, cuja obra nenhum estudioso de philologia portugueza, pode ignorar".

Quando na bibliographia do despretencioso livro se acham citadas as tres obras capitaes de Gonçalves Vianna e até a ORTOGRAPHIA NACIONAL foi consultada para a graphia das palavras africanas (fls. 221, 229, 244 e 286).

Quando no seu livro o autor citou Gonçalves Vianna sobre a differenciação por elle feita entre a pronuncia portugueza e a brasileira (A INFLUENCIA AFRICANA, pag. 48) !

Quanto a Carolina Michaelis, della o leitor possue até o CANCIONEIRO DA AJUDA, que todo estudioso sabe quanto custa adquirir !

O etymo latino de C. Michaelis não é nenhuma novidade para o autor.

E deixou de acceital-o como fez Meyer — Lubke em seu ROMANISCHES ETYMOLOGISCHES WORTERBUCH, 5.465.

E; um termo antiquissimo na lingua e podia ter vindo muito bem da Africa através de Portugal como o mostram textos antigos.

O Sr. Joaquim sabe que os portuguezes fizeram jornadas na Africa...

E aliás eu poderia dizer que *inhame* apparece na *Carta* Pero Vaz de Caminha onde a achou João Ribeiro.

Isto não invalida a origem africana.

Não é o caso da "carapuça" de Baptista Caetano.

Prefiro ficar com a origem africana que achei em Pereira do Nascimento (obra cit.)

Quanto á etymologia "myloecos" proposta pelo Sr. Joaquim Ribeiro, talvez por uma gymnastica "ribeirana" se possa converter em "miolecos" ou falta de miolos, molestia de que muita gente padece...

Ainda duas observações.

Diz o Sr. Joaquim: "Gonçalves Vianna que acertava *sempre* errou desta vez".

E' como se vê uma nova significação para o adverbio *sempre*, que dora avante passa a significar "todas as vezes, excepto uma"...

Diz o Sr. Joaquim Ribeiro que "a Historia de seu pae é a que mais possue *intuição* ethnologica!"

Que processo de investigação em ethnologia é a *intuição?*...

Na verdade, o nosso eminentissimo ethnologo Fernandes Pires deve estar surpreso com o novo methodo do Sr. Joaquim a *intuição ethnologica*...

No mais, muito agradeço as observações do Sr. Joaquim Ribeiro, as quaes fizeram emergir da obscuridade um autor sem vaidades...

Macumba (desenho de Augusto Rodrigues)

A cultura singular, o talento vibrante, a imaginação ardente do Sr. Joaquim Ribeiro não tiveram razão neste logar.

Cultura das mais jovens da nossa geração, o Sr. Joaquim Ribeiro merece muito.

Mais ainda lhe deveria o Autor se elle se quizesse dar ao trabalho de ler alguns capitulos de A INFLUENCIA AFRICANA...

Rio, 2-8-1934.

RENATO MENDONÇA.

"A influencia africana no português do Brasil" (1)

CONTESTAÇÃO SERENA A AFFIRMATIVAS INVERIDICAS

A demora da replica que o Sr. Renato Mendonça escreveu em resposta á minha critica ao seu livro A INFLUENCIA AFRICANA NO PORTUGUEZ DO BRASIL — deu origem a uma série de affirmativas inveridicas e confusas.

E' necessario apontar aquellas e esclarecer estas

AFFIRMATIVAS INVERIDICAS

Diz Renato logo no inicio da replica a respeito do seu livro:

"pequenina obra que o Sr. Joaquim Ribeiro se lembrou de criticar".

---

(1) Esta contestação saíu no "Jornal do Commercio" aos 26 de Agosto de 1934.

Não está certo. Foi o Sr. Renato que *se lembrou* (e se lembrou diversas vezes) de me pedir que criticasse o seu livro, cuja critica eu promettera fazer, mas da qual me esquecera, ou antes só a desejava levar a effeito *piedosamente* depois da realização do concurso de Portuguez no Pedro II.

Renato, porém, insistiu diversas vezes e eu apenas attendi ao seu pedido, certamente com a independencia que me caracteriza.

Todavia cingi as minhas observações criticas a demonstrar que o Sr. Renato fizera "boycottage" internacional das *contribuições philologicas* do saudoso Prof. João Ribeiro sobre o assumpto.

Eu não só provei como o Sr. Renato omittiu as *fontes ribeirianas* (que elle agora confessa dizendo ter lido o DICCIONARIO GRAMMATICAL e o artigo sobre "engambelar" na REVISTA DE LINGUA PORTUGUEZA) como ainda apontei: I) a lacuna de Ankermann (um dos orientadores da Escola historico-cultural); II) o erro de admittir *um* dialecto brasileiro donde se originariam outros dialectos ou sub-dialectos; III) a falsidade de affirmar que João Ribeiro não admittia "nagôs" no Brasil; e IV) o plagio que Renato Mendonça fez de Gonçalves Vianna dando como sua, a hypothese de *"minhoca"* ser de origem africana.

Estas foram as breves observações que teci em torno do livro do Sr. Renato Mendonça.

Na replica o Sr. Renato, não podendo se defender, valeu-se de dois meios condemnaveis: a confusão e a affirmativa inveridica.

Para melhor esclarecer o leitor sou obrigado a adoptar um merito enumerativo em que se patenteiem, com nitidez, os processos do pobre rapaz.

I

Tendo eu extranhado que o autor, que se diz adepto da "Escola historico-cultural" não tivesse mencionado o nome de *Ankermann*, coripheu daquella escola e autoridade em assumptos negro-africanos — responde-me o rapaz:

"Quanto a Ankermann nunca mais produziu nada, porquanto é bem conhecida nos meios ethnographicos a doença que o invalida para semelhantes pesquizas".

Isso não é desculpa. E' outra coisa bem differente. Não citou Ankermann porque o eminente ethnologo ficou doente!... Qual! Positivamente quem está doente é o Sr. Renato...

Furioso com a advertencia razoavel que fiz, grita o Sr. Renato: o O Sr. Joaquim não conhece o illustre africanólogo allemão Meinhof!

Porventura sou eu que ando escrevendo theses sobre afro-negrismo?

Extranhei a ausencia de Ankermann porque sendo um dos chefes da Escola historico-cultural (que o Sr. Renato segue) é tambem versado em ethnologia africana, assumpto que o Sr. Renato versou preliminarmente na these...

Se eu quizesse annotar as falhas bibliographicas do rapaz, bastaria frisar que o homem *não consultou nenhum africanólogo norte-americano!*...

Elle leu o Chatelain, já depois da these publicada, porque eu *piedosamente* o emprestei... da mesma maneira que *piedosamente* lhe emprestei o rarissimo JISABU de J. da Matta (que se acha ainda em seu poder) e lhe offereci *gentilmente* um livro francez sobre a Senegambia, que não se encontra em nossas livrarias...

Tudo isso, aliás, só prova a minha bôa vontade para com esse joven.

II

Eu na minha critica frisei que Renato desarrazoadamente "boycottara" as *obras philologicas* de João Ribeiro.

Vae o rapaz e escreve:

"E' o caso da Historia de J. Ribeiro, que é citada 5 vezes nos logares devidos. *Isto com certeza não viu o Sr. Joaquim Ribeiro,* etc.

Isto não é exacto. No meu artigo censurei ter Renato "boycottado" as *obras philologicas* do velho. "Apenas (escrevi textualmente) menciona O FOLCLORE na Bibliographia e, em diversas passagens, a HISTORIA DO BRASIL.

Renato, porém, mente para ludibriar o leitor desprevenido.

Por outro lado eu não neguei como dá a entender o Sr. Renato, que Macedo Soares fosse precursor. Apenas exigi (e exijo) que, ao lado de M. Soares, seja lembrado tambem o nome de João Ribeiro.

E como eu, pensa tambem o mais competente africanólogo brasileiro: Nina Rodrigues, que assim o considera em OS AFRICANOS NO BRASIL.

Jacques Raymundo, que é, no momento, a maior autoridade da philologia afro-brasileira, tambem opina da mesma maneira.

Só Renato acha que as contribuições de João Ribeiro são tão insignificantes que não merecem siquer referencia.

Aliás, vale algumas coisa a opinião do Sr. Renato ?

III

Diz o Sr. Renato Mendonça que eu faço muita questão de prioridades.

Faço sim. Faço da mesma maneira que o Sr. Renato faz de ter publicado a sua these poucos dias antes da these do eminente Prof. Jacques Raymundo... Pelo menos a mim o Sr. Renato fez questão de dar esse aviso...

Além disso o Sr. Renato é o festejado Presidente de um Centro de Estudos Historicos, e, portanto, não deve abominar essas questões chronologicas...

A esse respeito declarei que, antes do Sr. Renato ter publicado a these, eu já esclarecera o etymo do vocabulo

DENGUE

como de origem africana.

Ora, o Sr. Renato replica-me fulminante:

"O Sr. Joaquim chega ao ponto de reivindicar para si, em *post-scriptum* ao seu artigo neste jornal de 17 de Julho, a etymologia de "dengue".

"Diz que assim o provara em seu artigo de 16 de Julho de 1933, mas a esta época o meu livro já estava impresso... E 12 dias depois, nas mãos dos professores do Pedro II, depositava o Autor 100 exemplares".

Isto não pode ser verdade.

E' impossivel que o livro do Sr. Renato já estivesse impresso antes de 16 de Julho de 1933, porque a "Nota liminar" do mesmo está datada de 21 de Julho de 1933.

Como é que o livro já podia estar publicado a 16 de Julho se no proprio livro vem a data de 21 de Julho ?

Impossivel. Renato Mendonça equivocou-se mais uma vez. E o fez sem intenção ?

IV

Tardiamente (pois, no seu livro não se encontra nenhuma declaração nesse sentido) Renato Mendonça faz, ao replicar-me, esta resalva:

"As etymologias dó autor estão resalvadas como, por exemplo, as de *elegba, ebó, cufar, cubata, gangolô, muxôxo,* com um "a nosso ver" "pensamos" e expressões equivalentes".

Ora, isto não é exacto.

Haja vista o verbete "minhoca" onde o rapaz escreve:

"*A nosso ver* o vocabulo é o quimbundo *mu,* prefixo + *nhoka,* cobra, em que *ou* atono pretonico se mudou em *i*".

No meu artigo eu demonstrei que esse etymo nunca, jámais, em tempo algum foi da autoria do Sr. Renato Mendonça. Elle o tirou de Gonçalves Vianna, que se acertava sempre, errou todavia desta vez.

Mostrei ainda com a documentação irrefutavel dada por Carolina Michaëlis na REVISTA LUSITANA (vol. XIII 3-4) que o vocabulo

MINHOCA

já era usual no portuguez no tempo del-rei D. Diniz, tanto que o seu Physico, Mestre Giraldo no seu TRATADO DE ALVEITARIA o emprega.

Como, porém, o Sr. Renato desconhece os documentos antigos da lingua e não sabe e mque época D. Diniz viveu — continúa renitentemente a repetir

o etymo de Gonçalves Vianna, que Carolina ha mais de vinte annos derrubou.

E tem coragem de dizer que a objecção que trouxe "não invalida a origem africana".

Isso é simplesmente irrisorio. Um afronegrismo trazido por portuguezes no tempo del-rei D. Diniz!

Repudia Renato o etymo suggerido por Carolina Michaëlis (*min* + *oca*) e a minha conjectura (*myloecos,* verme da farinha). E a respeito dessa ultima procura fazer chalaça...

Acha elle connexão entre *myloecos* e muita gente desmiolada. E podia ter dito "Oo Sr. Joaquim é um desmiolado". Acho mesmo que é esse o conceito que o Sr. Renato deve fazer de mim ,pois, chegou até me convidar para fazer parte do centro que dirige...

Entretanto elle pensa que póde fazer etymologia sem historia...

Prefere fazer a *nhoka* (cobra) *minhoca* mesmo contra a historia da lingua e acha "desmiolada" a mutação de *myloecos* (verme da farinha, entre os latinos) para *minhoca,* que pelo sentido e pela historia é muito mais razoavel...

V

Renato Mendonça engana o leitor quando dá o *Dicionario brasileiro da lingua portugueza* de Macedo Soares como tendo sido publicado antes do *Diccionario grammatical* de João Ribeiro. No proprio livro do Sr. Renato o livro de Macedo Soares vem com a data de 1889.

Se o Sr. Renato leu todo o *Diccionario grammatical* (e não ficou apenas no artigo *Negro*) sabe muito bem que João Ribeiro no art. *Fronteira* allude aos Diccionarios de Beaurepaire Rohan e Ma-

cedo Soares dizendo que *"estão em via de publicação"* (pag. 187, nota 1.ª da 1.ª edição).

Isto prova a procedencia chronologica do Diccionario de João Ribeiro em relação aos de Beaurepaire Rohan e Macedo Soares.

Todavia o Sr. Renato prefere não seguir a verdade e dá o Diccionario de Macedo Soares como anterior ao Diccionario Grammatical.

Assim é que quando eu affirmei que, antes do Sr. Renato, já João Ribeiro dissera em "A lingua nacional" que o vocabulo

CALUNDÚ

era de origem africana, o endiabrado rapaz me replica que não se abeberou em J. Ribeiro e sim em Macedo oSares, o que, aliás, fez sem o citar. E Macedo Soares muitos annos antes de "Alingua nacional" já o dava como africano no *Diccionario Brasileiro*.

Entretanto, no Diccionario Grammatical de João Ribeiro (que é anterior ao Diccionario de M. Soares) já se encontra *calundú* mencionado como termo sabidamente africano (pag. 130, da 1.ª edição).

A propria citação dos versos de Gregorio de Mattos que se acha em Renato está em "A lingua nacional", livro que o nosso rapaz diz que não leu... por estar esgotada a 1.ª edição. (E' justificativa?)

Renato, porém, truncando uma passagem de "A lingua nacional" diz que João Ribeiro "commete um grave erro ao dizer *"Kalundú* dos nagôas ou yorubas". A lingua dos nagôs é radicalmente diversa da dos angolenses, que pertence ao bantu."

Ora, na "Lingua nacional" J. Ribeiro escreveu: "Em verdade o *Kalundú* dos nagôas ou yorubas ou o *kilundú* (plural *Ilundu*) dos angolenses é o deus que governa os destinos do homem".

Por ahi se vê que João Ribeiro admittia duas origens: uma *banta* e outra *yoruba*.

Quem confundiu foi o Sr. Renato e o fez intencionalmente porque o Sr. Renato não ignora que uma das classificações das linguas africanas que se acham em Nina Rodrigues (*Os africanos no Brasil*) foi dada, como este confessa, por João Ribeiro...

Renato truncou o trecho de "A lingua nacional". E o fez com intenção?

VI

Eu accusei o Sr. Renato de ter buscado o etymo de

camondongo

no Diccionario de João Ribeiro.

Renato confessa que o buscou no Diccionario de Macedo Soares (embora sem o citar) e diz que J. Ribeiro tambem o buscou lá.

Não está certo. João Ribeiro lá não o podia buscar porque o seu Diccionario precede o de Macedo Soares.

Portanto, Renato equivocou-se mais uma vez...

VII

O etymo do vocabulo

CANDONGAS

dado por Renato Mendonça foi tirado do DICCIONARIO GRAMMATICAL de João Ribeiro.

Vejamos

Renato escreve na sua these:

"do quimbundo *ka, prefixo* diminutivo + *ndengue,* pequeno, menor".

Transcrevamos, agora a seguinte passagem de João Ribeiro:

"Camondongo — Rato pequeno. Evidentemente contem *ndheng* pequeno e o afixo diminutivo *ca* (Ivens, Rato pequeno mondongo).

"Candongas — No sentido de coisa pequena: palavra de agrado ás crianças; "minhas candongas". *Vide analse antecedente* (*ca-ndengue,* criança pequena)."

Renato replica-me:

"Em 1888 J. Ribeiro nada adiantou á etymologia da palavra dizendo "palavra de agrado ás crianças. *Nós procuramos a etymologia* e demos do quimbundo *ka,* prefixo diminuitivo + ndengue, menor, pequeno. *Muito differente do que escreveu* o Sr. J. Ribeiro e não sei como elle é, segundo o Sr. Joaquim, o verdadeiro autor da pesquisa etymologica."

Que sem cerimonia! Porventura não aponta João Ribeiro em *cadonga* os dois *elementoss ca* e *ndengue?*

Por ahi se vê o processo do Sr. Renato Mendonça.

VIII

Disse eu, que antes de Renato, já João Ribeiro provara que a palavra portuguesa

INHAME

era de origem africana. O estudo de J .Ribeiro está em O FABORDÃO (1910).

Renato me replica em pilheria e (já se vê) infidelidades.

"Mas antes delle (João Ribeiro) muitos autores se occuparam com a origem africana da palavra, dando o mesmo etymo.

"Leia o Sr. Joaquim o que escreveram Dalgado, Glossario Luso-asiatico. Skeat, ETYMOLOGICAL DICTIONNRY, Fernando Ortiz, Glossario de afro-negrismos...

"Até Capello e Ivens em sua FROM BENGUELLA TO THE TERRITORY OF YACCA, Londres, á pag. 367, do 1.º volume, diz que *inhame* no Congo significa comer. Isso em 1832. Será que a etymologia era de algum avô de João Ribeiro?"

E' pena o Sr. Renato ser tão cretino quando faz graça!

Dos autores citados, sómente Dalgado foi o unico autor que estudou o vocabulo portuguez (inhame).

Ora, João Ribeiro apontou o etymo africano em 1910 em O FABORDÃO e Monsenhor Dalgado só 9 annos depois, em 1919, publicou o seu magnifico GLOSSARIO LUSO-ASIATICO.

Renato mente mais uma vez.

O GLOSSARIO DE AFRO-NEGRISMO de meu eminente amigo, o grande philologo e folklorista cubano Fernando Ortiz, foi publicado não faz ainda duas decadas...

Renato, portanto, novamente mentiu quando o dá como obra anterior a 1910.

Restam SKEAT, que estudou o vocabulo inglez e CAPELLO e IVENS. A obra destes, porém, só na cachóla do Sr. Renato pode ser invocada como documento de etymologista vernaculo.

Renato confunde propositadamente os autores que escreveram sobre a Africa (Capello e Ivens, Cannecatim, Cordeiro da Matta, etc.) com os que

estudaram a influencia negra na lingua portugueza e nos brasileirismos.

A invocação de Capello e Ivens, aqui no caso, demonstra ou muita ingenuidade ou muita deshonestidade...

Por ahi se vê que o Sr. Renato só tem a bella cabeça para enfeite: não raciocina...

Allegação analoga faz o nosso rapaz quando replicando á accusação que fiz delle ter tirado o etymo de

QUILOMBO

de João Ribeiro. Vae o Renato e diz, que LENZ (em que obra estudou brasileirismo?) já tratara do vocabulo QUILOMBO e Cannecatim no DICCIONARIO DA LINGUA BUNDA regista: *quilombo*, aldeia.

Ora, Lenz, estudou "chilenismos" e não "brasileirismos".

Será que o pobre Renato admitte que Cannecatim tambem tenha estudado o brasileirismo "quilombo"?

Ou é ingenuidade ou deshonestidade...

Do mesmo teor é a allegação relativa a

MUCAMA

em que elle diz que se João Ribeiro foi buscar o etymo em Cordeiro da Matta (DICCIONARIO KIMBUNDU-PORTUGUEZ) elle tambem lá foi, embora quasi dez annos depois...

Querer versar um assumpto de erudição como é a etymologia sem ler as tentativas dos antecessores é querer erguer arranha-ceu sobre palitos.

Philologia exige critica, e esta só pode ser feita após longas leituras.

O Sr. Renato jura que não leu A LINGUA NACIONAL — de João Ribeiro.

Fez mal.

Assim é que elle apanhado em flagrante no etymo de

ENGAMBELAR

confessa que tirou de João Ribeiro (de um artigo da *Revista de lingua portugueza*) e não o citou por "simples omissão". Para não dar o braço a torcer, na replica diz que repudia o etymo de João Ribeiro.

Mas como Renato dá a vida para ser infiel diz que eu fui *tendencioso* quando disse que a lição de João Ribeiro estava em A LINGUA NACIONAL. Elle a leu na Revista de lingua portugueza...

Isso, entretanto, não impede que a pagina appareça em A LINGUA NACIONAL (pagina 94, 2.ª edição). Temos, pois, novo equivoco...

DUAS VERDADES ISOLADAS

Eu accusei o Sr. Renato de ter tirado o etymo de

CAÇULA

do DICCIONARIO GRAMMATICAL de João Ribeiro.

Elle responde-me que não tirou de J. Ribeiro e sim de um artigo de Macedo Soares na REVISTA BRASILEIRA (1880) e accusa J. Ribeiro de tambem ter ido lá á mesma fonte.

Está certo.

Aliás quem errou fui eu que dei a João Ribeiro a autoria do etymo, pois, no proprio DICCIONARIO GRAMMATICAL (pag. 130, 1.ª edição) o vocabulo *ca-*

çula vem indicado como de já *sabida* origem africana.

Todavia é de mister notar que Macedo Soares apenas deu a referencia do etymo no bunda *casuli;* João Ribeiro fez exegese mais profunda: mostrou que *casula* era composto *ca-sulo* (*qui-iazuli, iazuli, nú*).

Outra verdade é a respeito de

NGOMBE

que Renato Mendonça e João Ribeiro copiam Macedo Soares, ambos sem o citar.

Renato Mendonça sem o citar e sem o accrescentar.

João Ribeiro, porém, embora não citasse Macedo Soares, enriquece a exegese etymologica não só lembrando a expressão do quimbundo

KIKIJI-NGOMBE

(*erva de vacca*)

como ainda trouxe o dado comparativo: a denominação "lingua de vacca", dada á erva na Bahia e as variantes *João Gomes* e *Mãe João Gomes;* dados estes que Macedo não refere.

São estas as duas unicas verdades isoladas como ilhas no oceano de affirmativas inveridicas e confusões do Sr. Renato Mendonça...

AS CONFUSÕES

Na sua replica só duas vezes fala verdade. Nas demais declarações quando não mente, faz confusão, já se vê, porque a defesa é impossivel...

Vejamos.

CACUNDA

Na minha critica, eu disse que, quando Renato escreveu: "Ha tambem a forma popular *cacunda,* que vem directamente de *kakunda*" copiava o que já escrevera, 45 annons antes, João Ribeiro no DICCIONARIO GRAMMATICAL:

"*Cacunda* não de *macunda* pl. de *ricunda,* mas se mduvida, do proprio diminuitivo *cacunda*".

Ora, Renato não podendo negar o plagio, saese com esta: que elle se occupou tambem da forma *carcunda* e João Ribeiro "apenas se occupou com *cacunda,* contestando Macedo Soares...

Renato poderia ter tratado de mil formas, porém, quando tratou de *cacunda* plagiou João Ribeiro. Foi isso que demonstrei e elle não poderá jamais contestar.

COCHILAR

A respeito desse vocabulo eu critiquei assim. "Diz Renato muito vagamente: termo africano. Já em A LINGUA NACIONAL João Ribeiro o dissera e provara".

O Sr. Renato enguliu a pillula e, espumando de raiva, chama a minha critica de "babosa"...

MALUNGO

Eu salientei a *coincidencia* de Renato com João Ribeiro neste ponto: na contestação do etymo de Macedo Soares.

Não podendo negar essa *coincidencia* demonstrada, Renato me replica chamando a hypothese

apresentada por João Ribeiro de "trapezio etymologico".

Que seja! porém a coincidencia apontada não é nenhum trapezio...

MATUNGO

Acerca dest'outro vocabulo, eu salientei que Renato coincidia com João Ribeiro em attribuir a este vcabulo origem africana. Renato não indica o etymo. João Ribeiro apresenta uma hypothese defensavel.

Não podendo contestar a *coincidencia* apontada, Renato abomina a hypothese de João Ribeiro. Etymologia não é apenas abominação...

MILONGA

Eu mostrei que Renato plagiara Macedo Soares, sem o citar. E mostrei atravez de uma citação de João Ribeiro no DICCIONARIO GRAMMATICAL.

Renato replica-me:

"Desta vez João Ribeiro confessou que tinha tirado o etymo de Macedo Soares. Ao menos desta vez não foi elle o precursor".

Eu respondo:

Desta vez Renato Mendonça, como costuma fazer, não confessou que tinha tirado do etymo de Macedo Soares sem embargo de o considerar o *unico* precursor notavel em material de africanismo...

E' necessario depennar a gralha empavonada...

MOCAMBO

Eu salientei a *coincidencia* de Renato com João Ribeiro em attribuir origem africana ao vocabulo "mocambo".

Negras (desenho de Augusto Rodrigues, que figurou no I Congresso Afro-Brasileiro de Recife)

Essa *coincidencia* é incontestavel.

Replica-me Renato que elle apresentou um etymo e João Ribeiro nenhum. Ora, isso positivamente não derruba a coincidencia apontada: attribuição de origem africana ao vocabulo.

Será que o homem não distingue as coisas?

MOGANGA

Eu salientei que quando Renato contestava Macedo Soares (que suppõe o vocabulo de origem tupy) e suggeria origem *bantu*, tambem *coincida* mais uma vez com João Ribeiro, que propoz um etymo conguez.

A replica de Renato, além de confusa, reflecte má fé. Diz elle:

"João Ribeiro, precedido por Macedo Soares, na pesquiza do etymo, diz *moganga*, abobora como derivado de *mucanca* campo. E' muita chimica fazer um *campo* virar *abobora!*"

Quem não sabe a opinião de Macedo Soares pensa que elle tambem propõe origem africana...

Além disso Renato, contestando, sem reproduzir fielmente, a hypothese de João Ribeiro deturpa a compreensão do etymo.

João Ribeiro escreveu que entre os conguezes a abobora era chamada *isassa quiá mucanca*, isto é, "a arvore dos campos". E não é absurdo que a ultima palavra désse origem a denominação "moganga" popular no Brasil. Ninguem que conhece os phenomenos da linguagem poderá contestar que muitos vocabulos representam vestigios de locuções (ex.: o vocabulo *nada*).

Portanto a exclamação de Renato Mendonça não procede.

Chimica ridicula é a que usa o Sr. Renato quando escreveu em A INFLUENCIA AFRICANA NO PORTUGUEZ DO BRASIL (pag. 129):

"parece termo *bantu* pela presença da consonancia nasalada *ng*."

Isso é irrisorio!

Pela sciencia philologica do Sr. Renato *realengo, flamengo, siringa, dancing, Hong-Kong* e até *King-Kong* são suspeitos de ascendencia *bantu*...

Que philologiasinha...

QUIBEBE

Apontei a *coincidencia* de Renato com João Ribeiro na attribuição da origem africana.

Renato não poude contestar a *coincidencia* e enguliu o etymo apresentado por João Ribeiro.

Andou bem.

* * *

Tudo isso demonstra que Renato não destruiu a prova que fiz de que elle se abeberou no DICCIONARIO GRAMMATICAL, obra que não citou, mas que agora elle confessa que leu...

Ainda que não confessasse as *coincidencias* diriam...

Persiste o Sr. Renato a sustentar que João Ribeiro não admitte *nagôs* no Brasil, apezar de João Ribeiro transcrever na Historia uma passagem de Varnhagem em que se fala de *nagôs*.

O homem teima. Bate pé. Resmunga.

Se elle leu o DICCIONARIO GRAMMATICAL e A LINGUA NACIONAL e persiste a jurar que João Ribeiro não admitte *nagôs* no Brasil é porque quer deturpar intencionalmente o pensamento do saudoso philologo.

Quanto á questão do "dialecto brasileiro" elle renega o que escreveu:

"O portuguez do Brasil constitue *um* dialecto. Proseguindo em sua evolução o dialecto brasileiro differenciou-me em sub-dialectos".

Fez bem em renegar essa tolice. Elle, todavia, me accusa de fazer critica *lateral*...

Não gostando da critica que fiz ao seu trabalho, (pensando talvez que as nossas cordiaes relações obnubilassem a minha sinceridade), resolveu o Sr. Renato fazer a critica da minha critica com duas observações pueris: uma, criticando a minha frase "Gonçalves Vianna, que acertava *sempre*, errou desta vez"; e a outra, quando eu affirmei que a Historia do Brasil de João Ribeiro era a que mais possuia "*intuição* ethnologica".

Está certo, pobre Renato. Apenas você não entende porque não tem capacidade para entender. Você precisa ficar um pouquinho mais intelligente...

Quando você fôr incommodar os seus amigos, que possuem bibliothecas, consulte os Diccionarios da lingua.

As palavras não são tacanhas como o seu cerebro... Leia o que escreveu Mestre João Ribeiro nas CURIOSIDADES VERBAES acerca das "franjas" dos vocabulos...

* * *

Ahi está a serie de equivocos, de confusões e de tolices do confuso e tolo Renato Mendonça, que no domingo passado, pelas columnas deste *Jornal*, tentou replicar á minha critica piedosa.

Lamento, deveras, ter ferido a vaidade desse homem, que se revelou, na replica, atrevido e intratavel.

Todavia como é da natureza humana (já o disse Camões) a mudança, eu acredito ainda que vamos acabar amigos como, ha dias, eramos...

Tanto gosto delle que suggiro ao Exmo. Ministro das Relações Exteriores, que, em virtude dos grandes conhecimentos da philologia afro-negra do Sr. Renato Mendonça, o nomeie consul em Angola...

JOAQUIM RIBEIRO.

Nota final

Discipulo de João Ribeiro, não vacilei ajuntar em apendice a esta coletanea de estudos e notas negro-africanas de meu inesquecivel Pai e Mestre, algumas pesquizas de minha autoria sobre o mesmo assunto.

Por perdoavel dever transcrevi tambem a polemica com o Sr. Renato Mendonça, que desejara esquecida, se porventura tal esquecimento não redundara em prejuizo das contribuições de meu pai. Cumpria-me o dever de defender o patrimonio intelectual do saudoso professor e a sua situação em face das gerações vindouras.

Deveria figurar neste volume a polemica com Artur Ramos sobre o seu ultimo livro *"Folklore negro do Brasil"*, que se processou pelas colunas do "Jornal do Comercio" nos ultimos meses do ano de 1935. A natureza do assunto justificaria essa anexação, que deixa de ser feita para não alongar demais esta coletanea, que deve ser mais de João Ribeiro do que do obscuro anotador. Deixa tambem de figurar neste volume o que João Ribeiro e Silvio Romero escreveram de colaboração no "Compendio de Historia da Literatura Brasileira" sobre o elemento negro, por ser impossivel discriminar o que seja de cada um dos collaboradores. Todavia é digno de observação o conteudo das passagens dessa obra, transcritas em "Casa Grande e Senzala" de Gilberto Freyre.

Reunindo, neste volume, o que o inolvidavel Mestre deixou de mais significativo sobre a materia (1), acho que, com a eloquencia dos fatos, determinei o papel de precursor, que tem sido esquecido por alguns estudiosos menos informados.

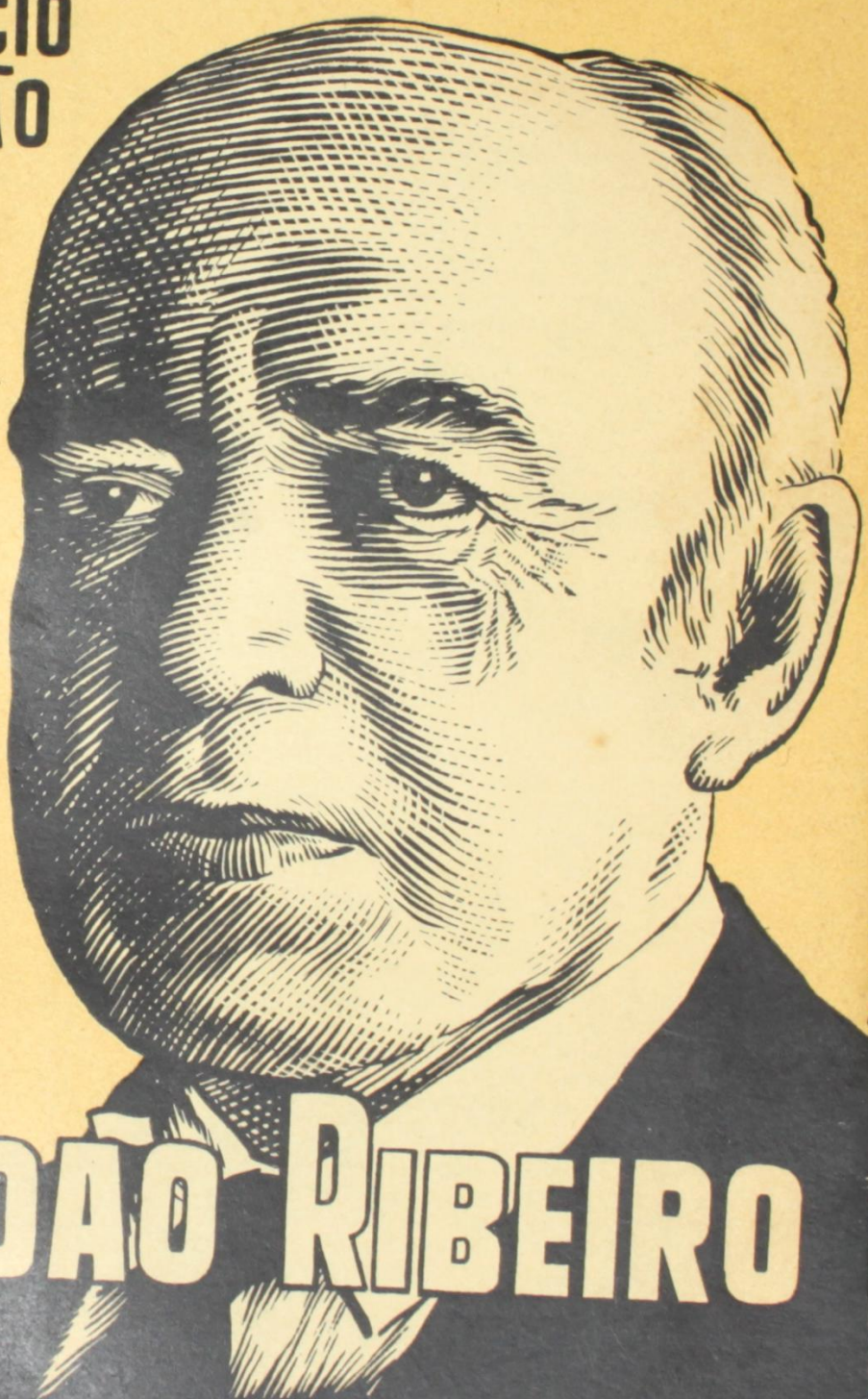
Sentinela do tesouro paterno, posso dizer de mim mesmo que possúo capacidade para lutar, mas não a tenho para odiar...

J. R.

(1) Osa rtigos de *critica* sobre obras relativas a escravidão foram excluidos por ficarem melhor na coletanea sobre esse genero literario. E' possivel que haja se extraviado algua contribuição valiosa, não reunida neste volume.

24.80
RARO

MUCIO LEÃO



PACHECO

JOÃO RIBEIRO

LIVRARIA SÃO JOSÉ

JOÃO RIBEIRO

João Ribeiro está hoje definitivamente colocado, na literatura brasileira, no exato lugar que sempre lhe coube — o de um dos mais resplandescentes cimos das nossas letras. Laudelino Freire fêz, um dia, uma hábil comparação: se na literatura portuguêsa houvéssemos de escolher os três maiores prosadores, poderíamos declinar os nomes de Vieira, Bernardes e Frei Luiz de Sousa; da mesma maneira, e correspondendo cada brasileiro a um dêsses três portugueses, se tivéssemos que selecionar nas letras nacionais os nomes dos três maiores prosadores, poderíamos falar em Rui Barbosa, Machado de Assis e João Ribeiro.

Temos, assim, que João Ribeiro corresponde, nas letras brasileiras ao que é Frei Luiz de Sousa nas letras portuguesas.

É, como o dissemos, uma comparação hábil e inteligente, e que a João Ribeiro, que de maneira tão carinhosa estudou o autor da "HISTÓRIA DE SÃO DOMINGOS" haveria de encher de satisfação.

É sôbre êsse grande escritor brasileiro que Mucio Leão acaba de escrever o volume que aqui a Livraria São José tem a satisfação de apresentar ao público. Tendo iniciado os seus estudos ribeireanos ainda em vida do grande escritor — de quem foi amigo muito chegado e companheiro de trabalho no **Jornal do Brasil** — Mucio Leão já em 1934 (ano da morte do autor de **Fabordão**) dava uma primeira série de estudos, a êle dedicados. Prosseguiu na análise da obra e do pensamento de João Ribeiro, através de vários outros números. E agora, no presente volume, tem a conclusão dos seus esforços de crítica e interpretação.

No volume que aqui oferecemos ao leitor, vemos estudados vários ângulos da sensibilidade, da inteligência e da cultura de João Ribeiro. Vemos, em primeiro lugar, uma síntese de **sua vida e de sua alma.** A seguir, vemos uma notícia sôbre as viagens que realizou. Seguem-se os capítulos em que são tratados outros aspectos do escritor: o seu estilo, a sua arte de autor de ficção, a sua crítica, o seu ensaio.

Como nos mostra Mucio Leão nestas páginas, João Ribeiro foi um crítico de acuidade rara, de raríssima cultura. Nenhum problema

MUCIO LEÃO

JOÃO RIBEIRO

1962
LIVRARIA SÃO JOSÉ
RIO DE JANEIRO

I

A VIDA E A ALMA DE UM ESCRITOR

I

ESTUDOS DE PINTURA

UM PINTOR MÍSTICO

No comêço da vida, João Ribeiro, como qualquer outro rapazinho, está incerto sôbre a sua vocação. Será pintor, será músico, será escultor? A inquietação, a mobilidade, a riqueza extrema da fantasia, levam-no a oscilar de um lado para outro, sem saber qual das vocações, que em seu espírito se esboçam, há de predominar.

A primeira de suas manifestações de espírito é evidentemente a pintura. Seus cadernos dos dezessete anos, os cadernos em que recolhia os versos na adolescência, são cheios de desenhos caprichosos, de arabescos, que vai traçando, com a mão inexperiente, porém ágil.

E' em Laranjeiras, sua cidadezinha natal. Alí os costumes antigos se conservam. Os grandes acontecimentos são as festas religiosas. Laranjeiras engalana-se, no dia dos Reis, no dia de São Pedro... Mas, sobretudo, engalana-se no dia de Natal. Há, então charangas que tocam, sinos que mandam para o céu os apêlos da população, presépios tão bonitos que só vendo... Os artistas de maior talento exercitam-se em pintar êsses presépios. Tornam-se mestres em desenhar a figura da Virgem, a figurinha da criança núa, o vulto encanecido e grave de São José. E ao lado dos três, junto à manjedoura, os bichos felizes que o contacto com o Salvador dos homens tornou sagrados: o jumento, o galo, o boi...

João Ribeiro revela-se perito na arte de fazer presépios. Aprende a exprimir, com um talento comovido, a poesia e o mistério da noite incomparável. E os presépios que arma são os mais bem feitos de tôda Laranjeiras.

Já velho, na saudade dêsses dias infantis, evocará os seus antigos trabalhos: "Uma tia velha minha, de grande e sincera religião, todos os anos armava o presépio do Menino Deus... Desde criança eu tinha algumas manhas de pintor, e como minha velha tia acreditava em mim, incumbia-me de pintar a vista de Belem, que figuravam os lónges e os fundos do presépio. Deus sabe com que palheta e com que arqueologia eu imaginava uma cidade do Oriente, nos meus onze ou doze anos de idade. A verdade é que tomava a sério a minha tarefa, e era também uma inspiração da fé da primeira idade. E hoje daria tudo para obter um fragmento que fôsse daquêle papel pintado da minha primitiva pintura..."

A AVENTURA DA VIDA

Mas João Ribeiro é a êsse tempo uma criança. E logo a vida vai chamá-lo para outros trabalhos.

Êle parte, vai para Aracaju, vai para a Bahia. Nessas cidades estuda em Liceus e Academias. Tira com brilho o curso do Ginásio. Quer, depois, tirar o de Medicina. Entra, como ouvinte, para a Faculdade de Salvador. Mas em breve desiste. Sua vocação, de certo, não é a Medicina, arte de lidar com inimigos invisíveis.Sua vocação é a Matemática, a ciência que lida com os dados precisos, com os números e as linhas. Sim! o que deve fazer é partir para a Côrte. Alí, entrará para a Escola Politécnica...

E parte para o Rio.

Mas, na grande cidade, esquece os planos de estudar Engenharia. Uma outra atividade mental — a mais sedutora e a mais pérfida, aquela que tem os horizontes mais largos, os longes mais dilatados, o campo mais fecundo, porque abrange o campo de tôdas as outras, — vai chamá-lo, enleá-lo, num aceno de promessas enganosas. E' o jornal. João Ribeiro entrega-se à vida de jornalista, com Quintino Bocaiuva, José do Patrocínio, Alcindo Guanabara.

Tôda a sua vida, com efeito, vai se fazer em tôrno dessa carreira essencial. E podemos dizer que tudo o mais — a filologia e a história, o professorado, o folclore, a crítica — tudo, nêle, são atividades que se condicionam ao jornalismo.

UM ALUNO DE BATISTA DA COSTA

Mas o que eu quero dizer aqui é também outra coisa... Quero dizer que, enquanto se entrega aos estudos de natureza científica ou literária, João Ribeiro não se descura de aprender a sua arte predileta. No Rio, trava relações com Batista da Costa. Êsse artista é um dos maiores nomes da pintura brasileira naquêle momento.

E' com Batista da Costa que João Ribeiro começa, na Côrte, o estudo de pintura. Seu desejo é tornar-se, a exemplo do mestre, um paisagista. Enche suas telas de trechos de jardins, de telhados de casas, de recantos de florestas sob o sol... Batista da Costa dirige-lhe o trabalho e a inspiração. De vez em quando, corrige-lhe um detalhe da tela: uma certa côr que não está bem, um certo efeito de luz que não está preciso. Um dia, João Ribeiro fêz certa mancha com especial carinho. Batista louvou-a. Sim, senhor! o aluno estava melhorando muito! Mas, olhe aqui: êsse verde de lago devia estar bem mais claro para o lado de cá, e essa ingazeira será que não devia vir mais para êste canto?

O mestre toma da palheta, conserta o trabalho do aluno. O quadro, assim, parece ter um encanto de obra-prima. João Ribeiro guarda, como dádiva preciosa, essa mancha. Muitos anos mais tarde, lembra, num artigo piedoso, escrito a propósito do mestre e amigo, a aventura deliciosa que eram os seus estudos naquêle tempo.

ESTUDOS NA ALEMANHA E NA ITALIA

Estamos em 1895. João Ribeiro parte para a Alemanha. Ao chegar a Berlim, sua grande preocupação é tomar um curso de pintura.

Matriculou-se nas aulas do pintor Wildeburd Winck, "moço ainda, sem nomeada, mas de futuro e de grande talento". A classe compunha-se de dez alunos, sendo oito moças. João Ribeiro faz, desde logo, um estudo de cabeça. O mestre — que louva a inteligência do aluno e muito espera dela — acha que

o desenho está ruim. Obriga-o a encarvoar-se de *fusain*, no afã de melhorar o trabalho.

A idéia de João Ribeiro é estudar longamente a sua arte; planeja frequentar ao mesmo tempo duas escolas de pintura. Se tiver tempo, ainda aprenderá outras coisas: a pintura sôbre fotografias, a pintura sôbre vidro ou porcelana, "outras químicas alemãs"...

Vem o ano de 1901. Vem o ano de 1913. Assinalam as duas outras viagens de João Ribeiro à Europa. Vai a vários países.

Mas as raízes profundas da sua alma e da sua cultura estão sobretudo em dois lugares: na Alemanha e na Itália. Na Alemanha, sente que estão as solicitações de sua cultura, a sêde dêsse saber ardente que o consome; na Itália, encontra as bases de sua sensibilidade, essa claridade nativa e matinal, êsse rítmo de música, que caracterizam seu espírito de latino-americano.

Entre as cidades italianas, prefere Milão. Mas não quer apenas ver, olhar, contemplar a majestosa opulência da cidade. Quer prosseguir nos seus estudos de arte. Entra na classe do professor Bartezzago. Alí, repetem-se episódios semelhantes àquêles que haviam ocorrido no Rio, nas aulas de Batista da Costa. Bartezzago ensina-lhe o que deve fazer, corrige-o, quando êle faz errado, anima-o, estimula-o.

CONSOLAÇÃO DE ERUDITO

Certos estudos, feitos nêsses vários cursos, ficaram sendo os humildes orgulhos de sua alma de erudito. Êle proclama, com uma vaidade que mal sabe disfarçar, a faculdade que tem de perceber, mediante um simples golpe de vista, os segredos da anatomia, que se escondem sob as roupas severas.

UMA EXPOSIÇÃO

E acaba acreditando que a sua vocação é realmente a pintura. As cartas que escreve aos amigos são cheias de planos, de projetos, de imaginações, nesse terreno. Em 13 de março de 1899, escreve a Graça Aranha: — "Falas dos meus quadros... Por enquanto só penso nas minhas pinturas, que são

apenas fragmentos, estudos e não quadros; êstes, porém, estão imaginados, esperando que sejam executados mais tarde, porque envolvem trabalho maior, muito mais tela e muito mais dinheiro".

Trabalha. Realiza o que pode, e da melhor maneira que pode. Em 1900 expõe algumas de suas telas. A crítica, com desdenhoso ceticismo, não enxerga no escritor ilustre a possibilidade de tornar-se um ilustre pintor...

João Ribeiro entristece e confidencia a Graça Aranha (17 de janeiro): "Falas das minhas pinturas. Foram horrìvelmente maltratadas pela crítica, o que aliás não me perturba, nêste tempo, sendo cônsules Oscar Guanabarino, Dunshee d'Abranches e outros menores. Não as pudeste ver e teu juízo ser-me-ia necessário. Não ousei pedir ao Nabuco que as visse, êle que, para mim, tem grandes delicadezas de sentir uma obra de arte, e quando escreve nada constrói que não tenha a perspectiva e distribuição de luz e sombra".

OUTRAS FRUSTRAÇÕES

Não foi sòmente a pintura que João Ribeiro tentou fazer. Imaginou poder ser também escultor e músico.

Quanto à escultura, parece ter sido nêle uma ambição passageira. Nada afirmo, porque nada pude apurar nêsse sentido, além de uma ou outra referência muito ligeira do próprio João Ribeiro. Sei, porém, que êle escrevia sôbre escultura com a maestria habitual, como testemunha o artigo que publicou acêrca do projetado monumento ao Barão do Rio Branco.

Também a música, não creio que João Ribeiro a tenha cultivado com grande constância. Entretanto, posso dar o meu depoimento de que êle possuía suas disposições para essa arte, como evidencia um fato que presenciei.

Em uma tarde de 1931, estávamos na redação do *Jornal do Brasil* várias pessoas, quando João Ribeiro entrou. Trazia um rôlo de papel, que desfez, abrindo diante de nossos olhos uma página de música, que um compositor seu camarada acabara de entregar-lhe na rua. Voltando-se para um dos presentes, intimou-o:

— Cante isto.

A pessoa respondeu-lhe que não o podia fazer, porque nada sabia de música.

MUCIO LEÃO

PACHECO

JOÃO RIBEIRO

LIVRARIA SÃO JOSÉ

JOÃO RIBEIRO

João Ribeiro está hoje definitivamente colocado, na literatura brasileira, no exato lugar que sempre lhe coube — o de um dos mais resplandescentes cimos das nossas letras. Laudelino Freire fêz, um dia, uma hábil comparação: se na literatura portuguêsa houvéssemos de escolher os três maiores prosadores, poderíamos declinar os nomes de Vieira, Bernardes e Frei Luiz de Sousa; da mesma maneira, e correspondendo cada brasileiro a um dêsses três portugueses, se tivéssemos que selecionar nas letras nacionais os nomes dos três maiores prosadores, poderíamos falar em Rui Barbosa, Machado de Assis e João Ribeiro.

Temos, assim, que João Ribeiro corresponde, nas letras brasileiras ao que é Frei Luiz de Sousa nas letras portuguesas.

É, como o dissemos, uma comparação hábil e inteligente, e que a João Ribeiro, que de maneira tão carinhosa estudou o autor da "HISTÓRIA DE SÃO DOMINGOS" haveria de encher de satisfação.

É sôbre êsse grande escritor brasileiro que Mucio Leão acaba de escrever o volume que aqui a Livraria São José tem a satisfação de apresentar ao público. Tendo iniciado os seus estudos ribeireanos ainda em vida do grande escritor — de quem foi amigo muito chegado e companheiro de trabalho no **Jornal do Brasil** — Mucio Leão já em 1934 (ano da morte do autor de **Fabordão**) dava uma primeira série de estudos, a êle dedicados. Prosseguiu na análise da obra e do pensamento de João Ribeiro, através de vários outros números. E agora, no presente volume, tem a conclusão dos seus esforços de crítica e interpretação.

No volume que aqui oferecemos ao leitor, vemos estudados vários ângulos da sensibilidade, da inteligência e da cultura de João Ribeiro. Vemos, em primeiro lugar, uma síntese de **sua vida e de sua alma.** A seguir, vemos uma notícia sôbre as viagens que realizou. Seguem-se os capítulos em que são tratados outros aspectos do escritor: o seu estilo, a sua arte de autor de ficção, a sua crítica, o seu ensaio.

Como nos mostra Mucio Leão nestas páginas, João Ribeiro foi um crítico de acuidade rara, de raríssima cultura. Nenhum problema

MUCIO LEÃO

JOÃO RIBEIRO

1962
LIVRARIA SÃO JOSÉ
RIO DE JANEIRO

I

A VIDA E A ALMA DE UM ESCRITOR

I

ESTUDOS DE PINTURA

UM PINTOR MÍSTICO

No comêço da vida, João Ribeiro, como qualquer outro rapazinho, está incerto sôbre a sua vocação. Será pintor, será músico, será escultor? A inquietação, a mobilidade, a riqueza extrema da fantasia, levam-no a oscilar de um lado para outro, sem saber qual das vocações, que em seu espírito se esboçam, há de predominar.

A primeira de suas manifestações de espírito é evidentemente a pintura. Seus cadernos dos dezessete anos, os cadernos em que recolhia os versos na adolescência, são cheios de desenhos caprichosos, de arabescos, que vai traçando, com a mão inexperiente, porém ágil.

E' em Laranjeiras, sua cidadezinha natal. Alí os costumes antigos se conservam. Os grandes acontecimentos são as festas religiosas. Laranjeiras engalana-se, no dia dos Reis, no dia de São Pedro... Mas, sobretudo, engalana-se no dia de Natal. Há, então charangas que tocam, sinos que mandam para o céu os apêlos da população, presépios tão bonitos que só vendo... Os artistas de maior talento exercitam-se em pintar êsses presépios. Tornam-se mestres em desenhar a figura da Virgem, a figurinha da criança núa, o vulto encanecido e grave de São José. E ao lado dos três, junto à manjedoura, os bichos felizes que o contacto com o Salvador dos homens tornou sagrados: o jumento, o galo, o boi...

João Ribeiro revela-se perito na arte de fazer presépios. Aprende a exprimir, com um talento comovido, a poesia e o mistério da noite incomparável. E os presépios que arma são os mais bem feitos de tôda Laranjeiras.

Já velho, na saudade dêsses dias infantis, evocará os seus antigos trabalhos: "Uma tia velha minha, de grande e sincera religião, todos os anos armava o presépio do Menino Deus... Desde criança eu tinha algumas manhas de pintor, e como minha velha tia acreditava em mim, incumbia-me de pintar a vista de Belem, que figuravam os lónges e os fundos do presépio. Deus sabe com que palheta e com que arqueologia eu imaginava uma cidade do Oriente, nos meus onze ou doze anos de idade. A verdade é que tomava a sério a minha tarefa, e era também uma inspiração da fé da primeira idade. E hoje daria tudo para obter um fragmento que fôsse daquêle papel pintado da minha primitiva pintura..."

A AVENTURA DA VIDA

Mas João Ribeiro é a êsse tempo uma criança. E logo a vida vai chamá-lo para outros trabalhos.

Êle parte, vai para Aracaju, vai para a Bahia. Nessas cidades estuda em Liceus e Academias. Tira com brilho o curso do Ginásio. Quer, depois, tirar o de Medicina. Entra, como ouvinte, para a Faculdade de Salvador. Mas em breve desiste. Sua vocação, de certo, não é a Medicina, arte de lidar com inimigos invisíveis.Sua vocação é a Matemática, a ciência que lida com os dados precisos, com os números e as linhas. Sim! o que deve fazer é partir para a Côrte. Alí, entrará para a Escola Politécnica...

E parte para o Rio.

Mas, na grande cidade, esquece os planos de estudar Engenharia. Uma outra atividade mental — a mais sedutora e a mais pérfida, aquela que tem os horizontes mais largos, os longes mais dilatados, o campo mais fecundo, porque abrange o campo de tôdas as outras, — vai chamá-lo, enleá-lo, num aceno de promessas enganosas. E' o jornal. João Ribeiro entrega-se à vida de jornalista, com Quintino Bocaiuva, José do Patrocínio, Alcindo Guanabara.

Tôda a sua vida, com efeito, vai se fazer em tôrno dessa carreira essencial. E podemos dizer que tudo o mais — a filologia e a história, o professorado, o folclore, a crítica — tudo, nêle, são atividades que se condicionam ao jornalismo.

UM ALUNO DE BATISTA DA COSTA

Mas o que eu quero dizer aqui é também outra coisa... Quero dizer que, enquanto se entrega aos estudos de natureza científica ou literária, João Ribeiro não se descura de aprender a sua arte predileta. No Rio, trava relações com Batista da Costa. Êsse artista é um dos maiores nomes da pintura brasileira naquêle momento.

E' com Batista da Costa que João Ribeiro começa, na Côrte, o estudo de pintura. Seu desejo é tornar-se, a exemplo do mestre, um paisagista. Enche suas telas de trechos de jardins, de telhados de casas, de recantos de florestas sob o sol... Batista da Costa dirige-lhe o trabalho e a inspiração. De vez em quando, corrige-lhe um detalhe da tela: uma certa côr que não está bem, um certo efeito de luz que não está preciso. Um dia, João Ribeiro fêz certa mancha com especial carinho. Batista louvou-a. Sim, senhor! o aluno estava melhorando muito! Mas, olhe aqui: êsse verde de lago devia estar bem mais claro para o lado de cá, e essa ingazeira será que não devia vir mais para êste canto?

O mestre toma da palheta, conserta o trabalho do aluno. O quadro, assim, parece ter um encanto de obra-prima. João Ribeiro guarda, como dádiva preciosa, essa mancha. Muitos anos mais tarde, lembra, num artigo piedoso, escrito a propósito do mestre e amigo, a aventura deliciosa que eram os seus estudos naquêle tempo.

ESTUDOS NA ALEMANHA E NA ITÁLIA

Estamos em 1895. João Ribeiro parte para a Alemanha. Ao chegar a Berlim, sua grande preocupação é tomar um curso de pintura.

Matriculou-se nas aulas do pintor Wildeburd Winck, "moço ainda, sem nomeada, mas de futuro e de grande talento". A classe compunha-se de dez alunos, sendo oito moças. João Ribeiro faz, desde logo, um estudo de cabeça. O mestre — que louva a inteligência do aluno e muito espera dela — acha que

o desenho está ruim. Obriga-o a encarvoar-se de *fusain*, no afã de melhorar o trabalho.

A idéia de João Ribeiro é estudar longamente a sua arte; planeja frequentar ao mesmo tempo duas escolas de pintura. Se tiver tempo, ainda aprenderá outras coisas: a pintura sôbre fotografias, a pintura sôbre vidro ou porcelana, "outras químicas alemãs"...

Vem o ano de 1901. Vem o ano de 1913. Assinalam as duas outras viagens de João Ribeiro à Europa. Vai a vários países.

Mas as raízes profundas da sua alma e da sua cultura estão sobretudo em dois lugares: na Alemanha e na Itália. Na Alemanha, sente que estão as solicitações de sua cultura, a sêde dêsse saber ardente que o consome; na Itália, encontra as bases de sua sensibilidade, essa claridade nativa e matinal, êsse rítmo de música, que caracterizam seu espírito de latino-americano.

Entre as cidades italianas, prefere Milão. Mas não quer apenas ver, olhar, contemplar a majestosa opulência da cidade. Quer prosseguir nos seus estudos de arte. Entra na classe do professor Bartezzago. Alí, repetem-se episódios semelhantes àquêles que haviam ocorrido no Rio, nas aulas de Batista da Costa. Bartezzago ensina-lhe o que deve fazer, corrige-o, quando êle faz errado, anima-o, estimula-o.

CONSOLAÇÃO DE ERUDITO

Certos estudos, feitos nêsses vários cursos, ficaram sendo os humildes orgulhos de sua alma de erudito. Êle proclama, com uma vaidade que mal sabe disfarçar, a faculdade que tem de perceber, mediante um simples golpe de vista, os segredos da anatomia, que se escondem sob as roupas severas.

UMA EXPOSIÇÃO

E acaba acreditando que a sua vocação é realmente a pintura. As cartas que escreve aos amigos são cheias de planos, de projetos, de imaginações, nesse terreno. Em 13 de março de 1899, escreve a Graça Aranha: — "Falas dos meus quadros... Por enquanto só penso nas minhas pinturas, que são

apenas fragmentos, estudos e não quadros; êstes, porém, estão imaginados, esperando que sejam executados mais tarde, porque envolvem trabalho maior, muito mais tela e muito mais dinheiro".

Trabalha. Realiza o que pode, e da melhor maneira que pode. Em 1900 expõe algumas de suas telas. A crítica, com desdenhoso ceticismo, não enxerga no escritor ilustre a possibilidade de tornar-se um ilustre pintor...

João Ribeiro entristece e confidencia a Graça Aranha (17 de janeiro): "Falas das minhas pinturas. Foram horrìvelmente maltratadas pela crítica, o que aliás não me perturba, nêste tempo, sendo cônsules Oscar Guanabarino, Dunshee d'Abranches e outros menores. Não as pudeste ver e teu juízo ser-me-ia necessário. Não ousei pedir ao Nabuco que as visse, êle que, para mim, tem grandes delicadezas de sentir uma obra de arte, e quando escreve nada constrói que não tenha a perspectiva e distribuição de luz e sombra".

OUTRAS FRUSTRAÇÕES

Não foi sòmente a pintura que João Ribeiro tentou fazer. Imaginou poder ser também escultor e músico.

Quanto à escultura, parece ter sido nêle uma ambição passageira. Nada afirmo, porque nada pude apurar nêsse sentido, além de uma ou outra referência muito ligeira do próprio João Ribeiro. Sei, porém, que êle escrevia sôbre escultura com a maestria habitual, como testemunha o artigo que publicou acêrca do projetado monumento ao Barão do Rio Branco.

Também a música, não creio que João Ribeiro a tenha cultivado com grande constância. Entretanto, posso dar o meu depoimento de que êle possuía suas disposições para essa arte, como evidencia um fato que presenciei.

Em uma tarde de 1931, estávamos na redação do *Jornal do Brasil* várias pessoas, quando João Ribeiro entrou. Trazia um rôlo de papel, que desfez, abrindo diante de nossos olhos uma página de música, que um compositor seu camarada acabara de entregar-lhe na rua. Voltando-se para um dos presentes, intimou-o:

— Cante isto.

A pessoa respondeu-lhe que não o podia fazer, porque nada sabia de música.

João Ribeiro pôs-se então a ler, trauteando-a, a música, que havia pouco desembrulhara.

A REVOLUÇÃO DE GRIMM

Nas suas meditações sôbre a pintura, João Ribeiro sente que a primeira condição para se realizar em sua arte é o contato com a natureza. Detesta o ambiente da simples teoria, ou mesmo a lição fechada do *atelier*, em que só se pode aprender a cópia servil do modêlo, em que só se pode haurir a imitação melancólica das linhas e das formas apresentadas para serem copiadas.

E sincero louvor lhe merece o mestre capaz de reformar êsse estado de coisas errado.

Encontro em um dos seus artigos a revelação de um dêsses mestres:

"Tudo quanto se aprende no Brasil, no mais alto grau do ensino, não passa de aplicação e de experiências dedutivas. Não sabemos procurar nem achar coisa alguma, do céu à terra, da floresta ao homem, no ensino público.

"A nossa natureza é o compêndio.

"Aqui, há muitos anos, um alemão, o pintor Grimm, fêz uma espécie de revolução estética na nossa Escola de Belas Artes onde os alunos faziam paisagens copiando ilustrações.

"— Não, senhor. Vamos ao campo. Ao ar livre é que havemos de ser paisagistas". (1)

A PAISAGEM BRASILEIRA E CONRADO GUENTHER

Meditação que me parece ter incontestável significação na obra de João Ribeiro, nessa parte relativa aos estudos de arte, é a que se contém no artigo que êle intitulou *Conrado Guenther*. (2)

E' êsse o nome de um naturalista alemão que publicou um livro intitulado *A Face do Brasil* (*Das Antlitz Brasiliens*).

(1) — *Jornal do Brasil*, 22-1-1928.
(2) — *Jornal do Brasil*, 2-12-1932.

Guenther percorreu o Brasil entre Olinda e São Paulo, tendo sido hóspede, nas duas cidades e também no Rio de Janeiro, dos beneditinos. Em tôda essa extensão do nosso país viu êle "as árvores selvagens, a palmeira trepadeira, o *Jacytara*, os cipós, os fetos e as arborescências quase redundantes da nossa terra."

"Sem dúvida, êle não viu mais do que nós, mas viu melhor; sentiu a sombra azul, e não negra, das ramagens, e o encanto da nossa natureza sem as variações das estações, na sua quase perpétua luminosidade da primavera perpétua."

Foi em Conrado Guenther, em suas teorias e em suas lições, que João Ribeiro pôde afinal vir a compreender um mistério que o atormentava desde os tempos da mocidade, sem para êle achar explicação possível — a de que existia grande diferença entre a floresta européia e a brasileira. Guenther afirma que a pintura dos bosques brasileiros exige uma técnica especial e pincéis mais finos que os que servem para idêntico fim na Europa. "Há qualquer coisa de *miniatura* nas formas aparentes da nossa floresta e só um naturalista como Guenther poderia formular a teoria dessa visão pitoresca do Brasil, com as suas árvores, os cipós e as folhas raras, que deixam passar a jatos a luz que vem do alto."

Nêsse ponto, João Ribeiro aproxima da explicação de Conrado Guenther a de um outro sábio — o botânico Huberland —o qual notou esta diferença que dizia existir entre a floresta européia e a dos trópicos: aquela tem só duas dimensões, comprimento e largura; ao passo que a dos trópicos tem três dimensões, pois que nela é muito sensível também a profundidade.

"Os vegetais do mundo antigo, esclarece João Ribeiro, não têm profundidade, porque lhes falta a luz e não possuem a inumerável rêde de liames que prolongam para dentro a rêde das plantas.

"A imagem de Huberland, conclui êle então, repetida por Guenther, dá-me a chave dessa diferença pictórica que eu era incapaz de perceber."

O MÉRITO DE UM PINTOR

Mas, em última análise, qual seria, realmente, o valor de João Ribeiro como pintor?

Mais tarde, êle próprio não ligava a mínima importância a tudo o que fizera nessa arte. Cem vêzes êsse homem (que foi o homem que mais soube fazer, no mundo, o exercício da ironia contra si mesmo) sorriu dos seus velhos sonhos de artista. "Eu também fui pintor, *anch'io*", diz-nos no citado artigo sôbre Conrado Guenther. "Não foi em outra incarnação, como dizem agora os espiritas; foi na minha mocidade, já tão remota que me parece uma vida anterior".

Sorri de sua velha vocação: "A minha vocação de pintamonos era como a daquêle pintor de que fala Dom Quixote. Êle, como eu, pintava ao acaso: — E' o que sair — dizia. E podia sair uma pessoa, um cavalo, ou talvez um castelo".

Não acreditemos, porém, nessas malícias. João Ribeiro tinha o hábito de mofar de si próprio, mesmo nas coisas em que era mestre incontestado. Zomba de seu saber de gramático, de seu saber de historiador, de seu saber de folclorista, de sua atividade de crítico. Se o ouvíssemos, se tomássemos ao pé da letra o que êle diz, faríamos a seu respeito um juízo muito mesquinho.

E a verdade é que as irônicas apreciações que João Ribeiro faz de sua arte são apenas um artifício de ironista. Machado de Assis e José Veríssimo possuem quadros seus e os estimam. Sacramento Blake está informado de que Souza Bandeira também possuía um dos seus quadros.

A família Ribeiro ainda conserva várias das telas do escritor.

UM CRÍTICO DE ARTE

Podemos agora dizer que, chegando a essa desilusão de seu talento de pintor, João Ribeiro nem por isso se desprende do seu velho amor pela pintura.

Transferiu-se apenas de órbita ou de clima. Em vez de permanecer na órbita ou no clima da criação, passou para a órbita ou o clima do apreciador, do estudioso, do crítico.

* * *

Mal inicia a sua atividade jornalística no Rio de Janeiro, vai revelando o conhecedor, o crítico de artes plásticas, que traz consigo.

Já em 1881, nas colunas do *Globo*, dá notícia de Horácio Hora, o pintor sergipano. Pouco mais tarde, em sua colaboração da *Época* e do *País*, encontraremos comentários e opiniões acêrca de pintores e quadros.

Podemos ver mais de perto alguma dessas suas opiniões, alguns dêsses seus comentários.

Horácio Hora, segundo a informação que nos dá do pintor de quem foi amigo em Sergipe, "desde cedo revelou o gênio". Passava as horas pintando coisas nas paredes de Aracaju. E de tal maneira o fêz, que um dia os bons aracajuenses, "abordando o pintor, pegaram-lhe pela casaca e lhe gritaram fortemente: "Vá-se com todos os diabos. Suma-se!" Horácio foi para Paris, onde vivia olhando as vitrinas do *boulevard* como um gamin provençal. "Um dia lembrou-se da pátria e numa enorme tela encarnou a *forma ideal da Virgem*. Dos autores do passado Murilo como que espiava o enorme pensamento do discípulo. Há nêsse quadro a transpiração duma grande idéia; sente-se que se está perto do sol; há como que um calor que poreja da tela como as pérolas do pranto rorejam das pálpebras da mulher santa." (1)

* * *

E' a propósito de um dos salões de Belas Artes —o de 1897 — que temos ocasião de ver qual a maneira como João Ribeiro julgará alguns dos pintores mais gloriosos do seu tempo — um Almeida Júnior, um Rodolfo Amoedo, um Henrique Bernardelli, um Brocos, um Oscar Pereira da Silva.

De Almeida Júnior diz êle: "Não podemos compreender num artista como o Sr. Almeida Júnior, que outrora tanto se distinguiu entre nós, a tristíssima inferioridade de todos os seus quadros êste ano expostos. *Caçando* é o título de uma tela insignificante, sem desenho, com um céu lavado e sem profundeza, de águas sem transparência, a refletir uma verdura pintada em um único tom — tudo isso talvez para traduzir uma paisagem matinal. Quanto esfôrço inútil!"

Para Rodolfo Amoedo não é muito mais amável. Põe o reparo de que na exposição daquêle ano o pintor não apresentou *nenhum quatro digno de elogio*. E faz assim a crítica dos trabalhos com que o artista compareceu ao salão: "Os dois

---

(1) — Veja o *Globo*, 22-10-1881; e também *Euclides*, vol. I, pág. 92.

retratos ns. 16 a 18, que são os seus trabalhos de maior dimensão, impressionam mal, por uma sensível falta de harmonia no colorido. No primeiro, o fundo verde-azeitona não se casa com a mancha violácea das vestes, essas duas côres, já de si mortas, amortecem-se reciprocamente e tiram todo o relêvo à figura; ao demais, a carnação e o fundo nas suas sombras, são pintadas a tinta negra (!), côr de que o artista nunca se utilizou e de que ninguém se utiliza quando é preciso indicar uma sombra, a não ser quando se trata de luz artificial à noite. Donde lhe veio semelhante inspiração?

"No segundo retrato nota-se o mesmo esmorecimento de fundo sôbre o qual embalde tentam sobressair os cabelos do modêlo da mesmíssima côr."

Para Henrique Bernardelli a crítica é ainda mais dura: "Outro professor, o Sr. Henrique Bernardelli, expôs nada menos de dezessete composições. Houve excesso nessa abundância, e não o digo porque as telas sejam em grande número, mas porque a elas o artista juntou umas tantas aquarelas banais, feitas um pouco *a la diable* e que não parecem dignas do seu talento, que é grande e notável. O Sr. Henrique Bernardelli produz muito, e para isso apraz-lhe pintar, se é lícito dizer, a grossas *lambadas*, e é negligente no acabamento dos seus quadros. (...)

"Um defeito, ou antes uma mania do Sr. Henrique Bernardelli, é a de dar nomes pomposos aos seus quadros; por exemplo, a de denominar *Santa Maria* a uma marinha simples ainda que bela, onde é apenas detalhe insignificante a caravela que se destaca sôbre o fundo. Não se faz assim um quadro de história. A leviandade é tanto maior quanto, se havia mister indicar o descobrimento da terra americana, nêsse caso, ou deviam ser representadas as três caravelas de Colombo, ou, a ser representada uma só nau, essa deveria ser aquela donde primeiro se avistou terra, e que se chamava *Pinta* e não *Santa Maria*."

Brocos não recebe tratamento melhor. "O Sr. Brocos tem dois quadros detestáveis, sem desenho, sem colorido, sem sentimento artístico. Ambos são retratos, mas que desagradáveis que são! Um dêles representa uma senhora gigantesca ao piano; o outro uma senhora a quem faltam quase as mãos, tão falsamente microscópicas; tudo pintado numa coloração berrante de ocre e terebentina (...) Tudo isso é trabalhado por um colorido falso e hediondo, sem limpidez, por um pincel que lembra as antigas penas de pato."

Oscar Pereira da Silva se vê fulminado em conceito terrível: "Creio que nunca virá a ser um artista." (1)

* * *

De Aurélio de Figueiredo dá-nos êle uma impressão, a propósito da exposição que o artista está realizando no Rio de Janeiro. Louva-lhe o talento e a arte. E faz esta observação, que não deixa de ter interesse: "Parece-me que êsse artista está evoluíndo da *técnica italiana* para a *técnica francêsa*, e êsse movimento é um sinal de verdadeiro progresso e é o que fazem os italianos de maior talento de hoje." (2)

* * *

Para Batista da Costa guardou êle sempre uma admiração viva. Foram amigos na mocidade, e, como já o vimos, Batista foi um dos professores de João Ribeiro, no tempo em que o escritor acreditava que havia de ser pintor. Por ocasião da morte do artista, João Ribeiro o evocou com emoção. "A morte do nosso grande paisagista, João Batista da Costa, arrebatado em pleno vigor do seu gênio, foi para todos uma dolorosa surpresa. Não quero repetir o que todos disseram já, exaltando os dons admiráveis da sua palheta, a que melhor soube colher as vibrações luminosas dos nossos campos e florestas.

"Ninguém, antes nem depois dêle, achou o segrêdo das côres e da luz, dos valôres e dos tons da nossa paisagem..." (3)

A ARTE MODERNA

Passando agora a outro terreno de sensibilidade artística, poderemos surpreender as reações de João Ribeira diante dos renovadores da arte brasileira, nas audácias da década de 1920.

---

(1) — Veja o artigo *A exposição de Belas Artes*, na *Revista Brasileira*, de 15-9-1897 (tomo XI).
(2) — *Revista Brasileira*, tomo XIV, pág. 370.
(3) — *Jornal do Brasil*, 22-4-1926.

Um dos artigos mais característicos que sôbre êsses assuntos deixou foi o em que tratou de Tarsila. Fôra à exposição da talentosa artista, no Pálace Hotel, e levou consigo Regina, sua netinha de quatro anos.

E' com essa graciosa criança que gosta de trocar idéias, sobretudo no que se refere à complicação indecifrável da arte moderna.

Avô e neta vão, pois, parando diante de um quadro e de outro. Em tôda parte há côres intensas e fortes. Encontram coisas extraordinárias: bichos, monstros e sonhos...

A criança vai contemplando aquilo tudo. João Ribeiro também. De vez em quando, ela puxa o paletó do velho:

— Vovô, que é isso aí?

Êle dá a explicação que pode.

Regina faz novas perguntas — que abrangem problemas complexíssimos da arte e do pensamento humano. Não obstante a sua ciência universal, João Ribeiro não sabe como responder a tais questões. Toma um partido prudente: recolhe-se a um canto do salão, e fecha os olhos. Vai tentar uma concentração interior, para nela encontrar a chave daquela arte tumultuária e prodigiosa.

Ao sairem, dirige-se à neta:

— Então, você gostou?

A menina tem um gesto de concessão generosa:

— Sim... Gostei... Aquilo não deixa de ser bonito... Mas, eu faço melhor...

E João Ribeiro, pelo seu lado, conclue:

"Gostei enormemente daquelas pinturas teratológicas, cheias de divinas anomalias...

"Fiquei vencido pela incompreensão.

"Estamos todos cansados de compreender uma infinidade de coisas e temos agora sêde de todos os mistérios.

"Vi o sapo no túnel, o sonho na espiral sonolenta das linhas, a festa no mar, o Coração de Jesus, o ídolo, as árvores cactáceas, como aquelas que os cronistas antigos diziam haver, feitas de vidro.

"Minha netinha fez-me perguntas difíceis, a que eu dava respostas fugitivas, absurdas e passadistas.

"Esguerei-me para fechar os olhos e tentar uma coordenação interior.

"Enfim, pensei no que disse Freud: não há possibilidade de imaginar supostas extravagâncias; tudo que parece monstruoso vem do sub-consciente, o maior responsável das criações humanas." (1)

A MÚSICA LUMINOSA

Um dos seus trabalhos de crítico — ou talvez melhor: de teórico da arte das côres — que aqui merecem exame, é o pequeno ensáio que intitulou *Música Luminosa*, e que publicou em sua coluna do *Jornal do Brasil*. (2)

"Desde algum tempo, em vários centros de ciência e de arte (ensina êle) começaram as experiências de uma arte nova, a arte das côres sem representação do objeto, isto é, diferente e independente da pintura:

"As côres por si sós, como os tons musicais, podem adaptar-se ao rítmo e à estesia, numa sensação análoga à das notas de música. Pode-se, pois, compor em côres como se compõe em música."

Essa é a tese, já assentada em Paris e em Berlim. E no momento em que João Ribeiro escrevia, um pianista húngaro, Alexandre Laszló, de Munique, estava fazendo experiências com um piano de sua invenção, no qual combinava expressões musicais e simultâneas expressões luminosas e coloridas. "As côres impressionam à maneira de projeções e devem ser entendidas como o é a música, por sensações sucessivas, rítmicas e harmoniosas."

João Ribeiro acrescenta que o *piano luci-sonoro* de Alexandre Laszló não é um instrumento definitivo. E dá notícia da criação de um outro inventor da arte nova — o Dr. Adolf Lapp. Êste é o criador do *órgão colorido*, instrumento muito mais radical do que o piano de Laszló. E com o Dr. Lapp faz-nos entrar em uma região de intransponível metafísica.

Ficamos agora, como êle mesmo lembra, na posição daquelas alimárias que aceitam o convite do macaco de Florian, ao expôr a lanterna mágica do patrão. "Realmente tudo está muito bem; apenas falta um pequeno pormenor. Não acenderam a lanterna..."

---

(1) — *Estado de São Paulo*, 6-8-1929.
(2) — Em 22 de setembro de 1925.

TÔDA ARTE É UMA CONSOLAÇÃO

Como quer que fôsse, o velho escritor guardou até ao fim dos seus dias o seu velho amor à arte da pintura. Não muito longe de morrer, ensinava-nos que a arte tem pelo menos esta vantagem: a de saber enganar a efêmera miséria da vida dos homens.

* * *

Acabei de mostrar como, durante os dias de sua vida, João Ribeiro acreditou possuir a vocação de pintor, e talvez não a de homem de letras. Tão certo é que o homem, ainda o mais inteligente e sábio, não passa de um vão joguete entre os enganos.

II

JOÃO RIBEIRO E A ALEGRIA DE VIAJAR

CADA VIAGEM É UMA RENOVAÇÃO

E' o amor às renovações, é a impossibilidade de repousar entre as idéias e as formas, que dá a João Ribeiro a sedução das viagens. Viajante incansável no pensamento, sua ambição seria poder sê-lo também na vida. E eis como êle próprio define a sua maneira de viajar:

"Um dos grandes prazeres do espírito e do corpo é viajar por terras estranhas. Aprende-se, ganham-se novas experiências e, por vêzes, tudo ainda mais se reflete no vigor da saúde e na alegria de viver. Tenho a paixão das viagens desde a infância, quando àvidamente devorei os livros de Júlio Verne. Depois, a muito custo, quanto me permitiam a modéstia e a pobreza, abalei para longes climas, cedendo talvez ao velho instinto racial dos navegadores. Infelizmente, as minhas aventuras não foram muitas, nem muito demoradas. Mais da metade da Europa conheço-a como a conheceu Girardin, viajando sem pedantismo com a ingenuidade de um "badaud". Sempre preferi aos museus a vida sem arqueologia da multidão viva e das ruas." (1)

Seu sonho irredutível leva-o a comprar bilhetes nas loterias de duzentos contos. Mas não é o dinheiro em si que o seduz: são as possibilidades mágicas que lhe trará. Seu sonho prolonga-se: quando o dinheiro tiver vindo, comprará uma casa para garantir o futuro da companheira... Dividirá o resto com a prole... Salvará para si uma pequena parte... O que lhe dê

(1) — *Jornal do Brasil*, 24-6-1927.

para "espairecer pobremente, lá longe", para buscar a morte na solidão e no exílio... E, como Stevenson, transporta-se para uma ilha da Polinésia... E' lá, num recorte de paisagem exótica, ouvindo o Pacífico rugir, que aspira a integrar-se nos infinitos mistérios...

A OBSESSÃO DO MAR

João Ribeiro tem o amor, quase a obsessão do mar. A voz do Oceano chama-o, com todo o sortilégio das canções das sereias. Uma das páginas mais interessantes das *Recordações de D. Quitéria* exprime o primeiro contato dessa senhora com o oceano. E' o próprio sentimento de João Ribeiro, quando vem, criança, de sua cidadezinha do interior, e vê, pela primeira vez, o infinito lençol do Atlântico. Ama, em Xenofonte, considerando-a a mais bela das páginas do historiador, a passagem em que os gregos, ao chegarem ao cimo do rochedo, avistaram ao longe, com o azul das águas marinhas, as esperanças da pátria e da salvação: "Talassa! Talassa!"

O deslumbramento da criança remanesce na alma do ancião. Eis como, já setuagenário, êle celebra o Mar:

"O mar é um grande espetáculo, e para as almas ingênuas, rústicas ou pueris, diz muito mais do que o universo das noites estreladas.

"O mar abre horizontes novos ao confundir-se com o céu.

"Andam pensamentos e fantasmas nêsse mundo grandioso e desconhecido.

"Não cansa vê-lo, como não se cansa êle próprio da sua agitação eterna.

"Não necessita explicação, embora pareça incompreensível".

O DRAMA DO HOMEM AMERICANO

As viagens são para João Ribeiro mais do que libertações: são pontos de contato que êle vai descobrir entre a sua alma e a alma ancestral e misteriosa, que sente existir no mundo, mas não pode dizer qual seja. Suas viagens à Europa não foram as excursões banais ou pitorescas dos turistas vulgares: foram lugares e momentos de retôrno.

João Ribeiro, nelas, vai às suas origens, às suas raízes, à fonte primeira, remota e sedutora, do seu ser. E' lá que existiu a alma dos seus pais, a alma dos ancestrais fundadores da civilização a que pertence. Não se sente estranho àquela gente. E o fato de ser americano, quando muito lhe dará a incômoda sensação de saber-se um anacronismo vivo. Sente-se, talvez, um filho pródigo, um filho que voltasse, "ainda que desconhecido pela perturbação de séculos de ausência."

Num estudo cheio de seiva acêrca de Rubem Dario, João Ribeiro exprime êsse drama do homem americano. Vivemos aqui na América, mas há uma vontade secreta que nos chama para longe; é uma vontade perene e atávica: a vontade de retôrno à Europa, mãe de estirpe mais poderosa que a do homem. Êsse apêlo do passado explica a tendência dos americanos para o cosmopolitismo. E cria na alma do homem do nosso continente uma ressonância lírica e profunda.

A PRIMEIRA VIAGEM A EUROPA. UM ALBUM DE DESPEDIDA

Em 1895, por ocasião de sua primeira viagem à Europa, os amigos organizaram-lhe um album de despedidas. Em cada página, um dêles deixou a expressão de sua saudade. Um artista afetuoso ilustrou essas folhas.

A capa do album representa uma tarde de viagem: um navio que se afasta, com os tombadilhos cobertos de passageiros.

No cais, num adeus desesperado, uma inconsolável mulher agita um lenço...

E vêem as palavras dos amigos. Raul Pompéia é direto e simples. Escreve dois vocábulos apenas. "Boa-viagem!" Um outro amigo escreve uns versos:

Vai partir o João Ribeiro!
Para longes terras vai.
Ai!
Êsse amigo verdadeiro
Que vá mais volte ligeiro,
Pois o Rio de Janeiro,
Ai!
Fica um filhinho sem pai.
Ai!

Em baixo, uma nota explicativa: "Plagiado de João de Deus por Artur Azevedo — 5-4-1895".

Lúcio de Mendonça também se despede em versos:

Adeus, oh! João das Regras, eu cá fico
Triste de que te vás.
Vai-te, volta-nos breve, menos rico
E (apesar da Alemanha) mais rapaz.

E, agora, a página de Machado de Assis. "A João Ribeiro. Vim abraçá-lo e não o achei, mas achei esta página, onde deixo as minhas saudades. Vá ao seu sonho de Berlim. Veja se há juízes, como dizia o moleiro. Aqui já temos o nosso querido Lúcio".

Há outros nomes, há outras lembranças no album. Mas eu quero fazer ponto, sôbre êsse assunto, no grande homem que escreveu o *Dom Casmurro*.

DOIS AMORES EUROPEUS: A ALEMANHA E A ITALIA

Nêsse ano de 95, viaja João Ribeiro, apaixonadamente, pela Alemanha.

E depois parte para a Itália. E é como um peregrino que viajasse entre templos ainda ressoantes das vozes dos antigos deuses, que percorre Florença e Veneza, Roma, Nápoles e Milão...

Milão sobretudo fala à sua alma e à sua saudade. Alí morre, em 1896, seu filhinho, o seu pequeno Neco. E' sob uma lápide do Campo Santo da cidade ilustre, não longe da "Ceia" de da Vinci, que o seu pequenino ficou a dormir os dias eternos. Sempre que pode, João Ribeiro vai em romaria a Milão, levar ao filho um ramo de flôres.

Depois, regressa à Alemanha, vai fixar-se no Hanover. Alí, nasce-lhe Vera Xênia. E' um encanto para o seu lar, essa alemãzinha, que vem povoá-lo de uma graça nova. Mas Vera Xênia vive pouco. E João Ribeiro tem a amargura de deixá-la no Campo Santo de Hanover.

Triste, retorna ao Brasil.

A VIAGEM DE 1901

Em 1901, nova viagem à Europa. Ia passar quatro mêses, mas depois resolveu abreviar o prazo. Contudo, visitou várias terras: foi a Paris e a Berlim, reviu sua querida Viena, sua Veneza bem amada... Tirou um dia para visitar certa sepulturazinha no cemitério de Milão...

Mistificador, apresenta-se nessas viagens como sendo espanhol.

CANTICO A VENEZA

Parece, contudo, que de tôdas as cidades italianas, a que mais lhe prende a fantasia ou o coração, é Veneza. "Todos que viram Veneza a surgir das águas como a Afrodite helênica, gerada da espuma, não poderão jamais esquecê-la, no seu mito redivivo de Nereida ou de divindade marinha".

E o poeta, que na mocidade celebrava Venus nascida do mar e das espumas, celebra agora a cidade flôr das ondas do Adriático.

E, nessa celebração, passa-lhe diante dos olhos tôda a história amorosa e lúbrica da cidade dos doges... "Veneza foi o acêrvo poético do romantismo; alí amargou de ciumes o pobre Alfredo de Musset, doente e traído por George Sand; alí conheceu e amou Lord Byron a loura condessa Guiccioli, menina de dezessete anos entregue a um velho conde decrépito, disposto a negociar a desgraça com um pequeno ordenado em libras esterlinas.

"Alí a terra das paixões, dos segisbeus enamorados, das mulheres ruivas e das rãs comestíveis, do café Florian, do Leão de São Marcos, do campanile e das pombas municipais (*honni soit...*). Parece que a devora e a corroe um obscuro destino de lenta asfixia e de morte..." (1)

---

(1) — *Jornal do Brasil*, 5-1-1926.

UM ESPECTADOR DAS COISAS

Suas peregrinações aos museus e às bibliotecas são frequentes. Em Paris, passa as manhãs no cais do Sena, nos buquinistas, folheando carinhosamente a lombada dos velhos livros... Às vêzes, vai aos museus postar-se diante dos quadros célebres, ver coisas famosas.

Em Berlim, visitou o Museu de Bismarck, para pasmar diante dos canivetes e dos cachimbos do grande homem. Um "Krug" de cerveja, papéis pintados, algumas pontas de cigarro... eis a coisa imbecilíssima que é a glória de um herói!

E, de certo, para êsse homem, que não crê na conveniência de se ter o culto dos objetos miudos, nem talvez mesmo o culto das tradições, — de certas tradições — um passeio ao Bois de Boulogne terá seduções incomparàvelmente maiores do que uma romaria ao Louvre.

O que João Ribeiro gosta de contemplar é o espetáculo vário das coisas vivas. E, contemplando êsse espetáculo, gosta de compreendê-lo. "Os viajantes, diz-nos, são os que melhor conhecem os povos que frequentam. Não demoram tanto que se lhes apaguem as primeiras impressões, e vêem de longe aquilo que não podemos lobrigar por falta de distância própria à perspectiva verdadeira". (1)

UMA EXPATRIAÇÃO EM 1913

Em 1913, realiza-se sua última viagem à Europa. Seu projeto é residir na Suiça, onde há de educar convenientemente os filhos. Vende a casa que possui em Santa Tereza, vende a biblioteca, e embarca, com a família e com os deuses lares.

Nessa viagem encontra Graça Aranha, e refaz com o amigo os sonhos da mocidade.

Mas a guerra sobrevem, e João Ribeiro é tangido da Europa. Novamente toma das malas e cruza o Atlântico. Nessa ocasião atravessa a Espanha, a França e Portugal.

---

(1) — *Estado de São Paulo*, 31-3-1929.

SURPRESAS DE UM VIAJANTE

E essas viagens às vêzes lhe dão surpresas curiosas... Vai para a Itália e, de caminho, tem que dormir uma noite em Marselha. Hospeda-se no Hotel de Genève.

Mal surge a manhã, e João Ribeiro se vê assaltado por uma legião: são caixeiros amabilíssimos, que lhe vêem oferecer os serviços; são fornecedores de todos os gêneros, que se põem à sua disposição. Há até caixeiras que querem ter a honra de servi-lo...

Espanta-se, assombra-se, não quer acabar de crer nêsse prodígio. Resiste como pode à onda de gente que o sufoca. Dirige-se à gerência do hotel, pedindo uma explicação para aquela coisa terrível e jamais imaginada. A gerência dá-lhe a explicação do fenômeno; é que, um mês antes, havia passado em Marselha e residido no Hotel de Genève, um certo Monsieur de Ribeiro, homem riquíssimo, que bebia largamente, comia largamente, gastava largamente. Êsse Monsieur de Ribeiro, por alcunha o "Pensador", era um que governara o Amazonas e fôra, depois do govêrno, divertir-se na Europa. Descobrindo um Ribeiro na lista do hotel, os caixeiros de Marselha tinham pensado que era o mesmo ou, ao menos, algum parente dêle.

APRENDER NAS VIAGENS

Nessas viagens, contemplando e meditando, vai sempre aprendendo. Às vêzes aprende coisas primárias, o que principalmente o encanta.

Certo episódio ocorrido em Paris serviu para lhe ensinar para o resto da vida a diferença que há entre uma palavra de belo uso literário e uma palavra de real uso na vida...

Ouçâmo-lo:

"Estando eu, uma vez, há muitos anos, em Paris, e tomando a *imperiale*, veio o condutor cobrar-me a passagem e perguntou-me até que ponto da linha queria eu ir.

"Eu, que não queria ir a parte alguma, respondi:

"— *Jusqu'à la fin.*

"— Jusq'au bout, monsieur, corrigiu-me uma velha de óculos, que me bateu docemente ao ombro.

"E nunca mais, até hoje, me esqueci de *fin*, de *bout* e da velha". (1)

VIAGENS PELO BRASIL

As poucas posses de João Ribeiro não lhe permitem mais sonhar com as viagens longas. A crise é cada vez mais forte e o dinheiro é cada vez mais raro...

Viajar? — Só se fôr aqui mesmo, pertinho do Rio.

Em moço visitara o Paraná, para matar as saudades do irmão Júlio, que alí residia e alí morreu.

IMPRESSÕES DE SÃO PAULO

Mas agora a sua grande alegria consiste em visitar São Paulo. Cada fim de ano, o Departamento Nacional de Ensino dá-lhe uma comissão agradável: a de fiscalizar os exames do Colégio de São Bento. Deliciam-no essas excursões. Alí, tem ocasião de examinar crianças, de debater longos temas com os frades eruditos.

Depois diverte-se extraordinariamente na cidade. E, contemplando-a em seu ritmo, sente-se orgulhoso do Brasil, orgulhoso de ser brasileiro... Envaidece-se, considerando que São Paulo é a cidade que mais cresce na América do Sul: é uma das três ou quatro que mais crescem no mundo. Um jornalista americano, Marcosson, igualou o crescimento da cidade paulista ao de Los Ângeles... (2)

João Ribeiro observa, encantado, que é São Paulo "a maior talvez das cidades do mundo que floresce a mil metros de altura". Na mesma Suiça, nenhuma grande aglomeração consegue galgar quinhentos metros...

Também registra falhas na cidade entre tôdas querida. A dos cafés-botequins, por exemplo. Parece-lhe incrível; mas

(1) — *Imparcial*, 11-7-1916.
(2) — *Jornal do Brasil*, 18-11-1925.

a verdade é esta: a cidade de São Paulo não tem um café de luxo, nem mesmo medianamente comparável aos que existem no Rio! Aqui faz a reserva prudente e um pouco maliciosa: "A menos que estejam escondidos à vista profana". (1) Isto é uma desolação para João Ribeiro. Êle é um grande tomador de café. Sente que o café lhe faz bem, "poupando-lhe a fome, adiando-a para as horas convencionais". Mais do que isso: gosta infinitamente de sentar-se à mesa dum café, para ter os seus momentos de concentração. E' alí que medita acêrca do programa do dia, resolvendo o que há de fazer nas horas que lhe sobram... (2)

Outra falha que nota na cidade é a da água. Está habituado ao Rio, a ver o Atlântico várias vêzes no dia. Sua casa, na rua Correia Dutra, fica bem perto do mar. Pela manhã, ainda com escuro, sai com a filha para o banho. Ao meio-dia, cumprimenta de novo o velho amigo; a tarde também; às vêzes também de noite...

Isso dá-lhe certa inquietação, quando se acha em São Paulo — essa ausência do mar. Ao menos, os paulistas poderiam, com uma obra de engenharia audaciosa, corrigir êsse esquecimento da natureza... Mas como? Se construíssem, por exemplo, no vale de Anhangabaú, um lago?!...

E a imaginação de João Ribeiro saía a galopar no país da quimera. Via o lago formidável, refletindo os grandes edifícios e o teatro... O Viaduto era agora uma ponte magnífica... Um frescor novo e inesperado aumenta a suavidade da cidade feita de ferro... (3)

Belo e amigo sonho! São Paulo não quiz realizá-lo. Não se agastou João Ribeiro. Antes continuou a ter o mesmo velho amor pela cidade poderosa. E quando, na discussão do anteprojeto da Constituição, se cogitou da mudança da capital, êle deu seu voto a São Paulo. (4)

A POESIA DE SÃO VICENTE

De São Paulo faz excursões a Santos. Gosta de visitar a cidade das práias longas e suaves, onde foram escritas algu-

(1) — *Estado de São Paulo*, 5-3-1929.
(2) — *Jornal do Brasil*, 14-10-1927.
(3) — *Estado de São Paulo*, 28-8-1929.
(4) — *Idem*, 13-12-1932.

mas das primeiras páginas mais belas da nossa vida de povo. E tem uma poesia comovida para dizer-nos a emoção dêsse passeio. — E' pela manhã, e êle deseja ver São Vicente, a velha cidade de Anchieta.

"Vi as suas igrejas arruinadas e ouvi a voz centenária dos sinos, que pareciam vir de longe, de muito longe, e as pessoas tardas e sonolentas que chegavam às janelas eram como se fôssem fantasmas da era de Tebiriçá.

"Uma moçoila de grandes olhos — talvez, quem sabe? da estirada prole de João Ramalho — chegou à porta duma casinha branca, e me convenceu de que os séculos passaram, mas a semente da beleza rediviva ainda fecunda a terra dos primeiros mamelucos.

"Voltei encantado dessa excursão, que nada tinha de arqueológica ou pedantesca. E não acreditei na antiguidade com que me assinalavam aquelas ruínas". (1)

VISITAS A CAMPOS

Uma viagem muito modesta, mas que João Ribeiro, não podendo atravessar o Oceano, delicia-se em fazer, é a viagem a Campos.

Vai a Campos também em missão de examinar. Há um concurso de História, no Liceu de Humanidades, e êle faz parte da banca.

E' alí, ao contato da terra campista, que João Ribeiro sente, nas saudades da infância, acelerar-se o rítmo do seu coração. "Vi de novo agitarem-se ao vento as plumas dos canaviais; senti o cheiro característico do mel e das moendas rumorosas, ouvindo o chiar dos pláustros, arrastados pelos bois silenciosos e lentos..." (2)

Louva Campos, no passado e no presente. — No passado, lembra que foi essa uma das primeiras cidades que no Brasil tiveram imprensa. Alí, desde remotas eras existiram preocupações de cultura. O prédio em que o Liceu de Humanidades funciona é bem característico, pela sua riqueza e pelo seu esplendor.

(1) — *Jornal do Brasil*, 11-12-1931.
(2) — *Estado de São Paulo*, 13-12-1932.

Pertencera êsse prédio ao Barão da Lagoa Dourada. O Barão era um ricaço de maneiras singularíssimas, diz João Ribeiro. "A sua idéia fixa era comprar e nunca vender. E assim levou tôda a existência, comprando, comprando... Um dia, porém, por ignorada contingência, foi obrigado a vender. E vendeu de fato uma propriedade sua; e impressionou-se tanto o homem que comprava e jamais vendia, que resolveu por têrmo à existência. Da ponte magnífica, que êle próprio construiu, atirou-se às águas do Paraíba e desapareceu." (1)

João Ribeiro visita a Escola Técnica e o asilo, que em Campos mantém o padre Severino. Nêsse colégio existem matriculadas quarenta crianças. Visita, também, a casa dos Airizes,o Museu Alberto Lamego, recanto de erudição e meditação.

Mas sorri, com bom humor, de certas coisas que vê... Um amigo campista lhe diz que o caráter distintivo do povo da cidade é a maledicência. João Ribeiro de certo não quiz acreditar...

Há coisas, porém, em que acredita, porque são evidentes: por exemplo, a horrível anarquia que é o serviço de água e luz da cidade...

Quanto à água, é retirada do Paraíba, e sujeita a processos químicos. O sulfato de alumínio torna-a límpida e translúcida. Em todo caso, só os que não têem à mão uma garrafa de Caxambu, atrevem-se a beber aquela água que veio do rio imundo.

Quanto à luz... sempre "parece que vai morrer". Vem de Carangola, "trazida por mil fios que cavalgam milhões de postes pelo caminho". Por isso chega fraca — justificando o batismo, que lhe deram os jornalistas, "de Campos às escuras".

Freqüentemente acontece que a luz míngua de todo e desaparece. Êsses repetidos eclipses têem sua explicação. João Ribeiro recolhe-a de um amigo campista. E' que às vêzes um boi derruba um poste na estrada. E o escritor acrescenta:

"Outro amigo, que gosta de remontar às causas primeiras, confirmou e alargou a explicação: Mas a orígem primeira é o carrapato. O carrapato dá no boi, o boi dá no poste, o poste dá no fio, e o fio dá na escuridão.

"Fiquei satisfeito com a comichão funesta do carrapato, causa de tantos males.

— "Realmente, o boi tem o seu quinhão nêsse ofício das trevas". (2)

(1) — *Jornal do Brasil*, 6-4-1928.
(2) — *Jornal do Brasil*, 11-4-1928.

RAÍZES EUROPÉIAS

Embora viva no Brasil, João Ribeiro nunca se desprendeu de suas raízes européias. As viagens continuam a seduzí-lo. As vozes das antigas sereias continuam a chamá-lo irresistíveis.

Que é, em essência, essa inquietação de mil leituras, em que êle se perde cada dia? Que é essa sêde de todos os dias ir ao cinema? São maneiras de viajar, de partir, de evadir-se, de ver sempre terras novas, de sentir sempre contatos novos...

CONTATO ESPIRITUAL COM A ALEMANHA

Sua comunicação espiritual com a Alemanha nunca se interrompeu. Êle vulgariza, em centenas de artigos, muitos dos quais foram recolhidos em livros, o pensamento, as idéias, as letras alemãs. Fala-nos do professor Carlos Vossler, da Universidade de Munich, que veio ao Brasil e constatou que o nosso país "cresce como as plantas: cresce insensivelmente e invisivelmente para os estranhos". Fala-nos de Wilhelm Giese, outro erudito que se interessa pelo nosso povo, e que escreveu uma série de estudos sôbre Machado de Assis. (1) Fala-nos de Fritz Mueler, tão modesto e sábio, vivendo em Blumenau, e dali remetendo, para o seu grande amigo Darwin, os resultados de um labor sincero, contínuo e profundo. Fala-nos de Lessing, do Kaiser, de Felix Speiser, que visitou a selva amazônica, e de Willi Ule, que escreveu ditirambos ao Brasil.

Deplora que não tenhamos em nosso país condições de cultura, que nos permitam atrair, como êles desejariam, alguns dos grandes vultos do saber europeu — um Leo Spitzer, por exemplo.

INTERCAMBIO DO BRASIL COM A EUROPA

Sorri-lhe certa sugestão que lhe faz o seu amigo, o Sr. Hubert Knipping, ministro da Alemanha.

(1) — *Revista da Academia Brasileira de Letras*, novembro de 1932.

— Acha o Sr. Knipping que deve ser tentado o intercâmbio intelectual entre a Alemanha e o Brasil. Para isso é preciso criar, primeiro, em ambos êsses países, um ambiente espiritual, propício à idéia. E' preciso, pois, traduzir para o português os grandes livros característicos da Alemanha e publicá-los no Brasil; é preciso igualmente traduzir para o alemão os grandes livros brasileiros, e publicá-los em Berlim.

João Ribeiro sorri, meio cético... Lembra que tem feito, nêsse sentido, alguma coisa. Quando moço, traduziu muitos poemas alemães. Poderá reuní-los, agora, num folheto. Será a sua contribuição de soldado. Mas...

Mas o pior é que não acredita, de maneira nenhuma, que isso, essa história de intercâmbio intelectual, possa ser feito! Nem com a Alemanha nem com país nenhum.

Sua idéia é que ainda não havia chegado a hora do Brasil. Um dia, essa hora havia de chegar, como chegou a da Rússia ou da Escandinávia. Tudo virá a tempo. "E' inútil mexer nos ponteiros do relógio; nem por isso apressaremos a aurora..."

Por enquanto, o Brasil ainda não existia pròpriamente para os centros de cultura universal. As notícias que vão daqui, perdem-se lá fóra, entre os fatos diversos das gazetilhas sem importância.

A êsse propósito, João Ribeiro relata que, um dia, em conversa com um dos diretores da Biblioteca Nelson, perguntou-lhe:

— Quando aparecerá um nome brasileiro nessa coleção?

O homem respondeu vagamente:

— No futuro... Um dia teremos também um lugar para os brasileiros. (1)

UM BRASILEIRO DIANTE DO MUNDO

Contraditório João Ribeiro! Há pouco êle mostrava-nos como o seu espírito se abria para novos surtos, ao contato com a civilização européia. Alí, sentia-se êle como um viajante que regressasse ao ponto de partida. E era a voz dos seus ancestrais que soava para lhe dar as boas vindas. Êsse cosmopolita parecia-nos estar positivamente ausente de tôdas as

(1) — *Jornal do Brasil*, 25-8-1932.

velhas noções do patriotismo tradicional; e havia nêle um cidadão do mundo.

Eis agora a inesperada mutação!

— João Ribeiro regressa aos primeiros enlevos de patriotismo, aos antigos entusiasmos de brasileiro. A pátria volta a ser para êle a velha abstração maternal e poética, que lhe sorrira na infância. Chega até a exaltar-se nêstes têrmos: "A pátria não é onde se está bem: é onde se pode estar mal e do pior modo". E tem as mais suaves ternuras de um namorado, para a imagem querida do Brasil...

III

JOÃO RIBEIRO MEMORIALISTA

UM LIVRO PLANEJADO

Entre os livros que João Ribeiro imaginou escrever, e que nunca passaram de projeto, conta-se uma coleção de reminiscências pessoais. Nêsse volume, encerraria as passagens comovidas ou engraçadas, irônicas ou melancólicas, da sua vida. Evocaria as velhas visões dos mestres, dos amigos e dos discípulos, os episódios alegres ou dolorosos de que a vida o tivesse feito parte.

Mais de uma vez, chegou a esboçar o início do livro encantador. Na *Revista Nacional*, de S. Paulo, publicou alguma coisa nêsse sentido. Aqui, o livro teria o título de *Meu Jornal*. E João Ribeiro assim o explicava, anunciando a sua composição: "Sem dúvida, alguma coisa eu poderia dizer de mim próprio, que não tenho biografia. Todos nós, porém, andamos envolvidos no rebanho humano, e sempre é possível tirar do próximo alguns motivos interessantes. Conheci muita gente, acotovelei algumas pequenas grandezas e outras humildades menores. Vi e observei, sem pensar em ver e sem propósito de observar. Como quer que seja, a memória guarda um pouco indiferentemente tôdas as coisas, e aquelas que parecem extintas e esquecidas despertam a qualquer choque ou a qualquer estímulo do presente."

Para êsse volume, escreveu alguns artigos, e, nêsses artigos, evocou fatos e personalidades, velhos companheiros que o silêncio do túmulo havia separado do seu carinho e da sua ternura.

AS MEMÓRIAS

Mais característica, ainda, de sua disposição de escrever um volume de reminiscências pessoais, é a publicação, feita no *Jornal do Brasil,* em 1925, de alguns artigos, que tinham o título geral de Memórias. No primeiro dêsses artigos, notava João Ribeiro que na literatura brasileira não existem memórias, exceção das de Drumond. Existirão fragmentos, diz-nos êle: a *Minha formação,* de Joaquim Nabuco, *Como e porque fui romancista,* de José de Alencar. Acrescentava que sentia grande curiosidade de ver e ler as *Memórias* de Humberto de Campos e as de Medeiros e Albuquerque.

Quanto às suas *Memórias,* dêle, João Ribeiro, seriam naturalmente diversas das de Humberto e das de Medeiros. Como as outras, seriam interessantes; teriam "o interêsse próprio da vida, por insignificante que ela seja, uma vez que aí palpite um coração." E assim expunha como queria fazer o seu livro: "seriam memórias suaves, românticas e tôlas, da biografia de um *quidam* que nasceu, cresceu, estudou, ou antes, leu, amou, viajou, cercou-se de cuidados e preocupações, numa invejável e frívola quietude apolítica de um sujeito pouco patriota, pouco cristão, pouco virtuoso, com apenas aquêles dois ou três vícios que, no dizer de um moralista, constituem a virtude."

Sujeitos a êsse título geral, achamos alguns artigos, antes estudos de sua própria psicologia do que reminiscências de outros indivíduos.

EVOCAÇÃO DE SERGIPE

Da velha terra em que nasceu lhe ficara no coração uma saudade eterna. Em muitas passagens o confidenciará, como no artigo relativo à comemoração da independência da sua província, página em que proclama que Sergipe é um paraíso. (1)

Nêsse artigo mostra a mágua que em sua alma deixou uma dessas antigas e injustificadas expoliações que no Brasil

(1) — *Jornal do Brasil,* 24-10-1925.

vemos tão frequentemente cometidas, por uma unidade contra outra. Eis a sua irritada referência:

"Eu, que me prezo de homem semi-culto, também ignoro ingenuamente essas patriotadas do 24 de Outubro.

"O Vinte e quatro de Outubro não assinala coisa alguma apreciável, não passa de uma dessas mentiras convencionais dos historiadores provincianos.

"A calúnia diz que Sergipe é o quintal da Bahia, ou coisa pior. O certo é que a Bahia tomou-lhe quatro quintos do território, ao parente pobre; e depois deu-lhe a independência que os velhos senhores escravocratas convieram em dar aos velhos de mais de sessenta anos. E ainda assim, durante o Império, mandava governar e eleger os bahianos de sobressalente em disponibilidade."

Essa expressão de revolta é um protesto natural, que parte antes do espírito de um historiador, de um sociólogo.

O coração do poeta, que êle conserva a palpitar no peito, tôda a vez que se volve para Sergipe, tem outras expressões, tem as expressões do carinho e da saudade. Darei como síntese de tôdas as suas evocações antigas e familiares a deliciosa reflexão que se contém na página que intitulou *O Norte,* e que acho oportuno aqui recordar.

O NORTE

"O Norte!

"O' que saudade tenho da terra em que nasci! Não que ela me fôsse madrasta e infiel aos meus primeiros amores, mas fui obrigado a sair por êsse instinto de nomadismo ingênito às terras pobres.

"No norte quase todos somos beduinos, errantes e vagabundos. Caminhamos para o sul na esperança de dias melhores e de terras mais exuberantes e fartas.

"Essa miragem ilusória distancia-nos das aldeias tranqüilas. Mas, diz Ratzel que não há povos realmente sedentários ou imóveis; todos êles se movem, andam, caminham e invadem a terra alheia.

"Isso explica as migrações históricas tantas vêzes explicadas pela fome, pelas calamidades naturais, pelas inundações, erradamente explicadas porque o sofrimento é o que mais apega o homem ao sólo nativo.

"O nortista emigra porque só ao longe fulgura a ilusão da fortuna.

"As terras mais férteis não são as mais felizes e nem é a aridez ou a fome a medida da felicidade.

"O Norte é bem menor do que se imagina. A minha terra que é a menor de tôdas, o pequeno Sergipe, é quatro ou cinco vêzes menor que a aparência que lhe dão as cartas geográficas. Uma orla apenas ao pé do mar constitui tôda a sua matéria vital. A quatro léguas do oceano começa a esmorecer a vida; morrem os coqueiros e canaviais, desaparecem as árvores e os arbustos. Começam o carrascal, o espinheiro, os cactus e tôdas as espécies de esterilidade. Além dessas quatro léguas animadas pelo mar há o deserto sem água, as ervas daninhas, a desolação e o deserto.

"A terra que é pequena, é realmente quatro vêzes menor, porque o resto que figura ser a maoir parte não existe para a vida, assemelha uma sombra prolongada para trás, crepúsculo de espaço, mentira e ilusão da geografia.

"Só a margem do mar que entra pelas terras areientas acusa um palpitar de coisa viva. E essa mesma vida não tem grande alento, nem alimenta esperança alguma.

"Alí vivem os homens políticos que organizam a existência pelo fisco e pelo trabalho proletário. Vive-se como se pode, o que é viver muito. Todos são caranguejos que andam ao atá, como diziam as velhas crônicas coloniais. Como caranguejos parecem andar para trás, nova ilusão, porque afinal andam para a frente de vagar, com a segurança instintiva dos animais inferiores, mas resistentes e incansáveis.

"Contudo, o Norte é belo na sua pobreza, na sua modéstia e até no fatalismo heróico da sua resignação.

"Por isso mesmo, êle invadirá o sul, lentamente, por infiltração, levando às terras mais ricas a sua exaltação profética e invencível.

"Os homens do norte são brasileiros do antigo teor, formadores da nacionalidade antiga e garantidores da espécie única, no meio das estirpes novas e desvairadas.

"Êle é como a religião, a pátria, a história, uma coisa antiga, perpétua e duradoura. O sol que, por vêzes o exaure, cristaliza-o em diamantes luminosos e imperecíveis." (1)

Seu idílio com Sergipe — podemos dizer — não cessa nunca, e o acompanhará até os últimos dias de sua vida. Se

(1) — *Jornal do Brasil*, 6-10-1933.

fizêssemos, em sua vasta obra de jornalista, uma seleção de uns cem trabalhos, encerrando confidências, evocações, reminiscências — o que eu já pensei tanta vez em fazer, e que seria delicioso, o seu livro de memórias — iríamos ver o extenso lugar que em tal obra ocuparia o pequeno Sergipe. E isso sem falar nos temas sergipanos, — celebrações a amigos, recordações de velhos companheiros dos tempos de infância, um Silvério Fontes, um Antônio Bragança, tantos outros — que constituiriam os números talvez mais belos, certamente os mais comovidos, dessa coleção de saudades...

RECORDAÇÕES DA INFANCIA E DA MOCIDADE

Ao recordar as coisas de sua vida, João Ribeiro detem-se, enternecido, ante a imagem dos velhos dias da infância. O retrato que traça do avô, ao responder ao inquérito de João do Rio, no *Momento Literário*, é uma bela página, impregnada de ternura filial. Alí, bem como em algumas páginas do *Fabordão*, recorda as horas da adolescência, os inícios de sua atividade de jornalista, fixando perfís que, como o de Patrocínio, se gravam indelevelmente na memória dos leitores.

Em seus artigos avulsos passa tudo — dias de outrora e dias de hoje, camaradas desaparecidos, amigos que vão chegando para o seu coração, episódios, fatos, malícias, melancolias, amores, traições...

JOÃO FOGUETEIRO

Uma de suas lembranças mais vivas dos dias da infância, é a de um estranho sujeito que conheceu — João Fogueteiro.

Eis como o recorda:

"Na minha terra conheci um sujeito que voava e fazia outras proezas.

"Era o "João Fogueteiro", como lhe chamavam os conhecidos, alcunha tirada de sua profissão um pouco aérea.

"Êsse homem voava. Subia a um pé de coqueiro e lá, cortando duas grandes palmas, de lá de cima se despenhava pla-

nando pelos ares e transpondo um rio que havia próximo do lugar habitual dessas suas experiências.

"Era um precursor do avião sem motor ou do pára-quedas de hoje. E tudo isso fazia êle por um tostão. E' verdade que havia centenas de espectadores que pagavam êsse vil escote, como também aquele tostão valeria hoje um quinhentão amarelo.

"João Fogueteiro, de quem falei nas *Cartas devolvidas*, era compadre de S. Pedro, a quem tomara para padrinho perpétuo da filharada do voador.

"E ao despencar-se do coqueiro gritava — "Compadre São Pedro!" — com a mesma fé viva com que portuguêses e espanhóis nas guerras clamavam "Santiago!" "São Jorge!"

"Contei naquelas cartas uma das suas histórias, a de um foguete monstro que arrombara o céu e que de volta trouxe na flecha um bilhete de S. Pedro pedindo ao compadre terrestre um pouco de misericórdia." (1)

O VELHO MARTINS

Entre os amigos mortos, que merecem um lugar na galeria de suas Memórias, João Ribeiro coloca dois livreiros, com os quais esteve em contato frequente: o velho Martins e Francisco Alves.

O velho Martins é uma figura singular de antiquário. Retrata-o João Ribeiro como um bibliófilo de largos recursos, que fala de incunábulos e raridades clássicas portuguesas com o mesmo saber com que fala sôbre a literatura brasileira. Êsse livreiro sabia medir o valor dos livros de suas estantes, vendendo cada coisa pelo preço de que era digna. A propósito, conta João Ribeiro a seguinte anedota: "Sou amigo do velho João Martins há mais de trinta anos e verifico a tranqüila segurança do seu juízo literário. De uma feita, para fazer uma experiência psico-econômica, mandei um próprio comprar-lhe o meu livro de versos — "E' lixo, pode levar"; disse êle tranquilamente. Nem ao menos a meia pataca dos livros encadernados!"

(1) — *Estado de São Paulo*, 25-1-1930.

FRANCISCO ALVES

Quanto a Francisco Alves, é, como Sancho Pansa, todo razão e bom senso.

João Ribeiro conheceu-o na década de oitenta, e, naquele tempo, juntamente com Sílvio Romero, Barbosa Romeu, Teófilo das Neves e Capistrano, foi amigo e companheiro assíduo do livreiro.

Mais tarde, quando Francisco Alves morreu, relembrou, com uma saudade comovida e um pouco risonha, êsse período de sua vida, e evocou várias passagens de suas relações com o livreiro. "Fui seu amigo, e êle o era meu ainda mais, pelos benefícios, obséquios e favores que sempre me fêz. A sua previdência e economia eram enormes, mas foram sempre de nenhum efeito sôbre mim. O que dêle recebi podia dar uma pequena fortuna; entretanto, sou pobríssimo, graças a disposições necessárias ou inevitáveis..."

Assim se expressa João Ribeiro.

Alves conhecia-lhe o temperamento boêmio e imprevidente; e, para que João Ribeiro economizasse, ao receber os livros que o estouvado amigo escrevia, o livreiro precavido pagava-lhe em apólices...

— Você tem filhos, dizia-lhe. Precisa de guardar. Não lhe dou dinheiro, senão você gasta.

Mas João Ribeiro conhecia o segrêdo de transformar as apólices em dinheiro, como conhecia o segrêdo de gastar logo êsse dinheiro...

UMA PÁGINA DE RENAN

João Ribeiro reconhece que o seu trabalho muito contribuiu para a fortuna e a prosperidade do livreiro Francisco Alves. "Não é vanglória de minha parte dizer que contribui com muito mais de que uma gota de água para a sua caudalosa fortuna. Das cento e cinqüenta edições dos meus livros didáticos, correram e correm ainda muito perto de um milhão de exemplares. Mas não murmuro uma queixa. Tudo isso foi a obra do editor, do comerciante genial, que sabia tirar do vil estrume a flor radiante..."

Eis aí um dos aspectos mais característicos da alma de João Ribeiro: essa incapacidade de interessar-se pelos bens do mundo, essa impossibilidade de perceber o quanto pode valer transformado em moeda o seu talento...

Aqui o temos perfeitamente renaniano. Conta o autor da *Vida de Jesus*, em suas reminiscências da mocidade, um fato que lembra essa passagem da existência de João Ribeiro: foi o seu encontro e o seu negócio com Michel Levy. Cito as próprias palavras de Renan:

"Qual não foi o meu espanto quando, um dia, eu vi entrar em minha água furtada um homem de fisionomia inteligente e simpática, que me cumprimentou por alguns artigos que eu tinha publicado e se ofereceu para reuní-los em volume! Um papel timbrado, que trazia, estipulava condições, que me pareceram espantosamente generosas. De tal maneira eu accedi que êle me perguntou se eu queria que todos os meus escritos futuros ficassem comprometidos no contrato. Tive, um momento, a idéia de fazer algumas observações; mas a vista do papel timbrado não me permitiu; a idéia de que poderia perder aquela bela folha de papel aterrou-me... Fiz bem em não dizer nada. Michel Levy deve ter sido criado por um decreto especial da providência para ser o meu editor. Sempre tivemos as melhores relações. Mais tarde êle me observou que o contrato que tinhamos assinado não era muito vantajoso para mim, e o substituiu por outro melhor. Depois tem-se dito que eu não o tenho levado a fazer maus negócios. Isso me encanta. Em todo o caso posso dizer que, se havia em mim algum capital de produção literária, a justiça exigiu que o meu editor tivesse a sua parte larga. Foi êle quem descobriu êsse capital, de que eu jamais poderia cogitar."

Isso conta Renan. E João Ribeiro tem, a êsse respeito, uma idêntica impressão de modéstia e desencanto, quando compara o seu inútil esfôrço teórico de intelectual com o utilíssimo esfôrço prático do seu editor...

O COMPADRE KELÉ

De resto, João Ribeiro se diverte longamente com Francisco Alves. Na crônica em que relembrou o amigo, por ocasião do falecimento, relata fatos curiosos ou pitorescos do velho tempo. Entre essas está a história do preto Kelé. Era um velho,

que comprava e revendia taboadas, cartilhas, *pliegos sueltos*, livros de cordel. Aparecia, a miudo, na livraria, e contava a João Ribeiro as suas máguas. Muitas dessas máguas derivavam do sistema de vida doméstica do preto, que mantinha duas mulheres. Escandalizado com essa bigamia aos 80 anos, João Ribeiro um dia interrogou o Kelé:

— Como é que você, com tanta idade, se arranja com duas mulheres?

Êle respondeu:

— Tenho duas, porque, vai daqui, vai dalí, elas brigam. E uma enfraquece a outra.

Esse negro tomou João Ribeiro como padrinho de um filho. O escritor aceitou, e foi padrinho por procuração. Dai o preto passou a pedir-lhe, de vez em quando, uma cédula: aos dez, aos cinco, ia levando sempre o que o compadre podia mandar ao afilhadinho...

Um dia apareceu Kelé chorando de cortar o coração:

— Seu a-fi-lha-di-nho morreu... disse êle, entre soluços.

E pediu ao compadre cem mil réis — para amortalhar o seu anjo numa roupinha de São João Evangelista, e lhe fazer um bonito enterro

João Ribeiro respondeu que não tinha o dinheiro. Mas Fracisco Alves surgiu nessa altura:

— Você tem aí o seu saldo. Dê os cem mil réis. Aqui estão.

João Ribeiro entregou o dinheiro ao Kelé, e, quando o preto se retirou, protestou contra a imprudência do Alves. Êste, porém, lhe retrucou:

— Isso que você acaba de fazer é um negócio da China, homem de Deus! o Kelé matou o seu afilhado. E você, por uns dez ou vinte anos, está livre da pensão que lhe dava...

VELHOS MESTRES

Evocação comovida, que êle faz, é a dos antigos professores da cadeira que ocupa no Pedro II. A primeira dessas figuras é a de Ramos Melo, a quem apenas conheceu de relance, e de quem recebeu a herança direta: "Fui um indigno sucessor, mas aprendi a estimá-lo na recordação dos seus jovens discípulos."

Mas a fileira é longa...

"Muitos mestres insignes perlustraram a cadeira de História do Colégio Pedro II; bastaria citar Justiniano José da Rocha, antigo jornalista, escritor eloquentíssimo a quem devemos o panfleto da *Ação, reação e transação,* memorável documento político; outro professor foi o velho Calógeras, que escreveu uma formosa história da idade média; Rio Branco, de rápida mas brilhante passagem; o barão de Tautphoeus, o sábio; Macedo, o romancista da *Moreninha* e do *Moço louro;* Moreira de Azevedo, o arqueólogo da cidade, e tantos outros." (1)

TAUTPHOEUS

Dêsses antigos professores o primeiro que evoca é o Barão de Tautphoeus, que foi seu mestre dileto, como foi também o mais querido dos mestres de Joaquim Nabuco.

João Ribeiro traça dêle êste retrato:

"Cheguei a conhecer Tautphoeus, que nos dava a nós homens, a Macedo Soares o juiz, a Raul Pompéia, a Capistrano e a mim, uma aula de grego numa das salas da *Gazeta de Notícias.*

"Tautphoeus dava a impressão de saber tudo quanto era possível saber. Na nossa aula êle não tinha naturalmente o livro, fôsse a *Odisséia* ou o *Anabasis.*

"— Não preciso de livro, dizia êle. Eu sei de cór.

"E sabia-o.

"A memória daquele velhinho, simples e modesto, era estupenda.

"Hoje, esquecido do grego, lembro-me daquele espírito que nos assombrava pelo saber e pela bondade."

HOMEM DE MELO

Outro professor de História do velho instituto foi o Barão Homem de Melo.

João Ribeiro dedicou-lhe estas poucas linhas:

(1) — *Jornal do Brasil,* 15-10-1925.

"Quando uma vez me visitou, o Barão Homem de Melo, candidato à Academia de Letras, disse-me:

"— Venho pedir o seu voto. Lembre-se que sou um seu colega antigo. Eu fui professor de História no Colégio Pedro II, depois aposentei-me, e veio outro Melo, o Ramos Melo, que se aposentou...

"— E, retruquei, depois foi a minha vez e estou já a aposentar-me...

"Êsses três homens emendados deram-me uma impressão de velhice veneranda e majestosa ao candidato. E logo conclui a frase interrompida:

"— Voto em V. Excelência."

COELHO LISBOA

Outro professor de História do Pedro II foi Coelho Lisboa.

João Ribeiro o retrata assim:

"Era o mais benévolo de todos os lentes do Colégio; aprovava todos os rapazes e, se eram meninos que faziam exame, saíam sempre com louvor e distinção.

"Os rapazes adoravam-no incondicionalmente. Contudo Coelho Lisboa, nos últimos tempos, tinha indignações formidáveis que vinham das suas paixões políticas. De uma feita, nos exames, um aluno tirou como ponto a Paraiba do Norte.

"O rapaz começou a rezar aquela acostumada lenga-lenga dos compêndios:

"— A Paraiba produz ouro, prata, ferro, platina...

"— E' mentira! exclamava Coelho Lisboa. Não produz nada disso. Só produz cangaceiros, cujo chefe é o Senador Epitácio...

"A gente ria-se daquela explosão inesperada. Mas, sem embargo, todos eram aprovados..."

CAPISTRANO DE ABREU

Por ocasião da morte de Capistrano de Abreu, escreveu João Ribeiro uma página de recordações pitorescas. Não creio

que êle jamais tivesse amado a alma de Capistrano. Compreendia pouco aquela agressividade de ouriço, aquele ensimesmamento, feito também de desprêzo pelos outros, em que o grande espírito vivia. Tinham sido colegas outrora, na mocidade, no curso de grego que lhes dava, (já o vimos), e mais a Macedo Soares e Raul Pompéia, o Barão de Tautphoeus.

Um dos traços que menos agradavam a João Ribeiro no caráter de Capistrano era a sua abstenção da publicidade. Grande publicador de livros e artigos, João Ribeiro como que se sentia roubado, diante daquêle homem que amontoava todo o saber, para deixá-lo sepultado em arcas invioláveis.

Assim refere um dos seus encontros com Capistrano: "Uma vez, há muito tempo, perguntei-lhe por que não lia menos e escrevia mais. Respondeu-me que havia já quem escrevesse demais, lendo muito menos. Senti o remoque, que não vinha a mim, reconhecendo a necessidade de equilíbrio entre os tagarelas e os silenciosos. Nêsse tempo eu escrevia pouco."

PERFIL DE JOSÉ ALBANO

Um companheiro do qual guarda boa reminiscência, comprazendo-se em evocá-la, é o poeta José de Abreu Albano. Era um homem triste, solitário, hostil. Tinha a obsessão da pureza e detestava qualquer conversa em que entrasse a licenciosidade ou a malícia. "De uma feita, refere João Ribeiro, em companhia jovial e desatenta, o Barão de H..., alemão, proferiu certa palavra equívoca ou licenciosa; José Albano sacou do bolso o lenço e apresentou-lh'o, dizendo: — "Limpe essa boca." Morreu louco, o pobre e puro poeta, de cujo estro João Ribeiro cita com carinho esta estrofe:

Há no meu peito uma porta
A bater continuamente,
Onde a esperança jáz morta
E o coração jáz doente.
Em tôda a parte em que ando
Ouço êste ruido infindo:
São as tristesas entrando
E as alegrias saindo.

O PROFESSOR ALEXANDER

Outra saudade viva que guarda é a do professor Alexander. Era um inglês piedoso, solitário, e que tudo dava aos pobres, como São Francisco de Assis. João Ribeiro relata episódios de sua caridade — de sua caridade que não ia sòmente para os homens, mas ia, também, para os bichos. Com extremecida ternura, êsse professor inglês amava os irmãos passarinhos e amava os irmãos sapos... "De uma feita, o professor Alexander encontrou na rua um grupo de garotos, a divertir-se cruelmente com um sapo. Aproximou-se do grupo e propoz a compra do pobre animal, vítima da judiaria dos rapazes. Comprou, efetivamente o sapo, que acondicionou como pôde num jornal velho, e levou-o para o tanque do pátio do Pedro II, onde lecionava a língua inglêsa."

GUIMARÃES PASSOS

De Guimarães Passos guardou amável lembrança. Nada sei das relações de amizade dêles. Mas creio que estas se firmaram logo que João Ribeiro se fixou no Rio de Janeiro, trabalhando como jornalista. Terá sido talvez na *Gazeta da Tarde* que os dois pela primeira vez se avistaram.

De qualquer maneira foram amigos; e João Ribeiro refere êste episódio:

"De uma feita, Guimarães Passos, no Garnier, onde eu estava, obrigou-me a jogar na cabra!

"— E' matemático (dizia êle convicto); a cabra dá hoje.

"Concordei e joguei. Lá para a tarde, apareceu-me radiante o poeta — com uma *pelêga* de cinquenta e outros *caraminguás* menores.

"— Vamos dividir as massas irmãmente. Amanhã, porém, havemos de cercar o elefante.

"Perdemos tudo. Mas, o saudoso poeta não perdeu a fé...

"Meu pobre e querido Guimarães Passos"! (1)

---

(1) — *Jornal do Brasil*, 17-10-1925.

A estima que tinha pelo poeta dos *Versos de um simples*, a saudade que dêle guardou, eram, em verdade, grandes. E tão grandes eram que João Ribeiro não vacilou em reunir, um dia, o nome de Guimarães Passos ao de Raimundo Correia — êste que ficou sendo para êle, para sempre, um dos encantos maiores de sua sensibilidade e de sua emoção.

ALCINDO GUANABARA

De Alcindo Guanabara, que, embora mais moço, foi seu chefe em jornais em que trabalhou logo ao chegar ao Rio de Janeiro, guardou boa reminiscência.

Do grande jornalista reteve sobretudo uma graciosa anedota. "Contam que Alcindo Guanabara, no Sul da Itália, depois de ouvir de um cicerone preciosas informações sôbre o túmulo de Virgílio, perguntou ao guia:

"— E dove é la tomba di Alcino?

"— Quella lá, la piú bella di quante...

"A autenticidade é uma coisa triste e sem graça." (1)

Ora, essa anedota João Ribeiro a apreciava tanto que a contou várias vêzes...

Uma dessas versões se acha em um pequeno conto da *Floresta de Exemplos* — o conto intitulado *La tomba di Virgilio*.

Aí o personagem da historieta deixa de ser o jornalista brasileiro Alcindo Guanabara, e passa a ser o Conde Araña y Araña, "fidalgo aragonêz, que vinha também a Napoles a busca de calores, talvez de outra espécie, segundo me disseram mais tarde e não tive dificuldade em acreditar." Êsse Conde Araña y Araña, aliás, parece não ser outra coisa senão uma sugestão do nosso radiante e impetuoso Graça Aranha, pois era um temível renovador de idéias. João Ribeiro dá conta de algumas delas. Eis como se pronunciava o terrível revolucionário: "O que interessa é a gente nova, as coisas novas, que são as únicas a que devemos a religião do entusiasmo. O passado morreu e foi bem que morresse. Vocês todos são necróforos e vivem à custa dos cadáveres. Para meu mal, eu li Virgílio na escola e tenho remorsos na consciência. Não quero andar para tráz e cada um de nós tem a obrigação de pôr um pé à frente.

(1) — *Estado de São Paulo*, 5-11-1926.

Veja as academias... São columbários e cemitérios permanentes de gatos pingados, e para elas querem entrar agora as carpideiras. Fora com essas múmias egípcias..." (1)

Creio que a comparação das versões dessa mesma anedota poderá servir-nos de elemento para o conhecimento do processo de elaboração dêsses pequenos contos, tantos dêles cheios de finura e graça, que constituem a *Floresta de Exemplos*.

JOÃO RIBEIRO E MACHADO DE ASSIS

Um dos capítulos mais sugestivos das *memórias* de João Ribeiro (se êle houvesse escrito tal obra) teria sido, de certo, o dedicado a Machado de Assis.

Conheceram-se os dois escritores na época da *Semana*, de Valentim Magalhães. E, não obstante a distância da idade que os separava, ficaram amigos, dentro daquela afetuosidade vaga e remota, que era a única que Machado de Assis permitia aos que dêle se aproximavam.

Mais tarde, provocado por informações menos exatas de Antônio Sales, João Ribeiro teve ocasião de se referir mais particularisadamente às suas relações com o autor de *Memórias Postumas*.

* * *

Segundo João Ribeiro, o que de fato caracterisava Machado de Assis era a sua profunda insensibilidade — "aliás sintomática e própria da terrível neurose de que sofria." E é como um efeito da mesma enfermidade, que êle explica tenha o romancista ficado à margem das grandes campanhas do Abolicionismo e da República.

Curiosa circunstância! Bastará ela para explicar o temperamento, a forma de sensibilidade de um homem?

E, por outro lado, não é acaso de se admitir como coisa certa que naquelas duas campanhas haveria muito batalhador que levava consigo as mesmas taras, ou acaso taras ainda mais graves do que as de Machado de Assis?

(1) — *Floresta de Exemplos*, pág. 188.

E ainda: não é acaso certo que a muitos dêles o que haveria de arrastar, de impelir para a frente, de fazer entrar nas trincheiras mais perigosas, eram exatamente aquelas taras?

Naquelas páginas sôbre a *roda ilustre*, que Antônio Sales divulgou e João Ribeiro em parte refutou, contava-se uma anedota, que não deixa de ter sua graça. Achavam-se em conversa, num grupo, vários acadêmicos, quando, tendo soado a hora habitual das sessões, Machado voltou-se para João Ribeiro e disse:

— Vamos, discípulo amado.

Seria isso uma brincadeira, uma alusão ao nome do discípulo que Jesus entre todos amava. Mas João Ribeiro não o entendeu assim, e, em tom irritado, respondeu:

— Eu não sou discípulo de ninguém.

Essa é a anedota divulgada por Antônio Sales.

João Ribeiro a refutou de maneira completa. "Tenho dito muitas tolices e cometido necedades que envergonhariam ao mais tonto de todos os homens. Mas nunca pratiquei ato de tão grande estupidez como aquêle. Só posso explicá-lo por uma obnubilação mental." (1)

Seja como fôr, João Ribeiro, que tem por Machado de Assis uma admiração sem limite, está longe de se sentir discípulo de tal mestre. E, com efeito, como são diferentes! Um é o caramujo na sua concha, é tão cioso de se entregar em qualquer coisa, que quase o diríamos a luz dentro da lâmpada apagada...

O outro, não obstante o seu apregoado ceticismo, é o homem que por tudo e por todos se interessa, é o que se empenha na defesa de tantas idéias, é o que tem por fanais, em sua atividade de homem de letras ou de jornalista, as imagens da sua gente, da sua época, da sua pátria.

E no fundo aquela indiferença de Machado de Assis feria João Ribeiro. Veja-se, por exemplo, o perfil que, a propósito do livro de Alfredo Pujol, êle traçou do grande escritor. (2)

"O que o distingue em tudo isso — diria nêsse belo estudo — apesar da sua delicadesa aparente e da sua elegância e gentilesa pessoal, é o profundo escárneo pela sociedade. Tôdas as suas guerras são as de um *cúntator*. Contemporisa com a maldade.

"A sua insensibilidade pela dor humana é absoluta; o seu egoismo é sem limites.

(1) — *Cartas devolvidas*, pág 194.
(2) — *Imparcial*, 27-8-1917.

"O interêsse de Machado de Assis pelas naturesas fracas, espontâneas e imbeles, é inteiramente falso. Nunca o teve.

"No sentido da caridade êle é um anti-cristão."

* * *

O que é fato, entretanto, é que, no coração e no espírito dêle, ficou, indelével, a saudade do grande escritor cujo contato teve o privilégio de possuir durante certo tempo de sua vida. E já na velhice pôde dar expressão a essa saudade, numa frase que antes parece um suspiro:

"A verdade é que Machado de Assis foi um só e impossível de repetir-se." (1)

MACHADO DE ASSIS, COMENDADOR

Em 1888 teve João Ribeiro ocasião de dar eloquente demonstração pública do seu apreço por Machado de Assis. Recebera o grande escritor uma honraria oficial — o título de comendador. E eis a maneira como, em sua croniqueta de *O Velho e o Novo*, João Ribeiro comentou o acontecimento:

"Pertence hoje ao número dos comendadores o nosso grande escritor Machado de Assis.

"Confesso lugubremente que muito me custa associar no mesmo tipo as duas fazes pré-comendadora e post-comendada de sua alta personalidade.

"O hábito do cronista criou em mim a faculdade de observação e por um ato de juízo mecânico de todos os analistas e observadores, eu tomo sempre dos casos sociais uma média estatística, um tipo abstrato verossímil, resultante dos casos especiais.

* * *

"Ora, para mim o tipo generalisado de um comendador, a média fotográfica dessa entidade indígena, é mais ou menos a seguinte:

(1) — *Estado de São Paulo*, 10-11-1929.

"Dois bigodes raspados; mãos que podem servir de base às triangulações mercantis, às peças de morim e de oxford; um abdomem, farto zimbório no alto de sua pessoa (pois não se mede um comendador no sentido vertical) cheio, rotundo, esbugalhando relapsos botões de amplo colete branco; um largo riso, desmesurado, grande, quase devastando a fisionomia até as orelhas; alentadíssimos pés montando a impaciência bravía e relinchante de dois bezerros convenientemente adaptados.

* * *

"O comendador tem, além disso, alguns apêndices inseparáveis; uma bengala com castão de ouro; o Sousa, compadre velho dêsde o tempo da comadre; um pacote debaixo do braço; uma filha bonita e uma chácara com terreno.

* * *

"Essa fotografia representa a fusão de cinco mil *clichés* instantâneos, tomados na heróica Sebastianópolis.

"No entanto, a presença de Machado de Assis nêsse meio subverte todos os resultados da observação; a sua figura, superpondo-se às outras, destrói os contornos, inverte as linhas dos mais fidedignos comendadores, de catadura raspada e de barriga batedora, em frente, abrindo caminho.

* * *

"A individualidade do mestre reclama uma tela colossal, de proporções adequadas à sua desmesuração de estátua nacional.

"E graças à fidelidade de cão com que o sol fotografa as coisas, eu convictamente assevero que o resto dos comendadores, minúsculos, centesimais, agrupados em tôrno do escritor, ficam resignadamente, folgadamente, metidos no chinelo." (1)

(1) — *A Época*, 11-4-1888.

Assim escrevia João Ribeiro, pondo nos poucos paragrafos de sua ligeira crônica um entusiasmo evidente, uma admiração que não se continha.

Mas... e Machado de Assis? Qual a reação dêle ao ler essa página? Êle que se deixava ferir pelo veludo, segundo o testemunho de Araripe Junior... Que impressão terá tido ao ler João Ribeiro, que, não obstante todo o mel que em suas palavras deixara para o *mestre*, fazia um retrato tão ridículo daquêles comendadores para o rol dos quais entrava o romancista?

EVOCAÇÃO DE JOAQUIM NABUCO

E' no tempo da *Revista Brasileira* que João Ribeiro se aproxima de Joaquim Nabuco. São comuns as preocupações que têm, no amor à literatura, à arte, à história. Nabuco admira as qualidades espirituais de João Ribeiro, em que vê, conforme o diz em uma das cartas que lhe dirige, *a suma e o cume da intelectualidade brasileira*. Em outra de suas cartas torna a afirmar-lhe essa admiração:

"Creia, meu caro amigo, que ninguém o admira mais do que eu, porque, por assim dizer, vejo o seu pensamento. E' um caso de simpatia intelectual, mais do que outra coisa, mas o Sr. e o Graça Aranha são do metal de que, se eu não fui, quisera ser feito."

Indo para Roma, afim de tratar dos interêsses do Brasil na questão com a Inglaterra, Nabuco pensa em levar consigo, ao lado de Graça Aranha, João Ribeiro.

E as cartas que os dois trocam através de vários anos revelam que essas afetuosas disposições jamais se alteraram. E' Nabuco, nessas cartas, um dos melhores críticos que João Ribeiro encontra. E como síntese dos julgamentos que aquêle sutil analista de almas produziu acêrca do seu amigo e confrade, aqui dou uma feliz página de impressão e de compreensão crítica:

"O senhor é dêsses a quem o leitor se tem que dar por inteiro, sem nada reservar do seu tempo, da sua atenção, da sua emoção, e ler assim é coisa que há muito me é proibida. No fundo, isso é trocar a própria natureza e alma pela do autor que nos fascina. O Sr., a cada instante está trocando a sua com a dos seus autores favoritos, para a rehaver logo depois mais rica, ou melhor, mais disposta a criar, mais vibrá-

til e mais imaginativa. Isso na minha estação da vida, cança-me muito, é uma infidelidade ao meu ideal, que devo tornar exclusivo, murando-o entre as minhas quatro paredes." (1)

EVOCAÇÃO DE RAIMUNDO CORREIA

Um dos capítulos mais comovidos de suas memórias seria, de fato, o que se referisse a Raimundo Correia. Foram amigos, com a mais estreita amizade, durante os dez últimos anos da vida do poeta — informa João Ribeiro. Podemos, pois, situar nos primeiros anos do século a cristalização de uma admiração recíproca, que vinha de muito mais antiga data.

Raimundo era então juiz no Rio de Janeiro, "o bom juiz nesta fervente metrópole." Costumavam ficar juntos, êle e João Ribeiro, durante horas inteiras da tarde e da noite, e, quando o poeta chegava em casa fora de sua hora habitual, a espôsa, D. Zinha, reclamava:

— Foi o João Ribeiro que o prendeu.

Raimundo foi um dos dois colaboradores devotados que João Ribeiro teve para a elaboração das suas *Páginas Escolhidas da Academia Brasileira de Letras*. A cargo do poeta ficou o que para a organização da obra se referia a versos. Sempre desencantado do seu próprio valor, João Ribeiro escreveu, um dia, relativamente a Raimundo:

"Do seu apurado gôsto dependeu a aprovação das *Páginas Escolhidas* — e se em obras de tal natureza pode haver algum mérito aproveitável, tudo se deve ao quilate de sobriedade e elegância com que perfazia as suas menores produções de espírito.

"A minha preguiça intelectual contentava-se do mistér prudente e divino de achar bom tudo quanto êle fazia. Acertei, pelo menos, nessa voluntária submissão.

"Cheio de projetos, de desígnios, e de intenções, nunca eu passei de arquiteto de futilidades incríveis. E não fôra o prestígio dos dois companheiros, (2) que alegraram a jornada, essas *Páginas Escolhidas* só despertariam protestos e recriminações dos verdadeiros autores."

---

(1) — Veja a correspondência de João Ribeiro com Joaquim Nabuco, em *Autores e Livros*, vol. II pág. 60.

(2) — O outro era Mário de Alencar.

Outro influxo intelectual que João Ribeiro ficou devendo a Raimundo Correia, foi a escolha de um título de livro. Deu o nome de *Fabordão* a um dos seus volumes de crítica — e foi encontrar a sugestão da palavra em uma bela poesia do amigo.

EVOCAÇÃO DE GRAÇA ARANHA

A amizade de João Ribeiro com Graça Aranha datou dos tempos da *Revista Brasileira*. Compreendiam-se em muita coisa e a correspondência que trocaram revela a camaradagem espiritual mais estreita e afetuosa. Nessas cartas, de vez em quando, achamos um lúcido clarão de crítica da parte de João Ribeiro: "O próprio do teu espírito é a travessura; conservas ainda (e que a conserves sempre) uma parte da tua infância muito viva — o que te faz ainda melhor do que serias, e um bocadinho cruel mas sem malignidade..."

Ou, então, um trecho da poesia enevoada e romântica de Graça Aranha. Estando em Petrópolis, escreve ao amigo: "Que triste coisa, meu amigo, a vaidade. Tenho aqui vivido muito fora dela, numa doce mentira, num grande êxtase. Faço coisas inúteis, e por isso profundas e solenes.

"Vem daí um instante. Dá-me umas horas de filosofia e mesmo do teu terrível sarcasmo. Por êle teria a realidade dolorosa. Vem com a tua filhinha, para encanto da minha. Petrópolis é amável e nos abranda com os seus copiosos aguaceiros. Então não vale a pena? Há também dias de sol em que não há cor... e dias encobertos que são esplêndidos de nuances. Tu conheces isto. Só tem de grande a solidão... e esta mesma é limitada como a vida humana. E' preciso olhar para dentro..."

Por ocasião do falecimento de Graça Aranha, a *Vida Literária*, uma revista que então era editada no Rio de Janeiro, fêz a revelação de que, entre os papeis deixados pelo romancista, se encontrava o plano de um livro que êle em certo tempo pretendera escrever em colaboração com João Ribeiro.

Pronunciando-se sôbre o assunto, João Ribeiro declarava estar inteiramente fora do conhecimento de tal plano, não podendo nem de longe saber que projeto seria aquêle, que livro seria aquêle.

E' no artigo em que se refere a êsse projeto de um tal e tão impossível livro, que João Ribeiro, com a sua lucidez habi-

tual, mostra as diferenças profundas e essenciais que existiam entre o seu próprio espírito e o espírito de Graça Aranha.

"Graça Aranha era um espírito diferente do meu, entusiasta, febril, apaixonado pelas idéias. Foi êle sem dúvida quem traçou o plano e as idéias; eu seria o soldado raso, com a minha tática limitada a pouco mais que a arte de um datilógrafo." (1)

DOIS ESPÍRITOS OPOSTOS

E em verdade não exageremos as aproximações...

A verdade é que, se existem pontos de contato ou de semelhança entre João Ribeiro e Graça Aranha, existem, por outro lado, diferenças, as mais profundas e essenciais, separando os dois escritores.

Existem essas diferenças, por exemplo, na maneira como um e outro vêem o Brasil — o Brasil, em sua história, em seu passado e em seu futuro.

João Ribeiro, muitas vêzes o temos visto e o veremos ainda, é o Brasileiro completo, — ardoroso e sem subterfúgios, e só entendendo o Brasil realizado plenamente, em sua originalidade maravilhosa e perfeita. Isso em tudo — nas relações que tivermos com os demais povos do planeta, na organização interna que dermos às nossas coisas, na solução que acharmos para os nossos problemas políticos, sociais ou morais, nas criações da alma, do pensamento, da poesia... E' essa a lição constante que encontramos em todos os seus livros, em seus ensaios e em suas meditações — pois isso constitue a própria essência do seu ser apaixonadamente americano e brasileiro.

Graça Aranha — e era êle o discípulo entusiasta do mulato Tobias Barreto, era o proclamado chefe de um movimento que se anunciou como um protesto pela libertação do espírito nacional, como uma afirmação das qualidades de nossa gente e de nossa terra! — não tinha essa mesma maneira de ver as coisas do seu país. Por inexplicável pendor, que lhe vinha não sabemos de onde — talvez do dissolvente meio diplomático, em que por alguns anos vivera, talvez das deformações de uma crise, que em seu espírito produzira a irrupção da guerra de 1914 — chegou a deploráveis conclusões políticas e sociológicas, no que se relacionava ao Brasil. Chegou a

(1) — *Estado de São Paulo*, 14-8-1931.

sonhar, por exemplo, êste sonho absurdo: o de regredir aos tempos em que o Brasil foi colônia e em que Portugal foi metrópole, para de novo nos fazer viver sob o cetro de reis lusitanos!... Eis como sabe dar expressão a essa idéia obnóxia:

"A união política de Portugal e do Brasil, consequência da unidade moral das duas nações, seria a grande expressão internacional da raça portuguesa. Para se justificar essa magnífica aspiração das duas nações da mesma alma e da mesma língua, bastaria o sentimento da defesa do patrimônio português ameaçado ainda ha pouco pela cubiça da Alemanha. E' uma questão essencial para o Brasil."

Assim escrevia êle. E, deformando monstruosamente o espírito da História — esquecendo que o Brasil tem assumido, perante o mundo, pelo menos a partir de certo momento, o papel quichotesco da luta contra a conquista, da opugnação à opressão do mais fraco ou do mais pobre... esquecendo, também, que fomos nós a colônia portuguesa que deu a tôdas as demais a lição — embora tardia — da libertação... esquecendo tudo isso e muita coisa mais, — êsse estranho sociólogo da *Estética da Vida*, êsse estranho político e êsse estranho internacionalista, que parece só se contentar do som vasio e arredondado das palavras, acrescenta o seguinte:

"No século XVII os Brasileiros, já conscientes do destino universal de Portugal, vieram, comandados por Salvador Correia de Sá, expulsar os Holandêses de Angola. A história se repeteria: os Brasileiros teriam vindo novamente defender as colônias portuguesas, se Portugal, num esplêndido esfôrço, não tivesse repelido por suas próprias mãos a invasão alemã. Trata-se de manter o nosso prestígio comum no Atlântico."

E a extravagante meditação, com ares de transcendente filosofia política, se prolonga por muitas outras extravagantes linhas...

Parece, porém, que o que deixei acima transcrito já é suficiente para mostrar que João Ribeiro e Graça Aranha, em muita coisa, residem em polos opostos...

DOMÍCIO DA GAMA

Suas lembranças de Domício da Gama datam da mocidade — do tempo em que os dois rivalisavam, concorrendo a um

(1) — *A Estética da Vida*, pág. 142.

lugar na Biblioteca Nacional. Melhor preparado, João Ribeiro venceu o concurso. Domício da Gama meteu-se no jornalismo, fez-se repórter ou redator da *Gazeta de Notícias*, viajou para a Europa... Em Paris conheceu Rio Branco, de quem se fêz amigo. E à sombra do grande homem fêz tôda a sua carreira de diplomata, chegando a embaixador e a Ministro das Relações Exteriores.

João Ribeiro o viu no triunfo e no esplendor, e, comparando a sua mesquinha posição de professor secundário com a resplandente posição do antigo rival na soleira da Biblioteca Nacional, escreve a graciosa página *O Sacristão*.

"Em certa cidade — conta — dois sujeitos pleiteavam o lugar de sacristão. O vigário escolheu um dêles, porque dos dois era o único que sabia lêr.

"O outro consolou-se da decepção atirando-se à labuta da vida. Foi caixeiro de venda, depois patrão, e ao passo que progrediam os seus negócios, ia depositando num banco as suas economias adquiridas. Ao cabo de algum tempo necessitou um empréstimo de trezentos contos e recorreu ao seu banqueiro.

"— Mas então, disse êste, não sabe o senhor que tem aqui para mais de trezentos contos?

"O homem ignorava-o. Não sabendo escrever, não fazia assentamento algum.

"— Que grande fortuna não teria o amigo (ponderou o banqueiro) se soubesse ler e escrever.

"— Não! respondeu êle. Se eu soubesse lêr, seria o sacristão da matriz." (1)

Aplicando o conto, êle se via na mesma posição daquêle sacristão da anedota, diante de Domício da Gama...

GUSTAVO BARROSO

No livro de Joaquim Ribeiro — *Nove mil dias com João Ribeiro* — encontramos esta pitoresca passagem:

"Numa tarde, em conversa íntima, comentava-se qual a figura da Academia que podia disputar a pôse perfeita de um acadêmico.

(1) — *Estado de São Paulo*, 14-9-1926.

"Meu pai vacilou:

"— Eu não sei se é Gustavo Barroso ou se é o Fidélis...

"O Fidélis é o mulato, porteiro da Academia."

A anedota, com o tempo, irá perdendo muito do seu sabor. Tem, porém, uma graça deliciosa para todos quantos conheceram os dois personagens que nela entram. De um lado o Fidélis da Conceição, com a sua elegância irrepreensível de porteiro da imortalidade, a impecável maneira de tratar os homens importantíssimos que compunham os quarenta da casa, a sua tradição venerável de ter servido a Machado de Assis e a Rui Barbosa, e também com aquela sua finura e aquela sua ironia, ironia e finura que dão todo um anedotário ainda por fazer... Do outro lado Gustavo Barroso, com a sua ênfase de nazista brasileiro, o seu ar de quem dava a última palavra em tudo... e principalmente com aquela abundância de condecorações e de medalhas que nos dias de sessões solenes da Academia lhe cobriam de um lampejar novo a farda tão cheia de dourados esplendores...

Divulgada a anedota por Joaquim Ribeiro, o desejo do escritor atingido pela malícia foi o da vingança. Era natural... Mas era natural também que a vingança viesse como veio a ofensa — envolta em alguma coisa que tivesse espírito, uma brincadeira, uma anedota, uma ironia.

Êsse não era, porém, o espírito de Gustavo Barroso, inimigo pessoal da sutilesa. E o que êle fêz contra o confrade foi reproduzir, num conto de furiosa impiedade, e já depois de morto o grande escritor, uma facécia mentirosa e torpe que corria de longos anos e não provocava mais o sorriso de ninguém.

Quem ler essa página (1) há de ter o modêlo do que seja um conto que por todos os motivos não deve ser publicado...

A PERSPECTIVA DE TÔDA UMA VIDA

A galeria das recordações de João Ribeiro é largo e cheia de poesia, e nela, como já em parte o vimos, entra gente de tôdas as categorias.

Poderíamos enriquecê-la de muitas outras imagens, muitas delas ligadas ao mais profundo da sensibilidade e da emoção

(1) — Acha-se recolhida ao volume *Cinza do Tempo*.

do escritor. Veriamos um Antônio Militão de Bragança, "o meu amigo de infância, companheiro de escola, *coração de ouro,* como uma vez dêle escrevi"; um Silvério Fontes, seu colega de ginásio que se doutorou em medicina, "espírito feiticeiro que devia ter curado muita gente porque conhecia tôdas as artes da sedução"; um José Freire da Costa Pinto, também seu colega de ginásio, "o poeta mais extravagante e de mais verve que pude conhecer"(homem estranhíssimo que tinha a arte de conversar em versos soltos.) E assim por diante.

Na sua galeria de recordações figuram amigos de várias épocas, como, além dos que já vimos, José do Patrocínio, Quintino Bocaiuva, Ferreira de Menezes, Cardoso de Menezes, Sílvio Romero, Araripe Júnior, Felisbelo Freire, José Veríssimo, Clóvis Bevilaqua, Coelho Neto, Afonso Celso, Mário de Alencar, Laudelino Freire, Lima Barreto, Humberto de Campos, Alberto Faria, Afrânio Peixoto... Muitos dêles ficaram fiéis à sua amizade até à morte. Outros, por algum motivo ás vêzes bem fútil, dêle se separaram.

Também figurariam em sua galeria vultos distantes ou indiferentes, como Paula Ney, cujos jogos verbais ainda o assombravam na velhice; Carlos de Laet, com o qual andou às turras em polêmicas ásperas; Osório Duque Estrada, o insolente censor cuja grosseria verberou sempre e a quem veio a suceder na crítica do *Jornal do Brasil;* Olavo Bilac, o poeta de quem, reconhecendo-lhe embora os grandes méritos, não pôde compreender a campanha em favor do serviço militar obrigatório, e a quem gostaria de dizer, nos últimos tempos, quando acaso o encontrava: "Vire para lá o cano de sua pistola." (1)

CONSOLAÇÃO PARA A VELHICE

Sim: a galeria das saudades de João Ribeiro é larga, e nela entra gente de tôda a espécie... Entram acadêmicos e políticos, poetas e prosadores, sujeitos importantes e sujeitos insignificantes. E em que simpatia cordial e irônica envolve êle essa gente numerosa de suas recordações!

E' êle próprio quem se refere a certo *sentimento um pouco entranhavel* que tem: a sua sensibilidade simpática para o

(1) — *Estado de São Paulo,* 18-2-1928.

modernismo. "Gosto das coisas novas ou pelo menos daquelas que parecem novas..." Êsse seu sentimento explica-nos a sua simpatia pelo arranha-céu, o seu amor pelo cinema, o seu apôio aos poetas e escritores da renovação brasileira, tantos e tantos outros aspectos do seu espírito.

Realmente, o amor à mocidade parece conservá-lo moço. Plínio Barreto escreveu, certa vez, que João Ribeiro era um ancião que não queria envelhecer. João Ribeiro gostou da observação. "Não quero e não me sinto envelhecer, observou a êsse propósito. Outros dirão que estou velho demais e já era tempo de uma retirada honrosa. Certo é que envelheço *quand-même;* mas ainda tenho apagado sorriso para a vida."

Procura consolar-se da contingência fatal da velhice. — *da velhice, essa espécie de ausencia...* Procura evadir-se do tempo, do tempo que o persegue. Relê a vida de Verdi, buscando "num exemplo grande a moralidade da fábula para os pequenos". Tinha Verdi perto de sessenta anos quando compôs a *Aida.* Tinha setenta quando compôs o *Otelo.* Tinha oitenta quando compôs o *Falstaff...* Como Verdi, João Ribeiro aspira a ter ûma vitalidade poderosa e criadora.

Mas regressa às velhas recordações... Olha em tôrno, e acha-se deslocado, estranho! Se viveu muito, é porque se sente próximo dos sêres rudimentares. Sente-se parente dos jabotís ou dos papagaios. "Sou tardo, lento, e vagaroso como o jabotí. Não falo muito, mas escrevo como escreveria um papagaio, incessantemente. Papagaio de ferro e carnaúba, — assim definiu alguém o gramofone. Rouco, fanhoso e sem pressa de chegar, vou andando o meu caminho."

Vai andando o seu caminho... E não se sente perfeitamente em harmonia com certas coisas atuais. Não compreendeu a Revolução de 1930, com o seu hibridismo espantoso da aliança de Minas Gerais com o Rio Grande do Sul. Não compreendeu o Cristo, que os brasileiros levaram para o Corcovado, pelo prazer de crucificá-lo de novo sôbre outra montanha... Nada disso compreendeu! Mas que importa não tenha compreendido? As superstições modernas passam sem o seu apôio — e êle nem se faz lembrado no tumulto do presente!

Tudo isso é assim... E' assim que êle sente... Mas só sente, sem nenhum pesar íntimo...

As vozes antigas é que o distraem... Chegam-lhe de planetas distantes, com o relógio do sol, atrasadas e retardatárias... Êle medita que a hora de partir deve estar próxima.

Mas isso não o atemoriza. Seu único pesar será não ter tempo para deitar um pouco de ordem nas infinitas migalhas de pensamento e emoção que arrancou do cérebro e da alma.

Era, pois, tudo tão inútil?...

SORRIR DE SI MESMO...

E já que sorri dos outros, é justo que sorria de si mesmo... João Ribeiro mofa de João Ribeiro com uma contínua e enternecida malícia... Seu nome, por exemplo, é um dos motivos da sua constante ironia. Tendo sido, de início, um orgulhoso João Batista Ribeiro de Andrada Fernandes, ficou reduzido à sua expressão mais simples.

O tema do seu nome nós o encontramos em vários de seus artigos avulsos. Eis o que escreveu por ocasião da morte do mais famoso dos seus homônimos: "Morreu o meu xará João Ribeiro, o diretor do Banco. Era realmente um homem ilustre, grandemente versado em questões financeiras, nobre, austero e incorruptível. Trabalhava por dez homens ou por um cento dos meus; e ainda tinha tempo para ser amável. Poucas vêzes tive a felicidade de falar-lhe e sempre saí encantado de sua presença cavalheiresca e gentil. Para me distinguir dele, pois que tinhamos igual nome, eu dizia que êle era o João Ribeiro e eu o João Ribeiro pobre. Mas o banqueiro tinha tão pouca vaidade que pareciamos iguais na fortuna."

Assim diz, e continua o artigo com êstes períodos: "Agora está só em campo outro João Ribeiro, rico, que tem uma grande refinação de açucar. Creio que por êle paguei já uma multa de Impôsto de Renda, porque eu não tenho renda alguma tributável. Os lançadores dêsse impôsto são implacáveis e de tal maneira que lhes não escapam os foliculários de meia tijela e os mestre-escolas do ABC.

"Êsse bom refinador de açucar, que infelizmente não conheço, é também meu *tocaio*, como dizem os gauchos, ou meu *xará*, como dizem os brasileiros do outro extremo — o que prova que todos somos um, apenas com a diferença dialetal, que não empece a cordialidade e o entendimento.

"O outro João Ribeiro, que sou eu, não tardará a desertar da vida, e ficará o mais suave, doce e melifluo da irmandade. Tenho resistido à fuga, mas é fatal, entregarei os pontos. Levo saudades sem saber se as deixo. E' o caso de dizer como diziam à beira de um túmulo:

"— Mais um de menos!"

* * *

Sim: existe uma série infinita de notas, de pequenos artigos, de esboços, em que João Ribeiro recorda coisas e fatos, e relembra amigos, com os quais esteve em frequente contato, camaradas, ou simples indiferentes.

E tudo isso, eu creio, poderia ficar reunido sob o título geral de *Memórias*, formando um dos livros mais pitorescos e sugestivos da bibliografia do gênero, no Brasil.

IV

JOÃO RIBEIRO E A ACADEMIA

UM CANDIDATO SEM VOTOS

Uma parte da obra avulsa, de artigos ou de ensaios, de João Ribeiro, é dedicada à Academia. Em sua ironia desencantada, êle medita, muita vez, que é um prodígio, quase um milagre, o estar sentado em uma dessas cadeiras. Ao próprio Machado de Assis expressa êsse pensamento...

Eis uma de suas meditações acêrca da instituição:

"No que respeita à Academia, a sua evolução ainda se perfaz e as suas incertezas e dubiedades acusam o processo de uma distanciada definição.

"A Academia transforma-se em *salão* de polidez e bom-tom, dizem; é o cenáculo dos expoentes, das altas classes sociais, dizem ainda os derradeiros definidores do teôr da Academia.

"Quanto a mim, não sei o que ela é, mas sinto que dela faço parte por essa tolerância convencional que se empresta a certas antigualhas.

"Estou convencido de que se me apresentasse hoje a um pleito na Academia não lograria quatro ou cinco votos, salvo o caso de alguma deserção providencial ou de um *tertius gaudet*.

"E não me entra o desespêro na alma por essa recusa e rejeição. E' provável mesmo que não tentaria eu a difícil experiência.

"Uma vez disse-o ao próprio Machado de Assis, que não gostou dessa declaração enfática e inconveniente; tenho-a, porém, como a tive, por meticulosamente verdadeira e exata." (1)

(1) — *Revista Nacional*, novembro de 1923.

UMA ELEIÇÃO NA ACADEMIA

A verdade... é que não devia ser tanto assim... E para mostrar o prestígio que João Ribeiro tinha diante dos acadêmicos, pelo menos diante dos que cercavam Machado de Assis, na hora da fundação da casa, basta lembrar a maneira como êle foi eleito, logo depois de ter começado a existir a instituição.

Em 1896, ao criar-se a Academia, estava êle ausente do Brasil. Não foi por isso incluido no quadro dos fundadores, como não o foi o Barão do Rio Branco, então também residindo fora do país.

Dois anos, depois, porém, ocorria o falecimento de Luiz Guimarães Junior — a primeira vaga verificada no cenáculo. Conta João Ribeiro que o pensamento da Academia (quer dizer: o pensamento de Machado de Assis e de Nabuco, que naquêle momento pensavam pela Academia) foi promover a eleição do Barão do Rio Branco. Mas o Barão não aceitou a honra, porque se tratava da vaga de um poeta, espécie com a qual não tinha a menor afinidade. (1) Foi então fixado o nome de João Ribeiro, que se viu eleito a 8 de agosto de 1898, tendo tido como antagonista José Vicente de Azevedo Sobrinho, que mais tarde foi diretor da Secretaria da instituição. Rio Branco foi eleito logo depois (ainda nêsse mesmo ano de 1898, na vaga de um historiador e político — o Conselheiro Pereira da Silva).

João Ribeiro obteve 17 votos, não alcançando José Vicente nenhum.

Na urna apareceram, porém, três votos em branco. Em sua primeira eleição, e quando se tratava de chamar ao cenáculo um homem que sòzinho valia mais do que muita Academia completa, a Academia Brasileira tinha três eleitores que ousavam votar em branco! Eis um episódio que hoje, na distância em que estamos da Academia de 1898, nos parece quase humorístico.

João Ribeiro foi recebido em 30 de novembro daquêle mesmo ano, saudando-o José Veríssimo.

(1) — *Estado de São Paulo*, 31-3-1933.

Na Academia, fêz parte de numerosas comissões, tendo sido um dos principais promotores da reforma ortográfica de 1907.

UM DISCURSO ACADÊMICO

Ao tomar posse de sua cadeira, pronunciou êle um discurso que é uma das páginas de mais alto e belo teôr, entre quantas honram a eloquência acadêmica em nosso país. Faz alí o elogio da humildade... "Quizestes significar que êsse é também o lugar dos humildes e que entre vós não há desdém pelos tímidos; também entre as esferas de fogo dos astros pôs a natureza intervalos providenciais e obscuros, pois que, no dizer do poeta, a contínua perpetuidade da luz seria exauriente e mortal..."

João Ribeiro em sua oração declarou-se impossibilitado de fazer o elogio de Luiz Guimarães Junior. Leu o poeta vinte vêzes, e não conseguiu penetrá-lo como o desejava... "Tentei compreendê-lo; senhores, confesso-vos que fiz essa experiência mortal e saí edificado. Dela trouxe, se não a voz, ao menos o eco degênere, o vagido elementar do seu grito adulto e valoroso. Mas ah! tudo isso é inexprimível!"

Diante de tal afirmativa, Alcântara Machado pasmou, achando que nela havia *as aparências de uma evasiva.*

O METRO ACADÊMICO

A Academia lhe parece ter muitas extravagâncias. A primeira será a do *metro acadêmico.* A expressão é de Nabuco ao nascer a Academia Brasileira, e indicava o propósito que tinha a instituição em seu berço, de seguir em tudo os passos da Academia Francesa.

João Ribeiro, muito mais pessimista que Nabuco, no que se refere às possibilidades literárias do nosso país, não está de acôrdo com o *metro acadêmico.* Já em 1913, debatendo uma resolução provocada pela vaga de Aluizio Azevedo — a de que a Academia não tomaria mais "em consideração as candidaturas apresentadas antes da declaração final da vaga", escrevia êle: "Sabiamos já que a Academia prolongava a vida até à imortalidade. Sabemos agora dêsse outro milagre: ela pode suster a morte até que a declare morte morrida e consumada." E prosseguia: "A Academia não pode mais queixar-se, como Calypso, *qui se trouvait malheureuse d'être immortelle.*

"Mesmo sem pensar no suicídio geral, a Academia pode encurtar-se, minguar e desaparecer; os quarenta podem, pouco a pouco, reduzir-se a vinte ou a meia duzia.

"Em rigor, se a França tem quarenta acadêmicos, nós não podíamos aspirar a mais do que a quatro (*Honni soit qui mal y pense!*)" (1)

Dez anos depois, a sua apreciação é a mesma, é o mesmo, desenganado e longo, o seu pessimismo:

"Se a questão é do sentido próprio e exato das coisas — medita então — não temos Academia, porque também não temos literatura. Se a França escolhe quarenta, o Brasil sem imodéstia poderia escolher quatro. Mas, como acreditava Nabuco, o *metro acadêmico* é um só e invariável. E se concessivamente temos qualquer literatura, estão-lhe fechadas desde muito tempo as portas da Academia elegante e mundana..." (2)

CANDIDATURAS FEMININAS

No que se refere ao assunto da entrada das mulheres para a Academia, podemos dizer que êste sempre foi da mais franca simpatia de João Ribeiro.

O assunto, ao que podemos sentir, começou a se pronunciar ainda nos dias da fundação da casa. Segundo o depoimento de Salvador de Mendonça, houve, naquela ocasião, pelo menos uma escritora, cujo nome entrou em cogitações para pertencer ao quadro dos fundadores — Júlia Lopes de Almeida. Seu nome foi afastado. Mas, tendo sido incluido no quadro o nome de Filinto de Almeida, escritor e poeta de muito menos prestígio do que a espôsa, e além do mais de nacionalidade portuguêsa, logo a malícia acadêmica levantou a dúvida de uma escolha para representação... João Ribeiro depõe: "Em tempos esquecidos, Filinto de Almeida representava o

(1) — *Imparcial,* 9-5-1913.
(2) — *O Jornal,* 18-11-1923.

papel de *príncipe consorte*. Assim se disse, e até a mim atribuiram aquele epíteto de ironia malévola."

O problema veio a formular-se, porém, em tôda a sua nitidêz, no ano de 1911.

Falecera Tolstoi, e para suceder ao grande romancista russo foram apresentados dois nomes: o de Anatole France e — proposta de Carlos de Laet —o de Carolina Micaelis de Vasconcelos.

As posições se vão definido. Carlos de Laet aparece, desde o primeiro momento, como o líder do feminismo. A êle aderem logo Filinto de Almeida e o Barão de Jaceguai.

A 16 de novembro do ano seguinte, a Academia delibera sôbre o assunto — isto é, se as mulheres podem ou não entrar para o quadro dos correspondentes. Votam a favor Carlos de Laet, Afonso Celso, Filinto de Almeida e Silva Ramos. Votam pela não admissão Afonso Arinos, Afrânio Peixoto, Augusto de Lima, Coelho Neto, João Ribeiro, Paulo Barreto, Salvador de Mendonça e Sousa Bandeira.

Há nessa apuração dois votos que causaram estranhesa — o de Salvador de Mendonça, que um ano antes se havia manifestado favorável à entrada das mulheres; e o de João Ribeiro, cujo espírito adiantado, ao encontro sempre do futuro, parecia antes inclinado à solução feminista.

Passam cerca de vinte e cinco anos, e já o iremos encontrar em sua verdadeira posição. Foi o caso que, em 1927, Laudelino Freire apresentou à Academia uma proposta, determinando que as mulheres pudessem inscrever-se como candidatas, concorrendo com os homens.

A adesão de João Ribeiro foi plena — porém graciosa e quase galhofeira...

"As mulheres, escreveu, vão ser o encanto maravilhoso das sessões acadêmicas. Precisamos de algumas solistas de soprano ligeiro, e dos queixumes do soprano dramático, naquela sinfonia bárbara.

"O Ataulfo, tenor perpétuo, recebê-las-ia a tôdas elas." (1)

Sabemos que também a proposta de Laudelino Freire não teve solução favorável.

Anos depois vinha o assunto novamente a debate. Falecera Alfredo Pujol e a escritora Amélia de Freitas Beviláqua, espôsa do grande Clóvis, pretendera disputar a vaga. A Academia não aceitou a inscrição.

(1) — *Jornal do Brasil*, 5-6-1927.

João Ribeiro, nêsse momento, declara-se francamente pelas candidaturas femininas. Considera a inscrição de D. Amélia Beviláqua *uma iniciativa digna de ser tentada, principalmente hoje em dia, quando o feminismo tem feito grandes progressos*. O prognóstico dêle era que o assunto havia de vir de novo à tona muito em breve, para provavelmente ser vitorioso — pois, "tanto em nosso país como no estrangeiro, há academias de letras que contam em seu seio escritoras notáveis... Agora mesmo surge no Ceará uma romancista, a autora do *Quinze* de que se fazem os maiores encômios (confesso não conhecer o livro...)" (1)

OS SÓCIOS CORRESPONDENTES

Um problema da Academia tem sido sempre o dos sócios correspondentes.

Aí, como em tudo o mais em nossa alma de colonos, encontramos o reflexo de Portugal.

Foi na ocasião em que a Academia se constituia que surgiram os primeiros nomes para correspondentes — o do português Eugênio de Castro e o do francês Louis Pilate Brin Gaubast, o primeiro proposto por Filinto de Almeida, o segundo por Guimarães Passos.

Mas, afinal, nem a Eugênio de Castro nem a Brin Gaubast coube a honra de iniciar o quadro dos nossos correspondentes. Esta honra coube a Emílio Zola, eleito em agôsto de 1908, e cujo nome fôra apresentado por Araripe Junior, Artur Azevedo, Barão de Loreto, Filinto de Almeida, Guimarães Passos, Inglês de Sousa, José do Patrocínio, Lúcio de Mendonça, Raimundo Correia, Rodrigo Otávio e Valentim Magalhães. Um católico veemente protestava contra a eleição, mandando à mesa estas palavras: "Eduardo Prado declara que não toma parte na votação porque êste aplauso tão acentuado a Zola, no momento atual, por ser o defensor de uma vítima, pode parecer uma condenação ou um estigma de muitos escritores, tanto estrangeiros como nacionais, que em várias épocas têm deixado indefeso ou mesmo atacado outras vítimas."

(1) — *Estado de São Paulo*, 29-11-1930.

Segue-se, meses depois, a eleição de vários outros correspondentes — Spencer, Mommsen, Tolstoi, Ibsen, Carducci, Etchegaray, Guilherme Blest Gana, Garcia Merou, Mitre, Paul Groussac, e os portuguêses Guerra Junqueiro, Teófilo Braga, Eça de Queiroz, Eugênio de Castro.

Anos depois encontramos uma proposta de Salvador de Mendonça, mandando que no quadro dos correspondentes o número máximo de cadeiras concedidas aos portuguêses fôsse de dez. Sendo êsse quadro formado de 20 cadeiras, aquêle número representava, como se vê, uma parte formidável. Mas foi necessária essa deliberação, porque, no nosso eterno sonho brasileiro de retribuições de além-mar, acabaríamos tendo vinte correspondentes lusitanos...

João Ribeiro discutiu também êsse assunto. Eis como, aproveitando uma proposta de Laudelino Freire, tece o seu comentário:

"A Academia tem apenas *vinte* sócios correspondentes, limitação que se me afigura injustificável, diante do prestígio crescente da instituição.

"Mas a limitação que mais se antolha absurda é a da metade daquêle número para todos os correspondentes estrangeiros de qualquer origem, reservando-se a outra metade exclusivamente para os escritores portuguêses.

"Laudelino acha que êsse último quinhão é excessivo e pede que se dê mais larga parte aos americanos do Norte ou do Sul, do Novo Mundo."

A idéia de João Ribeiro é a de que devíamos na Academia premiar antes de tudo *os que se ocupam de nós, da nossa terra e dos nossos propósitos de qualquer ordem, por expontânea simpatia.* E acrescenta:

"Claro está que não teríamos nesse elenco nomes formidáveis, mas acharíamos nêle o pretexto para compensar e premiar os intelectuais que consagraram um pouco das suas horas de trabalho ao conhecimento da nossa terra."

E dêsde logo sugere para o quadro dos correspondentes da Academia Wilhelm Giese, um escritor alemão que estudou Machado de Assis num belo ensaio, que o próprio João Ribeiro teve ocasião de traduzir. (1)

Giese, porém, nunca chegou a ser eleito.

(1) — *Estado de São Paulo*, 22-7-1927.

A ACADEMIA E O MUNDANISMO

Às vêzes — confesso — é difícil penetrar o pensamento de João Ribeiro no que se refere à Academia. Tanto êle é flúido, aéreo, ou talvez contraditório ou incoerente.

Encontro-lhe um ensaio, publicado em *O Jornal*, a 18 de novembro de 1923 — e intitulado A *Proto-Mártir Academia*, em que são ditas coisas em verdade de nos espantar.

Em primeiro lugar, no que se refere aos homens de letras brasileiros.

"No Brasil, escreve, a literatura, por enquanto é uma função inatual, sem meios para sua finalidade civil. O melhor dela é imprensa e jornalismo, no que tem de visível e aproveitável... Escrever é apenas a ocupação dos que não dispõem de outra eficiência... Êsse idealismo forçado é sempre um *pis aller*, uma achega econômica comparável ao *jeton* de certa companhia letrada..."

Se essa é a literatura — que será a Academia, consagradora ou valorisadora dela? Que êle próprio responda: "Esta escrupulosa Academia dos quarenta, não conta, sequer, dez literatos, no sentido próprio da palavra. E' certo que há alí quarenta formosas possibilidades, apenas em estado nascente; mas o literato profissional é um secundário elemento naquela companhia, e é, talvez, o ingrediente menos desejável... A Academia, que está abarrotada de notável jurisprudência, medicina, folhetins, e não sei que mais, não possue decentemente o direito de simbolisar qualquer resistência em favor da literatura, que alí brilha por eclipse parcial ou total.

"O caráter e a feição que me parece dominante na Academia, não é sequer a intelectualidade, é o mundanismo...

"A Academia, enfim, é uma das filiais do *High Life* carioca; tem ela apenas o defeito de conservar por misericórdia alguns sêres antiquados e inadaptáveis ao novo teôr do cenáculo. Êsses fósseis, com grande gaudio da companhia, mineralisam-se tranquilamente, e, graças a Deus, estão por pouco. Porque não perdoam a êsses, que pertencem mais à sua geologia que à sua história?"

E, com conclusão suave:

"Respeitemos e amemos a Academia pelas suas altas virtudes frumentárias. Ela dá o *jeton* alimentício que refresca

os mais fartos, e aos famintos parece bem melhor que a pouco azotada imortalidade."

A ACADEMIA E LORD BYRON

Tão pouco era dos hábitos dêle cultivar êsse tabu mendaz que manda sustentarmos o caráter estritamente literário da Academia. Dizia-o, com o seu doce sarcasmo:

"Byron gostava de vinho do Pôrto, mas não se embebedava senão de sal de frutas e de água de Janos.

"A Academia gosa fama de literária como Lord Byron de alcoolismo.

"Tudo mentira." (1)

O QUE É UM ACADÊMICO

Por efeito, talvez, daquela sua virtude, qualidade, ou vício — não sei bem — que êle próprio classifica como sendo *discreção indiscreta*, João Ribeiro se põe um dia a analisar o que seja um acadêmico — ou o que seja um simples candidato à Academia. E eis a conclusão a que chega:

"Ainda não pude extrair da minha longa experiência de quase trinta anos de *faineantise* acadêmica, o sentido do que vem a ser o acadêmico verdadeiro.

"Parece que o acadêmico aspirante em primeiro lugar quer um empreguinho de achegas para cigarros, e depois, se se trata de um diplomata, um motivo decorativo talvez apreciado em terras estranhas: e em terceiro lugar um título a figurar no *tout Rio* das três centenas de pessoas notáveis." (2)

PEDIDOS DE VOTO, SEM HAVER VAGA...

Um dos difíceis e às vêzes martirisantes momentos da vida de um acadêmico é aquêle em que, tendo sido declarada

(1) — *Jornal do Brasil*, 13-4-1926.
(2) — *Jornal do Brasil*, 13-4-1926.

uma vaga, começam a surgir as candidaturas à substituição. São, não raro, vários os dramas que se criam no espírito do votante — ter de escolher entre dois ou três verdadeiros méritos... ter de negar a uma pessoa, a quem tanto gostaríamos de atender, um mísero sufrágio com tanta razão pedido...

Mas há outra espécie de drama, ainda mais triste do que êsses, e um drama que não se gera no espírito do votante: é o que provocam os candidatos apressados, os que começam a pedir o voto quando ainda não existe a vaga; ou que fazem coisa mais atroz ainda: pedem o voto para a substituição de um acadêmico que esteja em agonia. Conhecem-se casos dêsses, muito fáceis de se enumerar...

João Ribeiro conta como foi, certo dia, abordado por um candidato dêsses, cheio de impaciência:

"Uma vez recebi a visita amável de um escritor que me pediu o voto para uma cadeira na Academia.

"— Mas não há vaga...

"— Não importa. Peço para quando houver.

"— Talvez a minha vaga, retruquei. Estou velho e perto do fim.

"— Não, disse-me o lisongeiro interlocutor. Se acreditasse na sua morte, não lhe pediria o voto ao mestre.

"E desta arte deu-me uma ficha de saúde e um agradável mestrado." (1)

IDENTIFICAÇÃO COM A POBRESA

Uma das convicções arraigadas de João Ribeiro, com referência à Academia, era a de que a instituição deveria ser sempre pobre. Afeiçoara-se à Academia da época de sua eleição, à Academia de Machado de Assis e de Nabuco, e não a compreendia num surto de prosperidade e de fortuna. Quando, por esforços de Afrânio Peixoto e Graça Aranha, a Academia obteve para sua séde o Petit Trianon, na alma de João Ribeiro houve uma decepção e uma revolta. São os sentimentos que então expressa, em mais de um escrito. Figura que alguém lhe manda os parabens pelo fato, e responde: "De parabem?

(1) — *Estado de São Paulo*, 17-7-1929.

Mas de pêzame é que deviam ser as amáveis letras de V. Mercê."

E passa a expôr porque de pêzame e não de parabem deveriam ser aquelas letras. A Academia, na nova séde, consta-lhe que vai ser uma casa de *chás literários e grandes repastos de espírito, de mundanismo e de graça*. Dali hão de sair os novos *Amusements periodiques* — pois, como Maria Antonieta, a instituição não esqueceu a ópera cômica.

E em meio de tantos mundanismos, como se sente, êle, João Ribeiro? "Sinto-me muito mal nêsse meio de que me repelem minha melancolia crônica e certa dose de estupidez e ingênita selvageria... Quanto a mim, homem de poucos amigos e de menos alfaiate, é pêzame o que me dá e pêzame tão sòmente o que recebo."

A ACADEMIA NÃO E' UMA TÔRRE DE MARFIM

Êsses seus pontos de vista — que são os de um franciscanismo quase monástico — divergem naturalmente dos pontos de vista da maioria dos seus colegas, os quais desejam ver a instituição cada vez mais próspera.

Não é sòmente nêsse capítulo que João Ribeiro diverge da maioria dos seus colegas. Diverge também — e para exemplo — no ponto de se saber se a Academia deve ou não levar os seus assuntos para a praça pública. Existem os que respondem pela negativa. Acham que a Academia é uma espécie de Tôrre de Marfim, um reinado da bela adormecida, ou talvez, quem sabe, a própria bela adormecida; e como tal deve viver afastada de tudo, sem se comprometer com os assuntos do mundo...

João Ribeiro acha o contrário.

"Há na Academia, explica êle, uma lei não escrita que aconselha os sócios do grêmio não falar cá fora, na imprensa, dos assuntos da vida acadêmica. Eu nunca respeitei êsse regimem.

"Falo e digo o que quero, e também ouço o que não quero." (1)

(1) — *O Jornal*, janeiro de 1925.

CANDIDATURAS FRACASSADAS — LIMA BARRETO

Em muitos dos pleitos acadêmicos João Ribeiro é vencido. Isso se explica: êle estava sempre do lado dos homens de letras...

Encontro em um dos seus artigos relativos à Academia esta informação: "As portas da Academia têm batido os nossos poetas, que não alcançam mais de três ou quatro votos displicentes, talvez sem colocação útil. A elas bateu, ao que disseram por aí, o maior dos nossos romancistas, que logrou um voto único!" (1)

A alusão, creio, é a Lima Barreto, que, como se sabe, em 1919, competira com Humberto de Campos, na primeira eleição para o preenchimento da vaga de Emílio de Menezes. O pleito não deu resultado, tendo Humberto obtido o máximo de 16 votos. Reabriu-se a inscrição, tendo Lima Barreto desistido.

A informação de João Ribeiro, relativa ao *voto único* dado ao romancista, registre-se, não é perfeitamente certa: o que é certo é que Lima Barreto teve, no primeiro escrutínio dois votos, no segundo também dois, passando a um no terceiro e no quarto...

João Ribeiro, que possivelmente terá sido êsse único voto que ficou fiel ao criador de *Isaias Caminha* no terceiro e no quarto escrutínio, — traçava, naquele mesmo ano de 1919, a propósito do aparecimento do *Gonzaga de Sá*, êste perfil do romancista:

"Lima Barreto é certamente um dos espíritos mais notáveis da nova geração de escritores. Arte, cultura, graça e simplicidade de estilo, casam-se aos dons de harmonia arquitetônica das suas obras.

"Nêste momento, cremos que é candidato a uma vaga da Academia Brasileira: em princípio, poucos, pouquíssimos, poderiam disputar-lhe essa consagração.

"Entretanto, há razões práticas que o excluem daquela competência. Uma delas, por ventura a única de consideração, é o fruto de sua própria negligência.

(1) — *Imparcial*, 18-11-1923.

"Acadêmico que sou, não quero nomeá-la, por não cometer um doesto, levantar um queixume ou autorisar uma injustiça.

"Em todo o caso, a Academia, que não peca por exclusivismos, cremos, antes pelo contrário realiza as mais largas condescendências, não é nem pode ser o país da Boemia.

"Ela, como o romance do autor, também abre portas travessas, por onde conseguem penetrar os beldroegas de meu feitio.

"Mas Lima Barreto entraria pela porta principal, e talvez pela minha mão, se fôsse ela firme, e eu pudesse estender-lha." (1)

OUTRO TRISTE FRACASSO

Outra candidatura acadêmica pela qual João Ribeiro teve o maior carinho, para vê-la naufragar numa falta de êxito quase igual à de Lima Barreto, foi a de Tristão da Cunha.

Pelas suas próprias maneiras — distante e aéreo, vivendo em mundos outros que não o nosso, mundos fúlgidos, sem dúvida, os da arte e da meditação belamente literária... o autor de *Coisas do Tempo* foi, desde o primeiro momento, um candidato inviável. Mas isso não impediu que merecesse a João Ribeiro dedicado apôio. Eis como João Ribeiro julga o candidato: "Tristão da Cunha é um raro espírito, perfeito homem de letras, que só a largos intervalos nos dá a medida dos seus talentos. Êsses mesmos intervalos de silêncio contribuem para a concentração e quintessência da arte admirável de pensar e dizer, que nêle é virtude perene e incomparável. Dentro ou fora da Academia, dela será sempre, se em verdade ela exprime a nossa alta cultura literária. Há muita gente que o ignora, e o escritor quase estima essa ignorância trivial dos que não podem avaliá-lo e sentí-lo sequer."

Isso escrevia êle em novembro de 1923, depois da primeira eleição para o preenchimento da vaga de Rui Barbosa. Tristão da Cunha competira alí com Laudelino Freire e Fernando Magalhães, não conseguindo nenhum deles o quorum. Laudelino Freire tivera o máximo de 18 votos, Tristão o máximo de 15 e Fernando Magalhães o máximo de 4.

(1) — *Imparcial*, 21-4-1919.

João Ribeiro explica o fracasso de Tristão da Cunha: "Por infelicidade, foi êle eventualmente o candidato do pequeno grupo homogêneo que está desde longo tempo habituado a não ouvir nem contar com o *resto*, predeterminando as candidaturas e governando mais ou menos a inércia acadêmica." Creio que a farpa se dirige a Afrânio Peixoto e a Mário de Alencar.

Por outro lado, justifica João Ribeiro a escolha de Laudelino Freire: "A eleição de Laudelino Freire honra a Academia: é um erudito, laborioso, estudioso indefesso da língua, cujo culto a Academia traz nos seus propósitos, e tem já prestado à bibliografia e ao estudo da literatura nacional inolvidáveis serviços. A tentativa de o desmoralizar com um aranzel de toleimas foi em pura perda..." (1)

A injustiça cometida contra Tristão da Cunha continuou, porém, a pungir o coração de João Ribeiro. E eis como, alguns anos depois, comentando um artigo de Assis Chateaubriand, êle desabafa a sua mágua:

"Ninguém poderá negar que Tristão da Cunha honraria o nosso instituto de letras. Mas o seu fino espírito, aristocrático por excelência, sempre me pareceu incompatível com qualquer escolha democrática, como é a das eleições acadêmicas.

"Êle seria nomeado pelo rei, onde rei houvesse, e rei fôsse eu, ou, melhor, o próprio Assis. Não compreendo que por si pudesse alcançar vinte ou trinta votos, em qualquer grêmio de letras ou de tretas. Sua rara espécie não é gregária. Não vive em bando e vive solitário e magnífico, como a águia ou o leão." (1)

VOTAR EM POLÍTICOS IMPORTANTES

E' sentindo ou prevendo essa contingência acadêmica — a do fracasso de tantas candidaturas de natureza puramente literária — que João Ribeiro acaba, em hora de mau humor, disposto a votar em qualquer ministro que apareça... "Quanto a mim, não tenho receio de votar num ministro com ou sem livros de versos ou em algum romancista medíocre.

"Os homens de Estado, sob o estado de sítio, não podem fazer malefício algum. E muito pelo contrário, dos próprios

(1) — *Revista Nacional*, novembro de 1923.
(2) — *Estado de São Paulo*, 8-8-1926.

literatos é que tenho apanhado alguns respingos dentro da ordem e das garantias constitucionais.

"Isso vai como resposta à jovial perversidade de um folicul ário que não li, mas entrevi por uma referência do *Correio da Manhã*, de que eu voto sempre em qualquer candidato que leve para a Academia uma pasta ministerial."

E é aqui que parece adotar — pelo menos em termos — o sistema que Nabuco preconisava — o da escolha dos expoentes: "Eu não compreendo que se possa hostilizar um ministro, por ser ministro: seria estupidêz monstruosa e inqualificável. Se nêle concorriam as qualidades que distinguem os intelectuais, claro está que mereceu o prêmio que lhe deram." (1)

Assim pensava êle...

Mas não acreditemos em tudo o que pensa um passeiador entre paradoxos, como era o nosso João Ribeiro.

Não tardava que o víssemos em posição bem diferente dessa aceitação cética e tranqüila das candidaturas dos poderosos...

Foi o caso que, em 1925, por ocasião da morte de Alberto Faria, os jornais se encheram da notícia surpreendente: era candidato à vaga do erudito das *Aérides*, o Senador Antônio Azeredo! João Ribeiro não pode acabar de crer no que está lendo ou ouvindo..." Quando Anaxágoras, com todo o pêso da sua ciência, afirmou que o sol era maior que o Peloponeso, correu por tôda a Grécia um frêmito de dúvida:

"— Será isso possível?

"Eis aí. O mesmo senti eu, quando me chegou o falso rumor de que o Senador Azeredo aspirava à imortalidade malherbesca do *Petit Trianon*.

"Confrontei o Sol e o Poloponeso de Anaxágoras. Qual dêles seria a Academia? Onde posso eu situar a minha dúvida? No céu ou na península?" (2)

O artigo decorria assim todo êle — cheio de uma viva e ácida ironia para o político importante. Mas não teve resultado nenhum: o Senador Antônio Azeredo apresentou-se mesmo como candidato, concorreu com quatro poetas — Luiz Carlos, Jackson de Figueiredo, Bastos Tigre e Hermes Fortes. E, se não foi eleito, conseguiu obter 14 votos. Luiz Carlos, que foi o segundo votado, teve 11. E Hermes Fortes não passou de

(1) — *Imparcial*, 18-11-1923.
(2) — *Jornal do Brasil*, 31-10-1925.

um — isto mesmo no terceiro escrutínio, pois nos demais turnos ficou humilhadamente em zero!

E note-se que era o terceiro pleito em que o autor de *Apoteoses* se metia, jamais conseguindo passar de um máximo de cinco votos!

SÔBRE OS EXPOENTES

Como a Academia de hoje, talvez ainda mais do que a Academia de hoje, a Academia de João Ribeiro sofre terremotos e angústias, para a escolha dos seus sócios.

E' o que podemos depreender de tantas idéias, de tantas sugestões, que na instituição vemos serem agitadas.

Em 1926 o ambiente acadêmico parece ter sido da mais viva inquietação. Havia várias vagas a preencher — a de Alberto Faria, a de Domício da Gama, a de Jão Luiz Alves, a de Mário de Alencar, a de Lauro Müller. Os candidatos fervilhavam — *cogumelavam*, como disse João Ribeiro. E começaram as procuras de caminhos salvadores. Um dia chegou à mesa uma proposta, mandando que só pudessem entrar para a Academia os autores de obras literárias, comprovadamente literárias. Era, aliás, a mesma coisa que determinam os Estatutos. Mas o autor da proposta queria assim dar mais ênfase à exigência. João Ribeiro foi um dos que assinaram a proposta.

Logo, porém, começaram as explorações em torno do assunto. Dizia-se que a Academia, de então por diante, não aceitaria mais os homens de prestígio ou de atuação pública, os chamados *expoentes*, limitando as suas escolhas ao campo dos puros literatos...

João Ribeiro parece só ter caido em sí nessa ocasião. E, entoando a palinódia, faz o elogio do expoente, em detrimento do homem de letras... "Pela minha parte, assinei a proposta incendiária porque nela não vi uma só palavra inconveniente (...) Todos os acadêmicos são *expoentes*, neste sentido de que não há, que o saibamos, literatos profissionais. Se os houve, deveriam já ter morrido de fome. Há *expoentes* pobres e mal empregados e *expoentes* ricos."

E quanto aos candidatos propriamente literários, aos autores de livros publicados, assim se referiu:

"Os livros! mas que significam os livros?

"Fui ou fingi ser crítico durante uns três ou quatro anos, e pude verificar que de tôda a produção livresca, segundo cálculos otimistas, de dez livros publicados, salva-se um apenas *mediocre;* e de vinte, um que mereceria o título de bom.

"O resto era papel de embrulho.

"Nos gêneros mais restritamente literários, como a poesia, a proporção era mais alarmante: um para cinquenta.

"Quase todos me pareciam relatórios pessoais (e por isso mesmo desinteressantes) melosos, eróticos e ridículos.

"Quem nos pode garantir que aquêle um décimo ou um vinte avos, virá às portas de Petit Trianon?" (1)

DECLARAÇÃO SÔBRE UM EXPOENTE

Eram essas as idéias conhecidas de João Ribeiro relativamente aos expoentes — quando, no ano de 1917, se anunciou que ia disputar uma cadeira na imortalidade o diplomata Hélio Lobo, naquêle momento secretário da Presidência da República. Não era bem um expoente: era um escritor que já havia publicado meia dúzia de livros, e livros não desprovidos de mérito literário. A simples circunstância, porém, de exercer o cargo importantíssimo que exercia, fêz com que João Ribeiro nêle enxergasse apenas o homem da proximidade do Poder. E aqui está a página que o crítico mal-humorado publicou então em sua coluna do *Imparcial*:

"Consta-me ser candidato àquela casa o Exmo. Sr. Hélio Lobo, digno secretário da Presidência da República.

"Pessoa como êle o é, de alta distinção, de gentis maneiras, inteligente e estudioso, não há dúvida que é o candidato como os quer agora a academia. E' o candidato *paramount.*

"O Sr. Hélio Lobo, porém, não é um escritor, pôsto que escreve livros e folhetos importantes. E' um autor por desfastio, ou por vaidade, ou por estudo.

"Pouco nos importa averiguá-lo.

"Suponho não cometer uma injustiça, dizendo que a sua individualidade, apreciável por muitos títulos, nada tem que ver com a literatura.

"Sua Excelência pertence à classe dos chamados *Expoentes*. E' um notável, e basta.

(1) — *O Jornal*, Janeiro de 1926.

"Não pratico o escopelismo dos que apedrejam os homens da hora.

"Declaro, pois, por minha parte, que vou dar-lhe o meu voto, e bem merece o secretário do Presidente da República; mas sob uma reserva importante. Porque, enfim... não sei... (mas não é coisa absurda ou impossível) talvez se apresente à última hora o Doutor Venceslau...

"Nêste caso então (compreende-se) permitir-me-ei uma pequena deslealdade. Votarei no Presidente.

"— *C'est la vie*, como dizia Flaubert." (1)

A um recorte dêste artigo, que me vem da coleção de João Ribeiro, o crítico adicionara estas duas linhas:

"Hélio Lobo é hoje acadêmico, e um dos espíritos mais brilhantes da companhia."

OS PAPAVEIS

Outra idéia que surgiu — ou, se não surgiu, foi debatida — em 1926, é a dos papáveis. Dou a palavra a João Ribeiro, para explicá-la:

"Dois acadêmicos bem intencionados, e convencidos de que é quase impossível apurar, com escrupulosa exação, os méritos dos candidatos à imortalidade, propuseram um método original de eleições para a Academia.

"Nêste sentido imaginaram engenhosamente uma espécie de eleição de segundo grau, em que em segrêdo se elegiam os *papáveis,* em número de vinte, por exemplo, e só êstes poderiam concorrer no momento de qualquer vaga.

"A idéia é aproveitável, senão que o mais razoável seria dêsses vinte pre-eleitos tirar a sorte o imortal desejado e em espectativa." (2)

— E o processo para a escolha dos papáveis?

João Ribeiro achava que poderia ser feito assim: — cada acadêmico apresentaria uma lista de cinco ou seis nomes de literatos e expoentes, figurinhas e figurões. Recolhidas as listas, verificava-se quais os nomes mais votados, até completar o número de vinte. Achava que deveria haver uma condição para os *papáveis*: não terem menos de quarenta anos. "A pur-

(1) — *Imparcial*, 17-9-1917.
(2) — *Jornal do Brasil*, 25-2-1926.

pura cardinalícia assenta melhor quando começam a extinguir-se os primeiros arrebatamentos da mocidade. E depois os cabelos brancos são propícios às vagas futuras, quando não se mineralisam em cadáveres ambulantes.

"Morre-se muito na Academia, e creio que o Emílio dizia ser ela a melhor empresa funerária, por dar entêrro rico aos pobres..."

COMPLETANDO EMÍLIO

Completando essa última informação, que recolheu à malícia de Emílio de Menezes, João Ribeiro recorre a Medeiros e Albuquerque, para se informar da exata situação da Academia, no que se refere à mortalidade.

E verifica então que — "apesar dos médicos, senão talvez por causa dêles, há na Academia seis vagas por ano." (1)

E' uma estatística clamorosamente exagerada, e que transformaria a nossa casa numa espécie de necrotério. O próprio João Ribeiro se encarregou de corrigir a maldade: a verificação de Medeiros é a de que morre um acadêmico e meio por ano...

IDONEIDADE DOS CANDIDATOS

Outra proposta surgida naquele agitado ano — vemos em outro comentário de João Ribeiro (1) — era uma que exigia "a idoneidade literária" dos candidatos.

"Era, (observava êle) como se provou com os fatos, uma impertinência e uma temeridade, pois que é geralmente contestada a literatura acadêmica."

Entretanto, não era tanta temeridade assim.

João Ribeiro mesmo se encarrega de o mostrar — e mostra-o com o caso famoso de Piron, aquêle que escreveu o epitáfio irônico:

Ci-git Piron
Qui ne fut rien,
Pas même academicien.

(1) — *Jornal do Brasil*, 17-4-1926.

Piron ficou como o tipo do que se pode chamar a inidoneidade acadêmica. Chegara a ser eleito, com apenas alguns votos discrepantes. Levado, porém, o seu nome a Luiz XV — naquêle tempo a Academia era um instituto real e o rei tinha o direito de veto nas escolhas da casa — foi riscado sem vacilação...

O fato permaneceu como um exemplo e uma advertência, na memória da Academia Francêsa. João Ribeiro se encarrega, de acôrdo com a informação que encontrou no Dr. Paul d'Estrée, de nos contar a causa da má vontade do rei para o pobre poeta. E esta é a que segue. — Certo dia, estando em Metz, Luiz XV achou-se às portas da morte, com um volvo. A côrte considerou a moléstia pouco airosa, e ficou deliberado que se faria segrêdo sôbre aquêle sofrimento de sua Majestade. Não esteve pelos autos Piron, que concebeu uma ode, abrindo-a com êstes versos:

Viens me tenir lieu d'Apollon,
Esculape, Dieu des Clystéres...

Compreende-se que um poeta capaz de tal irreverência não possuisse idoneidade aos olhos do rei...

Mas o problema, que, assim, com o exemplo de Piron, se formula tão claro na Academia Francêsa, é de tôdas as Academias.

Aqui mesmo, na nossa Academia, temos o caso de Lima Barreto. Como escritor, era dos que mais poderiam merecer a investidura acadêmica. João Ribeiro o proclama *o nosso maior romancista* — e o era, sem dúvida, na sua hora.

Mas... e aquela desenvoltura, aquela boemia, aquêle desbragamento de costumes, aquêle afrontar sem pejo os preconceitos, as convenções, os respeitos humanos, as pequeninas ou grandes hipocrisias civilisadas — tudo isso que forma e explica uma sociedade como a Academia?...

Às vêzes, êsse problema da idoneidade do candidato à Academia torna-se ainda mais complexo, porque não fica restrito aos costumes do escritor, e se transfere para a própria psicologia dêle. Foi o que aconteceu, por exemplo, com o romancista Fábio Luz, escritor não destituido de mérito, porém que se estomagou com a Academia, e declarou que só queria ser eleito para ganhar o *jeton de presence*. A Academia, informada da atitude, recusou-lhe a inscrição.

(1) — *Jornal do Brasil*, 23-3-1926.

Comentou João Ribeiro o episódio, com a mais irônica dos malícias:

"A Academia procedeu muito mal, porque em verdade Fábio Luz não teria, como não teve da outra vez, um só voto. Quem sabe se não falava verdade?

"Convinha poupá-lo. E' de boa prudência reservar um zero para qualquer eventualidade." (1)

PROBLEMAS DE ELEIÇÃO

Uma das conclusões a que João Ribeiro chegou, no que se refere ao processo eleitoral da Academia (pelo menos, conclusão provisória, e de um determinado momento) referia-se ao número dos escrutínios.

Achava êle, no momento a que me refiro, que Academia devia ter apenas dois escrutínios," no segundo dos quais só poderiam entrar os dois candidatos mais votados." (2)

Não sendo possível uma alteração tão forte nos velhos hábitos acadêmicos, queria ao menos outra alteração. Toma como ponto de partida uma proposta de Medeiros e Albuquerque — segundo a qual os nomes menos votados no primeiro escrutínio seriam eliminados, só passando para o segundo escrutínio os dois candidatos mais votados, e diz: "Pela minha parte eu preferiria ao sistema de eliminação a soma acumulada de votos em quatro escrutínios obrigatórios para todos os concorrentes que, nêste caso, jamais poderiam ser eleitos em qualquer das três primeiras votações." (3)

Tudo, porém, eram tentativas vãs. O sistema permaneceu sempre mais ou menos o mesmo — e nisso continuamos a ter o exemplo da Academia Francêsa.

TRABALHOS DA ACADEMIA. O DICIONARIO DE BRASILEIRISMOS

Inicia a Academia as suas atividades com um grande desejo de fazer coisas úteis para o país. O primeiro dêsses

(1) — *Estado de São Paulo*, 26-8-1926.
(2) — *Jornal do Brasil*, 17-4-1926.
(3) — *Estado de São Paulo*, 30-8-1927.

desejos — vemos nas palavras de Machado de Assis — seria a elaboração dos dois dicionários, o da linguagem e o da bibliografia. Até agora, e já lá se vão mais de sessenta anos, ambos dormem no imenso nimbo dos sonhos acadêmicos.

Outro sonho tiveram os acadêmicos daqueles inícios da instituição: a elaboração de um Dicionário de Brasileirismos. Êste podemos dizer que ficou pronto. Não posso compreender porque, em outro tempo, na época de Afrânio Peixoto e de Rodolfo Garcia — espécie de idade de ouro em que tudo era fácil, em que a Academia pôde dar a coleção dos "Clássicos Brasileiros", em que teve editada a longa série dos *Discursos Acadêmicos*... — aquêle esplêndido trabalho não foi dado em forma de livro. A censura poderá ir, ainda hoje, para a Comissão de Publicações. De acôrdo. Mas eu explicarei que os tempos são outros — e que o numerário disponível para as publicações é sempre o mais modesto na escrituração da casa. Há evidentemente coisas muito mais importantes, na vida da Academia, do que a humilde e silenciosa tarefa de publicar livros...

Mas, como eu ia dizendo, a Academia teve também, naquela sua primeira fase, o programa de editar um *Dicionário de Brasileirismos*. E conseguiu fazer a obra, tendo nela a colaboração de vários acadêmicos, como Artur Orlando, Coelho Neto, João Ribeiro, Mário de Alencar, Medeiros e Albuquerque, Raimundo Correia, Silva Ramos e Sousa Bandeira.

Ponha-se em destaque, porém, a ação de João Ribeiro, que deve ter sido quem centralisou a contribuição de todos. A êle coube, também, escrever o estudo introdutório dêsse dicionário — estudo que é uma bela página, ainda hoje da maior utilidade para os que se querem informar sôbre êsses assuntos, espécie de exame crítico de tôdas as fontes que o Brasil tem, através dos tempos, oferecido à língua portuguêsa.

O DICIONARIO BRASILEIRO DA LINGUA PORTUGUÊSA

Em outra grande iniciativa da Academia teve João Ribeiro papel destacado. Refiro-me à elaboração do *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguêsa*, tentativa realizada em 1927, fruto de intensa campanha de Laudelino Freire.

A Comissão, que se constituira sob a presidência de Carlos de Laet, presidente da Academia, depois substituido por Augusto de Lima, era composta de João Ribeiro, Coelho Neto, Laudelino Freire e Medeiros e Albuquerque. Tinha como técnico Daltro Santos, como etimologista o Padre Augusto Magne, e como secretário Mucio Leão. Trabalhavam como auxiliares Fernando Nery, Rodolfo Garcia, Arlindo Leite, Hilton Fortuna e José Segadas Viana. Era datilógrafa a Srta. Lais Vampré Lisboa.

O grupo se reunia semanalmente, e de seus esforços resta uma preciosidade — *o Boletim n.* 1 (*Apontamentos para a edição definitiva*), editado em 1928.

Trata-se de um volume de 120 páginas, indo do verbete da letra A até à palavra *Abano*. Podemos ver, por aí, o número de volumes que a obra havia de exigir, para chegar até a letra Z. Como decorrência dêsse número de volumes, podemos, pensar no número de outras coisas que ela exigiria: o de decênios de um esfôrço incessante, o de verbas também incessantes para remunerar os que ali trabalhassem...

A consideração dêsses vários elementos influiu vivamente no espírito dos acadêmicos da época. O Dicionário começou a ser terrivelmente combatido. E tão combatido foi, que acabou morrendo.

Ainda hoje confesso que não chego a compreender como é que a Academia — que tem por si a eternidade, e que nos paga, a nós todos, acadêmicos, os platônicos jetons de uma presença tão platônica — recuou, por considerações de tempo e de uma despesa que é fatal em tôdas as obras humanas, no levar por diante uma obra que afinal era a evidência e a prova da utilidade, senão da razão de ser, da instituição.

Trabalho coletivo como foi êsse Dicionário, não será hoje possível discernir o que existe nêle de colaboração, de aviso ou de conselho de João Ribeiro.

Eu, que na comissão trabalhei como secretário, posso encarecer aqui, porém, uma parte da colaboração que vi João Ribeiro dar àqueles verbetes — a sua meditação meticulosa acêrca de cada palavra que surgia para a discussão; e, com isto, a preocupação que êle costumava acentuar sempre, de jamais deixar de ter em mira, na elaboração daquela vasta obra, as condições peculiares, a contribuição própria da criação do Brasil.

IDAS E VINDAS ORTOGRÁFICAS

Não raro, (podemos sentir) as atitudes da Academia são tão estranhas, tão alheias a qualquer lógica, que a instituição rouba a êsse cético, por um momento, o seu cetismo. E ei-lo então a protestar e a exasperar-se... Um dêsses momentos ocorreu quando a Academia adotou a neografia portuguêsa — fato, em verdade, de todo espantosíssimo...

As coisas ocorreram, tanto quanto me é possível reconstituí-las, da maneira seguinte. — Em agosto de 1907, a Academia adotara uma reforma ortográfica, elaborada sôbre um ante-projeto de Medeiros e Albuquerque. Sem demora o ministro da Justiça, Tavares de Lira, dava foros de oficialisação à iniciativa, declarando que a reforma decretada pela instituição devia ser aceita nos exames, sem *prejuizo* da nota de aprovação.

Alguns anos depois, seguindo o exemplo do Brasil, Portugal tomava a mesma deliberação nossa: fazia a sua reforma ortográfica. Como isto aqui é o país do *magister dixit*, e como vivemos, em nossa posição de colonos póstumos (a expressão é de João Ribeiro) sempre com os olhos postos em Lisboa e em Coimbra, logo surgiram, dentro da própria casa, vozes que, desejando matar o trabalho original da Academia Brasileira, achavam que no Brasil se devia adotar a neografia lusa. As opiniões se repartiram, e as coisas vieram assim até o ano de 1915. Naquele ano, no dia 11 de novembro, a pequena comédia teve decisão: a Academia acabou aceitando um parecer de Silva Ramos — um professor de gramática nascido em Pernambuco, porém mais português, em assuntos de linguagem, do que tôda a Academia das Ciências de Lisboa. E, pondo abaixo o sistema do brasileiro Medeiros e Albuquerque, tornou oficial o sistema do lusitano Gonçalves Viana.

A indignação de João Ribeiro foi profunda, e eis como êle a exarou:

"A Academia fisera uma reforma de sua ortografia. Boa ou má, conveniente ou inoportuna, foi a reforma discutida, examinada e aprovada em sessões numerosas, com a assidua vigilância de quase todos os acadêmicos. A reforma afrontou galhardamente a crítica, o epigrama folhetinesco e a má vontade dos espíritos reacionários e conservadores dentro ou fora do instituto.

"Entretanto, por essa ocasião, aparece a reforma ortográfica portuguêsa de Portugal. Não se distinguia muito da nossa e era-lhe até inferior, pelas suas caturrices e impertinências filológicas. Mas, entre nós, o prestígio de além-mar é incontestável.

"Foi quando um grupo, leviano e irrefletido, de professores paulistas solicitou ao govêrno local a adoção imediata da reforma portuguêsa, decretada para *Portugal e suas colônias*, como dizia naturalmente o decreto.

"A Academia (estava ainda nos seus belos tempos) protestou com veemência contra aquela subordinação inexplicável.

"E' pelo menos preciso respeitar as fórmulas ou decretar o suicídio.

"Foi o nosso eminente e saudoso colega José Veríssimo quem redigiu a representação e protesto junto ao govêrno de São Paulo contra o açodamento de alguns mestre-escolas.

"A Academia, enfim, era o *orgão-oficial* da literatura, tinha naquêle assunto lei própria, e em todo o caso a ela incumbia examinar a questão.

"Não era jacobinismo; era a dignidade de viver vida própria.

"Acabou-se pelo silêncio a controvérsia. O luso-brasileirismo reconhecia a excelência da unidade ortográfica nas duas literaturas, mas não por acôrdo com as morbidesas dialetais da América, mas pela nossa inteira submissão.

"Os reformistas portuguêses tinham plena razão, pois que não cogitavam do Brasil, e não queriam saber talvez se a lei, feita para êles próprios, cairia nas graças ou no desagrado da América.

"Pois bem. Passado algum tempo, quando a Academia já não tinha mais que o *quorum literal* de meia dúzia de acadêmicos desconsolados, indiferentes ou inertes, e quando presidia o Sr. Filinto de Almeida (o que era uma nuance favorável ao luso-brasileirismo) a reforma portuguêsa, contra a adoção da qual já se havia feito eficaz e enérgico protesto, ganhou novo alento e foi integralmente adotada.

"Já não era a submissão dos mestre-escolas de São Paulo, que a estas horas estão rindo por último e melhor, como diz o fabulista; era a sujeição humilhante do nosso instituto de literatura, a condenar agora o seu próprio esfôrço e a passar êste recibo de escravidão ou de incapacidade.

"Apagavam-se, de um lance, os *traços diferenciais* que não convém existir, e a que não temos direito algum. Para os

espíritos perplexos já não existe ambiguidade. Língua portuguêsa, literatura portuguêsa, e Academia... portuguêsa. O Brasil é filial e sucursal em todo êsse negócio."

A revolta que a atitude da Academia lhe causa com essa sua resolução é tão grande que êle traça contra a instituição êste libelo cruel:

"Não era crime da Academia o não fazer coisa alguma; mas fêz menos e pior; não foi ela, só, negativa; não se contentou com o benefício da inutilidade. Ao contrário, trabalhou contra si própria. Fêz tudo quanto podia fazer no sentido inverso, oposto ou contraditório dos seus programas. Desmoralisou os seus próprios princípios, deixando-se avassalar da intriga, das cabalas, das combinações e de todo o material de perdição. Renunciou às suas próprias energias, ao seu instinto de escolha, e à sua mesma nacionalidade nas idéias, abraçando um cosmopolitismo insensato. *Res nullius...*"

E a sua indignação — a sua indignação de brasileiro e de justo — é tanta, que por um momento êle rompe com a instituição que tanto ama... Rompe — e só encontra, no seu imenso nojo, um lugar em que possa refugiar-se: o recôndito da floresta, alí aonde lhe não chegue a lembrança dos companheiros tão fáceis em entregar-se às determinações vindas de Lisboa...

"Eu cá me vou embora.

"Adeusinho!

"Pessoalmente, nada tenho que opor a aquela incongruência e confusão inteiriça de destinos. Deixo apenas aqui a minha opinião singular de botocudo.

"Também conheço o mundo e já palmilhei um pouco dos seus dois hemisférios. Diante dos homens enormemente civilisados, retomo o caminho das florestas nativas, onde se pode ser tupinambá ou tapúia sem os percalços da civilisação.

"Todavia, sou acadêmico, *anche io*, um acadêmico dialetal da tribo que vai em rota batida para a extinção.

"Tendo o direito de voto, o meu voto é que, sob tais auspícios, a vida é uma indignidade e a Academia deve morrer.

"Se não está morta, não morrerá desta praga. Morrerá doutra pior, da do ridículo universal."

Assim concluia êle o seu artigo, antes a sua peça de acusação.

Vemos aí, mais uma vez, como João Ribeiro em muita coisa foi no Brasil, ao mesmo tempo, um precursor e um antagonista de Graça Aranha...

IRAS MALHERBESCAS

Mas também aqui chegamos a um problema de Hamlet... a um problema psicológico que me parece dos mais interessantes, naquela fonte eterna de problemas do espírito, que é João Ribeiro.

A meu ver — e assim tem acontecido sempre — quando um acadêmico, arrebatado por qualquer motivo, se declara incompatibilisado com a Academia, é para ficar mesmo incompatibilisado com a Academia. Temos tido casos dêsses na vida da instituição. Tivemos o de José Veríssimo e o de Graça Aranha, entre outros. Acharam-se êles um dia, e por diferentes motivos, em desacôrdo ou em oposição à mentalidade acadêmica. Brigaram, afastaram-se, nunca mais alí puzeram os pés. Compreende-se que o tenham feito.

Mas com João Ribeiro tudo é diferente... Êle declara, como o vimos, a sua guerra à Academia, parece organizar tôdas as suas fôrças para aquela confederação de tamoios em que se afasta da instituição... E, entretanto, que me conste, não existe nenhuma informação nas crônicas — nem mesmo no mais completo dos nossos cronistas da Academia: quero dizer, em Ferando Neri— que diga que João Ribeiro, por um mês, por uma semana sequer, esteve afastado da casa! Como explicar, portanto, o estranho fato? Como compreender que uma declaração de guerra tão explícita tenha sido feita para ser seguida de uma paz tão tranqüila?

Procuro explicar a incoerência, meditando que João Ribeiro era um oceano manso, onde se davam apenas ondulações leves e ligeiras... e jamais se produzia um maremoto... E meditando que êle tinha iras que não duravam mais do que o espaço de uma manhã... Talvez êle próprio, para lhes mostrar a extrema efemeridade, as chamasse — como um dia chamou à aspiração de imortalidade do Senador Antônio Azeredo — *iras malherbescas*...

A DIRETORIA DE 1923

Coisa curiosa e quase extraordinária — é que João Ribeiro se mete às vêzes nas tricas eleitorais da Academia. Como explicá-lo? Não sei. Mas a verdade é que êsse acadêmico que nada quer da instituição, que recusa, com um pavor pânico, o lugar de presidente que os amigos lhe querem dar — mete-se às vêzes nas manobras eleitorais da casa. E isso lhe traz, não raro, dissabores e inimizades.

Para o ano de 1923, por exemplo, fôra eleita uma diretoria em verdade heterogênea: tinha como presidente Afrânio Peixoto, como secretário-geral Luiz Murat, como secretários Xavier Marques e Humberto de Campos, como tesoureiro Osório Duque Estrada.

João Ribeiro escandalisa-se com a composição, vai para a sua coluna de jornal — e declara que aquilo é o que se chama um *saco de gatos*. E explica porque o é: porque Osório Duque Estrada, com a sua dureza e o seu desabrimento, havia, em ocasiões anteriores, atirado contra Afrânio Peixoto e contra Humberto de Campos injúrias insuportáveis. E acrescentava então êste comentário:

"O que me parece é que Afrânio Peixoto não passará de *um petit roi d'Yvetot*, contente da sua pequenina jurisdição de *presidente de direito*... porque a verdade é a seguinte: e é que o Sr. Osório Duque Estrada é uma personalidade assás detestável, mas é uma personalidade. Há de fazer sentir o seu guante sôbre os Afrânios e os Humbertos, antigos desafetos. E como o presidente é um homem que se ocupa da *boa imprensa*, nem sequer pode contar com a *Maçã* e o *Registro Literário* para qualquer louvaminha ocasional."

E' nêsse mesmo artigo que êle se refere aos *galopins eleitorais* — expressão que, por se dirigir principalmente a Mário de Alencar, que naquêle momento exercia uma inegável liderança na instituição, lhe trouxe o afastamento dêsse acadêmico, outrora e sempre muito afetuosamente seu amigo. (1)

A REBELDIA DE GRAÇA ARANHA

Na vida acadêmica de João Ribeiro há um momento que deve ser aqui lembrado: a sua posição no *sururu* (como êle mesmo chamou) promovido por Graça Aranha.

---

(1) — Veja sôbre êsse episódio da vida da Academia o artigo — *A Academia. A geringonça carioca* — publicado na *Revista Nacional*, de janeiro de 1923.

Eram amigos de velha data. Tinham sido companheiros *da Revista Brasileira*, e Graça Aranha fôra uma das grandes fôrças que o moveram a se fazer candidato à vaga de Luiz Guimarães Junior.

João Ribeiro gostava de unir o seu nome ao nome de Graça Aranha. O mais carinhoso artigo, o estudo mais compreensivo, que apareceu na imprensa brasileira acêrca do *Malazarte*, foi devido a êle.

Quando Graça Aranha, trazendo a lição e a experiência da Europa, chegou ao Rio, para fazer a sua campanha modernista, aqui achou alguém que já de há muito vinha expressando os mesmos anelos: João Ribeiro. Era João Ribeiro — já o vimos mais de uma vez — quem, pela sua coluna de crítica do *Imparcial*, estava na estacada contra o parnasianismo vasquejante, contra uma afetação literária nociva e anti-brasileira, e a lutar pela valorização de tudo o que em nosso espírito pudesse haver de genuino e autêntico. Era êle quem citava, destemeroso, os nomes dos maiores poetas brasileiros, seus confrades da Academia — um Alberto de Oliveira e um Olavo Bilac — fazendo um apelo a êsses dois amigos para que consentissem em aderir às correntes novas, pois as tendências que representavam já se achavam proscritas...

Quando ocorreu o movimento de Graça Aranha, a adesão de João Ribeiro — bem-humorada e graciosa — foi perfeita. E, com os artigos e estudos que dedicou aos próceres ou aos sequases da pequena revolução, já a Academia pôde organizar todo um volume da crítica do escritor.

Será curioso, entretanto, ver, numa página avulsa de João Ribeiro, a impressão da memorável tarde acadêmica em que Graça Aranha falou.

Eis a impressão que, passados alguns anos, João Ribeiro nos dá do sensacional acontecimento:

"Em junho de 1924 houve o que na gíria popular se chama um "sururu" na Academia.

"A expressão é plebéia, mas também o foi o acontecimento, pois que nessa noite Graça Aranha resolveu desmoralizar a Academia, dando-a por defunta e rezando-lhe um solene "de profundis".

"A conferência de Graça Aranha não suscitaria nenhum protesto, acabaria em paz e talvez com algumas palmas da assistência.

"Deu-se o contrário. Osório Duque Estrada, homem rixoso e inimigo dos futuristas ou modernistas (de quem Graça Aranha fêz o elogio) pediu a palavra e transformou o caso num sarapatel de mil demônios.

"O vozerio foi enorme no "Petit-Trianon" e apenas Coelho Neto, muito melhor orador que os dois outros, revidou em termos eloquentes mas sem injúria nem grosseria ao infeliz discurso de Graça Aranha".

Assim diz êle. E acrescentou êste comentário:

"Infelizmente, Graça Aranha não quiz nunca mais voltar à Academia. Os jornais, sempre infensos aos acadêmicos, escreveram artigos necrológicos acêrca do *Crepúsculo dos Deuses*, dizia um dêles, *Uma grande data*, na opinião de outro, *o Olympo em polvorosa*, a *Liquidação da imortalidade*, ao sabor dos repórteres que haviam sido candidatos mal cotados em outras candidaturas.

"A Academia brasileira prosseguiu, indiferente a doestos e descomposturas, e está a estas horas reclamando outra revolução que lhe traga novas vitaminas ao seu cansado corpo.

"A Academia é uma espécie de Capitalismo nas letras e não há meio, por anárquico ou soviético, que a possa expropriar.

"Vai bem, vai mal, vai de qualquer modo, por pior que seja." (1)

UMA TAREFA DA ACADEMIA: O FOLCLORE

Em 1925, Amadeu Amaral, que era um dos mais apaixonados cultores do folclore que a Academia possuia, apresentou à consideração dos seus colegas uma proposta que eu creio ainda hoje seria útil e válida: a proposta de que a Academia se constituisse o órgão de concentração dos estudos folclóricos brasileiros.

Designado relator, João Ribeiro deu inteiro apôio à idéia. (2) E depois de sumariar o pensamento do poeta paulista, assim doutrina, de maneira larga, acêrca do que seja o folclore:

---

(1) — *Estado de São Paulo*, 16-12-1932.

(2) — Seu parecer foi publicado como artigo, no *Jornal do Brasil* de 26-9-1925; e se encontra também na *Revista da Academia*, volume XIX, pág. 300.

"O próprio *folclore* em si mesmo é uma preparação orgânica, espontânea e anterior, de tôda a arte, de tôda a ciência e de tôda a cultura.

"Para empregar uma expressão que a ciência hoje vulgarisou, o folclore é o subconsciente do espírito. Nada podemos, nada sabemos, sem êsse estímulo primitivo que muitos desconhecem, outros maltratam, comprimem ou sufocam, sem êxito e sem possibilidades de êxito.

"O que vem à tona é sempre em cada indivíduo o resultado fatal de sua personalidade ancestral, acumulada na raça e na história.

"Estudando o folclore, estudamos a nossa porção invisível, que é, todavia, a que mais prepondera em nossos destinos.

PRESIDÊNCIA DA ACADEMIA

Uma das possibilidades que na Academia sempre causaram pavor a João Ribeiro foi a de vir a ser presidente da instituição.

Estava êle, nêsse sentimento, em companhia de Alberto de Oliveira e de Silva Ramos.

Várias oportunidades surgiram para que João Ribeiro ascendesse àquela altíssima consagração. De tôdas, recusou o cargo, com a decisão e a energia de quem se recusasse a alguma coisa parecida com um suicídio. E' nestes termos que coloca o problema — ou, antes, que se coloca diante do problema: "Em geral, a presidência da Academia é um terrível ônus que facilita a fórmula: *Non sum dignus*. E assim, da mesma arte, os outros cargos da mesa, de pesadas obrigações e deveres.

"Não tanto porque alí se fuja ao dever, mas pela naturesa árdua do ofício, ninguém deseja essa desagradável responsabilidade.

"Já falei aqui mesmo de uma idéia, nada feliz, de entregar aos fundadores ou aos acadêmicos mais velhos a direção da companhia.

"A velhice é quase sempre nos indivíduos um estado de equilíbrio que promete a mais desapaixonada imparcialidade; e a essa vantagem acresce a do respeito que se lhe deve espontâneamente.

"Mas não é possível um presidente que o não quer ser, e essa é uma hipótese eventual." (1)

Era sincero, quando assim falava. E tão sincero que, nêsse mesmo ano de 1927, tendo sido eleito para a presidência, renunciou, na mesma sessão, à gloriosa investidura. Seguiu nisso o exemplo de Alberto de Oliveira, que no ano anterior, e em idênticas circunstâncias, tivera a mesma atitude. E foi imitado ou seguido por Silva Ramos.

A GLÓRIA ACADÊMICA

Tal foi, tão íntimo e constante como pude traçá-lo, o contato dêsse grande João Ribeiro com a Academia Brasileira de Letras.

Resta dizer que, pertencendo a uma instituição da ordem da nossa, em que os pecados do orgulho e da vaidade são tão frequentes, êle conseguiu passar incólume de vaidade e de orgulho.

Muita vez sorriu, consigo mesmo ou com os seus leitores, quando os enfatuamentos eram ruidosos, quando os cartases tinham côres mais berrantes...

Por exemplo... Vai assistir à recepção de Alcântara Machado — que, como se sabe, foi uma das mais espetaculares (é o termo exato) a que a Academia tem assistido, sendo, por assim dizer, uma festa política, de represália ao govêrno ditatorial que havia vencido São Paulo, de solidariedade com São Paulo, que havia sido jugulado pelo govêrno ditatorial. O entusiasmo e a vibração eram tais — diz João Ribeiro — que a Academia, nessa noite, que era fria, subiu a temperaturas caniculares...

Alí êle ouviu aquêles oradores magistrais, que eram Alcântara Machado e Afrânio Peixoto, êste último encarregado de dar as boas vindas ao novo colega. E lhes ouviu as orações, que foram cortadas de bravos e de palmas, tôdas as vêzes em que a flama do patriotismo ou do bairrismo se lhes acendeu nas palavras...

Comentário final de João Ribeiro:

(1) — *Estado de São Paulo*, 30-8-1927.

"Quando Alcântara Machado disse que era paulista de quatrocentos anos, sorri-me interiormente, porque é certo que lancei a barra muito mais longe. Vim de Adão e Eva." (1)

Era êsse — e aliás não podia ser outro — o comentário irônico e benevolente do filósofo que um dia assentara esta verdade eterna, eternamente de ouro:

— Tenho para mim que o ridículo faz parte da glória acadêmica. E isso em todos os tempos. (2)

(1) — *Estado de São Paulo*, 6-6-1933.
(2) — *Cartas devolvidas*, pág. 95.

V

O ESTILO DE JOÃO RIBEIRO

UM DUPLO ESPÊLHO

Sempre contraditório — como fazia timbre de se proclamar — João Ribeiro nos deu, no terreno da forma literária, ou, para falarmos num plano mais geral, da língua em que escreveu, uma dupla lição.

De um lado, é êle o exalçador de José de Alencar pela independência crespa e resoluta que o autor de *Iracema* manteve sempre diante de Portugal, sustentando, com uma bravura que hoje nos comove, os seus direitos a uma *linguagem diferencial* do Brasil; do outro lado, é o apaixonado dos clássicos, o disquisidor que penetra nas fontes mais remotas do idioma, para ir estudar a origem das palavras que estão vindo, das frases que se estão formando... De um lado, faz questão de se tornar o éco de um Rupert Hughes, de um Juan Teran, de um Manuel Galvez, de um Amado Nervo, para propugnar uma linguagem nova, própria do continente americano, e liberta cada vez mais dos preconceitos em que a enleiam os velhos gramáticos da Europa; e do outro lado é o anotador curioso e vigilante que não esquece um só momento os seus grandes mestres de além-mar, os mestres que se chamam Camões e Antônio Vieira, Manuel Bernardes e D. Francisco Manuel de Melo, Gil Vicente e o autor da *Arte de Furtar*, Camilo Castelo Branco e o que considera o maior de todos os modêlos modernos de Portugal, o velho Castilho... De um lado temos, assim, o autor da *Língua Nacional*... Do outro, temos o autor das *Páginas de Estética*, das *Frases Feitas*, da *Seleta Clássica*...

Aquêle primeiro João Ribeiro — o partidário da *linguagem diferencial do Brasil* — já o temos estudado mais de uma vez em outros lugares.

Aqui pareceu-nos interessante estudar o segundo João Ribeiro — o doutrinador do classicismo na linguagem, o campeão das velhas tradições lusitanas.

Creio que será excelente assunto para uma meditação mais alongada acêrca de várias questões que se prendem à forma literária.

UM ESCRITOR DE NUANCES

Convém, desde lógo, fixar o muito que João Ribeiro trouxe para a claridade, a simplicidade, a graça do idioma que falamos. Foi um clássico, de certo; mas um clássico que jamais perdeu a espontaneidade. Escreveu com a pureza de um mestre, sabendo evitar o ranço de qualquer dogmatismo magistralesco.

Escrever bem, para o brasileiro, foi, por muito tempo, sinônimo de ser enfático. Nossos escritores, apontados, não raro, como modêlos, são exemplos do que digo. E' a abundância, a larguesa, o ritmo longo dos períodos, o complicado das construções sintáticas, o uso das palavras raras, o abuso das figuras de retórica, que constituem, para nós, frequentemente, as grandes qualidades de um estilo. O claro-escuro, o meio-tom, a cambiância, a sutilesa, são, para o brasileiro, partidário veemente das afirmações e dos excessos, sinônimos de pobresa e até de indigência.

Homem de meios-tons, João Ribeiro choca-se com êsse amor à abundância, êsse delírio verbal, em que o brasileiro tanta vez gosta de se perder. Amigo dos bosques discretos, sente-se perdido nas florestas imensas. E o excesso derramado de um Coelho Neto, a pompa solene de um Ruy, a eloquência sonorosa de um Euclides da Cunha, ferem-no e perturbam-no.

Êle pára, atonito. E medita que o vício do estilo dos brasileiros é o *parentirso* dos gregos, isto é: o estilo das bacantes e dos foliões antigos. (1)

Mas o defeito, às vêzes, é mais grave ainda. E há quem suponha, no Brasil, que ter estilo, fazer estilo, é coisa que

(1) — *Páginas de Estética*, pág. 22.

depende da vontade ou da disposição do sujeito. Relata João Ribeiro que, certo dia, estando a conversar com Sílvio Romero, dêles se aproximou um literato. Trocados os cumprimentos, o recémchegado disse que tinha pronto para o prelo um livro. Solícitos, os amigos perguntaram-lhe quando o publicaria. E o escritor respondeu:

— Agora não. Falta ainda o estilo!

E, enquanto dizia, ia fazendo o gesto de quem fôsse, aqui e alí, esparzindo canela, num prato de arroz... (1)

CRÍTICA A MELO CARVALHO

Há outra forma do nosso parentirso, com a qual João Ribeiro está sempre a batalhar: é a que consiste no desenganado propósito de a todos os momentos se estar a escrever como escrevia um João de Barros ou um Dom Duarte. Foi um hábito frequente até poucos anos, e creio que, para nossa felicidade, está desaparecido hoje. Ou pelo menos atenuou-se muito...

Vivia no Rio de Janeiro, no tempo em que João Ribeiro fazia crítica no *Imparcial*, um gramático arcaísante, chamado Melo Carvalho. O estilo dêle floria em coisas espantosas, aleijões das eras dos cancioneiros — *pero, pera* (no sentido de para), *por ende, leixar, deixação, avondança*...

João Ribeiro não procurou esconder o seu enjôo diante dêsse confrade que parecia vir dos dias de D. Diniz, ou mesmo dos de Afonso Henriques. E classificou Melo Carvalho como *débil gramático* e como *nefelibata inábil*... Melo Carvalho não gostou dos epítetos. João Ribeiro deu-lhe plena satisfação: "O Sr. Melo Carvalho está zangado talvez com o epíteto que lhe demos de *nefelibata inábil*, expressão benigna, amiga e fraternal. Há nefelibatas de polpa."

E depois de alinhar meia dúzia de suas *parvoeiras mais vistosas*, assim concluiu a sua palinólia:

"Ora, o Melo Carvalho responderá que tudo isto se acha nos autores e nos dicionários. O que eu censuro e estranho é que estejam em Melo, que nem é dicionário nem autor...

(1) — Idem, pág. 32.

Nota ainda em tempo: o homem segue a ortografia portuguêsa. Come as letras e a paciência do próximo." (1)

COMO VERSAR OS CLASSICOS

Que provam essas meditações, senão o infinito amor com que João Ribeiro lia e tornava a lêr os seus clássicos? Lia-os e tornava a lê-los — porém jamais deixando que o seu gôsto, a sua expressão literária, se toldasse demais da côr ou da luz que nêles encontrava. Mesmo nos livros em que se mostrou mais arcaisante em seu estilo, no *Fabordão* e principalmente nas *Páginas de Estética* — mesmo aí, o seu pendor de purista é discreto e moderado.

De resto, João Ribeiro está tão certo de que uma grande distância separa os leitores de hoje dos escritores clássicos, que chega mesmo a pedir uma atmosfera própria e especial para a meditação de tais autores. Se há hoje pessoas que não suportam ler os clássicos — informa-nos — para meditá-los com amor, "a razão é que a nós outros nos falta o ar, a atmosfera própria em que viveram os grandes escritores de nossa língua." Entende que essa dificuldade pode ter o seu remédio — e que, por milagre dêsse remédio, qualquer um de nós pode, "não só ler, mas viver, conviver, respirar e conspirar com os clássicos, no mundo em que se moveram e comoveram..." (2) Então a leitura, transposta a séculos, é decerto uma arte difícil e para poucos; não é linear, e há de ser sentida em duas dimensões de tempo: o passado no presente e até, se se lhe ajunta algum dom profético, no futuro."

Infelizmente João Ribeiro não nos deu a fórmula do seu *remédio*, para bem nos tornarmos capazes de amar e de entender os clássicos. Os conselhos que deu são dois ou três, e limitam-se a muito pouco. O primeiro será — já o vimos — o de que nos procuremos transportar para *a atmosfera em que os clássicos escreviam*. O segundo será o de que os leiamos devagar. "Os nossos clássicos escreviam com lentes, e com vagar é que compunham. Não podem ser devorados de um trago, como os livros de hoje improvisados num lanço..." O terceiro conselho que nos dá é que tratemos de não confundir o nosso tempo com o tempo dêles, "achando primores, extremos e qualidades onde talvez só haja imperfeições e defeitos..."

(1) — *Imparcial*, 1-12-1919.
(2) — *Páginas de Estética*, pág. 137.

Não sei até onde irá a utilidade dêsses conselhos. Nem sei se, por meio dêles, algum de nós chegará de fato a amar os clássicos, a se tornar capaz de perfeitamente compreendê-los.

A reação clássica de João Ribeiro teve, entretanto, naquêle momento em que foi feita — era no *Correio da Manhã* que escrevia, e pelo ano de 1903, — uma ressonância surpreendente. E bem o podemos sentir em uma opinião como a de Joaquim Nabuco, que em uma das cartas que naquela ocasião enviava ao amigo, se mostrava interessado pelo assunto. E — pois que era um espírito crítico de fina capacidade de observação — registrava a dupla tendência de João Ribeiro (a do clássico português e a do anti-clássico brasileiro), e imaginava compor com as duas vozes um diálogo... "Suas opiniões são estados de espírito (dizia Nabuco em tal carta), e por isso no futuro far-se-ia, uma vez produzidas tôdas elas, o mais sedutor dos Diálogos, umas arguindo e respondendo as outras, tôdas com a vantagem do seu talento..."

UMA GEOGRAFIA LITERÁRIA

Diante dos excessos verbais dos brasileiros, João Ribeiro detém-se, para meditar, jovialmente, no que têm dito e escrito certos satíricos, sem saberem que o que estão dizendo ou escrevendo se aplica perfeitamente à nossa terra...

Foge, por exemplo, para as páginas em que um Mosckwski descreve as *Ilhas da Sabedoria*. Ali estão realizadas as utopias dos filósofos, no passado e no presente. A primeira é a ilha Baleute, organizada de acôrdo com o que sonhou Platão. De lá foram banidos os poetas, sendo sòmente permitida a leitura de alguns dêles, nas escolas e como textos gramaticais.

Um pouco ao Norte, acha-se a ilha Velha, que é a da felicidade. Organizaram-na ao feitio de Rousseau, e nela tudo obedece ao conselho sagrado da naturesa. "As ilhôas lindas andam vestidas por aquelas roupas definidas por Petrônio, como tecidas de vento."

Enfim, existe a ilha de Sarragala, onde tudo é mecânico. Nada se faz alí, que não seja por meio de máquinas. Tudo são coisas de eletricidade, coisas de rádio... O melhor, porém, é que os sarragalenses inventaram um instrumento, a que deram o nome de *Breviloquência*. Essa máquina de laconismo possue a propriedade maravilhosa de condensar em comprimidos centesimais os mais longos discursos. João Ribeiro delicia-se com a idéia de termos aqui alguma coisa como essa máquina. "Eis o que nos convinha importar da ilha de Sarragala, como gênero alimentício, com isenção de impostos. A Breviloquência dispensa a eterna verbosidade, o palavrório tagarelante e loquaz. Quem no-la dera nêste Brasil!" (1)

ESTILO E' ALMA

Pobres autores brasileiros, pobres campeões do parentirso! Êles ignoram que o estilo é alguma coisa de íntimo, que existe com o indivíduo, e que está onde o indivíduo estiver. Não sabem que o estilo é o próprio sôpro da vida. Não sabem que o estilo é a alma do que escrevemos, como a frase é o corpo. Não sabem que um e outro se irmanam, espírito e matéria, para formar a unidade divina das obras d'arte.

SIMPLICIDADE, TRAÇO DE JOÃO RIBEIRO

Bem compreendia João Ribeiro que a verdadeira grandeza de um escritor está é na simplicidade. E procurou vestir em frases desataviadas todos os seus pensamentos, ainda os que fôssem mais sutis ou profundos.

Pertence êle, sem dúvida, à tradição clássica. Mas se é grande pela correção e pela pureza com que escreve — é ainda maior pelo abandono, pelo descuido aparente, pela desdenhosa negligência...

(1) — *Cartas devolvidas*, pág. 51.

JUSTIFICAÇÃO DA NEGLIGÊNCIA

Seria João Ribeiro o primeiro a sustentar os seus direitos a ser negligente.

Já assim o fazia nos começos da sua atuação jornalística. Ouçâmo-lo em meditação de 1890.

Havia êle, naquela ocasião, escrito, em sua coluna do *Através da Semana*, no *Correio do Povo*, um artigo em que tratava de Manoel Carneiro e de Pardal Mallet, dois confrades de outras redações. A Pardal Mallet acusara principalmente de *pretender filosofar*. "Eu acharia melhor que Pardal Mallet não filosofasse. O seu talento, os seus recursos literários, são suficientes para mais de um brilhante folhetinista. Não ficaria longe de Raul Pompéia nem de Olavo Bilac, sendo sempre singular no paradoxo, rubro nos períodos, na gravata e nas opiniões, e no fino bigode aristocrático.

"Não penso que Pardal Mallet abandone a sua tendência de pensador, reformador, filósofo, etc. Também nenhum motivo me faria deixar de lê-lo, condená-lo depois, e no outro dia recomeçar a lê-lo."

Pardal Mallet não gostou dessas palavras de João Ribeiro, e respondeu, acusando o seu crítico de ser apenas um gramático.

E foi então que João Ribeiro teve oportunidade de dizer alguma coisa nêsse terreno, *pro domo sua*.

Eis como o fêz:

"A imprensa onde escrevo, sabe que não perco o apetite por motivos sintáticos, aliás tão respeitáveis para a maioria dos meus colegas.

"Assim é que eu *nunca* faço a revisão dos meus escritos, e ainda menos faço *errata*.

"Reputo os meus artigos como os sonetos. Pioram com as emendas.

"...Assim, pois, meus senhores, amigos e inimigos, frades e confrades, sabei que eu sou um pecador velho, como *vos omnes*...

"A verdade é que, quando publiquei uma gramática, parece que tive a previsão dêsse enfado, e publiquei-a justamente para desquitar-me dêsse monstro, e errar à vontade." (1)

(1) — *Correio do Povo*, 18-9-1890.

ALGUNS JULGAMENTOS DE TAINE

Nada tirará mais o encanto de um escritor do que a excessiva preocupação da perfeição da forma, ensina-nos Taine. E o crítico lastima a obcessão que têm certos escritores de realizar um estilo em que a perfeição seja alguma coisa de marmóreo. "Chateaubriand orgulhava-se de que no cântico de Cimodoceu não houvesse uma só elisão; tanto pior para Cimodoceu!" (1) Na sua longa viagem através dos autores e dos livros britânicos, Taine examina, de um em um, os sistemas de estilo, para concluir que nada é tão belo como êsses estilos espontâneos, que brotam do fundo da alma, e que, sem rigores de disciplina, são o espêlho do espírito do autor. Vejamos os seus comentários em torno do estílo de Addison. Mostra-nos êle que é o ritmo inalterável dos períodos que torna fastidioso o processo dêsse escritor. "A redondeza das frases é um miserável mérito, e prejudica os outros. Calcular as longas e as breves, procurar, em tôda a parte, a eufonia, pensar nas cadências finais, tôdas essas pesquisas clássicas prejudicam o escritor."

Assim diz o autor da *História da Literatura Inglêsa;* e dá-nos a sua doutrina do estilo. "Cada idéia tem o seu acento, e o nosso trabalho todo deve consistir em torná-lo fácil e simples no papel como o é em nosso espírito. Devemos copiar e notar o nosso pensamento com a onda de emoções e imagens que o levantam, sem outro propósito além da exatidão e da clareza. Um frase verdadeira vale cem períodos sonoros. Uma é o documento que fixa para sempre um movimento do coração ou dos sentidos; os outros são brinquedos bons para divertir cabeças vazias de versificadores. Eu daria vinte páginas de Flèchier por três linhas de Saint-Simon. O ritmo regular mutila o ímpeto da invenção natural; as gradações da visão interior desaparecem; aos nossos olhos deixa de existir uma alma que pensa ou sente e em seu lugar ficam dedos que escandem. O período impecável assemelha-se às tesouras de La Quintinie, que, sob pretexto de enfeitar as árvores, lhes dão, ao podá-las, a forma de bolas. Aí está porque existe, no estilo de Addison, certa frieza, certa monotonia. Êle parece

(1) — Taine — *Histoire de la Litterature Anglaise,* vol. 3.º pág. 391.

que sempre se escuta a si mesmo. E' excessivamente cheio de moderação. E' correto demais..."

A mesma impressão — de alguma coisa que não é espontânea, que não é verdadeira — dá-nos Taine da prosa de Samuel Johnson, o *Hércules do Torismo.*

"Seja qual fôr a obra, tragédia ou dicionário, biografia ou ensaio, Johnson conserva sempre o mesmo tom. — *Doutor,* dizia-lhe Goldsmith, *se escrevesseis uma fábula sôbre os peixinhos, êles haviam de falar como as baleias. Com* efeito, a sua frase é sempre o período solene e majestoso. Nela, cada substantivo marcha em cerimônia, acolitado do seu epíteto, as grandes palavras pomposas cantam como órgãos, cada proposição exibe-se equilibrada por outra proposição de igual medida, o pensamento desenvolve-se com a regularidade compassada e o esplendor oficial de uma procissão. A prosa clássica atinge a sua perfeição nele, como a poesia clássica em Pope. Nunca foi tão consumada a arte, nunca foi tão violentada a naturesa. Ninguém prendeu jamais a idéia em compartimentos tão rígidos. Ninguém jamais deu um relevo mais forte à dissertação e à prosa. Ninguém jamais impôs tão despòticamente à narração e ao diálogo as formas da argumentação e da tirada. Ninguém jamais mutilou tão universalmente a liberdade ondulante da conversação e da vida com antíteses e palavras convencionais. E' o acabado, o excessivo, o triunfo e a tirania do estilo oratório." (1)

Em contraste com essa reserva, que tem para os estilos demasiado corretos, uniformes em sua serenidade — que entusiasmo veemente mostra Taine pelos estilos vibrantes, onde a paixão se reflete! Vêde a sua exaltação de coribante, ao defrontar-se com Shakespeare. "O estilo de Shakespeare é um composto de expressões furiosas. Ninguém jamais submeteu as palavras a semelhante tortura. Contrastes violentos, exagêros de louco, apóstrofes e exclamações, delírios de odes, subversões de idéias, acúmulos de imágens, o horrível e o divino postos lado a lado na mesma linha... Diríamos que êle nunca escreveu uma palavra sem gritar... E' o estilo do frenesi..." (2)

Taine ama igualmente outros estilos, também distantes da disciplina ou da regularidade metódica. Ama o estilo de Carlyle, o de Dickens...

(1) — Taine, obra citada, vol. 4.º pág. 165.
(2) — Idem, Idem, vol. 2.º, pág. 187.

CONCEITO DE ESTILO

Acredita João Ribeiro que o escritor tem o dever essencial de aperfeiçoar de tôda a maneira aquilo que escreve. Com êsse intúito, poderá aventurar-se a lances perigosos: não há mal em que rejuvenesça termos velhos, em que crie vocábulos novos...

No momento da criação, o artista é, para João Ribeiro, alguma coisa misteriosa e cheia de sortilégios. E' um demiurgo, exercendo os seus poderes secretos. O mundo será capaz de erguer-se a um seu sôpro...

Estabelece êle que é um sofrimento a arte. "E' razão que se diga tortura a arte de pensar e escrever, pòrque ela ondula que não corre e tem inflexões súbitas que não linhas certeiras e frias."

Ouçamos o seu conceito acêrca de onde reside o estilo: "Não reside o estilo na beleza e na graça, mas na fôrça e ainda na grosseria e rudeza da fôrça. Suave ou rústica, polida ou tôsca, pouco importa. Almas que sofrem são de si mesmas sonoras, como cordas que, se acaso tremem ou vibram, apagam-se e fundem-se indecisas no ar. As dores que o espírito tornou mudas para os profanos, não emudeceram; em seu recolhimento espalharam pelo cristal d'alma as suas ressonâncias." (1)

Em outra parte, dá-nos outra dissertação igualmente interessante, sôbre o que seja o estilo.

"O estilo não é tanto correção, coisa trivial, mas é perfeição, isto é: — a idéia precisa e exata na sua forma exata e precisa; é o bronze vasado no seu molde, a prata na sua rilheira. E qual é o artista de qualquer arte e de qualquer canto do mundo, que não busca, não pesquisa e não se deixa matar por um fim supremo?

"Não se trata pois de gramática nem de gramaticões impertinentes e molestos como os de minha espécie que registram e passam, e nem se oferecem como prospectos modelares à geração nova.

"A escola clássica", que é da perfeição de forma, é eterna ou antes é a mesma eternidade da compleição humana; as outras têm e sempre tiveram direito à vida, mas são antes

(1) — *Páginas de Estética*, pág. 16.

"modas" efêmeras, diárias, anuais, bisonhas, e quando muito ao cabo de 3 ou 4 anos são excelências que degeneram em sensaborias, elegâncias que cada transatlântico desfaz ou recompõe... São enfim roupagens, enquanto o clássico é o "nú", daquela nudês que o Eça queria mal velada por um manto diáfano, e outros o querem... por um capote..." (1)

Nos dois trechos acima, percebemos como é difícil, e mesmo transcendente, a idéia que do estilo tem João Ribeiro. Em outras reflexões das *Páginas de Estética*, completa as suas doutrinas, que são complexas, e sem dúvida nenhuma bem confusas. Quer ver no escritor, antes do estilista, o homem. No estilo é coisa *muito principal* o caráter, elucida-nos.

Eram essas opiniões do começo do século, dos tempos da *reação clássica*.

João Ribeiro vai evoluir e transformar-se muito...

DUAS QUESTÕES DE ESTILÍSTICA

E' ocasião de aludir a dois artigos em que João Ribeiro estuda duas questões de estilística.

No primeiro examina a *arte de emendar em Raimundo Correia*.

E' um comentário sutil, embora ligeiro, em tôrno de algumas das emendas que, por transigência com o gôsto ou com a sintaxe, o poeta do *Sonho Turco* introduziu em seus poemas. João Ribeiro cotejou os versos das edições originais de Raimundo com aquêles que figuraram, depois, na edição definitiva das *Poesias*. E achou algumas alterações características. — E', aqui, um verso das *Peregrinas*. Raimundo modificou um adjetivo: onde primeiro puzera *generoso vinho*, acabou pondo *capitoso vinho*:

E ei-las dormindo ao "capitoso" vinho...

No soneto *Primaveril*, onde havia *roupas ondulosas*, êle pôs *roupas vaporosas*:

E sob as finas roupas "vaporosas"
Seus leves pés, precipites, saltitam,
Pequenos, microscópicos, chinêses...

(1) — João do Rio, *Momento Literário*, pág. 21.

Na *Cavalgada*, um som *flébil*, êle o muda para um som *confuso*:

A lua banha a solitária estrada.
Silêncio! Mas, além, "confuso" e brando
Um som longínquo vem se aproximando
De galopar de estranha cavalgada.

João Ribeiro mostra que Raimundo Correia se sacrificou à gramática — e o lastima por isso. O poeta havia escrito êstes versos:

Que extensos campos! Que profundos valos
Vêm-se!

A gramática obrigou-o a modificar o quadro, que ficou assim:

Que lêdo campo entre risonhos valos
Se vê...

E João Ribeiro comenta: "Desaparece a extensão, como desaparecem os sulcos dos vales no gracioso quadro campestre. A poesia paesista foi sacrificada a uma preocupação a tôda hora desmentida na linguagem popular brasileira... "Dura lex"... (1)

No outro artigo, achamos um resumo das opiniões de certo crítico bávaro, Ernest Heinrich Hess, acêrca da técnica literária. Diz Hess que, com referência à entrada dos personágens nos contos, há dois métodos — o primeiro é o da apresentação *épica*, o segundo é o da apresentação *dramática*. O primeiro, o modêlo épico, encontrâmo-lo em Homero, na *Iliada*:

Canta, oh musa, a cólera de Aquiles...

E na *Odisséia*:

Canta o herói astucioso...

Segundo o modêlo de Homero, têm começado os seus poemas alguns dos maiores poetas do mundo. Ora, é Virgílio, iniciando a *Enêida*:

Arma virumque cano...

(1) — *Notas de um Estudante.*

Ora, é Camões abrindo os *Lusíadas*:

As armas e os barões...
Cantando espalharei...

Ora, é Torquato Tasso:

Canto l'arme pietose e l'capitano...

Ora, é Voltaire:

Je chants le heros...

Quanto à maneira dramática, consiste em apresentar os personágens por si mesmos, como na cena teatral.

João Ribeiro aproxima de Machado de Assis o esquema de Heinrich Hesse, e mostra como o escritor brasileiro é insigne em ambos os sistemas. (1)

Êle também, João Ribeiro, oferece modêlos acabados dos dois métodos. Nos pequenos contos da *Floresta de Exemplos* encontramos abundantes amostras de um e de outro processo.

Exemplos da apresentação épica:

Certamente não ignorais a história da matrona de Éfeso... (A Matrona de Éfeso)

No tempo dos godos, nas terras portuguêsas... (Rodam, a malaventurada)

Poucos sabem a história... (O príncipe de Salerno)

Exemplos da apresentação dramática:

— Nunca me há-de esquecer o caso do Florentino, que se tornou meu inimigo em circunstâncias e ocasião que não posso explicar... (Só a vista faz fé)

— Que posso eu mais esperar? Alcançado em anos, cheguei ao termo da vida, dizia o filósofo Sinesius, que, sem embargo de ser cristão, era da seita dos "acataleptos", gente negativa e pirrônica. (Um filósofo.)

— As águas do Galgano — disse-me o doutor. Verá que em poucos dias estará outro homem. (Os sapatinhos).

(1) — *Colmeia.*

JOÃO RIBEIRO E FREI LUIZ DE SOUSA

Levado pelas suas considerações estéticas, que são talvez um pouco místicas, é que João Ribeiro vê em Frei Luiz de Sousa "o maior dos nossos estilistas." E isso porque êle "é também um dos homens de mais férrea vontade e caráter da nossa raça." (1)

João Ribeiro ama, apaixonadamente, a arte de Frei Luiz de Sousa. "A sua alma é numerosa, musical, afinada a todos os sôpros como harpa eólia. Qualquer assunto que a toque quebra-se e desfaz-se em rítmos; idéias que por ela passem saem já com as suas curvas, e suas elipses certas, como se foram mundos despregados de um sol, no momento da criação dêles."

Eis aí um entusiasmo ardente. Contudo, ainda há mais. Em uma de suas *Páginas de Estética,* êle nos diz: "Sôbre a obra de talha, que era sempre alheia, Frei Luiz de Sousa trabalhava como o dourador. E' sempre dêle a luz ou o *relêvo* atmosférico."

Inspirado pelo seu entusiasmo, vai João Ribeiro procurar a poesia profunda que borbulha na obra do clássico português. Dizia Mallarmé que em tudo *há verso.*

Tal preceito induz João Ribeiro a pesquisar, na obra de Frei Luiz de Sousa, o rítmo dos decassílabos e dos alexandrinos. Chegamos, então, a uma verificação curiosa: todo Frei Luiz de Sousa é verso; há uma poesia esparsa, um metro claro ou difuso, perdido na sua prosa cristã. *A Vida do Arcebispo* começa com três versos, que João Ribeiro tem o cuidado de alinhar; à página 6 do mesmo livro, achamos tôda uma sextilha.

João Ribeiro vai folheando páginas ao acaso. E dos livros de Frei Luiz de Sousa, vão-lhe caindo, sôbre as mãos abertas, versos e versos...

UM PROSADOR CHEIO DE VERSOS

Induzido por João Ribeiro, eu quiz também fazer uma bela viagem sob um bosque de rosas...

(1) — *Páginas de Estética,* pág. 17.

Andei anotando, um pouco, os versos que existem, soltos, em alguns livros do nosso escritor. Que riquezas desvendei! E como o pensamento, a graça, a doçura, a emoção, a sabedoria, vão revestindo, naturalmente, sob a pena dêsse mágico, a forma clara e sonora dos decassílabos e dos alexandrinos! Citarei alguns dêsses versos, ao acaso:

No Fabordão:

A grande condição do trabalho é a paz...
(Página 33.)

E lhe pusesse como um jardim de nudez...
(Página 34.)

A assoada invejosa e atrabiliária,
Grosseira e estúpida,
Dos nossos espontâneos detratores...
(Página 35.)

Como se sente à porta das Igrejas
O hálito longinquo das flores,
Que, semi-mortas, agonisam nos altares...
(Página 41.)

Eu sinto que vou falar do poeta,
Sem a dignidade necessária,
Sem a capacidade mesmo de o sentir...
(Páina 42.)

E fazer assim coincidir
A Dor própria com a dor universal...
(Página 42.)

Não se pode criar sem destruições prévias
E não há vida
Sem o preço e o concurso incessante da morte...
(Página 46.)

Tudo é melindre e é fugitivo tudo...
(Página 319.)

Só uma compleição enamorada
Das coisas fugases e efêmeras
Pudera cultivar essa arte delicada...
(Página 319.)

Nas Páginas de Estética:

Todos os horrores que nos espantam,
Tôdas as grandezas que nos deslumbram,
São menos do que
Sutilezas perdidas no universo
Que é, todo êle,
Uma vaga a espraiar-se no infinito,
Sempre harmoniosa e eterna...
(Página 127.)

Foi essa, e não outra,
A língua que primeiro praguejou
Com a tempestade oceânica e a primeira
Que traduziu a alma
Das imensas distâncias, a saudade...
(Página 139.)

O de que se despiram
Foram folhas que o outono fêz caducas,
Mas outra primavera resurgiu....
(Página 146.)

Nas *Recordações de D. Quitéria*:

E' coisa triste envelhecer na solidão.
Lembrei-me de lhe dar a ler um manuscrito
Que o acaso de um leilão de livros velhos
Puzera em minha mão...

Vinham dos olhos lânguidos, quebrados,
E cheios da vontade de morrer...

Como se vê, a colheita de versos na prosa de João Ribeiro é abundantíssima. E êsse traço é mais um, a aproximá-lo de Frei Luiz de Sousa, o clássico modelar que êle tanto amou.

SUGESTÃO DE IMAGENS

Êsse sentimento de poesia, que assim se traduz em versos, fulge em tôda a sua prosa, rutila-lhe no esplendor das imagens, ressalta-lhe no gracioso, no inédito, no vigoroso da adjetivação.

Como exemplo de imagem, eu citava, há pouco, um trecho que é bom característico. Referia-se João Ribeiro às idéias de Frei Luiz de Sousa, e dizia que elas lhe pareciam *mundos despregados de um sol, no momento da criação dêles.*

Quero chamar a atenção, porém, para uma outra imágem de João Ribeiro, que me parece mais formosa ainda. Acho-a no discurso de recepção, na Academia Brasileira. O escritor fala acêrca de Luiz Guimarães, e diz, em certo passo: "Percrutei as suas alegrias e os seus desalentos e vi gerar-se da evaporação das suas lágrimas, agora batidas do sol da glória, o arco-iris cambiante das suas emoções."

ADJETIVAÇÃO

Quanto à adjetivação, João Ribeiro soube possuí-la brilhante e fácil — mas, sobretudo, apropriada e exata. Muito raramente o lugar-comum, jamais a banalidade. O seu gôsto é sutil, e o escritor dispõe de uma faculdade pictórica, ou talvez escultórica, para escolher os seus epitetos. E daí êsse relêvo que tem, muita vez, a sua frase, essa impressão que sentimos de que talvez pudessemos tocar com os dedos o recorte de um conceito ou de uma idéia que expande. Abro, de novo, o discurso de recepção na Academia, e encontro frases, pensamentos, conceitos de forma lapidar, em que o adjetivo se reveste de um brilho, de um lavor de joia rara. — Traduz êle, por exemplo, uma frase de João Paulo Richter, e vêde como bastou o emprêgo de dois adjetivos para dar-nos a impressão de alguma coisa que se vai apagando lentamente, lentamente desfazendo, até desaparecer de todo: *"A contínua perpetuidade da luz seria exauriente e mortal."* Refere-se ao estro de Luiz Guimarães, que está emudecido, e o diz *abismado na inércia anárquica e insondável.* — Alude ao desprêso que sentem os poetas pelo solo em que pisam — e diz-nos que nêsse solo "rastejam, *reptilisantes,* as misérias do mundo." Conta que leu e meditou a obra do poeta, seu antecessor na glória acadêmica, e conclue: "Dela trouxe, sinão a voz, ao menos o éco *degênere,* o vagido *elementar* do seu grito *adulto* e *valoroso.*" Não parece haver, na combinação dêsses quatro adjetivos que aqui se alinham, alguma coisa de relêvo, que participa da escultura? E a adjetivação nítida, distante de qualquer lugar-comum, está em todo êsse discurso. Aqui surgem os homens

novos, que são *fulvos e dominadores;* alí, ouvimos as vozes *altas e últimas dos últimos náufragos*...

Muito vos citei, já, das *Páginas de Estética* e das *Cartas Devolvidas*, das *Notas de um estudante* e da *Colmeia*, e pudestes sentir, em todos os trechos escolhidos para ilustrar uma ou outra das minhas opiniões, o quanto é nova, rica, inédita e fecunda a adjetivação do escritor. Há, porém, na *Floresta de Exemplos*, uma frase para a qual ainda quero chamar a vossa atenção. Relata João Ribeiro, no conto *Os abutres*, a história da bela Canídia, cujo nome ainda dizia, amorosa, a carcassa do amoroso Heráclito. E a essa mulher êle a chama *Venus vulgivaga hieropolitana e indecorosa*. Aí estão três adjetivos que pela primeira vez se encontram juntos.

UMA PALAVRA AMÁVEL: ANTANHO

Êsse sentimento de amor às palavras — a certas palavras — que é o mesmo que denuncia em Cicero, como que tem o segrêdo de iluminar com uma nova luz muitas das páginas de João Ribeiro. Vamos lendo um trecho seu, uma página sua, na qual se pronuncia o crítico ou o erudito. E de repente produz-se o belo clarão... E' uma sensação que se repete frequentemente, quando lemos, por exemplo, as *Frases Feitas*, as *Curiosidades Verbais*, a *Língua Nacional*, obras em que João Ribeiro não raro remonta às origens das palavras ou das expressões do nosso idioma, atingindo assim àquela região da filologia, que não sei bem se é apenas o capítulo da semantica, ou se é também a história e o sofrimento do homem... e que se torna a região da pura poesia.

Às vêzes o prodígio ocorre também na sua crítica. E passo para aqui mesmo um exemplo. Fala êle acêrca do livro *Neves de Antanho*, do Conde de Sabugosa, e termina a sua pequena apreciação com êste período — que aos meus ouvidos vale como um pequeno poema: "E' delicada e suave a preferência dada a êsse arcaísmo tão expressivo quanto esquecido: *antanho! Antanho* é o passado, mas não imoto; parece bolir, misturado de saudade, e, pois, com germes larvados de vida e ressurreição." (1)

(1) — *Imparcial*, 9-2-1920.

VERSOS SESQUIPEDAIS

Se João Ribeiro ama a adjetivação simples e clara, se prefere, para acompanhar os seus substantivos, os qualificativos que não obriguem o leitor a ir ao Dicionário — isso não impede que se divirta com certas amostras que tem na memória... Diverte-se, por exemplo, com a adjetivação adotada por Odorico Mendes, ao traduzir Homero e Virgílio — a *olhicerúlea deusa*... a *olhi-bovina Juno*... a *procelípede Palas*... o *velocípede Aquiles*...

Mas se diverte sobretudo com o mestre do nosso mestre tradutor maranhense, com o fantástico Filinto Elíseo. Considerava puras delícias essas construções sesquipedais do poeta português — construções que, aliás, segundo informa, não passam de adaptações de poetas italianos, ou mais precisamente de Francesco Redi ou de Marcelo Malaspina. (1)

De Filinto Elíseo, como fonte para o nosso Odorico Mendes, cita João Ribeiro esta expressiva passagem:

Eis-me no Ménalo, Nébrides, Ménades,
Capri-barbi-cornípedes felpudos
Egipãs descortino.

UM PROBLEMA: A PONTUAÇÃO

Um problema que estritamente se prende ao estilo do escritor é o da pontuação. Sabia disso muito bem João Ribeiro. E é êle próprio quem nos explica alguns dos mistérios dêsse ângulo de seus escritos.

Estabeleça-se, desde logo, que João Ribeiro não possue sistema algum de pontuação. Nem de pontuação nem de ortografia. "A minha grafia e pontuação dependem do *protos* (como dizem algumas línguas irmãs) isto é do diretor técnico da imprensa e dos jornais em que escrevo" — confessa êle.

Isso é em tudo verdade, no que se refere aos trabalhos aparecidos em colunas de jornais.

(1) — *Jornal do Brasil*, 16-5-1928.

Mas havemos de concordar que quando o trabalho é transferido do jornal para o livro, o aspecto das coisas se transforma. O apuro, o cuidado, que na primeira versão não fôra possível dar, é fácil dar na segunda versão. E porque então não o dá João Ribeiro — pelo menos no que se refere à pontuação?

Por que — por exemplo — em um dos seus livros do mais alto lavor literário, na *Floresta de Exemplos*, o sistema de pontuação resultou em alguma coisa tão confusa e tão anárquica?

No próprio João Ribeiro, se a quizermos procurar, iremos encontrar a explicação para o fato. Resume êle um pensamento de George Sand, a qual acha que "a pontuação é um documento psicológico e sutil, que a crítica menospresa por escapar de suas grosseiras malhas." E, estabelecendo, por seu lado, que o *excesso de regras e regrinhas acaba por criar um charlatanismo pedantesco insuportável* — aduz vários casos da história literária que mostram como a pontuação, e bem assim outras minúcias da arte literária, corresponde de fato a mistérios da psicologia dos escritores. Dá como exemplos os escritores que George Sand evoca: um Michelet e um Dumas pai. O primeiro virgulava demais, punha vírgulas onde podia — entre adjetivos, às vêzes até entre sujeito e verbo — dando a impressão de um *estilo asmático*. Quanto ao velho Dumas, era o contrário: quase não pontuava, não cortava os *tt*, não punha acentos nas palavras...

João Ribeiro, que nêsse ponto está muito mais próximo de Dumas pai do que de Michelet, confessa que tem talvez os seus mistérios psicológicos... "Para mim, que nada sou, que tenho alma como os outros animais, a psicologia talvez pudesse dizer-me porque é que não posso escrever em papel pautado. Não me submeto absolutamente às linhas azuis do papel almaço. Se a minha frase fôsse musical, eu diria que ela necessitava subir e descer conforme os tons e semitons do pensamento".

Para encerrar esta meditação relativa ao que poderíamos chamar a arte de pontuar, citarei ainda um trecho de João Ribeiro — um curioso juízo acêrca de Osório Duque Estrada: "O famoso crítico Osório — escreve êle — censurava os autores por causa de vírgulas e pontos. Mas não é preciso dizer que a psicologia sobrepassa de muito a sua vista curta de corretor de provas escolares. Êle era um dos raros mestres que

nunca tinha razão, mesmo quando a tinha de sobra. Não vão ficar zangados os seus amigos." (1)

MESTRES BRASILEIROS E MESTRES PORTUGUÊSES

Num discurso que pronunciou na Academia Brasileira de Letras, depois da morte de João Ribeiro, Laudelino Freire traçou um paralelo entre os três máximos estilistas de Portugal e os três máximos estilistas do Brasil. Alí, Vieira, Bernardes e Frei Luiz de Souza; aqui, Rui, Machado de Assis e João Ribeiro. E assim se pronunciava o crítico de *Notas e Perfis*: "Se nêsses clássicos procurarmos distinguir qualidades ou afinidades de estilo e linguagem, num rigoroso confronto de características, vendo em Rui um Vieira, em Machado de Assis um Bernardes, teremos em João Ribeiro a mesma altesa de estilo de Frei Luiz de Souza, sem que as qualidades puristas do escritor moderno prejudiquem o paralelo."

Na crepuscular região em que se aninham, talvez os espíritos dos mortos possam ouvir o éco das palavras que soam na terra. Se o podem, eu estou certo de que João Ribeiro amou como nenhuma outra essa comparação.

---

(1) — Veja essa opinião acêrca de Osório Duque Estrada, bem como as meditações de João Ribeiro relativas ao problema da pontuação, no artigo *Pontuação*, publicado no *Estado de São Paulo*, em 16-6-1927.

II

JOÃO RIBEIRO, AUTOR DE FICÇÃO

OS CONTOS DE JOÃO RIBEIRO

MEDITAÇÃO SÔBRE A GRAÇA

Estudando a *graça*, chegou João Ribeiro à conclusão de que a *graça* está entre o trágico e o cômico, equidistante dos dois. George Brandés dissera que o *Trágico* e o *Cômico* são duas antinomias: por mais contraditórios que se apresentem, ajustam-se e harmonisam-se, num sentido comum a ambos. "O trágico e o cômico se fundem numa contradição de lógica, doutrina João Ribeiro, interpretando Brandés. O trágico é o que é e não devia ser; o cômico é o que devia ser e não é. E' trágica a crucificação do justo, porque não devia ser crucificado; a desventura do homem honrado, que não devia ser prêsa do infortúnio; o castigo ou martírio da inocência, que não devia ser castigada; a dor de Lear, na ingratidão dos que lhe deviam ser gratos. Enfim, tôdas as dores que há, e não deveria haver, são trágicas. Em sentido opôsto, é cômico tudo o que deve ser e acontece que não é. O que se propõe a fazer um discurso e fica calado, é cômico. Um que promete silêncio e logo se sai com um discurso, é cômico. O que quer saltar e cai... enfim, o que vai roubar e é roubado, o que vai dar e apanha, tudo isso é cômico..." (1)

Entre os dois extremos, fica a zona temperada e tranqüila da graça. "Não é cômica nem trágica. Não há mar de lágrimas, grande ou pequeno, onde um pouco dêle não se possa evaporar em riso. Não há campo tão despido e pobre que se não adorne uma vez ou outra vez de flôres, nem floresta tão êrma e ao desamparo que não tenha as suas filomelas."

---

(1) — *Páginas de Estética*, pág. 69.

Ora, parece-me que João Ribeiro deu, com estas palavras, a própria fórmula de sua criação literária.

Êle tem, no espírito, antes de tudo, êsse dom maravilhoso: a graça. E é a graça que nêle se manifesta e traduz de tanta forma: aqui, vêmo-lo sibilino, com algum intúito secreto, compondo uma página de *humour;* alí, vêmo-lo levemente irônico, destruindo, com uma reflexão ou mesmo um qualificativo, a atitude gravemente composta de um filisteu; mais longe, vêmo-lo comovido; depois ainda o vemos sarcástico...

A PRÁTICA E A TEORIA

Quero, desde já, chamar a atenção do leitor para um dos capítulos mais curiosos das *Cartas Devolvidas* — capítulo que tem êste título sugestivo e filosófico: *Acêrca das inconveniências da teoria reunida à prática.* E' uma página graciosa, que pode servir como exemplo da arte de contar de João Ribeiro.

Refere que certa mulher literata, das que importunam a gente para que as ouça na leitura dos seus fastidiosos poemas, convidou, um dia, o poeta Bernardo Claraval, o famoso autor da *Balada em ut minor,* para um indigesto banquete de literatura. Foi o Claraval, e levou em sua companhia o amigo que agora lhe escreve a história.

Alice — que êsse era o nome da escritora — recebeu os dois, e poz-se a ler o poema. Lia-o admiravelmente. Os olhos dela despediam relâmpagos, os seios amplos arfavam, e os lábios lembravam aquela serpente edênica, "que dera reputação ao autor do Gênese e ao Bernardo."

Em certo momento da leitura, descrevia a escritora uma ceia. E foi exatamente nêsse passo que entrou na sala uma criada, levando uma bandeja de chá e biscoitos. Alice interrompeu a leitura, e, juntamente com os dois ouvintes, passou a manducar a ceia. Bernardo achou a idéia excelente: e louvou, com particular encanto, aquela lembrança de fazer coincidir a ceia fictícia do romance com a ceia saborosa da realidade.

"Seja abençoado o chá! Benvindo êstes magníficos biscoitos!" não se cansava êle de exclamar.

E agora continúa João Ribeiro:

"Mas foi isto apenas um incidente e, dentro em pouco, a leitura continuou sob a excitação do chá reconfortante. As cenas do romance sucediam-se; os personagens inflamavam-se, próximos ao incêndio da catástrofe.

"Alice lia com tôdas as inflexões admiráveis de sua voz meiga, suave, às vêzes plangente, quase em lágrimas nos passos mais tristes, e havia alí, no seu livro, grandes tristezas de amor e de paixões longas, abafadas.

"O Bernardo movia-se na cadeira, untuoso, mulherengo, com os olhos em água, a boca aberta para ajudar as narinas amplas, que bebiam todo o ar da sala. Em um ponto ou capítulo os dois amantes do romance, que sempre os há nas cavalarias de tais livros, encontravam-se à beira de uma floresta, fugitivos, escapando à perseguição do mundo e dos preconceitos, e começou então aquela música eterna dos beijos longamente imaginados... Dona Aiice tremia, sentindo a inspiração, a sinceridade e a verdade de sua arte...

"Ao lado, Bernardo avolumava-se, incontido, sem geito, inquieto, como mordido por invisíveis serpentes... Num momento, como homem que não admite a pura especulação teórica, vi-lo levantar-se, forte, apoplético, brutal, e chamar a si a dona e o manuscrito, que se lhe escapou em fôlhas brancas como pombas ruidosas e arrulantes voejando por tôda a sala.

"Estava já dona Alice a cavalo sôbre aquela admiração incoercível. Os dois seres inconhos pareciam desaparecer um no outro em mistério inconsútil...

"Eu, espavorido, saí correndo, e precipitei-me escadas a baixo.

"Quando cheguei à rua, olhei para cima, a ver se enxergava acaso o Bernardo.

"Qual! a estas horas o nosso homem repetia, em segunda edição refundida, o chá e os biscoitos.

"Não posso dizer as coisas muito ao certo, porque a vista se me escureceu, mas pude lobrigar que alí a prática amparava a teoria, se não estou tresvariando."

DUAS TRADUÇÕES

E' por ocasião da tradução de dois livros que João Ribeiro revela as suas grandes qualidades de narrador. Quero aludir ao *Coração* e ao *Crepúsculo dos deuses.* (1)

(1) — *O Coração,* de Edmundo de Amicis, tradução brasileira autorizada, feita da 101 edição italiana. Liv. Francisco Alves, Rio;

Do *Coração* dissera êle, desde os seus primeiros artigos, coisas excelentes. E, reconhecendo que no Brasil nós somos pobres, em matéria de livros para crianças, deu-se ao trabalho de traduzir a obra. Mas a tradução de João Ribeiro, feita com poesia e inteligência, tem os lavores e o encanto de uma criação.

Quanto ao *Crepúsculo dos deuses*, é uma coleção de oito novelas, assinadas por alguns dos maiores vultos da literatura alemã dos fins do século passado. Ernst Leubach, Gottfried Keller, Carlos Emilio Franzos, Anton Heusel, Teodoro Fontane, A. Gugits, The. Kischner, Schmidt-Bonn, eis os autores dêsses contos.

TENDÊNCIA AO MISTICISMO

Na escolha dos trabalhos que haveria de traduzir para organizar o seu livro, João Ribeiro revela uma das preocupações do seu espírito: a tendência a interessar-se pelas coisas da religião e do misticismo.

Essa tendência para os assuntos do misticismo e da religião parece-me bem característica do século XIX. Partilharam-na muitos dos mais representativos escritores daquela época.

O século XIX foi um século de livre crítica, de afirmação de liberdade de espírito. Por isso mesmo foi um século de longa especulação em tôrno das idéias místicas. E' curioso observar que um dos terrenos mais frequentemente visitados pelos escritores daquêle momento, sobretudo aquêles que comumente são considerados céticos, é o terreno da religião, o terreno da crença. Na França, há um numeroso grupo dêsse feitio.

Renan escreve tôda uma longa biblioteca, para narrar a história do povo de Deus, a história de Jesus e a dos primeiros tempos do Cristianismo.

Anatole France, que teve um espírito acaso ainda mais irreverente ou cético que o de Renan, faz uma longa parte de sua obra girar em tôrno dos assuntos da crença e da fé. Aqui, relata, num poema gœteano, o drama de duas almas adolescentes, que, na aurora do Cristianismo, se encontram e se

---

Crepúsculo dos deuses. Contos e histórias traduzidas do alemão. Liv. Clássica Editora de A. M. Teixeira, Lisboa, 1905.

amam, e entretanto não podem consumar o seu amor, porque há um deus que os separa, um deus novo chegado de Nazaré, — *et qui n'aime pas les noces*. Alí evoca o milagre piedoso da Virgem Maria, acolhendo e beijando a fronte do seu humilde tambor. Mais adiante, conta os feitos ardentes e temerosos dos velhos santos da terra de Pierre Nozière. E chega até a fazer a biografia de Santa Joana d'Arc...

Flaubert, que nada teve de religioso nem de místico, reconstitue a figura atormentada, suave e infeliz, de São Juliano, o Hospitaleiro. — Lemaitre narra a história desencantada e filosófica de Serenus, o mártir que não tinha fé.

Em Portugal, Eça de Queiroz como que transportou para o idioma luso o encanto que no idioma francês puderam ter os autores que acabo de citar. E cinzelou a crônica de São Cristovão, a do Santo Frei Gil, a de Frei Genebro, e tomou a existência do próprio Jesus Cristo como o motivo irreverente e risonho da *Relíquia*.

No Brasil, temos em Machado de Assis um pouco dessa mesma tendência. Êle gosta de inventar longos diálogos travados entre santos, no ádito misterioso dos templos... gosta de evocar piedosas anedotas recolhidas aos agiológios... gosta de imaginar uma igreja do diabo, em que ouvimos uma conversa, que tem muito sentido, entre o Criador e o Maligno.

ALGUNS TEMAS DE SANTOS

Também João Ribeiro se sentiu tentado por essa espécie de *Legenda Aurea*, que iam criando os seus grandes contemporâneos. E em tôda a sua obra de ficção perpassam santos, monges doces e piedosos, coisas da igreja, coisas da crença...

A HISTÓRIA DE SÃO VIDAL

No *Crepúsculo dos deuses* há alguns contos que servirão como indícios dessa tendência. O de Gottfrid Keller é um exemplo. E' a história triste do desacreditado São Vidal. Êsse Vidal floresceu em Alexandria, pelos começos do oitavo século

de nossa era. Cheio do amor de Deus, entregou-se todo à singular tarefa de seduzir quantas mulheres erradas ou perdidas havia, e envereda-las no caminho da virtude.

Forte no seu propósito de reabilitar as perdidas, Vidal andava com os rapazes, para ouvir notícias sôbre as coisas da depravação. E quando lhe davam o nome de uma nova michela, guardava-o com alegria, num caderninho que trazia especialmente para êsse fim E à noite lá estava êle...

"E logo ia à cata da mulherzinha, às pressas, e, envergonhado, entre sós, lhe dizia: — Guarda-me o resto da noite de hoje para mim, não o prometas a outrem.

"E quando na hora ajustada entrava o monge pela casa maldita, e sem inquietar a rapariga, afundava-se para o recanto da alcova, caía de joelhos e com fervor e altas vozes orava a noite inteira pela dona daquêle antro. Pela manhã, logo cêdo, se escapava, proibindo-lhe de revelar o que havia feito."

Assim consumia Vidal a existência, e assim lhe adveio a terrível fama que acabou por ter.

Mas, indo, em uma de suas redentoras aventuras, à casa de certa mulher de má vida, foi visto por Yola, uma menina de lirial puresa. E como Yola descobrira as traças do monge, desejou consegui-lo para si. Aplicou para isso um ardil audacioso: deu-se, ela própria, como sendo uma perdida, e esperou na alcova o homem de Deus.

Foram tais as práticas que passaram entre Vidal e Yola, as razões que êles disseram foram tantas, que a história acabou como esperamos que acabe: — Vidal largou o manto de monge, tomou a espada de cavaleiro, e foi viver para o amor de sua Yola.

Aí está a história do suave monge, que roubava o dinheiro das igrejas para o dar às rameiras, aquêle que conquistava as almas das pecadoras para a glória de Deus.

UM SANTO CHINÊS

Outro conto que se prende ao misticismo é o de Anton Heusel — *Shinda-Usagi-Uma*. E' um episódio da história das Religiões, declara João Ribeiro.

Em um pequeno templo da província de Honan, florescia, outrora, um piedoso Bonzo. Santo, sábio, perfeito, vivia das

esmolas que lhe davam. E as suas horas tôdas passava-as em oração, sôbre um túmulo que existia por detraz do altar do templo. Era alí que sempre se achava o varão admirável. E era aquêle um lugar fecundo em milagres.

Ora, tinha êsse Bonzo um ajudante e mais um velho jumento. Como as coisas cada dia se tornassem mais difíceis, e as esmolas cada vez rareiassem mais, chamou, um dia, o Bonzo o seu ajudante, e assim lhe falou:

— Meu filho, as rendas dêste templo não dão mais para dois... Monta, pois, no jumento, antes que êle morra, e busca outra terra melhor, onde não haja fome nem carestia.

Montou o rapaz, e partiu à aventura, cheio de dor na alma, diante da ingratidão do mestre.

Certo dia, depois de estafadamente andar, o jumento estendeu-se morto. O rapaz ajoelhou-se junto à carcassa, e se pôs a resar e a chorar de puro desconsôlo. Sucedeu que, nêsse momento, passava na estrada um homem, com a aparência de louco ou de bobo. E foi êsse desmiolado quem aconselhou ao moço:

— Tira dêsse cadáver uma vida nova e excelente.

E como o rapaz não soubesse a maneira de fazê-lo, ensinou-a o bobo:

— Sepulta e cobre de terra a carcassa do asno, ajoelha-te em respeitosa distância ante o improvisado túmulo, e exora, com a demência de tua arte, a súplica a Buda, e a espaços vai dizendo aos que passarem por êste caminho: "Se em vossa vida e futuro quereis poupar-vos a desgraça, vinde e lançai um óbulo de caridade, para erigir-se aqui um templo sôbre a cova dêsse santo, dêsse justo varão, que aqui jáz sem pecados."

Isso, afinal, foi feito. E tanta esmola começou a chegar para o novo santo, que, em breve, o rapaz estava mais próspero do que o seu antigo mestre. Levantou um templo decente para a rendosa carcassa do asno. Enriqueceu e engordou. Ficou majestoso e solene.

E um dia quiz voltar, para visitar o velho mestre. Ao chegar, foi recebido como se fôra um bispo. E quando disse quem era, o Bonzo rejubilou pelas bençãos que Buda tinha dado àquele que fôra seu filho espiritual.

Ao chegar a conversa a certo passo, diz o rapaz:

"— Em substância os sábios não passam de uns inconscientes. A agudeza da mocidade é só a única capaz de criar alguma coisa nova. Eis-te aí, com as relíquias de um verdadeiro santo, a passares miséria, ao passo que eu tenho até

o supérfluo, com a só carcassa de um asno morto. Confessa, pois, que, com efeito, algo tens de aprender de teu discípulo.

"O velho examinou-o curiosamente, e, em voz grave:

"— Meu filho, respondeu, eu não te invejo o teu suntuoso templo, nem os luzidos altares, nem o eloquente primor da tua língua, nem os teus milhares de fiéis e conversos, nem ainda teu lindo enxame de raparigas, pupilas e noviças. E' êsse o fruto do teu trabalho. (E entre essas palavras estendeu o copo e fê-lo encher de novo.) Quanto ao mim, inspiro-me e esforço-me por mais alta perfeição. Mas que te não demasies muito com tamanho orgulho, a respeito da tua penetração e finura; e não te persuadas, pois, que a tua ciência é maior que a minha. A idéia que achaste, e que julgaste nova, é tão velha quanto aquela serra que lá vês ao longe, e é coisa que há e que sempre houve, aqui e em tôda a parte onde houve fé e houve crentes.

"E em seguida, meio a sorrir e entremostrando os dentes, o velho Bonzo apontou com o dedo para o túmulo onde estavam as santas relíquias, e disse baixando a voz:

"— Olha os ossos que alí estão... São da mãe do teu jumentinho!"

DOIS SANTOS RIVAIS

Ainda há, no *Crepúsculo dos deuses,* outro conto que se prende à religião. E' a história dos *dois rivais,* de A. Gugits. Numa igreja, existiam, defronte um do outro, São Pancrácio e São Dâmaso — e, enquanto o primeiro vivia a receber esmolas e dádivas de tôda a ordem, o segundo vivia ignorado e despresado por tôda a gente. Uma triste poeira o cobria.

Ora, certa noite, um falso mendigo entrou no templo. E, como a capela de São Dâmaso era um lugar de silêncio e abandono, para alí dirigiu-se o miserável. Sentou-se num degráu do altar, e começou a rir da imbecilidade dos fiéis e dos milagres de São Pancrácio. São Dâmaso observou-o. E cheio de irritação, remexeu-se, até cair sôbre o falso mendigo, fazendo-lhe um galo na testa. O ratoneiro tomou grande susto. E, esquecendo muletas, tiras e chumaços, saiu a correr a grandes pernadas. Logo a multidão clamou que era um milagre! E ao saberem todos o que tinha feito a imagem de São Dâmaso, passaram a ter por êsse santo aquela devoção, que até então haviam guardado apenas para São Pancrácio.

Em breve, era Pancrácio quem jazia ao abandono, sob a poeira triste, enquanto Dâmaso vivia a receber presentes e joias.

Veio um dia o grande calor e aquêle mesmo falso mendigo, que de novo esmolava, tornou a entrar na igreja. Como era agora a capela de São Pancrácio a aprasível e solitária, para lá se dirigiu, e pôs-se a contar o dinheiro. Reconheceu-o São Pancrácio e fêz o mesmo que tinha feito outrora São Dâmaso: pulou em cima do mendigo. Mas o seu gesto não deu resultado... A multidão reconheceu o falso mendigo e pensou mais numa tratantada do que num milagre.

"E deixaram ao pobre São Pancrácio jazer no pó.

"— Em verdade, para essa gente, não é milagre descobrir um refinado tratante (disse São Pancrácio com tristeza e surdos gemidos dolorosos.)

"O santo estava, com efeito, muito maltratado da queda, porque, longe de ser de madeira de lei, era de lenho ordinário. E quando foi pôsto na sua peanha e lá ficou, solitário e esquecido, piscou o olho para São Dâmaso, como dizendo:

"— Vale sempre a pena topar na vida com um tratante...

"E não acrescentou mais...

"— Mas quem maior milagre obrou, se São Pancrácio ou São Dâmaso, a êsse respeito as crônicas calam-se. E também para quê? Ninguém hoje acreditaria nessas coisas..."

CONTOS DE OUTROS ASSUNTOS

A morte de Pan, de Th. Kischner, é ainda um conto que se prende à religião. Trata-se de um episódio do século IV. E é essa página, afinal, a que dá o título ao livro todo.

As demais narrativas são de assuntos vários. *A tragédia de Romulo Augústulo* de Ernest Leubach, história cheia de ironia e bom humor, é uma sátira contra todos os que sonham erigir em gênio literário uma vasia mediocridade.

Os dois libertadores, da autoria dum judeu, Carlos Emílio Franzos, é uma história de judeus perseguidos e sofredores, que por duas vêzes foram salvos de castigos injustos por pessoas humildes.

Uma Senhora de minha idade é uma narração em meios tons, cheia de indicações sutis e coisas vagas.

Há, enfim, no livro, um conto *A la mar!* de Schmidt-Bonn. E' a história de dois camponeses, que foram arrastados num bloco de gêlo, numa avalanche do Reno. Presos alí, cada um achando que o outro é demais, vêm a odiar-se. Por fim morrem, um às mãos do outro, na sinistra solidão das águas.

Esta coleção de contos alemães foi a primeira manifestação que João Ribeiro deu, clara e vigorosa, do seu admirável talento de contador de histórias. Tôdas as traduções do *Crepúsculo dos deuses* têm a graça, o lavor, a perfeição de trabalhos originais.

A FLORESTA DE EXEMPLOS

Outro livro de contos de João Ribeiro — êstes originais — é a *Floresta de Exemplos*. (1) Consiste o volume numa sucessão de apólogo, de narrativas, que contêem um ensinamento, uma conclusão, uma consequência.

João Ribeiro escreveu essas suas pequeninas *estórias* quase dia a dia, para publicá-las na coluna do *Jornal do Brasil* e do *Estado de São Paulo*.

Êle tem, evidentemente, entre os clássicos portuguêses, uma viva predileção pelo Padre Manoel Bernardes. Delicia-se na malícia angélica do oratoriano. Foi relendo, talvez, alguma página da *Nova Floresta*, que lhe veio a primeira idéia de escrever o seu livro. "Também eu, que gosto de refluir à modéstia das fontes, mais do que à soberba dos rios que estão a desaparecer no mar, consegui ajuntar com aturada paciência uma selva áspera de exemplos que os tempos novos sepultaram em imerecido olvido. E propuz-me ressuscitá-los, sem embargo da párvoa ridiculez com que se acolhem as hervinhas humildes do meu inculto jardim."

Na Floresta de Exemplos, volve João Ribeiro aos tempos em que compunha as *Páginas de Estética*, o *Fabordão*, ou o *Crepúsculo dos Deuses*. Seu estilo torna a adquirir os mesmos boleios velhos dos velhos clássicos. Como que voltamos ao século de seiscentos ou ao de setecentos, ao convívio espiritual de Frei Luiz de Souza, de Dom Francisco Manoel de Melo, do seráfico autor dos *Exercícios espirituais*.

(1) — Editado no Rio de Janeiro, J. R. de Oliveira & Cia. (1931)

E o ambiente da *Floresta de Exemplos* é longo, multiplicando-se em muitos horizontes. — Ora é o mundo grego e romano, com a reedição, em língua portuguêsa, da deliciosa história da *Matrona de Êfeso*. Ora, é o império da Bactriana, "que fervia de gentes ociosas e desconcertadas." Ora é a cidade de Norimberga, ora a de Spandávia, ora a de Ferrara. O Oriente com os seus poetas e os seus profetas; o Ocidente com os seus sábios e os seus filósofos; as cidades e os desertos; o mar; os montes povoados de florestas e mistérios; tudo isso são os quadros em que se desenvolve esta *silva* de fecundas lições morais.

Sua fonte principal, nêstes contos, é a erudição. Mas, de vez em quando, êle recorre aos fatos diversos, às anedotas que a vida cria. Uma dessas estórias, por exemplo — o *Túmulo de Virgílio* — é uma anedota da vida de Alcindo Guanabara. Referiu a anedota o próprio João Ribeiro, em artigo do *Estado de São Paulo*, publicado em 5 de novembro de 1926.

SÃO BOEMUNDO

Acha-se também recolhida nêsse livro a *estória* de São Boemundo.

E' um conto escrito na mocidade. Fê-lo João Ribeiro no tempo em que, com Valentim Magalhães, Lúcio de Mendonça, Araripe Júnior, Luiz Delfino, Olavo Bilac, Rodrigo Otávio, Max Fleiuss e tantos outros, andou trabalhando na *Semana*.

Em março de 1894, abrira *A Semana* um concurso de versos e um concurso de prosa. A comissão julgadora do concurso de prosa compunha-se de Lúcio de Mendonça, Coelho Neto e Urbano Duarte.

Entre os contos que apareceram a julgamento, contaram-se três, que mereceram os primeiros lugares. Eram o *São Boemundo*, o *Serafim Tristonho* e o *In Extremis*. Os dois últimos pertenciam, respectivamente, a João Luso (que assinava *País das uvas*) e a Júlia Lopes de Almeida (que assinava *Away*).

A impressão que o *São Boemundo* causou no ânimo dos julgadores foi profunda.

Dizia Lúcio de Mendonça: "*São Boemundo*: — belíssimo, original e magnificamente escrito." Dizia Coelho Neto: "Um lavor. Como que senti, entretanto, evolar-se de todo êsse admi-

rável trabalho o pó de diamante com que Eça de Queiroz lapidou o seu solitário *Frei Genebro*. Lembrou-me estranhamente êsse conto; mas, por muito que pesquisasse, não encontrei afinidades sensíveis, donde conclui que a sensação literária que experimentei lendo êsse trabalho foi igual à que gozei quando tive em mãos o conto magistral do romancista português. *São Boemundo* vale bem *Frei Genebro*. E' um lavor, repito." Urbano Duarte assim se expressou: "Esplêndido; um primor. Todavia, convém fazer uma restrição, aliás indicada pelo próprio autor: a substância do conto foi bebida algures, o que evidentemente diminui o mérito de *invenção*. Sem embargo, tem alto valor literário."

São Boemundo trazia como assinatura esta palavra — *Kneipp* — e, como durante o concurso, João Ribeiro mantivera o maior sigilo sôbre o fato de ter enviado um conto a julgamento, a surprêsa de todo o *bonde* da *Semana*, ao ser revelado o segrêdo, foi imensa.

Como prêmio de seu trabalho, recebeu João Ribeiro um quadro de Amoedo — *A Faceirinha* — pintado especialmente para o concurso. Êsse quadro foi-lhe entregue pelos amigos, em um jantar que, no domingo seguinte ao da decisão do prêmio, João Ribeiro ofereceu na sua própria casa.

O número 46 da *Semana*, publicado em 16 de junho daquele ano, trouxe o conto admirável. Vinha acompanhado da seguinte nota: "A substância dêste conto é uma lenda medieval, escrita pela primeira vez em latim, pelo monge Coinsy (século XIII). Posteriormente, foi com variantes tratado por vários escritores e acha-se incorporada em várias coleções rabelaisianas. Servi-me do assunto quase histórico e escrevi o conto juntando episódios novos. A interpretação artística é minha".

Devo talvez acrescentar que a êsse concurso da *Semana* apresentaram-se outros candidatos que obtiveram menções. Entre êsses contava-se Rodrigo Otávio, que apresentara o seu conto — *Coisas de outro tempo;* e Escragnolle Dória, que mandara o seu trabalho *Caminho de pedras*.

UM CONTO DE NATAL

Nessa mesma tendência, entremeio de religião e erudição, escreveu João Ribeiro ligeira narrativa, das mais características que publicou. E' um conto de Natal, aparecido em um artigo do *Jornal do Brasil*, a 26 de dezembro de 1926. Trata-se, adverte João Ribeiro, de uma lenda recolhida por John Mandville do folclore inglês. Eis como o escritor brasileiro interpretou a página do autor britânico:

"Naquele dia memorável, conta-se que uma pobre rapariga, acusada de haver cometido um crime de morte, ia espiar, queimada viva, a culpa que lhe atribuiam.

"Preparavam uma fogueira na terra árida e ressequida perto da aldeia. O povo, em ajuntamento, assistia ao sacrifício da vítima, que todavia protestava inocênca.

"Mas, corações endurecidos, povo e soldadesca não queriam prestar ouvidos e antes se precipitavam uns sôbre os outros, para testemunhar a vingança da sociedade ofendida.

"Armou-se a fogueira com pesados lenhos, que muitos, interessadamente, traziam para o fúnebre espetáculo.

"Quando tudo estava pronto e a vítima foi arrastada ao lugar do suplício, atearam fogo. As chamas, porém, entreabriram, poupando a rapariga e sem lamber-lhe as vestes. As línguas de fogo recolheram-se, minguaram e desapareceram subitamente. Todos, atônitos, anceiavam pelo sentido daquêle mistério.

"E' que nêsse momento estremecia o mundo com outra maravilha ainda maior. A terra escura e ressequida cobriu-se de relva, formando uma alfombra verdejante e sem fim. Os lenhos da fogueira, que já queimavam, começaram a brotar rosas vermelhas, no lugar do fogo, e o resto do madeiro, alí empilhado, abriu-se em rosas brancas alvíssimas.

"Foi grande a admiração do povo, que logo prorrompeu contra os algozes daquela inocência, com muita algazarra e alarido de vozes.

"Era noite já quando se consumava o milagre. Naquela hora, não longe dali, sorria sôbre a palha da mangedoura a Virgem Mãe de Deus, esperando, intemerata e feliz, a hora mais sublime da sua vida. Foi êsse o primeiro milagre da Redenção."

O ENDEREÇO DE ALGUNS EXEMPLOS

Muitos dêsses *exemplos*, que João Ribeiro recolhia à sua *Floresta*, tinham um enderêço determinado. Há uma pequena

história — a *Legítima cravelha* — que se destinava a certo foliculário talentoso mas impertinente, que na ocasião vivia a agredir a Academia. Há outro — o *Riso Amarelo* — que põe em destaque a atitude que também diante da Academia tomou certo candidato por ter sido repelido pela instituição...

Na impossibilidade de dar outros modêlos perfeitos da arte de narrador de exemplos que possuia João Ribeiro, darei aqui essa página cheia de malícia e finura que é o *Riso Amarelo*:

"Revolvendo papeis velhos e amarelecidos pelos séculos, topei com um antigo manuscrito da famosa Academia dos Singulares, consagrada, como se sabe, ao culto do gongorismo, praga poética do século XVII.

"E descobri alí, numa fôlha das suas atas, vários elementos de anedota literária assás curiosa.

"O caso passou-se, se é fiel a minha restituição, da seguinte maneira:

"Picado de traças, lepismas e carunchos, nem sempre é possível assegurar a fidelidade do conto.

"Por aquele tempo, certo poeta de algumas letras, chamado Ben Yoakin, eivado de sangue judáico (o que muito comprometia a justiça dos homens daquela época) queria a todo transe entrar para a Academia dos Singulares.

"Não havia excesso nessa pretenção literária, senão que o poeta era judeu e não aprazia a uma companhia ortodoxa.

"A Santa Inquisição, por seus familiares, impediu secretamente, quanto pôde, a admissão de um suspeito à fé e à religião.

"De resto, era demasiado jovem e poderia cometer algumas puerilidades, como a de cortejar pela *Gazeta de Lisboa* diàriamente os próceres da Academia, com impertinentes elogios.

"O certo é que o poeta foi rechassado como incréo, sem alusão à sua literatura.

"Repelido, Ben Yoakin imaginou um terrível plano de vingança eterna contra os Singulares, compondo epigramas e dísticos latinos de grande jocosidade contra o cenáculo.

"Ninguém escapou aos dísticos: um dêles, mal traduzido, diz assim em pé quebrado:

Aquêle sujeito meio asnático
é o gramático.

"E assim discorria, um a um, beliscando ou malferindo os acadêmicos de sua particular ogeriza.

"Sinto que a minha latinidade seja muito pouca para verter em linguagem as argutas sátiras de Ben Yoakin.

"Tôda gente aplaudia aquêles revides engenhosos e engraçados e constantes.

"Um poeta do cenáculo empreendeu responder com outros dísticos apropriados ao caso e às circunstâncias.

"Foram muitas as respostas e seria fastidioso repetí-las.

"Apenas uma me parece melhor que as outras e, fazendo da fraqueza fôrça, apresento esta tradução:

Ben Yoakin não ri, certo é que chora,
Porque bateu, porém ficou lá fóra.

"Confesso que não é verso, mas é verdade.

"Ben Yoakin ficou sempre de fóra, não logrou transpor os umbrais da Academia dos Singulares, que nêle perdeu o gênio que lhe faltava, e, se o seu riso é pura lágrima, como disse o acadêmico, isso é um problema ainda obscuro.

"*Risus in lacrymis vertit*, diz também um satírico antigo, mostrando que por vêzes o humorismo é capa de grandes melancolias.

"Se eu fôsse do número dos Singulares, promoveria a sua introdução naquela assembléia clássica, que devia seguir o consêlho de Frei Luiz de Sousa, pondo acima de tudo "a vaca e o riso."

DOIS ROMANCES ESBOÇADOS

Creio que as principais criações de João Ribeiro, como autor de ficção, seriam os dois romances que ficaram incompletos: as *Recordações de D. Quitéria* e a *Vida do Padre Antônio*.

As *Recordações de D. Quitéria* formam um romance solto, fragmentário, caprichoso. Nessas páginas não há um plano sistemático: há o passeio divertido de uma fantasia volúvel. Não há a severidade das linhas de uma rígida construção arquetetônica: há os desvios, os sinuosos rumos, as delícias contemplativas e risonhas de uma imaginação que brinca consigo mesma.

Leitor de Xavier de Maistre e de Anatole France, de Sterne e de Machado de Assis, João Ribeiro seguiu o processo que em alguns dos seus livros tiveram êsses romancistas. No

livro de D. Quitéria não procuremos a lógica da ação. Não queiramos encontrar, siquer, aquela distância, aquela ausência, que segundo o conselho de Flaubert, cada escritor deve manter em suas narrações. Nada disso: João Ribeiro intervém como um sêr soberano, entre os sêres que cria. E não é como um outro sêr de ficção que intervém. Não! E'o escritor João Ribeiro, o crítico, o comentador, que a todos os instantes se mete entre os seus personágens, para explicar-lhes certas obscuridades da vida, certas omissões da biografia. Artifício de erudito! Foi assim, com essa mesma sutileza de bibliógrafo, que comentou a *Arte de Furtar* ou os *Satiricos Portuguêses*...

João Ribeiro não chegou a escrever integralmente essas *recordações*. Tendo-as interrompido, seus amigos pediam-lhe frequentemente que terminasse a obra. Êle sorria e respondia vagamente:

— Está bem. Qualquer dia eu retomarei o livro, e farei com que D. Quitéria sofra um acidente. Ela morrerá em consequência, e o livro acabará sem dificuldade.

O acidente abreviador do romance nunca se registrou, e o criador morreu antes de matar a sua criatura. Maliciosa e sutil, como era, D. Quitéria talvez esteja a esta hora sorrindo para João Ribeiro o mesmo sorriso com que costumava fulminar as bilontrices do Desembargador Cantidiano.

João Ribeiro começara a dar as *Recordações de D. Quitéria* na *Revista do Brasil,* durante a primeira fase dessa revista. Mas interrompeu logo depois a publicação. Na segunda fase, em que apareceu sob a direção de Pandiá Calógeras, Alfredo Pujol, Afrânio Peixoto e Plínio Barreto, foi que a *Revista do Brasil* trouxe, nos seus números 3, 4 e 5, tudo o que existia das *Recordações de D. Quitéria.*

Da *Vida do Padre Antônio* resta-nos apenas o primeiro capítulo. Publicou-o a *Revista da Academia Brasileira,* no seu número 91. E' um modêlo de graça ornada, de finura e aticismo.

O NARRADOR DE APÓLOGOS E DE ANEDOTAS

Êste esboço de João Ribeiro contista, que venho tentando fazer, ficaria talvez incompleto, se eu não voltasse ao sutil resumidor de lendas ou de apólogos, ao exímio contador de anedotas, que nêle existia.

Creio que para dar a impressão exata de João Ribeiro, nêsse terreno, o melhor que tenho a fazer será extrair, de um ou outro dos seus livros, e principalmente de alguns dos seus artigos avulsos, algumas páginas que me pareçam mais características.

Vejamos, pois, algumas dessas suas anedotas.

ANEDOTA DO REI E DO CAMPONÊS

"Li há muito que Tennyson gostava a mais não poder de três anedotas populares, que costumava repetir.

"Uma delas era a de um campônio de extraordinária parecença com o Rei da Inglaterra, e a quem o rei disse:

"— Sua mãe teria vindo à côrte alguma vez?

"— Nunca. Mas, Senhor, meu pai veio muitas vêzes...

"Esta história tão do agrado de Tennyson revelava bem o seu orgulho." (1)

O ROUBADO OU O LADRÃO

"Certa vez dois sujeitos foram apresentados um ao outro.

"Depois dos cumprimentos do costume, um dêles disse para o outro:

"Tenho lembrança de ter lido o seu nome nos jornais, a propósito de um roubo de cinqüenta contos. Mas não me recordo agora se era o senhor o roubado ou se era o ladrão." (João Ribeiro acrescentava que essa era a anedota que Raimundo Correia julgava a melhor de quantas tinha ouvido.) (2)

COMPRAR FIADO

"Contam de um espanhol que, estando em artigo de morte, os seus amigos compassivamente o rodeavam.

---

(1) — *Jornal do Brasil,* 1-6-1926.
(2) — *Jornal do Brasil,* 1-7-1928.

"Um dêles acaso, disse:

"— Se vende Madrid.

"E o moribundo (que já havia perdido a fala) erguendo a cabeça, gritou:

"— Fiáo, io compro!

"Virou para o outro lado, e morreu." (1)

OS PECADOS DE D. ANTÔNIO

"Dizem de D. Antônio, o arcebispo do Brasil, homem casto e nobilíssimo, que, sendo ainda seminarista, costumava lançar ao papel as culpas que ia cometendo, a fim de que o inventário delas fôsse completo nas confissões.

"Surpreendeu-o um dia malicioso colega, que lhe arrebatou das mãos o papel.

"— Sr. Reitor, foi queixar-se D. Antônio, carregaram-me os pecados!

"O Reitor, mal contendo o riso ante a simplicidade do piedoso discípulo, e confiado nêle, consolou-o com estas palavras:

"— Meu filho, só há um remédio: cometa de novo os pecados que lhe furtaram." (2)

A FÉ

"Vai por muitos anos, nas terras do Norte, andava uma missão de capuchinhos italianos no serviço da salvação das almas.

"Imaginaram êsses piedosos frades que seria um espetáculo persuasivo da catequese celebrar ao vivo a paixão de Cristo, com todos os seus passos lacrimosos.

"Arranjaram, como foi possível, alguns apóstolos, judeus e soldados romanos de capacete e lança em punho.

"O José caboclo, amarrado a uma cruz, servia de Cristo. O efeito teatral foi surpreendente, e muitas lágrimas se derramaram com o lutuoso espetáculo.

(1) — *Jornal do Brasil*, 27-5-1928.
(2) — *Correio do Povo*, 20-8-1890.

"Na hora sombria do Calvário, o soldado romano fazia chegar com a lança uma esponja de fel à boca de Jesus.

"Por deferência, porém, a José caboclo, achou-se prudente substituir o fel amargo por cachaça forte.

"O José caboclo, é fácil imaginar, sorvia avidamente a esponja, e para estimular o soldado romano, dizia baixinho, do alto da cruz:

"— Mais fé.

"Para satisfazer a essa infinita amargura, foi preciso abrir um alambique próximo naquêle santo dia fechado em piedosa homenagem à Sagrada Paixão.

* * *

"Quando o tiraram da cruz, José caboclo estava realmente morto; e coisa que foi muito mais impressiva para a fidelidade histórica, ressuscitou fàcilmente no dia seguinte.

"A ressaca foi tida por um milagre assombroso, e creio que desde êsse momento o José foi incorporado definitivamente à santa missão dos capuchinhos.

"Daqui a um século, dada a confusão do tempo e das histórias, José talvez esteja canonisado." (1)

(1) — *Cartas devolvidas*, pág. 220.

III

A CRITICA DE JOÃO RIBEIRO

I

AFIRMAÇÃO DE UM CRÍTICO

CONSELHO AO LEITOR DE JOÃO RIBEIRO

Em uma de minhas notas de leitura, encontro a seguinte observação: "Conselhos para ler João Ribeiro. O primeiro: "O estilo é o homem. Em todo o documento humano há sempre o pensamento que o autor pensa e o pensamento que o autor evitou." (1) O segundo: "Em tudo o que digo, há o que não digo". (2)

E, realmente, êsses me parecem ser os únicos preceitos certos, para nos guiarmos através dêsse labirinto misterioso e sedutor, que é a crítica de João Ribeiro.

Certamente, êle diz alguma coisa; mas, sobretudo, deixa de dizer muita coisa. E o seu espírito, reticente, dubitativo, amigo do vago, da nuance, move-se, aqui, entre as formas, as idéias, as opiniões, com o tênue e o crepuscular das sombras que Ulisses achou no vale dos mortos.

A verdade é que não é possível exigir que êle leve muito a sério a crítica... sobretudo a crítica para o Brasil... Está convencido de que aqui, na terra brasileira, ainda não chegamos à idade da crítica, e não tem dúvida de que por ora não transpusemos a longa idade heróica, em que o homem só sabe exprimir-se em poesia...

"Nessa época milenária, as nossas realidades são bem poucas. Vivemos entre mitos. Nós todos somos mitos: mitos literários, políticos, científicos, sociais, de tôda a espécie." (3)

---

(1) — João Ribeiro, artigo sôbre o Padre Sena Freitas, num folhetim da *Época*, 1888.
(2) — *Cartas devolvidas*, p. 93.
(3) — *Revista da Semana*, 1-11-1923.

INCOERÊNCIA E INCONSTANCIA

Primeiramente, cumpre estabelecer que, na crítica, como em tudo o mais, João Ribeiro é um ser essencialmente mobil e inconstante. Bem o sabe, e não tem dificuldade em sorrir para as suas contradições.

Num artigo sôbre Gustavo Freytag, elucida-nos a êsse respeito. Exalça as incoerências do escritor alemão, e o que então diz serve perfeitamente como um documento de auto-crítica. "A verdade — escreve então — é que êle (Gustavo Freytag) não foi muito fiel às suas próprias opiniões. E' que estas sempre estão mais na agitação externa do que no próprio ser; a opinião sobretudo política é uma onda, uma vaga que chega de fóra. Que culpa há se o mar é tempestuoso e as vagas são muitas? Por isso êle era pelo direito de arrepender-se." (1)

E é então que interpreta um trecho do autor alemão que está estudando, trecho no qual encontramos o seguinte:

"Pois não devemos perdoar aos nossos inimigos? Porque então não nos perdoarmos a nós mesmos? a coerência é um dado do homem antigo, quando cinqüenta anos eram apenas o suficiente para ler dois autores e ir à Itália com o risco de não voltar com vida. Medido o nosso pelo tempo dêsse homem primogênio, cada um de nós vive hoje três ou quatro séculos..."

A mesma valorização da incoerência ou da contradição seria fácil encontrar nêle em outras passagens. Ouçâmo-lo, em uma observação feita à margem de Nietzsche: "Não é difícil apanhá-lo em contradição, como o faria uma crítica estreita e mesquinha; o mais certo seria e é, apanhá-lo em progresso e inconstância." (2)

RAZÕES DA INCONSTANCIA

Qual será, porém, a razão dessa inconstância? Qual será a razão dessa tendência a oscilar, indolente, entre as idéias

(1) — *Fabordão*, pág. 95.
(2) — Idem, pág. 18.

e as coisas? Qual será a razão dessa mobilidade, que deu um tom tão especial à crítica de João Ribeiro?

Se eu tivesse que responder a essas interrogações, diria que não há sòmente uma causa para explicar o gênero de crítica dêsse escritor. Há, sim, várias e múltiplas causas.

A VOLUBILIDADE

Há, primeiramente, o feitio pessoal — a volubilidade — que foi o traço talvez essencial do seu espírito. João Ribeiro passeou sempre, entre as formas de arte e as idéias. Foi, como já vimos, pintor e músico, escultor e homem de letras. Na literatura flutuou entre inúmeros gêneros. Enfim, na própria vida, era de temperamento móbil, e não suportava as linhas rígidas. Sua conversa era um cavaquear discreto e sempre renovado, entre mil assuntos diferentes.

Essa mesma orientação de sua vida e de sua arte êle a imprimiu à crítica.

Começava não acreditando nos sistemas.

Relativista em tudo, compreendia que a finalidade da crítica, principalmente num país de literatura precária como é o Brasil, num país de autores modestos, tem que ser a da simples orientação, a do simples conselho. Para que entregar armaduras de gigantes a pigmeus? Um país que possuisse uma grande e austera crítica, sem possuir grandes autores a estudar, que outra impressão poderia dar-nos, senão a daquele homem de quem fala Luciano, o homem que, sendo aleijado, calçava lindas sandálias nos toquinhos que trazia no lugar dos pés?...

NECESSIDADE DE COMPREENDER

Há, em segundo lugar, a sua necessidade eterna de compreender. "O homem se cansa de tudo, menos de compreender", disse um escoliasta de Virgílio.

Diríamos que João Ribeiro é o homem incansável dêsse antigo escólio. Todo o esfôrço de sua longa vida mental consistiu num trabalho sem interrupção para entender tudo. Ia além: diríamos que deseja *concriar* ao lado de cada artista

ou ao lado de cada pensamento. Sua crítica tôda se norteia nêsse rumo, e parece não ter outra finalidade.

A CARIDADE

Um terceiro elemento, que servia também para dar à sua crítica o caráter de mobilidade e inconstância, era a sua natural tolerância, aquilo que Lemaitre chamava a *caridade* da inteligência.

Tôda a vez que tomava da pena para fazer uma apreciação sôbre alguém, João Ribeiro ficava a considerar em mil coisas: nos sonhos dos autores... nas esperanças que êles sempre têm de alcançar algum êxito... na confiança dêles nas admirações do público ledor... na certeza melancolicamente incerta que têm do louvor dos críticos... Era-lhe difícil resistir à fôrça dêsses imponderáveis.

Daí, a sua brandura, a sua ironia afetuosa, o tom generoso com que aceitava e em que confundia tôdas as idéias e todos os homens... Daí, numa palavra, a sua eutrapelia renaniana ou nabuquiana... Ou, se quizermos falar com Lemaitre —daí a *caridade da sua inteligência*...

DESCRER DA CRITICA

João Ribeiro, que não acreditava na crítica, descria, muito especialmente, de suas faculdades de crítico. Disse-o infinitas vêzes. "Não julguemos para não sermos julgados!" Tal parece ser o conselho prudentíssimo que aos seus ouvidos sôa sempre. E, crítico de uma atividade que se prolongou durante uns bons cinqüenta anos, jamais quiz crer que alguns dos seus trabalhos dêsse gênero tivessem uma utilidade mais do que transitória.

E' que João Ribeiro receia os êrros da crítica. Sabe que cada autor tem a sua trajetória... Muitos parecerão subir e perder-se nas alturas, e entretanto falham e desaparecem sem deixar lembrança... Outros, que pareciam medíocres, com o correr do tempo afirmam-se como gênios... Jeffrey recebeu Wordsworth com a comiseração que poderia ter tido para um

mentecapto. No século XVII houve quem colocasse o autor da *Ulisséia* acima de Camões...

Num artigo delicioso e melancólico sôbre os seus próprios livros, tem êle êste julgamento de rara severidade: "Há coisas que não me merecem confiança alguma. São as minhas críticas. São inteiramente inúteis e passariam como as rosas de Malherbes, se algum dia fôssem rosas"... (1)

Essa severidade não era afetação, nada tinha de atitude. João Ribeiro deixou uma quantidade tal de artigos de crítica, comentários e estudos, que, sòmente com isso, poderíamos formar uma pequena biblioteca. Já no leito em que havia de morrer estava êle, quando um dos seus amigos que mais o amavam lhe ouviu uma confissão amarga... — Achava-se velho e cansado... Sentia que não daria mais nada... No seu desconsôlo, queixou-se assim:

— Só êste trabalho de fazer o *Registro Literário do Jornal do Brasil*, você não pode imaginar o que seja para mim... E' horrível fazer crítica!

O amigo perguntou-lhe se, reunidos em volume, os seus artigos de crítica poderiam dar assim uma dúzia de livros. O velho escritor sorriu o seu sorriso filosófico e respondeu:

— Uma dúzia... Pode botar uns trinta livros nisso.

Trinta volumes! E, contudo, João Ribeiro nunca se dispusera a publicar um só!

ACEITAÇÃO DA MEDIOCRIDADE

Enfim, eu encontro um último elemento, para dar à sua crítica o caráter tão particular que ela possuiu. Era a sua única convicção de crítico — a convicção de que tôdas as coisas estão bem, estando como estão. Para João Ribeiro, realmente, nunca deveria entrar nas cogitações de um homem a idéia de que os fatos poderiam ser diversos daquilo que são.

A verdade, para êle, é que os maus autôres também têm a sua utilidade — e que utilidade grande! Para êle, a verdade é que os homens medíocres também têm o seu papel a desempenhar na vida... Ao crítico deve caber tão sòmente a tarefa de situar cada um onde deve ficar, e louvar cada um pelo que possa fazer e produzir. Se o esfôrço é honesto, que im-

(1) — *Boletim de Ariel*, janeiro de 1933.

porta seus frutos sejam humildes? Por que havemos de depreciar o poeta que, não tendo gênio para cantar os encantos de Beatriz, nem para descerrar aos nossos olhos os majestosas painéis do paraíso, inventou uma doce cançãozinha para imortalizar os seus amôres com a menina obscura do seu bairro?

CRÍTICA PARA O BRASIL

Acrescente-se a infinda amargura que é essa *corvée* de ter de fazer crítica... no e para o Brasil.

João Ribeiro exprime, dez, cem vêzes, a angústia dessa condenação.

Darei como modêlo dos seus queixumes, nêsse sentido, o preâmbulo que escreveu para a sua crônica do *Imparcial*, no dia 22 de abril de 1918. Ei-lo:

"Um dia dêsses que passaram, estive a pensar na minha benevolência.

"Os nossos intelectuais por vêzes se ocupam das minhas supostas severidades. Mas, entre mim, simulando um enorme público todo ouvidos a escutar-me, puz esta questão:

"— Quem é que lê a literatura nacional?

"E no profundo silêncio uma voz apenas, apagada e trêmula, arriscou uma resposta:

"— Eu.

"Era minha a voz, já rouca de apregoar no leilão das vaidades.

"Sem dúvida, os nossos intelectuais lêem Anatole, Renan ou Bordeaux, abrem os nítidos "magazines" americanos e buscam os artigos de van Dike, de Galsworthy...

"Mas eu, só eu, leio o Joaquim Bastos, o Manoel de Souza, o Antônio da Silva...

"E a êsse favor sobrehumano me pagam com todos os reproches de atrabiliário, detrator das nossas glórias, aquêles mesmos que fogem, como demônios, da cruz que carrego.

"Vamos, enfim, a êsse eterno desenganar de iludidos, que ainda crêem no messianismo da crítica.

"Começa o Calvário. A subida é íngreme e aspérrima."

* * *

Êsses vários elementos, outros ainda, talvez, entraram na composição da crítica de João Ribeiro. E deram-lhe, afinal, êsse caráter de inconstância, de brandura, de tolerância irônica, quase humorística, que no Brasil sòmente êle teve.

A CRÍTICA E TOLSTOI

Nessa sua animadversão para a crítica, estava João Ribeiro ao lado de grandes autores. A crítica tem sido a cidadela triste, exposta à fúria de valentes hostes inimigas.

Poucos a terão agredido, entretanto, com o furor e o clamor de Leão Tolstoi. Aferrado às suas crenças místicas, certo de que a arte só pode ter um critério definitivo, e que êsse critério é a *consciência religiosa* do homem, o grande romancista russo exaspera-se e trôa contra a crítica, contra o espírito crítico. Enxerga, na arte contemporânea, uma decadência evidente e melancólica; em primeiro lugar, está o profissionalismo da arte, em segundo lugar está a crítica, em terceiro lugar está a falsificação da arte.

Tolstoi não crê que um crítico possa explicar coisa alguma da obra de um gênio. Segundo ensina, o fim essencial de uma obra de arte é transmitir certa ordem de emoções e de sentimentos. Isso o escritor, o poeta, o artista, se encarrega de fazer diretamente, ao contato com aqueles que o lerem, que lhe contemplarem a obra... Qual a missão, portanto, do crítico? Explicar? Mas explicar o que êles próprios não sabem? Assim diz Tolstoi, e assegura que os críticos são homens pervertidos e incapazes — menos acessíveis que quaisquer outros ao contágio da arte...

Ouçamos, aqui, algumas de suas palavras: "Nada tem contribuido tanto, nem tanto contribui, para a perversão do público, quanto as autoridades que a crítica apregoa. Um homem produz uma obra de arte em que expressa, à sua maneira, um sentimento que êle próprio experimentou. O seu sentimento transmite-se aos outros homens, e a sua obra atrai a atenção. Mas então a crítica, defendendo-se, declara que, sem ser má, essa obra não é digna de ser comparada com a de um Dante, a de um Shakespeare, a de um Gœthe, a de um Rafael, a de um Beethoven... E o artista jovem volve ao trabalho, para copiar os mestres que lhe são apontados, e produzir obras que são, não sòmente fracas, porém raquíticas, não sòmente falsas — mas *falsificações da arte*."

UTILIDADE DO CRÍTICO

Eis a doutrina de Tolstoi, que podemos aceitar em parte. Entretanto, não é preciso aceitá-la em sua totalidade.

Tolstoi falava do ponto de vista do talento absoluto, do gênio. E para êste a crítica é, realmente, inútil. Que importou a Wagner que lhe negassem alguns críticos, que de maneira nenhuma o compreendiam — e entre êstes está o próprio Tolstoi —, o gênio vasto e a obra clara e soberana? Que importou a Stendhal os seus contemporâneos o desconhecessem, o ignorassem?

Mas se isso acontece com o homem de gênio, não acontece com os homens medíocres, ou com aquêles que, tendo algum talento, não alcançam os cimos da grandeza humana. Para êstes, o crítico é um amigo útil e diligente. Esclarece os caminhos, interpreta as feições do gôsto e os segrêdos da arte, leva o autor criticado à compreensão e à intimidade do leitor. Não é alguma coisa isso?

Há, além disso, uma relação a considerar, existente entre os autores e o público para o qual êles escrevem: é a relação estatística... se assim posso dizer. Num meio em que um autor possa chamar um grande número de leitores ou de admiradores para a sua obra, num país de cultura, a crítica pode ser inteiramente posta de lado; em tal meio, cada leitor, cada indivíduo que frequenta uma escola, um museu, um salão de arte, deve ter a soma de conhecimentos e a capacidade de análise que o habilite a justamente opinar sôbre o livro que tem nas mãos, o quadro que contempla. Mas nos países de civilização incipiente, cheios de analfabetos, a coisa é muito diversa. Em tais países o crítico é necessário, é, às vêzes, imprescindivel. E a verdade é que a tarefa que êle encontra em tais meios — pobre tarefa de mestre-escola! — é bem modesta e bem humilde!

João Ribeiro o sabia por experiência própria.

A CRÍTICA NO MUNDO ATUAL

Contudo, o exercício honesto da crítica é um dos grandes momentos da civilização contemporânea. Para que a crítica chegasse a existir, fôsse o que é hoje, produzisse livremente os frutos que produz — que longa caminhada entre intolerâncias, sacrifícios, martírios de tôda a ordem, foi preciso fazer aos mais belos espíritos!

Em todos os tempos a intolerância dos homens que representam as idéias vitoriosas esmagou as índoles audazes que ousaram investir as cidadelas do preconceito. Só as perseguições aos que livremente pensaram, feitas na defesa das idéias de Aristóteles, dariam para encher livros.

Um homem que teve na crítica uma situação a que nenhum outro atingiu, o Santo Thomaz de Aquino da idade contemporânea, como lhe chamou Anatole France, dizia: "Sòmente a raros foi concedido o dom da verdadeira crítica. Êsse dom chega a se tornar gênio, quando, no meio das revoluções do gôsto, entre as ruínas de um velho gênero que se esborôa e as inovações que vão sendo tentadas, se trata de discernir, com nitidez, com precisão, sem nenhuma fraqueza, o que é bom e o que está destinado a viver... A natureza cria o grande crítico, exatamente como confere a alguns homens o dom de serem obedecidos. Outros influem mais sensivelmente, agitam-se, excedem-se, arrebatam: o verdadeiro juiz, o verdadeiro crítico, êsse, com poucas palavras, restabelece o equilíbrio da balança." E acrescenta, com sutileza: "Será bom que haja no crítico um poeta: o poeta tem o senso mais vivo da beleza." (1)

De João Ribeiro, sabemos que êle possuia êsse último requisito exigido pelo mestre dos *Lundis* ao verdadeiro crítico: o de ser um poeta.

Mas teria êle, também, os demais requisitos, necessários para a composição de uma fisionomia complexa e cheia de mil facetas, como a queria Sainte-Beuve?

E' o que tentaremos examinar, no correr destas linhas.

INÍCIOS DE UM CRÍTICO — A FASE DA ÉPOCA

João Ribeiro inicia a sua atividade de crítico em 1888, na *Época*. Assina alí os artigos com o pseudônimo de *Nereu*.

Começa por discutir um grande tema: *o naturalismo*. E' a escola que, no momento, vem da França, e começa a ter no Brasil os seus epígonos.

(1) — Sainte-Beuve — *Chateaubriand*, 2.º vol., pág. 115.

João Ribeiro não a aceita. Nega que o *naturalismo* seja uma escola literária. O sistema de Zola não representa aos seus olhos *filosofia nenhuma*: é uma síntese sem materiais que a autorizem. Cita Alencar, e assegura que a um escritor romântico será dado fàcilmente tornar-se um romancista naturalista. Fala "na reação gloriosa e vencedora com que, a tôda a hora, o homem sobrepuja a animalidade." E, forte na sua cidade de reação, exclama: "Venha a verdade, embora ocasionalmente horrorosa; a Judas que foi verdadeiro, oponho Jesus que também foi verdade." (1)

Vemos quanto é frágil o seu julgamento acêrca de uma escola literária que afinal estava destinada a dar, não sòmente ao Brasil mas ao mundo todo, as mais belas obras de criação literária no século passado.

Mas João Ribeiro passa a outros assuntos, e já a sua argúcia, a sua penetração se fazem sentir.

Comenta a biografia de *Frei Camilo de Monserrate*, escrita pelo Barão de Ramiz Galvão, e a classifica como excelente; o trabalho lhe parece uma *restituição*, uma *excavação arqueológica*. Louva o *probo* labor do escritor que o compôs. E conclui: "Foi da condensação metódica de todos os informes tradicionais ou escritos que o douto biógrafo arrancou essa história palpitante de vida, iluminada pelo fulgor do seu estilo sóbrio, alevantado e severo."

Estuda as *Observações críticas e descrições de viagem*, do Padre Sena Freitas. — João Ribeiro ama, evidentemente, o livro. Admira como um prodígio o espírito do sacerdote "que respira amplamente a heresia." Descobre-se com entusiasmo diante do varão da igreja... "Êsse sacerdote não tem o estilo dos seus confrades, parece mesmo que não os lê; escreve com a pena de Baudelaire e até de Zola; é naturalista nas expressões, especialmente no modo de arquitetar a frase. Fala em *sociologia*, que êle admite como ciência. Em certo passo exclama que "a sociedade caminha como um silogismo que se formula com tamanho vigor que, postas as premissas, a conclusão é inevitável." O estilo dêsse padre tem metáforas e belezas retóricas como esta: "Proscrever o ideal é uma espécie de *castração* intelectual"; refere-se depois à natureza sem *decotes* de observação deficiente, e algures fala de coisas *desvirginadas* e outras virgens, etc." "O padre Sena

(1) — *A Época*, 1888.

Freitas mediocremente elogia os luminares da Igreja, ao passo que tem exclamações de assombro para o gigantesco Darwin, para a mente enorme de H. Spencer".

João Ribeiro não crê, porém, na religião do Padre Sena Freitas. E corajosamente o diz: "O que me parece é que o padre Sena Freitas é bem pessimista, um cético, quase materialista, pouco parecido com um padre, e sem coragem suficiente para atirar no monturo essa batina que o tortura, que o torna hipócrita, deslocado entre os crentes e entre os descrentes."

Êsse é, em seus inícios, o modêlo de sua crítica. E vemos, pelos trechos citados, que não é uma crítica tímida. (1)

OS SETE DIAS

Na mesma ocasião, ou pouco depois, publica, no *País*, a sua sessão dos *Sete Dias*. E aqui a sua irreverência, a sua malícia, a sua crueldade apuram-se e afinam-se. D. Pedro II, Castro Lopes, Aderbal de Carvalho, o Visconde de Taunay são algumas da suas principais vítimas.

Mostra animosidade particular contra o poeta Rosendo Muniz. Trata-se do aparecimento de *Tributos e crenças*, um livro dêsse poeta? João Ribeiro classifica-o como sendo *uma jóia*. E assim conclúi a sua nota: "Dou parabens à literatura pátria por mais essa gema que lhe vai enriquecer o escrínio. Ao poeta, porém, mais cautela. Nessa terra de invejas, de *adesões*, e de maus instintos, bem pode ao poeta vir em castigo o seu melancólico vaticínio.

Não mais me obrigues ao penar de Tântalo
Poder tamanho
Quase que morro, alucinado, extático,
Mártir de um banho.

"Rosendo Muniz não morrerá. Êle há de viver agora e sempre para glória do presente e da posteridade." (2)

(1) — Todos os trechos citados acima são extraídos de artigos publicados na *Época*, em 1888 (*Crônica Literária*).
(2) — *O País, Sete Dias*, 3-5-1891.

COMBATE AOS NOVOS

Mas as maiores vítimas de João Ribeiro são, a êsse tempo, os chamados *novos*.

O Rio divide-se, literariamente, em duas cidades diferentes. Na primeira delas, reina, com um poder que ninguém contesta, Machado de Assis. E em tôrno do mestre congregam-se grandes nomes.

E a outra cidade é a dos simbolistas, dos decadentes, dos nefelibatas. O ídolo dela é Cruz e Souza... Os fiéis chamam-no, com mistério e quase com temor — *o poeta negro*... Em tôrno de Cruz e Souza reunem-se os corifeus da escola: Nestor Vitor, Gonçalo Jácome, Castro Menezes, Gonzaga Duque, Felix Pacheco, Carlos Dias Fernandes...

Os dois partidos trocam insultos, rugem blasfêmias, ameaçam ceus e terras, como numa batracomiomaquia tenebrosa e gigantesca.

João Ribeiro pertence aos arraiais de Machado de Assis. E' mesmo o porta-estandarte da reação clássica. E assim se expressa, com uma clareza que não é habitual em sua pena afeita à nuança e à brandura:

"Tenho notado que o *modernismo*, que é, raras vêzes, um sinal de excelência, é uma das faces mais comuns e triviais da estupidez. Os povos mais boçais, em regra, adotam e realizam as idéias mais recentes, em política, arte, literatura e ciência. A uma verdade antiga preferem, sem hesitar, uma asneira contemporânea."

Não se esquece, em quase cada uma de suas crônicas, de desancar um dos novos...

Eis o trecho de um dos artigos dessa fase:

"Fôlha corrida.

"Um dos *novos* meteu as botas no Sílvio Romero, que é tido como partidário de uma arte mascarada e vermelha, mas com organismos *metafísicos* (sic).

"Descalçadeira velha.

"Êsse diabo de *novo*, sem ortografia e sem as suas primeiras letras conscientemente estudadas, é um dos melhores da legião... mas nem mesmo entende o que lê.

"Provas:

"O *novo* lê que a Arte tem por objeto o Belo e o *novo* atalha: — Arte de burguês, que, quando compra um quadro, quer moça *bonita*.

"Êsse *novo* não sabe ao menos que o Belo não é o tal *bonito;* não sabe que o belo compreende o feio, o monstruoso e até o novo. Não sabe que existem as pífias chapas do *belo horrível*, que têm feito a fortuna de seis gerações, desde a de Francisco Manuel do Nascimento até à do Sr. Francisco Gonçalves da Rocha.

"O *novo* lê que "a arte e a moral são distintas" e entende que o Sílvio quer a arte moralizante, parvoice igual à da arte desmoralizadora. A arte e a moral são distintas, isto é, são entre si indiferentes, meu grandissíssimo *novo*.

"E quando o Sílvio cita Scherer, o novo abotôa os olhos e tira da língua a *haute nouvauté*, a apoteose fedorenta do grande... do grande... Eça de Queiroz!

"Pílulas, seu novo".

Diverte-se, em outra página, em pilheriar com as idéias de um certo erotismo artístico, que inspiram alguns dêsses novos. Não acredita nas *literaturas aristocráticas*. E mostra-nos que o gênio sempre foi compreendido pela multidão. Sófocles e Virgílio, Molière e Shakespeare, foram os ídolos da sua terra e da sua gente. Também o foi, da mesma forma, Gœthe. E êles eram gênios...

Essa mesma atitude de combate aos chamados *novos*, manteve-a João Ribeiro pouco depois, por ocasião da querela em que os parnasianos e os naturalistas se chocaram com os simbolistas.

NECESSIDADE DE RENOVAÇÃO

João Ribeiro viaja, estuda, trabalha em livros de cultura e erudição. Reside na Alemanha e na Itália. Vê e compreende novas civilizações.

Ao contáto com o gênio europeu, e depois das inúmeras excursões que fêz através da filologia, da gramática, do folclore, chega a reconhecer que as chamadas escolas literárias não passam de preconceitos. Seu espírito, que atingiu à plena maturidade, anseia pelo ar livre, pelas amplidões infinitas, pela independência integral.

E' com essa isenção de preconceitos, com essa espécie de catálise espiritual, que o vemos regressar ao Brasil, nos inícios da primeira grande guerra.

João Ribeiro vê o quadro mental de sua pátria. Observa-lhe as necessidades. Sente o que nêsse horizonte está falhando. derruído pelo tempo.

A CRITICA DO "IMPARCIAL"

E' com êsse espírito de renovação e de desafôgo que assume a coluna de crítica do *Imparcial.*

Contradição dos destinos! Aquêle homem, que ha pouco viamos combater os *novos,* encastelado na cidade dos clássicos, aquêle que fôra, até então, o campeão de Frei Luiz de Souza, o ledor incansável de Bernardes, de D. Francisco Manuel de Melo, de João de Barros e de Bernardim Ribeiro — é agora o arauto que está à porta da cidade literária para saudar o aparecimento dos moços.

Exercendo a crítica no *Imparcial* a partir de 1917, João Ribeiro tem uma boa palavra, uma palavra de compreensão, para cada escritor que estuda, sobretudo se se trata de um estreante de talento.

E ninguém se iluda: é dêle que provém, em última análise, êsse fecundo e largo movimento de renovação de idéias e de formas, que por aquela época começa a se esboçar no Brasil.

Foi êle quem, ainda em 1918, sentiu o drama da luta do espírito conservador contra o espírito revolucionário, em nossa terra. E anunciou-o altamente. Com efeito, por ocasião do aparecimento de *Estados de Alma,* de Gilka Machado, publicou João Ribeiro um artigo que pode ser classificado como sendo o manifesto do espírito renovador em nosso país, uma espécie de prefácio de Cromwell da libertação literária brasileira. Iremos encontrar êsse assunto estudado mais adiante.

BALANÇO DE UM ANO DE CRÍTICA

Foi a 1.º de abril de 1917 que, atendendo à insistência de várias amigos, à frente dos quais se achava Afrânio Peixoto, João Ribeiro deliberou aceitar uma coluna de crítica no *Imparcial.*

Assumiu o compromisso e lhe deu execução perfeita. No espaço de um ano, publicou cerca de sessenta folhetins, muitos dêles formados de vários estudos dedicados a diferentes livros.

Ao fazer um ano a sua coluna, publicou êle um artigo no qual podemos encontrar o roteiro da sua orientação de crítico, naquêle momento. Diz alí:

"Nada escrevi irrefletidamente nas minhas críticas, sem ler nem meditar os autores, quanto me bastava para um juízo seguro ou aceitável.

"Qual tem sido o resultado?

"Creio que não foi somenos nem despresível. Tenho certeza de não haver apoucado o que era grande, nem engrandecido o que era mesquinho.

"Busquei inspirar, na poesia, a necessidade de novas fontes, reduzidas até há pouco ao culto excessivo de um novo gongorismo métrico e da perfeição técnica — coisa excelente em si mesma, mas esconderijo certo e valhacouto de miséria, quando falta o sentimento...

"Os próceres do parnasianismo foram grandes, mas não podem responder pelo rastilho de imitadores ridículos e fatigantes.

"Na prosa pedi a simplicidade de expressão, que não exclue a beleza, a poesia e o ornato das imagens ou a veemência do sentimento. Não tive outro intúito que o de criticar com a mais entranhada severidade essa espécie de ênfase *meetinqueira* a que chamam — prosa artística ou literária — que não passa de decrépita e inchada retórica de mau gôsto, de péssimo gôsto, armada à descuidosa parlapatice dos néscios e dos incautos.

"Está aí nessas linhas a pequena planta do modesto edifício que me tracei: a necessidade de uma renovação poética e o comedimento e quase sensatez da linguagem literária."

II

IDÉIAS E OPINIÕES DE UM CRÍTICO

EXALTAÇÃO DA TOLERANCIA

Certo, ao lado dêsse prazer de acolher o que era novo, João Ribeiro tinha em sua crítica a virtude de uma tolerância sem fim — essa tolerância que êle tanto ama e louva. "O progresso — diz-nos — o progresso, que é sempre abençoado em tudo, trouxe essa doce fraqueza que é a tolerância, virtude própria do ceticismo, das corruptas Babilônias. E é pela tolerância apenas, e só por ela, que se consegue um pouco de tranqüilidade essencial à meditação e ao estudo." (1)

Na sua tolerância extrema, vai até a aceitar as imitações — e talvez mesmo os plágios. A imitação flagrante — ensina êle — não exclui o dom da originalidade. Êste não consiste apenas na ausência da imitação. E é a própria noção de *escola* literária, ou da *moda*, que envolve essa conformidade de traços fisionômicos, que às vêzes dão às produções de dois ou mais autores um certo ar de família.

E' que João Ribeiro olhava como se estivesse em Sirius os pobres pigmeus que somos nós... Admirador ardente dos sêres de exceção — daquêles que, como Pico de Mirândola, "corajosos e incoercíveis entram pelo futuro, antes do tempo, rasgam a certidão de idade e mandam às favas a Moralidade da geração retrógrada em que nasceram" — que atitude haveria de ter diante de nós outros, homúnculos que somos?

(1) — *Fabordão*, pág. 32.

O OUTRO LADO DA BENEVOLÊNCIA...

Mas não convém confiar em excesso na doçura de sua ironia... Seu gesto de desdem às vêzes esconde uma palmatória irritada...

Não raro, a sua irritação chegava às raias da crueldade. Vejamos alguns dos seus julgamentos ácidos. Êste, sôbre o Visconde de Taunay:

"O Sr. Taunay nunca passou de um megatério sobrevivente às catástrofes literárias do tempo do onça. Há nêle a petrificação de tôdas as bobagens do direito divino, da nobreza napoleônica, que Bonaparte distribuia aos artistas e que dizem por aí os seus ascendentes receberam um pouco incontentadamente, graças ao vasto segrêdo impôsto pela infindável distância do Atlântico." (1)

Êste, sôbre Catulo Cearense:

"Catulo Cearense não é um coletor de materiais folclóricos. Os seus poemas são originais e não tiram da criação popular mais do que a inspiração de algumas cenas, o vocabulário e a prosódia, característicos que êle conhece a fundo. E' um poeta erudito, filólogo inconsciente, que se compraz nessa macarronada. Quando se desfaz dos aparatos (como na última poesia do *Sertão em Flôr*) aparece, tal qual seria, medíocre e de escasso mérito, se tentasse escrever na língua culta. Assim, pois, o grande valor do *Sertão* de Catulo consiste no linguajar sertanejo, na fraseologia obtusa e pitoresca das gentes do Nordeste. Mas sem autenticidade, sendo a sua obra inteiramente apócrifa." (2)

Êste, sôbre Belmiro Braga:

"Aquêle nosso poeta, que já foi chamado o João de Deus do Brasil ou de Minas, o Belmiro Braga, que é, para o julgar melhor, se preferem as comparações, um discípulo de Campoamor, dedicou-se ultimamente à poesia jocosa. Êle tinha, de fato, o *humor* melancólico, que, junto à singeleza de forma, compunham a beleza dos seus versos. O novo rumo, agora adotado na *Moda*, é um produto funesto do *Mundanismo* e da recitação às *madamas*, precipício e abismo em que se engolfam no Rio as vocações da poesia (...) Que deca-

(1) — *Sete Dias*, 31-5-1891.
(2) — *Imparcial*, 12-1-1920.

dência! E' triste coisa verificar essa perdição de alma a que desceu o delicado e doce poeta das *Montesinas* e das *Rosas!* Eu, de mim, rogo a Belmiro Braga um favor único: o de me poupar a essas palinódias destrutivas de sua própria personalidade. Não quero recebê-las. Prefiro conservar o seu retrato antigo." (1)

UMA PALINÓDIA

Uma das vítimas *dêsse outro lado da benevolência,* existente na crítica de João Ribeiro, foi Viriato Correia. Estreiava-se apenas, com os contos intitulados *Minaretes,* e, como João Ribeiro estava a fazer umas notas bibliográficas para o *Correio da Manhã,* mandou-lhe um exemplar do livro. Leu-o João Ribeiro — ou talvez não o tenha lido senão aqui e alí — e teve de tudo uma impressão péssima. Eis o que é, parece-me, desancar um escritor: "O Sr. Viriato Correia escreve mal e pensa... parece antes que não pensa. As suas histórias são já mil vêzes repetidas, e de mecânicas como que não têm alma. Dir-se-iam de máquina, que não de mãos humanas. Nada que revele arte, trabalho pessoal e esfôrço próprio, e tudo revela chavões de escola, asneiras de tribo, tolices já universais: *tenda fulva do sonho, mesquita dourada da literatura, hóstia sagrada do gênio, e Cia.* As suas imagens disparam sempre na parvoice e ridiculez: o *vento do espaço agitando nas lanças enferrujadas os trapos do cérebro!...* Não é autor que se leia, e muito menos que se aconselhe ao público... Entretanto é possível que mais tarde (muito mais tarde, diga-se sem temores) venha o Sr. Viriato Correia a ocupar lugar de honra entre os nossos homens de letras. E' sempre consolador esperar a emenda de tantos pecados em homem moço, quase adolescente. Nêste último caso tôdas as impertinências que aqui se põem sejam apagadas do arquivo da crítica. E então poderemos dizer destas linhas e da nossa falta de perspicácia o mesmo que o autor manda dizer, na sua *Errata,* de um dos seus personagens, afirmando que à página 139 onde se lê *João,* leia-se José."

O amável vaticínio, contido no final do artigo, realizou-se: Viriato Correia veio a publicar belas e fortes coletâneas de contos, como as *Novelas Asperas* e as *Histórias Doudas,* veio

(1) — *Imparcial,* 25-2-1918.

a se tornar, ao lado de Monteiro Lobato, um dos mestres da literatura infantil do nosso país, veio a se tornar um dos autores mais representados do nosso teatro.

E então João Ribeiro entoou a sua palinódia... Mais de uma vez pôs em destaque, com os mais vivos encômios, a obra do escritor maranhense. Aqui destaco, de um dos artigos que lhe dedicou, algumas palavras que me parecem suficientes para mostrar a transformação que operou no seu julgamento: "Viriato Correia é certamente um dos melhores prosadores de ficção das nossas letras. Faltam-lhe o sôpro épico, o vigor e a fôrça das grandes situações da tragédia ou da comédia humana. Apraz ao seu estro a vida burguesa, mediana, simples, na cidade e no campo, e tudo quanto faz, nêsse tom ou meio tom, é de mérito excepcional..." (1)

A PRÁTICA DA ANTOLOGIA

João Ribeiro viveu os seus últimos anos sob um suplício: o de ter que se pronunciar sôbre mil autores e mil livros. Semanalmente, tinha que dar o seu rodapé. Habitualmente, escrevia seu artigo sôbre um ou outro livro, que realmente lhe houvesse despertado o interesse. Mas sucedia que às vêzes não tinha um livro que fôsse realmente interessante — ou tinha preguiça de sôbre êle escrever.

Para essas ocasiões, inventava as *antologias dos poetas.* Era uma invenção sutil e capciosa. Tomava de oito ou dez livros de poetas estreiantes, punha o nome de cada um dêles em cima de uma fôlha de papel, alinhava meia dúzia de frases dizendo o que era o livro, e colocava abaixo uma *amostra* do que era o vate. E estava pronta a antologia. Isso contentava os autores, contentava a consciência do crítico, e, ao que parece, estava na ordem das coisas ditadas pela eternidade. Mas como João Ribeiro era mestre na arte de nada dizer quando nada queria dizer — sucede que hoje nós lemos essas suas *antologias* e temos que confessar que elas não o comprometem. Ao contrário. De vez em quando achamos, nelas, coisas deliciosas.

(1) — Vejam-se essas citações relativas a Viriato Correia no volume de João Ribeiro — *Crítica, III volume. Autores de Ficção* — editado pela Academia Brasileira de Letras, em 1959.

A PONTE DOS ASNOS

Um exemplo... No artigo de 8 de março de 1927, vai fazer uma composição dessas, e está de excelente humor...

Diz então, num pequenino trecho que pode ser tomado como introdução para tôdas as suas antologias do mesmo gênero:

"Quando tenho de recensear a bibliografia poética, sinto um calefrio mortal e sôfro a impressão que um provérbio antigo atribuía aos estudantes preguiçosos da geometria, ao enfrentar a primeira grande dificuldade do Euclides, que era a quinta proposição do primeiro livro do compêndio clássico, e que, por parecer difícil, era chamada a ponte dos asnos, *pons asinorum*.

"Sinto-me, pois, tomado de angústia burrical, ao ter que atravessar a ponte.

"O primeiro expediente seria o de empacar na iminência do perigo. Tomo, porém, um pouco de coragem humana e vou traspôr a ponte, de olhos fechados.

"Os poetas, com as suas ternuras e suavidades, compensam êsse arriscado passo e mister de crítico. De antemão declaro que são todos êles dignos dos louros de Apolo Esminteu e dos mais encantadores citaredos da Hélade. Aplaquemos os deuses.

"Escreverei hoje dos — poetas menores — daquêles que ainda têm que subir mais alto com o favor das musas, desde já propícias à boa fortuna."

Transposta assim a fabulosa ponte, a felicidade torna-se geral. Não há fraqueza poética que deixe de encontrar o seu elixir que dá fôrças prodigiosas, não há mediocridade que tenha proibida a entrada nêsse delicioso parnaso. Meia dúzia de linhas de uma apresentação amável e ligeira, a transcrição de um soneto, de uma quadra, às vêzes apenas de um ou dois versos — e está a antologia concluida... Estão dez ou vinte poetas satisfeitos, está João Ribeiro satisfeitíssimo por ter o seu horroroso dever mais uma vez cumprido... E tudo isso para escarmento e desespêro dos críticos dos dias de hoje, que condenam às últimas penas do inferno êsse processo de recensear livros, êsse simples registro de autores e de obras — espécie de lepra, aos olhos dos que se exercem no

chamado *Criticismo*, espécie de lepra do espírito, mais abominável do que a que devasta o corpo...

REDUZIR AO MÍNIMO...

Às vêzes, porém, o processo de fazer essas antologias se amplia um pouco: João Ribeiro interfere com o seu gôsto em outro sentido, e passa a colaborar com o autor. Quando o faz, mestre da síntese que é, é, em geral, com o intúito de simplificar o que é demasiado complexo, de reduzir o que muito se derramou...

Não raro pratica êsse exercício da simplificação, da redução, mesmo naquêles autores de quem gosta, mesmo nos trabalhos que aprecia.

Podemos ver um exemplo. — Noticiava êle, carinhosamente, o aparecimento da *Cinza das Horas*, de Manuel Bandeira, e achou que merecia destaque no livro o trabalho intitulado *Imagem*. E', como sabem todos os leitores, um poema em duas estrofes, tendo cada uma quatro versos. João Ribeiro pôs desde logo de lado a segunda estrofe. Reduzindo o poema a uma simples estrofe de quatro versos, ainda lhe amputou um dos versos.

Veja-se como ficou a citação.

No original da *Cinza das Horas*:

És como um lírio alvo e franzino,
Nascido ao pôr do sol, à beira da água,
Numa paisagem êrma onde cantava um sino
A de nascer inconsolável mágua...

Na citação de João Ribeiro:

És como um lírio...
Nascido ao por do sol, à beira d'água,
Numa paisagem êrma onde cantava o sino...

E vemos como o poema, ficando reduzido, ficou irradiando de uma nova côr, com todos os seus elementos de emoção e de ternura revalidados — e tendo inclusive perdido aquêle precioso e quintessenciado verso final:

A de nascer inconsolável mágoa...

UM MODÊLO DE EXECUÇÃO

Às vêzes — é verdade que essas vêzes são raras — o seu bom humor se tolda, diante do abismo sem fundo da toleima. E João Ribeiro exaspera-se e protesta.

Certo escritor, que se multiplicava em livros, mandou-lhe um dia um volume de versos. João Ribeiro executou-o em poucas linhas. Leiam essa paginasinha, modêlo de humorismo:

"O Sr. De Castro publicou numerosos livros de poesia, música, teatro, prosa...

"Os *Últimos sonetos* não me desagradaram exatamente por serem últimos. Se fôssem os primeiros!...

"Conheço um epigrama espanhol, que diz assim:

Voy a hablarte ingenuamente.
Tu soneto, don Gonzalo,
Se es el primero es muy malo,
Se as el ultimo, excelente."

Sòmente isso... Mas isso só não vale como uma lâmina de guilhotina?

A RELATIVIDADE DA CRÍTICA

A idéia da relatividade do valor da crítica, da impossibilidade de um julgamento cabal dos contemporâneos, João Ribeiro a expressa em vários passos dos seus livros, em muitos dos seus artigos esparsos de jornal.

Nas *Páginas de Estética,* lembra a opinião de Lemaitre, segundo o qual isso de crítica de contemporâneos é uma conversa.

E ao iniciar a sua colaboração no *Registro Literário* do *Jornal do Brasil,* cita Anatole France, mofando da crítica e das suas pretensões a uma universalidade semelhante à da teologia na idade-média, naquele pequeno trecho que já ha pouco citei: "A crítica também é uma panto-sofia vaidosa, elástica, apropriada a todos os rítmos e dimensões..."

E a citação dos dois autores francêses basta para situar João Ribeiro no quadro das nossas letras.

Êle foi, como Lemaitre e Anatole France, um impressionista na crítica. Nunca disse mais, nunca quiz dizer mais, sôbre cada autor e cada livro, do que a sua própria impressão.

E isso terá contribuído, em parte, para a mobilidade, a inconstância, a flutuação dos seus juízos literários.

Comparou-o Agripino Grieco a Remy de Gourmont — como aliás já o fizera Elísio de Carvalho (*Almanaque Garnier,* 1907). A comparação é sagaz, dado o mesmo temperamento inquieto, caracterizado por uma curiosidade artística e científica sempre em vigília, que tiveram os dois polígrafos.

JULGAMENTO SÔBRE A CRÍTICA

João Ribeiro, crítico, enxerga mil inconvenientes na crítica. E um dêsses males, aplicado ao Brasil, consiste em que aqui tôda a gente se arvora de crítico.

Êle faz-nos ver, com acidez, que existem no Brasil duas formas de crítica: a crítica escrita e a crítica de botequim. Esta última — a crítica das ruas e das tavernas, dos amigos e dos desafetos — é afinal a que prevalece. "E' ela a mais sólida e verdadeira, a única que o ferro bruto da erudição não pode quebrantar". (1)

Deus o perdôe — mas a verdade é que êsse crítico abominava a crítica... Êle a acha inútil para a gênese e a realização das obras primas. Considera-a planta parasítica e inábil que nasceu tarde e a deshoras... Enfim, numa última condenação, traça uma sentença inapelável: a crítica e a criação artística são qualidades incompatíveis. (2)

PROCESSOS DE JULGAMENTO

Será mesmo crivel que a crítica esterilize o espírito de um escritor? Não parece. Pelo menos o exemplo de João Ribeiro demonstra o contrário.

Sua crítica, tão rica de nuances, é uma criação constante. Êle sabe, em suas horas de meditação, traçar retratos morais

(1) — *Páginas de Estética,* pág. 52.
(2) — *Idem,* pág. 34 e 130.

e intelectuais que são admiráveis. O artigo sôbre o *Malazarte* de Graça Aranha, é uma obra-prima. Certos artigos da sua última fase — o estudo acêrca de Barbosa Lima Sobrinho (*A Verdade sôbre a Revolução de Outubro*), o estudo sôbre Hermes Fontes (*A Fonte da Mata*), o estudo sôbre Afonso Celso (*Um jubileu*), o estudo sôbre Manuel Bonfim (*O Brasil na História*), outros muitos, são modelos de comentário e erudição.

E com que arte sutil êsses artigos, não raro, são feitos! Às vêzes, é uma simples frase, um adjetivo, o que lhe basta para dar a fotografia espiritual de um autor. José Maria Belo parece-lhe "um ser compósito, mixtilíneo e problemático". A Tristão da Cunha alude numa frase exata: "...êsse não esquecido, mas raro nas suas intermitências, Tristão da Cunha". Gilberto Amado parece-lhe ser *um poeta de suntuosa inspiração*. "A sua alma ressôa como o cristal, juntando a sonoridade à mais clara limpidez".

ALGUMAS OPINIÕES

E podiamos agora prosseguir, com outros e outros julgamentos, não raro lucidíssimos...

Vejamos alguns dêles.

Sôbre Augusto dos Anjos: "Augusto dos Anjos pertencia à classe dos poetas que se contentam das idéias, julgando somenos tôdas as questões de forma. Ora, a forma não é subsidiária em coisa alguma, e não quero com isso estreitá-la ao mesquinho culto da linguagem. Mas a verdade é que Augusto dos Anjos sacrificava tudo a qualquer pensamento presumido recentíssimo: materialístico, ateístico, irreverente, amoral. Havia nêle o propósito de escandalizar o burguês, pelo abuso de termos técnicos da medicina ou das ciências da natureza. Êle punha em versos que "as coisas estão sujeitas às leis físicas" e num mau verso:

Estas do bacalhau o óleo não bebem," (1)

Sôbre B. Lopes, "Belmiro Braga faz-me lembrar outro poeta nosso, mal julgado, o que foi o nosso querido B. Lopes,

(1) — *Jornal do Brasil*, 19-5-1927.

que era sublime mesmo quando cometia algumas tolices. E coisa notável! ao contrário de Belmiro Braga, que nunca escondeu a pobreza, B. Lopes era um megalômano, amava duquesas, tinha parque de caça, matilha de galgos e perdigueiros, e quando bebia parati arrotava champanha. Ambos, porém, eram poetas nativos e espontâneos." (1)

Sôbre Jackson de Figueiredo: "E' o Sr. Jackson de Figueiredo um poeta menor, de difícil mas sincera inspiração. E' antes um prosador que relembra e revive os seus primeiros exercícios poéticos... Os versos do Sr. Jackson são flébeis, imperfeitos, frios e fatigantes. A sua ambição de poeta pode ser uma inconsciente vaidade e só os seus falsos amigos poderiam estimular êsse falso apetite... O Sr. Jackson é também um polemista veemente, e de antemão sabemos que vai *responder*. Não haverá tréplica; retrucar aos anti-críticos seria aumentar inutilmente a nossa já pesada tarefa." (2)

Sôbre Carlos Magalhães: "O poeta é já um homem experimentado, antigo familiar do santo ofício, com essa longa assiduidade do Parnaso... Untuoso, apaixonado, mulherengo, qualidades eternas, em alguns poetas, não sugere êste, em seus versos, senão o defeito de antiquados e fora da moda. E' grave falha. Os que vestem pelos figurinos modernos dizem a mesma coisa com igual superfluidade: mas é deplorável coisa a velhice sem antiguidade." (3)

Sôbre Paulo de Gardênia: "Gardênia é quase ilegível, secante, desordenado, fútil, e por vêzes pavorosamente grosseiro. Outro escritor de elegâncias bem poderia, contra êste colega desunido, tentar a reabilitação do *grand monde*. A especialidade periga. Mas bem se vê que tais dispautérios de literatos maníacos em nada interessam a literatura." (4)

Sôbre Mateus de Albuquerque: "Nêste volume (*Da Arte e do Patriotismo*) trata o elegante escritor de Eça de Queiroz, da enorme influência que exerceu na geração intelectual que vai passando. Não contestamos êsse influxo e prestígio; ainda que o tenhamos em conta de superficial e efêmero. Como tal, não nos parece que Eça de Queiroz mereça a estátua que anda a promover o Sr. Mateus de Albuquerque. Não a teve ainda o nosso Machado de Assis, que acreditamos superior,

(1) — *Jornal do Brasil*, 1-6-1932.
(2) — *Imparcial*, 18-3-1918.
(3) — *Imparcial*, 24-11-1919.
(4) — *Imparcial*, 23-2-1920.

pelo espírito e pela expressão, ao grande escritor português." (1)

Sôbre Batista Pereira: "Disse um crítico de autoridade que quando lia Macaulay abria mentalmente alguns parênteses, onde punha as expressões — *aplausos!* ou *hilaridade* ou *sensação!!* — que não estavam no texto. E' o que nos acontece quando lemos Batista Pereira. Êle é um orador, involuntário às vêzes, mas sempre orador, em qualquer caso. A sua frase corrente é frequentemente enfática, e não raro empolada, com o ritmo da veemência ou da paixão. Talvez o seu culto por um grande orador como foi Rui Barbosa criou-lhe essa tendência altiloquente do estilo erguido. Por vêzes é difícil acompanhá-lo, embora sua frase tersa tenha perfeita limpidêz. Mas o leitor despreocupado e tranqüilo respira sem êsse ritmo turbulento." (2)

OPINIÃO SÔBRE TOBIAS BARRETO

Acêrca de Tobias Barreto — não obstante o seu tal ou qual sentimento de bairrismo sergipano — a sua opinião é bem restritiva.

Refere-se à filosofia que no tempo do mestre sergipano irradiou da Escola do Recife, e diz:

"Um dos focos dessa filosofia de puro diletantismo e tôda de curiosidade das idéias gerais foi o Recife sob a ação de Tobias Barreto.

"Quase todos os rapazes dêsde aquele tempo abeberaram-se de preocupações filosóficas: Sílvio Romero, Fausto Cardoso, Orlando, Farias Brito, Graça Aranha e inúmeros outros.

"O que há nêles de massudo e pedantesco vem daquele chafariz de pedras.

"Grande conhecedor das coisas e das idéias alemãs, Tobias, espírito de escol, mas de duvidoso gôsto, exerceu um influxo despótico e excessivo sôbre a mocidade, que lhe rendia um culto sem limites..." (3)

(1) — *Imparcial*, 20-2-1920.
(2) — *Jornal do Brasil*, 23-3-1932.
(3) — *Imparcial*, 1-10-1917.

OPINIÃO SÔBRE FARIAS BRITO

Também aqui caberia lembrar o juízo de João Ribeiro acêrca de Farias Brito — que êle proclamou o *único filósofo brasileiro*, mas para quem foi restritivo e negativo como o poderia ser...

Eis como o vê:

"Coisa insólita! Êste era um filósofo, pela abundância e pela prolixidade, ou pela vastidão, e até mesmo pela caligem do estilo, por vêzes impenetrável. Frequentemente é difícil dizer o que querem aquelas páginas, que necessitam um meneio constante, uma perda de tempo, e uma atenção que não é própria da mobilidade dos nossos dias.

"Não é coisa fácil alcançar uma inteligência razoável das suas doutrinas.

"Percebe-se que êle era um espiritualista descrente ou indeciso que se encaminhou para os domínios da fé.

"...Êsse valor, se estamos com a verdade, é nenhum. Farias Brito é um filósofo atrazado, incongruente, e não deixará um só discípulo." (1)

OPINIÃO SÔBRE EUCLIDES DA CUNHA

E' pena que não nos possamos deter em tantas outras de suas páginas, nas quais encontramos o louvor ou o entusiasmo (e não raro também a restrição) em tôrno de figuras ou de obras que nos são tão caras. Recordarei aqui, como um exemplo, certa crítica por êle feita a Euclides da Cunha — o nosso maravilhoso e queridíssimo Euclides, o poeta incomparável do Brasil, o autor da nossa ilíada selvática.

João Ribeiro trata de um livro de Pedro A. Pinto acêrca do vocabulário do autor de *Os Sertões*, (2) e eis as observações que faz:

"O livro de Pedro A. Pinto não abrange todo o vocabulário de Euclides, mas o do seu livro principal, *Os Sertões*.

(1) — *Imparcial*, 1-10-1917.
(2) — *Os Sertões de Euclides da Cunha* (Vocabulário e notas lexicológicas) — L. Alves, Rio, 1930.

Não foram poucas as dificuldades a vencer. Euclides escrevia quase sempre no mato ou em lugares ermos, sem livros, e com o só subsídio da memória. Daí a dificuldade às vêzes invencível de ajuizar o que êle queria dizer.

"O que era para êle *sturmich*, é difícil lobrigar. A palavra é alemã, mas não parece indicar um adjetivo especialisado. Houve o *Sturm und Dranz* na técnica das escolas literárias do século passado. Estaria *sturmich* ligado a êsse movimento estético?

"Eis o que ignoramos.

"Por vêzes, na elucidação dos nomes proprios que o mesmo explica satisfatória e plenamente, ocorrem nomes indecifráveis, como o do general *Terrau* (?) da revolução francêsa ou o do *thug* indiano, palavra suspeitíssima e provàvelmente resultado de qualquer transcrição inglêsa.

"Realmente, eram chamados *thugs* alguns bandidos ou mercenários, de que se aproveitaram alguns romancistas da época em que os *salteadores* mereciam as honras do gênero épico no romantismo.

"O que é obscuro nessa espécie é a inclusão de *Wigwan* como denominação das choças dos peles-vermelhas. Pedro A. Pinto acha a palavra *estranha* e com razão. O têrmo é alconquino, derivado de *week*, casa, de modo que, segundo a lição de um dicionarista americano, a expressão primitiva é *weekauomut* — em sua casa, de onde fizeram *wigwan*.

"Todo o corpo do vocabulário foi conscienciosamente feito. Não sei se Fernando de Mascarenhas tinha o apelido de Lancastro que lhe dá Euclides, mas podia tê-lo (*sub voce* Lancastro). Muitos apelidos da nossa história são problemáticos, como o de *Sardinha* do primeiro bispo ou o *Correia* de Diogo Alvares, o famoso Caramuru.

"Mas seriam pequices essas dúvidas sem interêsse e sem verdadeira importância, tanto melhor quanto Euclides as ignorava." (1)

DESDEM PELA BIBLIOGRAFIA

Não obstante todo o seu grande amor pelos livros, João Ribeiro detesta certa forma de amor aos livros: é a dos bibliógrafos, família pela qual confessa o mais triste desprêso. "A

(1) — *Jornal do Brasil*, 6-8-1930.

bibliografia, segundo um crítico inimigo dos bibliómanos, é a *arte de conhecer os livros pelas lombadas*. Em geral o bibliómano reune preciosidades, amontoa e encarece os seus tesouros, mas faz com os livros o mesmo que o avarento com as suas moedas. Acontece, porém, que a literatura oferece problemas e obscuridades que pedem solução e esclarecimento; o bibliógrafo está dêsde logo indicado para o difícil mister. Não há bibliómano que não queira fazer uma descoberta de espavento.

"E' uma espécie de vaidade profissional. E' o bibliógrafo quem nos vai dizer o autor de qualquer obra anônima, é quem resolve as apocrifias, é quem dita as interpretações autênticas.

"*A Arte das Lombadas* invade a literatura e a crítica e propõe a reformação dos nossos erros." (1)

A CRÍTICA DO JORNAL DO BRASIL

Convidado pelo *Jornal do Brasil* a retomar o labor de crítico, na coluna que ficara vaga com a morte de Osório Duque Estrada, João Ribeiro dá um balanço melancólico em suas fôrças. Pesa-lhe tanto aceitar o novo encargo! E' tão rude a tarefa que lhe oferecem! Enfim, não há como resistir. E' tomar a carga de Atlas aos ombros...

"*Ecce iterum*. Eis aqui de novo o homem antigo, molesto e desagradável, que presumia medir os valores da gente letrada. Depois de alguns anos de fingida penitência, volta agora ao êrro e ao pecado que abjurára. — Há bons motivos para desconfiar do tornadiço que trocara a fé antiga por amor de outras vantagens mais fáceis." (2)

Assim suspira. E era justo que o fizesse. Desde então, semanalmente, tinha que dar, nas duas ou três colunas do *Registro Literário*, a sua impressão acêrca de livros e de autores.

E a espantosa mediocridade da produção mental dos brasileiros o oprimia e o sufocava.

Sufocava-o, também, a irritante petulância, a vaidade, a basófia, a pretensão, de autores às vêzes incrìvelmente vasios.

(1) — *Imparcial*, 30-6-1917.
(2) — *Jornal do Brasil*, 15-2-1927.

Uma e mil vêzes queixa-se aos íntimos da qualidade péssima dos trabalhos que tinha que examinar. E, sob uma multidão de livros inexpressivos e talhados no molde das coisas mais banais, bracejou o pobre forçado da crítica até o último dia da vida.

Seu último artigo ainda foi uma página de crítica. Já não podia escrevê-lo, porque a sua mão se recusava ao trabalho. Ditou-o a um dos filhos. O artigo — que versava acêrca da eleição de Ribeiro Couto para a Academia Brasileira e acêrca da *Seleta clássica* de Laudelino Freire — saiu incoerente, desconchavado, sem nexo quase. E' que naquêle momento já o espírito de João Ribeiro, ansioso por desprender-se da vida, não se detinha mais nas minúcias das coisas terrenas.

III

TRABALHOS DE ERUDIÇÃO

Há uma parte da obra crítica de João Ribeiro que aqui merece referência especial: é a dos trabalhos de erudição.

Podemos enumerar êsses trabalhos na seguinte ordem:

— *Obras poéticas de Cláudio Manoel da Costa* (*Glauceste Satúrnio*) em dois volumes, 1903.

— *Páginas escolhidas da Academia Brasileira de Letras*, 1906.

— *A Arte de Furtar*, 1907.

— *Teatro de Antônio José*, 4 vols., 1910-1911.

— *Satíricos Portuguêses*, 1910.

— *A Inquietação do Casamento*, sem data.

— *Dois Autos Camoneanos*.

A êsse grupo poderíamos acrescentar ainda as antoiogias que se intitulam *Autores Contemporâneos* (primeira edição: 1895) e *Seleta Clássica* (1905).

Uma ou outra dessas obras exige um comentário ou uma notícia, para a compreensão do leitor.

* * *

A edição das *Obras poéticas* de Cláudio Manoel da Costa e a do *Teatro de Antônio José* representam trabalhos de estudo e coordenação.

No que se refere ao poeta mineiro, teve João Ribeiro em mãos um extenso acervo, vendo-se assim forçado a dispôr a matéria em dois volumes. No primeiro ficaram os *Sonetos*, os *Epicédios*, o *Romance heróico*, a *Fábula do Ribeirão do Carmo*,

as *Éclogas* e as *Epístolas* — além do estudo sôbre a vida e as obras do poeta, a bibliografia e a cronologia, organizadas pelo editor. No segundo volume ficaram os *Romances*, as *Cançonetas*, as *Cantatas*, o poema *Vila Rica*, as *poesias inéditas*, que o coletor ainda pôde encontrar.

No estudo introdutório sôbre a vida e a obra do poeta, estudo que deu na forma de uma carta a José Veríssimo, João Ribeiro não parece revelar grande entusiasmo pelo autor de *Vila Rica*. Segundo o seu reparo, o êxito que Cláudio vinha tendo até então era mais fácil explicar pela sua posição de patriota e de revolucionário, do que propriamente de poeta. Entretanto, informa êle — "esta modesta edição não tem mais que o intúito, todavia já de si meritório, de vulgarizar as obras do poeta que Garrett, de tão grande fé na matéria, considerava o rival de Metastasio". E depois: "Nos admiradores do poeta há sempre mais pendor para os vaticínios do que para as realidades. Quando uma vez escreveu você do poeta que era um *virtuose*, esta palavra só deu-me o resumo e a expressão cristalina que debalde eu procurava para apurar-lhe o valor..."

E João Ribeiro explana e discute os vários pontos claros ou obscuros da vida de Cláudio Manoel — notando-se entre êstes o da Arcádia Romana e o do assassinato ou suicídio do poeta. No que se relaciona ao último assunto, João Ribeiro acredita antes no suicídio.

E êste é o seu juízo definitivo sôbre o cantor do Ribeirão do Carmo: "Cláudio Manoel da Costa não tinha propriamente gênio, e nada criou, que se pudesse dizer, de si próprio; foi um produto do tempo, sem ser um criador ou educador do seu tempo. E' um árcade e acadêmico quando todos da sua época e antes dêle também eram acadêmicos e árcades. Em raras ocasiões é o mestre dos vindouros, em tudo é o discípulo dos que passaram e, mais estreitamente ainda, é o discípulo da sua escola. Não tem o sentimento da natureza, porque uma vez acabada a paisagem acadêmica que era a do Mondego, não sabe inspirar-se no grande cenário em que agora vive. E' um taciturno e melancólico; nêle virtudes ou vícios sem desabafo, se acumulam, se multiplicam e se extremam; na amizade, toca à lisonja; no desgosto da terra toca ao absenteísmo; no horror da morte, toca ao suicídio. A poesia foi nêle a *beauté du diable* das raparigas; morta a mocidade continuou a fazer versos sem a poesia viva.

"Sem dúvida alguma, é digna do respeito e da dor universal a sua perda; mas já havia muito que ao patriota precedera na morte o poeta."

* * *

As Páginas Escolhidas não chegam a ser o que poderíamos chamar um livro de erudição. E' o trabalho de um antologista bem informado, e que procura escolher, com sensibilidade e gôsto, o que melhor representa o talento dos escritores que até aquêle ano de 1906, isto é, durante os dez primeiros anos da instituição, haviam pertencido ao quadro da Academia.

A obra ressentiu-se de defeitos, parecendo-me que o mais grave dêles é a falta de uma informação bio-bibliográfica acêrca de cada autor. Poucos anos depois de haver dado essas *Páginas Escolhidas*, que organisou assim sem adicionar qualquer informação acêrca da vida e da obra dos autores de que tratava, João Ribeiro se viu empenhado em outro trabalho do mesmo gênero — a sua edição dos *Satíricos Portuguêses*. E aqui, como êle próprio declara, sentiu a necessidade dêsse complemento.

Foi pena que a não tivesse sentido também quatro anos antes.

A idéia dessas *Páginas Escolhidas*, segundo êle próprio conta, partiu de Mário de Alencar, que acabou sendo um dos dois colaboradores que João Ribeiro teve no trabalho. O outro colaborador foi Raimundo Correia.

Escrevendo a êsse respeito, João Ribeiro depõe: "Raimundo foi o colaborador mais ativo e mais considerável que tivemos. Não quiz nunca que o seu nome figurasse na primeira página daquele livro, e tacitamente concordamos que era êle demasiado glorioso para empresa tão mesquinha e insignificante. A verdade, porém, é que, sendo êle o maior de todos nós, foi a sua mão sutil, delicada e esquiva, a que apontou, escolheu e achou o que mais convinha ao nosso intento." (1)

Seleção ou preferência de Raimundo Correia ou do próprio João Ribeiro — nessas *Páginas Escolhidas* figuram quatro sonetos de João Ribeiro. Quatro sonetos, apenas, sem nenhuma linha de prosa — como a nos indicar que a posição em que

(1) — *Imparcial*, 13-12-1920.

o escritor pretendia ficar, na perspectiva literária do seu país, é a do poeta.

Acrescentarei à margem dessas *Páginas Escolhidas* uma anotação que me parece ter interesse para quantos estudam as questões da poesia e do estilo em nossa terra.

E' uma observação que pude fazer a propósito do soneto *O Monge*, o primeiro trabalho de sua lavra que João Ribeiro aqui incluiu.

Ouçamos o soneto tal como o achamos na antologia acadêmica:

E' forçoso que por um louco tomem
Quem de perfeito juizo se mostrava?
Louco, dizieis vós! mas onde estava
A apregoada loucura daquêle homem?

Quem pode ver as dores que se somem
Dentro no peito e ver a ignota lava?
Loucos sois vós, que as pústulas consomem,
E tendes a alma das paixões escrava.

Louco o dizeis, porque deixara o mundo
Pelo abismo do claustro hórrido e fundo!
Insensatos, sabei! para a alegria,

E' talvez pouca luz a luz do dia,
Mas a quem fere do infortúnio o açoite
Essa noite do claustro é pouca noite.

Ora, essa versão representa uma variante do soneto. Na edição dos *Versos*, o primeiro verso do primeiro terceto não está como aparece aí, porém assim:

Louco talvez porque deixara o mundo...

E o terceto final está assim:

Unicamente basta a luz do dia,
Mas a quem fere do infortúnio o açoite
Apenas um recurso existe — a noite.

Como se vê, nem sempre o provérbio tem razão. Há casos em que efetivamente a emenda é melhor do que o soneto.

* * *

Os *Satiricos Portuguêses* representam a republicação de um antigo texto. Foi em 1834 que José da Fonseca deu em Paris o volume que trazia êsse título, e que ficou sendo considerado o sexto volume do *Parnaso Lusitano*. João Ribeiro acrescenta ao texto anterior uma notícia preliminar, a respeito dos autores escolhidos. E põe êste reparo: "Não houve da nossa parte a intenção de fazer uma edição crítica, o que, aliás, não vinha ao caso, em tão modestas proporções, nesta simples coletânea de poetas. Houve, sim, a intenção de vulgarizar um livro que obteve e ainda merece grande estima e é hoje raro."

Na coleção dos *Satiricos Portuguêses* foram incluidos os seguintes trabalhos: *O Hissope*, poema heroi-cômico de Antônio Diniz da Cruz e Silva; o *Reino da Estupidez* (publicado anonimamente) de Francisco de Melo Franco, brasileiro, natural das Minas Gerais; e algumas sátiras mais notáveis, o *Bilhar*, a *Guerra*, o *Passeio*, etc. de Nicolau Tolentino de Almeida.

* * *

A Inquietação do Casamento compendia opiniões, conceitos e conselhos de três moralistas portuguêses — João de Barros, Diogo de Paiva de Andrade e Dom Francisco Manoel de Melo.

João de Barros, homônimo de outro escritor, êste o historiador das *Décadas*, era um jurista dos mais respeitáveis do seu tempo, e em 1540 editou um *Espêlho de Casados*. E' dessa obra que João Ribeiro extrai vários trechos.

Diogo de Paiva de Andrade é, segundo o vê o organizador da antologia," um escritor sem nervos e sem inspiração, embora castiço e puro." E' de sua autoria o *Casamento Perfeito*, obra que, editada em 1630, veio três séculos depois a servir a essa seleção do escritor brasileiro.

O terceiro autor escolhido é o famoso Dom Francisco Manoel de Melo — êste, sim, um grande escritor, historiador, moralista e filósofo, poeta e crítico de costumes e de letras, epistológrafo dos mais fúlgidos da língua. E' de sua autoria a *Carta de Guia de Casados*, editada pela primeira vez em 1651, e que chegou a um número extenso de edições.

João Ribeiro, que era um entusiasmo da instituição do casamento, base, para êle, da família, assim explicava o seu intúito, ao escrever o proêmio que antepôs ao livro:

"Os exemplos não só florescem, mas frutificam, e dão alimento e sabor aos que apetecem a experiência alheia.

"Eis o que é êsse livro que deve ser lido em todos os lares, no aconchego da família e até na solitude dos que vivem isolados do mundo e da sociedade.

"Os que não casaram na realidade, casaram na poesia, no sonho e na esperança. Nada perderam, porque a felicidade não é material e é sempre um sonho ou uma ilusão."

* * *

Na bibliografia de erudição de João Ribeiro, aparece um número dos mais interessantes — o dos *Dois Autos Camoneanos*, como êle intitulou o trabalho.

Impressa em 1587, a primeira edição dos autos de Camões e Antônio Prestes é hoje uma raridade preciosíssima. Os autos de Camões têm sido publicados nas obras completas do grande poeta; os de Prestes tiveram, em 1871, uma edição que, dirigida por Tito de Noronha, saiu com descuidos graves. Acompanhando aquela edição *princeps*, porém, apareciam três trabalhos que nunca mereceram uma reimpressão integral: eram a *Cena Policiana*, de Henrique Lopes, o *Auto de Rodrigo e Mendo*, de Jorge Pinto, e o *Auto do Físico*, de Jerônimo Ribeiro. Êste último mereceu, por fim, ser editado pelo professor F. M. Esteves Pereira (Imprensa Nacional de Lisboa, 1918).

João Ribeiro empreende, pois, a publicação dos outros dois trabalhos.

A *Cena Policiana* e o *Auto de Rodrigo e Mendo* êle os reimprime sob o texto de uma cópia que lhe ofereceu em Lisboa, em uma de suas viagens, o Sr. A. M. Teixeira, livreiro editor.

Henrique Lopes, o autor do primeiro dêsses autos, é um dos enigmas da literatura portuguêsa. Quase nada se sabe de sua vida. Sabe-se, por exemplo, que foi contemporâneo de Camões, e que imitou o teatro de Gil Vicente. Mas só. Quais os seus dados biográficos exatos? Como viveu, e em que outras obras trabalhou? Nada sabemos. Ao seu tempo, era uma literatura muito difundida a dos *autos*, sendo que nela muitos autores adquiriram popularidade; assim aconteceu a Prestes, ao Chiado, a Baltazar Dias, etc.

A Jorge Pinto, o mesmo mistério cerca. João Ribeiro o dá como discípulo de Gil Vicente e da escola espanhola, fazendo-o figurar ao lado dos autores que acabo de referir. Teófilo Braga conjectura que êle viveu pelos meiados do século XVI. O mesmo Teófilo Braga acredita que Jorge Pinto escreveu outros trabalhos; mas êstes, se existiram, se perderam.

Acredita-se que o poeta do *Auto de Rodrigo e Mendo* morreu louco; e acredita-se que essa loucura proveio das mesinhas que a êle propinava uma sua amante ciumenta.

João Ribeiro publica, na *Revista de Língua Portuguêsa*, êsses dois autos do velho teatro lusitano, fazendo-os acompanhar de comentários e notas.

Posteriormente, em 1925, sentiu-se tentado a editar os trabalhos em livro. Reuniu-os com o título de *Dois Autos Camoneanos*, dispôs-se a remeter o volume para a Emprêsa Editora Nova Era, de São Paulo. O livro seria dedicado à Academia Brasileira e à Academia das Ciências de Lisboa.

Ignoro a razão por que não o fêz.

O trabalho, porém, está organizado, à espera de um editor.

* * *

Posso aqui, a propósito dêsses *Dois Autos Camoneanos*, lembrar mais uma contribuição de João Ribeiro.

E' um fato que o amor aos estudos clássicos, a defesa do que seja o classicismo, ficaram sendo um dos ângulos constantes da fisionomia do escritor. E vão repontar, aqui e alí, mesmo no momento em que João Ribeiro parece mais entregue aos seus amores de renovador... E', por exemplo, naquele ano de 1925, já em plena efervescência do que se veio a chamar Modernismo, que êle prepara a edição dos seus *Dois Autos Camoneanos*.

E entretanto é para o prefácio dessa obra, até agora inédita em livro, que escreve esta página — até agora conservada inédita — de fidelidade e carinho pelos estudos clássicos.

"Respira-se hoje em alguns pequenos círculos da nossa terra um ambiente singularíssimo de hostilidade às coisas clássicas.

"Há um pouco de — *pro domo sua* — nessa apologia da anti-gramática; mas dada a porção de inegável sinceridade, acreditamos que a reação é um dêsses ritmos efêmeros da literatura.

"De qualquer modo, a *tabula rasa* é apenas um recurso das filosofias demolidoras, e, como hipótese, é tão antigo quanto o amor da tradição e das antigualhas."

* * *

A *Arte de Furtar* é uma republicação, entre as inúmeras que o delicioso livro tem tido.

Para a esplêndida sátira escreveu o nosso patrício um prefácio em que, estribado em razões sólidas de lógica e de crítica, concluia pela incontestável autoria de Tomé Pinheiro da Veiga.

Para chegar a essa conclusão, afastava hipóteses várias: a primeira era a da autoria do Padre Vieira — que parece desfeita em pó desde que pela primeira vez foi apresentada... embora os editores continuem (creio que ainda hoje o fazem) a colocar no frontespício do livro o nome do grande jesuíta. Vale êsse nome como um cartaz — e quem pode resistir a um belo cartaz de letras vermelhas e amarelas?

As outras atribuições, uma a uma, igualmente as desfez o nosso patrício: a de Frei Diogo de Almeida, (que lhe parece *um embuste irrisório* ou uma momentânea mistificação); a de João Pinto Ribeiro, que foi rejeitada por Camilo Castelo Branco; a de Duarte Ribeiro de Macêdo, que João Ribeiro afasta por ter sido êsse um escritor de menor mérito — "sem agudesa, sem eloquência, mediano, quase medíocre."

Resta, pois (se a hipótese do Padre Vieira é impossível) a de Tomé Pinheiro da Veiga, o autor da *Fastigimia*.

Essa era a sua conclusão.

Na mesma ocasião em que escrevia, ou pouco depois, surgia um outro erudito brasileiro — o modesto mas incansável Solidônio Leite, a quem presto aqui a homenagem do meu respeito — sustentando uma outra atribuição: a de Antônio de Sousa de Macêdo.

João Ribeiro repeliu vivamente a tese, e para refutá-la, perdendo quase a nota de tolerância e de benignidade, tão do seu feitio, procurou ridicularizar Solidônio Leite, exatamente por um dos aspectos mais louváveis e mais belos dêsse escritor: o seu amor pelos humildes da literatura, aquêle devotamento com que descobria e realçava o mérito dos *Clássicos esquecidos*, entre os quais rutilava o estilo excepcional de Frei Manoel da Esperança.

Pois tudo isso foi motivo de ironia e irreverência de João Ribeiro — que ainda satirizou Solidônio Leite pela sua paixão pela bibliografia — *a arte de conhecer o livro pelas lombadas*, como a define com desprêso...

Ora, os tempos passaram — e novas idéias trouxeram. E hoje aos olhos de todos nós parece que afinal quem tinha razão naquêle prélio era, não o acadêmico, o sábio, o crítico, o analista dos textos literários, o erudito João Ribeiro; porém, sim, o obscuro estudioso, o modesto Solidônio Leite.

E' pelo menos essa a conclusão a que podemos chegar, depois da leitura do vasto, minucioso, conscienciso estudo, intitulado — *A Arte de Furtar e o seu autor* — do nosso eminente patrício Afonso Pena Junior.

Depois de ter procedido a um exame por assim dizer microscópico da questão da autoria do famoso livro em todos os ângulos possíveis, o sábio estudioso assim conclue, inteiramente solidarisado a Solidônio Leite:

"Espero que os leitores, que me tenham honrado com a sua paciente companhia, pensarão, como eu, que já é mais que tempo de ter a *Arte de Furtar* a edição realmente crítica, que por todos os títulos merece.

"E mais que tempo, também de desaparecer do frontespício e lombada do livro o nome do padre Antônio Vieira, para quem não é o livro padrão de glória, mas cruel pelourinho; a fim de que passe a figurar alí o nome do verdadeiro autor, Antônio de Sousa de Macêdo, que nessa obra imorredoura deixou o melhor dos seus talentos e do seu patriotismo."

— Isso (podemos nós agora dizer) até que surja outro advogado, outro crítico, outro estudioso, dos mesmos vastos e multiplos recursos de Afonso Pena Junior, para nos vir demonstrar que a *Arte de Furtar* é de autoria inteiramente diferente.

Tais são, e tão longas e tão fundas e tão persistentes, as nuvens que reinam nêsses intermundos da erudição e da crítica humana...

IV

O CRÍTICO DO MODERNISMO

CONTATO COM OS MOÇOS

Em um dos seus artigos (*Dias santos*) conta João Ribeiro a visita que recebeu de dois jovens futuristas. Eram Prudente de Morais Neto e Sérgio Buarque de Holanda, que dirigiam, em 1922, a revista — *Estética*. João Ribeiro viu-os, desde logo, "*cada um mais entusiasta das idéias novas e terramocionais.*" Preparou-se para resistir ao embate. Os três falaram de mil assuntos: literatura, arte, espíríto moderno. "Aprendi e ensinei, diz João Ribeiro. E, não foi coisa somenos, desaprendi também e renovei alguns princípios antiquados..."

Foi então que verificou que estava na corrente extrema da literatura...

— Os novos aborrecem as coisas velhas...
"— Eu também.
"Êles querem uma poesia nova...
"— Eu também.
"— Querem uma literatura nacional...
"— Eu também.
"— Uma literatura pau brasil...
"— Eu também.

Enfim, é preciso ficar aqui para não cair no abismo." (1)

E doravante êle vai ser — como já o era — o conselheiro e o guia dos novos escritores e dos novos poetas. Seus artigos do *Imparcial* estavam todos nêsse rumo. Deixando o *Imparcial*, tomará, em 1927, o *Registro Literário* do *Jornal do*

(1) — *Estado de São Paulo*, 1-10-926.

Brasil, e continuará nêsse rumo, ainda mais entusiasticamente.

E sua orientação de crítico será sempre a mesma. Êle crê, no Brasil, nas renovações da inteligência autônoma, na criação do espírito livre. Não receia proclamar as suas crenças: "Sempre acreditamos no Brasil novo (não sem queixume dos que têm a mesma certidão de idade nossa); acreditamos com verdadeira e sincera fé que não necessita de óculos de alcance para lobrigar no horizonte os que nasceram e já se adiantam para o zênite da glória." (1)

BRINQUEDO DE GENTE GRANDE

E' que João Ribeiro compreende que há pessoas que tratam a literatura como um brinquedo para gente grande — e não se sentia irritado em que êsse brinquero fôsse excessivamente ruidoso e desvairado. Chegava a amar as correntes mais desabridas. A grande vaia universal, que foi a *Revista de Antropofagia*, de São Paulo, mereceu-lhe simpatia e apláuso. E' com afeto que apoia os antropófagos. E diz de si mesmo, com divertida sutileza: "E' fama que sou antropófago e nas minhas manducações prefiro as gentes delicadas. Por vêzes, em ocasiões de fastio, lamento o declínio dos meus dentes, com que, na época arqueana, saboreei tantas delícias, hoje imoralmente proibidas. Contudo, há um prurído ancestral que muquiou o desaparecido apetite e sinto por vêzes embriagar-me o vaporoso cauim da minha prehistória indiana." (2)

Essa atitude talvez o tenha levado a aplaudir muitos tolos e a bater palmas a muitas extravagâncias injustificáveis.

Mas João Ribeiro nunca disse que deixava de ter as suas simpatias pelos tolos.

E talvez no seu apláuso às baboseiras de certos modernistas houvesse um pouco aquela conclusão de Taine, segundo a qual, os excessos da tolice na poesia, como os excessos de violência na política, marcam os começos das revoluções. Êle era simpático às renovações literárias, e reconhecia as necessidades profundas das revoluções em nossa poesia e em nossa

(1) — *Jornal do Brasil*, 20-5-1931.
(2) — *Estado de São Paulo*, 6-8-1929.

prosa. Assim, êsse admirável João Ribeiro procurava alimentar o espírito de revolta das gerações.

E' com uma ironia soberana que João Ribeiro olha a literatura e a arte moderna. Olha-as, e sorri, divertido com essa precipitada sêde e fome de sucesso que as novas gerações revelam. "Poetas, pintores, músicos, todos os iluminados da Arte, procuram meios novos e originais de expressão. Fatigados de teorias, de escolas e de princípios tradicionais, inventam processos novos e engenham novas concepções de arte."

A FABULA DE UM HUMORISTA

Êle evoca, então, uma fábula curiosa, inventada pelo humorista americano Deems Taylor. E desposa essa fábula, como sendo um exato espêlho da literatura e da arte contemporânea.

Conta Deems Taylor que três artistas — um poeta, um pintor e um músico, "três gênios imberbes", eram camaradas e se reuniam sempre à companhia de um filisteu, amigo dos três e reporter de um jornal. Certo dia, estando os quatro reunidos, o poeta declarou que ia ler um poema — e leu, com efeito, alguma coisa espantosa, que só um iniciado poderia perceber. Quando acabou a leitura, o pintor e o músico desandaram em estrepitosos apláusos. O filisteu, porém, quedou melancólico:

— Eu não entendo uma palavra dêsses versos sem sentido, sem rima e sem razão.

Retrucou-lhe o poeta:

— E' a poesia nova, meu filho. Tu nada entendes dessas coisas. E' uma verdadeira pintura verbal, de colorido e de grandes efeitos de côr.

O filisteu curvou a cabeça, envergonhado e confuso...

Passaram dias, e os quatro reuniram-se de novo. O pintor anunciou que ia mostrar o seu quadro definitivo. E exibiu uma tela cubista, misteriosa e terrível. Sem demora, o músico e o poeta exaltaram-se no louvor à obra-prima. Só o filisteu ficou a olhar aquilo, tristemente...

— Isso é então um quadro? E a pintura moderna é êsse intrincado de labirintos?...

O pintor respondeu-lhe, desdenhoso:

— Tu não compreendes a arte nova, meu velho. Isso é uma sinfonia de côres! Não vês alí o violeta agudo, aqui os metais sonoros, a orquestra melodiosa dessas tintas?

O filisteu corou da sua estupidez, e, mais uma vez, venerou o esplendor do gênio.

Outro dia, os quatro de novo acharam-se reunidos. O músico declarou que tinha acabado o seu poema musical. E executou ao piano uma protofonia incrível. Ao findar, o poeta e o pintor o abraçaram, comovidos e patéticos. Só o filisteu discordou, desenganado:

— Mas é possível? E eu que não senti nada, senão barulho nessa música...

O músico, porém, o interrompeu:

— Cala-te, meu rapaz! Essa é a música verbal e pitórica. Tem a palavra e a côr, numa sublime mistura. E' um poema músico-verbo pictural...

O filisteu ficou a considerar uns momentos naquêles três milagres da arte nova e na sua incurável incapacidade de sentí-las. Por fim, falou:

— Vocês três são gênios, eu não tenho dúvida. Apenas estão trocados. Você, Manoel, que é poeta, devia ser o músico. Você, José, que é músico, devia ser o pintor.

Eis aí a fábula dos três artistas. João Ribeiro vê nela um belo símbolo. "Dos três? Quero crer que é a fábula dos trezentos mil, de todo o orbe. E' verdade que os filisteus orçam por três milhões de gente humana." (1)

UM PRECURSOR DO MODERNISMO

E' nessa fase que João Ribeiro se torna o crítico do Modernismo, ou um dos três ou quatro críticos do Modernismo, pois, na imprensa carioca e na de São Paulo, há outros ensaístas ou jornalistas da especialidade que vão registrando, também, as atividades dos novos: há Tristão de Ataíde e Ronald de Carvalho, há Rodrigo Melo Franco de Andrade e Cândido Mota Filho.

João Ribeiro tem uma atividade longa nêsse terreno de sua crítica, e tão longa que, unicamente com os artigos dessa

(1) — *Revista da Semana*, 3-11-1923.

corrente, nos foi possível organizar um dos volumes mais ricos e interessantes de sua crítica.

Pelo volume intitulado *Os Modernos* é fácil perceber como, tendo chegado ao Rio em 1914, tangido pela conflagração daquela Europa onde sonhara ir acabar os dias, João Ribeiro trazia o espírito ansioso por tôdas as renovações. Liberto de preconceitos acadêmicos ou clássicos, possuindo uma cultura que abrangia todos os aspectos universais, cansado do ramerrão em que se estiolava a poesia em nosso país, João Ribeiro, que havia visto o mundo, que se educara em Berlim, em Viena, em Milão, em Roma e em Paris, mostra já nos artigos daquela época (no *Imparcial*), que existiam novos caminhos a serem tentados pelos poetas e pelos prosadores brasileiros. Quem acompanhar a sua atuação de crítico a partir de 1917, vai vendo e sentindo isso a cada passo. Como um exemplo decisivo transcrevo de um seu estudo acêrca de Gilka Machado, publicado naquela fôlha em 16 de maio daquêle ano, a seguinte passagem:

"A poesia nova é livre no metro e na expressão, o seu ritmo tem o desalinho da prosa, variado e profundo; e também possúi o seu vocabulário e os seus temas prediletos.

"Os parnasianos, técnicos, inflexíveis, não acompanharam essa evolução; intimamente detestam, acreditamos, essa poesia nova.

"Ora, é grave dizê-lo: os parnasianos não têm razão alguma. A poesia é sempre a mesma, mas tem as suas modas.

"E em tais casos, a evidência é um pouco arriscada.

"Os Srs. Alberto e Bilac fazem-se a si grande mal em teimar pela publicidade de inspiração inteiramente *demodée*, fóra de tempo, com a sua técnica sempre rígida e perfeita, mas tendo a menos o frescor juvenil e a oportunidade agora extinta.

"Os dois grandes poetas, já merecidamente consagrados, podiam conformar-se às contingências da nossa história literária, que se faz sempre seguindo correntes externas, como acabamos de ver, sem que as gerações influam umas sôbre as outras.

"Da mesma sorte que foram parnasianos de origem francêsa contra os últimos românticos de sua terra, agora têm que ceder a outras correntes extranhas, renunciando a qualquer influxo sôbre os homens novos.

"A poesia parnasiana entre nós já se tornou fatigante em retardatários imitadores provincianos, que aprenderam as excelências técnicas dos seus mestres, igualaram quase a sua perfeição, e, por assim dizer, banalizaram, até ao fastio a sua estética."

E' duro e quase cruel êsse trecho — sobretudo quando consideramos que estão vivos, e que é a êles que João Ribeiro se dirige, dois numes tutelares do nosso Parnasianismo, Olavo Bilac e Alberto de Oliveira.

Quando, quatro ou cinco anos depois, Graça Aranha tomou aquela rude e enérgica atitude de intimar a Academia a renovar-se, uma das palavras de apôio que encontrou foi a de João Ribeiro. Um apôio discreto, é verdade — o apôio de um cético risonho, que, mesmo quando queria muito a uma idéia, ousava descrer do absoluto de sua eficiência...

Depois, o movimento modernista se foi desenvolvendo, se foi espraiando, se foi afirmando, cada dia mais. E João Ribeiro foi, com carinho, com calor, muita vez com um verdadeiro entusiasmo (tão raro em uma natureza tão displicente) acompanhando a sua evolução.

UMA INQUIETAÇÃO ANTIGA

A inquietação renovadora, que João Ribeiro demonstrou possuir em sua coluna de crítica do *Imparcial*, e que se confirmou e se acentuou cada vez mais na evolução do movimento que hoje chamamos *Modernismo*, correspondia a um dos traços essenciais e mais profundos do temperamento do escritor.

Um dos nossos poetas mais autênticos, um poeta que é também um conhecedor dos mistérios e dos encantos da Poética — e estou a declinar o nome de Onestaldo de Pennafort — mostrava, há pouco, como, em versos editados em 1889, já o poeta João Ribeiro empregava "uma variação do decassílabo que não foi usada pelos parnasianos, e que, praticada, uma ou outra vez, por Camões, Sá de Miranda e Gil Vicente (para não ir mais longe) o foi por acaso, talvez, porque os exemplos da variação dêsses antepassados da nossa poesia de que me lembro não visam a efeitos de expressividade. Logo não podemos dizer com certeza se se tratava de prática consciente. Tais exemplos antes parecem cochilos de métrica (em Camões principalmente), fraquesas ou êrros de transcrição. Na melhor das hipóteses, representarão (principalmente em

Sá de Miranda) inconsciente desejo de ouvido sutil por uma variedade melódica, ou rítmica." (1)

A observação do poeta de *Interior* e de *Perfume* tem inteira procedência.

A ousadia de João Ribeiro, nêsses versos a que se refere o crítico, consistia em sair do rítmo habitual do decassílabo de uso no Brasil — o decassílabo que tem a cesura na sexta sílaba, ou então que traz a predominância na quarta e na oitava sílaba — "Tudo aquilo me *vem* ao pensamento..." "Por tanto *tempo* desvai*rado* e aflito..."

João Ribeiro aventurava-se a versos decassilábicos que tinham de ser contados de maneira diferente — ora como se fôssem formados de dois versos de cinco sílabas, ora trazendo as predominâncias na quarta e na sétima sílaba — experiência que mais tarde se tornou muito frequente em poetas como Alphonsus de Guimaraens e Pereira da Silva, mas que, naquela idade de ouro do Parnasianismo, antes pareceria um crime contra a estética da escola.

Dou aqui os dois pequenos poemas em que essas audácias de João Ribeiro se comprovam.

E D A S

Nevoeja o Dofrina... ao Wahala d'ouro,
Sobe a cavalaria aos aposentos,
Escumeia os arções o negro couro
Dos javalis sangrentos...

De elmo espumoso, as ondinas guerreiras,
Coroadas de liquens flamejantes,
Pegam dos freios as bordadas testeiras
Dos corceis relinchantes.

As esbeltas Valquirias aparecem,
Cujas fulvas melenas borbulhosas
Rolam nos seios brancos e oferecem
Favos de mel no côncavo das rosas...

(1) — Onestaldo de Pennafort — *Minhas lembranças de João Ribeiro*, in *Jornal do Comércio*, 19-6-1960.

Depois o aventuroso troço dorme
Profundamente... Ao longe no Dofrina,
Como na boca de um gigante informe,
Escumeja a neblina.

N O E G I T O

E corre plácida a noite egipciana...
Recorda os tempos idos
Do crescente a fagulhante espadana
Sôbre os antigos fustes carcomidos.

Vejo passar dos tempos através
Putifar, sêres nus,
E os faraós em cujos santos pés
Brilha a perla dimantina à luz.

E vejo passar Isis nebulosa
Nos amarelos trigos
Que vegetam junto à face ondulosa
Dos alpendrados pórticos antigos.

Mas do crescente agora a claridade
Glacial, maometana,
Banha o Nilo, a pirâmide, a cidade,
Lourejando a velha noite egipciana.

A propósito dêsses rítmos inovadores, escreveu João Ribeiro, na primeira edição de seus *Versos*, uma ligeira nota de três linhas — o suficiente para mostrar ao leitor a consciência técnica ou artística com que os compuzera. Mas essa mesma nota mais tarde lhe pareceu desnecessária, e êle preferiu tudo confiar à argúcia do leitor. E' o que podemos concluir do fato de haver, na reedição do seu livro, suprimido o reparo que antes fizera à margem dos seus decassílabos revolucionários.

UMA TENDÊNCIA DE ESPÍRITO

Vinha de longe, como se vê, essa tendência de espírito — que tôda se resumia em um grande desejo de renovação...

Pelos inícios do século, em 1903, fizera João Ribeiro a campanha da renovação das letras brasileiras, com o regresso ao clássico. E' o que encontramos nas *Páginas de Estética.*

Mas a ebulição das escolas continuava no Brasil, independente das lições ou das orientações dêle. Era o momento dos nefelibatas, dos simbolistas, dos decadentes de tôdas as côres. Para êsses vanguardistas tinha êle os ouvidos fechados, na mais dura das incompreensões...

E' o que podemos depreender de algumas de suas opiniões, dadas na carta a João do Rio, por ocasião do inquérito do *Momento Literário,* cêrca de 1906. Parece interessante examinar algumas de suas idéias, nêsse momento.

Sôbre a poesia brasileira da hora que passava, declara êle não gostar de nada...

"Não gosto, absolutamente não gosto dos nossos últimos poetas; falo dos últimos, recentíssimos. Basta dizer que não os leio e que ainda que o quisesse não os podia ler. E digo com a máxima sinceridade que, em abrindo uma folha, prefiro ler um anúncio de leilão a um soneto. E' a nossa poesia de hoje uma coisa pior que péssima, porque é sempre a mesma repetição eterna, descorada, longuíssima,das mesmas coisas, é a mesma ênfase chilra, destemperada, cançada como aquele "chá" do Tolentino..."

Já não é a do pessimismo ou a da negação a impressão que tem acêrca da prosa brasileira:

"Não sucede, porém, a mesma coisa com os nossos prosadores; e ainda que eu conheça (só pela rama) umas três das grandes literaturas européias, acho que podemos falar de escritores nossos sem incontinência. Se tudo é relativo, há descomedimento a nosso favor, e a proporção que nos convém dá muito para envaidecer-nos. Temos romancistas, críticos, jornalistas, oradores mais e melhor do que jamais tivemos.

"Os nossos prosadores de hoje, no Rio, escrevem com gôsto, clareza e não raro com perfeição de forma e outras excelências ainda há pouco tempo — não sonhadas sequer; o mau estilo "provinciano," condoreiro, asiático, sesquipedal, pedantesco, bombástico ou ridículo, aqui não acha quartel e cá se não vê mais no livro nem no jornal.

"Não falo de exceções para pior: nem a mesma Atenas de Péricles delas estaria isenta.

"Dessa tendência concluo que o predomínio será no Brasil do culto da linguagem clássica; temos a doença que é o dialeto e é natural que se não poupem sacrifícios pela saúde.

"Faça-me justiça. Não quero dizer que nos desvelem as noites o Fr. Luiz de Sousa ou o Sá de Miranda; para êstes haverá obreiros modestos que lhes consagrem as insônias, trabalhadores incessantes e fagueiros. A tendência para a perfeição é um instinto ingênito de todos os artistas; nunca houve guerra aos clássicos, senão depois que houve jornalismo. Os jornalistas, com a sua técnica repentina, não se podem prender por êsses polimentos demorados, por essas imagens preguiçosas que não podem ir por máquina. Falam "pro domo sua", quando invectivam as velharias de antanho. Mas se há mistér, porque se não há de, até nisto, engenhar uma máquina?

"Não é talvez difícil e creio até que já está meio inventada."

Assim opinava êle para o *Momento Literário* de João do Rio. Dez anos depois o vemos chegar à coluna de crítico do *Imparcial,* para defender, em seus folhetins semanais, os dois princípios aí esboçados —o de uma renovação na poesia, o de uma renovação na prosa. A renovação da poesia teria, como já o vimos, um programa de pesquisa de novas fontes que nos libertassem do gongorismo estéril em que patinhavamos; a renovação da prosa consistiria numa procura da simplicidade da expressão, — da simplicidade que não exclue a belesa, a poesia e o ornato das imagens ou a veemência do sentimento (como êle próprio o diz, no seu artigo *Poisson d'Avril Egomet,* publicado no *Imparcial* em 1 de abril de 1918).

Vemos, nas transcrições que fiz do *Momento Literário,* como, já naqueles primeiros anos do século, caminhava João Ribeiro para vir aceitar os desvarios renovadores que percorreram a literatura brasileira na década de 1920...

LOUVOR AO QUE E' SIMPLES E AO QUE E' BRASILEIRO

Dez anos volvidos, temo-lo, com efeito, inteiramente despreocupado dêsses amores aos velhos clássicos. Nêsse intervalo, dir-se-ia que êle sentiu melhor o Brasil, que êle *viveu* melhor o Brasil... E dia a dia se vai desprendendo mais de Frei Luiz de Sousa, de Dom Francisco Manuel de Melo, de todos os preconceitos literários de uma arte seiscentista ou setecentista.

E' o tempo em que para êle a boa arte literária começa a aparecer como sendo a que tenha a maior simplicidade, o

tempo em que começa a detestar quaisquer enfeites e artifícios...

E' o tempo em que cria um aforismo, ou se quiserem uma regra, nêstes termos: "Cada qual escreve como pode, e não é a pouca nem a muita gramática que faz o escritor." (1)

Por isso combate os arabescos — que parecem sempre inúteis: "Convém não esquecer que o arabesco não dá uma só linha à arquitetura, e por vêzes a desfeia, complica e obscurece. A ornamentação é sempre suplementar e só serve decentemente quando encobre a feialdade." (2)

Por isso também está sempre alerta contra os simuladores de um classicismo fóra do nosso tempo: "Não há piores escritores do que aqueles que timbram em ser clássicos, desordenadamente enchendo o saco de pedregulhos e cascalhos antigos." (3)

Um artigo muito importante de sua lei de julgamento estético e literário, é, nesse ponto, o próprio Brasil. Sua idéia é a de que, para o julgamento dos valores literários, temos nós, os brasileiros, de levar sempre em conta o nosso país. "Há uma coisa superior aos clássicos, e a Lisboa e Coimbra (diz êle): e vem a ser esta coisa: o Brasil."

Em outro dos seus artigos afirma: "O Brasil é um grande clássico, e de maior perspectiva de futuro que os outros todos." (4)

JULGAMENTOS SÔBRE OS MODERNOS

Tomando parte, de certa maneira — à sua maneira — no movimento modernista, João Ribeiro se vai divertindo com tôdas as coisas, e da forma que lhe é possível. Adere ao grupo dos antropófagos, e só lastima a precariedade dos seus dentes, que já lhe não permitem as manducações abundantes e deliciosas do tempo da juventude.

No volume dos *Modernos*, a que já me referi acima, pode-se ver a finura, a precisão, com que compreendeu o papel de Graça Aranha, o de Ronald de Carvalho, o de Manuel Bandeira, o de Mário de Andrade, o de Osvaldo de Andrade,

(1) — *O Jornal*, 22-9-1913.
(2) — *Estado de São Paulo*, 26-9-1926.
(3) — *O Jornal*, 6-8-1921.
(4) — *Jornal do Brasil*, 15-2-1927.

o de Menotti del Picchia, o de Ribeiro Couto, o de Cassiano Ricardo, o de Jorge de Lima, o de Tristão de Ataide, o de tantos, tantos outros, que foram modernistas do primeiro momento. E também se vê como foi sentindo o que valiam os mais moços, os que iam chegando depois — os romancistas, como José Lins do Rego e Amando Fontes, os poetas, como Eugênio Gomes e Vinicius de Morais. E sempre com aquela sua sutileza irônica, sabendo separar em cada um dêles, ou em quase todos, a parte do que era mérito real da parte do que era amplo e resplandescente cabotinismo...

A tolerância ou a compreensão que ostenta para com os *modernos* encontra hostilidade e irritação por parte dos velhos, ou apenas dos tradicionalistas, chocados com as irreverências do grupo que deseja a transformação e a reformação das nossas letras. E isso um dia leva João Ribeiro a uma explicação — quase estou a dizer, a uma declaração de princípios.

Escreve então:

"Quando recenseio as obras literárias que me cabe registrar na imprensa, tenho a mais simpática admiração pelos homens novos, que se recusam a repetir o já dito e redito pela gente que passou ou vai passando.

"Nisto parece que difiro de alguns *passadistas* intransigentes.

"Acho que é coisa possível com a estreita gama de sons inventar melodias e dissensões novas. E não só é possível, mas é desejável. A lira de quatro cordas não pode ser um limite à amplitude infinita das suas cantigas.

"Muito menos a prosa, que possue os seus rítmos ainda mais largos." (1)

UMA OPINIÃO DE CASSIANO RICARDO

Os que lerem aquele livro — *Os Modernos* — hão de ter observado que João Ribeiro teve, para a exata compreensão do movimento modernista no Brasil, uma significação da maior importância. Escrito por um crítico desapaixonado e nada faccioso, um crítico que pairava acima de partidos lite-

(1) — *Estado de São Paulo*, 20-7-1927.

rários, quaisquer que êles fôssem, as análises que encerra — muitas delas, pelo menos — podem ser tomadas como os retratos definitivos dos poetas e dos prosadores de que trata.

E' afinal na posição em que os viu João Ribeiro, que também os vemos nós, que hão de vê-los as gerações futuras.

Creio que o que já ficou aí escrito é mais do que suficiente para mostrar qual o lugar preciso de João Ribeiro como crítico do movimento que se convencionou chamar no Brasil, em falta de um batismo mais exato, de *Modernismo*.

Êsse papel, que êle exerceu com prazer e convicção, já tem sido posto em destaque por vozes de muita autoridade, como, por exemplo, a de Cassiano Ricardo.

Diz o autor de *O Homem Cordial*: "O verdadeiro precursor do Modernismo de 22 foi João Ribeiro. Quero dizer que Graça Aranha (e isto para me referir a outro nome desta Academia) (1) terá sido, em 1924, um grande agitador de idéias, na memorável conferência aqui pronunciada tumultuosamente:

"Ou a Academia se renova, ou morra a Academia."

"Mas João Ribeiro, já em 1917 (portanto sete anos antes) havia tomado a sua posição de vanguarda. Com a diferença de que, por ser muito anterior a Graça Aranha, a sua atitude representou um ato de insubmissão mais insólito, — porque ainda sem proselitismo — e talvez mais profundo, porque fundado em sua autoridade de crítico, no seu valor e na sua cultura."

E tão certo está o poeta de *Montanha russa* dêsse grande papel exercido por aquêle que foi dos seus antecessores na cadeira que hoje ocupa na Academia, que, ao ver que se aproximava o ano de 1952, em que se iria comemorar a passagem do trigésimo aniversário da *Semana da Arte Moderna*, propôs à instituição celebrasse de maneira eloquente o acontecimento. E um dos números que encontrou para tornar mais eloquente a celebração, consistiu exatamente na publicação daquêle volume intitulado *Os Modernos*. A Academia aceitou a sugestão. E o volume indicado foi organizado e oferecido ao público. Assim puderam ter os leitores brasileiros aquêle nítido e às vêzes tão gracioso espêlho, em que João Ribeiro contempla a renovação literária que se foi operando no Brasil, a partir da década de 1920.

(1) — Tratava-se de uma conferência, que o poeta pronunciava na Academia Brasileira de Letras.

A POSIÇÃO DE JOÃO RIBEIRO NA CRÍTICA BRASILEIRA

Sugiro, pois, a quebra de um dos preconceitos mais aferrados em nossa história literária.

Diz êsse preconceito que os grandes críticos brasileiros do século passado são três: Sílvio Romero, José Veríssimo e Araripe Júnior.

Proponho que se incorpore de uma vez a êsses três nomes o de João Ribeiro. Façamos uma tetralogia, em vez de uma trilogia. Não é meu intúito aqui — e isso seria uma tolice — pretender medir valores espirituais.

A única coisa que pretendo acentuar é que, pela universalidade de sua cultura, pelo esplendor de seu espírito, pela honestidade e a sinceridade de suas opiniões, João Ribeiro não pode deixar de ser colocado no mais alto cimo de nossa crítica literária, como um verdadeiro e definitivo marco.

V

TORTURA DA AUTO-CRÍTICA

UM JUIZ QUE SE CONDENA

Dificilmente poderiamos encontrar, na literatura brasileira, um poeta, um prosador, um escritor que tão vivamente se haja negado quanto o fêz João Ribeiro.

Qual o motivo psicológico dessa sua atitude?

Será um ressentimento, resultado da omissão frequente que observaria do seu nome no quadro dos valores nacionais?

Como o saber?

Limitamo-nos ao registro do fato.

E podemos acrescentar que essa tecla da auto-negação é uma das que João Ribeiro mais vivamente faz soar, em tôdas as ocasiões que se lhe apresentam.

No que se refere à poesia, por exemplo. Fôra, na mocidade, um poeta, é verdade que sem grande surto; porém um poeta que trazia certo sentido de renovação e que — conforme o mostrou Onestaldo de Pennafort, em estudo ha pouco citado, e conforme nós mesmos já tivemos ocasião de o demonstrar — trouxe uma contribuição nova, pessoal e interessantíssima, à construção do decassílabo brasileiro. De que se sentia poeta, de que se acreditava mais poeta do que prosador, temos, também, uma prova. Está na seleção que fêz de apenas alguns sonetos — com a exclusão de qualquer trabalho de prosa — para a sua representação nas *Páginas Escolhidas da Academia Brasileira de Letras*, obra que, como o sabemos, foi êle próprio quem organizou. Pois se era assim — porque terá renunciado de maneira tão definitiva à poesia? E porque, tôda a vez que podia, procurava negar, destruir, ou, o que era pior, ridicularizar o seu labor de poeta?

Êsse seu desejo de negação vai a tudo; vai à pintura, à escultura, à música, artes em que, de fato, João Ribeiro foi apenas um amador de pouca habilidade.

Mas vai também para a literatura — para a poesia, em primeiro lugar, e depois para a prosa, para todos os gêneros da prosa, em alguns dos quais êle foi exímio, e mesmo maravilhoso...

POESIA DA FRUSTRAÇÃO

Foi a êsse sentimento flagelante, para o qual até agora não encontrei explicação ou motivo, que já uma vez dei o nome de — *poesia da frustração.*

Ouçamos, para melhor compreendermos João Ribeiro, algumas elegias dêsse poema da incapacidade literária, algumas estrofes dêsse cântico de Jó, que êle, durante tantos anos, escreveu em nossas letras...

Vejamos, primeiramente, algumas anotações acêrca dos seus próprios livros:

Sôbre o *Folclore*: "Como ensaio de generalização, talvez aproveite a alguns folcloristas, que em geral coligam documentos abundantes, mas ignoram o sentido histórico e comparativo do material recolhido. — O livro está bem longe de esgotar a matéria e nem sequer a totalidade de apontamentos do autor. Não passa de tentativa imperfeita, sinal apenas do que é razoável ou possível fazer."

Sôbre as *Curiosidades Verbais*: "As *Curiosidades Verbais*, obra de amador, esperam muito pouco da simpatia pública. — Não é obra científica nem literária. Pertence ao número daquêle gênero misto de recreações fatigantes. — E depois é mais um livro! Mais um livro para mim que escrevi tantos e todavia não escrevi nenhum!"

Sôbre seus livros em geral: "Há, é verdade, vários livros de minha lavra que se acham esgotados e, portanto, quase fora da circulação, apenas acessíveis para os que frequentam os antiquários... São em grande parte livros didáticos ou de informação mais ou menos útil, gênero *mal necessário*, de extração assegurada e apetecida dos editores. Quanto à literatura propriamente dita, nada tenho que mereça os cuidados de vulgarização imediata. Os meus versos já não são lidos felizmente para mim; e a minha prosa, vagamente legível, dissipa-se nas folhas efêmeras do jornalismo. Se quizesse

reunir tão numerosos fragmentos, ainda que lhe aplicasse escolha severa, teria eu matéria para uma dúzia de volumes fatigantes e supérfluos. Mas não penso nessa calamidade..." (1)

Ouçâmo-lo agora, ao falar acêrca de suas várias atividades:

O poeta: "Um dia dêstes, escrevendo Prudente de Morais Neto a meu respeito, entre as palavras amáveis que de costume sempre me comunica, disse que eu era várias coisas, e entre elas que eu era poeta.

"Mas ajuntou em nota:

"*Mau poeta.*

"Se eu lhe visse as provas do gentil artigo, retrucar-lhe-ia com sinceridade:

"— Tire daí êsse *mau* e ponha *péssimo*. E' o que é." (2)

Ainda o poeta: "Em verdade fiz versos e só me arrependo de os haver feito medíocres e péssimos. O meu tempo, na poesia, era o de Raimundo, Alberto, Bilac e Augusto de Lima: um só dêles, quanto mais quatro, bastava para me deixar na sombra inócua dos jornais velhos e das páginas literárias. Todavia ao colega obscuro Alberto ofereceu o soneto *Sirinx* e Raimundo o *Vesper*, antes de serem os amigos que foram... O livro (o seu livro *Versos*) está esgotado e ao que me parece é inesgotável." (3)

Outra vez o poeta: "Quando frequentava as aulas do Liceu da minha terra, esbocei um poema — *Prometeu* — de que logo publiquei uma mal engraçada amostra num jornal. — O professor Diniz, meu velho mestre de latim, que percom um epigrama intitulado *Prometeu mas não cumpriu*. Fui petrou na mesma fôlha uns versos satíricos, recebeu a amostra o primeiro a rir-me, um pouco corrido da minha néscia fatuidade..." (4)

Sôbre o professor: "A atividade única de que não me arrependo foi a de ter ensinado algumas verdades triviais a milhares de inteligências juvenis, tôdas elas fieis à estima do velho mestre.

"E goso imerecidamente de admirações desconhecidas e humildes, grandes ou pequenas, de operários e doutores.

---

(1) — *Estado de São Paulo*, 26-12-1930.
(2) — *Idem*, 12-11-1927.
(3) — *Jornal do Brasil*, 11-5-1926.
(4) — *Estado de São Paulo*, 20-7-1927.

"Stevenson reduzia as profissões decentes a quatro apenas: a de pastor, a de mestre-escola, a de lavrador e a de marinheiro.

"Sinto-me satisfeito nessa distribuição, pois me dá a idéia de que não fui inteiramente inútil.

"Vivi (e ai de mim vivo ainda), trabalhei, e estou preparado para a longa jornada, em que não acredito, embora os meus alforges sejam leves e vasios.

"E quem sabe se não irei em aeroplano? A eternidade provàvelmente já chegou a êsse progresso sub-lunar..." (1)

OUTRAS ESTROFES DO MESMO CANTICO...

Poderemos continuar a ouvir João Ribeiro nêsse seu exercício incessante de auto-crítica.

Iremos ouví-lo no pórtico da Academia, definindo a sua humildade entre as maravilhosas glórias da casa... "Já posso estar seguro de mim mesmo. Nada mereço, mas os que merecem vieram a mim. Quanto errei já me perdoaram. Dora em diante trabalharei e serei compreendido..." "Quizestes significar que êsse é também o lugar dos humildes e que entre vós não há desdém pelos tímidos; também entre as esferas de fogo dos astros pôs a natureza intervalos providenciais e obscuros, pois que, no dizer do poeta, a contínua perpetuidade da luz seria exauriente e mortal." (2)

Iremos ouví-lo, depois, em tantos outros lugares... Aqui êle nos dirá o que é a sua curiosidade: "Sou um bom intérprete para os curiosos, porque também o sou, não podendo ser mais. — A minha exegese é, em tôdas as coisas, simplista e superficial. As profundidades causam-me estranha vertigem." (3)

Em outra passagem de sua auto-crítica, dizia êle:

"Dificilmente, eu poderia ser contemplado nos quadros dogmáticos da literatura. Fiz alguns versos e desanimei da poesia, quero dizer, da poesia que eu supunha compor. Tentei a novela por duas ou três vêzes e não passei das páginas proloquiais do imaginário romance. Fiz o jornalismo, quase sem-

---

(1) — *Estado de São Paulo*, 28-12-1930.
(2) — *Fabordão*, pág. 41.
(3) — *Estado de São Paulo*, 17-12-1927.

pre, mas sem o propósito verdadeiro, que é o da influência na opinião pública. Fiz crítica literária e grangeei desafetos.

"Ao cabo de tamanha canceira, não fiz coisa alguma, a não ser essa estúpida vanglória de ser conhecido sem se saber como e porque ". (1)

A essa mesma conclusão — da sua irremediável frustração em tudo, da sua mediocridade sem remédio — chega no artiguete em que agradeceu ao seu amigo Lindolfo Gomes a planejada publicação de um *Livro Jubilar* em sua honra. Eis essa nova e ainda mais negativa estrofe do seu cântico de negações:

"Trabalho e escrevo só por necessidade material e dessa evidente fraquesa faço todo o possível por esconder a falta de vocação.

"No professorado fui sempre uma figura mediocre; na Academia, sou uma das mais apagadas individualidades e dessa triste mediania apenas me desforro tagarelando pela imprensa "de omni re scibili" (não me errem o latim livresco, pois ainda há poucos dias saiu "genuo" por genus") com a imunidade das literaturas efêmeras das gazetas.

"Nunca dispuz de tempo para concentrar e realizar desejos, sempre sopitados pelo afã proletário em busca do pão de cada dia.

"E não me queixo absolutamente do inútil desperdício. Pertenço ao grande número dos que dissipam dia a dia o que conseguem sonhar e imaginar nas horas noturnas.

"E' também um prazer fazer pouco, como o é não fazer nada. A ociosidade ou as ocupações supérfluas enchem as horas e dão certo contentamento na obscuridade.

"E acredite o meu nobre amigo Lindolfo Gomes que eu não trocaria êsse quieto crepúsculo de ambições por um dia atormentado de glória e de esplendor.

"Por minha vida, morra sem gemer nos prelos êsse "livro jubilar" que me apressaria a morte.

"Quero viver sem glória com o só prazer da vida." (2)

Em um dos seus últimos artigos, comentando uma página de Humberto de Campos, volve a acentuar as mesmas desenganadas e tristes confidências:

"Ai de mim! escapei porque vaso ruim não quebra e principalmente porque, longe de ser um cedro, fui um caniço

(1) — *Jornal do Brasil*, 29-8-1925, por ocasião de lhe haver um repórter pedido uma entrevista acêrca de coisas da literatura.
(2) — *Estado de São Paulo*, 17-9-1927.

flexível que vergava humildemente ao ímpeto das rajadas. Foi essa flexibilidade o segrêdo da minha resistência.

"E vivo, tendo ainda grangeado a serenidade, que é o prêmio da experiência da vida.

"Serenidade, sim, mas não indiferença.

"Assisto ao espetáculo de tôdas as vicissitudes sem me dobrar ao destino delas. Deixo passar com a filosofia de quem não pode mais aspirar a coisa alguma, considerando-me impróprio para quase tudo no torvelinho social que me cerca.

"Em verdade, que poderia eu querer mais que o repouso e o descanso?

"Não tenho mêdo da morte e nem me preparo para ela, como era o conselho antigo dos homens que temiam as penas do inferno ou aspiravam às delícias do paraíso.

"Em nada disso creio e espero, confiado em que a minha pulverização será silenciosa e magnífica.

"Os meus pecados são poucos nessa fase inábil da velhice. E' possível que a impiedade seja o único defeito irreparável de minha vida." (1)

UMA TEORIA PSICOLÓGICA

Certa vez, João Ribeiro transfere a melancolia dessas suas meditações negativas — transfere-a do terreno individual para o terreno da generalisação. Vêmo-lo, então, com a sua maneira desencantada e boêmia de dizer as coisas, invadir os limites da Psicologia, numa reflexão que, se fôsse produzida por um doutor dessa ciência, talvez hoje corresse o mundo como uma teoria vitoriosa... Foi assim que êle criou uma doutrina que eu não sei se prefira chamar da *qualidade* ou da *densidade* da alma — uma tese risonha e em verdade sutil, e por fôrça da qual nos dá a explicação da sua própria forma de ser, múltipla, inconstante, contraditória e tão complexa... Ouçâmo-lo:

"Quando me tenho analisado, o que sucede em horas de preguiça, que é a minha única fórmula de reflexão filosófica, descubro que tenho alma de mais, e ser-me-ia de maior utilidade se a tivesse menos.

(1) — *Estado de São Paulo*, 25-7-1933.

"Indo mais longe, acredito que as porções de alma são distribuídas desigualmente entre os homens. Os homens de pouca alma são práticos, ativos, rápidos e amigos da experiência. Os de muita alma são naturesas indecisas, platônicas, inúteis e incapazes de perceber as conveniências próprias.

"Verifiquei que eu tinha muita alma, desde quando senti a parte desmesurada que me coube. Quiz ser tudo sem ser coisa nenhuma. Fui músico, ordinaríssimo; fui pintor abaixo ainda dos que pintam monos (gênero aliás difícil); fui poeta sem ter nunca escrito um verso com alguns grãos de poesia; escrevi sem pensar e pensei sem conseguir escrever; enfim, uma enorme curiosidade de mil coisas encheu-me o espírito, ou antes era a enorme vacuidade do espírito que atraia essas mil coisas para encher-se delas, à maneira da esfinge.

"As naturesas dêsse feitio, ao meu parecer, têm alma de mais, superabundantemente, superfluamente. E se é certa essa hipótese, estou todo dentro dela, com a minha universal indecisão.

"Vale a pena ter-se uma alma esguia, um filamento delicado, próprio a adequar-se a objetivos seguros e positivos: assim, penso eu, é que se define o verdadeiro poeta, o escritor, o artista, enfim.

"Os outros, ou as outras almas, não passam de obesidades ridículas, que perambulam atravancando a via pública." (1)

A FINALIDADE DE UMA BELA VIDA

Poderíamos multiplicar as citações dessa espécie, mostrando, em tôdas elas, João Ribeiro perdido — mas perdido com delícia, porque êle se divertia com tudo — no seu mundo imenso e triste. Era o mundo da dúvida permanente, da intranquilidade íntima (uma intranquilidade tão resignada que poderíamos dizer tranquila) da falta de confiança nas coisas da arte, nas coisas do espírito, do coração e da sensibilidade.

Para bem defini-lo nêsse aspecto não sei de coisa melhor do que ir ainda a uma das suas meditações filosóficas da última fase. E a posição espiritual em que êle perdura, em

(1) — *Jornal do Brasil*, 7-11-1929.

nossa apreciação, é aquela mesma em que o encontramos em seu delicioso artigo intitulado *La Joie de Vivre*:

"A hora de partir (diz êle nessa página) deve estar próxima, mas não me aterroriza. Deixo "ab intestato" as infinitas futilidades do meu espírito, e prometo com alguma segurança não voltar cá outra vez.

"O que eu sinto é não poder ordenar aquelas futilidades efêmeras do papagaio amazonense.

"A inutilidade é um prazer como outro qualquer e sinto-me dentro e à margem da vida, como aquêle inglês que lançava o anzol sob as águas tranqüilas de um lago.

"— Aqui não há peixe algum, disseram-lhe.

"— *No matter*, respondeu o inglês; eu não quero apanhar peixe, o que eu quero é pescar.

"Eis a minha finalidade, como se diz agora." (1)

* * *

Essa, em verdade — a da serenidade filosófica, a da tranquila desambição de tudo, a da risonha aceitação das coisas boas e das coisas más — é a posição em que hoje contemplamos João Ribeiro. E' nela que hão de contemplá-lo, estamos certos, as gerações futuras, as gerações que representarão aquela outra vida, melhor e mais bela do que a curta vida que temos na terra — aquela outra vida a que chamamos glória...

E' assim que o vemos já agora, nós, os que fomos seus contemporâneos e que nos conservamos seus amigos, nós, os que o vimos viver, sofrer e trabalhar, nós, os que um dia pudemos aferir as suas grandes qualidades de homem e de cidadão, e que, por isso mesmo, não sentimos vacilação em aplicar a êle o formoso elogio que êle próprio fêz a Machado de Assis:

— João Ribeiro é único, e não se repetirá.

(1) — *Estado de São Paulo*, 22-10-1931.

IV

O ENSAIO DE JOÃO RIBEIRO

I

ENSAIO SÔBRE A NATURESA DO ENSAIO

UM LUGAR NA LITERATURA

Tem-se dito — e creio que isso já agora se tornou um lugar-comum das letras brasileiras — que João Ribeiro é um grande ensaista. Há quem acrescente que é em nosso país o tipo por excelência do ensaista — é quem melhor representa o gênero ensaio no Brasil.

Essas afirmativas suponho que são válidas. E são sobretudo cômodas, pois resolvem um problema dos mais difíceis a quem lida com êsses assuntos da história literária. Resolve êste assunto de termos um lugar preciso, uma estante, um capítulo, em que possamos à vontade colocar João Ribeiro.

Que êle é um grande escritor, dos maiores que o nosso país possue, alguma coisa da estatura de um Machado de Assis ou de um Rui Barbosa, é evidente.

Mas, sendo assim, como sabemos que é, resta êste outro problema: onde colocar João Ribeiro? Onde colocar êsse homem, que praticamente foi tudo? Na poesia? Na história? Na filologia? Na ficção? Na crítica? No jornalismo? No folclore?

A verdade é que êle próprio teria dificuldade em se classificar dentro da literatura. Já a seu respeito escrevi alguma coisa a que dei o título de *Poesia da Frustração*, — um pequeno ensaio em que, percorrendo uma longa parte de sua obra, o mostrei desiludido e melancólico, diante das infinitas tentativas sem êxito que no terreno da literatura havia feito através de tôda a vida. Em um dos trechos que alí transcrevi chega João Ribeiro à conclusão de que, se assim falhou em tanta coisa, foi porque teve alma demais...

Dez e cem vêzes repete, sob uma forma ou outra, êsse mesmo melancólico pensamento. Ei-lo a falar acêrca de *autores e editores*, e aí volta ao assunto:

"Não me canço de dizer a verdade que sinto a meu respeito. Na literatura propriamente dita, quando muito eu teria direito a um lugar na espécie inferior do *feuilleton* crítico ou de uma página de almanaque..." (1)

UM JUIZO DE JOSE' VERISSIMO

Mas a verdade é que alguma vez êsse bom humor se toldava. E a risonha ironia se tornava uma disfarçada mágua. Darei um exemplo. — Em certo artigo do *Imparcial*, no ano de 1913, (2) estudava êle a tese que intitulou *Experiências literárias*.

"Sinto não ter prestígio e autoridade para falar de assuntos literários. No meu caso pessoal, o meu eminente colega, o Sr. José Veríssimo, fazendo-me favor, não acha para mim nenhum lugar na literatura, e eu aceito o seu *veredictum*, feito com tôda a polidêz que lhe é própria, como perfeitamente sincero, e, melhor que sincero, exato."

A queixa repercutiu naturalmente no espírito justo e honesto de José Veríssimo — que, diga-se de passagem, era admirador de João Ribeiro, amigo dos mais chegados que êle teve, tendo sido mesmo quem o recebeu na Academia... E provocou uma emenda do crítico... Dizia Veríssimo, dias depois, em *post-scriptum*, pela sua coluna também do *Imparcial*:

"Tinha êste escrito, quando vi o fino e ironicamente conceituoso artigo do meu preclaro colega Sr. João Ribeiro, com o mesmo motivo. Deparou-se-me nêle uma alusão que me pesou, por injusta. Atribue-me a opinião de que êle não tem lugar na nossa literatura. Tenho escrito bastante do Sr. João Ribeiro, sempre com o justo reconhecimento e apreço do muito que vale como escritor. De todo não me lembro onde encontrou êle tal juízo meu, ao menos em forma tão absoluta. E' certo que o Sr. João Ribeiro, versando, sempre superiormente, vários ramos da literatura, escapa, por isso mesmo, a uma

(1) — *Jornal do Brasil*, 3-9-1925.
(2) — 25 de setembro de 1913.

determinada classificação de gênero. Como historiador, gramático, filólogo e crítico, é, sobretudo, um erudito, porém, é mais, com distinção que sempre lhe reconheci, poeta, autor de ficção, jornalista, e em tudo escritor primoroso. Se alguma coisa me fôsse lícito estimar em mim, como crítico mofino, seria o meu esfôrço de ser justo. Sòmente por amor da justiça, peço vênia ao insigne escritor para opor-lhe esta contradita."

Não podemos dizer que essas belas palavras de José Veríssimo compõem o esbôço de um ensaísta?

O CARATER DO ENSAIO

Creio que sim.

E já agora posso dizer que a razão pela qual amo definir João Ribeiro como um ensaísta, e tenho prazer em vê-lo incluído nêsse ramo da literatura, é exatamente por êsse ar de provisório, de transitório, de eternamente flutuante e móbil, que êle sabe transmitir a cada página que escreve, a cada frase que pensa...

Isto, se me é permitido dar uma opinião em tão transcedente assunto, é que caracterisa o ensaio.

O ensaio, assim, ao que posso entender, não é um gênero literário que exista por si mesmo, como o é o romance, o conto, ou a oratória ou a epistolografia, ou mesmo a história.

O ensaio me parece, pois, antes um estado de espírito do que mesmo um gênero literário. Ensaio é o que o autor diz que é ensaio — entendendo por isso que lhe dá um caráter susceptível de modificação ou de enriquecimento. Não será ensaio o que o autor não quer que o seja...

Será assim mesmo?

O ASSUNTO E A DIMENSÃO DO ENSAIO

Se examinarmos mais de perto, verificaremos, desde logo, que o ensaio não se prende ao problema do assunto. Há ensaios de tudo, e qualquer assunto pode fornecer um ensaio. E' o que

diz o mestre universal do gênero — *il n'est subject si vain qui ne merite un rang en cette rapsodie.* (1)

Vemos confirmada essa tese com a multiplicação dos terrenos em que penetra o ensaio — ensaio de história, ensaio de crítica, ensaio de filosofia, e assim por diante.

Quer dizer: existe a história, existe a crítica, existe a filosofia —cada uma delas estudada então em um dos seus aspectos, sob uma forma de ensaio...

Se o gênero não depende do assunto, muito menos dependerá da dimensão. Existe (basta ver o insuperável Montaigne) existe o ensaio de uma página — *D'un defaut de nos polices, De la bataille de Dreux...* e tantos outros mais; e existe o ensaio de duzentas páginas — *Apologie de Raimond Sebond.*

Isso no que se refere a Montaigne... Porque, se quizessemos ir a outros autores, haveriamos de ver que, às vêzes, sob o título simples de *ensaio sôbre isto,* ou *ensaio sôbre aquilo,* se esconde uma obra em centenas de páginas e não é impossível que em mais de um volume.

O QUE E' O ENSAIO

Se é assim, podemos perguntar:

— O que é então que caracterisa o ensaio?

E a única resposta que podemos ter é mesmo esta: é a de que o ensaio não é, em si mesmo, um gênero. Será, se o quiserem, um super-gênero — alguma coisa que está fora e para além dos gêneros, e que os domina a todos.

Está, portanto, o ensaio, — como eu já disse acima — mais no espírito do escritor do que pròpriamente na concepção, na arquitetura, que êle dá aos seus trabalhos.

E o que então caracterisará êsse gênero dos gêneros — êsse super-gênero, tal como o tento definir — será o caráter de provisório, de transitório, que o escritor empresta àquilo que escreve.

Êsse característico que aponto — o ser provisório, o ser transitório — parece ser aceito universalmente.

Unamuno — outro mestre inexcedível do gênero, essa espécie de Montaigne espanhol, mais duro e mais sêco do que

(1) — Montaigne, vol. 1.º pág. 53 (edição da *Renaissance du livre*).

o francês, como convém e está na ordem das coisas — chega a falar em um *ensaio errático...* em *"un breve ensayo errático,* de esos que uno enpieza a lo que salga, en muy premeditada improvisación — y que suelen ser los que más firme unidad guardan bajo su aparente incoherencia..." (1)

Êsse característico do ensaio — a sua como difusão e o seu vago, o seu poder de se estender como se fôsse um veo ou uma rêde sôbre os demais gêneros — provavelmente já terá sido posto em destaque por críticos da literatura. Não me lembro, porém, de haver encontrado a observação em nenhum autor. Mas a prova dêsse poder do ensaio está em muitos lugares — está, por exemplo, na sugestão de alguma idéia afim com a idéia de envoltório, a de véu ou a de rêde, que encontramos na ponta da pena do crítico tôda a vez que êle estuda um ensaísta que de fato mereça êsse nome...

Lembrarei aqui para demonstração aquela passagem do já citado Taine acêrca dos livros do já citado Macaulay: "Tal é o encanto dêsses livros que nos conduzem a todos os assuntos, que dão a opinião do autor sôbre tôdas as coisas, que nos levam a passeiar em tôdas as regiões do seu pensamento, e, por assim dizer, nos fazem *fazer o giro do seu espírito.*"

ENSAIO E' TAMBÉM INQUIETAÇÃO...

Se pedirmos a uma enciclopédia — a de Whitney, por exemplo, — uma definição de ensaio, ela no-la dará: "E' uma composição discursiva que se relaciona com um assunto dado, habitualmente mais curta e menos metódica e acabada do que uma dissertação, uma curta disquisição."

Era isso mesmo o que expressava um mestre do assunto como Bacon, ao dizer: "Escrever dissertações é coisa que requer vagar ao que escreve e vagar ao que lê... Essa foi a razão que me levou a preferir escrever certas notas breves, que chamei *Ensaios.* A palavra é nova, mas a coisa é antiga..."

Na mesma enciclopédia encontro a transcrição de um trecho da *Revista de New Princeton,* na qual leio estas linhas curiosas:

(1) — *De Esto y de Aquello,* 2.º tomo, pág. 304.

"Um ensaio é propriamente uma coleção de notas, que indicam certos aspectos de um assunto, ou sugerem meditações que a êle se prendem... Não é um ataque formal, mas uma série de tentativas... Não persegue o seu tema como se fôsse um perdigueiro, mas vai, aqui e alí, como um pássaro que procura material para o seu ninho, ou como uma abelha que procura mel para o seu favo..."

Essa imagem do pássaro a procurar material para a construção do seu ninho é, ao que posso sentir, a mais apropriada de quantas poderíamos encontrar para definir o espírito de ensaísta de João Ribeiro. Eis como êle próprio se vê:

"Minhas idéias são volúveis e fugazes, como os pássaros de Aristófanes, que fundaram, entre céu e terra, uma cidade flutuante.

"Agitam-se, chilreiam e vagam, espaço fora.

"Cada dia, novos horizontes; cada noite, estrêlas novas." (1)

O ENSAIO E A EPÍSTOLA

E' de Bacon esta passagem: "As epístolas de Sêneca a Lucílio, se bem as considerarmos, não são mais do que ensaios, isto é, meditações dispersas, embora concebidas sob a forma de epístolas."

O que nos autorisa a ampliar ainda mais a conceituação do ensaio. Se aceitamos a afirmação ou o julgamento do filósofo, havemos de incluir na categoria do ensaio as grandes correspondências famosas, onde encontramos a meditação ou o pensamento — a de um Rousseau e a de um Voltaire, a de um Chateaubriand e a de um Flaubert, e, na nossa língua, a de um Antônio Vieira, a de um Eça de Queiroz, a de um Nabuco, a de um Monteiro Lobato.

O ENSAIO E A CRÔNICA

Outra aproximação frequente que vejo fazer é entre o ensaio e a crônica. Na aula inicial do curso da Academia Brasileira de Letras dedicado ao ensaio, Alceu Amoroso Lima aproximava — ou separava — os dois gêneros, fazendo, se consigo ser fiel ao seu pensamento, esta diferença: a crônica é a meditação lúdica que parte de um fato; o ensaio é a meditação lúdica que parte de uma idéia.

(1) — *Jornal do Brasil*, 2-8-1925.

A distinção me parece engenhosa. Mas acredito que não está muito dentro da realidade. E para comprová-lo vou às minhas melhores fontes de meditação — as quais, acredito, são também as melhores fontes de meditação de Alceu. Retomo o meu Montaigne, retomo o meu Machado de Assis —autores que, em meu entender, posso considerar sínteses dos dois gêneros. Pois o que vejo é que, indiferentemente, os ensaios de Montaigne podem partir de uma idéia ou de um fato; e que também as crônicas de Machado de Assim podem, indiferentemente, partir de um fato ou de uma idéia.

Se queremos, em verdade, simplificar o que é simples, poderemos, para a conceituação dos dois gêneros, ficar naquilo que nos ensina o dicionário. Reabro o Morais e vejo esta definição: "Ensaio — escrito em que se examina alguma coisa..." Reabro o Vieira e encontro esta outra: "Crônica — atualmente, nos jornais, parte em que se contam os principais acontecimentos e se reproduzem os boatos de uma terra..."

Podemos ver por aí a interpenetração dos dois gêneros. E chegar à conclusão de que uma crônica pode bem ser um ensaio, e de que um ensaio pode bem ser uma crônica.

O QUE E' A CRÔNICA

Resta, agora, saber o que é uma crônica... Se fizermos a pergunta a um crítico malicioso e irreverente como Jules Lemaitre, ouviremos esta resposta:

"A crônica é um certo número de linhas impressas, nas quais, nove vêzes em dez, são relatados ou comentados acontecimentos de uma perfeita insignificância: festas, casamentos, escândalos mundanos, histórias de comediantes, e o que fizeram ou disseram os homens do dia . Êsses acontecimentos sem importância nenhuma ocorrem num círculo excessivamente restrito, num pequeno agrupamento humano, e só se tornam interessantes (algumas vêzes, e não para tôda a gente) porque êsse pequeno agrupamento se agita em um ponto imperceptível do globo que se chama Paris. Quanto aos comen-

tários, achamos em tais páginas, nove vêzes em dez, a filosofia mais vulgar, ou a mais vulgar ironia, o ceticismo mais grosseiro e mais acessível, ou então o mais ingênuo pedantismo, e, nos melhores trechos, espírito fabricado, pilhérias que sentimos feitas segundo fórmulas imutáveis. A sensação total é a de um vasio profundo... A crônica será, pois, se a quizermos definir assim, a poeira da literatura..."

O julgamento do gênero era em excesso duro, e Lemaitre o produzia a propósito de dois cronistas parisienses dos mais prestigiosos naquêle momento — Albert Wolff e Emile Blavet.

E' claro que nas opiniões e nos juízos dos críticos, como em tudo o mais, temos que levar em conta a relatividade de tôdas as coisas. E é claro também que um cronista da fôrça genial de um Machado de Assis, capaz de transformar cada página de comentário diário da folha em que escreve em uma nova criação, está colocado além daquêles conceitos do crítico francês, e muito mais alto que êles.

E' que Machado de Assis, mesmo quando redigia uma simples crônica, estava no caso da meditação de Unamuno: "Cabe escribir periodicamente, en periodista — analista ou diarista, segun el periodo — para siempre, como dijo Tucidides que escribia su história de la guerra *del Peloponeso*. Para siempre!" (1) O nosso grande Machado só sabia escrever para a eternidade...

A ANTIGUIDADE DO ENSAIO

Vimos como Bacon se refere ao ensaio, considerando a sua idade — *a palavra é nova, mas a coisa é velha...*

E, com efeito, se quizermos escavar a cronologia do ensaio, do que chamaremos ensaio, poderemos ir até às origens do pensamento humano.

Num livro em que se estuda a história da civilização, vejo referência a certo antiquíssimo ensaísta chinez, Han Yu. Era tão maravilhoso, tão alto e tão puro o seu espírito, que a quem fôsse apanhar o seu livro recomendava a tradição que antes lavasse as mãos em água de rosas... *Por onde êle andava, êle purificava* — diz a legenda que acompanha o seu retrato.

Poderíamos também agora perguntar:

(1) — *De Esto y de Aquello*, 1.º tomo, pág. 9.

— Sob que forma é que ainda hoje subsistem, para o nosso encanto, as obras dos velhos filósofos gregos? Não é sob a forma de ensaios? Salvo a construção de um Platão ou a de um Aristóteles, dos quais possuimos hoje os livros — que são êsses fragmentos leves e fugitivos, em que para a posteridade remanesce um pouco do espírito de um Tales, de um Anaxágoras ou de um Epicuro, senão verdadeiros ensaios?

Fora mesmo dessa ordem de trabalhos, que afinal não depende da vontade nem da intensão dos autores, a contribuição para o que poderemos chamar ensaio é vasta e larga, nas literatura antigas.

Ensaios, verdadeiros ensaios, são — já o vimos — as cartas de Sêneca; são-no, também, as cartas de Plínio, o moço; são-no, ainda, os *Pensamentos* de Marco Aurélio; são-no, igualmente, as meditações das Noites Áticas, de Aulo-Gélio, como o são tantos tratados de Plutarco ou de Luciano.

Creio que até na Bíblia poderemos encontrar o que chamamos ensaio. Que será o livro dos *Provérbios*, que será o *Eclesiastes*, senão coleções de ensaios, impregnados da tristesa desiludida e da tão dolorosa filosofia daqueles judeus exasperados?

A ÓRBITA DO ENSAIO

O gênero ensaio — se se trata, com efeito, de um gênero, assunto sôbre que eu tenho minhas dúvidas, julgando o ensaio, como já o disse, alguma coisa muito mais geral, quase direi um super-gênero, se tal monstro pode existir — abrange assim em seu âmbito dezenas de outros gêneros. Já o vimos invadindo o terreno da crônica e o terreno da epístola. Vê-lo-emos invadindo o terreno do artigo doutrinário do jornal, do estudo literário ou científico, da meditação íntima ou filosófica. Pois se queremos dar um lugar na história literária aos editoriais de um Hipólito da Costa no *Correio Brasiliense*, aos de um Evaristo da Veiga na *Aurora Fluminense*, aos de um Frei Caneca no *Typhis Pernambucano*, ou aos de um João Francisco Lisboa, ou aos de um Sales Torres Homem, ou aos de um Visconde do Rio Branco, ou aos de um José do Patrocínio, ou aos de um Rui Barbosa, ou aos de um Carlos de Laet — em que outro capítulo havemos de incluí-los, senão no capítulo dos ensaios?

E a meditação filosófica de um Matias Aires ou a de um Joaquim Nabuco, não poderia, tôda ela, entrar também nessa vasta região da literatura?

JOÃO RIBEIRO, REPRESENTANTE DO ENSAIO

Assim, um autor como João Ribeiro — que em tudo tem sempre o que emendar, o que acrescentar, e, não raro, o que diminuir, que jamais se imobiliza em uma opinião ou em uma afirmação, que, exatamente por êsse motivo, assume tanta vez a posição da incoerência ou da contradição — se nos apresenta como por excelência um autor de ensaios.

Podemos, pois, estudá-lo como o grande ensaista que foi — nêsse aspecto, sem dúvida nenhuma, o maior escritor que já teve o Brasil.

TRÊS PLANOS DE UM ENSAÍSTA

Parece-me que o ensaio de João Ribeiro poderá ser estudado em três planos diferentes: primeiro, no plano dos assuntos internacionais; segundo, no plano dos assuntos brasileiros; terceiro no plano dos assuntos pessoais.

Em qualquer dêsses planos a contribuição que oferece ao estudioso ou ao crítico é de uma riquesa imensa.

No plano internacional, bastará folheiar qualquer dos seus livros — *Fabordão*, ou *Notas de um estudante*, ou *Cartas devolvidas*, ou *Colmeia* — e ver-se-à que os assuntos fervilham. No plano nacional, aí estão nos mesmos livros —, e também em outros que se intitulam *História do Brasil*, *Língua Nacional*, *Curiosidades Verbais*, etc. — um campo e uma substância ainda maior. E está também a infinita contribuição da crítica, gênero que êle exerceu por espaço de mais de vinte anos continuados, se ligarmos a fase do *Imparcial* à do *Jornal do Brasil*.

E a mesma coisa poderei dizer do plano pessoal. João Ribeiro interessou-se por tudo o que viu existir ou viver em tôrno de si. Teve, para tudo e para todos, a sua simpatia, a sua ironia ou a sua benevolência. E algumas de suas melhores páginas, das mais impregnadas de poesia e de verdade, como o queria Gœthe, estão nos artigos, nos estudos — digamos: nos ensaios — dêsse gênero.

PARALELO DE DOIS ESCRITORES

Tratando dos *Ensaios críticos e históricos* de Macaulay Taine dizia:

"E' uma coleção de artigos. Confesso que amo os livros dessa espécie. Primeiro porque podemos largar o volume ao fim de vinte páginas, começar pelo fim, ou, se preferirmos, pelo meio. Lendo-o, não somos escravos, porém senhores. Podemos tratá-lo como tratamos a um jornal. Com efeito, um livro dêsses é o jornal de um espírito. Em segundo lugar, amo a sua variedade. De uma página para outra, passamos da Renascença para o século XIX, da Índia para a Inglaterra; essa diversidade surpreende e agrada. Enfim, involuntàriamente, num livro dêstes, o autor se torna indiscreto. Descobre-se ao leitor sem nada reservar de seus mistérios. E' uma conversa íntima..."

Eis aí definidos ou pelo menos indicados os encantos do gênero ensaio — eis indicados os encantos que achamos nos livros da naturesa dos que nos deu João Ribeiro, as *Notas de um estudante* ou as *Cartas devolvidas*, ou qualquer outro. No que se refere aos livros do nosso patrício, há outros elementos, além daquêles que Taine encontrou na obra de Macaulay: há a emoção, a graça, a poesia; e há também aquêle prazer de flutuar entre as idéias, uma forma de comunicabilidade com o leitor e com o mundo, uma comunicabilidade que é quase mais do que isso, que é quase comunicação, quase cumplicidade, se é que me exprimo bem.

Não se veja nessa aproximação dos nomes de Macaulay e João Ribeiro nenhum propósito de aproximar os dois espíritos. Sei que nada há mais diferente de um do que o outro. Taine mesmo deixará indicadas essas diferenças. Basta ver o que é, na apreciação do historiador francês, a crítica do ensaísta inglês: "Se eu ousasse empregar, como Macaulay, comparações religiosas, diria que a sua crítica se assemelha ao julgamento final, em que a diversidade dos talentos, dos caracteres, dos emprêgos, desaparecerá diante da consideração

da virtude e do vício, e onde não haverá mais artistas, porém apenas um juiz entre justos e pecadores."

Basta essa imágem, dizemos nós, para mostrar como é nos antipodas do país de Macaulay que havemos de colocar o nosso João Ribeiro — sempre sutil e sempre artístico em todos os seus julgamentos, apto a compreender a relatividade de tôdas as virtudes e a aceitar a humanidade de todos os êrros, e comprazendo-se, como tanta vez o fêz, em uma meditação amoral como esta: "Um moralista escreveu: *Ce sont deux vices ou trois qui font l'honneteté des hommes*. E' preciso ser um pouco vicioso neste vale de lágrimas e de tentações." (1)

(1) — *Jornal do Brasil*, 2-11-1926.

II

JOÃO RIBEIRO E A EUROPA

A VONTADE DA EUROPA

João Ribeiro nutriu sempre um sentimento que, em carta a Graça Aranha, êle próprio belamente define como sendo a *vontade da Europa*. "Tu sabes a vontade da Europa que eu sempre tive...", confidencia.

E', ao que supõe, um sentimento próprio da alma brasileira, circunstância que também analisa em uma carta a Sousa Bandeira, no trecho que já tivemos ocasião de citar.

E, tanto quanto podemos supor, essa *vontade da Europa* não é só uma vontade da Europa. E' antes uma aspiração difusa e perdida de viajar, de partir, seja para onde fôr... até para um outro bairro da mesma cidade! E' o que também achamos contido em outra passagem da mesma carta a Sousa Bandeira, no lugar em que João Ribeiro diz o seguinte:

"Talvez para dezembro eu parta para a Europa ou para Buenos Aires. Se tal não se der, partirei ao menos para Santa Teresanach Hause. Não tenho, a falar a verdade, nenhum desejo de sair daqui; mas ando mal ferido de monotonia e *spleen*, e só há um remédio, que é fugir."

UM ENTENDIMENTO COM JOAQUIM NABUCO

Para conseguir fugir do Rio de Janeiro êle se esforça e se empenha. Uma das influências que usa é a de Graça Aranha,

seu amigo desvelado e carinhoso. Por intermédio de Graça Aranha, usa também a influência de Joaquim Nabuco.

E' como um dos auxiliares da Missão Nabuco que faz a sua bela viagem de 1901 — e Nabuco mesmo evocará, mais tarde, a malícia de João Ribeiro, divertindo-se em seus passeios pelo Velho Mundo, e fazendo-se passar, aqui e alí, como um espanhol.

Em 1903, de novo a sufocar no Rio de Janeiro, sonha um outro mergulho nas cidades queridas do continente europeu. Escreve a Nabuco, insistindo no assunto. Nabuco — que já tinha a experiência, que, por êsse seu trecho, adivinhamos que não era agradável, do que fôsse a educação dos filhos em terra estranha, — adverte João Ribeiro contra o drama que o amigo sem saber está querendo criar para sua família e para si mesmo.

"Quizera poder auxiliá-lo na sua pretensão (responde Nabuco) mas com que pezar o faria! Deus o favorece com a saúde, e para quem tem saúde, e é um mestre, desterrar-se, sobretudo com filhos, é sempre um êrro, porque não há terra tão boa, tão doce, tão generosa, como a nossa. O seu lugar é aí. A sutileza, a variedade e a originalidade da sua feição literária em parte alguma seriam tão bem apreciadas, e, em qualquer meio que não lhe fôsse inteiramente simpático e, deixe-me dizer-lhe, vassalo seu, degeneravam, desviavam-se, atrofiavam-se. Falo pelo seu papel, que será muito grande aí. E os filhos! Como crescem êles sem raizes, sem expansão exterior, sem relações naturais, sem as inúmeras reações da terra natal sôbre o desenvolvimento harmônico e a personalidade nacional, racial, do homem?"

E aquêle sutil analista de almas, que era o autor de *Minha Formação*, derrama sôbre a alma do amigo inquieto e entristecido o bálsamo destas palavras de mel:

"Confie na conquista que o seu talento há de por fim fazer de todos, como já fêz dos que têm a intuição do que é grande e singular, sem que a nomeada primeiro a desperte. Uma carta minha ao Rio Branco de nada valeria, onde a sua aspiração não bastasse por si mesma. Êle é ambicioso de agradar aos homens que representam, como o senhor, o cume da intelectualidade brasileira. Para mim, porém, seria uma extraordinária violência escrever-lhe naquêle sentido. Não quisera ser cúmplice nessa expoliação, nêsse atentado contra as nossas letras, e o nosso pequeno patrimônio intelectual. Se uma carta minha servisse, esta serve, mas, pelo amor de Deus, não a mostre, não me associe a êsse banimento, que por ser voluntário é ainda mais odioso para o govêrno que se submeter a êle. Se quer sair do Brasil, faça-o sem a responsabilidade dos que o consideram uma das superioridades e o orgulho da nossa terra."

UMA EXPATRIAÇÃO NA SUIÇA

As palavras eram de mel... e naquêle momento parecem ter aplacado a nostalgia do exílio, que havia no coração de João Ribeiro.

Mas não a aplacaram de todo... A prova é que, daí a alguns anos, está João Ribeiro de malas prontas para ir para a Europa. E desta vez irá para sempre, numa expatriação definitiva!

Foi o que ocorreu em 1914. Possuia êle, a essa época, uma biblioteca esplêndida, na qual figuravam raridades preciosíssimas da cultura luso-brasileira. Certo dia fêz leilão de tudo. E com o que apurou, tomou passagem, para si e para tôda a sua família, e rumou para um porto europeu. Seu destino era a Suiça, onde chegou a se fixar. Mas o homem põe e a insânia dos políticos dispõe... Logo depois de João Ribeiro assim se fixar na Suiça, sobreveio o conflito que tomou o nome de Grande Guerra, o duelo da Alemanha de Guilherme II contra o mundo.

E lá João Ribeiro teve de apressadamente refazer as malas, para voltar, através de mil dificuldades, para o inóspito ambiente brasileiro!

E aí vemos o quanto é fácil, mesmo ao mais clarividente dos homens, errar, tôda a vez que pretendemos ser profetas.

Encontro, em uma carta familiar de João Ribeiro, expressa a opinião firme de que o conflito de 1914 não se poderá estender por mais de três meses.

Três meses, era o prazo que êle estabelecia para aquêle pesadelo que trucidou a humanidade durante cinco anos.

AS SAUDADES DA EUROPA

Findou aí, na melancólica aventura de 1914, o idílio de João Ribeiro com a Europa.

E contudo — nem antes nem depois dessa data — conseguiu êle se curar de todo da saudade das belas e maravilhosas coisas que em suas viagens vira... Encontro em uma carta dêle a Graça Aranha, escrita em 1900, uma evocação à Itália impregnada de emoção: "Não esqueças a Itália, e nem deixes de ver Florença, Roma, Veneza, Milão, Nápoles e cem cidades... Se um dia fores à Itália, quero que me avises, e levarás um *bouquet* de flores à sepultura de meu filhinho em Milão, onde te deterás, para ver o *Duomo*, a *Ceia*, de Da Vinci, o *Casamento de Nossa Senhora*, de Rafael... e quanta coisa! Se fores na primavera, levarás lírios da campanha lombarda, os mais belos do mundo! Tenho a consolação de que o meu filho descansa onde descansam as coisas mais belas e nobres."

JOÃO RIBEIRO, UM EUROPEU NO BRASIL

Ficou essa saudade no seu coração...

Mas, em tudo o que fôsse espírito, inteligência, sensibilidade, a Europa veio incorporada definitivamente a êle, — que foi sempre, e jamais deixou de o ser, um autêntico europeu. Vêmo-lo sempre na posição de um brasileiro apaixonadamente nacionalista, incapaz de transigir com qualquer gesto, com qualquer idéia ou com qualquer intenção, que represente a mínima diminuição para o Brasil.

Também o vemos, seja como crítico, seja como sociólogo, tomando sempre, quando a ocasião se apresenta, o partido da América contra a Europa: é assim que defende, como tanta vez o temos visto, os direitos da originalidade, ou, pelo menos da transformação, das línguas européias que se transplantaram para o Novo Mundo.

Mas, com tudo isso, o vemos também permanecer sempre o europeu. E se fizermos uma estatística dos seus assuntos de jornalista ou de comentador dos fatos sociais e políticos, científicos e literários, iremos naturalmente nos espantar com a maioria de temas atinentes à Europa que nessa produção infinita havemos de encontrar.

E' oportuno acompanharmos alguns dos reflexos que em seu vastíssimo labor de homem de pensamento podemos encontrar daquela Europa distante e sempre tão profundamente querida.

PARIS, MERIDIANO BRASILEIRO

Fixemos, desde logo, um fato de grande importância, no que se refere ao pensamento de João Ribeiro. — Profundamente amoroso da cultura alemã, como é, êle continua o mais latino (e eu poderia, em vez de latino, escrever aqui: *o mais francês*) dos nossos escritores.

Hauriu da França quase tudo o que é a sua inteligência e o seu espírito: e em primeiro lugar essa graça maliciosa e sutil, êsse ar de abandono e essa nonchalance, que não sei se o aparentam mais ao Renan das *Recordações da Infância e da Mocidade*, ao Anatole France da *Vida Literária* e do *Jardim de Epicuro*, ou ao Gourmont dos *Epílogos*... ou então ao mestre de todos, ao Montaigne sem igual dos *Ensaios*.

Não importa, pois, que êle se introduza com delícias nêsse mundo de idéias novas, quase tôdas inéditas para o Brasil, que é a floresta densa do pensamento teutônico. Não importa que seja com o subsídio que lhe oferecem essas excursões que publica vários dos seus livros. O que importa é que em tudo o que seja sensibilidade, emoção, sentido de arte e de poesia — êle é e continua a ser um francês.

E tanto se sente assim, que é para a França, entre todos os países europeus, que dirige um pensamento mais longo e mais afetuoso de intensa ternura filial.

Já em 1890, em sua coluna do *Através da Semana*, no *Correio do Povo*, reconhece e proclama o primado do espírito francês no Brasil. Está evidentemente exausto das manifestações, que já lhe parecem caducas e paremptas, das letras portuguêsas, e é assim que se expressa: "Os prosadores já se mostram conscientes da fôrça própria e não se esterilisam em imitações de Eça, Junqueiro e Ramalho, essa trindade um pouco bolorenta do espírito lusitano.

"Há sintomas de vida nova e original. A literatura francesa desde algum tempo influe diretamente, sem escalas pelo Chiado, na elaboração da nova mentalidade brasileira, que aí surge valorosa e apta para a luta." (1)

E' em verdade na França que João Ribeiro está convencido de que se encontra o meridiano do espírito e das letras brasileiras. Não tem dificuldade alguma em reconhecer sua

(1) — *Correio do Povo*, 13-8-1890.

tese, e infinitas vêzes a proclama. Ouçâmo-lo em algumas passagens mais expressivas.

Trata das conferências que o escritor Paul Hazard está pronunciando na Academia Brasileira, e medita: "A arte literária francêsa, é, afinal, a grande arte para nós outros, ainda para os que deletreiam o exotismo de literaturas longínquas e distantes. A nossa alma tôda latina, pela educação, não costuma frequentar outras fontes. E a verdade é que elas bastam para desalterar a sêde, e, pelo seu contágio, nos comunicam o fluido da fascinação irresistível." (1)

Em outra ocasião discute a questão dos meridianos (a propósito do *sentimento diferencial* que os povos da América vão revelando possuir, em relação aos povos europeus de que procedem) e sustenta, de novo, que o meridiano brasileiro — como de resto o de tôda a América Latina — é Paris. A hegemonia desta vez irrecusável é a da França. "O meridiano de Paris poderia substituir o da ilha de Fierro, de Madri e de Lisboa, desaparecido há séculos das coordenadas que hoje situam as terras. E ainda nêsse caso parece que o meridiano de Paris oscila algumas vêzes na direção das terras germânicas. Mas, enfim, é o mais fácil e o mais razoável nas computações astronômicas da terra ibero-americana. A nossa literatura velha ou nova é essencialmente francêsa,como o cinema é norte-americano por consenso universal." (2)

E ainda podemos ouví-lo uma outra vez, ao tratar de certas modernices: "A literatura nacional, sem embargo das suas intenções pias de *brasilidade*, não passa, nunca passou, de imitações mais ou menos felizes e mais ou menos grosseiras e servis do espírito francês. A França é a grande fonte literária de todos os países latinos e Paris é o meridiano de nossa literatura. Os outros povos chegam até nós através da França, que é o intérprete mais acreditado de russos, escandinavos, inglêses e teutões." (3)

ALGUNS EUROPEUS

Na imensa complexidade da obra de João Ribeiro, nêsse microcosmo que é a sua produção de estudos e de ensaios,

(1) — *Jornal do Brasil*, 21-7-1926.
(2) — *Estado de São Paulo*, 15-9-1927.
(3) — *Estado de São Paulo*, 12-1-1929.

poderemos tentar dar ordem a várias coisas. Podemos tentar fazê-lo, por exemplo, no que se refere à apreciação de alguns grandes europeus — alguns sòmente, escolhidos muito poucos em meio a uma legião sem fim.

Façamos como um vôo de avião sôbre uma vasta cordilheira...

* * *

Começaríamos pela Grécia, o mundo maravilhoso em que João Ribeiro poeta viveu tão familiarmente, o mundo radioso em que localisou os sonetos do *Museon*. E nessa Grécia magnífica poderemos fixar a figura de um longínquo e vago poeta, diante do qual o crítico brasileiro teve enlêvo comovido. Refiro-me a Anacreonte, o milagre da graça e da sutileza na poesia antiga, e do qual João Ribeiro só sabe aproximar, por dons idênticos, o deliciosíssimo Dirceu... Eis como transforma a prosa em pura poesia, para escrever acêrca do velho poeta: "Em Anacreonte tudo é melindre e é fugitivo tudo. O pequeno ramilhete de suas poesias é como a colmeia por onde adejam, entre invisíveis e silenciosas, as abelhas...

"Só uma alma consabedora da sua, só uma compleição enamorada das coisas fugazes e efêmeras, poderá cultivar essa arte delicada que é como o eco com que as decadências das épocas se despedem do mundo." (1)

* * *

Se na Grécia podemos mostrar as preferências dêle indo para um poeta — em Roma iremos vê-lo preferindo um escritor de gênero inteiramente diferente: o heróico e atormentado Cícero.

O grande orador inspira-lhe grandes páginas. Eis como o mostrava na ação intrépida, à frente dos destinos romanos: "Êle não cedia senão para repousar. Tinha-se constituido o campeão da civilização antiga, do heroismo, da belesa, dos cultos imateriais, daquilo que naquêle tempo os homens de hoje chamariam o *bacharelismo* contra a estupidez cega das fôrças novas, do materialismo militar da República, da barbaría legionária precursora da barbaría pretoriana." E como

(1) — *Fabordão*, pág. 319.

fecho dêsse perfil: "A volta de Cícero é a volta dos grandes antigos." (1)

Mas não é ainda êsse o Cícero que de fato interessa a João Ribeiro — não é o Cícero da ação pública, o fabuloso orador que estende sua sombra sôbre todos os seus contemporâneos — e não me refiro a pigmeus como o ridículo Marco Antônio ou o ainda mais ridículo Otávio, os filhos de Sila, essas duas almas de chacais sedentos de sangue. Refiro-me mesmo ao gigantesco Cesar...

Não é ainda êsse, para João Ribeiro, o grande Cícero. O grande Cícero, para o nosso patrício, é o artista sem igual das cartas, das orações e das meditações, é o Cícero forjador de palavras que ficaram incorporadas à língua latina como criações magníficas. Do amor com que o romano tratava as palavras, dá João Ribeiro vários exemplos. Um dêles refere-se ao vocábulo *qualidade*. "*Qual* e *quanto* são noções correlatas. Se havia já *quantidade*, porque não haveria também *qualidade?*"

Por vêzes, o poderoso orador também perdia suas batalhas. E João Ribeiro conta-nos uma dessas batalhas perdidas.

"Cícero entendia que ao lado de *invidia* (inveja) devia existir *invidentia*.

"Tinha razão o grande escritor; porque — *invidia* — para os romanos tinha a inconveniência de possuir um sentido duplo e equívoco: era não só a inveja que se tem dos outros como era a que os outros têm de nós.

"A proposta de Cícero não achou eco nos pósteros. Ninguém quiz saber da — *invidentia* — ciceroniana. Parece que uma inveja só era vício bastante para os nossos pecados.

"Daí, entretanto, a dificuldade nas nossas línguas modernas de interpretar literalmente uma frase como esta:

"*Invidiosus ego, non invidus.*"

"Que diz:

"— Sou invejado mas não invejo ninguém.

"O neologismo de Cícero teve apenas o perfume, a belesa e a duração das rosas." (2)

* * *

(1) — *Revista Brasileira*, 15-4-1898. Artigo intitulado *Cícero redivivus*.

(2) — *Notas de um estudante*, pág. 35.

Passando à Itália, iriamos logo encontrar um seu estudo impregnado de imensa poesia — o intitulado *Dante e o Cruzeiro do Sul*. (1) João Ribeiro celebra a passagem do 6.º centenário do maior poeta da Itália, para mostrar um dos mais estranhos mistérios daquêle gênio: o mistério pelo qual, sem ter podido conhecer as terras do Novo Mundo, o autor da *Divina Comédia* adivinhou alguma coisa do belo céu austral, com a maravilha astronômica que é a constelação do Cruzeiro. Como podia adivinhá-la?

A interrogação fica no ar, para ser respondida talvez no futuro — ou jamais.

Dos italianos mais próximos de nós, um dos entusiasmos de João Ribeiro é o De Amicis, do *Cuore*. Eis como o vê: "De Amicis é o mais assombroso, o mais imprevisto de todos os homens simples dêste século. Sinto quase uma suspeição em falar dessa criatura que eu não sei se mais amo ou admiro, tanto as suas emoções me penetram e me perturbam. De Amicis é o mais feminino, o mais infantil, o mais espiritualmente delicado de todos os escritores italianos. Jornalista, não sei como êle o será. Mas é preciso lê-lo nos seus livros, nas nuas e belas narrativas de viagem, nessa obra incomparável, *O Coração*, que parece escrita *com o vime de um berço*." (2)

A Papini refere-se João Ribeiro, a propósito da publicação da *História de Cristo*, — indeciso em saber se se trata de um ato de sinceridade ou de uma velhacaria comercial.

E comenta: "Papini ultramontano perdeu a graça e a galeria. Sacrificou-se. Quanto a mim, que conhecia o espírito agressivo de Papini e as suas *Stroncature* de Deus e do mundo, não tive a menor curiosidade de ler a *Storia de Cristo*, e nunca efetivamente tive tempo de a ler, inutilisando as horas que são poucas para as minhas leituras prediletas.

"Estou, porém, muito longe de dizer como um dos seus inimigos: "Anche Papini há venduto Cristo." (3)

Tem outros entusiasmos também. A Pascoli se refere como sendo um dos "últimos poetas verdadeiramente grandes da Itália." E é a propósito do autor do *Hino a Roma* que tem acêrca da poesia italiana uma observação que me parece exata: "Pascoli, o lírico, é por vêzes épico, como Carducci. No fundo, os italianos são principalmente épicos, ainda que o

(1) — *Notas de um estudante*, pág. 169.
(2) — *O Paiz*, 12-4-1891.
(3) — *Estado de São Paulo*, 26-2-1929.

disfarcem, e, como diz o próprio Pascoli, são muito velhacos e sérios para serem poetas, isto é, poetas de poesia pura e espontânea. Era o mesmo caso dos romanos antigos." (1)

Outros nomes italianos — uns mais próximos de nós, outros mais distantes — enchem muitas de suas páginas: o de Pirandelo, que conheceu na Academia, e com quem esteve em contato em uma recepção em casa de Claudio de Sousa, "o mais evidente dos nossos dramaturgos"; Nela Aita, a senhora italo-brasileira, a romanista que se mostrou provecta num concurso do Pedro II, a escritora erudita que comentou as Cantigas de Afonso o sábio; Arturo Farinelli, um dos grandes nomes da literatura italiana contemporânea, que entretanto nunca se tornou um autor popular, "e sempre fêz questão de não pertencer a nenhum grupo."

* * *

No mundo espanhol teremos que dar o primeiro lugar ao semi-deus Cervantes. João Ribeiro assim o vê: "Ao que parece, o gênio de Cervantes retrata o da sua própria nação: uma alma infantil, platônica, apriorística, engrandecendo os mitos em realidades, numa auto-alucinação de idealismo que fêz a sua boa e a má fortuna no curso da história." (2)

Também escrevendo a propósito de uma monografia em que José Maria Rodrigues compara o *Dom Quixote* com os *Lusíadas*, podemos ouví-lo em uma aguda observação: "As duas grandes línguas da península haviam começado pouco antes a disciplinar-se por influxo da erudição gramatical do tempo, mas não chegaram a fixar-se em normas definitivas. Tanto em Cervantes como em Camões, os analistas jogam a cabra-cega, tentando explicar a sintaxe de um e outro escritor, supondo-os mais gramáticos do que realmente foram.

"Os dois grandes gênios escreviam acima e além da gramática, como ainda hoje transpira nos homens de grande alma e de poucas minúcias da micrologia filológica.

"Conta-se que no Concílio de Constança, o Imperador Sigismundo, interrompido por um frade que notara um êrro da sua alocução, replicou:

(1) — *Jornal do Brasil*, 25-10-1933.
(2) — Idem, 16-7-1926.

"— Rex Romanus sum et super grammaticam." (1)

Ao lado de Miguel de Cervantes, soberano da alma espanhola, como Luiz de Camões o é da alma portuguêsa, João Ribeiro evoca e celebra outros belos gênios da Espanha.

Poderíamos lembrar alguns, como os que seguem:

Lope de Vega, de quem estuda a peça, antes lôa dramática, do *El Brasil restituido* — peça ou lôa que, segundo a informação do nosso patrício, é aquela em que pela primeira vez, na grande literatura, o Brasil figura simbolicamente como um caboclo. (2)

Gôngora, que considera "um grande poeta, o maior talvez da península." (3) João Ribeiro acompanha o rastro do genial espanhol até ao nosso país, pondo em destaque um Castro Alves — "um Huguano, gongórico como o seu mestre francês." E assim caracterisa a influência de Gôngora em nosso país:

"Até os nossos dias, o *gongorismo*, isto é, o vanilóquio verbal, tem sido o metro por onde se afere o valor dos nossos letrados. A *bomba*, em verso ou em prosa, goza de alta cotação na feira da literatura, e isso explica as nossas manias oratórias, intemperantes e grandíloquas, a todo o propósito e sem propósito algum. Cultivamos a frase e a belesa da frase com a mais entranhada ternura. Os nossos estilistas fazem pecúlios verbais, consultam os dicionários, descobrem velharias e novidades de expressão, para o mosáico e o embrechado das suas frases ornamentais. O arabesco é o nosso gênero preferido; o rendilhado gótico, a filigrana, extasiam-nos." (4)

De muitos outros ilustres espanhois fala-nos êle: de um Rodrigues Marin, o comentador de Cervantes, o arguto folclorista, o autor de *El alma de Andalucia;* (5) de um Julio Cejador, erudito e crítico, o autor da *Fraseologia o Estilistica Castelhana*, do *Tesoro de la Lingua*, e de outras obras em que o saber é copioso; (6) de um Américo de Castro, o professor da Universidade de Madrid.

Com referência a Américo de Castro ponha-se em destaque esta circunstância, que afinal nos é das mais gratas: é

(1) — Idem, 3-6-1931.
(2) — *Colmeia*, pág. 167.
(3) — *Jornal do Brasil*, 29-7-1927.
(4) — Idem, idem.
(5) — *Estado de São Paulo*, 1-9-1929.
(6) — *Jornal do Brasil*, 7-1-1927.

êle brasileiro, segundo o podemos ver em uma carta sua, inserta em um dos artigos que João Ribeiro lhe dedicou:

"Muy señor mio:

"Quiero darle muy expresivas gracias por la amable mencion que hace de mis trabajos. Su rasgo de atencion es tanto mas de agradecer para mi, porque ai en el Brasil fué donde yo naci, y brasileño seria hoy si mis padres no me hubiesen traido a España a los cinco años. Por eso me gusta mucho encontrar em una persona de su cultura referencia a trabajos mios.

"Conozco muy mal la vida intelectual del Brasil... los europeus somos de una ignorancia estupida en lo relativo a America.

"Pero del Brasil (e Américo Castro passa aqui a misturar o espanhol e o português) *não conheço nada. Tenho vergonha de o dizer. Porém o português foi a minha* primeira língua que hoje não tenho ocasião de falar mais... Ainda lembro-me um bocadinho...

"Perdone todas estas explicaciones que quizá no le interesen..." (1)

* * *

Também podemos formar, com as suas impressões e as suas críticas, uma pequena galeria de escritores franceses.

Vejamos alguns dos esboços que traça.

Seja Chateaubriand, o grande modêlo do romantismo, em primeiro lugar. João Ribeiro alude às *Memórias de Além-túmulo* — "tão discretas que parecem às vêzes, uma obra-prima de hipocrisia"; — e do grande escritor faz êste retrato: "A sua religião, os seus amores, a sua versatilidade política, êle os envolveu num nevoeiro de quase insinceridade. O homem que no seu tempo de exílio chegou a quase ser noivo, esquecendo-se de que era casado, sabia transformar cada ausência sua numa *Vita Nuova*." (2)

(1) — Veja sôbre o ilustre filólogo espanhol os artigos de João Ribeiro publicados no *Jornal do Brasil* em 22 de dezembro de 1925 e 20 de fevereiro de 1926; e na *Revista de Filologia Portuguêsa*, número de dezembro de 1925. (Haverá talvez outros).

(2) — *Jornal do Brasil*, 21-7-1926.

A Renan dedica uma admiração comovida. E' um dos escritores mais citados, em sua obra, e um daquêles que aparecem sempre como um modêlo das qualidades da graça, da sutileza e da poesia. Foi de certo em Renan que encontrou aquêle desenho imaterial e poético da figura de Jesus, que mais de uma vez descobrimos, como um dos encantos de sua produção literária. Foi talvez em Renan que bebeu a fórmula maravilhosa que achou para as suas próprias crenças — tão distantes e tão vagas — *acreditando sem fé numa vida superior*... E' também em Renan que vislumbra aquêle máximo de delicadesa e de fluidez e de espiritualidade, aquilo que em certas horas nos faz pressentir o sobrenatural em tudo — numa luz que de longe brilha ou se apaga... no sussurro leve do vento nas folhas de uma planta... tudo aquilo que, por exemplo, na imaginação exaltada e dolorosa dos apóstolos fazia adivinhar, depois do drama do Calvário, a presença de Jesus Cristo...

E para mostrar o altíssimo apreço que dispensa ao autor dos *Dramas Filosóficos*, não precisaríamos de mais nada do que isto: vê-lo proclamar que dois dos seus escritores mais queridos não passam de continuadores do grande mestre. Diz-nos êle: "Os brasileiros são muito lidos e versados nas letras francesas, mas creio que se imobilisaram em Anatole France e em Remy de Gourmont, evidentemente dois epígonos de Renan." (1)

Um dos seus prediletos na grande literatura francêsa era, com efeito, — e nem podia deixar de ser — Anatole France. Irrita-o a "toleima da geração nova post-bellum em França", a de um dissimulado desdém com que parece negar o gênio do escritor. E é nesta luz que vê a figura do risonho demônio que escreveu *Putois*: "Afinal, tôda essa enorme celêuma dos gênios post-bellum contra o filósofo cético, o *bouquinista* amoral, situado além e acima da antiga e da nova ética, bem duvidosa, dos discípulos que dêle sairam a pospêlo, parece um côro de elogios encobertos, dissimulados e contraditórios. Nem Proust nem Valery prolixos e obscurantes, que envelheceram ou desapareceram, conseguiram atingir à sinceridade luminosa do grande escritor. Certamente não era um homem amável, nem sincero, nem amigo dessa lealdade criminosa e convencional dos homens de letras. Ria-se de todos. Não os percebia talvez, menos pelas suas preocupações arqueológicas

(1) — *Jornal do Brasil*, 21-7-1926.

e clássicas, e mais pela repugnância que lhe devia causar o espetáculo da mediocridade enfática e nebulosa dos epígonos." (1)

Vimos que em sua opinião um Proust ou um Valery, "prolixos e obscurantes", estão longe do modêlo preclaramente alto e belo do autor do *Lírio Vermelho* e da *Revolta dos Anjos*.

Outros caudatários, outros epígonos lhe merecem o mesmo desdém. Em um dos seus artigos do *Estado de São Paulo* (*Modernices*) observa, em janeiro de 1929: "Os homens atuais, digo do momento, em França, não correspondem à medida dos Renans, dos Anatole France, dos Zolas e Maupassants. As obras de Bernanos, de Maurois e dêsse fatigante e prolixo Marcel Proust, estão muito longe de substituir a simpatia daquêles outros escritores que nos fascinaram há vinte, há trinta ou quarenta anos passados. Valery está muito longe de um Verlaine."

Assim, Georges Bernanos não consegue chegar à sensibilidade e à emoção do crítico brasileiro. Leu-lhe a obra-prima que é o romance *Sous le Soleil de Satan*, e desta forma o julgou: "Bernanos está longe de ser êsse prodígio, de que poderia, a querer mais, ser um modesto precursor... Tudo é *gris* e indeciso nessa atmosfera mística de simulações religiosas, sempre suspeitas e falsas entre os cristãos novos que voltam conversos mas não convencidos da antiga fé. Leon Bloys mostrou uma vez quanto são de frágil barro as estátuas dos arrependidos da literatura." (2)

Jean — Jacques Brousson o encanta, sem dúvida: porém pelo muito que conseguiu assinalar e reproduzir de seu mestre Anatole France. "Brousson é anatoliano até à medula da alma. Os monólogos que empresta a Anatole mostram a sua enorme capacidade de *pasticher* o mestre, de quem herdou as melhores qualidades de expressão na arte de escrever... Lê-se no *Jardim de Epicuro*: — "C'est le flatter que de lui accorder quelque excellence, fût-ce celle du mal." (3)

A Júlio Verne dá o título de *o mais delicioso dos mestres*, e confessa que foi nas obras do romancista de inesgotável imaginação que fêz muitos dos seus conhecimentos. "Quanto a mim, tenho a certesa de que aprendi mais a geografia em Júlio Verne do que em todos os compêndios e livros fundamentais. Ví o polo, o centro da Africa, as profundesas marinhas, a Patagônia e as ilhas do Oceano Pacífico. E mesmo alguma coisa mais aprendi antes do tempo. *Na Aventura de três russos e três inglêses*, antes que uma declaração de guerra os separasse, aprendi a medir com absoluto rigor uma base para a triangulação das terras ou para a medida exata do meridiano. E isso sem La Condamine nem os áridos expositores dessa façanha elementar. Fiz alegremente com Fileias Fogg a volta do mundo, e senti com êle a surpresa de ganhar a aposta, julgando-a perdida, como êle a ganhou, adiantando-se ao sol do seu calendário tardígrado." (1)

(1) — *Jornal do Brasil*, 13-1-1928.
(2) — *Estado de São Paulo*, 7-4-1927.
(3) — *Jornal do Brasil*, 13-1-1928.

A sua conclusão, relativamente a Júlio Verne, é a de que êle deveria ser de novo introduzido nas gerações que vão surgindo no Brasil, quase como um autor de leitura obrigatória.

Figura de quem João Ribeiro trata detidamente, nas letras francesas contemporâneas, é a de Paul Fort. Foi eleito príncipe da poesia do seu país, na sucessão de Dierx. João Ribeiro, que muito pouco acredita nessas consagrações, comenta: "Na Inglaterra há sempre um poeta laureado. Nunca o foi Byron nem Swinburne, mas foi laureado Tennyson. Na França, por eleição mais genuína e democrática, não foi nunca Baudelaire um príncipe, mas foram-no Dierx e Paul Fort. Há, em verdade, aproximações razoáveis em tôdas as vicissitudes dos processos electivos." (2)

Um dos poetas de sua predileção na França (já o vimos em uma simples referência acima transcrita) é Baudelaire. Outro (também já o vimos) é Verlaine. Creio que seria aqui ocasião de acrescentar um terceiro — Heredia. Do cinzelador dos *Trofeus* chegou a traduzir um ou alguns sonetos, dêle recebeu influxos, para a construção dos seus versos marmóreos do *Museon*.

E' curioso fazer aqui o reparo de que João Ribeiro, ao adaptar à língua que falamos os versos de Heredia, não seguiu o caminho que têm tomado todos os outros tradutores do grande sonetista, isto é, não adotou o metro alexandrino. Era alexandrino o verso dêsse mestre dos parnasianos franceses, é o alexandrino uma das excelências da métrica brasileira. Porque então o artifício de transpor Heredia para o decassílabo camoneano, com o qual nada tem êle a ver?

E' curioso, de qualquer forma, que tenha sido essa mais uma forma de valorização do velho metro português, tentada pelo nosso poeta. Quem quizer verificar se o fêz com êxito,

(1) — *Estado de São Paulo*, 20-3-1928.
(2) — *O Jornal*, 14-7-1921.

leia Le *Bain des Nymphes*, o soneto fulgurante e musical dos *Trophées*, e o compare com o soneto de João Ribeiro modestamente intitulado *De um album*.

* * *

Das letras inglêsas foi João Ribeiro devotado leitor.

Deixo de lado as suas meditações acêrca dêsse mundo que é Shakespeare, embora sinta vontade de sumariar aqui as idéias, de certo sutis e graciosas, que expendeu em um estudo especial que dedicou ao *problema de Hamlet*. (1)

Remeto o leitor curioso a essa página em que vemos a figura do príncipe dinamarquez explicada pela coexistência de dois Hamlets, "vários e contraditórios dentro da pele."

De Byron recorda um episódio relativo a Portugal — um episódio que passou depois a figurar em um dos romances caricaturais de Eça de Queiroz, como um desenho nítido da velha e dura ignorância lusitana...

"Quando o Lord inglês (consta das suas Cartas) esteve em Mafra, visitou a preciosa livraria do convento, e entreteve-se largamente com os frades, que sabiam, pelo menos, o latim, diz o poeta. Um dêles, todavia, perguntou-lhe:

"— Mas na Inglaterra também há livros?

"Eis aí.

"Amabilidades desta ordem temos cá recebido aos centos. Mas, felizmente, estamos em boa companhia." (2)

Outro poeta inglês sôbre quem escreve (a propósito da tradução da *Balada do Enforcado*, feita por Elíseo de Carvalho) é Oscar Wilde. João Ribeiro não tem maior apreço por Wilde, e assim o declara: "Sem hesitar, colocâmo-lo abaixo de Stevenson, ou de Meredith ou Thomas Hardy, para não falar dêsse grande humanista, Chesterton, que é dos dias de hoje. Também êle era, conquanto notável, muito francês, para ser um bom escritor inglês." (3)

Outro dos seus poetas inglêses é Rupert Brooke, morto durante a guerra de 1914-1918. Se não morresse tão moço teria sido um novo Byron ou um novo Shelley. "Rupert Brooke não teve tempo de produzir senão alguns poemas. Mas,

(1) — *Revista Nacional*, maio de 1923.
(2) — *Imparcial*, 25-6-1916.
(3) — Idem, 9-6-1919.

o que êle deixou representa admirável tesouro de idéias e de sensibilidade." (1)

Outro dêsses seus preferidos é John Masefield, escolhido poeta laureado em agôsto de 1930, e que João Ribeiro declara "um grande poeta do nosso tempo, digno da glorificação que, desta vez, foi acertada e feliz."

Outros ainda são Tennyson, Elizabeth Browing, Rossetti — cujas poesias propõe às *diseuses* cariocas, como números de grande êxito. De Tennyson põe em destaque especial a poesia intitulada — *A Mocinha Mendiga*.

De muitos romancistas inglêses poderíamos encontrar o brilho ou o reflexo em sua obra de ensaísta ou de crítico; a de um Dickens, que foi um dos seus grandes amores; a de um Rudygard Kipling, o prodigioso autor dos livros da *Jângala;* a de um George Moore, o autor de um romance que deve ser com efeito uma delícia — *A velhice de Jesus;* a de um Edgard Wallace, que êle não parece ter levado totalmente a sério, a quem chamava *o Ford da literatura*, pelo motivo de ter cento e cinqüenta romances e vinte e cinco dramas e comédias, sem contar inúmeros fragmentos esparsos.

* * *

Ainda a outras regiões poderíamos ir nêsse longo passeio aéreo a que convidei o leitor. Na Escandinávia ouviríamos as palavras de Saxo-Gramático, as de Ibsen, as de Ellen Key, as de Otto Jesperson; na Estônia, ouvíríamos as de um Keyserling; na Rússia, as de um Tolstoi, as de um Lenine, as de um Kuprin.

Isto sem falarmos da Alemanha — que oferece um subsídio sempre infinito às meditações do nosso escritor, como o havemos de ver do lugar apropriado.

(1) — *Estado de São Paulo*, 21-12-1930.

III

JOÃO RIBEIRO E A AMÉRICA

Vimos como João Ribeiro amou fundamente a Europa. Podemos examinar um pouco os seus sentimentos relativos à América.

Passarei por alto, nêsse ponto, sôbre as suas idéias políticas, que já tive ocasião de sondar em outro trabalho. E me deterei mais em meu exame, em um assunto que nos é sumamente caro: o da América colocada diante dos problemas do idioma.

Passando, a *vol d'oiseau*, sôbre a orientação política de João Ribeiro, no que se refere ao nosso continente, poderemos ver alguma coisa interessante. Veremos, por exemplo, que, na sua concepção da história, e sobretudo da história americana, ninguém teve mais do que João Ribeiro essa faculdade rara — a de abstrair-se dos preconceitos da sua própria nacionalidade, para sentir os interesses totais do continente.

Infenso às idéias feitas, o escritor insurge-se contra as tradições, acreditando que elas são apenas um obstáculo de inércia. A ausência de tradições na América do Sul é que favorece o progresso a tôdas as idéias do futuro.

E' essa ausência do sentido de tradição o que principalmente enriquece os pontos de vista de João Ribeiro como historiador. Na apreciação da guerra da Cisplatina, êle o evidencia. Seu juízo acêrca da atitude de D. João VI e dos nossos homens de Estado, que desejaram a incorporação da Banda Oriental, é claro e firme: "Essa guerra era antipática ao mundo inteiro civilizado, que acompanhava com entusiasmo e simpatia o movimento libertador da América." Assim nos diz.

E é sempre como advogado da civilização que toma a palavra, mesmo para falar contra o Brasil, quando o Brasil merece ser criticado.

No julgamento de D. Pedro II e da sua época, faz ver que a maior falta do segundo reinado "foi rehaver criminosamente a tradição, já esquecida no primeiro, da supremacia militar e política nos pequenos estados do Prata, então de si mesmos infelicitados pelo flagelo da corrupção e das tiranias." Logo depois, faz-nos ver que essa tradição teve um resultado triste: é que durante tôda a guerra do Paraguai, onde julgavamos representar a civilização "...tôda a civilização e o mundo só tinham simpatia pelos nossos inimigos." (1)

LIBERTAÇÃO GRAMATICAL DA AMÉRICA

Mas, como eu já disse, a grande lição de João Ribeiro no terreno que agora nos interessa — isto é, no que se prende ao nosso continente — não está nas apreciações políticas: porém sim na realização literária — na realização da poesia e do pensamento.

Bem sabemos como é profundamente americana a concepção literária ou filológica de João Ribeiro.

Contraditório êle o é, e o foi sempre. E' essa contradição — já o mostrei — que o leva a ser um dos mais puros escritores que possuimos na pura tradição lusitana, um clássico pela clareza e a limpesa do que diz — continuando a ser um estrênuo defensor da língua brasileira, da nossa originalidade americana.

Nêsse sentido, legou-nos uma obra interessantíssima, de construção e realização — *A língua nacional*. Nêsse livro, o ponto de vista central de João Ribeiro, em matéria de filologia e gramática, é o de que nós, no Brasil, não pudemos mais viver sob as medidas que nos envia e dita a antiga metrópole. Temos que sair do meridiano de Lisboa, para criar o nosso próprio meridiano.

E' êsse, de certo, um problema continental, e da maior importância, em tôda a América. Nos Estados Unidos existe, em muitos espíritos o anelo de uma libertação cada vez maior. O romancista Rupert Hughes propõe a criação de uma *Statish Language*. Trata-se de um novelista de valor, que, pelas raras qualidades do seu espírito, já mereceu o epíteto de Balzac americano. E' Hughes, pois, quem se faz o apóstolo

(1) — *História do Brasil*, 16.ª edição, pág. 392.

dessa cruzada nova. "Impõe-se desde já uma nova declaração de Independência, diz êle. Será possível imaginar que um autor inglês tenha hesitação em empregar um têrmo qualquer sob o receio de que não seja entendido pelos americanos, ou que êstes o não aprovem? A hipótese é de si mesma absurda. Entretanto é essa a coisa mais comum entre os escritores da América: todos êles se preocupam de saber se a expressão necessária que lhes ocorre é *bom inglês* e se está nos dicionários registrado com a pecha de *coloquial U. S.*."

O mesmo ponto de vista achamos em alguns dos espíritos mais cultos da América Espanhola, os quais se rebelam contra as tiranias filológicas da metrópole. No México e no Peru, em Cuba e na Argentina encontramos a mesma aspiração de liberdade de espírito do continente. Lá em cima é Amado Nervo, a voz sonora do México, que clama, com irritada ironia: "Nosotros somos, y esto se lee en todas las miradas de muchos filologos de España, simples depositarios del idioma. No podemos hacér de él mas que el uso moderado y natural de que los propietarios de viviendas hablan en sus contratos de arrendamiento. Nos han entregado ese idioma por inventario y habemos de devolverlo algun dia con sus herramientas completas: sus verbos, sus nombres, sus preposiciones. No tenemos derecho a más..."

Na Argentina, é Juan Teran que se pronuncia no mesmo sentido: "Conocemos el caracter actual de la lengua española; sonora, rotunda, propia para la epopeya y la oratoria, carece de claridad, energia y gracia. Atascada en sus moldes clasicos, resulta parada para la sutilesa moderna, inapta para la analisis y la finesa del detale; porque ha perdido su espiritu la invención y la originalidade... porque no puede producir una lengua rica y flexible sinó un pueblo que pensa como el francés, siente como el italiano, colonisa y conquista como el inglés."

Eis aí, numa síntese que vem desde os Estados Unidos até a Argentina, o grito de libertação da América, em assuntos de filologia e gramática.

O BRASL DIANTE DE PORTUGAL

E' essa corrente continental que João Ribeiro representa no Brasil. Não lhe parece crível que a nossa independência

ainda conserve nos punhos a algema literária de Portugal e assombra-o que a personalidade dos americanos pague ainda tributo à submissão das palavra. Ei-lo a doutrinar-nos: "A nossa gramática não pode ser inteiramente a mesma dos portuguêses. As diferenciações regionais reclamam estilo e método diversos. A verdade é que, corrigindo-nos, estamos de fato a mutilar idéias e sentimentos que nos são pessoais. Já não é a língua que apuramos, é o nosso espírito que sujeitamos a servilismo inexplicável. Falar diferentemente não é falar errado... Não podemos, sem mentira e sem mutilação perniciosa, sacrificar a consciência das nossas próprias expressões. Corrigí-las pode ser um abuso que afete e comprometa a sensibilidade imanente a tôdas elas. Os nossos modos de dizer são diferentes e legítimos e, o que é melhor, são imediatos, e conservam, pois, o perfume do espírito que os dita." (1)

ACERTAR... BRASILEIRAMENTE

Não lhe pode passar pela cabeça êste absurdo — o de que um escritor brasileiro procure modificar os seus modos peculiares de dizer ou de escrever... porque essa sua maneira desagrade aos mestres de Coimbra ou de Lisboa! E cita um episódio interessante que consigo ocorreu, a propósito de um dos seus artigos.

"Outro dia recebi de um leitor a seguinte observação e advertência amável:

"O Sr. escreveu: "os reinos conquistam-se a *muque*." Isto não é português.

"— Mas sou brasileiro, e eu só escrevo para o Brasil.

"Não sou lido fora da minha terra, e se o fôsse leva-la-ia comigo." (2)

LIBERTAÇÃO NA CRÍTICA

Êsse ponto de vista — o de defesa dos direitos do idioma americano contra a tirania européia — João Ribeiro sustentou-o sempre. Sua atividade de crítico tem essa inspiração

(1) — *Língua Nacional*, pág. 8.
(2) — *Notas de um estudante*, pág. 135.

constante. Encontrâmo-la em centenas de seus escritos recolhidos em livros, em centenas de seus escritos avulsos. A propósito das *Cosas de Negros*, de Vicente Rossi, êle se expressa claramente, defendendo a tese de que a América Latina não pode suprimir o influxo que tiveram o negro e o índio na sua formação física e moral. E' nêsse artigo que aplaude a apologia feita por Vicente Rossi do neo-idioma que se fala na América. "Aqui, no nosso continente, diz-nos então, a língua européia castiça e clássica é uma aberração e enfermidade de pseudo-eruditos. Falar argentino é o primeiro dever nacional."

Eu poderia citar-vos dezenas de outras passagens em que o pensador brasileiro reivindica os direitos americanos, contrapondo-os à tirania filológica das metrópoles européias.

Êsse sentimento de rude e sincero americanismo influiu longamente sôbre a crítica de João Ribeiro.

No apreciar os livros e os autores do seu país, foi sempre um animador veemente das energias novas. O que traduzia a alma, o sentimento, o sonho americano, teve o seu apôio, mereceu o seu entusiasmo. Êsse mesmo calor teve para apoiar os espíritos livres de tôda a América.

Haveria um curioso trabalho a fazer por algum escritor amigo do intercâmbio cultural das Américas — seria o de destacar as páginas em que João Ribeiro se pronuncia em defesa dos espíritos livres de contato europeu, que vão aparecendo em nosso continente.

Ama enternecidamente o *Facundo* e o *Dom Segundo Sombra*. A grande obra de Guiraldes deixa-o em êxtase. E assim o declara: "Não sei de livro que me tenha dado uma noção mais acurada e exata da vida gauchesca, das suas superstições e das suas lendas e histórias campesinas." E ainda: "Depois do *Facundo*, de Sarmiento, não apareceu outro quadro da planície argentina como êste."

João Ribeiro admira e louva, de certo, todos os revolucionários do pensamento e da linguagem no continente. Os seus melhores entusiasmos vão sempre para os vanguardeiros mais audazes.

CONTRA OS FANATICOS DA TRADIÇÃO

Não me seria necessário dizer mais, para fazer sentir o quanto João Ribeiro sorriria dos espíritos afeitos ferrenhamente à tradição, que se deixam encerrar no círculo de preconceitos, e dêle não saem nem querem sair. De um dêles, um ilustre gramático brasileiro, conta que, vivendo aferrado aos modêlos clássicos da colocação dos pronomes, dizia: "O pronome vem antes do verbo, e é inútil discutir. Nasci nesta fé, nela vivi e nela espero morrer."

Essa questão de persistir literàriamente ligado a Portugal e à Espanha será, realmente, para os escritores da América, uma questão de fé — uma questão de superstição, de fanatismo, de idolatria totêmica e municipal.

APRECIAÇÃO SÔBRE OS ESTADOS UNIDOS

Não era tudo na América, entretanto, que lhe merecia o entusiasmo e o apôio. Muita coisa até lhe suscitava a crítica e a opugnação.

Não compreendeu de todo, não chegou a amar, sequer, ao que posso perceber, os Estados Unidos.

No íntimo, despresava, com a sua ironia de europeu nascido em Sergipe, aquela "terra onde os colossos egípcios se erguem da noite para o dia, sem a colaboração dos séculos, onde tudo se mede por unidades gigantescas, onde todos os prodígios se realizam como milagres absurdos e incompreensíveis para nós outros, lerdos espectadores dessas vertigens." (1)

Detestava, no fundo, aquela população formigante de judeus apressados, onde a posição dos infelizes negros é a de uma humilhação sem fim, a nação dura e ambiciosa acêrca da qual tinha estas palavras: "A guerra com a Espanha e a conquista de suas colônias, mais ou menos simulada sob as fórmulas de aliança e protetorado da União, não representam uma segurança definitiva de paz e de absoluto respeito pela independência dos países americanos. E é êsse o aspecto que mais nos importará no futuro."

ALGUNS VULTOS AMERICANOS

Sua apreciação acêrca de alguns dos grandes cidadãos da América pode aqui ser evocada.

(1) — *Imparcial*, 21-10-1913.

Lembraremos sua impressão de Teodoro Roosevelt. João Ribeiro vê, desde logo, no velho presidente da República Americana, um lado simpático e admirável — o *da incorruptivel virtude*. Mostra-o "inimigo implacável dos opressores sociais, dos ricos — *os grandes criminosos* — os que, não contentes de sua riquesa, fundam a tirania dos monopólios, dos *trusts* de exploração da miséria e da escassez dos pobres." Mostra-o, por um lado, combatendo os milhardários, e confessando que odeia *êsses ladrões desavergonhados*. Mostra-o, por outro lado, no momento em que revela certa consideração pela raça negra, e indo, nêsse terreno, ao extremo temerário de sentar à sua mesa o professor negro Booker Washington —" com escândalo da sociedade hipócrita, intolerante e desumana que o cercava." Mostra-o, ainda, na posição de amigo do Brasil, no momento em que afirmava ("se não é apócrifa a sua expressão...") que o Brasil e os Estados Unidos podem, aliados, ditar a paz e a civilização nesta parte do mundo. — Era, com efeito, levar longe de mais o ideal do nosso pan-americanismo.

Um cidadão americano que lhe desperta sorriso vago de ironia benfazeja é Wilson. "A guerra das nações, pelos grandes infortúnios que semeiou, espera uma colheita proporcionada, idealizando a paz definitiva do mundo. O grande missionário é o presidente Wilson, cujas palavras, como a de nenhum apóstolo, são ouvidas em todos os recantos da terra."

A Wilson classifica como o *primeiro cidadão do mundo* na hora presente. E depois de transcrever cinco dos preceitos em que Wilson enfeixou o seu pensamento da criação de uma associação supernacional, capaz de coibir os instintos de prêsa, de violência sanguinária e de conquista, assim se pronuncia: "Nada poderíamos acrescentar de comentário a essas grandes e generosas idéias, sem as obscurecer ou diminuir. São, por si sós, luminosas da eterna luz da beleza e da bondade. Permita o coração dos homens que elas se realizem sem ásperas controvérsias e não necessitem outra apologia e defesa que a da própria significação que encerram." (1)

Assim escreveu João Ribeiro acêrca daquilo que foi o primeiro esbôço do que veio a ser a Liga das Nações. E ao ler tais palavras em homem tão alerta sempre, em escritor tão desejoso sempre de não ser *dupe* das coisas ou dos indivíduos,

(1) — *Imparcial*, 25-11-1918.

ficamos sem bem compreender a razão de ser daquela meditação. Pura ilusão de alma, inocência em quem já tinha tão longamente perdido para todo o sempre a inocência?... Ou ironia, a leve ironia, que lhe era familiar, tão leve às vêzes que se confunde com a sinceridade, a ironia que era a mesma eutropelia de Renan e de Nabuco?...

* * *

Deixando os políticos de lado, podemos agora ver, na prosa do nosso ensaista, a figura de um sábio americano. Seja Tomaz Edison.

João Ribeiro evoca o inventor em duas ou três passagens mais características de sua vida magnífica. Uma delas é o episódio passado entre Edison e um dos seus auxiliares, um matemático alemão, grande físico e grande autoridade na ciência do tempo. Era o *amanuense da sua sabedoria*, quando o inventor tinha necessidade de expressar-se em fórmulas ou equações mais ou menos vistosas.

Certa vez, desejando Edison fazer determinada coisa, o matemático e físico opos-se, mostrando que a operação, da maneira como ia ser feita, não podia dar o resultado desejado.

— E porque? indagou o sábio.

— Porque contraria a *lei de Ohm*.

Respondeu Edison:

— A lei de Ohm não sei o que é. Mas não faço caso dela.

Não o fêz, seguindo o caminho que desejava. — E conseguiu o que queria.

Outro episódio interessante da vida de Edison, segundo a evocação de Jcão Ribeiro, ocorreu com o nosso patrício Salvador de Mendonça, que era então consul nos Estados Unidos. Edison andava, para a sua descoberta das lâmpadas incandescentes, na caça das fibras vegetais. Apelou para Salvador de Mendonça, que tudo fêz para auxiliá-lo, mas sempre em pura perda. Certo dia, indo visitar Salvador de Mendonça, Edison levou consigo a bengala do consul brasileiro, — que por sinal era de boa madeira, de iri. Salvador bem o percebeu, mas, acreditando que se tratava de um engano, nada quiz reclamar. Algum tempo depois, entretanto, recebia de Edison uma linda bengala de presente, acompanhada de um cartão com êstes dizeres:

"Experimentei as fibras do iri de tão bela aparência, mas para o que desejo não valem coisa alguma." (1)

Sabe-se que a solução para o problema que então atormentava o sábio não foi dada por nenhuma fibra vegetal: mas sim pelo *tungstênio*.

* * *

Depois de um sábio inventor, um sábio naturalista, um estudioso do Brasil.

Podemos lembrar aqui, na evocação de João Ribeiro, a figura de um outro grande americano — o professor John Casper Branner, da Universidade de Stanford. Esteve várias vêzes no Brasil, tendo sido um dos correspondentes da Academia Brasileira. Deixou longos e importantíssimos estudos acêrca da geologia do Brasil, ensaios acêrca dos recifes, das minas, dos fósseis, etc., do nosso país. João Ribeiro, que ao professor Branner dedica um dos capítulos saborosos de *Colmeia*, evoca-o em outro lugar, "falando com eloqüência das nossas terras, das nossas possibilidades, e até dizia não haver no mundo gente mais habil que o caboclo do norte."

Branner incitava os brasileiros a não aceitarem a ortografia fonética portuguêsa, animava João Ribeiro a escrever um *Dicionário brasileiro*, e levou tão longe o seu amor ao Brasil que chegou a escrever uma gramática de nossa língua. Seu maior prazer consistia em ler livros brasileiros. E nêles sabia encontrar expressões e palavras que os europeus ignoravam.

Outra idéia dêle relativa ao Brasil era a de que era uma extravagância a nossa preocupação pelo trigo, tôda literária e histórica. Pois não possuíamos os suculentos milharais, tantos e tamanhos como os quizéssemos ter, para substituir com vantagem o trigo? (2)

TRÊS POETAS DA AMÉRICA

Haveria aqui também ocasião oportuna para lembrarmos o quanto João Ribeiro amou os poetas do continente a que

(1) — *Jornal do Brasil*, 9-10-1931.
(2) — Idem, 21-12-1928.

pertencemos, sejam aquêles que expressam a côr e a luz das terras novas, aquêles que se socorrem da língua ou do gênio do povo, sejam os eruditos, aquêles que em sua inspiração e em sua criação refluem às remotas origens europeias.

Darei como exemplo do primeiro caso *El negrito poeta*. Representante do americano fundamente tocado da Europa, darei um Rubem Dario. E para completar a síntese, darei uma figura de transição entre as duas tendências — a de um Ricardo Guiraldes.

Vejamos os reflexos dêsses três poetas nos comentários de João Ribeiro.

* * *

El Negrito poeta é mexicano, e usou na vida civil o nome de José Vasconcelos. Era negro de côr, e viveu no século XVIII. Criado pelos jesuítas em modestas funções, subiu, pelo talento, até se tornar uma das expressões do seu grande e maravilhoso país.

João Ribeiro aprecia algumas das quadrilhas ou das quintilhas em que *El Negrito* expressa o seu pensamento. Esta, entre outras.

Yo tres cosas busco y no hallo
Buenas y de duración.
Quereis saber quales son?
— Mujer, relox y caballo.

Acrescente-se que o nosso patrício põe as coisas no lugar em que elas devem estar, no que se relaciona a *El Negrito*. "Não se lhe pode assegurar a classificação de *gênio* que os seus adoradores inabilmente lhe atribuem. Era e foi um versejador que soube alcançar a reputação de satírico e moralista, num tempo em que essas espécies seriam raras na Nova Espanha." (1) E apenas isso...

* * *

Ricardo Guiraldes ao contrário, obtém todos os seus sufrágios. João Ribeiro o ama pela expressão libérrima, literária-

(1) — *Jornal do Brasil*, 14-11-1925.

mente revolucionária, que representa. "Depois do *Facundo* de Sarmiento, não apareceu outro quadro da planície argentina, como êste... Não sei de livro que me tenha dado uma noção mais acurada e exata da vida gauchesca, das suas superstições e das suas lendas e histórias campesinas." (1)

Assim escrevia êle, nêsse momento. Pouco mais tarde, por ocasião do falecimento de Guiraldes, dava novo retrato do escritor: "Ricardo Guiraldes tinha tanta sêde de horizontes novos que juntou ao seu beduinismo pátrio a extensão perigrinante por todo o mundo. *Don Segundo Sombra* é o romance maior da literatura platina e ficará sendo ainda mais e melhor que o *Martin Fierro,* a expressão gauchesca do crioulismo que vai desaparecendo pelas contaminações cosmopolistas indesejáveis.

"Lendo-o, lembramo-nos do nosso Euclides da Cunha: a mesma tonalidade, a mesma opulência de imagem, a mesma novidade de idéias da pátria sertaneja, igualmente escorraçada e fugitiva diante da invasão civilizadora, brutal, geométrica, sem outra música que a das moedas e das realizações." (2)

* * *

Depois do poeta folclórico do México e do poeta gauchesco da Argentina, o poeta soberano do continente — o imenso Rubem Dario.

Parece ter sido, até agora, a figura mais excelsa da poesia no Novo Mundo.

Visitou o Brasil em 1912, e aqui recebeu as glorificações que eram devidas ao seu gênio. Entre estas contou-se um estudo de João Ribeiro, estampado no *Jornal do Comércio*. João Ribeiro procurou definir Rubem Dario, indicando-lhe a extrema complexidade do talento criador e da cultura. De um lado o filho da América. Do outro lado o europeu — *o homem que é espanhol desde o Cid*. Para êle, assim, Rubem Dario "é uma das mais perfeitas sínteses do gênio penisular cristalisado na América desde a conquista. As suas tendências arcaisantes, o seu amor pelos antigos, parece declarar a velha idade dêsse diamante, que êle é, trazido nesciamente pelos conquistadores ávidos e rudes.

(1) — *Estado de São Paulo,* 29-11-1927.
(2) — Idem 3-1-1928.

"Amoroso das suas origens primigênias, vêmo-lo fascinado pela idade-média espanhola; os seus mestres são o Arcipreste de Hita, ainda abeberado das fábulas ocidentais de *Calilah e Dimnah,* ou êste sobrehumano Gonçalo de Berceo, cujo elexandrino arcaico êle renovou com uma mestria digna dos antigos trovadores, dando assim à Espanha a consciência da sua própria belesa e o metro prístino da sua própria estatura heróica.

"E' êle, assim, um testemunho vivo, em resumo, da sua própria estirpe de conquistadores, ao mesmo tempo que é uma síntese cristalina da nossa cultura de quatro séculos."

Assim meditava João Ribeiro, para procurar a fórmula compósita e maravilhosa do maravilhoso vate da Nicarágua. E como conclusão do seu estudo, para mostrar a altura em que via pairar o gênio do mestre incomparável de *Prosas profanas* e de *Azul,* dizia: "Os alunos de Apolo, como o Ajax da Ilíada (III, 227) devem exceder, pela cabeça e ombros, a multidão dos seus companheiros. E' o caso de Rubem Dario, entre os hispanos da América."

O artigo agradou sumamente ao grande poeta, que provàvelmente jamais havia esperado que, ao chegar às terras do Brasil, viesse encontrar quem fôsse capaz de saudá-lo com tanta sutileza na crítica e com tanto conhecimento de sua vida e de sua obra.

Retirando-se do Rio de Janeiro, despediu-se de João Ribeiro com uma pequena carta, escrita em sua letra belamente heráldica, e carta em que dizia:

"Miercoles.

"Parto, querido mastro, con la impression de su benevolencia y de su cultura. De tudo lo que se ha escrito respeto a mi, son las suyas de las mas agradecidas y queridas por mi inteligencia y por mi corazon.

"Au revoir." (1)

(1) — Veja *Autores e Livros,* vol. III pág. 29.

IV

JOÃO RIBEIRO E A ALEMANHA

AMOR PELA ALEMANHA

Dos países europeus que visitou ou em que residiu, creio que aquêle que João Ribeiro mais profundamente amou foi a Alemanha.

E' já em sua primeira viagem que sente o irromper do seu mais intenso entusiasmo pela pátria tradicional da música e da filosofia.

Escreve então para os amigos do Brasil como um apaixonado que descrevesse os encantos de sua bem-amada... Eis o que diz, em uma carta a Max Fleuiss: "Berlim é a cidade mais bela, mais elegante, mais limpa, mais extraordinária, mais suntuosa do orbe inteiro! Quanta ilusão e quanta calúnia grassa aí no Brasil sôbre a Alemanha! As berlinenses são lindas: vivas, na maior parte morenas, de cabelos castanhos, (aí julga-se que tôda alemã é uma barata descascada) magras e astuciosas cómo umas gatas..." (1)

(1) — João Ribeiro negou, mais tarde, a autenticidade dessa carta. Escrevendo acêrca das *Páginas Brasileiras*, de Max Fleuiss, fazia esta observação: "Da sua encantadora *Crônica de Saudade* — da verdadeiramente saudosa fase da *Semana*, entre 1893 e 1895 — nada quero dizer pessoalmente, pois que fui parte, ainda que muito apagada. Nêsse capítulo há uma carta apócrifa, que não escrevi e que parece uma leve perfídia da boêmia dos velhos e amigos companheiros. O meu germanofilismo, mesmo tão distante da guerra, não ia, de certo, àquela fervura fantástica. Não é verossímil; mas podia ser verdade. Enfim, como diz Bastian, ninguém, em si, pensa; pensam em nós, por nós." (*Imparcial*, 1-3-1922.)

E o louvor continua, veemente: "Londres é uma velha rica, Paris é uma viuva pretenciosa, só Berlim é nova. E' uma rapariga fresca, rija, incomparável! Quanta mentira aí! Os alemães são amáveis, as alemãsitas são espirituosas e engraçadas, como vocês não imaginam. Isto aqui é a condensação de todos os paraísos, inclusive o de Mafoma! Em suma, tenho-me divertido a valer e já falo um pouco de alemão..."

Receia, porém, a ironia dos amigos, diante do seu tom de apaixonado. "Estou com mêdo do Ginásio e do restaurante Brito... *O caboclo está perdido* — dirá o Araripe. Mas vinde para cá, vós outros caboclos!" (1)

No ardor do seu amor à Alemanha, concebe planos audaciosos; vai escrever a Prudente de Morais, pedindo que o nomeie em comissão gratuita, a fim de que possa receber integralmente os ordenados. Pede aos amigos que colaborem nêsse plano. Assim, ficará com a família ao seu lado, e poderá trabalhar melhor. Se, porém, o govêrno não o auxiliar, tanto pior: voltará ao Brasil pelo tempo necessário para arranjar os negócios. Trabalhará um pouco, e regressará para a sua querida Berlim... Manda para Raul Pompéia um recado: "Dize ao Raul que em Berlim tudo é mocidade..."

Tudo lhe agrada alí. Em tôda parte existe o asseio, a ordem, o prazer ardente de viver... A atmosfera de tolerância que encontra é absoluta. O que se diz no Rio sôbre o militarismo alemão parece-lhe uma *pulhice hedionda*... Vai ao Apollo-Theater e ouve uma cançoneta em voga: "A letra é um debique cruel ao imperador e a música... é o hino alemão! Imagina se isso seria possível aí! Os patriotas derrubariam o teatro."

* * *

Seu amor pela Alemanha, êle o declara a todos os amigos, em tôdas as oportunidades. Em carta a Lúcio de Mendonça (4 de agôsto de 1895) agradece o empenho que o amigo teve em obter uma comissão que lhe permita permanecer em Berlim. "Pretendo aqui ficar um ano inteiro. Quero voltar alemão e disciplinado."

(1) — Max Fleuiss — *A Semana* (*Crônica de Saudades.*)

UM DIAGNÓSTICO ICH LIEBE

A Alemanha ficou em seu coração como ficara no coração daquela louca de Sully Prudhomme, no soneto que Raimundo Correia luminosamente traduziu:

Dia e noite ela errava a ver quem descobria
A flor que vira, acaso, um dia, na Alemanha;
Pequena e débil flor, flor como as de montanha,
De um perfume esquisito e de uma cor sombria;

Das viagens que fêz, trouxe a melancolia
E o incurável pungir dessa lembrança estranha;
Certo encanto mortal, sem dúvida, acompanha
A flor que na Alemanha, acaso, vira um dia.

"Quem por ventura o odor lhe aspira ao cálix, sente
Um novo mundo na alma abrir-se de repente..."
Dizia ela a morrer, saudosa dêsse odor.

Por ela muita gente a planta em vão buscara;
Mas a Alemanha é grande e aquela flor é rara...
E a louca morre, enfim, sem ver de novo a flor.

Também João Ribeiro morreu, sem ter visto de novo a sua doce flor tão amada, que era a Alemanha...

Tenho na coleção dos meus recortes ribeirianos um curioso papel que se prende a êsse assunto: o artigo de João Ribeiro intitulado — *Um diagnóstico ich liebe.*

Escrevera êle, em sua coluna, que a palavra de amor mais bela que existia era a alemã *liebe*: "essa palavra que começa por uma letra molhada e acaba por uma explosão labial..."

A opinião feriu a imaginação, talvez nessas questões amorosas mais latina ou mediterrânea do que germânica, de Medeiros e Albuquerque. E logo Medeiros aplicou ao caso Freud e a psicanálise... ou, como diz o próprio João Ribeiro:

"Trepanou-me o cérebro ou o coração, lá onde jáz a massa enorme do meu inconsciente. Não pude recalcá-lo e escapou aquela confidência involuntária, que estaria nas minhas memórias se eu escrevesse e aí mesmo talvez a suprimisse."

E é então que, com o seu inalterável bom-humor, João Ribeiro diz:

"Confesso que fiquei admirado e um tanto confuso com essa revelação erótica. E' certo que uns três ou quatro sujeitos rosnam por aí que perdi um pouco a minha compostura em Berlim. Isso, porém, foi há trinta e tantos anos e o crime deve, se o cometi, estar prescrito. Mas Medeiros e Freud dizem que não. O inconsciente é testemunha infalível e irrecusável.

"Êsse diagnóstico lembra-me a história que contava Sílvio Romero e que eu algures repeti já de que havia dois frades num convento de Recife. Um dêles, Frei José, sofria da vista e estava cego; mas tratava-se com outro frade, Frei João, médico otimista.

"— Então, frei José (perguntavam-lhe) você ainda está muito cego?

"E êle respondia resignadamente:

"— Eu não vejo coisa alguma, mas frei João diz que já estou enxergando um bocadinho.

"A minha situação é-me impenetrável, a não ser por essas raras escapadas que só o Medeiros conhece ou adivinha

"Não me lembra haver aproveitado alguma meiga *Fraulein* para o que os inglêses ou americanos chamam o meu *sleeping dictionary*.

"E' o melhor método e o mais eficiente para certos aprendizados.

"Sinto, porém, o prestígio dos dois psicólogos da medicina.

"Medeiros e Freud dizem que sim; eu de mim digo que não.

"Mas quem sabe? Talvez fôsse verdade.

"Agora estou enxergando um bocadinho, como o frade pernambucano. Frei João disse." (1)

A ALEMANHA, ASSUNTO ETERNO

Como vimos, João Ribeiro, não nega de todo a exatidão do diagnóstico de Medeiros e Albuquerque.

Seja como for, a Alemanha continua a ser para êle um motivo de cogitação permanente. Muitos dos ensaios que compõem os seus melhores livros — *Fabordão, Notas de um Estudante, Colmeia* — são estudos de figuras ou de temas que se

(1) — *Jornal do Brasil*, 10-11-1933.

prendem à Alemanha. Seu livro de contos, *Crepúsculo dos Deuses*, é uma nova criação de pequenas novelas ou de episódios extraídos a autores alemães.

E quando êle quizer dar-nos a síntese de sua filosofia — tôda sugestão, nuance, claro-escuro, imprecisão, efemeridade, vaguidade... — estejamos certos de que é a um autor alemão que recorrerá.

Será a Vaihinger, na poetica transposição que faz para a nossa língua da teoria do *Als ob*...

ATITUDE NA GUERRA DE 1914

Não sei se não iremos um pouco além da realidade, se dissermos que João Ribeiro foi, na guerra de 1914, um germanófilo.

Prefiro dizer que êle era um brasileiro, um amigo dos interêsses do Brasil... E que era, também, um homem acostumado ao julgamento imparcial da história — isto é, um homem que procurava ver sem a exaltação do ódio ou do amor o drama do choque dos povos...

A hora era de assanhadas e delirantes paixões, de exacerbações ferozes. E bastava que alguém pensasse em lançar um pouco de água fria naquelas labaredas, para já ser julgado partidário da Alemanha.

Nas suas colunas do *Imparcial*, deixou João Ribeiro muitas vêzes explicada, naquêle momento, qual era a sua atitude.

Ouçamo-lo, por exemplo, quando fala acêrca do *Plano germanista desmascarado*, de A. Cheradame e Graça Aranha.

Aí diz êle:

"Confesso que não posso ouvir, com serenidade e nervos tranqüilos, o tamanho mal que se diz da Alemanha, recusando-se-lhe vida e honra.

"Sou brasileiro, mazombo ou mestiço, e estou certo de que a Alemanha será vencida, pois que foi obrigada a declarar ou a fazer a guerra ao mundo inteiro. O seu ódio à Inglaterra arrastou-a aos mesmos desordenados extremos a que chegou o gênio de Napoleão.

"Não é possível vencer a Inglaterra, sem combater e vencer o mundo. Albion morrerá de morte natural, por apodrecimento.

"Napoleão fechou-lhe o continente, como se pretende agora fechar-lhe os mares — tudo em pura perda."

O artigo prossegue, passando a tratar da posição da Alemanha relativamente ao Brasil. João Ribeiro não acredita que seja a conquista do nosso país um dos sonhos da Alemanha de Guilherme II. "Não há balela nem intriga mais calva que esta, de que a Alemanha deseja apossar-se do Brasil. Se fôsse isso o extermínio inglês! E' uma dessas mentiras que nem mesmo a guerra, sempre fecunda em fábulas e patranhas, poderia justificar. Somos invencíveis em nossa casa; deixêmo-nos de vãs parolas, inúteis e danosas, estéreis e provocantes.

"Bethmann Hollweg, agora tão antipático ao mundo, disse, uma vez, a propósito de algumas bravatas alemãs: "As muitas palavras e as muitas falas comprometem o patriotismo."

"Foi nessa ocasião, há oito anos, que êle pronunciou a frase celebre: "O homem forte não traz a espada na boca."

João Ribeiro sustenta, a seguir, a impossibilidade de qualquer país da América ser conquistado por qualquer outro país do mundo. "A América cristã não é a África ou a Ásia, um teatro de prêsas coloniais. Os alemães são bastante cultos para se entregarem a êsse sonho anacrônico."

Conclue suas reflexões, mostrando que o *pan-germanismo* dos publicistas alemães da guerra não é um *princípio nacional*. A prova é que "se propõe a reunir todos os povos desde Hamburgo até ao Golfo Pérsico, abrangendo teutos, magiares, eslavos, turcos... Se o *pan-germanismo* tivesse sentido de irredentismo, a Austria não existiria e nem talvez a Suiça."

O Brasil poderia ficar, portanto, tranqüilo, no que se referia às ambições da Alemanha. As nossas províncias do Sul — o Rio Grande, Santa Catarina, o Paraná, — não correriam o risco de vir a ser uma prêsa disputada... Cheradame e Graça Aranha poderiam ficar calados... E o livro dêles "não é leitura que eu aconselhe neste momento aos meus patrícios, cujo entusiasmo e exaltação patriótica devem ser encaminhados pela prudência e pela consciência do seu alto valor." (1)

Assim dizia êle — e a fatalidade da história, que deu triunfo aos países da entente, veio confirmar as suas palavras de sensatez e de serenidade.

(1) — *Imparcial*, 26-11-1917.

Mas é-nos lícito pensar que, se a balança dos destinos tivesse pendido para o outro lado, se o triunfo tivesse sido de Guilherme II, a posição do Brasil não seria tão tranqüila.

OS ESTUDOS SÔBRE GŒTHE

E' aqui o lugar de chamar a atenção para o livro que escreveu sôbre Gœthe. João Ribeiro o compôs, artigo a artigo, quase estou a dizer, dia a dia, para a sua coluna semanal, no *Jornal do Brasil* e no *Estado de São Paulo*.

O trabalho ressentiu-se, assim, de certa côr de improvisação, de uma tal ou qual leveza jornalística.

João Ribeiro sentia Gœthe, e estava dentro daquela corrente de que falava Auerbach: o qual queria que houvesse um estado de espírito ou de cultura, *gœthereif*, sem o qual não era possível penetrar o espírito e a obra do poeta. *Gœthereif*, é o próprio João Ribeiro quem nô-lo ensina, é o estado de maturação para Gœthe.

Na mocidade, lêra o *Fausto*, lêra e amara as outras obras do poeta. Em certa ocasião traduzira-lhe a *Canção de Mignon*.

Defrontando-se com o espírito de Gœthe, João Ribeiro tinha a tratar um assunto dos mais largos. Poderia, de certo, ter composto vários volumes de crítica e de interpretação. Seu amor às obras curtas, a convicção de que podia dizer tudo em poucas páginas, o levaram a preferir o ensaio ligeiro.

Em suas páginas achamos informações curiosas sôbre a biografia daquêle que foi chamado *o rei da poesia*. Em uma delas vemos Gœthe em relação com Herder, aprendendo com êsse filósofo que a verdadeira poesia decorre do coração do povo.

Êsse foi, sem dúvida, um grande momento da vida do poeta, um momento que influiu em tôda a sua obra.

E' dêsse momento que decorre, em grande parte, a criação do romantismo europeu.

Em outra de suas páginas, vemos Gœthe estudado pelo psiquiatra Möbius, que o considera um *degenerado superior*.

Em outras, encontramos o poeta entregue às suas cogitações de sábio, invadindo os segrêdos da Botânica, descobrindo um osso do rosto do homem, criando a sua famosa teoria das côres.

Vêmo-lo na sua amizade comovida com Schiler, na sua admiração sem restrições por Byron. Ao cantor de Don Juan e de Manfredo, Gœthe exaltou o gênio com entusiasmo. E no segundo *Fausto*, ao conceber o tipo de Euforion, o filho harmonioso da beleza clássica e da sabedoria moderna — foi no grande Lord que pensou.

Vêmo-lo, também, no derradeiro amor, na paixão dos setenta anos, achar em Ulrica de Levetzow o ideal dos seus últimos dias, querendo desposá-la e adoecendo gravemente ao receber a recusa da moça.

Vêmo-lo, enfim, entregue ao amor de Cristiana Vulpius, a doce criatura, modesta e ignorante, que foi tôda bondade e tôda dedicação, e que soube ter para o grande homem um pouco da doçura e da paciência com que Marta, o ideal da amiga, sorria a Jesus.

São êsses além de muitos outros, os traços que João Ribeiro evoca na biografia de Gœthe. Evoca-os, com o encanto tímido e receioso de quem receia estar a dizer coisas inúteis...

Sentimos, porém, a cada passo do pequenino livro, o seu receio de medir a grandeza de Gœthe. A visão das longas altitudes traz vertigens. Mas, de vez em quando, não pode fugir a uma opinião. E então temos um conceito que vale por um juízo. Êste, por exemplo: "Gœthe não é anacrônico sob nenhum aspecto. E' moderno como Hugo, Byron, Lamartine, Sheley, Keats e Tennyson. O defeito de Gœthe foi o seu horror ao estreito patriotismo, sendo o cidadão do mundo e tendo criado a Wettliteratura. Os fanáticos da liberdade revolucionária não podiam amar o puro artista, indiferente às agitações da população. Também não era religioso; disseram que era um pagão. Era, ao demais, um sábio e um naturalista, que conseguiu deixar um nome no evolucionismo e na física moderna."

Nessas páginas escritas sôbre Gœthe fêz João Ribeiro observações que refletem os seus próprios pontos de vista acêrca de vários problemas. Êle tinha, como o vemos, um secreto terror das mulheres de letras — dessas senhoras rebarbativas e complicadas, que o agrediam, afoitamente, para conversar sôbre os altos temas da literatura e do pensamento. Em vários de seus livros encontramos êsse sagrado horror. E no livro sôbre Gœthe mais uma vez o descobrimos.

Ora, Gœthe participava do mesmo sentimento. Conta Eckermann que, certa noite, em casa do poeta, o assunto foi levado para as mulheres de letras.

O conselheiro áulico Rehhein observou que o talento poético das mulheres lhe parecia muitas vêzes o efeito de uma necessidade intelectual de reprodução.

— Ouve? perguntou Gœthe a Eckermann, sorrindo. Uma necessidade intelectual de reprodução... Como o médico arranja isso!

— Eu não sei, disse Rehhein, se me exprimo bem. Mas há alguma coisa semelhante. De ordinário, essas pessoas não procuram a felicidade no amor, e procuram um derivativo do lado do espírito! Se se tivessem casado, quando era preciso, se tivessem tido filhos, não teriam pecado em produções poéticas.

— Eu não posso saber até que ponto tendes razão, disse Gœthe. Mas, quanto aos outros gêneros de talento nas mulheres, tenho observado que cessam com o casamento. Conheço moças que desenhavam perfeitamente, mas deixaram de fazê-lo logo que se casaram e se tornaram mães. Passaram então a ocupar-se dos filhos e deixaram o crayon.

Encerrando o seu livro sôbre o grande poeta, João Ribeiro lastimava não ter tido tempo para traçar numerosos outros capítulos. Gostaria de ter estudado mais completamente a ação da mulher na obra de Gœthe, e sobretudo a situação política do conselheiro e amigo do grão-duque...

Eu entendo que havia, para o Brasil, um capítulo que seria mais interessante do que êsses: seria o capítulo referente à glorificação de Gœthe. Nesta terra melancólica, em que êle, João Ribeiro, vivia os seus setenta anos de sabedoria e de pensamento, ignorado quase, afastado de tôda a lembrança dos poderosos e das multidões — haveria um secreto e curioso interêsse de ironia em evocarmos o dia 7 de novembro de 1825...

Naquêle dia completavam-se os 50 anos da chegada de Gœthe a Weimar. E tudo, na pequenina côrte, e tudo na Alemanha, foi consagrado ao Poeta. As universidades do país, os estabelecimentos de cultura, os centros de estudo, empenharam-se em tributar-lhe tôdas as honras possíveis. As faculdades de Filosofia e as Faculdades de Medicina mandaram-lhe diplomas de doutor. A Faculdade de Teologia também. A dedicatória desta última rezava assim: "Como criador de um novo espírito na ciência e na vida, como soberano no reino dos livres e enérgicos pensamentos, vós poderosamente servistes os verdadeiros interesses da igreja e da teologia evangélica."

O Grão-duque não se esqueceu das homenagens devidas ao seu poeta e conselheiro. Mandou-lhe uma medalha expressiva. Em um dos lados dessa medalha estava a sua efígie, ao lado da efígie da Gran-duqueza Luisa. No outro lado, estava a bela cabeça de Gœthe, belamente coroada de louros.

Deputações, vibrantes de entusiasmo, chegavam de tôdas as cidades para trazer ao Poeta as mensagens do amor de todo um povo. Para melhor honrá-lo, a cidade recebeu uma iluminação esplêndida, como nunca se vira antes. E em nome do país, o burgo-mestre lhe levou, trêmulo de emoção, um diploma, pelo qual era concedido a todos os descendentes de Gœthe o direito da burguesia.

E como Voltaire em 1778, Gœthe ficou sufocado debaixo de rosas...

UMA CANÇÃO DE GŒTHE

Seu amor pelo grande poeta o leva muito além dêsses simples estudos. Leva-o também à tradução de uma das páginas com que aquêle radioso gênio honrou a sua pátria e a humanidade. Refiro-me à *Canção de Mignon*, que em nossa língua já teve outras traduções (inclusive a de Carlos Magalhães de Azeredo) e que João Ribeiro assim nos deu:

Conheces a região do laranjal florido?
Ardem, na escura fronde, em brasa, os pomos de ouro,
No céu azul perpassa a brisa num gemido,
O mirto nem se move e nem palpita o louro...

Não o conheces tu?
Pois lá, bem longe, além,
Quisera ir-me contigo, ó meu querido bem!

E a casa, sabes tu? em luzes brilha tôda,
E a sala e o quarto. O teto em colunas descansa.
Olham, como a dizer-me as estátuas em roda:
— Que fizeram de ti, ó mísera criança?

Não a conheces tu?
Pois lá bem longe, além,
Quisera ir-me contigo, ó meu senhor, meu bem!

Conheces a montanha ao longe, enevoada?
A alimária procura entre nevoas a estrada...
Lá, a caverna escura onde o dragão habita,
E a rocha donde a prumo a água se precipita...

Não a conheces tu?
Pois lá... bem longe, além
Vamos, ó tu, meu pai e meu senhor, meu bem!

TRADUÇÕES DE OUTROS POETAS ALEMÃES

A poesia alemã — dizia João Ribeiro — é sentimental e romântica por definição. O gemut germânico é, como a saudade portuguêsa, — uma coisa intraduzível." (1)

Isso escrevia êle, respondendo a uma moça sergipana, Graziela Cabral, que lhe pedira uns versos para um álbum.

E era ao escrever o que lhe pedia essa moça que o escritor dava esta informação biográfica a seu próprio respeito: "Creio que em tempos diversos andei traduzindo umas trinta poesias alemãs que dariam um pequenino volume. Não quiz nunca perpetrar a insídia de publicá-lo. Para quê?"

Essas trinta poesias alemãs a que se refere suponho que são as que ficaram incluidas na última parte do seu volume de *Versos*, na parte a que deu o título de — *De outros ares*.

Alí, com efeito, encontramos trabalhos de vários poetas de várias fases literárias da Alemanha, como Ludwig Uhland, Ludwig Kosegarten, Nikolaus Lenau, J. Vogl, Friedrich Rückert, Moritz Hartmann, O. Blumenthal, Joh. Gabriel Seidl, Heinrich Seidel, Karl Siebel, A. Bronner e Martin Grief.

De Uhland, o comovido e triste poeta das paisagens suabias, além das sete ou oito traduções que incluiu no citado volume de suas rimas, encontro, na coleção de *Os Anais*, uma graciosa tradução de um gracioso poemasinho — *O viado branco*. Ei-lo:

(1) — *Estado de São Paulo*, 21-1-1928.

O VIADO BRANCO

Debruçados num barranco
Cochichavam três caçadores
A cata do viado branco...
Ouvem-se leves rumôres,

O PRIMEIRO

"Quando eu vir a caça arisca
"Sair do mato: iska! iska!

O SEGUNDO

"E se à frente me passou,
"Mão no gatilho: paf pouh!

O TERCEIRO

"Pela minha parte, eu cá
"O côrno embóco: tra-rá!"

Vão falando e de repente
Eis que o viado saltou..,
E agora os três inutilmente:
Iska! pif! tra-rá! paf! pouh! (2)

TRADUÇÕES DE HEINE

Evidentemente, porém, logo após o Rei-Gœthe, o poeta alemão que merece o maior amor de João Ribeiro é Heine. Tudo o dispunha para êsse amor pelo poeta do *Mar do Norte* — aquela atitude de liberdade crespa e indômita, aquela graça que jamais teve igual, aquele lirismo dolorido, que se mesclava de desprêso e dó... Eis um belo retrato que faz do poeta: "Henrique Heine era um dêsses espíritos negativos,

(2) — *Os Anais*, 16-2-1905.

inimigo alegre de tôdas as superstições, e entre elas incluia a pátria, a religião e outras relíquias sagradas. Não era e nem podia ser amado em sua pátria, de que se exilara, sem nenhuma saudade, e antes com alegria. Seu gênio dissipou a malquerença, substituida pela admiração a que tinha direito. Entre nós, a França popularisou o nome do grande poeta lírico."

* * *

E com efeito — Heine se popularisou tanto entre os poetas brasileiros, que afinal o grupo de *A Semana* decidiu dar integral a tradução do seu lindo poema o *Intermezzo*.

A tradução teve vários autores, e entre êstes contavam-se Machado de Assis, Luiz Delfino, Gonçalves Crespo, Alberto de Oliveira, Raimundo Correia, Raul Pompéia, Afonso Celso, Magalhães de Azeredo, Augusto de Lima, Artur Azevedo, Francisca Júlia, Rodrigo Otávio, Silva Ramos, Valentim Magalhães, Fontoura Xavier, Lúcio de Mendonça, Teixeira de Melo, Xavier da Silveira, Fernandes Figueira e Lucindo Filho. Um dos *números* foi tomado a Fagundes Varela. E o livro saiu com um prefácio de Escagnolle Dória. João Ribeiro deu a essa tradução do *Intermezzo* vários números.

V

JOÃO RIBEIRO E PORTUGAL

O VELHO QUE GEROU O BRASIL

Outro país europeu que fundamente preocupou sempre João Ribeiro foi Portugal.

Mas aqui como a impressão é diferente — como é o opôsto da impressão que desperta a Alemanha!

— Eu não sou patriota! proclamava êle, em um artigo de doutrinação política, na *Revista Brasileira*.

E, contudo, que era o seu tal ou qual preconceito contra Portugal, senão um reflexo de seu patriotismo?

Êle revelou, em vários passos de sua vida, essa indisposição contra o velho país que nos colonisou. Seus artigos de refutação às afirmativas de Leite de Vasconcelos são positivamente inspirados no nacionalismo. O principal móvel de sua oposição à simplificação ortográfica de Portugal em 1910, consistiu no fato de ter sido feita essa simplificação sem a audiência dos brasileiros.

Suas idéias acêrca de Portugal vêm de longe. Bebeu-as, de certo, desde os primeiros estudos de história. O tempo, a vida serviram apenas para amadurecê-las. Em uma carta escrita a Lúcio de Mendonça, e datada em Berlim, em agôsto de 1895, dizia:

"Vocês todos são anarquistas, exceto quando esfregam a Lusitânia, único sinal de juízo que mostram. Portugal é o inimigo da nossa literatura e o maior da nossa política, consciente ou inconscientemente; mais por inconsciência, porque êsse aspecto é vulgar na burrice.

"Não tenho prevenção nenhuma contra o velho c... que gerou o Brasil e que está hoje à *beira mar* emurchecido, coberto de chatos e de inglêses.

"O Valentim deve ser enforcado, ao menos em efígie, e numa sessão do Rabelais.

"A insânia de Portugal é tão grande que todo êsse conflito da ilha da Trindade está preparado para se lhe dar a arbitragem. Não pode haver baixesa mais ignominiosa, nem servilismo tão grande diante dos inglêses.

"E' o tal nosso irmão, o pulha! E talvez o Brasil o aceite para árbitro!!!" (1)

ALGUNS JULGAMENTOS

Talvez haja quem acuse João Ribeiro de levar longe demais a sua paixão anti-lusitana.

Sei entretanto (como o veremos daqui a pouco) que êle é grande admirador de Portugal, em tantas expressões de sua cultura — em um Gil Vicente, em um João de Barros, em um Manuel Bernardes, em um D. Francisco Manoel de Melo, em um Camilo, em um Castilho, em um Conde de Sabugosa.

Mas, por outro lado, encontro certos juízos dêle, com os quais não me posso conciliar. Examinarei alguns.

C A M Õ E S

Camões, El-Rei Camões, é o primeiro que recebe um piparote, na crítica de João Ribeiro.

Conta o escritor brasileiro que na terra humilde em que nasceu e em que viveu os primeiros anos da existência, havia um sujeito esquesito e misterioso de quem se dizia:

— Êle sabe Camões!

"Riamos dessa transcendência do saber humano. Camões era como se fôsse uma ciência. E aquele sujeito sabia Camões, que era saber muito e saber tudo. O homem morreu sem deixar outro vestígio que o da excentricidade da sua ignota metafísica.

(1) — Carta pertencente ao arquivo da Academia Brasileira.

"Hoje, porém, já não nos rimos dessa anedota rústica. Há quem saiba Camões com tôdas as veras, como ninguém jamais conseguiu sabê-lo. E' o Dr. José Maria Rodrigues..." (1)

Também João Ribeiro sabe um pouco o seu Camões. E tão bem o sabe que é a êle que Leônidas Resende, secretário do *Imparcial*, recorre, para que diga ao Brasil alguma coisa que ensine quem foi o grande poeta...

Atendendo a êsse pedido, João Ribeiro escreve a Leônidas Resende uma carta sôbre o poeta soberano das letras lusas, e nela assim medita: "Ao pegar da pena, pergunto-me a mim mesmo como aquêle italiano de São Paulo, comovido diante de uma subscrição de coisas camonianas:

"— *Ma... questo Camone... Poveretto!*"

E prossegue no seu exame... A sua constatação é a de que ninguém no Brasil lê os *Lusíadas* — "fora das escolas, onde o poema é mero texto de vernaculidade e de impopularidade do mundo infantil."

Mais tarde, volverá a Camões, uma e muitas vêzes. Em algumas, para nos mostrar que êle está, em sua prosódia e em sua arte de versificar, muito mais próximo dos brasileiros de hoje do que dos portuguêses.

Em outras, para, a propósito de um ou outro livro que surge em Portugal ou no Brasil, estudar aspectos da obra e da vida do poeta.

Em certa ocasião comparará os *Lusíadas* com o *Dom Jaime*, de Tomaz Ribeiro, e fará esta observação inteiramente justa:

"Para meninos e rapazes em numerosas escolas, Camões é, talvez, um pesadelo, menos divertido que as *palavras cruzadas*. Um escritor de mais de quatro séculos não devia ser um texto escolar, mas acadêmico e universitário." (2)

E' uma dessas ocasiões que aproveita para estudar o que lhe parece ser a *língua monocular de Camões*...

O adjetivo insólito — quase futurista, como o classifica o próprio João Ribeiro — irrita a sensibilidade de um dêsses camonistas de entusiasmo à flor da pele, como existem tantos pelo Brasil fora, o Sr. L. Candil. João Ribeiro volta ao assunto, para explicar ao seu censor o que significava aquela expressão que empregara — de *língua monocular*: "A língua monocular era o sinal da incapacidade para sentir a imagem

(1) — *Jornal do Brasil*, 3-6-1931.
(2) — *Jornal do Brasil*, 12-6-1927.

estereoscópica das coisas, que só resulta da visão dupla. Eu poderia ajuntar que isso é científico, mas não sou pedante, e tenho em pequena conta a débil ciência dos literatos e jornalistas." (1)

* * *

Essa é a posição de juiz em que João Ribeiro se coloca diante do Camões épico, do Camões exaltador do heroismo e da glória portuguêsa — isto é, do poeta imperialista que se postou ao lado de um bando de piratas e de criminosos, para a aventura da destruição de povos e da conquista de países na Ásia e na África. *As armas e os barões assinalados...*

Ao lado dêsse poeta épico, celebrador de tão façanhudos e tenebrosos heróis, porém, existe o outro Camões, o Camões lírico, apaixonado e amoroso, o inexcedível sonetista, o autor dos vilancetes e das odes e das églogas, o Camões de Natércia, de Isabel, de Belisa, de Bárbara, de Violante, de Catarina e de Dinamene. E êsse é e será sempre adorável... João Ribeiro diz muito bem: "A epopéia dos *Lusíadas* tem um sentido nacional e vital que não podemos, nós outros, alcançar em tôda a plenitude e intensidade que lhe são próprias. Como os espanhóis do tempo do poeta, sentimos enlêvo maior pelos arroubos líricos, mais humanos e menos diferenciais."

E' ao Camões apaixonada e lírico que dedica páginas de comentário e de interpretação, páginas que às vêzes acrescentam alguma coisa às infinitas contribuições de José Maria Rodrigues, de Cândido de Figueiredo, de Agostinho de Campos, de quantos camonistas ilustres possua Portugal.

Uma dessas contribuições é o comentário que fêz ao famoso soneto:

Sete anos de pastor Jacó servia...

Aí chega à conclusão — consoladora para Jacó, e agradável para todos nós, que afinal ficávamos aflitos diante daquela espera de quatorze anos — de que Jacó, para possuir Raquel, teve de esperar apenas sete anos e sete dias. Quem quizer saber as razões leia o estudo que se acha em *Cartas devolvidas*.

(1) — *Jornal do Brasil*, 28-8-1927.

Ainda indico, como comprovações do amor de João Ribeiro pelo grande lírico português, os vários estudos relativos a textos camoneanos, que se acham incluidos em *Fabordão*,

Mas... afinal me parece, depois de tudo, que a sua opinião acêrca do rei da poesia portuguêsa não difere muito da de Capistrano de Abreu... Escreve João Ribeiro: "Como diz Capistrano, Camões foi realmente grande, *porque tinha um olho em terra de cegos...*" (1)

ANTÔNIO DE CASTILHO

Nas letras modernas de Portugal, um dos autores que João Ribeiro mais considera, como mestre ou modêlo do português legítimo, é Antônio Felicianc de Castilho.

Examina-lhe, entretanto, o *Fausto* — a tradução a que o poeta luso se aventurou da maneira mais imprudente, sem conhecer sequer os rudimentos do alemão. E assim se pronuncia: "*Fausto* de Castilho era uma tradução ou antes *naturalisação* portuguêsa do *Fausto*, como o foram algumas comédias de Molière. O que se admirava e se admira ainda na versão de Castilho são os seus primores de vernaculidade e um pouco a *chalaça*, que substituiu o humor discreto do poeta alemão. Castilho não conhecia a língua de Gœthe, cercou-se, porém, de várias traduções e principalmente de um *burro* ou *pai velho*, como chamam os estudantes, preparado, palavra por palavra, pelo velho editor Laemmert. E assim foi levada a cabo essa versão, que não se pode dizer infeliz e antes contém alguns passos, como a da canção do rei de Tule e a graça que há nas histórias do ratinho e da pulga na taverna de Auerbach. São versos que lembram mais o Tolentino satírico que o Gœthe romântico. Mas, agradam a tôda a gente." (2)

Entre os trechos da *chalaça* de Castilho, nessa tradução, põe João Ribeiro em destaque o pequeno diálogo em que vemos de novo batisados Adão e Eva — Adão como *Adão de Barros*, Eva, como *Eva da Costa*... "disparate que lhe lembrava ter encontrado nas facécias do cabeleireiro Antônio Joaquim de Carvalho, poeta obscuríssimo e esquecido."

(1) — *Estado de São Paulo*, 25-10-1927.
(2) — *Jornal do Brasil*, 17-8-1927.

E é assim que o crítico brasileiro lavra a sua sentença final acêrca da tal tradução: "A tradução de Castilho é tesouro de expressão idiomáticas, onde a par do ouro há o cobre e alquime de amplificação que desvaliam a letra e o espírito do poema de Gœthe." (1)

ANTERO DE QUENTAL

Eis a opinião de João Ribeiro sôbre Antero de Quental — aquêle que é para todos nós, conforme o epíteto que lhe deu Eça de Queiroz, o *Santo Antero*:

"Antero de Quental, trocista mas vaidoso, dúplice, desleal, versátil por precipitação, por ignorância, por falta de convicções, e principalmente por falta de saúde mental e corpórea, é o tipo das mais abstrusas inconsequências dêsse movimento literário (refere-se à escola coimbrã). O autor do *Bom Senso e Bom Gôsto* é um espírito falho e doentio, em quem a amnésia e a perfídia formavam o rítmo da neurastenia. A todos os instantes, estava a dizer e a desdizer-se, a afirmar e a negar-se, a si próprio, versipele, a virar-se pelo avesso, na monstruosa incoerência da loucura. Foi na verdade um símbolo da dissolução ou antes da dissolvência mental do seu tempo. Medíocre, impotente, pessimista por fraquesa, mal informado, mal instruido, metido a filósofo e a apóstolo, devia ser necessàriamente erguido às nuvens por fascinação pessoal e também pelo *culto da incompetência*, sempre favorável em tôdas as camaradagens a êsses sêres indecisos e contraditórios. O pouco que êle fêz, e passaria acaso despercebido noutra oportunidade, avultou naquela hora turva e crepuscular em que se afundavam na inércia gigantes com Herculano e o próprio Castilho." (2)

Essas restrições que fáz ao poeta português, João Ribeiro não as esconde nem dissimula. Parece ter até prazer em exibí-las. Encontro, por exemplo, em uma de suas páginas, um carinhoso julgamento sôbre o nosso Raimundo Correia. O crítico aproveita mais essa oportunidade para mostrar a sua opinião restritiva sôbre o cantor português...

(1) — *Fabordão*, pág. 304.
(2) — *O Imparcial*, 21-1-1918.

Eis o trecho:

"Não sei de poeta algum de nossa língua (refere-se a Raimundo Correia) que se lhe possa comparar, na perfeição ou no sentimento e agudeza.

"Por vêzes, ouço falar de que Antero de Quental poderia competir com Raimundo Correia. Tenho para mim que são ambos de parecido feitio, mas os valores são diversos e Raimundo é disproporcionalmente superior ao poeta português. Não é esta minha apreciação a mais cômoda talvez para ser lida numa cidade colonial, mas estou que o futuro ratificará o meu juízo com severa tranquilidade." (1)

EÇA DE QUEIROZ

A trucidação de Eça de Queiroz é da mesma forma implacável. Ouçâmo-la:

"Eça de Queiroz foi o último escritor português que achou sonora repercussão no Brasil, mas não deixou um só discípulo digno de estima. A sua influência foi uma ilusão pirotécnica, um fogo de vista efêmero. Nunca nos pareceu que fôsse um romancista; foi antes um panfletário, uma espécie de terremoto branco e alegre. Nada construiu, mas demolia alegremente, dando o mais belo rítmo às ruinas que esboroava. Queria que a sua terra desaparecesse como César, compondo-se com a toga para cair com dignidade. Quando êle quiz cantar a palinódia, nobilitando a *choldra*, que era Lisboa, e elevando o Portugal que lhe parecia ridículo, faltou-lhe a voz. O velho tenor estava exausto. As suas obras últimas, de edificação, são fastidiosamente medíocres. O ermitão ficou muito abaixo do antigo diabo..." (2)

EÇA E CAMILO

Em muitas outras ocasiões, sem a mínima cerimônia, emite as mesmas negativas opiniões acêrca do grande romancista, encanto e sedução de todos nós.

(1) — *Imparcial*, 13-12-1929.
(2) — *O Imparcial*, 1-3-1919.

Compara-o, certa vez, com Camilo Castelo Branco, e estabelece que o autor de *Brasileira de Prazins* "é muíto português, profundamente identificado com o âmago da sua terra e da sua gente."

— E Eça de Queiroz? indagamos nós, os seus leitores.

E João Ribeiro responde:

— Eça era, pelo contrário, uma espécie de figurino de Paris e só por isso excitou o fanatismo e a admiração, naturalisando-se imediatamente como tôdas as coisas da moda e tudo quanto vem daquêle meridiano das recordações estéticas e literárias. (1)

Referindo-se a um dos ângulos da obra de Camilo — o de autor de cartas — dizia o escritor brasileiro: "De futuro, será êle o clássico mais opulento, e o tesouro mais volumoso do vernaculismo, capaz de refazer todos os desfalques da ignorância, da inépcia e do pedantismo do seu tempo." (2)

JOÃO DE DEUS

Suas negações vão também — um pouco mais atenuadas — para João de Deus. Espanta-se com o delírio de exaltações que vê em tôrno do poeta, e procura colocar as coisas nos seus justos têrmos.

"João de Deus foi um poeta, e se quizerem em Portugal, um grande poeta. No seu tempo a média não distava dos extremos.

"Tinha dotes reais de imaginação, de graça, talvez de originalidade. Era, todavia, um poeta imperfeito, pela extravagante prosódia, que impunha às suas rimas.

"De fato, rimava *saia* com *areia,* ou com *peia.* Para êle a melhor consoante de *idéia* era *laia,* ou *faia;* e desta arte *come* podia rimar com *drome* (isto é, *dorme,* do verbo dormir). Era para produzir dores de ouvido.

"Diziam os mais condescendentes que era isso um vício *algarvio*: coisa assás duvidosa.

"Os poetas de agora de Portugal escrevem e leiem *flors* e *mars,* plural de mar. Não podem ser lidos no Brasil." (3)

(1) — *Revista a Academia,* n. XVIII, pág. 420.
(2) — *O Imparcial,* 26-8-1918.
(3) — *Estado de São Paulo,* 16-2-1930.

RAMALHO ORTIGÃO

De Ramalho Ortigão a sua impressão é mais lisongeira. Escreve sôbre o escritor português, quando êste visita o Brasil, em 1887, e é assim que o vê:

"Nas mãos dêste homem, o estilo sofreu uma restituição etimológica, passando a ser estilete aumentado em calabrote, com que zurziu os vícios, radicados, langinhentos, que formavam a crosta do romantismo português.

"O seu modo de pensar é grave e rijo e pode-se observá-lo através do vocábulo como sôb finíssima e transparente película em cujo seio porejante se agita a idéia ampla, rígida e indomável.

"Observa-se no seu espírito educado em pleno ar, despido de obscuridades escolásticas e tenebrosas incongruências metafísicas, um fenômeno análogo na vida dos heliotropos; voltado constantemente para o sol, na sêde vorajinosa de tôdas as claridades. De sorte que em Ramalho uma espécie de insolação moral torna-o ainda hoje em sua pátria um homem doentío, rubro, sanguíneo, estravagante, espumando cóleras de hidrófobo e iconoclasta.

"A hora em que escrevo o grande literato acha-se em meio do vasto oceano ilimitado. Que pelo sulco luminoso do batel que o leva, como nervura talhada na verde fôlha enorme e distendida do mar, nos redescenda a oliva que sequiosos esperamos do seu alto espírito inimitável e insubstituível." (1)

LEITE DE VASCONCELOS

Foi a propósito da publicação das *Lições de Filologia Portuguêsa,* obra aparecida em 1911, que João Ribeiro opôs formal contradita, em vários terrenos da filologia e da gramática, a Leite de Vasconcelos. O pequeno ensaio crítico (abrangia vinte e oito página da revista em que apareceu) concluia com êste julgamento:

(1) — *Época,* 22-11-1887.

"Ao meu parecer, o Sr. L. de Vasconcelos é um registrador infatigável de fatos do folclore e da linguística. Tôda vez que excede os limites dessa tarefa é um guia inseguro.

"Falta-lhe sutileza e argúcia e faltam-lhe as idéias gerais. Sem imaginação, sem cultura clássica aínda a vernácula, terá admiradores no Brasil, incapazes de o defender de qualquer destas censuras que formulamos, mas sempre prontos a elevá-lo no altar da admiração pública, propensa a exotismos mórbidos.

"Essas reciprocidades são, como as outras, um pequeno e desculpável *negócio*, e não temos pois que tocar neste ponto.

"Mas o que mais fortemente me coagiu a publicar estas anotações, que bem poderiam ficar inéditas, foi a sua afirmativa de que *há um século no Brasil não se fêz coisa alguma de valor*. Essa é em geral a linguagem de muitos portuguêses; Antero de Quental, falando de um indivíduo, a seu parecer, de nenhum mérito, fêz a seguinte reflexão: *Êste, deve ser gênio no Brasil.*

"Agora, foi a vez do Sr. Vasconcelos, como tem sido e será a de outros.

"E' ainda um gesto de fatuidade dos colonisadores." (1)

Reconhecendo que na sua às vezes bem ácida crítica João Ribeiro tinha sempre razão, Leite de Vasconcelos não achou dificuldade em aceitar as emendas que lhe foram propostas pelo escritor brasileiro.

Mais tarde, incluindo êsse seu estudo crítico nas *Curiosidades Verbais*, João Ribeiro concluia a sua apreciação acêrca da obra de Leite de Vasconcelos com estas palavras afetuosas: "Acabamos amigos, espero em Deus."

Deus lhe satisfez esta esperança...

No ano de 1931, tendo ocorrido no quadro de correspondentes da Academia Brasileira de Letras uma vaga, a de Henrique Lopes de Mendonça, um grpuoo de acadêmicos, entre os quais se achava João Ribeiro, indicou o nome de Leite de Vasconcelos.

Eleito a 8 de outubro daquêle ano, Leite de Vasconcelos logo depois escrevia a João Ribeiro esta carta:

"Pelo Exmo. Conde Pinheiro Domingues soube eu que V. Excia., esquecendo nobremente antigas divergências, fôra um dos signatários do parecer de que resultou ser eu eleito

(1) — *Revista da Academia Brasileira de Letras*, ano III, ns. 7 e 8 (janeiro e abril de 1912).

sócio correspondente da gloriosa Academia Brasileira de Letras. Julgo de meu dever apresentar a V. Excia., como apresento, respeitosos e cordiais agradecimentos pelo seu ato: foi êle um dos prazeres que senti à minha eleição, porque, se nunca me aprouveram inimizades, muito menos me aprouve agora, na idade a que cheguei. Sou. De. V. Excia. com mt. estima, antigo amig. obgd. muito grato. José Leite de Vasconcelos.

UMA REFUTAÇÃO A ALFREDO PIMENTA

Vimos acima como foi a atitude pouco respeitosa de Leite de Vasconcelos para com o Brasil — a injusta malícia de dizer que aqui *há um século não se faz coisa que tenha valor* — que levou João Ribeiro a estudar a obra do filólogo português, a dissecá-la minuciosamente, a por em relêvo as fraquesas ou os êrros de que ela estava plena...

Essa atitude — de se levantar contra a petulância, a acrimônia ou a injustiça de tantos escritores portuguêses, de revidar a uma agressão dêles ao Brasil com uma análise em que lhes mostra a própria insuficiência ou insignificância — foi, mais de uma vez, a de João Ribeiro.

Por agora lembrarei um episódio que não é destituido de interêsse. Ocorreu em 1931, na ocasião em que o crítico português Alfredo Pimenta publicou a sua acusação contra André Velasco e Queiroz Veloso, a ambos acusando de plagiários.

João Ribeiro escreve então um artigo, sustentando mais uma vez a sua velha idéia da relatividade da originalidade na literatura, e monstrando como, na época da Renascença, *houve maior doçura na prática dêsse crime das letras*. "Camões plagiou literalmente Petrarca e ambos plagiaram Virgílio, e ninguém poderia atirar a primeira pedra, sendo o plágio um sinal de erudição. Bastava mudar a sintaxe do pronome:

Questa anima gentil che si diparte

em

Alma minha gentil que te partiste..."

E o artigo conclue com estas palavras:

"Êste (Alfredo Pimenta) lá numa página do seu libelo, diz que os plagiadores por vêzes dissimulam o latrocínio, mudando uma ou outra palavra, citando o autor, "como dizem os brasileiros, *pra disfaçá.*"

"Muito obrigado! Eu não sabia que os brasileiros assim falavam. Mas é engraçado." (1)

ELOGIOS A ESCRITORES

Se a negação vai assim dura e fria para um Eça de Queiroz, para um João de Deus, para um Antero de Quental ou para um Leite de Vasconcelos — em compensação vai um côro de louvores e entusiasmos para outros escritores portuguêses.

E' fácil sentir a predileção de João Ribeiro por muitos dêles.

Gil Vicente. — Um dos grandes entusiasmos de João Ribeiro, nas letras portuguêsas, é Gil Vicente. "Antes de Gil Vicente (escreve), Portugal teve grandes homens de ação, o Condestável Santo e os navegadores, arautos do seu imperialismo oceânico; mas após a literatura mediocre, trovadoresca, e palaciana, o primeiro gênio representativo da nacionalidade foi Gil Vicente na ordem dos tempos." (2)

E' Gil Vicente uma das fontes a que João Ribeiro se socorre a todos os momentos, para a composição dos seus pequenos mas às vêzes tão poéticos e tão profundos estudos de *Frazes feitas.*

Bernardim Ribeiro. — O poeta-romancista de *Menina e Moça* também suscita o carinho de João Ribeiro. "Bernardim Ribeiro e Crisfal (escreve êle) foram os dois primeiros reveladores do lirismo subjetivo e enamorado, da poesia clássica portuguêsa. Outros vieram depois a dissipar energias esparsas, que confluiram, afinal, na alma do grande épico, também grande lírico lusitano... Ninguém de boa fé, porém, dirá que tressandam a bolor quinhentista êsses versos quase sertanejos, singelos e suavíssimos, que, com a *Ecloga* I, abrem o livro:

(1) — *Estado de São Paulo*, 22-8-1931.
(2) — *O Imparcial*, 20-12-1920.

Nas selvas junto do mar
Pérsio pastor costumava
Seus gados apascentar;
De nada se arreceiava,
Não tinha que arreceiar;
Na mesma selva nasceu,
Fêz-se famoso pastor!
Tanto que veio do céu
Fazer-lhe guerra o amor.
Era mais forte e venceu.

"...Nem Antônio Ferreira, nem Sá de Miranda, pela gravidade de sua erudição, puderam alar-se às regiões aéreas em que pairava o poeta..." (1)

Frei Luiz de Sousa. — Assim julga êle o grande escritor do classicismo seiscentista: "A sua alma é numerosa, musical, afinada a todos os sopros, como harpa eólia; qualquer assunto que a toque quebra-se e desfaz-se em rítmos; idéias que por ela passem saem já com as suas curvas, e suas elipses certas, como se foram mundos despregados de um sol, no momento da criação dêles.

"E isso nos temas mais humildes, onde não há matéria para atavios e ornatos...

"Êste é, decerto, o grande estilista: e é coisa para mim sem dúvida e iniludível que nem o mesmo Camões ou o Vieira, espíritos mais cultos e poderosos, se lhe podem emparelhar no estilo..." (2)

Em outro lugar, proclama Frei Luiz de Sousa "o mais melodioso e acaso o mais puro de todos os prosadores de nossa língua." (3)

Padre Antônio Vieira. — Muitos e às vêzes longos estudos dedicou João Ribeiro a êsse incomparável mestre da língua portuguêsa. Em uma nota da *Seleta Clássica* proclama-o "o maior prosador e conhecedor da língua, que de certo não parecia ter segrêdos para êste admirável clássico."

Em outro lugar, louva Vieira por ser "o engenho mais notavel na eloquência e na diplomacia da era colonial." (4)

(1) — *O Jornal*, 23-12-1923.
(2) — *Páginas de Estética*, pág. 17.
(3) — *Seleta Clássica*, pág. 197.
(4) — *Jornal do Brasil*, 12-11-1925.

E em outro identifica Vieira com o próprio Brasil... "A vida do Padre Vieira é também a nossa vida nacional. Em vários momentos, uma e outra, tão unidas andam, que seria difícil distinguí-las; na ação da catequese, nos tumultos do Maranhão, na diplomacia da restauração, na guerra holandesa, a sua fisionomia confunde-se no vulto da pátria. D. João IV, em documento oficial, dizia convencidamente que era Vieira brasileiro, natural do Novo Mundo; e entretanto era o rei, íntimo, grande amigo e familiar do pregador. E uma das causas da grande fascinação que exercera a palavra de Antônio Vieira na côrte e nos templos portuguêses, foi o seu sotaque americano, que ajuntava um encanto inédito àquele formidável poder de eloquência, raro ou jamais alcançado dos seus contemporâneos ou dos vindouros." (1)

Dom Francisco Manoel de Melo. — E', em seu entender, um dos grandes espíritos do passado, talvez o mais acessível, ou o mais afinado com o paladar moderno... "é um clássico que sobrevive como nenhum outro e parece andar entre nós." (2)

E é êste o retrato que esboça do clássico dos *Apólogos Dialogais*:

"Dom Francisco Manoel, historiador, político, soldado, poeta e até gramático, foi acima de tudo um diletante genial à maneira de Quevedo, de quem é o mais completo discípulo nas duas grandes literaturas da península.

"Sem espírito nacional, homem do mundo, era um galante cosmopolita, o mais genuino que nessa espécie produziu o Portugal novo e incolor criado pelo domínio espanhol.

"...Sem duvida à larguesa do seu espírito deve a reputação duradoura que chega até aos nossos dias. No meio da literatura assética que o cercava tem quase a novidade de uma notícia exordial e prematura do pensamento livre e moderno." (3)

Padre Manoel Bernardes. — O autor da *Nova Floresta* parece ser quem partilha, ao lado de Frei Luiz de Sousa e Vieira, as mais delicadas e profundas admirações de João Ribeiro, no que se refere às letras lusas. Proclama-o "o mais

(1) — *O Imparcial*, 23-6-1919, artigo a propósito da *História de Antônio Vieira*, de J. Lúcio de Azevedo.
(2) — *O Imparcial*, 9-2-1920.
(3) — *Revista da Academia*, vol. XIX, pág. 311.

suave, ameno e variado de todos os clássicos, douto e eloquentíssimo, sem rival no gênero épico ou narrativo da prosa portuguêsa, da qual Vieira e êle são os mais insignes cultores e os mais perfeitos mestres." (1)

Alexandre Herculano. — Do autor do *Monge de Cister* e do *Bobo* faz João Ribeiro êste conceito:

"Alexandre Herculano foi o primeiro na história de Portugal, até o seu tempo escrita sem crítica e sem o verdadeiro exame dos documentos e dos arquivos.

"Para o leitor comum, Alexandre Herculano empunhava o cetro do vernaculismo e pureza da linguagem, ao lado de Castilho, Antônio, de erudição escassa mas muito lido nos mestres do quinhentismo e do seiscentismo.

"Por isso mesmo, em outro tempo, cá na América, uma palavra de Herculano bastava para recomendar um poeta ou escritor, e é certo que êle quase sempre a empregava bem, como foi o caso com Gonçalves Dias." (2)

Tomaz Ribeiro. — Um autor português que o seduz é Tomaz Ribeiro, o poeta de *D. Jaime*. "Na minha escola primária, de que guardo memória deleitosa, não se lia *Os Lusíadas*. Liamos todos o *D. Jaime*, lamartiniano, sentimental, fácil de entender, sem obscuras mitologias e sem o valhacouto das elipses, zeugmas e silepses do Homero português... Camões está muito longe de nós, como Sirius ou Aldebarã. Sem ser um sol, o *Dom Jaime* é a lua pálida, melancólica e cismadora..." (3)

Cândido de Figueiredo. — Era um dos seus bons amigos portuguêses, vago e distante, pois nunca chegaram a se avistar. Correspondiam-se, entretanto, e a João Ribeiro o escritor lusitano fazia confidências melancólicas. "Creio que está tudo acabado para mim" — suspirava em uma de suas cartas enviadas ao confrade brasileiro, pouco antes de morrer.

Por ocasião do seu falecimento, João Ribeiro o evocou em página comovida. Mostra-nos aí que foi Cândido de Figueiredo o criador, no Brasil, dos *consultórios do que se não deve dizer*. Outros vieram depois — "até mesmo dissimulados dentro da crítica."

(1) — *Seleta Clássica*, pág. 294.
(2) — *Jornal do Brasil*, 26-10-1927.
(3) — *Jornal do Brasil*, 12-6-1927.

De Cândido de Figueiredo traça êste retrato:

"Era um purista um bocadinho cético, e não acreditava muito nas suas mesinhas. Todos nós que ensinamos vivemos a ingetar verdades galênicas da farmacopéia vulgar e conservadora. Estou que Cândido de Figueiredo sabia ao certo que o verdadeiro doente era o gramático, e os outros eram a vida e a saúde, que por burla ou superstição procuravam o consultório." (1)

Carolina Micaëlis de Vasconcelos. — E' essa grande figura da cultura portuguêsa contemporânea um dos mais profundos e perduráveis enlêvos de João Ribeiro, nos quadros da cultura lusitana. Por morte da ilustre escritora pública um artigo que é um cântico de glorificação a quem tanto trabalhou pela filologia românica, um artigo de entusiasmo, pois, segundo declara, "a morte é o momento da glória, e não dos estúpidos necrológios."

Para sintetisar o seu juízo sôbre Carolina Micaëlis, flor do gênio alemão transplantada, pela vida e pelo casamento, para o clima de Portugal, compõe êste belo período: "Escreveu uma vez Menandez Pelayo que ela era o anjo da guarda, enviado por Deus às terras da Ibéria. Quantos estudam as línguas romanas, e mormente o português e o espanhol, podem avaliar o imenso tesouro que nos elegeu a eminente senhora... A filologia portuguêsa com ela perdeu o maior dos seus mestres..." (2)

SÍNTESE DE TÔDA UMA LITERATURA

Creio que, com referência aos autores portuguêses, poderemos ficar por aqui. Ainda poderíamos mostrar o mesmo aplauso, o mesmo entusiasmo e a mesma admiração, partindo de João Ribeiro, e indo acolher tantos outros escritores lusos, de outras eras. A lista seria extensíssima.

E nela apareceriam, ao lado de nomes de esplêndido fulgor, nomes de poetas e de prosadores mais modestos... Veríamos passar, assim, vultos que se chamariam Fernão de

(1) — *Jornal do Brasil*, 29-9-1925.
(2) — Idem, 22-11-1925.

Oliveira, o avô dos gramáticos da língua, D. Duarte, Jerônimo Ribeiro, Henrique Lopes, Jorge Pinto, Rodrigues Lobo, o delicioso bucolista, Jorge Ferreira de Vasconcelos, o Abade de Jazente, Rafael Bluteau, Frei Agostinho da Cruz, Carlos Malheiro Dias, M. de Sousa Pinto, Júlio Dantas, Justino de Montalvão, Mendes dos Remédios, José Joaquim Nunes, o Conde de Sabugosa (a quem dedicou tantos artigos, tão afetuosos sempre), o Padre Sena Freitas, Agostinho de Campos, Maria Amália Vaz de Carvalho, Bento Carqueja, Antônio Correia de Oliveira, Alberto d'Oliveira, Aquilino Ribeiro, Afonso Lopes Vieira, Fidelino de Figueiredo, João Grave, Beatriz Delgado, João Luso, Antero de Figueiredo, tantos e tantos outros.

E ao lado dêsses poetas e dêsses prosadores, teríamos que colocar os eruditos do tempo de hoje ou do outro tempo, os editores e os comentadores (muitos dêles estrangeiros) — e que se chamam Oscar Pratt e Aubrey Bell (editores de Gil Vicente), José Pereira Tavares (editor de Rodrigues Lobo), Wilhelm Giese (comentador de D. Duarte), Edgar Prestage (estudioso de Dom Francisco Manoel de Melo e de tantos outros escritores), Raul Soares (o crítico brasileiro de Crisfal), J. Lúcio de Azevedo (biógrafo e crítico do Padre Vieira), Fernando Neri (o editor brasileiro dos *Apólogos Dialogais*), José Maria Rodrigues, o inexedível camonista.

ERUDIÇÃO PORTUGUÊSA

Uma verificação poderíamos fazer em todos êsses inumeráveis estudos dedicados por João Ribeiro às letras portuguêsas — a de que êle coloca sempre em primeiro lugar, na contribuição espiritual do velho país, a parte da erudição. E só depois é que em seu entender vem a parte da criação literária ou artística.

Podemos ouvir, nêsse ponto, as próprias palavras dêle:

"A erudição portuguêsa — ensina em um dos seus artigos — é-nos mais necessária que a sua literatura de imaginação. Daquela vivemos, e desta quase prescindimos.

"Os portuguêses deixaram de ser os nossos modêlos na poesia ou na prosa, mas são os nossos mestres da história, da arqueologia e da linguágem, enfim de todo o material das tradições.

"Não queremos com isso significar que tenhamos em pequena conta os seus poetas ou romancistas contemporâneos; mas o influxo das literaturas estrangeiras é já agora direito e imediato, sem escalas." (1)

(1) — *O Imparcial*, 7-6-1920.

VI

O LUSO-BRASILEIRISMO

UM ASSUNTO INCESSANTE...

De um assunto incessante e eterno, nêsse capítulo que se prende a Portugal, trata João Ribeiro infinitas vêzes: o assunto da sonhada *Confederação Luso-Brasileira*, que outra coisa não é senão o mesmo negregado propósito do atual Tratado de Amizade e Consulta, com a sua mais negregada ainda *regulamentação*, que nesta hora ameaça levar o Brasil à situação deplorável dos séculos em que fomos colônia.

A idéia era ardentemente defendida por muitos portuguêses, que nessa confederação iriam ter vantagens reais e permanentes, e também por alguns brasileiros, que se deixavam sutilmente embalar em uma rendosa miragem...

João Ribeiro — e era aquêle cético que tantos o proclamavam! — permaneceu sempre na estacada, para, com uma vibração de calor patriótico que hoje nos comove, defender os interêsses do Brasil.

Um dos seus trabalhos dessa orientação (quase escrevi *dessa campanha...*) recolheu-o o escritor ao volume des *Cartas Devolvidas*. E' curioso ver aí a lógica dos argumentos históricos, sociais, políticos, econômicos em que João Ribeiro se baseia.

Ouçâmo-lo:

"O problema luso-brasileiro tira-nos dessa pacífica situação de gente feliz e sem história.

"Acena ao Brasil e o convida a um grande papel mundial. Mete-o num grande império nas cinco partidas do mundo, cria subitamente, à maneira britânica, um *portuguese-speaking-world*.

"As imaginações mais escaldadas e megolomaníacas choram de júbilo e contentamento, diante dessa majestosa construção. Não mais haverá ocaso do sol, nêsse novo como no antigo império dos Felipes e Carlos V.

"Essa idéia imensa seduz todos os espíritos gongóricos e hiperbólicos. O Brasil, que não tem uma frota para vigiar as suas praias, te-la-a, para assombrar o mundo e cruzar e guardar três oceanos.

"E' bem o temperamento e o vaticínio daquele lusíada:

"Que se mais mundo houvera lá chegara".

João Ribeiro penetra no fundo da questão:

"Não é de todo mal, como problema português. Resta apenas saber se o Brasil pode sensatamente meter-se na aventura de fazer figuração internacional antes de fazer uma modesta e necessária vida interior."

E mostra a loucura que haveria em esquecermos os nossos próprios problemas — que são imensos, com dois terços do nosso território a povoar, todo um infindo povoamento a fazer, tendo a valorização econômica e a instrução pública apenas no cortex húmido do litoral — para irmos aceitar problemas de outra gente. E imagina êste ridículo: o de têrmos de acompanhar Portugal na defesa de suas colônias... "Lá irá Don Quichote com o seu escudeiro endireitar os tortos, contra ambições imperialistas eventuais, a conter a Alemanha redíviva ou o inglês absorvente, se acaso...

"Não! isso é demais para o brasileiro que ainda não saiu das praias e lobriga ainda na orla do horizonte as imagens das caravelas conquistadoras."

E êle se interroga:

"Não seria melhor ficar em casa? No lar que tanto necessita a nossa presença e vigilância?"

O assunto, entretanto, tinha um hálito de gato.E vivia, e insistia em viver, por mais que João Ribeiro o combatesse.

TRÊS CAMPEÕES DO LUSO-BRASILEIRISMO

Dois partidários especialmente entusiastas tem Portugal para a idéia dessa sonhada confraternização luso-brasileira — Alberto d'Oliveira e João de Barros. Também tem um campeão o Brasil — João do Rio.

A todos refuta e dá combate João Ribeiro.

Alberto d'Oliveira vivia no Rio de Janeiro e aqui exercia o cargo de cônsul de seu país. Apaixonado pela sua concepção, deu-se à campanha de suprimir as fronteiras espirituais entre as duas pátrias. João Ribeiro encontra-o uma vez na Academia. Trocam idéias sôbre o assunto que tanto interêsse lhes desperta, e João Ribeiro diz:

— Nas nossas escolas do Brasil cultiva-se o estudo da educação cívica. As crianças sabem que muitos brasileiros foram perseguidos e morreram mártires da prepotência colonial.

Retruca Alberto d'Oliveira:

— Convém que isso desapareça dos livros; porque eram todos portuguêses que estavam fóra da lei. Nêsse tempo não havia brasileiros.

Conclue João Ribeiro:

— Eis um bom meio para nunca os haver. (1)

BRASIL E PORTUGAL...

E' Alberto d'Oliveira quem, ao se retirar do Brasil, escreve um livro com êste título: *Portugal da outra banda.*

Ao mesmo tempo, seu patrício João de Barros publica também um livro sôbre o Brasil, ao qual dá expressivamente êste batismo: *Portugal Maior.*

Sempre Portugal — sô Portugal...

Pergunta João Ribeiro:

"E o Brasil? Onde ficamos nós? alí dentro, absorvidos e escondidos por uma elipse gramatical. O que há é *Portugal maior* em gênero e espécie; nós outros não passamos de um sub-entendido. E' natural que protestemos contra a gentileza de tamanha absorção. Afinal, já passa de quatro séculos que temos um nome e não queremos perdê-lo numa ingênua alegoria retórica."

Também João do Rio — o nosso patrício mais português do que qualquer português — recebe a sua dose de reprimendas, nessa luta do velho João Ribeiro. Foi censurado em vida, e às vêzes acerbadamente.

---

(1) — *O Imparcial*, 3-5-1921.

E por ocasião de sua morte, em uma página de comoção e saudade que lhe dedicou, João Ribeiro teve ocasião de fazer ainda êste reparo:

"*A Pátria*, que foi o último reduto de suas idéias, teve acolhida súbita e calorosa. Foi aí que êle começou a pregar o seu extremado luso-brasileirismo, e deu lugar ao pensamento da união do Brasil e Portugal, em uma só e única expressão nacional. Nenhuma idéia ou opinião poderia ser mais anêmica e oferecer menor vitalidade que essa. Era um intento falho, retrógrado e absurdo..." (1)

DE NOVO ALFREDO PIMENTA...

Um dos autores de quem João Ribeiro, nêsse ponto, também firmemente dissente, é Alfredo Pimenta.

Em um dos seus livros — *Estudos filológicos e críticos* — o escritor luso sustentava a audaciosa tese de que "Portugal e Brasil são dois Estados políticos, mas não são duas nações." Comenta João Ribeiro.

"Eis uma proposição que só pode ser aceita *cum grano salis*. No momento da Independência, que ficou para traz um século, era possível falar de uma só nação, reunindo o Brasil e Portugal.

"Hoje é isso impossível. O Brasil atual ainda é português, no sentido que caracterisa a *nacionalidade*, por um *superavit* de elementos lusitanos no Norte e no Centro do país, do Equador quase ao Trópico, mas a imigração de italiano, alemães, eslavos e sírios vai destruindo essa estrutura primitiva e colonial. A língua é o maior elemento de resistência na literatura e no estilo oficial, a mau grado as diferenciações crescentes e incoercíveis.

"A língua é portuguêsa e a literatura se obstina em o ser, salvo a prosódia original e distintiva, que faz o seu trabalho madrepórico.

"Daqui a um século nada podemos prever de certo e definitivo na linguagem nacional." (2)

(1) — *O Imparcial*, 27-6-1921.
(2) — *Jornal do Brasil*, 17-6-1931.

O BRASIL DEIXA DE SER PORTUGUÊS

Ficaram no espírito dêle as recordações daquêles dias...

E é como um eco das opiniões defendidas naquela campanha que, anos depois, em sua coluna do *Jornal do Brasil* ou do *Estado de São Paulo*, volve a sua pena ao querido assunto.

Encontro, por exemplo, num artigo em que sonda o que será o Brasil do futuro, êste expressivo trecho:

"Cada vez mais nos distanciamos do povo colonizador, pelo número, pela raça, pelas tendências, pelo pensamento e linguagem.

"O Brasil português é o Brasil antigo, sertanista, que vai pouco a pouco desaparecendo sob as gerações novas, as correntes étnicas muito mescladas e ainda sob o contínuo crescer da imigração italiana, síria, eslava e germânica.

"Dentro de um século, só haverá de português no Brasil as igrejas velhas, os muros longevos e imprestáveis das antigas e abandonadas fortalezas e os versos de Catulo Cearense.

"Restará ainda o vestígio mais pertinaz, o da língua gramatical e acadêmica, quase morta através dos dialetos vivos e comunicantes das gerações futuras." (1)

OS PORTUGUÊSES NA AMAZÔNIA

Essa safra de artigos de João Ribeiro, relativa aos assuntos do luso-brasileiro, tem números assás interessantes. Um dêles é o artigo intitulado *Um discurso*, editado no *Imparcial*, a 3 de maio de 1921.

Comenta uma oração do Presidente Epitácio Pessoa — e incidentemente comenta também uma conferência do cônsul português em Manaus, Veiga Simões.

E' essa parte do artigo o que aqui nos pode interessar.

Veiga Simões expõe o seu assunto, conforme o transunto que dêle faz João Ribeiro, no seguinte esquema: O capital, títulos e inscrições, etc., tudo ou quase tudo o que existe no Amazonas, pertence a portuguêses.

(1) — *Jornal do Brasil*, 1-1-1928.

"— Onde está o brasileiro, perguntava eu a mim mesmo, lendo a conferência.

"O conferencista explica. Se o *capital* é português, entretanto o *trabalho* é quase todo nacional (brasileiro). Mas o trabalhador nacional (brasileiro) deve ser substituido pelo elemento português, mais adequadro à exploração das florestas.

"— Mas (inquiri novamente de mim mesmo) que resta ou fica para nós, sem capital e sem trabalho? A simples posse geográfica?

"Ainda a essa importuna pergunta, o conferencista responde, definindo a ação do Brasil. Ei-la:

"Os trabalhadores portuguêses substituirão os outros, e ao Brasil compete: fundar hospedarias e alojamentos, sanear as zonas insalubres, e enfim criar um fundo para repatriação dos que não possam adaptar-se à região amazônica..."

Eis aí um programa — comenta João Ribeiro. E um programa, acrescentamos nós, que por si só revela o quanto o Brasil continua a ser, aos olhos dêsses estrangeiros, a velha terra de ninguém, o lugar do couto e do homísio dos celerados portuguêses de outros tempos...

MACHADO DE ASSIS EM PORTUGAL

A opugnação vivaz de João Ribeiro a essa tese esdrúxula da Confederação Luso-Brasileira às vêzes chega a revelar amargura ou tristesa. Revela-as, por exemplo, quando êle pode observar que nenhuma reciprocidade existe por parte dos portuguêses à constante admiração que por êles, por muitos dêles, têm os brasileiros. Sirva de exemplo o caso Eça de Queiroz — Machado de Assis.

A Eça de Queiroz todos os brasileiros admiram e amam com extraordinário fervor. Há no Brasil livros e livros acêrca do romancista, livros pensados carinhosamente, escritos carinhosamente...

E a recíproca — sôbre Machado de Assis em Portugal? Eis o que sôbre o assunto pôde verificar João Ribeiro:

"Quando, na segunda-feira passada, escrevi que Machado de Assis nunca merecera uma menção nos livros portuguêses, uma carta analfabeta advertiu-me do meu incorrigivel jacobinismo. No mesmo dia, porém, à tarde, Agostinho de Campos, cuja cultura e agudeza de engenho todos admiramos, não

hesitava escrever, a propósito das admiráveis conferências de Alfredo Pujol, que *Portugal inteiro absolutamente ignorava Machado de Assis.*

"— Ignorabit, acrescento da minha parte."

DESCONHECIMENTO DO QUE SEJA O BRASIL

Desgosta-o, sem dúvida, essa ignorância dos portuguêses, acêrca do grande gênio do nosso romance. Mas não o desgosta em excesso, habituado que está a outros desdéns do mesmo gênero, e acaso até mais graves.

E' o que vemos em um dos seus artigos. "Em Lisboa, o livro brasileiro é tão raro como um incunábulo. A nossa história literária não existe, nem sequer no sentido cronológico. Uma professora alemã, Luiza Ey, que viveu vinte ou trinta anos no Porto, pediu-me há pouco os enderêços de Casimiro de Abreu e de José de Alencar.

"Respondi que estavam no céu.

"Na geração passada portuguêsa citavam-se das nossas notabilidades em poesia três de primeira ordem: "O *Gonçalo* Dias, o *Alvaro* de Azevedo e o Castro *Alvares.*" (1)

ACUSAÇÃO DE JACOBINISMO

A realidade é essa, sem dúvida — e João Ribeiro fala com absoluta razão.

E contudo o simples fato de saber colocar-se, nêsse terreno da cultura e da política, num ponto tão patrioticamente brasileiro, acarreta para êle — bem assim para todos quantos como êle pensam — a acusação de jacobinismo. Foi o que fêz, por exemplo, um Carlos Malheiro Dias — português que longamente viveu no Brasil, que aqui prosperou no jornalismo e nas letras, que chegou a fazer parte da Academia Brasileira, no quadro dos correspondentes — e que, entretanto, acusava os brasileiros de serem jacobinos!

---

(1) — *Jornal do Brasil*, 6-10-1925.

João Ribeiro também se contrapõe, nesse ponto, a Malheiro Dias, monstrando como são motivos de férvida admiração em nosso país portuguêses como Eça, Camilo e Guerra Junqueiro. E poderia ter acrescentado à lista tantos outros nomes!

V

ÚLTIMA PÁGINA

ÚLTIMA PÁGINA

Sua filosofia atinge, cada dia, a uma conciliação mais profunda com a natureza e com a ordem fatal das coisas. Êle se sente velho... Ouve o relógio eterno a bater... Sabe que os minutos voarão rápidos...

Uma leitura escolhida lhe traz, aqui e alí, a consolação desenganada da melancolia. Relê o professor Osler, de Oxford, que sustenta que a decadência do homem principia aos quarenta anos. Êsse professor assegura que aos cinquenta anos o homem começa a ser inútil; e conclui que aos sessenta anos todos os homens deveriam ser cloroformizados. Seria um benefício para a espécie...

João Ribeiro acha-se, às vêzes, vago e perdido entre as coisas. Um mal, de que ignora a causa, lhe traz, não raro, uma espécie de vertigem, na rua. Um médico, companheiro da Academia, tranquiliza-o, dizendo-lhe que êsse estado é provocado pelo ouvido. João Ribeiro não compreende bem isso, pois que no ouvido nada sente... Enfim!...

A verdade é que o estado de vertigem continua. Continua a sensação do vago... Êle medita:

— E' uma triste verdade... A velhice é mesmo uma espécie de ausência...

Um dia, chega-lhe a notícia da morte de um amigo querido... Outro dia, chega-lhe a notícia da morte de um conhecido... Constâncio Alves se foi... Foi-se também Frontin... Eram bem velhos ambos... João Ribeiro conhecera-os novos, fortes... O tempo corre, de fato! E setenta e quatro anos é alguma coisa... Êle pensa: "Vivi (e ai de mim, vivo ainda) trabalhei e estou preparado para a longa jornada em que não acredito, embora os meus alforges sejam leves e vazios..."

E sente, cada dia mais, que o seu mal vai progredindo. Já dificilmente escreve... Mas é domingo; e é preciso dar o artigo da quarta-feira! Há uns rapazes inquietos, que esperam a sua impressão de crítico!

Êle, porém, não pode sustentar a pena. Seus dedos não obedecem... Sua inteligência também se recusa: há uma estranha falta de clareza em suas idéias.

Chama o filho mais novo. Manda que se sente à máquina. Dita o artigo. Mas êste sái fragmentado, frágil, desconexo... Não! Positivamente é impossível trabalhar!

Na segunda-feira, a família está inquieta. Uma sombra invisível parece pairar em tudo...

Na terça-feira levam-no para uma casa de saúde, nas Laranjeiras. Alí, num quarto de terceiro andar, permanece todo o tempo deitado. Está em repouso sempre. Durante horas e horas fica a dormir. Ao lado, vê a espôsa, Dona Nhã-nhã, as filhas, Bety, Vera, Ema e Xaviera, os filhos, João, Manoel, Joaquim, Antônio, os genros, as noras... Às vêzes lhe perguntam alguma coisa. João Ribeiro responde, desinteressado de tudo. Agora, a pequena Regina, sua neta, sua amiga, vem visitá-lo. Beija-lhe a mão. Beija-lhe a testa. O doente reponde, com o seu sorriso agradecido... Depois, é um amigo que chega. João Ribeiro o acolhe, com doçura. Ainda lhe é grato fazer um esfôrço, lembrar coisas, episódios, cenas. Fala sôbre Nossa Senhora da Guia, a santa que o batizou...

Mas o seu estado de torpor vai crescendo, com as horas que vão fugindo... Terça-feira, quarta-feira...

Na quinta-feira, à noite, seu estado de fraqueza é extremo. O médico está apreensivo, cheio de meditações. João Ribeiro há tanto tempo não dá acôrdo de si! As filhas choram, com o terror de revelarem umas às outras o pensamento que têem.

Chega sexta-feira... A folhinha tem uma advertência terrivel: é sexta-feira e é dia 13! João Ribeiro sempre teve uma ogerisa profunda pelos dias assim...

Pela manhã, vai visitá-lo um velho amigo. E' conterrâneo de João Ribeiro. Foram meninos, adolescentes, rapazes, um ao lado do outro. Juntos tiveram as primeiras namoradas...

Dona Nhã-nhã consegue por um momento despertar o marido. Êle vê ao lado o velho amigo e lhe sorri. Diz qualquer coisa. Mas a voz é tão fraca que só estando bem perto uma pessoa poderá entendê-lo...

— Você se lembra de Luizinha? pergunta ao visitante.

Luizinha?... Ah! era uma pequena de Aracaju, uma namorada do amigo nos tempos de colégio... João Ribeiro ainda se recorda disso!

Mas volta à modorra interrompida. Fecha de novo os olhos. Sua respiração torna-se alta e difícil...

O dia vai passando assim. O médico veio várias vêzes. Tentou injeções. Tudo sem resultado.

O relógio caminha, caminha...

A inquietação da família aumenta de minuto a minuto. No pavor do desenlace, que parece próximo, faz-se vir um sacerdote, que dá a extrema unção ao enfêrmo...

Quatro horas! João Ribeiro está mal, muito mal. E' evidente que a vida o está deixando.

Mas reabre os olhos. Ao seu lado, a companheira de quarenta e cinco anos, o fita, ansiosa, em desespêro. João Ribeiro murmura, numa voz tênue:

— Calma!

E foi tudo! Bem dissera êle, outrora, que a morte deve ser alguma coisa doce, branda, como as coisas que definham sem violência, quando devem definhar...

ÍNDICE

I

A VIDA E A ALMA DE UM ESCRITOR

I — Estudos de Pintura 7
II — João Ribeiro e a alegria de viajar 21
III — João Ribeiro memorialista 35
IV — João Ribeiro e a Academia 64
V — O estilo de João Ribeiro 97

II

JOÃO RIBEIRO, AUTOR DE FICÇÃO 121

III

A CRÍTICA DE JOÃO RIBEIRO

I — Afirmação de um crítico 143
II — Idéias e opiniões de um crítico 158
III — Trabalhos de erudição 173
IV — O crítico do modernismo 182
V — Tortura da auto-crítica 196

IV

O ENSAIO DE JOÃO RIBEIRO

I — Ensaio sôbre a naturesa do ensaio 207
II — João Ribeiro e a Europa 219
III — João Ribeiro e a América 236
IV — João Ribeiro e a Alemanha 248
V — João Ribeiro e Portugal 261
VI — O Luso-Brasileirismo 279

V

ÚLTIMA PÁGINA 287

da arte literária, podemos dizer, lhe foi estranho. Além disso foi êle um antecipador em tudo, no Brasil: foi o homem que, muito antes de Graça Aranha, ainda nos tempos da primeira guerra européia, na sua coluna do **Imparcial**, já estava lutando pela liberdade da literatura brasileira, pela criação em nosso país de alguma coisa nova... De sorte que quando surgiu a **Semana da Arte Moderna**, em São Paulo, já encontrou, de há muito, um preparador do caminho no Brasil. A João Ribeiro é que cabe, nesse sentido, o título de **S. João Batista do Modernismo**...

Outro aspecto relevantíssimo — talvez o principal — do espírito de João Ribeiro (mostra-o Mucio Leão, nestas páginas) é o do ensaista. Aqui vemos João Ribeiro estudado como ensaista em três facetas — na faceta pessoal, na faceta nacional e na faceta internacional.

Como o vemos nas análises de Mucio Leão — (que para escrever êstes capítulos usou não sòmente a obra publicada em livro por João Ribeiro, mas também a formidável contribuição jornalística que o escritor deixou dispersa em jornais e revistas) — João Ribeiro é um dos maiores ensaistas do presente século, não apenas no Brasil, mas no mundo todo — alguém que o Brasil pode honrosamente indicar como digno de figurar ao lado de Montaigne ou de Unamuno, os modelos acabados do gênero **ensaio** em duas das maiores literaturas européias.

LIVRARIA SÃO JOSÉ
RIO DE JANEIRO

"ASPECTOS DO PADRE ANTÔNIO VIEIRA"

De Ivan Lins

Acaba de aparecer, revista e aumentada, a segunda edição dêste interessantíssimo livro — "ASPECTOS DO PADRE ANTÔNIO VIEIRA" — no qual o autor demonstra não ser só pela perfeição admirável de sua linguagem que se impõe aos leitores de hoje o grande pregador, mas também por ser inesgotável fonte de ensino: história, teologia, economia, política, burocracia, filosofia e moral.

Comenta o autor os SERMÕES do Padre Antônio Vieira, sua ação como diplomata, estuda-lhe os galicismos e estrangeirismos, a sua ação épica nas selvas amazônicas, os seus planos de expansão lusa na América, para a qual contava com a bravura dos paulistas.

No sexto e último capítulo dêsse notável estudo — VIEIRA FILÓSOFO E MORALISTA — é que mais original se revela o consagrado escritor Ivan Lins, salientando o valor filosófico de Vieira, aspecto até então ignorado, constituindo surpreendente novidade, pois ninguém até agora, havia mergulhado a fundo nos quinze volumes dos SERMÕES para estudar essa feição da impressionante personalidade do seu autor: Vieira e a Inquisição — Vieira e os Judeus — Vieira e o princípio da autoridade — Vieira e a perfectibilidade humana — Vieira cartesiano — Vieira e o arco-íris ou seja a "mentira de três côres" — Vieira e a crítica histórica — A cultura de Vieira e o seu relativismo — Vieira, Gall, Comte, e Freud, a limitação da onipotência divina, a incompatibilidade entre certas mortes e o dogma da Providência — Vieira e as sogras — Vieira e a autoria da "Arte de Furtar".

Belo volume de quase 400 páginas, impresso em ótimo papel

LIVRARIA SÃO JOSÉ — Rua São José, 38 — Rio